

Frank McCourt



PREMIO
PULITZER

As Cinzas *de* Angela

epub



Este livro foi disponibilizado pela equipe do [e-Livros](#)

[e-Livros.xyz](#)

Frank McCourt

As cinzas de Angela

«Quando o Pai traz para casa o dinheiro da primeira semana de trabalho numa sexta-feira à noite, sabemos que o fim-de-semana vai ser maravilhoso. (...) Nas noites assim, podemos deixar-nos embalar no sono, pois sabemos que ao pequeno-almoço vamos comer ovos, tomates fritos e pão frito e beber chá com montes de açúcar e leite e, mais tarde, vamos ter um grande jantar com puré de batata, ervilhas e presunto e um bolo que a Mãe faz com camadas de fruta e um creme delicioso, e depois embebido em xerez.» Nas outras noites, nas noites trágicas, geladas, visitadas pelo espectro da fome e arquejantes, sacudidas pela violência da tuberculose, Frank conhece, na intimidade, a impiedade da miséria. Cresce nos bairros pobres, apinhados, de Limerick, na Irlanda dos anos 40, desesperada, exangue pela guerra civil, carente de sustento material e intelectual; cresce à mercê da crueldade, da insensatez, do adormecimento negligente que transforma cada dia de um quotidiano dramático numa cruzada contra a morte. Evidenciando uma coragem notável, Frank McCourt revisita a criança que foi com uma vitalidade contagiante, e a sua voz lírica, plena de uma energia rara, de musicalidade, de humor, profere as suas memórias numa prosa impetuosa, pictórica, sagaz, com a graça narrativa dos grandes romances.

Uma obra que comove e deslumbra pela sua beleza viva e sombria, pela sensibilidade que supera o sofrimento e o rancor e os transmuta em matéria-prima de uma narrativa sobre o amor e o crescimento.

As Cinzas de Angela recebeu o prémio Pulitzer de 1997, o National Book Award e o Los Angeles Times Award.

EDITORIAL PRESENÇA

Ficha Técnica:

Título original: Angela's Ashes Autor: Frank McCourt Copyright 1996,
Frank McCourt Tradução: Editorial Presença, Lisboa, 1997

Fotografia da capa: Culver Pictures, Inc., New York Capa: Arranjo gráfico
de Fernando Felgueiras Fotocomposição: Multitipo Artes Gráficas, Lda.

Impressão e acabamento: Guide – Artes Gráficas, Lda.

1.a edição, Lisboa, Novembro, 1997

2.a edição, Lisboa, Junho, 1998

3.a edição, Lisboa, Dezembro, 1999

Depósito legal n.º 145.473/99

Sumário

Capa

As Cinzas de Angela

Agradecimentos

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

Autor

*Este livro é dedicado aos meus irmãos, Malachy, Michael,
Alphonsus.*

Aprendo convosco, admiro-vos e amo-vos.

Agradecimentos

Estas palavras são um hino de exaltação às mulheres.

Lisa Schwarzbaum leu as primeiras páginas e encorajou-me. Mary Breasted Smyth, ela própria uma romancista de fino recorte, leu o primeiro terço do livro e passou-o a Molly Friedrich, que se tornou minha agente e achou que Nan Graham, chefe de edição da Scribner era a pessoa ideal para pôr o livro a andar. E tinha razão.

A minha filha Maggie mostrou-me como a vida pode ser uma aventura extraordinária, assim como os momentos únicos que passei com a minha neta, Chiara, me ajudaram a relembrar a maravilha que é uma criança ainda pequena. A minha mulher, Ellen, ouviu-me enquanto eu lia em voz alta e deu-me alento da primeira à última página.

Sou bendito entre os homens.



Frank McCourt (*primeira fila, direita*) no pátio da escola em Limerick, Irlanda, 1938.

I

O meu pai e a minha mãe deviam ter ficado em Nova Iorque, onde se conheceram e casaram, e onde eu nasci. Mas, em vez disso, voltaram para a Irlanda quando eu tinha quatro anos, o meu irmão Malachy três, os gémeos Oliver e Eugene ainda não tinham um e a minha irmã Margaret já tinha morrido.

Quando penso na minha infância, pergunto a mim próprio como consegui sobreviver. É claro que foi uma infância infeliz: se tivesse sido feliz, dificilmente teria valido a pena. Pior do que qualquer vulgar infância infeliz é a infância infeliz de uma criança irlandesa, e, pior ainda, de uma criança irlandesa e católica.

Em toda a parte, há pessoas a vangloriarem-se ou a lastimarem as atribulações dos primeiros anos das suas vidas, mas não há nada que possa comparar-se à versão irlandesa: a pobreza; o pai alcoólico, indolente e loquaz; a mãe, piedosa e vencida, a lamuriar-se junto à chaminé; padres cheios de pompa; professores ferozes; os ingleses e as coisas terríveis que nos fizeram durante oitocentos longos anos.

E, para cúmulo, a chuva.

Ao longe, sobre o oceano Atlântico, acumulavam-se grandes nuvens, que deslizavam lentamente, subindo o rio Shannon, imobilizando-se para sempre sobre Limerick. A chuva impregnava a cidade desde a Festa da Circuncisão até à Véspera de Ano Novo. Provocava uma cacofonia de tosses secas, pieiras nos brônquios, arquejos asmáticos, e roncoss da tuberculose. Transformava os narizes em fontes e os pulmões em esponjas de bactérias. Dava origem a um sem-fim de mezinhas. Para aliviar o catarro, coziavam-se cebolas em leite com muita pimenta; para as vias congestionadas, fazia-se uma pasta com farinha cozida e urtigas, embrulhava-se com um trapo e atirava-se sobre o peito, onde ficava a fritar.

De Outubro a Abril, as paredes de Limerick reluziam com a humidade. A roupa nunca secava: os casacos de fazenda e de lã eram habitados por seres vivos; às vezes irrompiam deles vegetações misteriosas. Nos bares, os corpos e as roupas húmidas exalavam vapor que era inalado juntamente com o fumo dos cigarros e dos cachimbos, por entre os gases bafientos da cerveja e do uísque entornados, e adulterado pelo cheiro a mijo que entrava em baforadas, vindo dos urinóis no exterior, onde muitos homens vomitavam o salário da semana.

A chuva empurrava-nos para a igreja - era o nosso refúgio, a nossa força e o único lugar seco. Amontoávamo-nos na missa, na Bênção, nas novenas, em grandes magotes encharcados, a dormir ao som monocórdico do padre, com o vapor de novo a sair das nossas roupas e a misturar-se com a doçura do incenso, das flores e das velas.

Limerick ganhou fama pela sua religiosidade, mas nós bem sabíamos que era tudo por causa da chuva.

~~

O meu pai, Malachy McCourt, nasceu numa quinta em Toome, no Condado de Antrim. Tal como o seu pai, levou uma vida violenta, sempre em conflito com os Ingleses, ou com os Irlandeses, ou com ambos. Lutou ao lado do Antigo IRA e, por um acto de desespero qualquer, acabou como fugitivo e com a cabeça a prémio.

Quando eu era criança, costumava olhar para o meu pai, para o seu cabelo fraco, a sua falta de dentes e perguntava a mim próprio porque havia alguém de pagar um prémio por uma cabeça daquelas. Quando tinha treze anos, a minha mãe contou-me um segredo: quando o teu pai ainda era pequenino, deixaram-no cair de cabeça. Foi um acidente, mas ele nunca mais voltou a ser o mesmo. Nunca te esqueças que as pessoas que caem de cabeça podem ficar um bocado estranhas.

Por causa do prémio que ofereciam pela sua cabeça - com que tinha batido no chão - teve de sair da Irlanda, num navio de carga que apanhou em Galway. Chegado a Nova Iorque, em pleno auge da Lei Seca, pensou que tinha morrido e que estava no inferno a pagar os seus pecados. Depois descobriu as tabernas clandestinas e rejubilou.

Depois de muito vaguear e muito beber na América e na Inglaterra, ansiava por viver em paz os anos que lhe restavam. Voltou a Belfast, que explodia à sua volta. Dizia, Vão para o diabo que vos carregue, e entretinha-se a conversar com as

senhoras de Andersonstown. Elas tentavam-no com acepipes, mas ele corria com elas e bebia o seu chá. Já não fumava nem bebia, de que servia estar ali? Estava na altura de partir, e morreu no Royal Victoria Hospital.

A minha mãe, cujo nome de solteira era Angela Sheehan, cresceu num bairro pobre de Limerick com a mãe, dois irmãos, Thomas e Patrick, e uma irmã, Agnes. Não conheceu o pai que tinha fugido para a Austrália umas semanas antes de ela nascer.

Depois de uma noite a beber cerveja pelos bares de Limerick, desce a rua aos tropeções, a cantar a sua canção favorita:

**Quem é que estragou o guisado de Sra. Murply?*

Ninguém falou e ele gritou ainda mais alto

Sei que é uma piada suja irlandesa

mas eu vou dar cabo do tipo

Que estragou o guisado da Murphy.*

Sente-se em grande forma e pensa que ainda vai brincar um bocado com o Patrick, o seu filho de um ano. É um miúdo encantador.

Adora o pai. Ri-se quando o pai o atira ao ar. Olha o Paddy que vai ao ar, olha o Paddy que vai ao ar, mas está escuro, tão escuro, meu Deus, não consegue agarrar a criança, quando vem a descer e o pobre do Patrick aterra de cabeça no chão, espuma um pouco, choraminga e fica quieto. A minha avó levanta-se da cama, pesada por causa da criança que tem na barriga, a minha mãe. A muito custo, levanta o Patrick do chão. Entoa um longo lamento sobre a criança e vira-se para o meu avô. Vai-te embora. Rua. Se ficares aqui nem que seja mais um minuto, dou-te com o machado, bêbado doido. Juro por Deus, que hei-de ir parar à força por tua causa. Rua.

O meu avô, como homem que é, fica no mesmo sítio.

Tenho o direito de ficar na minha casa, diz ele.

Ela corre para ele, e ele fraqueja em frente daquela louca que se precipita sobre ele, com uma criança ferida nos braços e uma saudável a mexer-se dentro dela. Sai de casa aos tropeções, sobe a rua e só pára em Melbourne, na Austrália.

O Pequeno Pat, o meu tio, nunca mais foi o mesmo. Ficou com qualquer coisa na cabeça e com a perna esquerda a ir para um lado, enquanto a outra ia para outro. Nunca aprendeu a ler nem a escrever, mas Deus deu-lhe outro dom. Quando começou a vender jornais, aos oito anos, sabia contar dinheiro melhor do que o próprio ministro das Finanças. Nunca ninguém soube porque lhe chamavam Ab Sheehan, *o Abade*, mas toda a gente em Limerick

gostava dele.

~~

As aflições da minha mãe começaram na noite em que nasceu. A minha avó está deitada, a gritar e a arfar com as dores do parto, a rezar a S. Gerard Majella, padroeiro das futuras mães. Está lá a enfermeira O'Halloran, a parteira, toda aperaltada. É véspera de Ano Novo e a Sra. O'Halloran está ansiosa por que aquela criança nasça para poder ir festejar. Diz à minha avó: Faz força, vá, força. Jesus, Maria e José, se não te despachas com esta criança, só nasce no Ano Novo e lá se vai à vida o meu vestido novo. Deixa lá S. Gerard Majella. O que é que um homem pode fazer por uma mulher numa altura destas, mesmo sendo santo? S. Gerard Majella uma ova.

A minha avó muda as orações para Santa Anna, padroeira dos partos difíceis. Mas a criança não nasce. A enfermeira O'Halloran diz à minha avó, Reza a São Judas, padroeiro dos casos desesperados.

São Judas, padroeiro dos casos desesperados, ajudai-me. Estou desesperada. Geme e faz força e a cabeça do bebé aparece, só a cabeça, a minha mãe, ouvem-se as badaladas da meia-noite, é Ano Novo. A cidade de Limerick irrompe em apitos, cornetas, sirenes, bandas, pessoas a gritarem Feliz Ano Novo e a cantarem o **Should auld acquaintance be forgot** e por toda a parte se ouvem sinos a tocar o Angelus. A enfermeira O'Halloran chora o desperdício do vestido.

Essa criança ainda aí dentro e eu toda aperaltada.

Sais daí ou não? A minha avó faz um último esforço e a criança vem ao mundo, uma linda menina de cabelo preto encaracolado e uns olhos azuis tristes.

Ah!, Deus que Estais no Céu, diz a enfermeira O'Halloran, esta criança está escarranchada no tempo, a cabeça nasceu no Ano Novo e o cu no Velho ou foi a cabeça que nasceu no Ano velho e o cu no Novo. Vais ter de escrever ao Papa, rapariga, para descobrir em que ano é que esta criança nasceu e, cá por mim, este vestido já me fica para o ano que vem.

E puseram à criança o nome de Angela por causa do Angelus que tocou à meia-noite pelo Ano Novo, no preciso minuto em que ela nasceu, e também porque, fosse como fosse, ela era um anjinho.

**Ama-a como na infância,
Embora frágil, velha e grisalha.
Pois nunca te faltará o amor de mãe*

Até que esteja envolta numa mortalha.*

~~

Angela aprendeu a ler, a escrever e a fazer contas na Escola de São Vicente de Paulo, e aos nove anos acabou-se a instrução para ela. Tentou ser mulher a dias, criada, mesmo daquelas com um chapelinho branco que vêm à porta, mas não conseguia comportar-se com a pouca cortesia a que isso obrigava e a mãe disse-lhe, Não tens jeito para isso. És uma inútil. Porque é que não vais para a América onde há lugar para todos os inúteis? Eu pago-te a viagem.

Chegou a Nova Iorque precisamente no primeiro dia de Acção de Graças da Grande Depressão. Conheceu Malachy numa festa dada por Dan MacAdorey e pela sua mulher, Minnie, na Classon Avenue em Brooklyn. Malachy gostou de Angela, e Angela gostou dele. Tinha um ar acabrunhado, que era resultado dos três meses que tinha acabado de passar na cadeia por ter assaltado um camião. Ele e o amigo, John McErlaine, acreditaram no que lhe tinham dito na taberna onde vendiam bebidas clandestinas, que o camião estava apinhado de caixas cheias de carne de porco e feijão enlatado. Nem um nem outro sabiam guiar, e quando a polícia viu o camião aos arrancos e aos solavancos pela Myrtle Avenue obrigou-o a parar. Vasculharam o camião e ficaram sem perceber por que iria alguém roubar um camião carregado, não de carne de porco e feijões, mas de caixas de botões.

Com a atracção de Angela pelo ar acabrunhado dele e a solidão de Malachy depois de três meses na prisão, tinha mesmo que haver um abanão de joelhos.

Um abanão de joelhos é o acto realizado contra a parede com o homem e a mulher em bicos de pés, a esforçarem-se tanto que ficam com os joelhos a tremer de tanta excitação.

Por causa do abanão de joelhos, Angela ficou no estado interessante e, como não podia deixar de ser, começou a haver falatório. Angela tinha primas, as irmãs MacNamara, Delia e Philomena, casadas, respectivamente, com Jimmy Fortune do Condado de Mayo e Tommy Flynn de Brooklyn.

Delia e Philomena eram mulheres corpulentas, de peitos grandes, e tesas. Quando sulcavam os passeios de Brooklyn, criaturas mais fracas desviavam-se, em sinal de respeito. As irmãs sabiam o que estava certo e o que estava errado e, se houvesse alguma dúvida, a Sagrada Igreja Una, Romana, Católica e Apostólica haveria de resolvê-la. Sabiam que, sem ser casada,

Angela não podia estar no estado interessante e iam tomar medidas.

E tomaram medidas. Com Jimmy e Tommy a reboque, marcharam em direcção à taberna de Atlantic Avenue, onde era certo encontrarem Malachy à sexta-feira, dia de pagamento quando tinha trabalho. O dono da taberna, Joey Cacciamani, não queria deixar entrar as irmãs, mas Philomena disse-lhe que, se quisesse ficar com o nariz na cara e a porta nos gonzos, era melhor abrir-lhes a porta, porque iam em missão de Deus. Joey respondeu, Tá bem, tá bem. Vocês as irlandesas. Santo Deus! É só sarilhos e mais sarilhos.

Malachy, na outra ponta do balcão, empalideceu, dirigiu às mamalhudas um sorriso amarelo e ofereceu-lhes uma bebida. Elas resistiram ao sorriso e recusaram a bebida. Delia disse, Não sabemos de que espécie de tribo é que tu vens, lá do Norte da Irlanda.

Philomena disse, Desconfiamos que tens presbiterianos na família, e isso explica o que fizeste à nossa prima.

Jimmy disse, Ora, ora. Se tiver presbiterianos na família, a culpa não é dele.

Delia respondeu-lhe, Tu, bico calado.

Tommy tinha de meter o bedelho. O que tu fizeste àquela pobre infeliz é uma desonra à raça irlandesa. Devias ter vergonha.

Pois, e tenho, disse Malachy. E tenho.

Ninguém te mandou falar, disse Philomena. Já fizeste estragos suficientes com o teu paleio, por isso, cala a boca.

E enquanto estás de boca calada, disse a Delia, fica sabendo que viemos aqui para te obrigarmos a fazer o que tens a fazer pela nossa pobre prima, Angela Sheehan.

O Malachy disse, Pois, muito bem, muito bem. O que tenho a fazer é o que tenho a fazer, e tenho muito gosto em pagar-vos uma rodada, enquanto estamos a ter esta conversazinha.

Mete a rodada no cu, disse Tommy.

Philomena disse, Mal a nossa pobre prima sai do barco, atiras-te logo a ela. Em Limerick há moral, sabes?, moral. Não somos como os tresmalhados de Antrim, um ninho de presbiterianos.

Jimmy disse, Ele não tem cara de presbiteriano.

Bico calado, disse Delia.

Há outra coisa em que nós reparámos, disse Philomena. Há qualquer coisa de estranho em ti.

Malachy sorriu. Há?

Há, disse Delia. Acho que foi uma das primeiras coisas em que

reparámos em ti, qualquer coisa de estranho, que nos faz ficar preocupadas.

É esse risinho traiçoeiro de presbiteriano.

Ah, disse Malachy, isso é por causa do problema que tenho nos dentes.

Com dentes ou sem dentes, estranho ou sem ser estranho, o certo é que vais casar com aquela rapariga, disse Tommy. Podes ter a certeza que não te escapas à igreja.

Ah, disse Malachy, não estava a pensar em casar. É que...

Não há trabalho e eu não a posso sustentar...

Vais casar, sim senhor, disse Delia.

Não escapas à igreja, disse Jimmy.

Bico calado, disse Delia.

~~

Malachy ficou a vê-los ir embora. Estou metido numa alhada, disse ele a Joey Cacciamani.

Podes crer, disse Joey. Se eu visse aquelas mulheres virem ter comigo, atirava-me ao rio Hudson.

Malachy pensou melhor sobre a alhada em que estava metido. Tinha uns dólares no bolso do último trabalho que tivera e tinha um tio em São Francisco ou num outro «São» qualquer da Califórnia. Não seria melhor ir para a Califórnia, para longe das mamalhudas irmãs MacNamara e dos tristes maridos delas? De certeza que sim e, para festejar a decisão e a partida, ia beber mais uma pinga do irlandês. Joey serviu-o e a bebida ia arrancando a pele à goela de Malachy. É mesmo irlandês! Disse a Joey que só na Lei Seca é que podia haver uma mistela daquelas, saída do alambique do diabo. Joey encolheu os ombros. Eu cá não sei de nada. Só sirvo. Mesmo assim, era melhor do que nada e Malachy ia beber outro e um para ti, Joey, e pergunta àqueles dois italianos, gente de bem, o que é que eles querem e o que é que estás para aí a dizer, claro que tenho dinheiro para pagar.

Acordou num banco na estação dos caminhos-de-ferro de Long Island, com um polícia a dar-lhe pancadinhas nas botas com um bastão, sem o dinheiro com que ia fugir e com as irmãs MacNamara em Brooklyn, prontas a comê-lo vivo.

Na festa de São José, num dia frio de Março, quatro meses depois do abanão de joelhos, Malachy casou com Angela, e a criança nasceu em Agosto. Em Novembro, Malachy embebedou-se e achou que era altura de registar a criança. Pensou em dar-lhe o nome de Malachy, igual ao seu, mas por causa do sotaque do

Norte da Irlanda e da voz entaramelada de bêbedo, o funcionário percebeu tão mal que registou a criança apenas com o nome de Male.

Só em finais de Dezembro é que levaram Male à Igreja de São Paulo para ser baptizado e receber o nome de Francis, em honra do avô paterno e do maravilhoso santo de Assis. Angela queria pôr-lhe um segundo nome, Munchin, em honra do padroeiro de Limerick, mas Malachy disse que só por cima do seu cadáver. Nunca um filho seu teria um nome de Limerick. A vida já é difícil quando se tem só m nome. Essa história dos segundos nomes era um abominável hábito americano e também não havia necessidade de um segundo nome quando se é baptizado com o nome do homem de Assis.

Houve um percalço no dia do baptizado porque John McErlaine, que tinha sido escolhido para padrinho, embebedou-se na taberna e esqueceu-se dos compromissos que tinha.

Philomena disse ao marido, Tommy, que tinha de ser ele o padrinho. A alma da criança está em perigo, disse ela. Tommy baixou a cabeça e resmungou. Está bem. Vou ser padrinho, mas não me responsabilizo se, quando ele crescer, for como o pai, a arranjar sarilhos e com aquela maneira estranha de ser, pois, se assim for, ele que vá ter com o John McErlaine à taberna. O padre disse, Tens razão, Tom, és um tipo às direitas, um homem como deve ser, que nunca pôs um pé numa taberna. Malachy, que tinha saído há pouco tempo da taberna, ficou ofendido e quis discutir com o padre, um sacrilégio em cima de outro. Tire esse colarinho e vamos lá ver quem é que é homem e quem é que não é. Teve de ser agarrado pelas mamalhudas e pelos seus tristes maridos. Angela, mãe há pouco tempo, esqueceu-se, na sua agitação, de que tinha a criança ao colo e deixou-a cair para a pia baptismal, uma imersão total à maneira presbiteriana. O sacristão, que estava a coadjuvar o padre, sacou o bebé de dentro da pia e tornou a dá-lo a Angela, que, a soluçar, o aninhou no colo, ficando encharcada. O padre deu uma gargalhada, disse que nunca tinha visto uma coisa daquelas, que a criança era um baptista como manda a lei, e quase nem precisava de padre. Malachy tornou a ficar enfurecido ao ouvir isto e quis atirar-se ao padre por estar a dizer que o bebé era um protestante. O padre disse, Cale-se, homem, está na casa do Senhor, e quando Malachy disse, a casa do Senhor uma merda, foi posto no olho da rua Court, porque não se pode dizer merda na casa do Senhor.

Depois do baptizado, Philomena disse que tinha chá, presunto

e bolos lá em casa, já ao virar da esquina. Malachy disse, Chá? E ela respondeu, Sim, chá, ou queres antes uísque? Ele disse que o chá vinha mesmo a calhar, mas que primeiro tinha de ir ajustar umas contas com John McErlaine, que não tinha tido a decência de cumprir as suas obrigações de padrinho. Angela disse, Só estás a arranjar uma desculpa para te ires meter na taberna, e ele disse, Deus é minha testemunha, longe de mim estar a pensar em bebida. Angela começou a chorar. É o dia do baptizado do teu filho e tens de ir beber. Delia disse-lhe que ele metia nojo, mas que outra coisa não seria de esperar da Irlanda do Norte.

Malachy olhou ora para uma ora para a outra, apoiando-se ora num pé ora no outro, puxou o boné para os olhos, enfiou as mãos nos bolsos e disse, Oh, *aye*, da maneira como dizem nos confins do Codando de Antrim, deu meia volta e subiu a rua Court a toda a velocidade em direcção à taberna da Atlantic Avenue, onde tinha a certeza de que iriam oferecer-lhe de beber em honra do baptizado do seu filho.

Em casa de Philomena, as irmãs e os maridos comeram e beberam, enquanto Angela ficou sentada a um canto, a embalar o bebé e a chorar. Philomena, com a boca cheia de pão e presunto, ia dizendo a Angela, É o que ganhas em seres tão parva. Mal saís do barco, ficas logo de beijo caído por aquele doido. Devias ter ficado solteira e dado a criança para adopção. Hoje eras uma mulher livre. Angela começou a chorar ainda mais, e foi Delia que continuou o ataque, Pára com isso, Angela, pára com isso. Não podes atribuir a ninguém, senão a ti própria, as culpas pelo sarilho em que te meteste com aquele bêbedo do Norte, um homem que nem sequer parece católico, com aquela coisa estranha que tem. Cá por mim... cá por mim...

o Malachy tem mesmo pinta de presbiteriano.

Cala-te, Jimmy.

Se fosse a ti, disse Philomena, arranjava maneira de não ter mais filhos. Ele não tem trabalho, pois não, nem nunca terá, bebendo como bebe. Por isso... nada de filhos, Angela. Estás a ouvir o que te digo?

Estou, Philomena.

Passado um ano, nasceu outra criança. Angela pôs-lhe o nome de Malachy, como o pai, e um segundo nome, Gerard, como o irmão do pai.

As irmãs MacNamara disseram que Angela era uma autêntica coelha e não queriam saber mais dela, enquanto não aprendesse a ter juízo.

Os maridos concordaram.

~~

Estou num parque infantil de Classon Avenue, em Brooklyn, com o meu irmão Malachy. Ele tem dois anos e eu três. Estamos no balancé.

Para cima, para baixo, para cima, para baixo.

O Malachy sobe.

Eu saio.

O Malachy desce. O balancé bate no chão. Ele dá um grito. Põe a mão na boca e vem suja de sangue.

Oh!, meu Deus. Sangue é mau sinal. A minha mãe vai-me matar.

Aí vem ela, tentando atravessar o parque infantil a correr. A barriga grande obriga-a a andar mais devagar.

Diz, O que é que fizeste? O que é que fizeste ao menino?

Não sei o que hei-de dizer. Não sei o que é que fiz.

Ela puxa-me uma orelha. Vai para casa. Vai para a cama. Para a cama? Em pleno dia?

Empurra-me para o portão do parque infantil. Vai.

Pega no Malachy ao colo e afasta-se, bamboleando pesadamente.

~~

O amigo do meu pai, o Sr. MacAdorey, está à porta da nossa casa. Está parado na berma do passeio com a sua mulher, Minnie, a olhar para um cão deitado na valeta. À volta da cabeça do cão está uma poça de sangue. É da cor do sangue que saiu da boca do Malachy.

O Malachy tem sangue de cão e o cão tem sangue do Malachy.

Puxo a mão do Sr. MacAdorey. Digo-lhe que o Malachy tem sangue igual ao do cão.

Pois tem, Francis, pois tem. Os gatos também. E os Esquimós. Tem tudo sangue igual.

A Minnie diz, Pára com isso, Dan. Não confundas o miúdo. E conta-lhe que o pobre cão foi atropelado por um carro e arrastou-se desde o meio da rua até ali, antes de morrer. Queria vir para casa, coitadinho.

O Sr. MacAdorey diz, É melhor ires para casa, Francis. Não sei o que é que fizeste ao teu irmão, mas a tua mãe levou-o ao hospital. Vai para casa, filho.

O Malachy vai morrer como o cão, Sr. MacAdorey?

A Minnie diz, Ele só trincou a língua. Não vai morrer.

Porque é que o cão morreu?

Tinha chegado a hora dele, Francis.

A casa está vazia e eu ando do quarto para a cozinha e da cozinha para o quarto.

O meu pai saiu para procurar trabalho e a minha mãe está no hospital com o Malachy. Quem me dera ter alguma coisa para comer, mas na geleira só há folhas de couve a boiarem no gelo derretido. O meu pai disse para nunca comermos nada que esteja a boiar na água porque pode estar podre. Adormeço na cama dos meus pais e quando a minha mãe me acorda já é quase de noite. O teu irmão vai dormir um bocadinho. Ia ficando sem língua. Tem pontos que nunca mais acabam. Vai para o outro quarto.

O meu pai está na cozinha a beber chá preto da sua caneca branca de esmalte. Senta-me no seu colo.

Pai, contas-me a história do Cucu?

Cuchulain. Vá, repete comigo, Cu-hu-lin. Conto-te a história quando disseres o nome bem. Cu-hu-lin.

Eu digo bem e ele conta-me a história de Cuchulain, que em criança tinha um nome diferente, Setanta. Cresceu na Irlanda onde o meu pai vivia quando ainda era menino, no Condado de Antrim. Setanta tinha um pau e uma bola e um dia atirou a bola e ela entrou para dentro da boca de um cão enorme, que pertencia a Culain, e o cão morreu sufocado. Culain ficou muito zangado e disse, O que é que eu vou fazer sem o meu cão grande para guardar a minha casa e a minha mulher e os meus dez filhinhos e todos os meus porcos, galinhas e ovelhas.

Setanta disse, Desculpe. Eu guardo a sua casa com o meu pau e a minha bola e vou mudar o meu nome para Cuchulain, o Cão de Culain. E mudou. Começou a guardar a casa e as zonas em volta e tornou-se um grande herói, o Cão do Ulster. O meu pai dizia que ele era um herói maior do que Hércules ou Aquiles, de que os Gregos estavam sempre a gabar-se, e era bem capaz de arrumar o Rei Artur e os seus cavaleiros todos num combate honesto que era coisa que, com um inglês, claro que nunca se conseguiria.

Esta história é minha. O meu pai não pode contá-la ao Malachy nem a nenhuma outra criança da nossa rua.

Acaba a história e deixa-me beber um golo do seu chá. É amargo, mas sinto-me feliz, ali no colo dele.

O Malachy fica com a língua inchada durante vários dias. Mal consegue fazer um som, quanto mais falar. Mas, mesmo que pudesse, ninguém lhe presta nenhuma atenção porque temos dois bebés novos, que foram trazidos por um anjo a meio da noite. Os vizinhos dizem. Oh! Ah! Que meninos tão lindos! Que olhos tão grandes!

O Malachy fica no meio do quarto, de cabeça levantada a olhar

para toda a gente, a apontar para a língua e a dizer ag, ag. Quando os vizinhos lhe dizem, Não vês que estamos a dar atenção aos teus irmãozinhos?, ele começa a chorar, e só se cala quando o Pai lhe faz uma festinha na cabeça. Mete a língua para dentro, filho, e vai brincar com o Frankie. Vai.

~~

No parque infantil, falo ao Malachy do cão que morreu na rua, por lhe terem atirado uma bola para dentro da boca. O Malachy abana a cabeça. Não ag bola. Carro ag mata cão. Chora porque lhe dói a língua e custa-lhe a falar, e é terrível quando não se consegue falar. Não me deixa empurrá-lo no baloiço. Diz, Ias-me ag matando no ag balancé. Pede ao Freddie Leibowitz que o empurre e está feliz, rindo quando o baloiço sobe até ao céu. O Freddie é grande, tem sete anos, e eu peço-lhe que me empurre. Ele diz, Não, tu tentaste matar o teu irmão.

Tento dar balanço sozinho, mas não consigo mais do que andar um pouco para trás e para a frente, e fico zangado porque o Freddie e o Malachy estão a rir-se por eu não conseguir andar de baloiço. Fizeram-se grandes amigos, o Freddie, de sete anos, e o Malachy, de dois. Passam os dias a rir, e a língua do Malachy está a ficar melhor com tanto riso.

Quando ele se ri, vêem-se os dentinhos muito brancos, e os olhos a brilhar. Tem olhos azuis como a minha mãe. Tem cabelo louro e as faces rosadas. Eu tenho olhos castanhos como o meu pai. Tenho cabelo preto e, quando me vejo ao espelho, a minha cara é muito branca. A minha mãe diz à Sra. Leibowitz, lá ao fundo do corredor, que o Malachy é a criança mais feliz do mundo e que o Frankie tem uma maneira de ser estranha, como o pai. Gostava de saber o que é que eu tenho de estranho, mas não posso perguntar, porque não devia estar a ouvir.

Quem me dera conseguir fazer o baloiço subir até ao céu, até às nuvens. Talvez conseguisse voar à volta do mundo e deixasse de ouvir os meus irmãos Oliver e Eugene chorarem de noite. A minha mãe diz que eles estão sempre com fome. Ela também chora de noite. Diz que está esgotada de tanto tratar deles, tanto limpar e tanto lhes dar de comer e que quatro rapazes é de mais para ela. Diz que gostava de ter uma menina só para si.

Dava tudo para ter uma menina.

~~

Estou no parque infantil com o Malachy. Tenho quatro anos, e ele tem três. Deixa-me empurrá-lo no baloiço, porque não sabe

dar balanço sozinho e o Freddie Leibowitz está na escola. Temos de estar no parque infantil porque os gémeos estão a dormir e a minha mãe diz que está esgotada. Vão brincar lá para fora, diz ela, e deixem-me descansar um bocado. O pai anda outra vez à procura de trabalho e às vezes chega a casa a cheirar a uísque e a cantar uma série de canções sobre o sofrimento da Irlanda. A mãe zanga-se e diz que quer que a Irlanda se lixe. Ele diz que é uma linda maneira de falar em frente das crianças e ela diz que não quer saber da maneira de falar, queria era comida na mesa em vez do sofrimento da Irlanda. Maldiz o dia em que a Lei Seca acabou, porque ele bebe, andando de bar em bar a oferecer-se para varrer o chão ou carregar barris em troca de um uísque ou de uma cerveja. Às vezes traz para casa restos do almoço que lhe dão, pão de centeio, carne de conserva e pickles. Põe a comida em cima da mesa e só bebe chá. Diz que a comida é um choque para o sistema dele e que não sabe onde é que nós arranjamos tanto apetite. A minha mãe diz, Têm tanto apetite porque passam a vida a morrer de fome.

~~

Quando o Pai arranja trabalho, a Mãe fica contente e canta
**Todos sabem porque quis o teu beijo*
Tinha de ser eu sou assim
Seria possível, alguém como tu
Apaixonar-se por mim?*

Quando o Pai traz para casa o dinheiro da primeira semana de trabalho, a Mãe fica encantada por poder pagar ao italiano tão simpático da mercearia e voltar a poder andar de cabeça erguida, porque não há nada pior no mundo do que dever dinheiro e obrigações seja a quem for. Limpa a cozinha, lava as tigelas e os pratos, tira as migalhas e os restos de comida de cima da mesa, limpa a geleira e compra um bocado novo de gelo a outro italiano. Compra papel higiénico para nós levarmos quando vamos à casa de banho e diz que é melhor do que deixar o rabo preto com o **Daily News**. Aquece água no fogão e passa um dia inteiro agarrada a um grande alguidar de folha a lavar as nossas camisas e peúgas, as fraldas dos gémeos, os nossos dois lençóis e as nossas três toalhas. Pendura tudo na corda da roupa por detrás do nosso prédio, e vemos a roupa a dançar ao vento e ao sol. Diz que não queria que os vizinhos vissem que tudo o que

temos foi o que ela lavou, mas que não há nada como a doçura da roupa seca ao sol.

Quando o Pai traz para casa o dinheiro da primeira semana de trabalho numa sexta-feira à noite, sabemos que o fim-de-semana vai ser maravilhoso. No sábado à noite, a Mãe vai aquecer água no fogão e dar-nos banho no alguidar grande de folha e o Pai vai secar-nos. O Malachy vai voltar-se de costas e mostrar o rabo. O Pai vai fingir-se muito ofendido e vamos rir todos à gargalhada. A Mãe vai dar-nos chocolate quente e vamos poder ficar a pé a ouvir histórias inventadas pelo Pai. Basta dizermos um nome no corredor, Sr. MacAdorey ou Sr. Leibowit, e o Pai põe-nos logo a remar rio acima no Brasil, perseguidos por índios de nariz verde e ombros cor de pulga. Nas noites assim, podemos deixar-nos embalar no sono, pois sabemos que ao pequeno-almoço vamos comer ovos, tomates fritos e pão frito e beber chá com montes de açúcar e leite e, mais tarde, vamos ter um grande jantar com puré de batata, ervilhas e presunto e um bolo que a Mãe faz com camadas de fruta e um creme quente delicioso, e depois embebido em xerez.

Quando o Pai traz para casa o dinheiro da primeira semana de trabalho, se o tempo está bom, a Mãe leva-nos ao parque infantil. Senta-se num banco e fica a conversar com a Minnie MacAdorey. Conta-lhe histórias das pessoas de Limerick e a Minnie conta-lhe histórias das pessoas de Belfast, e riem-se porque há gente engraçada na Irlanda, tanto do Norte como do Sul. Depois ensinam canções tristes uma à outra e eu e o Malachy saímos do baloiço e do balancé e vamos sentar-nos ao pé delas a cantar,

*Naquela noite no acampamento os jovens soldados
Falavam das suas namoradas.*

Estavam todos muito animados, mas havia um desanimado e triste. Junta-te a nós, disse um dos rapazes, Também hás-de encontrar alguém.

Mas o Ned fez que não com a cabeça e cheio de garbo responde-lhes

**Tenho dois amores,
Qualquer delas uma mãe para mim
Não quero separar-me nem de uma nem da outra.
Uma é a minha mãe, Deus a proteja e abençoe,
A outra é a minha doce namorada*.*

Eu e o Malachy cantamos a canção e a Mãe e a Minnie riem-se até ficarem com lágrimas nos olhos pela graça do Malachy a fazer uma grande vénia no fim e a estender os braços para a Mãe. O Dar MacAdorey vem agora do trabalho e diz que é melhor o Rudy Vallee pôr-se a pau com a concorrência.

Chegamos a casa e a Mãe faz chá, pão e compota ou puré de batata com manteiga e sal. O Pai bebe chá, mas não come nada. A Mãe diz, Valha-me Deus, como é que tu podes trabalhar o dia todo e não comer nada? Ele responde, Basta-me o chá. Ela diz, Vais dar cabo de ti, e ele diz-lhe mais uma vez que a comida é um choque para o organismo. Bebe chá, conta-nos histórias, mostra-nos palavras e letras no **Daily News** ou então fuma um cigarro, olha para as paredes e passa a língua pelos lábios.

Na terceira semana de trabalho, o Pai não traz o dinheiro da semana para a casa. É sexta-feira, estamos à espera dele, a Mãe dá-nos pão e chá. Começa a ficar escuro, e as luzes acendem-se na Classon Avenue. Os outros homens que têm trabalho já estão em casa e a comerem ovos ao jantar, porque à sexta-feira não se pode comer carne. Ouvem-se famílias a conversarem no andar de cima, no andar de baixo e ao longo do corredor e o Bing Crosby está a cantar **Brother, can you spare a dime**? na telefonia.

Eu e o Malachy estamos a brincar com os gémeos. Sabemos que a Mãe não vai cantar «Todos percebem porque quis o teu beijo». Fica sentada à mesa da cozinha a falar sozinha, O que é que eu hei-de fazer? até que, já muito tarde, o Pai vem aos trambolhões pela escada acima a cantar o Roddy McCorley. Empurra a porta e chama-nos, Onde é que está a minha tropa? Onde é que estão os meus quatro guerreiros?

A Mãe diz-lhe, Deixa as crianças em paz. Foram para a cama cheios de fome porque tu tiveste de andar a encher a pança de uísque.

Ele põe-se à porta do quarto. Vamos, rapaziada, tudo a pé. Um tostão para quem prometer morrer pela Irlanda.

**Encontrámo-nos nos confins do Canadá
Fugidos duma ilha resplandecente
Grandiosa é a terra que pisamos,
Mas os nossos corações ficaram na pátria ausente*.*

Vamos, rapaziada, tudo a pé. Francis, Malachy, Oliver, Eugene. Os Cavaleiros do Exército Vermelho, os Fenianos, o IRA.

A pé, a pé.

A Mãe está sentada à mesa da cozinha, a tremer, com o cabelo escorrido e a cara encharcada. Será que não podes deixá-los em paz? diz ela. Jesus, Maria e José, não basta teres chegado a casa sem um tostão no bolso, ainda tens de fazer pouco das crianças?

Vem ter connosco e manda-nos ir para a cama.

Eu quero que eles fiquem a pé, diz ele.

Quero que estejam preparados para o dia em que a Irlanda se liberte do meio do mar.

Não me faças zangar, diz ela, porque, se fizeres, vai haver um dia muito triste em casa da tua mãe.

Ele puxa o boné para cima da cara e começa a chorar, Minha pobre mãe. Pobre Irlanda. Oh!, o que é que nós havemos de fazer?

A Mãe diz-lhe, És doido varrido, e torna a mandar-nos para a cama.

Na manhã da quarta sexta-feira de trabalho, a Mãe pergunta-lhe se ele à noite vai para casa com o dinheiro da semanada ou se vai tornar a gastar tudo na bebida. Ele olha para nós e abana a cabeça para ela, como se estivesse a dizer-lhe, Não devias falar assim em frente dos miúdos.

A mãe insiste, Estou a perguntar se vens para casa para nós termos alguma coisa para comer ou se vais aparecer à meia-noite sem um tostão no bolso e a cantar o Kevin Barry e todas essas canções tristes?

Ele põe o boné, enfia as mãos nos bolsos de trás das calças, suspira e olha para o tecto. Já te disse que venho para casa, é a resposta dele.

Ao fim do dia a Mãe veste-nos. Põe os gémeos no carrinho e aí vamos nós pelas ruas sem fim de Brooklyn. De vez em quando, deixa o Malachy sentar-se no carrinho, quando ele já está cansado de ir às carreirinhas ao lado dela. Diz que eu já sou grande de mais para ir no carrinho. Podia dizer-lhe que me doem as pernas pelo esforço de ir a acompanhar o passo dela, mas ela não vai a cantar e eu sei que não é altura para falar das minhas dores.

Chegamos a um portão grande onde está um homem sentado numa espécie de caixa com janelas em toda a volta. A Mãe vai falar com o homem. Quer saber se podemos entrar e ir ao sítio onde pagam aos homens, para ver se lhe dão uma parte do salário do Pai para ele não gastar tudo pelos bares. O homem diz que não com a cabeça. Tenho muito pena, minha senhora, mas se

fizéssemos isso tínhamos metade das mulheres de Brooklyn a entrarem por aqui dentro. Há cá muitos homens com esse problema da bebida, mas não podemos fazer nada desde que apareçam cá sóbrios e façam o trabalho deles. Ficamos à espera do outro lado da rua. A Mãe deixa-me sentar no passeio com as costas encostadas à parede. Dá aos gémeos os biberões de água com açúcar, mas eu e o Malachy temos de esperar até o Pai lhe dar dinheiro para podermos ir ao italiano comprar chá, pão e ovos.

Quando a sirene toca às cinco e meia os homens saem aos magotes do portão, de boné e fato-macaco, com a cara e as mãos pretas por causa do trabalho. A Mãe diz-nos para olharmos com muita atenção para ver se descobrimos o Pai porque os olhos dela estão tão mal que quase não consegue ver para o outro lado da rua. Há dezenas de homens, depois só alguns, e depois nenhum. A Mãe está a chorar. Porque é que não o viram? São cegos ou quê?

Torna a ir ter com o homem que está dentro da caixa. Tem a certeza de que não ficou nenhum homem lá dentro?

Não, minha senhora, diz ele. Saíram todos. Não sei como é que não o viu.

Fazemos o caminho de volta pelas infindáveis ruas de Brooklyn. Os gémeos levantam os biberões e choram a pedir mais água com açúcar. O Malachy diz que tem fome e a Mãe diz-lhe, Espera um bocadinho, vamos pedir dinheiro ao Pai e vamos todos comer um bom jantar. Vamos ao italiano e compramos ovos e torramos pão no fogão e pomos compota por cima. Vamos, pois, vai ser bom. Vamos ficar muito aconchegadinhos.

Está escuro na Atlantic Avenue e os bares à volta da estação de comboios de Long Station estão todos cheios de luz e de barulho. Vamos de bar em bar à procura do Pai. A Mãe deixa-nos cá fora com o carrinho e vai lá dentro ou então manda-me a mim. Estão apinhados de homens barulhentos e há um forte cheiro a álcool que me faz lembrar o Pai quando chega a casa a tresandar a uísque.

O homem que está por detrás do balcão diz, O que é que queres, filho? Não devias estar aqui, sabias?

Ando à procura do meu pai. Ele está cá?

Como é que queres que eu saiba isso, filho? Quem é o teu pai? Chama-se Malachy e canta o Kevin Barry.

Malarkey?

Não, Malachy.

Malachy?

E canta o Kevin Barry?

Grita aos homens que estão no bar, Ei, algum de vocês conhece um tipo chamado Malachy que canta o Kevin Barry?

Os homens dizem que não com a cabeça. Um diz que conheceu um tipo chamado Michael que cantava o Kevin Barry, mas morreu de tanto beber por causa dos ferimentos que tinha da guerra.

O homem que está ao balcão diz, Bolas, Pete, não te pedi que me contasses a história da tua vida, pois não? Não, miúdo. Não deixamos ninguém cantar aqui. Só traz sarilhos. Principalmente com os irlandeses. Começam a cantar e passado um instante está tudo à batatada. Além disso, nunca ouvi tal nome, Malachy. Não, filho, aqui não está nenhum Malachy.

O homem chamado Pete estende-me o copo dele. Toma, miúdo, bebe um golo, mas o homem do bar diz, O que é que estás a fazer, Pete? Queres embebedar o miúdo? Experimenta fazer isso outra vez que eu vou aí e dou cabo de ti.

A Mãe procura em todos os bares à volta da estação antes de desistir. Encosta-se a uma parede a chorar. Meu Deus, ainda temos de andar isto tudo até à Classon Avenue e eu aqui com quatro crianças a morrerem de fome. Manda-me ir outra vez ao bar onde o Pete quis dar-me de beber para eu pedir ao homem que está ao balcão se não se importa de encher os biberões dos gémeos de água e, se puder ser, com um bocadinho de açúcar em cada um. Os homens que estão no bar acham muita piada ao homem do bar estar a encher biberões, mas ele é um bom homem e manda-os calar. Diz-me que os bebés deviam beber leite e não água e quando eu lhe digo que a minha mãe não tem dinheiro para o leite ele deita fora a água e enche os biberões de leite. Diz à tua mãe que os bebés precisam disto para os dentes e para os ossos. Se beberem água com açúcar ficam raquíticos. Diz isso à tua mãe.

A Mãe fica contente por causa do leite. Diz que sabe muito bem isso dos dentes e dos ossos e do raquitismo mas quem pede não escolhe.

Quando chegamos a Classon Avenue ela vai direita à mercearia do italiano. Diz que o marido está atrasado, que se calhar ficou a fazer horas extraordinárias e se ele não se importa que ela leve umas coisinhas, que no dia seguinte de certeza que vai lá.

O italiano diz, A senhora paga sempre mais cedo ou mais tarde, por isso pode levar de tudo o que houver na loja.

Quero pouca coisa, diz ela.

O que quiser, minha senhora, porque eu sei que a senhora é séria e tem uns lindos meninos.

Comemos ovos, pão torrado e compota, mas estamos tão cansados por termos corrido as ruas infindáveis de Brooklyn que quase não temos força para mastigar. Os gémeos adormecem assim que acabam de comer e a Mãe deita-os na cama para lhes mudar a fralda. Manda-me ao fundo do corredor lavar as fraldas no lavatório para poderem secar e voltar a ser usadas no dia seguinte. O Malachy ajuda-a a lavar o rabo aos gémeos, embora esteja a cair de sono.

Eu vou quase de rastos para a cama com o Malachy e os gémeos. Fico a ver a Mãe sentada à mesa da cozinha, a fumar um cigarro, a beber chá e a chorar. Quero levantar-me e dizer-lhe que já sou quase um homem e que vou arranjar trabalho naquela casa com o portão grande e hei-de ir para casa todas as sextas-feiras à noite com dinheiro para os ovos e as torradas e a compota e assim ela já vai poder cantar outra vez «Todos percebem porque quis o teu beijo».

Na semana seguinte o Pai é despedido. Chega a casa na sexta-feira à noite, atira o dinheiro para cima da mesa e diz à Mãe, Estás satisfeita? Foste pôr-te ao portão com lamúrias e queixas e eles despediram-me. Só queriam um motivo e tu deste-lho.

Tira alguns dólares para ele e sai porta fora. Chega tarde a casa a berrar e a cantar. Os gémeos começam a chorar e a Mãe fá-los calar e fica muito tempo a chorar.

Passamos horas a fio no parque infantil enquanto os gémeos estão a dormir, quando a Mãe está cansada e o Pai chega a casa a cheirar a uísque, a berrar que o Kevin Barry foi enforcado numa manhã de segunda-feira ou a cantar a canção do Roddy McCorley,

**A rua estreita subiu
A sorrir, jovem e orgulhoso
Na corda que ao pescoço pendia
viam-se anéis de ouro resplandecentes
Nem uma lágrima dos seus olhos caiu
Eram olhos azuis alegres e brilhantes
O Roddy McCorley vai morrer
Hoje na ponte de Toome*.*

Enquanto canta, vai marchando à volta da mesa. A Mãe chora e os gémeos choram com ela. Ela diz, Vai lá para fora, Frankie, vai lá para fora, Malachy. Não deviam ver o vosso pai neste

estado. Deixem-se ficar no parque infantil.

Não nos importamos de ir para o parque infantil. Podemos brincar com as folhas que cobrem o chão e podemos empurrar-nos um ao outro no baloiço, mas quando o Inverno chega a Classon Avenue os baloiços ficam gelados e nós nem conseguimos mexer-nos. A Minnie MacAdorey diz, Deus ajude estas pobres crianças. Nem uma luva têm. Dá-me vontade de rir porque sei que eu e o Malachy temos quatro mãos e uma luva seria um disparate. O Malachy não sabe porque é que eu estou a rir: não sabe nada enquanto não tiver quatro anos e for a caminho dos cinco.

A Minnie leva-nos para casa e dá-nos chá e papa de aveia compota. O Sr. MacAdorey está sentado numa cadeira de braços a nova bebé deles, a Missie. Está a dar-lhe o biberão e a cantar,

**Bate palmas, bate palminhas*

Que o papá está a chegar

Com bolinhos no bolso

Só para a Maisie papar.

Bate palmas, bate palminhas,

Que o papá está a chegar,

E ele vai trazer dinheiro

Para a mãe papa comprar.*

O Malachy tenta cantar aquela cantiga mas eu mando-o calar; aquela canção é da Maisie. Ele começa a chorar e a Minnie diz, Pronto, pronto. Podes cantar. É uma canção de todas as crianças. O Sr. MacAdorey sorri para o Malachy e eu pergunto a mim próprio que raio de mundo é este onde qualquer pessoa pode cantar a canção de outra pessoa.

A Minnie diz, Não franzas a testa, Frankie. Ficas com uma cara triste e sabe Deus como ela já é triste. Um dia hás-de ter uma irmãzinha e vais poder cantar-lhe esta canção. Sim, sim. Tenho a certeza que hás-de ter uma irmãzinha.

A Minnie tinha razão e a Mãe viu o seu desejo realizado. Passado pouco tempo nasce outro bebé, uma menina, e põe-lhe o nome de Margaret. Todos nós adoramos a Margaret. Tem o cabelo preto aos caracóis e olhos azuis como a Mãe e acena com aquelas mãozinhas pequeninas e chilreia como um passarinho nas árvores de Classon Avenue. A Minnie diz que foi feriado no céu no dia em que aquela menina foi feita. A Sra. Leibowitz diz que nunca se viu no mundo uns olhos como aqueles, um sorriso assim, tanta felicidade. Até me dá vontade de dançar, diz a Sra. Leibowitz.

O Pai sai à procura de trabalho e quando chega a casa pega na

Margaret e canta-lhe uma canção:

**Num recanto sombrio, numa noite de luar
Pus-me à espreita de um duende
De boné vermelho e ama capa verde
Com um jarro de vinho a sen lado.
O seu martelo fazia tic tic toc
Num sapato pequenote.
Rio-me de pensar que foi apanhado,
E a fada também ria a meu lado*.*

Anda às voltas na cozinha com ela. Diz-lhe como é linda com aqueles caracóis pretos e os olhos azuis da mãe. Diz-lhe que há-de levá-la para a Irlanda e que hão-de atravessar os vales de Antrim e nadar no lago Neagh. Ele há-de arranjar trabalho num instante, há-de pois, e ela há-de ter vestidos de seda e sapatos com fivelas de prata.

Quanto mais o Pai canta para a Margaret menos ela chora e, com o passar dos dias, até começa a rir-se. A Mãe até diz, Vejam só, ele a querer dançar com a menina ao colo, ele que tem uns pés de chumbo. A Mãe ri-se e rimos todos.

Os gémeos choravam quando eram pequeninos e o Pai e a Mãe diziam Chiu e davam-lhes de comer e eles tornavam a adormecer. Mas quando a Margaret chora há uma grande solidão no ar e o Pai salta da cama num segundo, pega nela, dança devagar à volta da mesa a cantar para ela e a fazer uns sons como se fosse uma mãe. Quando passa pela janela por onde entra a luz da rua, vêem-se lágrimas na cara dele e isso é estranho porque ele nunca chora por ninguém a não ser quando bebe e canta a canção do Kevin Barry ou a do Roddy McCorley. Mas agora está a chorar pela Margaret e não cheira a bebida.

A Mãe diz à Minnie MacAdorey, Ele está no céu com aquela menina. Nunca mais tocou numa gota de álcool desde que ela nasceu. Há muito tempo que eu devia ter tido uma menina.

Ah!, são um encanto, não são? diz a Minnie. Os rapazes também são lindos, mas precisavas de uma menina só para ti.

A minha mãe ri-se, Só para mim? Santo Deus, se eu não lhe desse de mamar não conseguia chegar-me ao pé dela. Ele passa dia e noite agarrado a ela.

A Minnie diz que, seja como for, é uma maravilha ver um homem tão encantado com a filha, mas a verdade é que está toda a gente encantada com ela, não é?

Toda a gente.

Os gémeos já conseguem pôr-se de pé e andar e passam a vida a aleijar-se. Têm o rabo assado porque estão sempre sujos de chichi e coco. Põem porcarias na boca, bocados de papel, penas, atacadores e adoecem. A Mãe diz que estamos a dar com ela em doida. Veste os gémeos, põe-nos no carrinho, e eu e o Malachy levamo-los para o parque infantil. O tempo frio já passou e as árvores de Classon Avenue têm folhas verdes.

Andamos a correr às voltas do parque infantil a empurrar o carrinho e os gémeos riem-se e fazem gugu até que ficam com fome e começam a chorar. No carrinho estão dois biberões com água e açúcar e, com isso, eles sossegam um bocadinho, mas depois ficam com fome outra vez e começam a chorar tanto que eu fico sem saber o que lhes hei-de fazer por eles serem tão pequeninos, eu só queria poder dar-lhes muita comida para eles se riem e fazer aqueles barulhos de bebés. Eles adoram a comida desenxabida que a Mãe faz numa panela com pão desfeito em leite, água e açúcar. A Mãe diz que é pão com bombons.

Se eu levar já os gémeos para casa a Mãe vai gritar comigo por eu não a deixar descansar ou por acordar a Margaret. Temos de ficar no parque infantil até a cabeça dela aparecer à janela a chamar-nos. Faço caretas para os gémeos deixarem de chorar. Ponho um bocado de papel em cima da cabeça e deixo-o cair e eles riem-se a perder. Levo o carrinho para ao pé do Malachy que está a brincar no baloiço com o Freddie Leibowitz. O Malachy está a querer contar ao Freddie como é que o Setanta passou a ser Cuchulain. Eu digo-lhe para parar de contar aquela história, porque aquela história é minha. Ele não pára. Dou-lhe um empurrão e ele começa a chorar Ua, ua, Vou dizer à Mãe. O Freddie dá-me um empurrão e de repente vejo tudo negro à minha volta e vou a correr para ele aos murros, às joelhadas e aos pontapés até ele gritar, Ei, Pára, pára, mas eu não paro porque não consigo, não sei porquê, mas se eu parar o Malachy vai continuar a tirar-me a minha história. O Freddie empurra-me e foge a gritar, o Frankie quis matar-me. O Frankie quis matar-me. Não sei o que hei-de fazer porque nunca quis matar ninguém, e agora o Malachy está no baloiço a chorar, Não me mates, Frankie, e parece-me tão assustado que eu ponho os braços à volta dele e ajudo-o a sair do baloiço. Ele dá-me um abraço. Nunca mais conto a tua história. Nunca mais falo do Cucu ao Freddie. Apetece-me rir mas não posso porque os gémeos estão no carrinho a chorar e já está escuro no parque infantil e de que serve fazer caretas e deixar cair coisas da cabeça se não se vê nada no escuro?

A mercearia do italiano fica do outro lado da rua e eu vejo as bananas, as maçãs, as laranjas. Sei que os gémeos podem comer bananas. O Malachy adora bananas e eu também gosto. Mas é preciso dinheiro e os italianos não costumam dar bananas, principalmente aos McCourts que já lhes devem dinheiro de mercearias.

A minha mãe está sempre a dizer-me, Nunca, mas nunca saias do parque infantil sem ser para vir para casa. Mas o que é que eu hei-de fazer com os gémeos a berrarem de fome no carrinho? Digo ao Malachy que não me demoro nada. Quando tenho a certeza de que não está ninguém a ver, agarro numa penca de bananas no lado de fora da loja do italiano e desato a correr pela Myrtle Avenue abaixo para longe do parque infantil, dou a volta ao quarteirão e vou para o outro lado onde há um buraco na vedação. Empurramos o carrinho para um canto escuro e descascamos as bananas para os gémeos. Eram cinco bananas e nós fazemos uma festa naquele canto escuro. Os gémeos babam-se, mastigam e esfregam-se com banana na cara, no cabelo, na roupa. Já estou a ver que vai haver interrogatório. A Mãe vai querer saber porque é que os gémeos estão sujos de banana e onde é que as arranjámos. Não lhe posso dizer que foi à esquina da loja do italiano. Vou ter de dizer que foi um homem.

É isso que eu vou dizer. Um homem.

Mas depois acontece uma coisa estranha. Está um homem ao portão do parque infantil. Está a chamar-me. Meu Deus, é o italiano. Anda cá, filho. Estou a falar contigo. Vem cá.

Eu vou ter com ele.

Tu és aquele miúdo que tens os irmãos pequeninos, não és? Os gémeos?

Sou, sim, senhor.

Pois bem, está aqui este saco de fruta. Mas não é para deitarem fora. Está certo? Toma o saco. Tem maçãs, laranjas, bananas. Gostas de bananas, não gostas? Acho que gostas. Ah!, ah! Sei que gostas de bananas. Ei, toma o saco. Tens uma boa mãe. E o teu pai? Bem, eu sei, tem aquele problema dos Irlandeses. Dá uma banana aos gémeos para eles se calarem. Ouço-os do outro lado da rua.

Obrigado, senhor.

És um miúdo muito bem-educado. Onde é que aprendeste isso? Foi o meu pai que me ensinou a dizer sempre obrigado, senhor.

O teu pai? Está bem.

O Pai está sentado à mesa a ler o jornal. Diz que o Presidente Roosevelt é um homem de bem e que falta pouco para toda a gente ter trabalho na América. A Mãe está do outro lado da mesa a dar o biberão à Margaret. Está com aquela cara de zangada que me assusta tanto.

Onde é que arranjaste essa fruta?

Foi o homem.

Que homem?

Foi o italiano que ma deu.

Roubaste essa fruta?

O Malachy diz, Foi o homem. O homem deu o saco ao Frankie.

E o que é que fizeste ao Freddie Leibowitz? A mãe dele veio cá. É tão boa senhora. Não sei o que seria de nós sem ela e sem a Minnie MacAdorey. E logo tinhas de te atirar ao pobre do Freddie.

O Malachy põe-se aos saltos para cima e para baixo. É mentira. É mentira. Ele não quis matar o Freddie. Ele não quis matar-me a mim.

O Pai diz, Cala-te, Malachy, cala-te. Vem cá. E senta o Malachy no seu colo.

A minha mãe diz, Vai lá ao fundo do corredor pedir desculpa ao Freddie.

Mas o Pai pergunta, Queres ir pedir desculpa ao Freddie?

Não quero.

Os meus pais olham um para o outro. O Pai diz, O Freddie é bom. Só estava a empurrar o teu irmão no baloiço. Não foi verdade?

Ele queria roubar a minha história do Cuchulain.

Ora essa. O Freddie não quer a tua história do Cuchulain para nada. Tem a história dele. Centenas de histórias. É judeu.

O que é judeu?

O Pai dá uma gargalhada. Judeu é, judeus são pessoas que têm as suas histórias.

Não precisam do Cuchulain. Têm Moisés. Têm Sansão.

O que é Sansão.

Se fores falar com o Freddie, depois conto-te a história de Sansão. Podes pedir desculpa ao Freddie e dizer-lhe que nunca mais fazes o que fizeste e até podes pedir-lhe que te diga quem foi Sansão. Tudo o que quiseses, desde que vás falar com o Freddie. Vais?

A bebé dá um gritinho no colo da minha mãe e o Pai dá logo um salto e põe o Malachy no chão. Ela está bem? A minha mãe diz,

Claro que está bem. Está a mamar. Santo Deus, homem, és uma pilha de nervos.

~~

Estão a falar da Margaret e esqueceram-se de mim. Não me importo. Vou ao fundo do corredor pedir ao Freddie que me conte a história de Sansão, para ver se o Sansão é tão bom como o Cuchulain e para ver se o Freddie tem a história dele ou se ainda continua a querer roubar-me o Cuchulain. Como o meu pai está de pé, o Malachy quer ir comigo porque já não tem colo para se sentar.

A Sra. Leibowitz diz, Ah!, Frankie, Frankie, entra, entra. E tu Malachy, meu pequenino. Diz-me lá, Frankie, o que é que tu fizeste ao Freddie? Tentaste matá-lo? O Freddie é um bom menino, Frankie. Lê o livro dele. Ouve a telefonia com o papa dele. Empurra o teu irmão no baloizo. E tu a queres matá-lo. Ah!, Frankie, Frankie. E a tua pobre mãe com a bebé doente.

Ela não está doente, Sra. Leibowitz.

Eztá doente, eztá. Aquela bebé eztá doente. Sei bem ver quando um bebé eztá doente. Trabalho no hospital. Não me queiras dizer a mim, Frankie. Entra, entra. Freddie, Freddie, está aqui o Frankie. Podez vir cá fora. O Frankie não te mata. Tu e o Malachy, tão pequenino ainda. É um lindo nome judeu. Queres um bocadinho de bolo? Porque é que te puseram um nome judeu? Vá lá, um copo de leite, uma fatia de bolo. Eztão tão magrinhos, menz filhoz. Os Irlandeses não comem.

Sentamo-nos à mesa com o Freddie, a comer bolo e a beber leite. O Sr. Leibowitz está na poltrona a ler o jornal e a ouvir telefonia. De vez em quando diz qualquer coisa à Sra. Leibowitz, mas eu não percebo porque da boca dele saem sons estranhos. O Freddie percebe. O Sr. Leibowitz torna a fazer um som estranho e o Freddie levanta-se e vai levar-lhe uma fatia de bolo. O Sr. Leibowitz sorri para o Freddie, faz-lhe uma festinha na cabeça e o Freddie sorri para ele e faz também aqueles sons estranhos.

A Sra. Leibowitz olha para mim e para o Malachy e abana a cabeça. Oi, tão magrinhos. Diz tantas vezes Oi que o Malachy começa a rir às gargalhadas e a dizer Oi e os Leibowitz riem-se e o Sr. Leibowitz diz umas palavras que nós percebemos, os dois fazem os irlandeses rir. A Sra. Leibowitz ri-se tanto que o corpo dela até estremece e tem de agarrar a barriga e o Malachy torna a dizer Oi porque sabe que isso vai fazer rir toda a

gente. Eu digo Oh mas ninguém se ri, mas eu sei que o Oi pertence ao Malachy tal como o Chuchulain me pertence a mim e que o Malachy pode ter o Oi dele.

Sra. Leibowitz, o meu pai diz que o Freddie tem uma história, que a preferida dele.

O Malachy diz, San, San, Oi. Toda a gente se ri outra vez, mas eu não porque não consigo lembrar-me do que vem a seguir a San. O Freddie diz com a boca cheia de bolo, Sansão, e a Sra. Leibowitz diz-lhe, Não falez com a boca zeia, e eu rio-me porque ela é tão crescida e diz zela em vez de cheia. O Malachy ri-se porque eu estou a rir-me e o Sr. e a Sra. Leibowitz olham um para o outro e sorriem. O Freddie diz, Não é a do Sansão. A história de que eu mais gosto é a de David e do gigante, Golias. O David matou-o com uma funda. Acertou-lhe com uma pedra na cabeça. Os miolos dele ficou no chão.

Ficaram no chão, diz o Sr. Leibowitz.

Sim, Papá.

Papá. É assim que o Freddie trata o pai dele e eu chamo Pai ao meu pai.

~~

A minha mãe sussurra e eu acordo. O que é que tem a menina? Ainda é muito cedo e ainda não há muita manhã dentro do quarto, mas dá para ver o Pai ao pé da janela com a Margaret ao colo. Está a embalá-la e a suspirar.

A Mãe diz, O que é que ela tem? Está doente?

Está muito quieta e um bocadinho fria.

A minha mãe sai da cama e agarra na menina. Vai chamar o médico. Vai, por amor de Deus, e o meu pai enfia as calças por cima da camisa, sem casaco, calça os sapatos sem meias, e está tanto frio.

Ficamos à espera no quarto, os gémeos estão a dormir aos pés da cama, o Malachy agita-se a meu lado. Frankie, quero água. A Mãe balança na cama com a bebé ao colo. Oh!, Margaret, Margaret, meu amorzinho. Abre os teus lindos olhos azuis, meu amorzinho.

Encho um copo de água para mim e para o Malachy e a minha mãe resmunga, Água para ti e para o teu irmão. Muito bem. Com que então, água. E para a tua irmã nada. Coitadinha da tua irmã. Nem queres saber se ela tem boca. Por acaso perguntaste se ela queria água? Não. Vá, bebe água, tu e o teu irmão, como se não fosse nada. É um dia igual aos outros para vocês os dois, não é? E os gémeos a dormirem, como se não quisessem saber de nada,

e a irmãzinha deles aqui doente. Doente aqui nos meus braços. Oh!, Santo Deus que estais no Céu.

Porque é que ela está a falar assim? Hoje nem parece a minha mãe a falar. Quero o meu pai. Onde é que está o meu pai?

Vou outra vez para a cama e começo a chorar. O Malachy diz, Por que estás a chorar? Por que estás a chorar? Até que a Mãe começa outra vez a implicar comigo. A tua irmã aqui doente ao meu colo e tu aí com lamúrias e choraminguices. Se eu aí vou, vais ficar com razões para chorar.

O Pai volta com o médico. O Pai vem com o cheiro a uísque.

O médico observa a bebé, dá-lhe uma picadela, levanta-lhe as pálpebras, apalpa-lhe o pescoço, os braços, as pernas. Põe-se direito e diz que não com a cabeça. Morreu. A Mãe estende os braços para a bebé, abraça-se a ela, vira-se para a parede. O médico quer saber, Aconteceu alguma coisa? Alguém deixou cair a bebé? Os rapazes tiveram alguma brincadeira violenta de mais com ela? Aconteceu alguma coisa?

O meu pai diz que não com a cabeça. O médico diz que vai ter de a levar para a examinar e o Pai assina um papel. A minha mãe implora que a deixem ficar mais uns minutos com a bebé dela mas o médico diz que não tem o dia todo. Quando o Pai vai pegar na Margaret a minha mãe afasta-se e vira-se para a parede. Está com aquele olhar estranho, com o cabelo negro encaracolado caído para a testa e com a cara coberta de suor, com os olhos muito abertos e a cara a brilhar por causa das lágrimas, continua a abanar a cabeça e a gemer. Oh!, não, oh!, não, até que o Pai consegue tirar-lhe a bebé dos braços. O médico embrulha a Margaret num cobertor, toda tapada, e a minha mãe grita, Oh!, meu Deus, você vai despedaçá-la. Valha-me Jesus, Maria e José. O médico vai-se embora. A minha mãe volta-se para a parede, sem se mexer nem dizer nada. Os gémeos estão acordados, a chorar com fome, mas o Pai está de pé no meio do quarto a olhar para o tecto. Tem a cara muito branca e bate com os punhos fechados nas ancas. Aproxima-se da cama, põe a mão na minha cabeça. A mão dele está a tremer. Francis, vou comprar cigarros.

~~

A mãe fica todo o dia na cama, quase sem se mexer. Eu e o Malachy enchemos os biberões dos gémeos com água e açúcar. Encontramos meio pão duro na cozinha e duas salsichas frias. Não podemos beber chá, porque o gelo tornou a derreter-se na

geleira e o leite está azedo e toda a gente sabe que só se pode beber chá sem leite quando é o nosso pai que nos dá chá da caneca dele, enquanto nos conta a história do Cuchulain.

Os gémeos estão outra vez com fome, mas eu sei que não posso dar-lhes água com açúcar o dia inteiro. Fervo o leite azedo numa panela, desfaço lá dentro um bocado do pão duro e tento que eles bebam aquilo de um copo, pão com bombons. Eles fazem caretas e correm para a cama da Mãe, a chorarem. Ela continua de cara voltada para a parede, e eles voltam a correr para mim, sempre a chorarem. Só comem o pão com bombons quando eu disfarço o gosto ao leite azedo com açúcar. Agora já comem e já se riem, e esfregam a papa pela cara toda. O Malachy quer um bocadinho e, se ele pode comer, eu também posso. Sentamo-nos todos no chão a comer a papa, a chupar a salsicha fria e a beber água que a minha mãe tem numa garrafa de leite dentro da geleira.

Depois de comermos e bebermos, temos de ir à casa de banho ao fundo do corredor mas não podemos entrar porque está lá a Sra. Leibowitz a falar baixinho e a cantar. Diz, Ezperem, meninoz, ezperem, queridoz. Não demoro nada.

O Malachy começa a bater palmas e põe-se às voltas, a dançar e a cantar, Ezperem, meninoz, ezperem, queridoz. A Sra. Leibowitz abre a porta da casa de banho. Olhem-me bem para izto. Tão pequenino e zá é actor. Então, meninoz, como é que eztá a vossa mãe?

Está na cama, Sra. Leibowitz. O médico levou a Margaret e o meu pai foi comprar cigarros.

Oh!, Frankie, Frankie. Eu bem disse que a bebé era doente.

O Malachy está a apertar as pernas. Quero chichi. Quero chichi.

Então, faz chichi. Façam chichi que depois vamos ver a vossa mãe.

Depois de fazermos chichi, a Sra. Leibowitz vai ver a Mãe. Oh!, Sra. McCourt. Oi, querida. Vejam só isto. Olhem para os gémeos.

Nus. O que é que aconteceu, Sra. McCourt, ei? A bebé está doente? Fale comigo. Pobre mulher. Vá, volte-ze para cá. Fale comigo. Oi, que confusão que aqui vai. Fale comigo, Sra. McCourt.

Ajuda a minha mãe a sentar-se, encostada à parede. A Mãe parece que está mais pequenina. A Sra. Leibowitz diz que vai buscar sopa e pede-me para trazer água para lavar a cara à minha mãe. Eu molho uma toalha em água fria e passo-lhe com ela

na testa. A minha mãe segura a minha mão sobre o rosto dela. Oh!, meu Jesus, Frankie. Oh!, meu Jesus. Não larga a minha mão e eu fico assustado porque nunca a vi assim. Só está a dizer Frankie porque é na minha mão que está a segurar, mas é na Margaret que está a pensar não em mim. A tua querida irmãzinha morreu, Frankie. Morreu. E onde é que está o teu pai? Solta-me a mão. Onde é que está o teu pai, foi o que eu disse. Está a beber. É onde ele está. Não há um tostão cá em casa. Não consegue arranjar trabalho, mas arranja sempre dinheiro para beber, dinheiro para beber, dinheiro para beber. Encosta-se para trás, bate com a cabeça na parede e grita, Onde é que ela está? Onde é que ela está? Onde é que está a minha menina? Jesus, Maria e José, valei-me esta noite.

Vou endoidecer, isso é que vou, vou endoidecer.

A Sra. Leibowitz entra a correr. Minha senhora, minha senhora, o que é que aconteceu? A menina. Onde é que ela está?

A minha mãe torna a gritar, Está morta, Sra. Leibowitz. Morta. Tomba a cabeça e balança-se para trás e para a frente. A meio da noite, Sra. Leibowitz. No berço. Eu devia estar a olhar por ela. Estava há sete semanas neste mundo e morre a meio da noite, sozinha, Sra. Leibowitz, sozinha no berço.

A Sra. Leibowitz abraça a minha mãe. Pronto, agora sossegue. Há bebés que morrem assim. Acontece, minha senhora. É Deus que os leva.

No berço, Sra. Leibowitz. Mesmo ao pé da minha cama. Eu podia ter pegado nela e ela assim já não morria, pois não? Deus não quer bebés pequeninos. Para que quer Deus bebés tão pequeninos?

Não sei, minha senhora. Não posso falar por Deus. Coma um bocadinho de sopa. É boa. Vai dar-lhes forças. E vocês, rapazes. Vão buscar tigelas para eu vos dar sopa.

O que são tigelas, Sra. Leibowitz?

Oh!, Frankie. Não sabes o que são tigelas? Para a sopa, querido. Não têm nenhuma tigela? Então, arranja chávenas. Misturei sopa de ervilhas com sopa de lentilhas. Não têm presunto. Os Irlandeses gostam de presunto. Não têm presunto, Frankie. Beba, minha senhora. Beba a sopa.

Vai dando a sopa à minha mãe, com uma colher, e limpa os pingos que lhe escorrem para o queixo. Eu e o Malachy estamos sentados no chão a beber a sopa por canecas. Damos a sopa à colher aos gémeos. Está deliciosa. Está quente e sabe bem. A minha mãe nunca faz sopa assim e eu pergunto a mim próprio se será possível um dia a Sra. Leibowitz vir a ser minha mãe. O Freddie podia ser eu e ter a minha mãe e o meu pai, também, e o

Malachy e os gémeos podiam ser irmãos dele. A Margaret não porque aconteceu-lhe o mesmo que ao cão que estava na rua; levaram-na. Não sei porque é que a levaram. A minha mãe diz que ela morreu no berço e isso deve ser o mesmo que ser atropelado por um carro porque depois levam-nos.

Quem me dera que a Margaret estivesse aqui a comer esta sopa. Eu podia dar-lha com uma colher como a Sra. Leibowitz está a dar à minha mãe, e ela havia de palrar e rir-se como fazia com o Pai. Já não chorava e a minha mãe já não estava na cama de dia e de noite e o meu Pai estaria a contar-me histórias do Cuchulain e eu já não ia querer que a Sra. Leibowitz fosse minha mãe. A Sra. Leibowitz é simpática, mas eu preferia ter o meu pai a contar-me histórias do Cuchulain e a Margaret a palrar e a Mãe a rir-se quando o Pai comesse a dançar com pés de chumbo.

A Minnie MacAdorey vem dar uma ajuda. Santa Mãe de Deus, Sra. Leibowitz, estes gémeos tresandam.

Deixe a Santa Mãe de Deus para lá, Minnie. Estes gémeos precisam é de um banho. Precisam de fraldas lavadas. Onde é que há fraldas limpas, Frankie?

Não sei.

A Minnie diz, As fraldas deles são farrapos. Vou buscar algumas da Maisie. Frankie, tira-lhes esses farrapos e deita isso fora.

O Malachy tira o farrapo ao Oliver e eu trato do Eugene. O alfinete-de-ama está preso e, quando ele se mexe, o alfinete solta-se e pica-o numa anca, e ele começa a chorar pela Mãe. Mas, entretanto, chega a Minnie com uma toalha, sabão e água quente. Ajudo-a a tirar a caca já seca e ela deixa-me pôr pó de talco na pele ferida dos gémeos. Ela diz que eles são uns lindos meninos e que tem uma surpresa para eles. Vai ao fundo do corredor e volta com uma grande panela com puré de batata para nós todos. As batatas têm muito sal e muita manteiga e eu pergunto a mim próprio se será possível um dia a Minnie ser minha mãe para eu poder comer sempre assim. Se a Sra. Leibowitz e a Minnie pudessem ser as duas minhas mães ao mesmo tempo, nunca teria falta de sopa nem de puré de batata.

A Minnie e a Sra. Leibowitz sentam-se à mesa. A Sra. Leibowitz diz que é preciso fazer alguma coisa. Estas crianças estão abandonadas à sua sorte. Que é feito do pai deles? Ouço a Minnie a dizer baixinho que ele saiu para ir beber. A Sra. Leibowitz diz, É terrível, terrível, a maneira como os Irlandeses bebem. A Minnie diz, O meu Dan não bebe. Nunca toca

na bebida. Diz que o Dan lhe contou que quando a bebé morreu o pobre do Malachy McCourt andou que nem um doido pela Flatbush Avenue e pela Atlantic Avenue e que foi corrido de todos os bares à volta da estação de comboios de Long Island, e que os polícias o teriam levado para a prisão se não fosse ter-lhe morrido aquela bebé encantadora.

Tem aqui quatro meninos encantadores, diz a Minnie, mas isso não lhe serve de consolo. Aquela menina fez despertar qualquer coisa nele. Sabe, ele nunca mais bebeu desde que ela nasceu, foi um milagre.

A Sra. Leibowitz quer saber onde é que estão as primas da Mãe, aquelas mulheres grandalhonas, que têm uns maridos que nunca dizem nada. A Minnie diz que vai à procura delas para lhes dizer que as crianças estão abandonadas, sem ninguém que trate delas, com os rabinhos todos feridos e tudo.

Passados dois dias o Pai regressa a casa da sua viagem à procura de cigarros. Chega a meio da noite, mas tira-nos da cama, a mim e ao Malachy. Obriga-nos a ficar em sentido na cozinha. Somos soldados. Diz que temos de prometer que morreremos pela Irlanda. Sim, Pai, prometemos.

Cantamos todos juntos o Kevin Barry,

**Foi naquela manhã em Mountjoy,
Que ainda jovem Kevin Barry deu a vida
No alto da temível forca,
Pela cansa da liberdade.
Era um jovem só com dezoito anos
E ninguém pode negar
Que naquela manhã a caminho da morte
Manteve sempre a cabeça levantada*.*

Alguém bate à porta, é o Sr. MacAdorey. Oh!, Malachy, por amor de Deus, são três da manhã. Acordaste a casa toda com essa cantoria. Oh!, Dan, só estou a ensinar os rapazes a morrerem pela Irlanda.

Podes ensiná-los a morrerem pela Irlanda de dia, Malachy. É urgente, Dan, é urgente.

Eu sei, Malachy, mas eles ainda são pequeninos. Uns bebés. Vá, agora porta-te como um homem de bem e vai para a cama.

Para a cama, Dan! O que é que eu vou fazer para a cama? Está ali a carinha dela dia e noite, os caracóis pretos e aqueles lindos olhos azuis. Oh!, meu Jesus, Dan, o que é que eu hei-de

fazer? Achas que foi de fome que ela morreu, Dan?

Claro que não. A tua mulher estava a dar-lhe de mamar. Foi Deus que a levou. Ele lá tem as suas razões.

Só mais uma canção antes de irmos para a cama, Dan. Boa noite, Malachy.

Vá, rapazes. Cantem.

**Porque amava a sua pátria,
Porque amava aquele país
Vai ao encontro do seu destino
Com um semblante orgulhoso e feliz;
Pela verdade e pela liberdade
Segue o seu caminho determinado;
O jovem Roddy McCorley vai morrer
Hoje na ponte de Toome enforcado*.*

Morrerão pela Irlanda, não é, rapazes?

Sim, Pai.

E vamos todos encontrar-nos com a vossa irmãzinha no Céu, vamos, rapazes?

Vamos, Pai.

O meu irmão está de pé com a cara encostada a uma perna da mesa e adormece. O Pai pega nele, atravessa o quarto aos tropeções com ele ao colo e põe-no na cama ao pé da minha mãe. Eu vou para a cama e o meu pai, com a mesma roupa com que estava, deita-se ao meu lado. Queria que ele pusesse os braços à minha volta, mas ele continua a cantar canções do Roddy McCorey e a falar com a Margaret, Oh!, meu amorzinho de caracóis pretos e olhos azuis, havia de te vestir de seda e levar-te ao lago Neagh, até que o dia aparece à janela e eu adormeço.

Nessa noite, o Cuchulain vem ter comigo. Tem um grande pássaro verde pousado no ombro, que continua a cantar canções ao Kevin Barry e ao Roddy McCorley, mas eu não gosto do pássaro porque, quando canta, sai-lhe sangue da boca. Cuchulain tem, numa mão, a **gae bolga**, a lança tão poderosa que só ele consegue atirar. Na outra mão traz uma banana, que está sempre a querer oferecer ao pássaro, que não faz mais nada senão dar uns pios roucos e cuspir sangue para cima dele. Gostava de saber como é que o Cuchulain aguenta um pássaro assim. Se os gémeos alguma vez cuspissem sangue para cima de mim quando eu

lhes oferecesse uma banana, acho que lhes dava com a banana na cabeça.

De manhã o meu Pai está sentado à mesa da cozinha e eu conto-lhe o meu sonho. Ele diz que naquele tempo não havia bananas na Irlanda e, mesmo que houvesse, Cuchulain nunca ofereceria nenhuma àquele pássaro, porque era o que no Verão veio de Inglaterra e se empoleirou no ombro dele, quando estava a morrer apoiado numa pedra, e quando os homens de Erin, que é a Irlanda, o quiseram matar tiveram medo, até que viram o pássaro a beber o sangue de Cuchulain e foi assim que souberam que não havia perigo em atacá-lo, aqueles malditos cobardes. Como vês, tens de ter cuidado com os pássaros, Francis, com os pássaros e com os Ingleses.

A Mãe passa a maior parte do dia metida na cama com a cara voltada para a parede. Se bebe chá ou come alguma coisa, vomita para o balde que está por debaixo da cama e eu tenho de esvaziá-lo e lavá-lo no lavatório ao fundo do corredor. A Sra. Leibowitz traz-lhe sopa e um pão esquisito, todo torcido. A Mãe tenta cortar uma fatia, mas a Sra. Leibowitz ri-se e diz-lhe que puxe. O Malachy chama-lhe pão de puxar, mas a Sra. Leibowitz diz, Não, é **challah**, e ensina-nos a dizer a palavra. Abana a cabeça. Oi, vocês, os Irlandeses. Nem que vivam para sempre hão-de aprender a dizer **challah** como os Judeus.

A Minnie MacAdorey traz batatas e couves e, às vezes, um bocado de carne. Oh!, a vida está difícil, Angela, mas aquele homem encantador, o Sr. Roosevelt, há-de arranjar emprego para toda a gente, e o teu marido terá trabalho. Pobre homem, ele não tem culpa de estar a haver uma Depressão. Passa dia e noite à procura de trabalho. O meu Dan tem sorte, há quatro anos que está na cidade e não bebe. Veio de Toome como o teu marido. Alguns bebem. Outros não. É uma praga dos Irlandeses. Agora come, Angela. Depois da perda que sofreste, tens de arranjar forças.

O Sr. Mac_Adorey diz ao Pai que se arranja trabalho na WPA (*) e, quando o Pai arranja trabalho, há dinheiro para a comida e a Mãe levanta-se para lavar os gémeos e para nos dar de comer. Quando o Pai chega a casa com o cheiro da bebida não há dinheiro e a Mãe grita com ele até os gémeos começarem a chorar, e eu e o Malachy fugimos para o parque infantil. Nessas noites a Mãe vai para a cama quase de rastos e o Pai canta as canções tristes que falam da Irlanda. Porque é que ele não a

abraça e a ajuda a adormecer como costumava fazer à minha irmãzinha que morreu? Por que é que ele não canta uma das canções da Margaret ou uma canção qualquer que lhe limpe as lágrimas? Continua a obrigar-nos, a mim e ao Malachy, a sair da cama só de camisa e a prometer que morreremos pela Irlanda. Houve uma noite em que quis que os gémeos também promettessem que morreriam pela Irlanda, mas eles ainda nem sabem falar e a Mãe gritou com ele, Meu doido malvado, não podes deixar as crianças em paz?

Ele diz que nos dá uma moeda para um gelado se prometermos morrer pela Irlanda e nós prometemos mas nunca recebemos a moeda.

A Sra. Leibowitz dá-nos sopa e a Minnie MacAdorey puré de batata, e mostram-nos como havemos de tratar dos gémeos, lavar-lhes o rabo e lavar as fraldas, quando eles as enchem de coco. A Sra. Leibowitz chama-lhes fraldas e a Minnie chama-lhes cueiros, mas não interessa o nome que eles dão àquilo, porque seja como for os gémeos enchem-nas de coco. Quando a Mãe fica na cama e o Pai sai à procura de trabalho podemos fazer o que queremos durante todo o dia. Podemos pôr os gémeos nos baloiços pequenos no parque e empurrá-los até eles ficarem com fome e começarem a chorar. O italiano chama-me do outro lado da rua. Ei, Frankie, anda cá. Tem cuidado a atravessar a rua. Os gémeos estão com fome? Dá-nos bocados de queijo, presunto e bananas, mas eu não consigo comer bananas desde que vi o pássaro a cuspir sangue para o Cuchulain.

O homem diz que se chama Sr. Dimino e que aquela senhora que está ao balcão é a mulher dele, Angela. Eu digo-lhe que a minha mãe também se chama Angela. A sério, filho? A tua mãe chama-se Angela? Não sabia que os Irlandeses tinham Angelas. Ei, Angela, a mãe dele chama-se Angela. Ela sorri e diz, Que engraçado.

O Sr. Dimino pergunta-me onde é que está a Mãe e o Pai e quem é que faz comida para nós. Eu digo-lhe que é a Sra. Leibowitz e a Minnie MacAdorey que nos dão a comida. Conto-lhe tudo das fraldas e dos cueiros e que, sejam fraldas ou cueiros, estão sempre cheios de coco e ele ri-se. Estás a ouvir isto, Angela? Graças a Deus que és italiana, Angela. Ele diz, Ouve, filho, tenho de falar com a Sra. Leibowitz. Vocês têm de ter algum parente que tome conta de vocês.

Quando virem a Minnie MacAdorey, digam-lhe que venha ter comigo. Vocês estão abandonados.

Estão duas mulheres grandalhonas à porta. Dizem, Quem és tu?
Sou o Frank.

Frank! Quantos anos tens?

Tenho quatro, quase cinco.

Não és muito grande para a tua idade, pois não?

Não sei.

A tua mãe está cá?

Está deitada.

O que é que ela está a fazer na cama em pleno dia com um tempo destes ?

Está a dormir.

Bem, nós vamos entrar. Temos de falar com a tua mãe.

Passam por mim de raspão e entram no quarto. Jesus, Maria e José, o cheiro que está neste quarto. E quem são estas crianças?

O Malachy corre para as mulheres, a sorrir. Quando ele sorri, vêem-se os dentinhos dele, muito brancos, muito direitos e muito bonitos e os olhinhos azuis dele ficam muito brilhantes e as bochechas muito coradas. Tudo isto faz com que as mulheres sorrissem e eu pergunto a mim próprio porque é que elas não sorriram quando falaram comigo.

O Malachy diz, Eu sou o Malachy e este é o Oliver e este é o Eugene, são gémeos, e aquele ali é o Frankie.

A grandalhona de cabelo castanho diz, Não és nada envergonhado, pois não? Eu sou prima da tua mãe, sou a Philomena e ela é prima da tua mãe; é a Delia. Sou a Sra. Flyn e ela é a Sra. Fortune e é assim que vocês devem tratar-nos.

Valha-me Deus, diz a Philomena. Os gémeos estão nus. Não têm roupa para eles?

O Malachy diz, Estão todos cagados.

A Delia começa a berrar. Vês. É o que acontece. Sem tento nenhum na língua, mas também não admira, sendo o pai do Norte. Isso não se diz. É uma palavra feia.

Podes ir parar ao inferno por dizeres uma palavra dessas.

O que é o inferno? pergunta o Malachy. Não hás-de tardar muito a saber, diz a Delia.

As grandalhonas estão sentadas à mesa com a Sra. Leibowitz e a Minnie MacAdorey. A Philomena diz que foi terrível o que aconteceu à bebé da Angela. Souberam do caso e uma pessoa fica a pensar o que terão feito do corpo, não é? Tu podes ter dúvidas e eu posso ter dúvidas mas o Tommy Flynn não tem. O Tommy diz que foi esse do Norte, o Malachy, que vendeu o corpo da bebé. Vendeu? diz a Sra. Leibowitz. Isso mesmo, diz a

Philomena. Vendeu. Compram corpos de todas as idades para fazerem experiências com eles e não resta muito para devolver às famílias, nem ninguém quereria bocados de um bebé se não podem ser enterrados em chão abençoado nesse estado.

Que horror, diz a Sra. Leibowitz. Não há nenhum pai nem mãe que dê um filho para tal coisa.

Dão, sim, diz a Delia, quando têm o vício da bebida. Até as mães deles seriam capazes de vender quando têm esse vício, por que não hão-de vender uma bebé que até já está morta?

A Sra. Leibowitz abana a cabeça em sinal de desaprovação e balança-se na cadeira. Oi, diz ela, oi, oi, oi. Pobre bebé. Pobre mãe. Graças a Deus que o meu marido não tem isso - como é que vocês lhe chamam? Vício? Sim, é isso, vício. Os Irlandeses é que têm esse vício.

O meu marido não, diz a Philomena. Rebentava-lhe a cara, se alguma vez me aparecesse em casa assim. Claro que o Jimmy da Delia tem o vício. Todas as sextas-feiras à noite se mete no bar.

Não precisas de começar a insultar o meu Jimmy, diz a Delia. Ele trabalha. Traz o dinheiro para casa.

É melhor ficares de olho nele, diz a Philomena. O vício pode apoderar-se dele e ficas com outro Malachy do Norte nas mãos.

Mete-te na tua vida, diz a Delia. Pelo menos o Jimmy é irlandês, não nasceu em Brooklyn como o teu Tommy.

E a Philomena fica sem resposta para isto.

A Minnie tem a bebé dela ao colo e as grandalhonas dizem que é uma bebé muito linda, muito limpinha, não é como aqueles maltrapilhos da Angela, a correrem de um lado para o outro. A Philomena diz que não sabe como é que a Angela se fez tão desmazelada porque a mãe dela era uma mulher muito asseada, podia-se comer no chão da casa dela.

Pergunto a mim próprio por que razão há-de alguém querer comer no chão, se tem uma mesa e uma cadeira.

A Delia diz que é preciso fazer alguma coisa pela Angela e por estas crianças, porque estão uma desgraça, ah isso é que estão, até fazem uma pessoa sentir-se envergonhada de ser da família deles. E preciso escrever uma carta à mãe da Angela. É a Philomena que vai escrever porque, uma vez, um professor em Limerick disse-lhe que ela tinha uma boa caligrafia. A Delia tem de explicar à Sra. Leibowitz que uma boa caligrafia quer dizer uma letra bonita.

A Sra. Leibowitz vai ao fundo do corredor buscar a caneta de

tinta permanente do marido, papel e um envelope. Sentam-se as quatro à volta da mesa a escreverem uma carta para mandarem à mãe da minha mãe:

Querida Tia Margaret,

Aqui estou a escrever-lhe esta carta e espero que a vá encontrar de boa saúde como a nós todos. O meu marido Tommy está bom, anda a trabalhar, e o marido da Delia, o Jimmy, também está bom e a trabalhar e espero que esta carta também a vá encontrar bem. Custa-me muito dizer-lhe, mas a Angela não está bem, porque lhe morreu uma bebé, uma menina que se chamava Margaret como a senhora, e a Angela desde então nunca mais foi a mesma, está sempre deitada de cara voltada para a parede. Para piorar ainda mais as coisas, está outra vez de esperanças e tanta coisa já é de mais. Mal acaba de perder uma criança e já vem outra a caminho. Em quatro anos de casada, tem cinco filhos e mais um a caminho. É para ver o que pode acontecer quando se casa com alguém do Norte porque não têm mão neles, são uma cambada de Protestantes. Ele sai todos os dias para ir trabalhar mas nós sabemos que passa o tempo todo nas tabernas e que ganha uns dólares a varrer o chão e a carregar barris mas gasta logo o dinheiro na bebida. Uma desgraça, Tia Margaret, e todos nós achamos que a Angela e as crianças estariam melhor na terra delas. Nós não temos dinheiro para lhes comprar as passagens porque a vida está muito difícil, mas talvez a senhora consiga qualquer coisa. Esperando que esta a vá encontrar de boa saúde como nós estamos, graças a Deus e à Sua Santa mãe. Desta sua sobrinha que lhe quer muito bem

Philomena Flynn (dantes era MacNamara) e por fim, mas não por lhe querer menos bem a sua sobrinha Delia Fortune (que dantes também era MacNamara, ah!, ah!, ah!)

~~

A Avó Sheehan mandou dinheiro para a Philomena e a Delia. Elas compraram os bilhetes, arranjaram uma mala de viagem na Sociedade de São Vicente de Paulo, alugaram uma camioneta para nos levar até ao porto de Manhattan, meteram-nos no navio, disseram Adeus e boa viagem, e foram-se embora.

O navio afastou-se do cais, A Mãe disse, Aquela é a Estátua da Liberdade e aquilo é Ellis Island, para onde vieram todos os imigrantes. Depois virou-se de lado e vomitou e o vento vindo do Atlântico espalhou o vomitado por cima de nós e por cima de

outras pessoas felizes a admirarem a vista. Os passageiros fugiram a praguejar, vieram gaivotas de todos os lados e a Mãe, muito pálida, amparou-se com dificuldade à balaustrada do navio.

--

Notas

[(*) WPA – Works Progress Administration, organização criada em 1935. (N.T.)]

II

Ao fim de uma semana chegámos a Molville, no condado de Donegal, onde apanhámos um autocarro para Belfast e depois outro autocarro para Toome, no condado de Antrim. Deixámos a mala numa loja, e preparámo-nos para a caminhada de quase cinco quilómetros até à casa do Avô McCourt. Estava escuro na estrada, o dia nascia lentamente nas colinas lá ao fundo.

O Pai levava os gémeos ao colo, que choravam ininterruptamente, ora um, ora outro, de fome. A Mãe tinha de parar de poucos em poucos minutos para se sentar a descansar numa pedra à beira da estrada. Nós sentávamo-nos também e íamos vendo o céu a ficar primeiro vermelho e depois azul. Os pássaros começaram a chilrear e a cantar nas árvores, e quando amanheceu, vimos uns bichos estranhos nos campos, de pé, a olharem para nós. O Malachy disse, Que bichos são aqueles, Pai?

São vacas, filho.

O que são vacas, Pai?

Vacas são vacas, filho.

Continuámos a caminhar pela estrada cada vez mais clara e vimos outros bichos nos campos, com muitos pêlos. O Malachy disse, Que bichos são aqueles, Pai?

São ovelhas, filho.

O que são ovelhas, Pai?

O meu pai, então, gritou-lhe, Será que as tuas perguntas não têm fim? As ovelhas são ovelhas, as vacas são vacas, e ali ainda está uma cabra, e uma cabra é uma cabra. A cabra dá leite, a ovelha dá lã, a vaca dá tudo. Será que ainda queres saber mais alguma coisa, santo Deus?

E o Malachy choramingou assustado, porque o Pai nunca falava assim, nunca ralhava connosco.

Podia obrigar-nos a sair da cama a meio da noite e a prometer que morreríamos pela Irlanda, mas nunca ralhava assim connosco. O Malachy foi a correr para a Mãe e ela disse-lhe, Pronto,

querido, pronto, não chores. O teu pai está cansado de levar os gémeos ao colo e é difícil responder a tantas perguntas quando se anda a atravessar meio mundo com gémeos ao colo.

O Pai pôs os gémeos no chão e estendeu os braços para o Malachy. Então, começaram os gémeos a chorar e o Malachy agarrou-se à Mãe, a soluçar. As vacas mugiram, as ovelhas baliram, a cabra berrou, os pássaros chilrearam nas árvores e, por cima de tudo isso, ouviu-se a buzina de um carro. Um homem gritou-nos de dentro do carro, Santo Deus, o que é que vocês andam a fazer por aqui a esta hora da manhã de um domingo de Páscoa?

O Pai disse, Bom dia, Padre. (*)

Pai? disse eu. É o pai do Pai? A Mãe disse, Não lhe perguntas nada.

O pai respondeu, Não, não, é um padre.

O Malachy disse, O que é um... ? mas a Mãe tapou-lhe a boca com a mão.

O padre tinha o cabelo branco e um colarinho também branco. Perguntou para onde é que íamos.

O Pai respondeu, Para casa dos McCourts de Moneyglass, lá ao cimo, e o padre levou-nos no carro dele. Disse que conhecia os McCourts, que eram boa gente, bons católicos, alguns comungavam todos os dias, e que esperava ver-nos a todos na Missa, principalmente aos pequenos Yankees que nem sabiam o que era um padre, valha-nos Deus.

Quando chegámos à casa, a minha mãe preparava-se para abrir o ferrolho do portão, mas o Pai diz, Não, por aí não. Pelo portão da frente, não. O portão da frente é só para o padre ou para os enterros.

Damos a volta à casa até à porta da cozinha. O Pai empurra a porta e vemos o Avô McCourt a beber chá de uma grande caneca e a Avó McCourt a fritar qualquer coisa.

Oh!, diz o Avô, já chegaram.

Oh!, pois já, diz o Pai. Aponta para a minha mãe e diz, Esta é a Angela. O Avô diz, Oh!, deves estar estafada, Angela. A Avó não diz nada e torna a ir tomar conta da frigideira. O Avô leva-nos da cozinha para uma grande sala onde há uma mesa comprida e cadeiras. Sentem-se, diz ele, e bebam chá. Querem *boxty*?

O Malachy diz, O que é *boxty*?

O Pai ri-se. São panquecas, filho. Panquecas feitas com batatas.

O Avô diz, Também há ovos. É Domingo de Páscoa, por isso

podem comer os ovos todos que quiserem.

Bebemos chá e comemos **boxty** e ovos cozidos e depois adormecemos. Acordo numa cama com o Malachy e os gémeos. Os meus pais estão noutra cama ao pé da janela. Onde é que eu estou? Está a ficar escuro. Isto não é o navio. A minha mãe está a ressonar e o meu pai está a roncar. Levanto-me e toco no Pai. Preciso de fazer chichi. Ele diz, Faz no bacio.

O quê?

Debaixo da cama, filho. O bacio. Tem rosas e donzelas a dançarem num vale. Faz chichi lá para dentro, filho.

Tenho vontade de lhe perguntar do que é que ele está a falar, porque mesmo estando a rebentar acho estranho fazer chichi para dentro de uma panela com rosas e donzelas a dançarem. Não tínhamos nada daquilo na Classon Avenue, onde a Sra. Leibowitz cantava na casa de banho enquanto nós esperávamos, apertados, no corredor.

Agora é o Malachy que tem de ir ao bacio, mas ele quer sentar-se nele. O Pai diz, Não, filho, não podes fazer isso. Tens de ir lá fora. Quando ele diz aquilo, eu também fico com vontade de ir lá fora para me sentar. Leva-nos pela escada abaixo, atravessamos a sala grande onde o Avô está a ler junto à lareira e a Avó está a dormir na cadeira dela. Está escuro lá fora, embora o luar seja suficientemente intenso para vermos onde estamos a pôr os pés. O Pai abre a porta de uma casinha que tem um assento com um buraco. Mostra-nos, a mim e ao Malachy, como devemos sentar-nos no buraco e como devemos limpar-nos com quadrados de papel de jornal que estão espetados num prego. Depois diz-nos para esperarmos enquanto ele vai lá dentro, fecha a porta e geme. A lua está tão brilhante que eu consigo ver os campos e aqueles bichos chamados vacas e ovelhas e pergunto a mim próprio porque não irão eles para casa.

Dentro de casa estão outras pessoas na sala com os meus avós. O Pai diz, Estas são as vossas tias: Emily, Nora, Maggie, Vera. A vossa tia Vera mora em Ballymena e tem meninos como vocês. As minhas tias não são como a Sra. Leibowitz nem como a Minnie MacAdorey. Dizem que sim com a cabeça, mas não nos abraçam nem sorriem. A Mãe vem a entrar na sala com os gémeos e quando o Pai diz às irmãs, Esta é a Angela e estes são os gémeos, elas tornam a acenar com a cabeça e mais nada.

A Avó vai para a cozinha e passado um bocado traz-nos pão com salsichas e chá. O único que fala à mesa é o Malachy. Aponta para as tias com a colher e pergunta-lhes outra vez como se chamam. Quando a Mãe lhe diz para comer a salsicha e estar

calado, ele fica com os olhos rasos de água e a Tia Nora vai ao pé dele para o reconfortar. Diz, :, Pronto, pronto, e eu pergunto a mim próprio porque é que toda a gente diz pronto, pronto, quando o Malachy chora. Gostava de saber o que, pronto, pronto, quer dizer. Ninguém fala à mesa até que o Pai diz, As coisas estão terríveis na América. A Avó diz, Oh!, pois. Li isso no jornal. Mas dizem que o Sr. Roosevelt é um bom homem, e se lá tivesses ficado talvez a esta hora já tivesses trabalho. O Pai abana a cabeça e a Avó diz, Não sei o que vais fazer, Malachy. As coisas aqui ainda estão piores do que na América. Não há trabalho e Deus bem sabe que não temos espaço nesta casa para mais seis pessoas.

O Pai diz, Pensei que podia trabalhar numa das quintas. Podíamos arranjar uma casinha para nós.

E onde é que ficavam até lá? diz a Avó. E como é que ias ganhar para ti e para a tua família?

Oh!, podia ir para o desemprego, acho eu.

Não se pode desembarcar de um navio vindo da América e ir para o desemprego, diz o Avô. Obrigam-te a esperar algum tempo e o que é que vais fazer enquanto estás à espera? O Pai não diz nada e a Mãe olha em frente para a parede. Era melhor ires para o Estado Livre, diz a Avó. Dublin é grande e certamente que há trabalho lá ou nas quintas à volta. Também tens direito a dinheiro do IRA, diz o Avô. Contribuíste com a tua parte e eles têm estado a dar dinheiro a homens de todo o Estado Livre. Podias ir para Dublin e pedir ajuda. Podemos emprestar-te o dinheiro para o bilhete da camioneta até Dublin. Os gémeos podem ir sentados ao teu colo e assim já não tens de pagar bilhete para eles.

Pai diz, Oh!, pois, e a Mãe olha para a parede, mas tem lágrimas nos olhos.

Depois de comermos fomos para a cama e, na manhã seguinte, todos os adultos estavam sentados com uma cara triste. Passado pouco tempo chegou um homem num carro e levou-nos estrada abaixo até à loja onde tínhamos deixado a nossa mala. Puseram a mala no tejadilho de um autocarro e nós entramos para dentro do autocarro. O Pai disse que íamos para Dublin. O Malachy perguntou, O que é Dublin? mas ninguém lhe respondeu. O Pai levou o Eugene ao colo e a Mãe levou o Oliver. O Pai olhou para os campos e disse-me que era ali que Cuchulain gostava de passear. Perguntei-lhe onde é que Cuchulain tinha acertado com a bola na boca do cão e ele disse que tinha sido uns quilómetros mais à frente.

O Malachy disse, Olhem; olhem, e nós olhámos. Era um grande lençol de água prateada e o Pai disse que era o lago Neagh, o maior lago da Irlanda, o lago onde Cuchulain costumava nadar depois das grandes batalhas.

Cuchulain ficava a escaldar tanto que, quando saltava para o lago Neagh, ele começava a ferver e aquecia os campos em volta durante dias a fio. Qualquer dia havíamos de voltar todos ali e ir nadar como Cuchulain fazia. Havíamos de pescar enguias e fritá-las numa frigideira e não fazer como Cuchulain, que as apanhava no lago e as engolia, a contorcerem-se, porque as enguias dão muita força.

É verdade, Pai

É.

A Mãe não olhou pela janela para o lago Neagh. Tinha a cara apoiada na cabeça do Oliver e os olhos pousados no chão do autocarro.

Passado pouco tempo o autocarro chega a um lugar com casas grandes, carros, cavalos a puxarem carroças, pessoas a andarem de bicicleta e centenas de pessoas a andarem a pé. O Malachy fica todo excitado. Pai, Pai, onde é que está o parque infantil, os baloiços? Quero ver o Freddie Leibowitz.

Oh!, filho, agora estamos em Dublin, muito longe da Classon Avenue. Estás na Irlanda, muito longe de Nova Iorque.

Quando chegamos à estação, o autocarro pára, tiram a mala do tejadilho e pousam-na no chão. O Pai diz à Mãe que se sente num banco na estação enquanto ele vai falar com o homem do IRA a um lugar chamado Terenure. Diz que há casas de banho na estação para os rapazes, que não se demora e que quando voltar vai ter dinheiro para comermos todos. Diz-me para ir com ele, mas a Mãe diz, Não, preciso que ele me ajude. Mas quando o Pai diz, Vou precisar de ajuda para trazer aquele dinheiro todo, ela dá uma gargalhada e diz, Está bem, vai com o teu paizinho.

O teu paizinho. Quer dizer que está bem-disposta. Quando ela diz o teu pai é porque está zangada.

Eu vou quase a correr para conseguir acompanhar o Pai e ele dá-me a mão. Ele anda depressa, é muito longe até Terenure. Pode ser que ele me leve ao colo como fez com os gémeos em Toome. Mas ele continua a caminhar com grandes passadas e não diz nada a não ser quando pergunta a alguém onde é que fica Terenure. Passado algum tempo diz que já chegámos a Terenure e que agora temos de descobrir o Sr. Charles Heggarty do IRA. Um homem com uma venda cor-de-rosa num olho diz-nos que é mesmo naquela rua, que o Charlie Heggarty mora no número catorze,

raios o partam. O homem diz ao Pai, Vejo que você também deu o seu contributo. O Pai diz, Oh!, pois dei, e o homem diz, Também eu dei, e a única coisa que consegui foi ficar sem um olho e com uma pensão que não dá nem para alimentar um canário.

Mas agora a Irlanda é livre, e isso é muito bom. Livre, uma merda, diz o homem. Acho que vivíamos melhor com os Ingleses a mandarem em nós. Bem, seja como for, desejo-lhe boa sorte, pois sei ao que vem.

Uma mulher abre a porta do número catorze. Lamento muito, mas o Sr. Heggarty está ocupado. O Pai diz-lhe que andou aquele caminho todo desde o centro de Dublin com o filho ainda pequenino, e que deixou a mulher e mais três filhos à espera na estação das camionetas, e que se o Sr. Heggarty está assim tão ocupado, ele fica à porta à espera. A mulher volta passado um minuto para dizer que o Sr. Heggarty pode recebê-lo por um instante e manda-o entrar. O Sr. Heggarty está sentado a uma secretária ao lado de uma lareira chamejante. Pergunta, Em que posso ajudá-lo? O Pai está de pé em frente da secretária e diz, Acabei de regressar da América com mulher e quatro filhos. Não temos nada. Combati numa Unidade Móvel durante a Guerra e tenho esperanças de que me possa ajudar agora num momento de necessidade.

O Sr. Heggarty toma nota do nome do Pai e folheia um livro enorme que tem em cima da secretária. Abana a cabeça e diz, Não, não tenho aqui registo nenhum de que tenha combatido.

O Pai faz um longo discurso. Conta ao Sr. Heggarty como combateu, quando, onde, como teve de sair da Irlanda às escondidas por Ter a cabeça a prêmio e como tem ensinado aos seus filhos a amarem a Irlanda.

O Sr. Heggarty diz que lamenta muito, mas que não pode dar dinheiro a todos os homens que ali aparecem a dizerem que deram o seu contributo. O Pai vira-se para mim e diz, Nunca te esqueças disto, Francis. Esta é a nova Irlanda. Homens pequeninos em cadeiras pequeninas com papelinhos pequeninos. Esta é a Irlanda por que tantos homens morreram.

O Sr. Heggarty diz que vai ver o que pode fazer pelo pedido do Pai e que depois lhe dirá. Vai dar-nos dinheiro para podermos regressar à cidade de autocarro. O Pai olha para as moedas que o Sr. Haggerty tem na mão e diz, Podia juntar aí qualquer coisa para uma cerveja.

Ah!, então o que você quer é bebida, não é?

Não se pode dizer que uma cerveja seja bebida.

Não se importava de fazer o caminho todo a pé e obrigar a

criança a andar para poder beber uma cerveja, não era? Andar nunca matou ninguém.

Saia imediatamente desta casa, diz o Sr. Haggerty, se não chamo um polícia e pode ter a certeza de que não terá notícias minhas. Não andamos a dar dinheiro para sustentar a família Guinness. A noite cai sobre as ruas de Dublin. As crianças riem e brincam à luz dos candeeiros, as mães vêm à porta chamá-las, sente-se o cheiro da comida vindo de todos os lados, pelas janelas vimos pessoas sentadas à mesa a comerem. Estou cansado e com fome e queria que o Pai me levasse ao colo mas sei que agora não vale a pena pedir-lhe, porque a cara dele está muito séria e zangada. Deixo-o ir de mão dada comigo e corro para acompanhar o passo dele até que chegamos à estação das camionetas onde a Mãe ficou à espera com os meus irmãos.

Estão todos a dormir no banco, a minha mãe e os meus três irmãos.

Quando o Pai diz à Mãe que não arranjou dinheiro, ela abana a cabeça e diz a soluçar, Oh!, meu Jesus, o que é que nós vamos fazer? Um homem de farda azul vem ter com ela e pergunta-lhe, O que foi, minha senhora? O Pai diz-lhe que estamos ali na estação desamparados, sem dinheiro e sem sítio nenhum onde ficar e que as crianças estão cheias de fome. O homem diz que está a acabar o turno dele e que nos vai levar até ao quartel da polícia, tem de lá ir de qualquer maneira, e lá há-de ver o que se pode arranjar.

O homem de farda diz-nos que podemos tratá-lo por Sr. Guarda. É o nome que se dá aos polícias na Irlanda. Pergunta-nos como é que se chamam os polícias na América e o Malachy diz *cop*. O guarda faz-lhe uma festinha na cabeça e diz-lhe que ele é um Yankee pequenino, mas muito esperto.

No quartel da polícia está um sargento que nos diz que podemos passar lá a noite. Tem muita pena, mas não tem nenhum sítio onde possamos dormir a não ser no chão. É quinta-feira e as celas estão todas cheias de homens que gastaram o dinheiro todo do desemprego na bebida e tiveram de ser arrastados à força dos bares.

Os guardas dão-nos chá quente, doce e fatias grossas de pão com muita manteiga e compota e nós ficamos tão contentes que começamos a correr pelo quartel, a brincar. Os guardas dizem que somos um belo punhado de Yankees e perguntam-nos se gostávamos de ir morar com eles mas eu digo, Não, o Malachy diz, Não, os gémeos dizem, Não, não, e todos os guardas se riem. Os homens que estão nas celas estendem os braços para nos

fazerem festas na cabeça, têm o mesmo cheiro do Pai quando vem para casa a cantar as canções onde o Kevin Barry e o Roddy McCorley vão morrer. Os homens dizem, Santo Deus, ouçam só isto. Parecem esses diabos das estrelas de cinema. Vocês caíram do céu ou quê? As mulheres que estão nas celas do outro lado dizem ao Malachy que ele é um amor e que os gémeos são uma maravilha. Uma das mulheres começa a falar comigo, Anda cá, querido, gostavas de comer um rebuçado? Eu digo que sim com a cabeça e ela diz, Então, está bem. Abre a mão. Tira uma coisa pegajosa de dentro da boca e põe-na na mão. Toma, diz ela, um bocado de rebuçado de manteiga. Põe na tua boca. Eu não quero pôr aquilo na minha boca porque está pegajoso e húmido da boca dela, mas não sei o que se deve fazer quando uma mulher numa cela nos dá um rebuçado de manteiga pegajoso e estou quase a pô-lo na boca quando aparece um guarda, que pega no rebuçado e torna a atirá-lo à mulher. Sua puta bêbeda, diz ele, deixe a criança em paz, e todas as mulheres desatam a rir.

O sargento dá um cobertor à minha mãe e ela dorme deitada em cima de um banco. Nós dormimos todos no chão. O Pai fica sentado, encostado à parede, com os olhos abertos por baixo da pala do boné, e fuma quando os guardas lhe dão um cigarro. O guarda que atirou o rebuçado à mulher diz que é de Ballymena, no Norte, e conversa com o Pai sobre pessoas que eles conhecem de lá e de outros sítios como Cushendall e Toome.

O guarda diz que qualquer dia vai começar a receber a reforma e vai viver para as margens do lago Neagh e há-de passar os dias a pescar. Enguias, diz ele, muitas enguias. Meu Deus, o que eu gosto de uma enguia frita. Eu pergunto ao Pai, Ele é o Cuchulain? e o guarda ri-se tanto que fica com a cara toda vermelha. Santa Mãe de Deus, ouviram isto? O miúdo quer saber se eu sou o Cuchulain. Um Yankee tão pequenino e sabe a história toda do Cuchulain. O Pai diz, Não, não é o Cuchulain, mas é um bom homem que há-de viver nas margens do lago Neagh e passar os dias a pescar.

O Pai está a abanar-me. Levanta-te, Francis, levanta-te. Há muito barulho no quartel. Um rapaz, que está a limpar o chão, está a cantar,

**Todos sabem porque quis o teu beijo
Tinha de ser, eu sou assim
Seria possível alguém como tu
Apaixonar-se por mim?**

Digo-lhe que aquela canção é da minha mãe e que ele tem de parar de a cantar, mas ele continua a fumar o cigarro e afasta-se e eu pergunto a mim próprio por que é que as pessoas cantam as canções das outras pessoas. Os homens e as mulheres que vêm a sair das celas bocejam e resmungam. A mulher que me deu o rebuçado pára e diz, Eu tinha bebido uns copos, pequenino. Desculpa ter feito pouco de ti, mas o guarda de Ballymena diz-lhe, Mexe-me essas pernas, puta velha, se não queres que te tranque outra vez lá dentro.

Oh!, podes trancar-me, diz ela. Dentro ou fora, não interessa, meu sacana.

A Mãe está sentada no banco, embrulhada no cobertor. Uma mulher de cabelo grisalho traz-lhe uma caneca de chá e diz-lhe, Sou a mulher do sargento e ele disse-me que talvez precisasse de alguma coisa. Quer um ovinho cozido, minha senhora?

A Mãe abana a cabeça e diz, Não.

Ora, minha senhora, fazia-lhe bem comer um ovo no estado em que está.

Mas a Mãe torna a abanar a cabeça e eu pergunto a mim próprio como é que é possível que ela diga que não quer um ovo cozido quando não há nada no mundo tão bom como isso. Está bem, minha senhora, diz a mulher do sargento, então um bocadinho de pão torrado e qualquer coisa para as crianças e para o pobre do seu marido.

Vai para outra casa e passado um bocado traz chá e pão. O Pai bebe chá mas dá-nos o pão dele e a Mãe diz, Come o pão por amor de Deus. Não vais servir para nada se andares a cair de fome. Ele diz que não com a cabeça e pergunta à mulher do sargento se por acaso não lhe podia arranjar um cigarro. Ela traz o cigarro e diz à Mãe que os guardas do quartel fizeram um peditório para arranjar dinheiro para nos pagarem o bilhete de comboio para Limerick. Há-de vir um carro buscar a vossa mala e levar-vos para a estação de comboios de Kingsbridge. Estarão em Limerick daqui a três ou quatro horas.

A Mãe abraça a mulher do sargento. Deus a abençoe a si, ao seu marido e a todos os guardas, diz a Mãe. Não sei o que seria de nós sem vocês. Deus bem sabe como é bom estarmos ao pé da nossa gente.

Era o mínimo que podíamos fazer, diz a mulher do sargento. Tem uns lindos meninos e eu também sou de Cork e sei o que é estar em Dublin sem um tostão no bolso. Pai está sentado na outra ponta do banco, a fumar o cigarro e a beber o chá dele.

Fica lá até chegar o carro que nos vai levar pelas ruas de Dublin. O Pai pergunta ao condutor se não se importava de passar pelo GPO (*) e o condutor diz, Precisa de algum carimbo? Não, diz o Pai. Ouvi dizer que fizeram uma estátua nova de Cuchulain em homenagem aos homens que morreram em 1916 e eu gostava de a mostrar aqui ao meu filho que tem uma grande admiração pelo Cuchulain.

O condutor diz que não faz a mínima ideia de quem seja esse tal Cuchulain, mas que não se importa de parar um bocadinho. Até pode lá entrar também e ver o que por lá há porque não vai ao GPO desde criança, quando os Ingleses quase o destruíram a disparar aqueles grandes canhões do rio Liffey. Diz que a frontaria está cheia de buracos de balas e que é bom que os deixem lá ficar para lembrar aos Irlandeses a perfídia dos Ingleses. Eu pergunto ao homem o que é perfídia e ele diz pergunta ao teu pai e quando eu vou a perguntar paramos em frente de um grande prédio com colunas que é o GPO.

A Mãe fica no carro enquanto nós seguimos atrás do condutor para o GPO. Lá está ele, diz o homem, lá está o teu Cuchulain.

E eu sinto as lágrimas a caírem-me dos olhos porque finalmente estou a vê-lo, Cuchulain, ali em cima do pedestal no GPO. É dourado e tem uns cabelos muito compridos, a cabeça tombada e um grande pássaro pousado em cima do ombro.

O condutor diz, Digam-me lá, em nome de Deus, o que vem a ser isto tudo? O que é que aquele tipo está a fazer com aqueles cabelos compridos e o pássaro pousado no ombro? E será que você é capaz de me dizer o que é que isto tudo tem a ver com os homens de 1916?

O Pai diz, Cuchulain combateu até ao fim como os homens da Semana da Páscoa. Os inimigos tinham medo de se aproximarem dele enquanto não tivessem a certeza de que ele estava morto e quando o pássaro pousou nele e bebeu o seu sangue, ficaram a saber que estava morto.

Bem, diz o condutor, triste é o dia em que os Irlandeses precisarem de um pássaro para saberem que um homem está morto. Acho que agora é melhor irmos andando, se não perdemos o comboio para Limerick.

A mulher do sargento disse que ia mandar um telegrama para a Avó, para ela nos ir esperar a Limerick, e quando chegamos lá está ela na gare, a Avó, com cabelo branco, um olhar amargo, um xaile preto e sem um sorriso, seja para a minha mãe, seja para nós, seja para o meu irmão Malachy, que tinha aquele grande sorriso lindo e uns dentinhos brancos amorosos. A Mãe apontou

para o Pai e disse, Este é o Malachy, e a Avó acenou com a cabeça e desviou os olhos. Chamou dois rapazes que andavam pela estação e pagou-lhes para levarem a mala. Os rapazes tinham a cabeça rapada, o nariz ranhoso, e estavam descalços, e nós seguimo-los pelas ruas de Limerick. Perguntei à Mãe porque é que eles não tinham cabelo e ela disse que lhes tinham rapado a cabeça para os piolhos não terem sítio para se esconderem. O Malachy disse, O que é um piolhos? e a Mãe disse, Não é assim que se diz. Um só é um piolho. A Avó disse, Parem com isso! Que conversa é essa? Os rapazes iam a assobiar e a rir-se e a andar como se tivessem sapatos e a Avó disse-lhes, Parem com a risota se não a mala ainda vai parar ao chão e escavar-se toda. Eles pararam de assobiar e de rir e nós continuámos atrás deles e chegámos a um parque com um pilar muito alto e uma estátua lá no meio e uma relva tão verde que até fazia doer os olhos.

O Pai levava os gémeos, a Mãe levava um saco numa mão e ia com a outra mão dada ao Malachy. Quando parou por um instante para recuperar o fôlego, a Avó disse-lhe, Continuas a fumar? Os cigarros hão-de ser a tua morte. Já há gente de mais a morrer em Limerick por causa da tuberculose, quanto mais se fumarem e para mais é um vício de ricos.

Ao longo do caminho pelo meio do parque havia centenas de flores de todas as cores, e os gémeos estavam encantados. Apontavam e davam gritinhos e nós ríamo-nos todos excepto a Avó, que puxou o xaile para cima da cabeça. O Pai parou e pôs os gémeos no chão para eles ficarem mais perto das flores e disse, Flores, e eles corriam de um lado para o outro, a apontarem e a tentarem dizer Flores. Um dos rapazes da mala disse, Meu Deus, eles são americanos? e a Mãe disse, São. Nasceram em Nova Iorque. Os miúdos nasceram todos em Nova Iorque. O rapaz disse para o outro rapaz, Santo Deus, são todos americanos. Pousaram a mala no chão e puseram-se a olhar para nós e nós a olharmos para eles até que a Avó disse, Vão ficar aí o dia todo a verem as flores e a olharem uns para os outros com cara de pasmados? E, então, pusemo-nos outra vez a caminho, saímos do parque, descemos uma rua estreita em direcção a outra rua onde ficava a casa da Avó.

Há uma fila de casas pequenas de cada lado da rua e a Avó vive numa dessas casas pequenas. Na cozinha tem um fogão de ferro preto brilhante e polido, com uma chama acesa na grelha. Há uma mesa encostada à porta por baixo da janela e em frente um armário com chávenas, pires e copos. O armário está sempre fechado à chave e a chave anda sempre dentro da bolsa da Avó

porque não se pode mexer naquela loiça a não ser quando alguém morre ou regressa de longe ou quando o padre faz uma visita.

Ao pé do fogão há um quadro na parede de um homem com cabelo castanho comprido e uns olhos tristes. Está a apontar para o peito onde tem um coração muito grande com chamas a saírem de lá de dentro. A Mãe diz-nos, Aquilo é o Sagrado Coração de Jesus e eu pergunto porque é que o coração do homem está a arder e porque é que Ele não deita água lá para cima. A Avó diz, Estas crianças não sabem nada da religião delas? e a Mãe responde-lhe que na América é diferente. A Avó diz que o Sagrado Coração existe em toda a parte e que não há desculpa para tamanha ignorância.

Por baixo do retrato do homem com o coração a arder há uma prateleira com um copo vermelho com uma vela acesa lá dentro e ao lado uma pequena estátua. A Mãe diz-nos, Aquele é o Menino Jesus de Praga, e se alguma vez precisarem de alguma coisa rezem-lhe a Ele.

O Malachy diz, Mãe, posso dizer-lhe que tenho fome, e a Mãe põe o dedo em cima dos lábios.

A Avó anda pela cozinha a resmungar. Está a fazer chá e diz à Mãe que corte o pão, mas que não corte as fatias muito grossas. A Mãe senta-se junto à mesa, está-lhe a custar respirar e diz que já corta o pão. O Pai pega na faca e começa a cortar o pão e percebe-se que isso não agrada nada à Avó. Olha para ele de sobrolho franzido mas não diz nada, apesar de ele estar a cortar fatias grossas.

Não há cadeiras para todos e, por isso, eu e os meus irmãos sentamo-nos na escada a comer pão e a beber chá. O Pai e a Mãe sentam-se à mesa e a Avó senta-se por baixo do Sagrado Coração com a caneca de chá na mão. Diz, Valha-me Deus, que não sei o que hei-de fazer de vocês. Não tenho espaço cá em casa. Não tenho espaço nem sequer para um de vocês.

O Malachy diz, Vocês, vocês, e começa às risadinhas e eu digo, Vocês, vocês, e os gémeos dizem, Vocês, vocês, e às tantas estamos todos a rir de tal maneira que nem conseguimos comer o pão.

A Avó deita-nos uns olhos muito zangados. De que é que estão a rir? Não há nada que faça rir nesta casa. É melhor que vocês se portem bem antes que eu vá tratar de vocês.

Não pára de dizer Vocês, e o Malachy fica com um ataque de riso, cospe o pão e o chá e está com a cara toda vermelha.

O Pai diz, Malachy, vocês todos, parem com isso. Mas o Malachy não consegue, continua a rir, até que o Pai diz, Anda

cá. Arregaça as mangas do Malachy e levanta a mão para lhe dar uma palmada no braço.

Vais portar-te como deve ser ou não?

O Malachy fica com os olhos cheios de lágrimas e diz que sim com a cabeça, porque o Pai nunca tinha levantado assim a mão. O Pai diz, Porta-te bem e vai sentar-te ao pé dos teus irmãos, e puxa-lhe as mangas para baixo e faz-lhe uma festinha na cabeça.

Nessa noite, a irmã da Mãe, a Tia Aggie, chegou do trabalho numa fábrica de roupa. Era grande como as irmãs MacNamara e tinha uma cabeleira ruiva flamejante. Vinha numa bicicleta enorme, que deixou na casinha atrás da cozinha e veio cear connosco. Estava a morar em casa da Avó porque tinha tido uma discussão com o marido, o Pa Keating, que depois de ter estado a beber lhe disse, És uma vaca gorda, vai para casa da tua Mãe. Foi o que a Avó contou à Mãe e era por isso que não havia espaço para nós em casa da Avó. Moravam lá ela, a Tia Aggie e o filho, o Pat, que era meu tio e que andava a vender jornais.

A Tia Aggie refilou quando a Avó lhe disse que a Mãe tinha de dormir com ela naquela noite. A Avó disse-lhe, Cala essa boca. É só por uma noite, não vais morrer por causa disso, e se não estás bem, vai para casa do teu marido que é onde devias estar em vez de te vires meter em minha casa. Valha-me Jesus, Maria e São José, vejam-me só esta casa, tu e o Pat e a Angela mais o bando de americanos dela. Será que eu vou poder ter paz no fim dos meus dias? Espalha casacos e trapos pelo chão do quarto pequenino nas traseiras e é aí que dormimos ao pé da bicicleta. O Pai ficou numa cadeira na cozinha, levou-nos à casa de banho no pátio das traseiras quando precisámos de lá ir, e durante a noite tentou fazer calar os gémeos quando eles choravam com frio.

De manhã, a Tia Aggie veio buscar a bicicleta e disse-nos, Vejam lá o que fazem, estão a ouvir? Saíam do caminho! Quando se foi embora, o Malachy continua a dizer, Vejam lá o que fazem, estão a ouvir? Saíam do caminho!, e eu ouvi o Pai a rir-se na cozinha, até que a Avó desceu a escada e ele teve de dizer ao Malachy para estar calado.

Nesse dia a Avó e a Mãe saíram e conseguiram arranjar um quarto mobilado na Windmill Street, onde ficava a casa da Tia Aggie e do marido, o Pa Keating. A Avó pagou a renda, dez xelins por duas semanas. Deu dinheiro à Mãe para a comida e emprestou-nos uma chaleira, uma panela, uma frigideira, facas e colheres, frascos de compota para servirem de canecas, um cobertor e uma almofada. Disse que não podia dar-nos mais nada

e que o Pai tinha de alçar o rabo e arranjar trabalho, ou ir para o desemprego ou pedir ajuda na Sociedade de São Vicente de Paulo, ou viver da caridade.

O quarto tinha uma chaminé onde podíamos aquecer água para o chá ou cozer um ovo, se alguma vez tivéssemos dinheiro para isso. Tínhamos uma mesa, três cadeiras e uma cama, que a Mãe disse que era a maior que já alguma vez tinha visto. Estávamos contentes por termos a cama nessa noite, depois de tantas noites a dormir no chão em Dublin e em casa da Avó. Não fazia mal sermos seis numa cama só, estávamos todos juntos, longe de avós e de guardas, o Malachy podia dizer vocês, vocês, vocês e nós podíamos rir à nossa vontade.

O Pai e a Mãe estavam à cabeceira da cama, eu e o Malachy aos pés e os gémeos aninharam-se onde puderam. O Malachy tornou a fazer-nos rir, a dizer vocês, vocês, vocês, e depois adormecemos. A Mãe ressonou com aquele barulho que costumava fazer quando estava a dormir. Com a luz do luar, conseguia ver a cama toda e vi que o Pai continuava acordado e, quando o Oliver chorava a dormir, o Pai pegava-lhe ao colo e dizia, Pronto, pronto.

Depois foi o Eugene que se sentou, a gritar e a bater nele próprio, Ai, ai, Mãe, Mãe. O Pai sentou-se. O que é? O que é, filho? O Eugene continuava a chorar e quando o Pai saltou da cama e acendeu o candeeiro a gás, vimos as pulgas, a pularem e a saltarem agarradas ao nosso corpo. Começámos às palmadas a elas, mas elas saltavam de um corpo para outro, saltavam e mordiam. Coçávamos o sítio onde elas mordiam até ficar a deitar sangue. Saltámos da cama, os gémeos a chorarem, a Mãe a lastimar-se, Oh!, meu Deus, será que nunca vamos ter descanso na vida? O Pai pôs água e sal num frasco de compota para nos salpicar as feridas. O sal fazia arder, mas ele disse que ia passar num instante.

A Mãe sentou-se ao pé da chaminé com os gémeos ao colo. O Pai enfiou as calças e arrastou o colchão para fora da cama, até à rua. Encheu a chaleira e a panela de água, pôs o colchão encostado à parede, começou a bater-lhe com um sapato e disse-me para ir deitando água para o chão para as pulgas que caíssem morrerem afogadas. O luar de Limerick era tão intenso que eu via-o a brilhar na água e queria apanhar bocadinhos de lua mas não conseguia por causa das pulgas a saltarem-me nas pernas. O Pai continuava a bater no colchão com o sapato e eu tinha de atravessar a casa a correr para ir ao pátio das traseiras buscar mais água na chaleira e na panela. A Mãe disse, Olha o

estado em que estás. Com esses sapatos encharcados apanhas uma doença que ainda te mata e o teu pai assim descalço de certeza que vai apanhar uma pneumonia.

Um homem que vinha de bicicleta parou ao pé de nós e perguntou porque é que o Pai estava a bater o colchão. Santa Mãe de Deus, disse ele, nunca ouvi tal remédio para as pulgas. Sabem que se o homem conseguisse saltar como as pulgas bastava um salto para o levar até metade da distância até à lua? O que você tem a fazer é, quando levar o colchão outra vez para dentro de casa ponha-o na cama voltado para baixo que é a maneira de confundir as malvadas. Não sabem onde é que estão e põem-se a morder o colchão ou a morderem-se umas às outras. É o melhor remédio. Depois de morderem uma pessoa, ficam doidas, sabia, são muitas pulgas juntas que morderam pessoas e o cheiro a sangue é forte de mais para elas, e elas endoidecem. São um verdadeiro tormento, e eu que o digo que fui criado aqui em Limerick, na Irishtown, e lá havia tantas pulgas e tão atrevidas que eram capazes de ficar pousadas no pé de um tipo a discutir com ele a terrível história da Irlanda. Diz-se que antigamente não havia pulgas na Irlanda, que foram trazidas pelos Ingleses para nos fazerem enlouquecer, e não me admira nada que tenham sido os Ingleses. Não deixa de ser engraçado que S. Patrick tenha levado as cobras da Irlanda e que os Ingleses tenham trazido as pulgas. Durante séculos a Irlanda foi um lugar encantador, livre das cobras e sem uma pulga. Podia-se correr toda a Irlanda sem medo das cobras e podia-se dormir a noite toda sem ser atacado pelas pulgas. As cobras não faziam mal, não incomodavam ninguém desde que não as atacassem e alimentavam-se de outros bichos que também andavam pelos arbustos e coisas assim, ao passo que as pulgas nos sugam o sangue de manhã à noite, porque é essa a natureza delas e não podem passar sem isso. Ouvi dizer que nos sítios onde há muitas cobras não há pulgas. Por exemplo, no Arizona. Sempre se ouviu falar das cobras do Arizona, mas já alguma vez ouviu falar das pulgas do Arizona? Desejo-lhe boa sorte. Tenho de ter cuidado, porque se se mete alguma na minha roupa ainda levo a família toda para casa. Multiplicam-se mais depressa que os Hindus.

O Pai disse, Não tem por acaso um cigarro que me dê? Um cigarro? Claro que tenho. Aqui tem. Os cigarros quase acabaram comigo. É a tosse, sabe. Às vezes é tão forte que quase caio da bicicleta. Sinto a tosse a fervilhar no meu plexo solar e a subir-me pelas entranhas e, a seguir, quase que me arranca a cabeça.

Tirou um fósforo da caixa, acendeu um cigarro para ele e passou o fósforo ao Pai. Quando se vive em Limerick, acaba-se sempre por ter esta tosse, disse ele, porque esta cidade é a capital dos peitos fracos e com o peito fraco apanha-se tuberculose. Se todas as pessoas de Limerick que têm tuberculose morressem, seria uma cidade fantasma, embora eu não seja tuberculoso. Não, esta tosse foi uma recordação dos Alemães. Parou, puxou o fumo do cigarro e teve um ataque de tosse. Raios me partam, desculpe esta linguagem, mas os cigarros hão-de dar conta de mim. Bem, agora vou deixá-lo com o seu colchão e não se esqueça do que eu lhe disse, faça essas malditas ficarem confusas.

Foi-se embora aos ziguezagues, com o cigarro pendurado no lábio e o corpo a estremecer com a tosse. O Pai disse, Os homens de Limerick falam de mais. Vamos levar o colchão para dentro para ver se se dorme esta noite.

A Mãe estava sentada à chaminé com os gémeos ao colo a dormirem e o Malachy no chão, aninhado aos pés dela. Perguntou, Com quem é que estavas a falar? Parecia mesmo o Pa Keating, o marido da Aggie. Pela tosse, pareceu-me ser ele. Apanhou aquela tosse em França, no tempo da guerra, por engolir o gás.

Dormimos o resto da noite, e de manhã vimos o festim que as pulgas tinham tido, pelas manchas rosadas nos sítios onde nos tinham picado e brilhantes por causa do sangue que tínhamos feito a coçar-nos.

A Mãe fez chá e pão frito, e o Pai tornou a molhar-nos as feridas com água salgada. Tornou a levar o colchão lá para fora, para o pátio das traseiras. Num dia tão frio como aquele as pulgas iam de certeza morrer congeladas e nós iríamos dormir em paz.

Uns dias depois de estarmos instalados naquele quarto, o Pai sacode-me e arranca-me do meu sonho. Levanta-te, Francis, levanta-te. Veste-te e vai chamar a tua tia Aggie. A tua mãe precisa dela. Vai depressa.

A Mãe está na cama a gemer, sem pinga de sangue na cara. O Pai tira o Malachy e os gémeos da cama e senta-os no chão ao pé da chaminé apagada. Eu atravesso a rua a correr e bato à porta da Tia Aggie até que o Tio Pa Keating aparece a tossir e a resmungar, O que é que foi? O que é que foi?

A minha mãe está a gemer na cama. Acho que está doente.

A seguir aparece a Tia Aggie, também a resmungar. Vocêses não fazem outra coisa senão dar trabalho desde que vieram da América.

Deixa-o em paz, Aggie. O miúdo só está a fazer o que lhe mandaram.

Ela diz ao Tio Pa que vá para a cama, porque tem de ir trabalhar de manhã, não é como certos homens do Norte, cujos nomes ela não vai dizer. Mas ele diz, Não, não, também vou. A Angela precisa de ajuda.

O Pai manda-me sentar ao pé dos meus irmãos. Não sei o que é que aconteceu à minha mãe porque está toda a gente a falar baixinho e só a custo é que ouço a Tia Aggie dizer ao Tio Pa, Ela perdeu a criança, vai chamar a ambulância, e o Tio Pa sai logo de casa, e a Tia Aggie diz à Mãe, Podem dizer tudo o que quiserem de Limerick, mas lá que a ambulância é rápida, lá isso é. Nunca fala para o meu pai, nem sequer olha para ele.

O Malachy diz, Pai, a Mãe está doente?

Oh!, filho, ela vai ficar boa. Só tem de ir ao médico. Pergunto a mim próprio qual terá sido a criança que ela perdeu, porque estamos todos ali, um, dois, três, quatro, estamos todos, não se perdeu criança nenhuma, e porque é que não me dizem o que é que a minha mãe tem. O Tio Pa chega e logo atrás dele vem a ambulância. Um homem com uma maca entra dentro da nossa casa e, quando ele leva a Mãe, ficam manchas de sangue no chão ao pé da cama. Quando o Malachy mordeu a língua deitou sangue, e o cão que estava na rua também tinha sangue e depois morreu. Queria perguntar ao Pai se a Mãe se vai embora para sempre como a minha irmã Margaret, mas ele foi com a Mãe e não vale a pena perguntar nada à Tia Aggie, porque ela até seria capaz de nos arrancar a cabeça. Ela limpa as manchas de sangue, manda-nos para a cama e fica lá em casa até o Pai chegar.

Já é de noite, estamos os quatro na cama muito quentinhos e adormecemos, até que o Pai chega a casa e nos diz que a Mãe está bem, está no hospital a ser muito bem tratada e está quase a vir para casa.

Mais tarde, o Pai vai à Bolsa de Emprego pedir o subsídio. Não vale a pena ter esperanças, porque um homem com sotaque do Norte nunca vai arranjar trabalho em Limerick. Quando chega a casa, diz à Mãe que vai receber dezanove xelins por semana. Ela diz que isso chega para morrermos todos de fome. Dezanove xelins para seis pessoas? É menos do que quatro dólares na Aménca. Como é que vamos conseguir viver com isso? O que é que vamos fazer quando tivermos de pagar renda daí a quinze dias? Se a renda do quarto é cinco xelins por semana, vamos ficar com catorze xelins para a comida, a roupa e o carvão para aquecer água para o chá.

O Pai abana a cabeça, continua a beber o chá aos golinhos pelo frasco de compota, olha pela janela e assobia «Os Rapazes de Woxford». O Malachy e o Oliver batem palmas e dançam à volta do quarto e o Pai não sabe se há-de assobiar ou sorrir, porque não se pode fazer as duas coisas ao mesmo tempo, e ele não se está a aguentar. Tem de parar, sorrir, fazer uma festinha na cabeça do Oliver e depois tornar a assobiar. A Mãe também sorri, mas é um sorriso muito rápido e quando torna a olhar para as cinzas vê-se como está preocupada pela forma como os cantos da boca estão descaídos.

No dia seguinte diz ao Pai para tomar conta dos gémeos e vai comigo e com o Malachy à Sociedade de São Vicente de Paulo. Ficamos numa bicha onde estão mulheres de xaile preto. Perguntam-nos como nos chamamos e sorriem quando falamos. Dizem, Deus seja louvado, ouçam só estes Yankees, tão pequeninos, e querem saber porque é que a Mãe, com aquele casaco americano, vem pedir caridade se o que há já não chega para os pobres de Limerick, quanto mais ainda virem os Yankees tirarem-lhes o pão da boca.

A Mãe diz-lhes que foi uma prima que lhe deu aquele casaco em Brooklyn, que o marido dela não tem trabalho e que ainda tem mais filhos em casa, dois gémeos. As mulheres fungam e puxam os xailes para a cabeça, têm as desgraças delas. A Mãe diz-lhes que teve de se vir embora da América porque não aguentava viver lá depois de lhe ter morrido uma filhinha. As mulheres tornam a fungar, mas agora é por causa de a Mãe estar a chorar. Algumas dizem que também lhes morreram filhos pequeninos e que não há nada pior no mundo, que não se consegue esquecer nem que se viva tantos anos como a mulher do Matusalém. Não há homem nenhum que possa avaliar o que é para uma mãe perder um filho, nem que viva tanto tempo como dois Matusaléns.

Choram todas muito até que uma mulher de cabelo ruivo faz passar por elas uma caixa pequenina. As mulheres tiram qualquer coisa de dentro da caixa com a ponta dos dedos e enfiam-na no nariz. Uma mulher ainda nova espirra e a ruiva dá uma gargalhada. Biddy, vê-se logo que não tens idade para isto. Venham cá, Yankees, tirem um bocadinho. Enfia aquela coisa castanha no nosso nariz e nós espirramos com tanta força que elas param de chorar e começam a rir tanto que têm de limpar os olhos com os xailes. A Mãe diz-nos, Isto faz-vos bem, limpa-vos a cabeça.

A mulher mais nova, a Biddy, diz à Mãe que nós somos dois meninos amorosos. Aponta para o Malachy. Aquele pequenino com

os caracóis loiros é um encanto, não é? Podia ser uma estrela de cinema como a Shirley Temple. E o Malachy sorri e anima as mulheres que estão na bicha.

A mulher que tinha a caixa diz à Mãe, Não quero ser atrevida, minha senhora, mas acho que era melhor sentar-se. Sabemos do que lhe aconteceu.

Uma outra mulher diz, preocupada, Ah!, não, eles não gostam disso.

Eles quem?

Ah!, pois é, diz a Nora Molloy, na Sociedade, não gostam que ninguém se sente nos degraus. Querem que a gente espere encostada à parede, em sinal de respeito.

Elas que se lixem, diz a Nora, a mulher do cabelo ruivo. Sente-se ali no degrau, minha senhora, e eu sento-me ao seu lado e se alguém da Sociedade de São Vicente de Paulo disser seja o que for, desfaço-lhes a tromba, ah isso é que desfaço. A senhora fuma?

Fumo, responde a Mãe, mas não tenho cigarros.

A Nora tira um cigarro do bolso do avental, parte-o e dá metade à Mãe.

A mulher de ar preocupado diz, Eles também não gostam disso. Dizem que cada cigarro que fumamos é comida que estamos a tirar da boca dos nossos filhos. O Sr. Quinlivan, que costuma estar lá dentro, é completamente contra isso. Diz que se têm dinheiro para os cigarros também têm dinheiro para a comida.

Quero que o Quinlivan se lixe também, esse velho com aquele risinho sacana. Será que nos leva a mal por umas fumaças num cigarro, se é a única consolação que temos neste mundo?

Abre-se uma porta ao fundo do corredor e aparece um homem. Alguma de vocês vem pedir botas de criança?

As mulheres põem os braços no ar, Eu. Eu.

Já não há mais botas. Têm de voltar para o mês que vem.

Mas o meu Mikey precisa de umas botas para ir para a escola.

Já disse que não há mais.

Mas está tanto frio lá fora, Sr. Quinlivan.

Já não há mais botas. Não posso fazer nada. O que é isto? Quem é que está a fumar?

A Nora acena com o cigarro e diz, Sou eu, e vou fumá-lo até ao último bocadinho.

Cada cigarro que fumas, começa ele.

Já sei, diz ela, é comida que estou a tirar da boca dos meus filhos.

És uma insolente. Não contes com a caridade daqui.

A sério? Bem, Sr. Quinlivan, se não me ajudam aqui, já sei onde é que hei-de ir.

O que é que queres dizer com isso?

Vou aos Quakers. Eles ajudam-me.

O Sr. Quinlivan avança para a Nora apontando o dedo para ela. Sabem o que temos aqui? Temos um sopas no meio de nós. Foi no tempo da Fome que apareceram os sopas. Os Protestantes andavam a espalhar pelos bons Católicos que, se abandonassem o credo deles e se tornassem Protestantes, dar-lhes-iam tanta sopa que nem lhes cabia na barriga e, valha-nos Deus, alguns Católicos conseguiram mesmo a sopa e, a partir daí, passaram a ser conhecidos por sopas e perderam as suas almas imortais e ficaram condenados ao fundo dos infernos. E vós, mulheres, se fordes pedir ajuda aos Quakers, perdereis as vossas almas e as almas dos vossos filhos.

Então, o Sr. Quinlivan tem de nos salvar, não é?

Ele fita-a e ela fita-o a ele. Os olhos deles percorrem as outras mulheres. Uma delas põe a mão à frente da boca para disfarçar o riso.

De que é que estás a rir? pergunta ele, irado.

De nada, Sr. Quinlivan. Juro por Deus.

Vou avisar mais uma vez, não há botas. E bate com a porta, desaparecendo por detrás dela.

As mulheres são chamadas uma por uma lá dentro. Quando a Nora sai, vem a sorrir e a acenar com um bocado de papel. Botas, diz ela. Consegui três pares de botas para os meus filhos. Ameacem os homens que estão lá dentro com os Quakers e eles até vos dão o cu.

Quando chamam pela Mãe, ela leva-me a mim e ao Malachy. Ficamos de pé junto a uma mesa à qual estão sentados três homens a fazerem perguntas. O Sr. Quinlivan vai para dizer qualquer coisa, mas o homem que está no meio diz, Cala-te, Quinlivan, se fosses tu a mandar tínhamos os pobres de Limerick a saltarem para os braços dos Protestantes.

Volta-se para a Mãe e pergunta-lhe onde é que ela arranjou aquele belo casaco vermelho. Ela conta-lhe o mesmo que contou lá fora à mulher e, quando chega à morte da Margaret, começa a tremer e a soluçar. Pede muita desculpa aos homens por estar a chorar daquela maneira, mas foi há poucos meses e ela ainda não se conformou, sem sequer saber onde a bebé foi enterrada, se é que foi enterrada, e sem sequer saber se foi baptizada, porque ela estava tão fraca por já ter os quatro rapazes que não teve forças para ir à igreja baptizá-la, e dá-lhe cabo do coração

pensar que a Margaret pode ficar para sempre no limbo sem esperanças de nos ver a nós, quando formos para o céu, ou para o inferno ou mesmo para o purgatório.

O Sr. Quinlivan leva-lhe a cadeira dele. Pronto, minha senhora. Sente-se. Vá lá.

Os outros homens olham para a mesa, para o tecto. O homem do meio diz que vai dar à Mãe uma senha para ir buscar mercearias para uma semana à loja do McGrath na Parnell Street. Pode levantar chá, açúcar, farinha, leite e manteiga e leva outra senha para ir buscar um saco de carvão à carvoaria de Sutton na Dock Road.

O terceiro homem diz, Claro que não lhe vamos dar isto todas as semanas, minha senhora. Temos de ir visitar a sua casa para ver se realmente vivem com necessidades. Temos de fazer isso para avaliar o seu pedido.

A Mãe limpa a cara à manga do casaco e pega na senha. Diz-lhes, Deus vos abençoe pela vossa generosidade. Eles acenam com a cabeça e olham para a mesa, para o tecto, para as paredes, e dizem-lhe para mandar entrar a próxima.

Lá fora as mulheres dizem à Mãe, Quando fores à loja do McGrath, fica de olho na ladra da velha, porque ela vai enganar-te no peso. Põe as coisas em cima de um papel na balança, com o papel a cair para o lado de dentro do balcão, onde tu não vejas, e puxa o papel. Com sorte, trazes metade do que tinhas direito a trazer. E tem imagens da Virgem Maria e do Sagrado Coração de Jesus espalhadas pela loja toda e passa a vida de joelhos na cabeça de São José a papaguear o terço e a suspirar como uma mártir, aquela cabra velha.

A Nora diz, Eu vou consigo, minha senhora. Também vou à loja do Mc_Grath. Eu sei ver se ela está a enganá-la ou não. Ensina-nos o caminho até à loja na Parnell Strcet. A mulher que está ao balcão vê a Mãe com o casaco americano e é muito amável para ela, até que a Mãe lhe mostra a senha de São Vicente de Paulo. Nessa altura, diz, Não sei o que é que está aqui a fazer a esta hora do dia. Nunca avio as senhas de caridade antes da seis da tarde. Mas como é a primeira vez que cá vem, vou abrir uma excepção.

Pergunta à Nora, Também tem uma senha? Não. Sou uma amiga. Vim ajudar esta pobre família, pois é a primeira vez que recebem uma senha de São Vicente de Paulo.

A mulher põe um papel de jornal em cima da balança e despeja farinha de um saco grande. Quando acaba de deitar, diz, Meio quilo de farinha.

Tenho impressão que não, diz a Nora. É muito pouco para meio quilo de farinha.

A mulher cora e abre os olhos, muito espantada, Está a acusar-me?

Não, Sra. McGrath, diz a Nora. Deve ter sido sem querer que encostou a anca ao papel e nem deve ter reparado que o papel estava descaído. Que ideia, por amor de Deus! Uma pessoa como a senhora, sempre de joelhos a rezar à Virgem Maria, é uma inspiração para todas nós. Parece-me que está dinheiro caído ali no chão.

A Sra. McGrath dá um passo para trás e o ponteiro da balança salta e fica a vibrar. Onde é que está o dinheiro? pergunta ela, até que olha para a Nora e percebe. A Nora sorri. Deve ter sido obra do demónio, diz ela, e sorri para a balança. Foi mesmo engano, não chega a ter duzentos e cinquenta gramas.

Esta balança só me dá ralações, diz a Sra. McGrath. Não duvido, diz a Nora.

Mas tenho a minha consciência em paz com Deus, diz a Sra. McGrath.

Não duvido, diz a Nora, e não há ninguém na Sociedade de São Vicente de Paulo e na Legião de Maria que não a admire.

Tento ser uma boa católica.

Tenta? Deus bem sabe que não precisa de tentar porque não há ninguém que não fale do seu bom coração e será que podia dar uns rebuçados aqui aos miúdos?

Bem não sou rica, mas tomem...

Deus a abençoe, Sra. McGrath, e eu sei que já é pedir de mais, mas será que me podia dispensar uns cigarros?

Bem, isso não vem na senha. Não estou aqui para dar luxos.

Se pudesse, minha senhora... Eu não me cansaria de gabar a sua bondade à Sociedade de São Vicente de Paulo.

Está bem, está bem, diz a Sra. McGrath. Por esta vez dou-lhe os cigarros, mas é uma vez sem exemplo. Deus a abençoe, diz a Nora, tenho muita pena da senhora pelas ralações que a balança lhe dá.

No caminho para casa paramos no Parque do Povo e sentamo-nos num banco, eu e o Malachy a comermos os rebuçados e a Mãe e a Nora a fumarem. O fumo fez a Nora tossir, e ela disse à Mãe que os cigarros haviam de acabar com ela, que havia vestígios de tuberculose na família dela e que todos morriam cedo, mas também ninguém quer viver até ser velho em Limerick, uma cidade onde a primeira coisa que se nota quando se olha em volta é a ausência de cabelos grisalhos, toda a gente de cabelo grisalho

está debaixo da terra ou do outro lado do Atlântico a trabalhar nos caminhos-de-ferro ou a pavonear-se com a farda de polícia.

A senhora tem sorte, já viu alguma coisa do mundo. Oh!, meu Deus, o que eu não daria para visitar Nova Iorque, ver as pessoas a dançarem de uma ponta à outra da Broadway sem terem nada com que se preocupar. Não. Mas eu tive logo de me embeijar por um bêbedo, o Peter Molloy, o campeão das cervejas que me emprenhou e me levou ao altar, tinha eu pouco mais de dezassete anos. Era uma ignorante. Crescíamos umas ignorantes, aqui em Limerick, sem sabermos nada de nada e éramos mães antes de sermos mulheres. Aqui não há nada a não ser chuva e beatas velhas a papaguearem o Terça. Dava os dentes para sair daqui, ir para a América ou até para a Inglaterra. O campeão das cervejas está sempre no desemprego e às vezes até o dinheiro do subsídio gasta na bebida, e dá comigo em doida de tal maneira que acabo no manicómio.

Puxou uma fumaça do cigarro e tapou a boca com a mão, a tossir tanto que inclinava o corpo para trás e para a frente e nos intervalos dizia num gemido, Jesus, Jesus. Quando lhe passou a tosse, disse que tinha de ir para casa tomar o remédio. Disse, Até para a semana, minha senhora, lá nos encontraremos em São Vicente de Paulo. Se tiver alguma aflição, mande-me chamar a Vize Field. Pode perguntar a qualquer pessoa onde é que mora a mulher do Pete Molloy, o campeão da cerveja.

O Eugene está a dormir em cima da cama, tapado com um casaco. O Pai está sentado à chaminé com o Oliver ao colo. Pergunto a mim próprio porque estará o Pai a contar ao Oliver uma história do Cuchulain. Ele sabe que as histórias do Cuchulain são minhas, mas, quando olho para o Oliver, não me importo. Tem a cara muito vermelha, está de olhos fixos na lareira apagada, e vejo que nem está minimamente interessado no Cuchulain. A Mãe põe-lhe a mão na testa. Acho que ele está com febre, diz ela. Quem me dera ter uma cebola, fervia-a em leite e pimenta. Faz bem à febre. Mas mesmo que tivesse a cebola, como é que fervia o leite? Precisamos de carvão para a lareira.

Dá ao Pai a senha para ir ao carvão na Dock Road. O Pai leva-me com ele, mas já é de noite e as carvoarias estão fechadas.

E agora o que é que fazemos, Pai?

Não sei, filho.

À nossa frente vemos mulheres de xailes e com filhos pequenos apanharem carvão na rua.

Olhe, Pai, há ali carvão.

Oh!, não, filho. Nós não apanhamos carvão do chão. Não somos

pedintes.

Diz à Mãe que as carvoarias estão fechadas e que vamos ter de beber leite e comer pão, mas quando eu lhe conto das mulheres que andavam na rua, ela passa-lhe o Eugene.

Se és demasiado importante para apanhar carvão do chão, eu vou vestir o casaco e vou à Dock Road.

Arranja um saco e leva-me a mim e ao Malachy com ela. Para lá da Dock Road há uma coisa muito extensa e muito escura com luzes a brilhar. A Mãe diz que é o rio Shannon. Diz que é a coisa de que ela mais saudades tinha quando estava na América, o rio Shannon. O Hudson era muito bonito, mas o Shannon canta. Eu não consigo ouvir canção nenhuma, mas a minha mãe consegue e fica feliz com isso. As outras mulheres já se foram embora de Dock Road, e nós procuramos os bocadinhos de carvão que caem dos camiões. A Mãe diz-nos para apanharmos tudo o que arda, carvão, madeira, cartão, papéis. Há quem tenha posto a arder até caca de cavalo, mas nós ainda não chegámos a esse ponto. Quando o saco está quase cheio, ela diz, Agora temos de arranjar uma cebola para o Oliver. O Malachy diz que vai encontrar uma, mas ela diz-lhe, Não, as cebolas não se encontram pela rua, têm de se comprar nas lojas.

Mal vê uma loja, o Malachy começa a gritar, Está ali uma loja, e desata a correr.

Çubola, diz ele, çubola para o Oliver.

A Mãe entra na loja e diz à senhora que está ao balcão, Desculpe, e a senhora diz, Que encanto de menino, meu Deus. É americano?

A Mãe diz que sim. A mulher sorri e mostra dois dentes, um de cada lado do maxilar superior. Que encanto, diz ela, e aqueles caracolinhos dourados. O que é que ele quer? Um doce? Não, diz a Mãe. Uma cebola.

A mulher dá uma gargalhada, Uma cebola? É a primeira vez que vejo uma criança a pedir uma cebola. Gostam de comer cebolas lá na América?

A Mãe responde, É que eu disse que queria uma cebola para o meu outro filho, que está doente. Para ferver a cebola no leite, sabe como é.

Tem toda a razão, minha senhora. Não há nada melhor que uma cebola fervida em leite. Toma, meu menino, está aqui um rebuçado para ti e um para o outro menino. Deve ser irmão.

A Mãe diz, Não devia estar a incomodar-se. Digam obrigado, meninos.

A mulher diz, Aqui tem uma bela cebola para o menino doente,

minha senhora.

A Mãe diz, Não posso comprar a cebola, minha senhora. Não tenho um tostão.

Leve a cebola. Que não seja por falta de uma cebola que uma criança esteja doente em Limerick. E não se esqueça de deitar um bocadinho de pimenta. Tem pimenta, minha senhora?

Não, mas um destes dias arranjo pimenta, sem falta. Tome, minha senhora, Pimenta e uma pitada de sal. Não há nada que faça melhor ao menino.

A Mãe diz, Deus a abençoe, minha senhora. Tem os olhos rasos de água.

O Pai está a andar de um lado para o outro com o Oliver ao colo e o Eugene está no chão, a brincar com uma panela e uma colher. O Pai diz, Conseguiste arranjar a cebola?

Consegui, diz a Mãe, e mais. Arranja carvão e maneira de o acender.

Eu sabia que ias arranjar. Rezei uma oração a São Judas. É o meu santo favorito, o padroeiro dos casos desesperados.

Arranjei carvão e arranjei a cebola sem ajuda de São Judas.

O Pai diz, Não devias andar a apanhar carvão do chão, como uma pedinte qualquer. Não está certo. É um mau exemplo para os rapazes.

Então, devias ter mandado São Judas à Dock Road.

O Malachy diz, Tenho fome, e eu também tenho, mas a Mãe diz, Vão ter de esperar até eu ferver a cebola no leite para o Oliver.

Acende o lume, corta a cebola ao meio, deita metade para dentro do leite a ferver com um bocadinho de manteiga e salpica o leite com pimenta. Pega no Oliver ao colo e tenta dar-lhe aquilo, mas ele vira a cara e fica a olhar para a lareira.

Vá lá, querido, diz ela. Faz-te bem. É para cresceres e ficares forte.

Ele cerra a boca para a colher não entrar. A Mãe põe a panela no chão, embala-o até ele adormecer, deita-o na cama e diz-nos para não fazermos barulho, senão ela dá cabo de nós. Corta a outra metade da cebola às rodelas e frita-as com manteiga e fatias de pão. Deixa-nos ficar sentados no chão à volta da chaminé, comemos o pão frito e bebemos o chá doce e a escaldar aos golinhos, pelos frascos de compota. A Mãe diz, O lume está bem aceso, manda tanta luz que podemos desligar o candeeiro a gás, até termos dinheiro para o contador.

O lume aceso aquece o quarto, e através das chamas que dançam no meio do carvão consegue-se ver caras, montanhas, vales e

animais a saltarem. O Eugene adormece no chão, o Pai agarra nele ao colo e deita-o na cama ao lado do Oliver. A Mãe põe a panela com a cebola cozida por cima da pedra da chaminé, não vá algum rato ou alguma ratazana atirar-se àquilo. Diz que teve um dia muito cansativo, a Sociedade de São Vicente de Paulo, a loja da Sra. McGrath, andar a apanhar carvão na Dock Road, a ralação por causa de o Oliver não querer a cebola cozida. Se amanhã continuar assim, vai levá-lo ao médico, e agora vai deitar-se.

Pouco depois, já estamos todos deitados e, mesmo que apareça alguma pulga, não me importo, porque a cama está quentinha com os seis lá deitados e eu adoro o brilho do lume a dançar nas paredes e no tecto e o quarto a ficar vermelho e preto, até que vai enfraquecendo e fica branco e preto e a única coisa que eu oiço é o Oliver a choramingar, quando se volta nos braços da minha mãe.

De manhã o Pai está a acender o lume, a fazer chá, a cortar o pão. Já está vestido e está a dizer à Mãe que se despache e se vista. Diz-me, Francis, o teu irmão Oliver está doente e vamos levá-lo ao hospital. Porta-te bem e toma conta dos teus irmãos. Nós não nos demoramos.

A Mãe diz, Cuidadinho com o açúcar, enquanto nós não estivermos em casa. Não somos milionários.

Quando a Mãe pega no Oliver e o embrulha num casaco, o Eugene põe-se de pé em cima da cama. Quero o Ollie, diz ele. Vem brincar, Ollie.

O Ollie não se demora nada, diz a Mãe, e depois já podes brincar com ele. Agora brinca com o Malachy e o Frank.

Ollie, Ollie, quero o Ollie.

Segue o Oliver com os olhos e, quando eles se vão embora, senta-se na cama a olhar pela janela. O Malachy diz, Genie, Genie, temos pão, temos chá. Queres açúcar no pão, Genie? Ele abana a cabeça e empurra o pão que o Malachy está a oferecer-lhe. Vai a gatinhar até ao lugar onde o Oliver dormiu com a Mãe, deita a cabeça e olha pela janela.

A Avó está à porta. Ouvi o teu pai e a tua mãe a irem de escantilhão pela Henry Street com o bebé ao colo. Onde é que foram?

O Oliver está doente, disse eu. Não quis comer a cebola cozida em leite.

O que é que estás para aí a dizer?

Não quis comer a cebola cozida e ficou doente.

E quem é que está a tomar conta de vocês?

Sou eu.

E o que é que tem aquele que está na cama? Como é que ele se chama?

É o Eugene. Está com saudades do Oliver. São gémeos. Eu sei que são gémeos. Está com um ar esfomeado. Têm cá flocos de aveia?

O que são flocos de aveia? diz o Malachy.

Jesus, Maria e São José me acudam! O que são flocos de aveia! Flocos de aveia são flocos de aveia. É isso e mais nada. Nunca vi uma cambada de Yankees tão ignorantes como vocês. Vá, vistam-se que vamos a casa da Tia Aggie. Ela está lá com o marido, o Pa Keating, e dá-vos flocos de aveia.

Pega no Eugene, embrulha-o no xaile e atravessamos a rua para irmos a casa da Tia Aggie. Ela está outra vez a viver com o Tio Pa, porque ele disse que, pensando melhor, ela não era nenhuma vaca gorda.

Tens cá flocos de aveia? pergunta a Avó à Tia Aggie. Flocos de aveia? Por que é que eu tenho de dar flocos de aveia a este ninho de Yanhees?

Tem coração, diz a Avó. Não te vai desgraçar dares-lhes um bocadinho de flocos de aveia.

E, ainda por cima, devem querer açúcar e leite. Se não tiver cuidado, nunca mais me largam a porta pedirem-me ovos. Não percebo por que é que nós temos de pagar pelas asneiras da Angela.

Santo Deus, diz a Avó, ainda bem que não és tu a dona daquele estábulo em Belém, senão a Sagrada Família ainda andava a esta hora a vaguear pelo mundo a morrer de fome.

A Avó afasta a Tia Aggie, põe o Eugene numa cadeira ao pé da lareira e faz os flocos de aveia. De um outro quarto aparece um homem de cabelo preto encaracolado e cara preta. Gosto dos olhos dele, porque são muito azuis e sorridentes. É o marido da Tia Aggie, o homem que parou ao pé de nós naquela noite em que estávamos a matar as pulgas e que nos contou aquelas coisas todas sobre pulgas e cobras, o homem que ficou com tosse por ter engolido gás na guerra.

O Malachy diz, Por que é que está todo preto? e o Tio Pa Keating dá uma gargalhada e tem um ataque de tosse tão grande que tem de fumar um cigarro para lhe passar. Oh!, estes Yankees pequenitos, diz ele. Não são nada envergonhados. Estou preto porque trabalho na Fábrica de Gás de Limerick, a atirar carvão e coque para as fornalhas. Fui gaseado em França e regresso a Limerick para trabalhar na Fábrica do Gás. Quando crescerem,

isto há-de fazer-vos rir.

Eu e o Malachy temos de sair da mesa para os adultos poderem sentar-se a tomar chá. Bebem chá, mas o Tio Pa Keating, que é meu tio porque é casado com a Tia Aggie, pega no Eugene e senta-o no colo dele. Que criança tão triste, diz ele, e faz caretas e uns barulhos esquisitos. Eu e o Malachy rimo-nos, mas o Eugene só estende a mão para tocar no negrume da pele do Pa Keating, e quando o Pa finge que vai morder a mão do Eugene, ele ri-se e toda a gente se ri. O Malachy vai ao pé do Eugene e tenta fazê-lo rir ainda mais, mas ele volta-se e esconde a cara na camisa do Pa Keating.

Acho que ele gosta de mim, diz o Pa, e nesse momento a Tia Aggie pousa a chávena e começa a chorar, Ua, ua, ua, com grandes lágrimas a rolarem-lhe pela cara gorda e corada.

Valha-me Deus, diz a Avó, lá está ela outra vez. O que é que foi desta vez?

E a Tia Aggie diz, a chorar, Ver o Pa com uma criança ao colo e eu sem esperanças de conseguir ter uma.

A Avó dá-lhe um berro, Pára de falar assim na frente das crianças. Não tens vergonha? Quando Deus achar que é altura disso, há-de mandar-te a tua família.

A Tia Aggie soluça, A Angela com cinco filhos e uma já morta, ela que não vale nada, nem um chão sabe esfregar, e eu que sei lavar, esfregar melhor do que ninguém e sei fazer qualquer comida.

O Pa Keating dá uma gargalhada, Acho que vou ficar com este rapazinho.

O Malachy vai a correr para ele. Não, não, não. Ele é meu irmão, é o Eugene. E eu digo, Não, não, não, ele é nosso irmão.

A Tia Aggie limpa as lágrimas e diz, Não quero nada que seja da Angela. Não quero nada que seja metade de Limerick e metade da Irlanda do Norte, não quero, por isso podem levá-lo para casa. Um dia hei-de ter um filho meu nem que tenha de rezar cem novenas à Virgem Maria e à sua mãe, Santa Ana, nem que tenha de ir daqui até Lourdes de joelhos.

A Avó diz, Já chega. Já comeram a papa e agora está na hora de irem para casa, para verem se o vosso pai e a vossa mãe já vieram do hospital.

Põe o xaile e vai buscar o Eugene, mas ele agarra-se com tanta força à camisa do Pa Keating, que ela tem de o tirar à força, mas ele continua de cabeça voltada para trás, a olhar para o Pa, até sairmos para a rua.

Fomos atrás da Avó para o nosso quarto. Ela pôs o Eugene na

cama e deu-lhe uma pinguinha de água. Disse-lhe para ser bonzinho e dormir porque o mano dele, o Oliver, não tardava a chegar a casa e depois já iam brincar outra vez para o chão.

Mas ele continuou a olhar pela janela.

Disse-me a mim e ao Malachy que podíamos sentar-nos no chão a brincar, mas sem fazer barulho porque ela ia dizer as orações dela. O Malachy foi para a cama e sentou-se ao pé do Eugene e eu sentei-me numa cadeira à mesa a adivinhar palavras no jornal, que servia de toalha para a mesa. A única coisa que se ouvia no quarto era o Malachy a segredar coisas ao Eugene para ele ficar contente e a Avó a bichanar enquanto passava as contas do terço. O silêncio era tanto que eu pousei a cabeça na mesa e adormeci.

O Pai está a tocar-me no ombro. Acorda, Francis, tens de tomar conta dos teus irmãos.

A Mãe está afundada aos pés da cama, a chorar baixinho como se fosse um passarinho. A Avó está a pôr o xaile e diz, Vou falar com o Thompson, o cangalheiro, por causa do caixão e da carreta. De certeza que a Sociedade de São Vicente de Paulo há-de pagar o enterro.

Dirige-se para a porta. O Pai está de pé com os olhos fixos na parede por cima da lareira, a bater nas ancas com os punhos fechados e a suspirar, Oh, oh, oh.

O Pai faz-me medo com aqueles oh, oh, e a Mãe faz-me medo com aqueles sons de passarinho e não sei o que hei-de fazer, mas pergunto a mim próprio se alguém irá acender o lume, para podermos fazer chá e comer pão, porque já há muito tempo que comemos a papa de aveia. Se o Pai se afastasse do fogão, eu mesmo acendia o lume. Só é preciso papel, uns bocadinhos de carvão ou turfa e um fósforo. Como ele não se desvia, eu tento dar a volta pelas pernas dele, enquanto ele está a bater nas ancas, mas ele dá por mim e pergunta-me por que é que eu quero acender a lareira. Eu digo-lhe que estamos todos cheios de fome e ele solta uma gargalhada de louco. Com fome? Oh!, Francis, o teu irmãozinho Oliver morreu. A tua irmãzinha morreu e agora morreu o teu irmãozinho.

Pega-me ao colo e abraça-me com tanta força que eu dou um grito. Então, o Malachy começa a chorar, a minha mãe chora, o Pai chora, eu choro, mas o Eugene fica na mesma. O Pai funga e diz, Vamos fazer uma festa. Anda daí, Francis. Diz à minha mãe que não nos demoramos nada, mas ela tem o Malachy e o Eugene ao colo e nem sequer levanta os olhos. Ele leva-me pelas ruas de Limerick, e vamos de loja em loja pedir comida ou qualquer

coisa que possam dar a uma família que perdeu dois filhos num ano, uma na América e outro em Limerick, e que está em risco de mais três morrerem de fome e de sede. A maior parte dos donos das lojas diz que não com a cabeça. Temos muita pena, mas vá à Sociedade de São Vicente de Paulo ou à assistência social. O Pai diz que é uma alegria para ele ver como o espírito de Cristo está vivo em Limerick, e eles dizem-lhe que não precisam que gente como ele, com aquele sotaque do Norte, lhes venha falar de Cristo e que ele devia ter vergonha de andar assim, a arrastar uma criança atrás dele, como se fosse um pedinte.

Nalgumas lojas dão-nos pão, batatas, latas de feijão e o Pai, Agora vamos para casa e vocês já podem comer, mas encontramos o Pa Keating e ele diz ao Pai que tem muita pena das desgraças que lhe têm acontecido e pergunta-lhe se não quer ir beber uma cerveja àquele **pub** ali adiante. No **pub** há homens sentados com uns copos grandes com uma coisa castanha à frente deles. O Tio Pa Keating e o Pai também bebem essa coisa castanha. Levantam os copos com cuidado e bebem devagar. Ficam com uma espuma branca nos lábios, que lambem ao mesmo tempo que vão soltando pequenos suspiros. O Tio Pa pede uma garrafa de limonada para mim e o Pai dá-me um bocado de pão, e já não tenho fome. Mesmo assim, pergunto a mim próprio quanto tempo iremos ficar ali, com o Malachy e o Eugene em casa, cheios de fome, há quantas horas já comemos a papa de aveia - aliás, o Eugene nem lhe tocou.

O Pai e o Tio Pa bebem aquela coisa castanha que está no copo e pedem outro. O Tio Pa diz, Frankie, isto é uma cerveja. É o que dá gosto à vida. Não há coisa melhor para mães que amamentam nem para as que há muito desmamaram. Dá uma gargalhada, e o Pai sorri e eu dou uma gargalhada, porque acho que é isso que tem de se fazer quando o Tio Pa diz alguma coisa. Mas ele não se ri quando conta aos outros homens que o Oliver morreu. Os outros homens tiram o chapéu ao Pai. Lamentamos muito a desgraça que lhe aconteceu. Tem de beber uma cerveja.

O Pai diz sempre que sim às cervejas e, passado pouco tempo, já está a cantar o Roddy McCorley e o Kevin Barry, e mais e mais canções que eu nunca tinha ouvido e a chorar pela sua pequenina Margaret, que morreu na América, e o seu pequenino Oliver, que morreu no City Home Hospital. Fico assustado de o ver assim a gritar, a chorar e a cantar, e queria ir para casa, para ao pé dos meus três irmãos, não, dos meus dois irmãos, e da minha mãe.

O homem que está ao balcão diz ao Pai, Acho que já bebeu o suficiente. Temos muita pena do que lhe aconteceu, mas tem de levar essa criança para casa, para junto da mãe, que deve estar destroçada.

O Pai diz, Só mais uma cerveja, só uma? e o homem diz, Não. O Pai põe os punhos no ar. Eu dei o meu contributo à Irlanda, e quando o homem sai de trás do balcão e agarra no braço do Pai, ele tenta empurrá-lo.

O Tio Pa diz, Vá lá, Malachy, pára com essa conversa. Tens de ir para casa para ao pé da Angela. Amanhã tens um enterro e os teus lindos filhos à tua espera.

Mas o Pai continua a esbracejar até que uns homens o empurram cá para fora, para o escuro. O Tio Pa sai aos tropeções, por causa do saco da fruta. Vamos embora, diz ele. Vamos lá para o teu quarto.

O Pai quer ir a outro lugar beber mais cerveja, mas o Tio Pa diz-lhe que não tem mais dinheiro. O Pai diz-lhe que vai contar a toda a gente as desgraças dele e que alguém lhe há-de pagar uma cerveja.

O Tio Pa diz que é uma vergonha fazer isso e o Pai chora no ombro dele. És um bom amigo, diz ele ao Tio Pa. Continua a chorar até que o Tio Pa lhe dá uma palmadinha nas costas e diz, É terrível, terrível, mas hás-de acabar por conformar-te.

O Pai endireita-se, olha-o nos olhos e diz, Nunca. Nunca.

No dia seguinte fomos ao hospital numa carreta puxada por um cavalo. Puseram o Oliver numa caixa branca que nós tínhamos levado na carreta, e levámo-lo para o cemitério. Puseram a caixa branca numa cova no chão e taparam-na com terra. A minha mãe e a Tia Aggie choraram, a Avó fez uma cara de zangada, o Pai, o Tio Pa Keating e o Tio Pat Sheehan estavam tristes mas não choraram, e eu fiquei a pensar que, quando se é homem, só se pode chorar quando se bebe aquela coisa preta chamada cerveja.

Não gostei das gralhas que estavam pousadas nas árvores e nas campos, e não queria deixar o Oliver ao pé delas. Atirei uma pedra a uma gralha que se pôs a pavonear-se em cima da campa do Oliver, mas o Pai disse que eu não devia atirar pedras às gralhas, porque podiam ser a alma de alguém. Eu não sabia o que era uma alma, mas também não perguntei porque não me interessava. O Oliver estava morto e eu odiava gralhas. Qualquer dia já era grande e havia de voltar ali com um saco cheio de pedras e havia de deixar o cemitério pejado de gralhas mortas.

Na manhã a seguir ao enterro do Oliver, o Pai foi à Bolsa de Emprego fazer o registo e levantar o subsídio da semana, dezanove xelins e seis **pence**. Disse que estava em casa ao meio-dia, que ia buscar carvão e acender o lume e que íamos comer toucinho com ovos e beber chá em honra do Oliver, e até talvez tivéssemos direito a um ou dois rebuçados.

Mas não estava em casa ao meio-dia, nem à uma, nem às duas e nós cozemos as poucas batatas que os homens das lojas nos tinham dado no dia anterior. Ainda não estava em casa, quando o sol se pôs naquele dia de Maio. Não havia sinais dele, até que o ouvimos, muito depois de os bares fecharem, a cambalear pela Windmill Street e a cantar,

**Todos estão alerta,
Enquanto o Ocidente dorme
A Irlanda bem pode chorar
Enquanto Connacht se afunda no sono.
Lagos e planícies sorriem belos e livres,
Por entre as montanhas segue a guarda a cavalo.
Cantai!
Que o homem aprenda a liberdade
Com o vento cortante e a vencer mares*.*

Entrou no quarto aos tropeções, agarrado à parede. Tinha ranho a sair do nariz e limpou-o com as costas da mão. Tentou falar, Ectach ccccrianças deviam ectar na cama. Ouçam bem o que vos digo. Vão jjjá p.rá cama.

A Mãe pôs-se à frente dele. Estas crianças estão com fome. Onde é que está o dinheiro do subsídio? Vamos comprar peixe e batatas para não irem para a cama sem nada no estômago.

Tentou enfiar as mãos nos bolsos dele, mas ele empurrou-a.

Mais rechchpeito, disse ele. Rechchpeito em frente das ccccrianças.

Ela debateu-se até conseguir meter as mãos nos bolsos dele. Onde é que está o dinheiro? As crianças estão com fome. Meu malvado, gastaste outra vez o dinheiro todo na bebida? Fizeste o mesmo que já tinhas feito em Brooklyn. Ele balbuciou, Oh!, pobre Angela. Pobre Margaret, pobre Oliver, tão pequeninos.

Veio ter comigo a cambalear e abraçou-me, e eu senti o mesmo cheiro da bebida que ele costumava ter na América. Fiquei com a cara molhada por casa das lágrimas, da baba e do ranho dele, estava cheio de fome e fiquei sem saber o que dizer, quando ele se pôs a chorar em cima da minha cabeça.

Depois soltou-me e foi abraçar o Malachy, sempre a falar da irmãzinha e do irmãozinho frios debaixo do chão, e a dizer que tínhamos de rezar e ser bons, que tínhamos de ser obedientes e fazer o que a nossa mãe nos mandasse. Disse que tínhamos as nossas desgraças, mas estava na altura de eu e o Malachy começarmos a ir à escola, porque não havia nada como a instrução, era uma coisa que fica para toda a vida, e eu e o Malachy tínhamos de estar preparados para darmos o nosso contributo à Irlanda.

A Mãe diz que não aguenta estar nem mais um minuto naquele quarto na Windmill Street. Não consegue dormir, com a lembrança do Oliver naquele quarto, o Oliver na cama, o Oliver a brincar no chão, o Oliver sentado no colo do Pai junto à chaminé. Diz que não bom para o Eugene estar naquele sítio, que um gêmeo sofre mais com a perda de um irmão do que uma mãe pode imaginar. Há um quarto vago na Hartstonge Street com duas camas em vez de uma, como temos aqui para nós os seis, não, para nós os cinco. Vamos ficar com aquele quarto, e para não falhar, na quinta-feira ela vai à Bolsa de Emprego com o Pai e há-de ficar na bicha com ele, para agarrar no dinheiro do subsídio no preciso momento em que o entregarem ao Pai. Ele diz que ela não pode fazer isso, seria uma vergonha para ele na frente dos outros homens. A Bolsa de Emprego é um sítio para homens. Não é para as mulheres lhes tirarem o dinheiro debaixo do nariz. A Mãe diz, O mal é teu. Se não estoirasses o dinheiro pelos bares, não tinha de andar atrás de ti, como fiz em Brooklyn. Ele diz-lhe que, para ele, vai ser uma vergonha para o resto da vida. Ela diz que não quer saber disso para nada. Quer aquele quarto em Hartstonge Street, um belo quarto, confortável, com uma casa de banho ao fundo do corredor, como o de Brooklyn, um quarto sem pulgas nem aquela humidade, que mata. Quer o quarto porque fica na mesma rua da Escola Oficial de Leamy, e assim eu e o Malachy podemos ir a casa à hora de almoço, ao meio-dia, beber uma chávena de chá e comer uma fatia de pão frito. Na quinta-feira a Mãe segue o Pai à Bolsa de Emprego. Entra atrás dele e, quando o homem estende o dinheiro para o Pai, é ela que agarra nele. Os outros homens que vão receber o subsídio fazem sinal uns aos outros com o cotovelo e fazem um sorriso de troça. É uma vergonha para o Pai, porque uma mulher nunca deve tocar no subsídio de desemprego de um homem. Podia querer tirar seis *pence* para apostar num cavalo ou para beber uma cerveja, e se todas as mulheres comessem a fazer o mesmo que a Mãe, os cavalos deixavam de correr e a Guinness ia à falência. Mas

agora ela já tem dinheiro e mudamo-nos para Harstonge Street. Depois ela pega no Eugene ao colo e subimos a rua até à Escola de Leamy. O director da escola, o Sr. Scallan, manda-nos voltar na segunda-feira com um caderno de composição, um lápis e uma caneta com um bom aparo. Não podemos ir para a escola com impingens nem com piolhos e temos de ter sempre o nariz limpo, não podemos assoar-nos para o chão, porque isso espalha a tuberculose, nem às mangas, tem de ser a um lenço ou a um trapo limpo. Pergunta-nos se somos bons meninos e quando respondemos que sim, ele diz-nos, Santo Deus, o que é isto? São Yankees ou quê? A Mãe conta-lhe o que aconteceu à Margaret e ao Oliver e ele diz, Deus é grande, Deus é grande, há tanto sofrimento no mundo. Bem, mas vamos pôr o pequenino, o Malachy, na infantil e o irmão na primeira classe. Ficam na mesma sala com o mesmo professor. Então, segunda-feira de manhã, às nove em ponto. Os rapazes da escola de Leamy querem saber porque é que falamos assim. São Yankees ou quê? Quando lhes dizemos que viemos da América, perguntam-nos, São **gangsters** ou **cowboys**? Um matulão encosta a cara dele à minha e diz, Fiz-te uma pergunta.

São **gangsters** ou **cowiboy**? Respondo-lhe que não sei e, quando ele me espeta um dedo no peito, o Malachy diz, Eu sou **gangster** e o Frank é **cowboy**. O matulão diz, O teu irmão é esperto e tu és um Yankee estúpido.

Os rapazes que estão à volta dele estão todos excitados. Porrada, gritam eles, porrada, e ele empurra-me com tanta força que caio. Quero chorar mas, de repente, vejo tudo negro à minha volta como aconteceu com o Freddie Leibowitz e corro para ele, aos murros e aos pontapés. Atiro-o ao chão e tento agarrá-lo pelos cabelos para lhe dar com a cabeça no chão, mas sinto uma grande ferroadada na parte de trás das pernas e afastam-me dele.

O Sr. Benson, o professor, agarrou-me por uma orelha e está a dar-me vergastadas nas pernas. Seu rufião, diz ele. Foi isso que aprendeste na América? Bem, vê como te portas, antes que eu dê cabo de ti.

Manda-me abrir uma mão e depois a outra a dá-me com a vergasta uma vez em cada mão. Vai para casa e diz à tua mãe como te portaste mal. És um Yankee mau. Repete, Sou um menino mau.

Sou um menino mau.

Agora diz, Sou um Yankee mau.

Sou um Yankee mau.

O Malachy diz, Ele não é mau. Foi aquele matulão. Disse que éramos **cowboys** e **gangsters**.

É verdade, Heffernan?

Está a brincar, senhor professor.

Nada de brincadeiras, Heffernan. Eles não têm culpa de serem Yankees.

Pois não, senhor professor.

E tu, Heffernan, devias ajoelhar-te todas as noites e agradecer a Deus por não seres um Yankee, porque, se fosses, Heffernan, serias o maior **gangster** dos dois lados do Atlântico. Al Capone havia de te vir pedir lições. Não quero que te metas mais com estes dois Yankees, Hefferman. Nunca mais me meto com eles, senhor professor.

E, se te meteres com eles, penduro-te na parede virado do avesso. Agora vão todos para casa.

Há três professores na Escola Oficial de Leamy, e todos eles têm cintos, bengalas e vergastas. Batem-nos com as vergastas nos ombros, nas costas, nas pernas e principalmente nas mãos. Quando nos batem nas mãos, chama-se uma reguada. Batem-nos se chegamos atrasados, se o aparo da caneta faz borrões, se nos rimos, se falamos e se não sabemos alguma coisa.

Batem-nos se não sabemos por que é que Deus criou o mundo, se não sabemos qual é o santo padroeiro de Limerick, se não sabemos recitar o Credo dos Apóstolos, se não sabemos somar dezanove e quarenta e sete, se não sabemos subtrair dezanove de quarenta e sete, se não sabemos as principais cidades e produtos dos trinta e dois condados da Irlanda, se não sabemos dizer onde fica a Bulgária no mapa-mundo que está pendurado na parede e que está sujo de cuspo, ranho e borrões de tinta atirados pelos alunos expulsos para sempre.

Batem-nos se não sabemos dizer o nosso nome em irlandês, se não sabemos rezar a Ave-Maria em irlandês, se não sabemos pedir licença para ir à casa de banho em irlandês.

É uma boa ajuda ouvirmos os mais velhos, que já estão nas classes mais adiantadas. Já conhecem o professor que nós temos agora e sabem dizer-nos do que ele gosta e não gosta.

O nosso professor bate-nos se não soubermos que o Eamon De Valera é o maior homem que alguma vez existiu. Outro professor bate-nos se não soubermos que o Michael Collins é o maior homem que alguma vez existiu.

O Sr. Benson odeia a América e não nos podemos esquecer de odiar a América, senão ele bate-nos.

O Sr. O'Dea odeia a Inglaterra e não nos podemos esquecer de odiar a Inglaterra, senão ele bate-nos.

Se alguma vez dissermos bem do Oliver Cromwell, todos eles

nos batem.

Mesmo que nos batam seis vezes em cada mão com a vergasta ou com o vidoeiro com nós, não podemos chorar. Se chorarmos, somos mariquinhas. Há rapazes que se riem ou fazem logo pouco de nós na rua, mas mesmo esses têm de ter cuidado, porque há-de vir o dia em que o professor lhes bate, e eles vão ter de guardar as lágrimas nos olhos, se não querem cair em desgraça para sempre. Alguns rapazes dizem que é melhor chorar, porque os professores ficam mais satisfeitos. Se não choramos, os professores odeiam-nos, porque os fizemos ficar mal perante a sala toda, e prometem a eles mesmos que da próxima vez hão-de bater-nos até deitarmos lágrimas ou sangue ou as duas coisas.

Os matulões da quinta classe dizem-nos que o Sr. O'Dea gosta de nos pôr à frente da aula toda para ele poder ficar por detrás de nós e nos puxar as patilhas. Para cima, para cima, diz ele, até nós estarmos em bicos de pés e com os olhos cheios de lágrimas. Não queremos que os outros rapazes nos vejam a chorar, mas puxarem-nos as patilhas faz as lágrimas caírem, quer nós queiramos quer não, e é disso que o professor gosta. O Sr. O'Dea é o único professor que nos faz chorar e passar por essa vergonha.

É melhor não chorar, porque temos de nos manter unidos aos rapazes da escola e nunca dar nenhuma satisfação aos professores.

Se o professor nos bate, não vale a pena fazermos queixa aos nossos pais ou às nossas mães, porque eles dizem sempre, Se apanhaste foi porque mereceste. Não te armes em bebé.

Eu sei que o Oliver morreu e o Malachy sabe que o Oliver morreu, mas o Eugene é pequenino de mais para saber seja o que for. De manhã, quando acorda, diz, Ollie, Ollle, e anda com seu passinho incerto pelo quarto, a espreitar debaixo das camas, ou então sobe para cima da cama que está ao pé da janela e aponta para as crianças que estão a brincar na rua, principalmente para as que têm cabelo loiro, como ele e como o Ollie, e começa a dizer, Ollie, Ollie, e a Mãe pega nele ao colo, chora e abraça-o. Ele esbraceja até ela o pôr no chão, porque não quer que lhe peguem ao colo nem que o abracem. Só quer descobrir o Oliver.

O Pai e a Mãe dizem-lhe que o Oliver está no céu a brincar com os anjos e que qualquer dia vamos todos tornar a vê-lo, mas ele não percebe porque só tem dois anos e faltam-lhe palavras, e isso é a pior coisa do mundo.

Eu e o Malachy brincamos com ele. Tentamos fazê-lo rir.

Fazemos caretas. Pomos panelas em cima da cabeça e fingimos que as deixamos cair. Atravessamos o quarto a correr e fingimos que caímos. Levamo-lo ao Parque do Povo para ele ver as flores, brincar com os cães e rebolar na relva.

Ele vê meninos pequenos com cabelo loiro como o Ollie, mas já não diz Ollie. Apenas aponta para eles.

O Pai diz que o Eugene tem sorte de ter uns irmãos como eu e o Malachy, porque o ajudamos a esquecer e, com a ajuda de Deus, qualquer dia já não vai ter a mínima recordação do Ollie.

Mas acabou por morrer.

~~

Seis meses depois de o Oliver ter morrido, acordámos numa noite terrível de Novembro e demos com o Eugene gelado, deitado ao nosso lado. O Dr. Troy foi lá a casa e disse que ele tinha morrido de pneumonia e quis saber por que é que ele não tinha ido para o hospital. O Pai disse que não sabia e a Mãe disse que não sabia, e o Dr. Troy disse que era por isso que as crianças morriam. Por causa de as pessoas não saberem. Disse que, se eu ou o Malachy tivéssemos o menor sinal de tosse ou de rouquidão, tínhamos de ser imediatamente vistos por ele, fosse a que hora fosse do dia ou da noite. Tínhamos de estar sempre enxutos, porque parecia haver uma tendência naquela família para se ter o peito fraco. Disse à Mãe que tinha muita pena dela por tudo o que ela já tinha passado e que lhe ia dar uma receita para aliviar o sofrimento dela daí para a frente. Disse que Deus estava a exigir de mais, poça, mesmo de mais.

A Avó veio ao nosso quarto com a Tia Aggie. Lavou o Eugene, e a Tia Aggie foi a uma loja comprar um vestidinho branco e um terço. Vestiram-lhe o vestido branco e deitaram-no na cama ao pé da janela, por onde ele costumava espreitar à procura do Oliver. Pousaram-lhe as mãos sobre o peito, uma em cima da outra, com o terço entrelaçado nelas. A Avó tirou-lhe o cabelo da testa e dos olhos, penteando-o para trás e disse, Tem uma pele tão linda, tão sedosa, não tem? A Mãe foi até à cama e puxou o cobertor para cima das pernas do Eugene, para ele ficar quentinho. A Avó e a Tia Aggie olharam uma para a outra sem dizerem nada. O Pai ficou de pé aos pés da cama, a bater nas ancas com os punhos fechados, e a falar para o Eugene, a dizer-lhe, Oh!, foi o rio Shannon que te fez mal, foi a humidade daquele rio que te levou a ti e ao Oliver. A Avó disse, Pare lá com isso. Está a pôr toda a gente nervosa. Deu-me a receita do Dr. Troy e disse para eu ir a correr ao farmacêutico, o

O'Connor, buscar os remédios e que, graças à bondade do Dr. Troy, não era preciso pagar. O Pai disse que ia comigo, que íamos à igreja Jesuíta rezar uma oração pela Margaret, pelo Oliver e pelo Eugene, que estavam felizes no céu.

O farmacêutico deu-nos os comprimidos, parámos para rezar e, quando chegámos a casa, a Avó deu dinheiro ao Pai para ir ao *pub* buscar umas garrafas de cerveja. A Mãe disse, Não, não, mas a Avó disse, Ele não tem comprimidos para o ajudarem, por isso, valha-nos Deus, uma garrafa de cerveja sempre vai consolá-lo um bocado. Depois disse-lhe que no dia seguinte ele teria de ir ao cangalheiro buscar o caixão e trazê-lo numa carreta. Mandou-me ir com o meu pai para ter a certeza de que ele não ficava toda a noite no *pub* a gastar o dinheiro na bebida. O Pai disse, O Frankie não tem idade para andar pelos *pubs*, e a Avó disse, Então não fique lá. Pôs o boné e fomos ao *pub* do Sul e, à porta, ele disse-me que já podia ir para casa, porque ele ia só beber uma cerveja. Eu disse, Não, e ele disse, Não sejas desobediente. Vai para casa para ao pé da tua pobre mãe. Eu disse, Não, e ele disse que eu era um menino mau e que Nosso Senhor ia ficar zangado comigo. Disse-lhe que não ia para casa sem ele, e ele disse, Oh!, onde é que este mundo vai parar? Bebeu só uma cerveja e fomos para casa com as garrafas.

O Pa Keating estava no nosso quarto com uma garrafa de uísque que tinha trazido e o Tio Pat Sheehan tinha trazido duas garrafas de cerveja só para ele. Estava sentado no chão, com os braços à volta das garrafas dele e não parava de dizer, São minhas, são minhas, com medo que alguém lhas tirasse. As pessoas que caíam no chão de cabeça para baixo ficavam para sempre com medo que alguém lhes roubasse a cerveja delas. A Avó disse, Está bem, Pat, bebe lá a tua cerveja. Ninguém te vai incomodar. Ela e a Tia Aggie sentaram-se na cama ao pé do Eugene. O Pa Keating sentou-se à mesa da cozinha e beber a cerveja dele e a oferecer um golinho de uísque a toda a gente. A Mãe tomou os comprimidos e sentou-se ao pé da chaminé com o Malachy ao colo. Não parava de dizer que o cabelo do Malachy era igual ao do Eugene e a Tia Aggie dizia sempre que não, até que a Avó lhe deu uma cotovelada no peito para ela se calar. O Pai ficou de pé a beber a cerveja dele, entre a lareira e a cama onde estava o Eugene. O Pa Keating contou histórias e os adultos riram-se, embora não quisessem ou não devessem rir-se na presença de uma criança morta. Contou que quando tinha estado em França no exército inglês, os Alemães mandaram um gás

que o fez ficar tão doente que tiveram de o levar para o hospital. Ficou lá uns tempos e depois tornaram a mandá-lo para as trincheiras. Os soldados ingleses regressavam a casa, mas eles não queriam saber dos Irlandeses para nada, tanto se lhes dava que vivessem como que morressem. Mas, em vez de morrer, o Pa ganhou uma fortuna. Disse que resolveu um dos maiores problemas da guerra nas trincheiras. Havia tanta humidade e tanta lama nas trincheiras que eles não conseguiam ferver a água para o chá. Ele, então, disse para os seus botões, Santo Deus, tenho tanto gás no meu sistema que é uma pena desperdiçá-lo. Enfiou um cachimbo no cu, acendeu-o com um fósforo e, em menos de um segundo, tinham uma chama que dava para ferver toda a água de um cantil. Os soldados ingleses vieram a correr de todas as trincheiras em volta, quando ouviram a notícia, e davam-lhe o dinheiro que ele quisesse para ele os deixar ferver a água. Ganhou tanto dinheiro que conseguiu subornar os generais para o deixarem sair exército e foi para Paris, onde passou uma bela vida, a beber vinho companhia de artistas e modelos. Divertiu-se tanto que gastou o dinheiro todo e, quando voltou para Limerick, o único emprego que conseguiu arranjar foi na fábrica de gás a mandar pazadas de carvão para as fornalhas. Disse que havia tanto gás dentro do corpo dele que dava para fornecer luz a uma cidade pequena durante um ano inteiro. A Tia Aggie fungou e disse que aquilo não era história que se contasse na presença de uma criança morta, e a Avó disse que era melhor contar histórias daquelas do que estar ali sentado com cara de enterro. O Tio Pat, que estava sentado no chão com a sua cerveja, disse que ia cantar uma canção. Força, disse o Pa Keating, e o Tio Pat cantou «The Road to Rasheen». Estava sempre a repetir, Rasheen, Rasheen, **mavourneen mean**, (*) mas a canção não fazia sentido porque o pai dele o tinha deixado cair no chão de cabeça para baixo há já muito tempo, e sempre que ele cantava aquela canção, era com uma letra diferente. A Avó disse que era uma canção muito bonita e o Pa Keating disse que era melhor o Caruso pôr-se a pau. O Pai encaminhou-se para a cama que estava no canto do quarto, onde ele dormia com a Mãe, e sentou-se na beira. Pousou a garrafa de cerveja no chão, tapou a cara com as mãos e começou a chorar. Depois disse, Frank, vem cá, Frank, e eu tive de ir ao pé dele para ele me abraçar da mesma maneira que a Mãe estava a abraçar o Malachy. A Avó disse, é melhor irmos andando agora para dormirmos um bocado antes do enterro. Ajoelharam-se um por um ao pé da cama, rezaram uma oração, e deram um beijo na testa do

Eugene. O Pai pôs-me no chão, levantou-se e acenou a cada um deles à saída. Depois de se terem ido todos embora, levou as garrafas de cerveja à boca, uma a uma, e esvaziou-as. Passou com o dedo pela garrafa de uísque e lambeu-o.

Baixou a chama do candeeiro de parafina que estava em cima da mesa e disse que estava na hora de eu e o Malachy irmos para a cama. Teríamos de dormir com ele e com a Mãe nessa noite, porque o Eugene ia precisar da outra cama para ele. Agora o quarto estava todo às escuras, à excepção de uma réstia de luz que vinha da rua e que batia exactamente em cima do lindo e sedoso cabelo do Eugene.

De manhã o Pai acende o lume, faz o chá e aquece o pão no lume. Leva o chá e uma torrada à Mãe, mas ela empurra a comida e vira-se para a parede. Leva-me a mim e ao Malachy até ao pé do Eugene, para nos ajoelharmos e rezarmos uma oração. Diz que as orações de uma criança como nós têm mais valor no céu do que as orações de dez cardeais e quarenta bispos. Ensina-nos a benzer, Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, Ámen, e diz, Meu Deus, é isto que Vós quereis, não é? Quereis o meu filho, Eugene. Já me levastes o irmão dele, o Oliver, e a irmãzinha, a Margaret. Mas eu não posso pôr isso em causa, pois não? Meu Deus, eu não sei por que é que as crianças têm de morrer, mas é essa a Vossa vontade. Dissestes ao rio que matasse e o rio Shannon matou. Podíeis agora ter um pouco de misericórdia? Podíeis deixar-nos os filhos que temos? É só o que pedimos. Ámen.

Ajuda-me a mim e ao Malachy a lavarmos a cara e os pés para irmos limpos ao enterro do Eugene. Não podemos fazer barulho nenhum, nem mesmo quando ele nos aleija a limpar-nos os ouvidos com a ponta da toalha que trouxemos da América. Não podemos fazer barulho porque o Eugene está ali deitado com os olhos fechados e nós não queremos que ele acorde e se ponha a espreitar pela janela à procura do Oliver.

A Avó chega e diz à Mãe que tem de se levantar. Morreram-te filhos, mas tens filhos vivos que precisam da mãe, diz ela. Leva-lhe um bocadinho de chá numa caneca para ela tomar os comprimidos que vão aliviar o sofrimento. O Pai diz à Avó que é quinta-feira e que tem de ir à Bolsa de Emprego levantar o dinheiro do subsídio e depois tem de ir ao cangalheiro para ir buscar o caixão e a carreta. A Avó diz-lhe para me levar, mas ele diz que é melhor eu ficar com o Malachy a rezar pelo meu irmãozinho que está ali morto na cama. A Avó diz, Está a fazer-me de tola? Rezar por uma criancinha de pouco mais de dois

anos, que já está no céu a brincar com o irmão? Leve o seu filho consigo e lembre-se que hoje não é dia para andar pelos *pubs*. Olha para ele, ele olha para ela e põe o boné.

Quando chegamos à Bolsa de Emprego ficamos no fim da bicha até que um homem sai de trás do balcão e vem ter com o Pai e lhe diz que lamenta muito o que lhe aconteceu e que ele pode passar à frente dos outros todos num dia tão triste como aquele. Os homens vão com a mão ao boné, dizem Os meus sentimentos, e alguns dão-me moedas, vinte e quatro *pennies* e dois xelins. O Pai diz-me que eu agora já sou rico e manda-me ir comprar rebuçados, enquanto ele vai ali a um sítio num instante. Eu sei que esse sítio é um *pub* e sei que ele quer ir beber aquela coisa castanha chamada cerveja, mas não digo nada porque quero ir à loja que fica ao lado comprar um caramelo. Mastigo o caramelo até ele se derreter, e fico com a boca doce e pegajosa. O Pai continua no *pub* e eu pergunto a mim próprio se não seria melhor ir comprar outro caramelo, enquanto ele não acaba a cerveja. No momento em que vou para dar o dinheiro à senhora da loja, alguém me dá uma palmada na mão. É a Tia Aggie, furiosa. Achas bem estar a fazer isto no dia do enterro do teu irmão? A empanturrar-te de guloseimas? Onde é que está o teu pai?

Ele, ele está no *pub*.

Claro que está no *pub*. Tu aqui a empanturrar-te de doces e ele a beber até cair para o lado no dia em que o teu pobre irmão vai para o cemitério. Diz à senhora da loja, É tal e qual o pai, a mesma maneira de ser, a mesma pinta do Norte. Manda-me ir ao *pub* dizer ao meu pai para parar de beber e ir para casa com o caixão e a carreta. Recusa-se a meter um pé que seja dentro do *pub* porque a bebida é a maldição daquele país pobre e abandonado por Deus.

O Pai está sentado ao fundo do *pub*, com um homem que tem a cara suja e cabelos a saírem do nariz. Não estão a falar, estão a olhar em frente e têm as cervejas pretas em cima do pequeno caixão branco, pousado no assento no meio deles. Sei que é o caixão do Eugene porque o Oliver tinha um igual àquele e dá-me vontade de chorar ao ver as cervejas pousadas em cima dele. Estou arrependido por te comido aquele caramelo e só queria poder arrancá-lo de dentro do estômago e dá-lo outra vez à mulher da loja, porque não está certo comer caramelos quando o Eugene está morto na cama e fico assustado por ver as duas cervejas pretas em cima do caixão branco. O homem que está ao pé do Pai diz, Pois não, já não se pode deixar um caixão de

criança na carreta. Fiz isso uma vez, foi beber uma cerveja e roubaram-me o caixão do raio da carreta. Pode acreditar-se numa coisa dessas? Graças a Deus que estava vazio, mas mesmo assim. Vivemos num mundo desesperado. Depois levanta o copo e bebe um golo muito grande e, quando pousa o copo, ouve-se um som cavo vindo do caixão. O Pai acena com a cabeça para mim e diz, Vou já, filho, mas quando ele vai a pousar o copo dele no caixão depois do golo grande, eu empurro-o.

Isto é o caixão do Eugene. Vou dizer à Mãe que o Pai pôs o copo em cima do caixão do Eugene.

Então, filho. Então, filho.

Pai, isto é o caixão do Eugene.

O outro homem pergunta, Vai outra cerveja?

O Pai diz-me, Espera só mais um bocadinho lá fora, Francis.

Não.

Não sejas mau.

Não.

O outro homem diz, Valha-me Deus, se ele fosse meu filho dava-lhe um pontapé no rabo que ele só parava no condado de Kerry. Não tem direito de falar assim com o pai dele num dia tão triste. Se um homem já não pode beber uma cerveja num dia de um enterro, não serve de nada estar vivo, de nada.

O Pai diz, Está bem. Vamos.

Acabam as cervejas e limpam as manchas castanhas do caixão com as mangas. O homem sobe para o sítio do condutor e eu e o Pai vamos dentro da carreta. O Pai leva o caixão no colo, e encosta-o ao peito. O nosso quarto está cheio de adultos, a Mãe, a Avó, a Tia Aggie, o marido dela, o Pa Keating, o Tio Pat Sheehan, o Tio Tom Sheehan, que é o irmão mais velho da Mãe e que nunca tinha ido a nossa casa porque odeia gente do Norte da Irlanda. O Tio Tom está com a mulher dele. Chama-se Jane e é de Galway e as pessoas dizem que parece uma espanhola e é por isso que ninguém da família fala com ela.

O homem tira o caixão ao Pai e, quando entra no quarto, a Mãe geme, Oh!, não, oh!, meu Deus, não. O homem diz à Avó que volta daí a pouco para nos levar ao cemitério. A Avó diz-lhe que é melhor para ele não aparecer lá bêbedo como está, porque a criança que vai para o cemitério sofreu muito em vida e merece um pouco de dignidade, e que ela não vai autorizar que seja um condutor bêbedo e capaz de cair daquele assento tão alto, a levar o caixão.

O homem diz, Já levei dezenas de crianças para o cemitério, minha senhora, e nunca caí de nenhum assento, alto ou baixo.

Os homens estão outra vez a beber garrafas de cerveja e as mulheres a bebericarem xerez pelos frascos de compota. O Tio Pat Sheehan diz a toda a gente, Esta cerveja é minha, esta cerveja é minha, e a Avó diz-lhe, Está bem, Pat. Ninguém te vai tirar a tua cerveja. Depois ele diz que quer cantar «The Road to Rasheen», mas o Pa Keating diz-lhe, Não, Pat, não se pode cantar no dia de um enterro. Só se pode cantar na noite anterior. Mas o Tio Pat continua a dizer, Esta cerveja é minha e quero cantar «The Road to Rasheen», e toda a gente sabe que ele fala assim porque o deixaram cair no chão, de cabeça para baixo. Começa a cantar a canção dele, mas pára quando a Avó abre a tampa do caixão e a Mãe começa a soluçar e a dizer, Oh!, meu Deus, oh!, meu Deus, será que isto não acaba? Será que vou ficar com um filho?

A Mãe está sentada numa cadeira à cabeceira da cama. Está a fazer festas no cabelo, na cara e nas mãos do Eugene. Diz-lhe que não havia criança mais doce, mais perfeita e mais amorosa no mundo. Diz-lhe que é horrível perdê-lo, mas que sabe que ele agora está no céu com o irmão e a irmã e que é uma consolação para todos nós sabermos que agora o Oliver já não está separado do irmão gémeo. Mesmo assim, pousa a cabeça ao lado do Eugene e chora tanto que todas as mulheres que estão no quarto choram também. Continua a chorar até que o Pa Keating lhe diz que temos de ir antes que anoiteça, que não se pode estar nos cemitérios à noite.

A Avó diz baixinho à Tia Aggie, Quem é que põe o menino no caixão? e a Tia Aggie responde baixinho, Eu não. Isso compete à mãe. O Tio Pat ouve-as e diz, Eu ponho o menino no caixão. Vai a coxear até ao pé da cama e põe os braços à volta dos ombros da Mãe. Ela levanta os olhos para ele. Tem a cara lavada em lágrimas. Ele diz-lhe, Eu ponho o menino no caixão, Angela.

Oh!, Pat, diz ela. Pat.

Eu consigo, diz ele. É um menino pequenino e eu nunca peguei num menino pequenino. Nunca peguei numa criança ao colo. Mas eu não o deixo cair, Angela. Não deixo. Juro por Deus que não deixo.

Eu sei que não deixas, Pat. Eu sei que não.

Pego nele e não vou cantar «The Road to Rasheen».

Eu sei que não cantas, Pat, diz a Mãe.

O Pat puxa para trás o cobertor que a Mãe tinha posto em cima do Eugene para ele não arrefecer. Os pés do Eugene estão brancos e a luzir, com veias azuis muito pequeninas. O Pat inclina-se, agarra no Eugene e encosta-o ao peito. Beija-o na

testa e depois toda a gente que está no quarto beija o Eugene. Põe-no no caixão e afasta-se para trás. Aproximamo-nos todos para vermos o Eugene pela última vez. O Tio Pat diz, Vês, Angela, não o deixei cair, e a Mãe faz-lhe uma festinha na cara.

A Tia Aggie vai ao **pub** buscar o condutor. Ele põe a tampa no caixão e aparafusa-a.

Depois pergunta, Quem é que vem comigo na carreta? Só há espaço para a Mãe, para o Pai, para o Malachy e para mim. A Avó diz, Vão ao cemitério que nós esperamos aqui. Não sei por que é que não podemos ficar com o Eugene. Não sei por que é que temos de o mandar embora com o homem que põe o copo da cerveja em cima do caixão branco. Não sei por que é que tivemos de mandar embora a Margaret e o Oliver. É mau pormos a minha irmã e os meus irmãos numa caixa e apetecia-me dizer qualquer coisa a alguém.

Ouçõ as patas do cavalo a baterem pelas ruas de Limerick. O Malachy pergunta, Vamos ver o Oliver?, e o Pai diz-lhe, Não, o Oliver está no céu e não me perguntes onde é que fica o céu porque eu não sei.

A Mãe diz, O céu é o sítio onde o Oliver, o Eugene e a Margaret estão, muito felizes e aconchegadinhos e qualquer dia vamos lá ter com eles.

O Malachy diz, O cavalo fez cocó na rua e cheira mal, e a Mãe e o Pai são obrigados a sorrir.

Quando chegamos ao cemitério, o condutor desce do banco dele e abre a porta da carruagem. Passem-me o caixão que eu levo-o até à sepultura, diz ele. Dá um puxão ao caixão e tropeça. A Mãe diz, Você não leva o meu filho nesse estado. Volta-se para o Pai e diz, Leva-o tu. Como queiram, diz o condutor. Raios vos partam, façam como quiserem, e torna a subir para o assento dele.

Já está escuro e o caixão parece mais branco do que nunca nos braços do Pai. A Mãe dá-nos a mão e seguimos atrás do Pai por entre as campas. As gralhas estão caladas nas árvores, porque o dia está quase a chegar ao fim para elas e têm de descansar para poderem levantar-se cedo na manhã seguinte para darem de comer aos filhinhos delas.

Estão dois homens à espera ao pé de uma pequena cova, encostados às pás. Um deles diz, Vieram muito tarde. Se não fosse uma coisa pequena, tínhamos ido embora. Salta para dentro da cova e diz, Passe-mo, e o Pai dá-lhe o caixão.

O homem deita uns bocadinhos de palha e de erva em cima do

caixão e, quando sai de dentro da cova, o outro começa a atirar pazadas de terra. A Mãe dá um grito, Oh!, meu Jesus, meu Jesus, e uma gralha berra numa árvore. Quem me dera atirar uma pedra à gralha. Quando os homens acabam de atirar a terra, limpam a testa e ficam à espera. Um deles diz, É costume dar-se qualquer coisa aqui ao pessoal para matar a sede.

O Pai diz, Ah!, pois, pois, e dá-lhes dinheiro. Eles dizem, Os nossos sentimentos, e vão-se embora.

Voltamos para a carreta que ficou à porta do cemitério, mas a carreta já não está lá. O Pai vai dar uma volta à procura dela no meio da escuridão, mas volta a abanar a cabeça. A Mãe diz, Aquele condutor é um porco bêbedo, Deus me perdoe.

É muito longe desde o cemitério até ao nosso quarto. A Mãe diz Pai, Estas crianças precisam de comer qualquer coisa e ainda tens dinheiro do subsídio que foste levantar hoje de manhã. Se estás pensar em ires meter-te nos **pubs** hoje à noite, podes tirar daí sentido. Vamos levá-los ao Naughton's, para eles comerem peixe e batatas e beberem uma limonada. Não é todos os dias que se enterra um irmão.

O peixe e as batatas ficam uma delícia com sal e vinagre, e a limonada é como um doce a escorrer-nos pela garganta.

Quando chegamos a casa, o quarto está vazio. Há garrafas de cerveja vazias em cima da mesa e o lume está apagado. O Pai acende o candeeiro de parafina e vê-se a marca da cabeça do Eugene na almofada. Fica-se à espera de o ouvir, de o ver com os seus passinhos incertos pelo quarto e a trepar para cima da cama para espreitar pela janela à procura do Oliver.

O Pai diz à Mãe que vai dar uma volta. Ela diz que não. Sabe qual é o fito dele, está desejoso de ir gastar os últimos xelins pelos **pubs**. Está bem, diz ele. Acende o lume, a Mãe faz chá e, passado pouco tempo, já estamos todos na cama.

Eu e o Malachy estamos outra vez na cama onde o Eugene morreu. Espero que ele não esteja com frio naquele caixão branco no cemitério, mas sei que ele já não está lá, porque os anjos foram lá, abriram o caixão e levaram-no para longe da humidade do Shannon que mata, levaram-no lá para cima para o céu, para ao pé do Oliver e Margaret, onde vão comer muito peixe com batatas, muitos caramelos, sem tias para os chatearem e onde os pais levam para casa o dinheiro do subsídio de desemprego, sem ser preciso andarmos pelos **pubs** à procura deles.

Notas

(*) *Father*, que em inglês também significa «pai» (N.T).

(*) GPO – General Post Office (N.T).

(*) Minha querida (N.T.).

III

A Mãe diz que não aguenta ficar nem mais um minuto naquele quarto em Hartstonge Street. Diz que está sempre a ver o Eugene, de manhã, à tarde e à noite. Vê-o a subir para a cama para espreitar para a rua à procura do Oliver e diz que às vezes vê o Oliver lá fora e o Eugene cá dentro, a conversarem um com o outro. Fica feliz por eles estarem assim a conversar mas não quer passar o resto da vida a vê-los e a ouvi-los. É uma pena mudarem-se, estando tão perto da Escola Oficial de Leamy, mas se não sair dali depressa, vai dar em doida e acabar no manicómio.

Mudamo-nos para Roden Lane, ao cimo de um sítio chamado Barrack Hill. Há seis casas num dos lados da rua e no outro há só uma. As casas são designadas por duas acima, duas abaixo, esta tem dois quartos em cima, a outra dois em baixo. A nossa casa fica ao fundo da rua, é a última das seis. Ao lado da nossa porta há um pequeno telheiro, uma casa de banho, e, a seguir, um estábulo.

A Mãe vai à Sociedade de São Vicente de Paulo para ver se há hipótese de arranjar alguma mobília. O homem diz que nos vai dar uma senha para irmos buscar uma mesa, duas cadeiras e duas camas. Diz que vamos ter de ir a uma loja de mobílias em segunda mão na Irishtown e vamos ter de ser nós a carregar a mobília para casa. A Mãe diz que pode levá-la no carrinho que era dos gémeos e, ao dizer isto, começa a chorar. Limpa os olhos à manga do casaco e pergunta ao homem se as camas também são em segunda mão. Ele diz, Claro que são, e ela diz-lhe que tem medo de dormir em camas onde alguém tenha morrido, principalmente se tiver sido de tuberculose. O homem responde, Lamento muito, mas quem pede não escolhe.

Demoramos o dia inteiro a acartar a mobília no carrinho de uma ponta para a outra ponta de Limerick. O carrinho tem quatro rodas, mas uma está torta, teima em ir sempre na direcção

errada. Temos duas camas, um armário com um espelho, uma mesa e duas cadeiras. Estamos satisfeitos com a casa. Podemos ir de uma divisão para a outra e subir e descer as escadas. Dá-nos a sensação de sermos ricos podemos subir e descer a escada sempre que queremos. O Pai acende o lume e a Mãe faz chá. O Pai senta-se à mesa numa das cadeiras, a Mãe senta-se na outra e eu e o Malachy sentamo-nos na mala que trouxemos da América. Quando estamos a beber o chá, passa um homem à nossa porta com um balde na mão. Despeja o balde na pia, puxa o autoclismo e a nossa cozinha é invadida por um cheiro horrível. A Mãe vai à porta e pergunta-lhe, Por que é que está a despejar o balde na nossa retrete? O homem tira o boné para a cumprimentar. Na sua retrete, minha senhora? Ah!, não. Está muito enganada, ah, ah. Esta retrete não é sua. É da rua toda. Vai ver passar à sua porta os baldes de onze famílias e pode crer que, quando está calor, o cheiro não é nada bom, mesmo nada bom. Graças a Deus que agora estamos em Dezembro, o ar está fresco e o Natal está à porta, e a retrete não está mal de todo, mas há-de vir o tempo em que vai gritar por uma máscara de gás. Por isso, boa noite, minha senhora, e espero que seja feliz na sua casa.

A Mãe diz-lhe, Espere. Pode dizer-me quem é que limpa a retrete?

Quem é que limpa a retrete? Ah!, boa piada. Quem é que limpa, pergunta ela. É uma anedota? Estas casas foram construídas no tempo da Rainha Vitória e, se a retrete alguma vez foi limpa, deve ter sido durante a noite, quando não estava ninguém a ver.

E afasta-se pela rua acima, a arrastar os pés e a rir-se sozinho.

A Mãe regressa ao seu chá, senta-se e diz, Não podemos ficar aqui. Aquela retrete vai-nos matar com todas as doenças possíveis e imaginárias.

O Pai diz, Não podemos mudar-nos outra vez. Onde é que vamos arranjar uma casa por seis xelins por semana? Limpamos nós a retrete. Deitamos para lá baldes de água a ferver.

Ah!, sim? diz a Mãe, e onde é que vamos arranjar o carvão ou a turfa para fervermos a água?

O Pai não diz nada. Acaba de beber o chá e procura um prego para pendurarmos o único quadro que temos. O homem do quadro tem uma cara magra, um chapelinho amarelo e um vestido preto com uma cruz ao peito. O Pai diz que era um Papa, Leão XIII, um grande amigo dos operários. Trouxe o quadro da América. Alguém sem tempo para os operários o deitou fora e o Pai encontrou-o. A Mãe diz, Raios te partam, só estás a dizer disparates, e ele

diz que ela não devia dizer raios te partam à frente dos miúdos. O Pai encontra um prego, mas fica a pensar como é que irá espetá-lo na parede sem um martelo. A Mãe diz-lhe que vá pedir um emprestado aos vizinhos do lado, mas ele diz que não se pedem coisas emprestadas a pessoas que não conhecemos. Então, encosta o quadro à parede e martela o prego com o fundo de um frasco de compota. O frasco parte-se, corta-lhe a mão e cai uma gota de sangue na cabeça do Papa. O Pai embrulha a mão no trapo da loiça e diz à Mãe, Depressa, depressa, limpa o sangue do Papa antes que seque. Ela tenta limpar o sangue com a manga do casaco, mas é de malha e o sangue espalha-se, até que um dos lados da cara do Papa fica todo manchado. O Pai diz, Valha-nos Deus, Angela, deste cabo do Papa, e ela diz, Ora, pára com essa lamúria. Um destes dias arranjam os tinta e compomos-lhe a cara. O Pai diz, É o único Papa que foi amigo dos operários. O que é que nós vamos dizer se aparecer aqui alguém da Sociedade de São Vicente de Paulo e o vir cheio de sangue? A Mãe diz, Não sei. O sangue é teu e é triste um homem nem sequer conseguir pregar um prego. É para que se veja o inútil que tu és. Mais te valia andares a cavar, mas não me interessa nada disso. Doem-me as costas e vou para a cama.

Oh!, e o que é que eu faço? pergunta o Pai.

Tira daí o Papa e esconde-o no buraco do carvão por baixo das escadas, onde ninguém o veja e nada lhe aconteça.

Não posso, diz o Pai. Ia dar azar. O buraco do carvão não é sítio para um Papa. Quando se tem parede, tem de se pendurar o Papa.

Como queiras, diz a Mãe.

Está bem, diz o Pai.

~~

É o nosso primeiro Natal em Limerick. Na rua, as miúdas estão a saltar à corda e a cantar,

**O Natal está a chegar
E o pato a engordar,
Por favor ponha um tostão
No chapéu do homem velho.
Se não tiver um tostão
Pode ser meio tostão
E se não tiver meio tostão
Que Deus lhe dê a bênção*.*

Os rapazes metem-se com as miúdas e gritam-lhes,

**E que a tua mãe tenha um acidente
caia na pia e vá pelo sifão.**

A Mãe diz que gostava de fazer um bom almoço para o dia de Natal, mas o que é que se pode fazer, se ainda por cima, o subsídio de desemprego foi reduzido para dezasseis xelins depois de o Oliver e o Eugene terem morrido? Com seis xelins para a renda, ficam dez xelins, o que é isso para quatro pessoas?

O Pai não consegue arranjar trabalho. Levanta-se cedo aos dias de semana, acende o lume, ferve a água para o chá e para pôr numa caneca para fazer a barba. Veste uma camisa e põe um colarinho com botões. Põe a gravata e o boné e vai à Bolsa de Emprego fazer o registo. Nunca sai de casa sem o colarinho e a gravata. Um homem sem colarinho e gravata é um homem sem respeito por si próprio. Nunca se sabe quando é que o funcionário da Bolsa de Emprego lhe vai dizer que há trabalho na Fábrica de Farinha de Rank ou na Companhia de Cimentos de Limerick, e mesmo se for um trabalho de operário, o que é que eles vão pensar se aparecer lá sem colarinho e gravata?

Os patrões e os encarregados mostram-se sempre muito respeitosos para ele e dizem-lhe que vão contratá-lo, mas quando ele abre a boca e ouvem aquele sotaque do Norte da Irlanda, preferem sempre contratar alguém de Limerick. É o que ele diz à Mãe à noite, junto à chaminé e quando ela lhe pergunta, Por que é que não te vestes como um operário? ele diz que nunca na vida lhes há-de estender a mão, e quando ela lhe diz, Por que é que não tentas falar como se fosses de Limerick, ele diz que nunca há-de descer tão baixo e que o maior desgosto da vida dele é ver os filhos atormentados pelo sotaque de Limerick. Ela diz, Tenho muita pena de ti e espero que nunca te aconteça nada de pior, e ele diz que um dia, com a ajuda de Deus, havemos de sair de Limerick e ir para longe do Shanoon que mata.

Pergunto ao Pai o que é que atormentado quer dizer e ele diz, Doença, filho, e coisas que não são boas.

Quando não anda à procura de trabalho, o Pai dá grandes passeios, anda quilómetros pelo campo. Pergunta às pessoas que estão a trabalhar a terra se não precisam de ajuda, diz-lhes que foi criado numa quinta e que sabe fazer qualquer trabalho. Quando o contratam, fica logo a trabalhar, com o boné, o colarinho, a gravata e tudo. Trabalha tanto e durante tanto tempo que os lavradores têm de o mandar parar. Perguntam como é

possível um homem trabalhar tanto num dia tão quente, sem pensar em comer nem em beber. O Pai sorri. Nunca traz para casa o dinheiro que ganha nos campos. Parece que esse dinheiro é diferente do dinheiro do subsídio, que tem de ir para casa. Vai para o **pub** com o dinheiro que ganhou na quinta e gasta-o todo na bebida. Se não está em casa às seis horas quando tocam as Ave-Marias, a Mãe já sabe que ele passou o dia a trabalhar. Ela gostava que ele pensasse na família e não fosse para o **pub** ao menos uma vez, mas ele nunca pensa. Gostava que ele trouxesse para casa qualquer coisa da quinta, batatas, couves, nabos, cenouras, mas ele nunca traz nada, porque ele nunca desceria ao ponto de pedir a um lavrador o que quer que fosse. A Mãe diz que não faz mal ela pedir uma senha para a comida na Sociedade de São Vicente de Paulo, mas que ele não pode trazer umas batatas no bolso. Ele diz que com um homem é diferente. É preciso manter a dignidade. Andar de colarinho e gravata, manter as aparências e nunca pedir seja o que for. A Mãe diz, Espero que te dês sempre bem assim.

Quando o dinheiro da quinta se acaba, vai para casa aos trambolhões a cantar e a chorar pela Irlanda e pelos seus filhos que morreram, mas principalmente pela Irlanda. Se canta o Roddy McCorley, quer dizer que só arranjou dinheiro para uma ou duas cervejas. Se canta o Kevin Barry, quer dizer que teve um dia em cheio e que agora está a cair de bêbedo e pronto a tirar-nos da cama, a pôr-nos em fila e a fazer-nos prometer que morreremos pela Irlanda, a menos que a Mãe lhe diga para nos deixar em paz, se não quer que ela lhe dê com o atizador na cabeça.

Não eras capaz de fazer isso, Angela.

Isso é muito mais. É melhor parares com as parvoíces e vires para a cama.

Cama, cama, cama. De que serve ir para a cama? Se for para a cama, vou ter de me levantar outra vez e não consigo dormir num sítio onde há um rio a mandar veneno por entre o fumo e o nevoeiro.

Vai para a cama, bate na parede com o punho fechado, canta uma canção triste e adormece. Levanta-se mal nasce o dia, porque nunca se deve dormir para além da aurora. Acorda-me a mim e ao Malachy, mas nós estamos cansados por não termos podido dormir com a conversa e as cantorias dele. Resmungamos e dizemos que estamos doentes, que estamos cansados, mas ele afasta os casacos com que estamos tapados e obriga-nos a saltar para o chão. É Dezembro, está um frio de rachar, e conseguimos

ver o bafo da nossa respiração. Fazemos chichi para o balde que está à porta do quarto e corremos escada abaixo para nos irmos aquecer ao pé do lume, que o Pai já acendeu. Lavamos a cara e as mãos numa bacia que está por baixo da torneira da água ao pé da porta. O cano que vai dar à torneira tem de estar preso à parede com um bocado de corda atada à volta de um prego. Em volta da torneira, está tudo encharcado, o chão, a parede, a cadeira onde a bacia está pousada. A água da torneira é gelada e os nossos dedos ficam dormentes. O Pai diz que é bom para nós, é para fazer de nós homens. Atira a água gelada para a cara, o pescoço e o peito dele, para nos mostrar que não há que ter medo. Nós estendemos as mãos para o lume, para as aquecermos com o calor que vem de lá, mas não pode ser durante muito tempo, porque temos de beber o chá e comer o pão para irmos para a escola. O Pai obriga-nos a dar Graças a Deus antes de comermos e depois de comermos e diz-nos para nos portarmos bem na escola porque Deus vê tudo e à mínima desobediência vamos logo para o inferno, onde nunca mais vamos ter de nos preocupar com o frio.

E sorri.

Duas semanas antes do Natal, eu e o Malachy saímos da escola, vamos para casa debaixo de uma grande chuvada e, quando lá chegamos, empurramos a porta e damos com a cozinha vazia. A mesa, a cadeira e a mala desapareceram e o lume está apagado. O Papa ainda lá está e isso significa que não nos mudámos. O chão da cozinha está molhado, cheio de pequenas poças de água e as paredes estão a luzir com a humidade. Ouvimos um barulho lá em cima e, quando subimos a escada, vemos o Pai, a Mãe e a mobília que tinha desaparecido. Está-se bem lá em cima com o lume aceso, está quentinho, a Mãe está sentada na cama e o Pai está a ler o **Irish Times** e a fumar um cigarro ao pé do lume. A Mãe diz-nos que houve uma inundação enorme, que a água da chuva veio a escorrer pela rua e entrou por baixo da nossa porta. Tentaram evitar que entrasse com trapos, mas os trapos ficaram encharcados e deixaram a chuva entrar. Com as pessoas a despejarem os baldes ainda ficou pior, e a cozinha ficou com um cheiro horrível. A Mãe acha que, enquanto chover, é melhor ficarmos lá em cima. Vamos estar mais quentinhos durante os meses de Inverno e depois, quando chegar a Primavera, podemos ir lá para baixo, se paredes e o chão estiverem secos. O Pai diz que é como se fôssemos passar férias a um país onde não faz frio, chamado Itália. A partir de agora, é isso que vamos chamar ao andar de cima: Itália. O Malachy diz que o Papa ainda

está no andar de baixo e vai ficar cheio de frio e pergunta se não podíamos levá-lo lá para cima, mas a Mãe diz, Não, vai ficar onde está porque não o quero pendurado na parede a olhar para mim quando estou na cama. Não basta já termo-lo trazido de Brooklyn para Belfast, de Belfast para Dublin e de Dublin para Limerick? A única coisa que eu quero agora é um pouco de paz, sossego e conforto.

~~

A Mãe leva-me a mim e ao Malachy à Sociedade de São Vicente de Paulo para ver se há hipótese de arranjarmos qualquer coisa para o almoço do dia de Natal - um pato ou um presunto, mas o homem diz que toda a gente em Limerick está na miséria neste Natal. Dá-lhe uma senha para ir buscar mercearias à loja do McGrath e outra senha para o talho.

Nem pato, nem presunto, diz o homem do talho. Não há luxos para quem aparece cá com as senhas da Sociedade de São Vicente de Paulo. A única coisa que pode levar, minha senhora, é sarrabulho e tripas, uma cabeça de ovelha ou uma bela cabeça de porco. Uma cabeça de porco não tem nada de mal, minha senhora, tem muita carne e as crianças adoram, corta as fatias das bochechas, barra-as com mostarda, é um pitéu, embora eu ache que nunca deve ter comido isso na América, porque lá são doidos por bife e toda a espécie de criação, quer voe, ande ou nade.

Diz à Mãe que não, não pode levar bacon cozido nem salsichas e que o mais acertado é ela levar a cabeça de porco, antes que se acabem, pela maneira como a gente de Limerick anda atrás delas.

A Mãe diz que não está certo comer cabeça de porco no dia de Natal e ele diz que é mais do que a Sagrada Família tinha naquele estábulo frio em Belém. Não iriam queixar-se se alguém lhes desse uma bela cabeça de porco.

Pois não, não se queixavam, diz a Mãe, mas também nunca iriam comer a cabeça de porco. Eram Judeus.

E o que é isso tem a ver? Uma cabeça de porco é uma cabeça de porco.

E um judeu é um judeu e isso vai contra a religião deles, e eu não lhes levo a mal por isso.

O homem do talho diz, A senhora é muito entendida em Judeus e carne de porco.

Não sou, diz a Mãe, mas tinha uma vizinha judia em Nova Iorque, a Sra. Leibowitz, e não sei o que teria sido de nós sem ela.

O homem do talho tira a cabeça de porco da prateleira e, quando o Malachy diz, Oh!, olhem, é uma cabeça de cão, o homem do talho e a Mãe desatam a rir à gargalhada. Ele embrulha a cabeça em papel de jornal, dá-a à Mãe e diz, Feliz Natal. Depois embrulha algumas salsichas e diz-lhe, Leve estas salsichas para o vosso pequeno-almoço no dia de Natal. A Mãe diz, Oh!, não tenho dinheiro para salsichas, e ele diz, Quem é que falou em dinheiro? Alguém falou em dinheiro? Leve lá as salsichas. São para compensar a falta do pato ou do presunto.

Não se sinta obrigado a fazer isso, diz a Mãe.

Eu sei, minha senhora. Se fosse obrigado, não o fazia.

A Mãe diz que tem uma dor nas costas e que tenho de ser eu levar a cabeça do porco. Seguro-a contra o peito, mas está húmida e, quando o papel de jornal começa a rasgar-se e a cair, toda a gente vê a cabeça. A Mãe diz, Que vergonha toda a gente ver que vamos ter de comer cabeça de porco no almoço do dia de Natal. Alguns rapazes da Escola de Leamy vêem-me, apontam e riem-se. Oh!, Deus, olhem para o Frank McCourt com o focinho do porco. É isso que os Yankees comem no Natal, Frankie?

Gritam uns para os outros, Ei, Christy, sabes como é que se come cabeça de porco?

Não, Paddy, não sei.

Agarra-se pelas orelhas e chupa-se o focinho.

E o Christy diz, Paddy, sabes qual é a única parte do porco que os McCourts não comem?

Não, não sei, Christy.

A única parte que eles não comem é o nariz.

Algumas ruas mais à frente, o jornal desaparece por completo e toda a gente vê a cabeça do porco. Tem o focinho achatado contra o meu peito a apontar para o queixo e eu tenho pena dele porque está morto e toda a gente se ri dele. A minha irmã e os meus dois irmãos também estão mortos, mas se alguém se risse deles, levava logo uma pedrada.

Quem me dera que o Pai pudesse vir ajudar-nos, porque a Mãe anda um bocadinho e tem logo de parar e encostar-se à parede. Está a amparar as costas e diz-nos que não vai conseguir subir Barrack Hill. Mesmo que o Pai viesse ter connosco, não seria grande ajuda, porque ele nunca anda com nada nas mãos, sejam embrulhos, sacos ou caixas. Quem anda com essas coisas pela rua perde a dignidade. É sempre o que ele diz. Andava com os gémeos ao colo quando eles estavam cansados e foi sempre ele que trouxe o Papa, mas isso não era o mesmo que andar com coisas vulgares como uma cabeça de porco Costuma dizer-me a mim e ao

Malachy que, quando formos grandes, temos de andar de colarinho e gravata e nunca podemos deixar que ninguém nos veja com nada nas mãos.

Está no andar de cima, sentado à chaminé, a fumar um cigarro e a ler **The Irish Press**, um jornal que ele adora porque é do De Valera, e ele acha que o De Valera é o melhor homem que existe no mundo. Olha para mim e para a cabeça de porco e diz à Mãe que é uma vergonha deixar uma criança andar com uma coisa daquelas na mão pelas ruas de Limerick. A Mãe tira o casaco, estende-se em cima da cama e diz-lhe que pode ser ele a tratar do jantar para o próximo Natal. Está de rastos e ansiosa por beber uma chávena de chá, por isso ele que faça o favor de mexer aqueles braços de pessoa importante, ferva a água para o chá e frite um bocado de pão para os filhos, antes que eles morram de fome.

Na manhã do dia de Natal, o Pai acende o lume cedo para comermos as salsichas com pão e chá. A Mãe manda-me a casa da Avó pedir emprestada uma panela onde caiba a cabeça de porco. A Avó pergunta, O que é que vai ser o vosso almoço? Cabeça de porco! Jesus, Maria e José, isso já é passar dos limites. O teu pai não podia levantar o rabo e ir arranjar ao menos um presunto ou um pato? Que raio de homem é ele afinal?

A Mãe põe a cabeça na panela, cobre-a de água, e enquanto o porco está a cozer o Pai leva-me a mim e ao Malachy à igreja redentorista. Está-se bem dentro da igreja e há um cheiro doce a flores, incenso e velas. Leva-nos a ver o Menino Jesus nas palhinhas. É um bebé grande e gordo com caracóis loiros como o Malachy. O Pai diz-nos que aquela vestida de azul é Maria, a mãe de Jesus, e o velho de barbas é o pai, São José. Diz que estão tristes porque sabem que Jesus vai crescer e ser morto para podermos ir todos para o céu. Pergunto-lhe por que é que o Menino Jesus tem de morrer, e o Pai diz que não se pode fazer perguntas dessas. O Malachy diz, Porquê? e o Pai diz-lhe para estar calado.

Quando chegamos a casa, encontramos a Mãe num estado miserável. Não há carvão que chegue para fazer o almoço, a água já parou de ferver e ela está raladíssima. Temos de ir outra vez a Dock Road para ver se encontramos carvão ou turfa da que cai dos camiões. De certeza que vamos conseguir encontrar qualquer coisa num dia como aquele. Nem os pobres mais pobres andam a apanhar carvão da rua no dia de Natal. Não vale a pena pedir ao Pai que vá, porque ele nunca na vida iria descer tão baixo e, mesmo que descesse, nunca anda carregado pela rua. É

uma regra que ele tem. A Mãe diz que não pode ir por causa da dor nas costas e diz, Vais ter de ir tu, Frank, e levar o Malachy.

É longe até Dock Road, mas nós não nos importamos porque temos a barriga cheia de salsichas e pão e não está a chover. Levamos um saco de tela que a Mãe pediu à vizinha do lado, a Sra. Hannon. A Mãe tinha razão, Não há ninguém em Dock Road. Encontramos bocados de carvão e turfa presos nas fendas do chão e nas frestas das paredes das carvoarias Encontramos bocados de papel e cartão, que são bons para acender outra vez o lume. Andamos por ali à volta a tentar encher o saco, quando aparece o Pa Keating. Deve ter-se lavado por ser Natal, porque não está tão preto como estava quando o Eugene morreu. Quer saber o que andamos a fazer com aquele saco e, quando o Malachy lhe diz, ele exclama, Jesus, Maria e José! É dia de Natal e vocês sem carvão para cozerem a cabeça do porco. Isso passa de todos os limites.

Leva-nos ao South's **pub**, que não devia estar aberto, mas ele é cliente da casa e há uma porta aberta nas traseiras para os homens que querem beber uma cerveja para celebrar o nascimento do Menino Jesus, que está nas palhinhas. Pede a cerveja dele e limonada para nós e pergunta ao homem se lhe pode arranjar uns bocados de carvão. O homem diz que há vinte e sete anos que vende cerveja e nunca ninguém lhe pediu carvão. O Pa diz que era um grande favor que ele lhe fazia e o homem diz que se o Pa lhe pedisse a lua, ele iria ao céu buscá-la. Leva-nos ao buraco do carvão debaixo da escada e diz-nos que podemos levar tanto quanto conseguirmos carregar. É carvão a sério e não bocados daqueles que apanhamos em Dock Road e, se não pudermos com o saco, podemos levá-lo a arrastar pelo chão.

Demoramos muito tempo a ir desde o **pub** até Barrack Hill, porque o saco tem um buraco. Eu puxo o saco e o Malachy tem de ir a apanhar os bocados de carvão que saem pelo buraco e a pô-los outra vez no saco, Mas depois começa a chover, e não podemos ficar à espera que a chuva passe na ombreira de uma porta, porque temos de levar o carvão para casa, e o saco vai deixando um trilho preto no passeio e o Malachy está a ficar todo sujo por ir a apanhar os bocados que caem, a pô-los outra vez no saco e a limpar a chuva da cara com as mãos pretas e molhadas. Digo-lhe que está todo preto, ele diz-me que estou todo preto, e uma mulher que está numa loja diz-nos para nos afastarmos da porta porque é dia de Natal e ela não quer ter a África diante do nariz.

Temos de continuar a arrastar o saco, senão não temos almoço de Natal. Vai demorar imenso tempo a acender o lume e ainda mais tempo a fazer o almoço, porque só quando a água estiver a ferver é que a Mãe põe o olho de couve e as batatas na panela, a fazerem companhia à cabeça de porco. Arrastamos o saco pela O'Connell Avenue e vemos pessoas dentro de casa sentadas à volta de mesas com todos os tipos de enfeites e luzes a brilharem. Numa das casas, abrem a janela e os miúdos apontam para nós, riem-se e gritam-nos, Olhem os Zulus! Onde é que estão as vossas lanças?

O Malachy faz-lhes caretas e quer atirar-lhes com carvão, mas eu explico-lhe que, se fizer isso, ficamos com menos carvão para a cabeça de porco e nunca mais vamos conseguir comer o nosso almoço de Natal.

O rés-do-chão da nossa casa está outra vez transformado num lago, por causa da chuva que entra por baixo da porta, mas não faz mal porque nós também estamos encharcados e podemos atravessar a água. O Pai desce a escada e leva o saco para cima, para a Itália. Diz que fomos uns lindos meninos por arranjarmos tanto carvão e que a Dock Road devia estar coberta. Quando a Mãe olha para nós, dá uma gargalhada, e depois começa a chorar. Ri-se por estarmos tão pretos e chora por estarmos tão encharcados. Manda-nos despir e lava-nos o carvão das mãos e da cara. Diz ao Pai que a cabeça de porco pode esperar, para nós bebermos um frasco de compota de chá bem quentinho.

Está a chover e a cozinha do rés-do-chão da nossa casa está alagada, mas nós estamos cá em cima na Itália com o lume aceso e o quarto está tão seco e quente que, depois de bebermos o chá, eu e o Malachy adormecemos na cama e só acordamos quando o Pai nos vem dizer que o almoço está pronto. A nossa roupa ainda está molhada, e, por isso, o Malachy senta-se à mesa embrulhado no casaco encarnado que a Mãe trouxe da América e eu estou embrulhado num casaco velho que o pai da Mãe não levou, quando foi para a Austrália.

Está um cheiro delicioso no quarto, a couves, batatas e cabeça de porco, mas quando o Pai tira a cabeça do porco da panela para um prato, o Malachy diz, Oh!, coitadinho do porco. Não quero comer o porquinho.

A Mãe diz, Se estivesses com fome, comias. Deixa-te de parvoíces e come.

O Pai diz, Espera aí. Corta algumas fatias das duas bochechas do porco, põe-nas nos nossos pratos e barra-as com mostarda. Põe o prato com a cabeça do porco debaixo da mesa e diz ao

Malachy, Aí tens. Presunto, e o Malachy come porque não está a ver donde é que aquilo veio e já não é cabeça de porco. A couve está tenra e salgada e há muitas batatas com manteiga e sal. A Mãe descasca as nossas batatas, mas o Pai come-as com casca e tudo. Diz que o melhor da batata está na casca e a Mãe diz, Ainda bem que não comes ovos, senão mastigavas casca e tudo.

Ele diz que sim e que é uma vergonha os Irlandeses desperdiçarem todos os dias milhões de cascas de batata e é por isso que há milhares de pessoas a morrerem de tuberculose e claro que a casca do ovo também alimenta, porque desperdiçar comida é o oitavo pecado mortal. Se as coisas fossem como eu digo. Mas a Mãe diz, Deixa lá isso e come.

O Pai come meia batata com casca e põe a outra metade na panela. Come uma fatia de carne das bochechas do porco e uma folha de couve e deixa o resto no prato para mim e para o Malachy. Faz mais chá e nós bebemo-lo com pão barrado com compota para que ninguém diga que não comemos um doce no dia de Natal.

Lá fora já está escuro e continua a chover. O carvão brilha na chaminé, junto à qual a Mãe e o Pai estão sentados a fumar. Não se pode fazer nada quando a nossa roupa está molhada a não ser ir para a cama, onde se está aconchegado e se pode ouvir o Pai a continuar a história de como o Cuchulain se tornou católico até adormecermos e sonharmos com a cabeça do porco nas palhinhas do Menino Jesus na igreja redentorista a chorar porque ele, o Menino Jesus e o Cuchulain vão todos morrer quando forem crescidos.

~~

O anjo que trouxe a Margaret e os gémeos torna a aparecer e traz-nos outro irmão, o Michael. O Pai diz que encontrou o Michael no sétimo degrau das escadas para a Itália. Diz que, quando se pede um bebé, tem de se estar com atenção ao Anjo do Sétimo Degrau.

O Malachy quer saber como é que o Anjo do Sétimo Degrau dá irmãos às pessoas que moram em casas sem degraus e o Pai diz que é um tormento fazer perguntas de mais.

O Malachy quer saber o que é um tormento.

Tormento. Gostava de saber o que quer essa palavra dizer. Tormento, mas o Pai diz, Oh!, filho, o mundo é um tormento, não há nada no mundo que não seja um tormento, põe o boné e vai ao Bedford Row Hospital ver a Mãe e o Michael. A Mãe está no

hospital por causa da dor nas costas e o bebé está ao pé dela para ter a certeza de que ele estava de boa saúde, quando foi deixado no sétimo degrau. Eu não percebo nada daquilo, porque tenho a certeza de que os anjos nunca deixariam um bebé doente no sétimo degrau, mas não vale a pena perguntar nada disso ao Pai nem à Mãe, porque eles dizem, Estás a ficar tal e qual o teu irmão com tantas perguntas. Vai brincar.

Sei que as pessoas crescidas não gostam que as crianças lhes façam perguntas. Os grandes podem fazer as perguntas que quiserem, Como é que vai a escola? Tens-te portado bem? Rezaste as tuas orações? mas se uma criança lhes perguntar se eles rezaram as orações deles, arrisca-se a levar com qualquer coisa na cabeça.

O Pai leva a Mãe e o bebé novo para casa, mas a Mãe tem de ficar alguns dias de cama, por causa das dores nas costas. Diz que o bebé é a cara chapada da nossa irmãzinha que morreu, com os caracóis pretos, uns olhos azuis encantadores e umas sobancelhas lindas. É o que a Mãe diz.

Eu gostava de saber se o bebé vai ficar com a cara chapada. Também gostava de saber qual é o sétimo degrau porque a nossa escada tem nove e não sei se se deve começar a contar de cima ou de baixo. O Pai não se importa de responder a esta pergunta. Os anjos vêm de cima para baixo, diz ele, e não de cozinhas como a nossa, que ficam alagadas desde Outubro até Abril.

Então, eu começo a contar de cima e descubro o sétimo degrau.

O bebé está constipado. Está todo entupido e custa-lhe muito a respirar. A Mãe está preocupada porque é domingo e o Dispensário dos pobres está fechado. Se se vai a casa do médico e as criadas vêem que somos pobres, mandam-nos ao Dispensário, que é onde nos pertence ir. Se lhe dizemos que o bebé está a morrer-nos nos braços, dizem-nos que o Senhor Doutor foi para o campo andar a cavalo.

A Mãe está a chorar porque o bebé está aflito para conseguir que o ar lhe entre pela boca. Tenta limpar-lhe as narinas com um bocadinho de papel enrolado, mas tem medo de o empurrar demasiado para cima. O Pai diz, Não há necessidade de estar a fazer isso. Não se deve empurrar coisas para dentro da cabeça de uma criança. Parece que vai dar um beijo ao bebé, mas, em vez disso, está a chupar as porcarias de dentro da cabeça do Michael e depois cospe para o lume. O bebé chora com força e vê-se logo que já está a conseguir puxar o ar para dentro dele, e a dar outra vez às perninhas e a rir-se. A Mãe olha para o Pai como se ele tivesse sido mandado por Deus, e o Pai diz-lhe,

Era o que fazíamos em Antrim no tempo em que os médicos ainda não andavam a cavalo.

Com o Michael temos direito a mais alguns xelins do subsídio de desemprego, mas a Mãe diz que não chega e que tem de ir à Sociedade de São Vicente de Paulo pedir comida. Uma noite ouvimos bater à porta e a Mãe manda-me ir ver quem é. São dois homens da Sociedade de São Vicente de Paulo e querem falar com a minha mãe e o meu pai. E digo-lhes que os meus pais estão lá em cima na Itália e eles dizem, O quê?

Lá em cima, onde está seco. Vou chamá-los.

Perguntam o que é aquele telheiro ao pé da nossa porta e eu digo-lhes que é a retrete. Perguntam por que é que não fica nas traseiras e eu digo-lhes que é a retrete da rua toda e ainda bem que não fica nas traseiras se não havia sempre pessoas a atravessarem a nossa cozinha com aqueles baldes que nos dão vontade de vomitar.

Os homens perguntam, Tens a certeza de que só há uma retrete para a rua toda?

Tenho.

Eles dizem, Santa Mãe de Deus.

A Mãe grita lá de cima da Itália, Quem é?

Os homens.

Que homens?

Da Sociedade de São Vicente de Paulo.

Atravessam com muito cuidado o lago da cozinha, fazem uns barulhos de admiração e dizem um para o outro, Que miséria! até chegarem lá acima à Itália. Pedem desculpa à Mãe e ao Pai por estarem a incomodar, mas a Sociedade tem de verificar se está a ajudar casos desesperados. A Mãe oferece-lhes uma chávena de chá, mas olham à volta e dizem, Não, obrigado. Querem saber por que é que estamos a morar lá em cima. Querem saber coisas sobre a retrete. Fazem perguntas porque as pessoas crescidas podem fazer as perguntas todas que quiserem e escreverem em blocos, sobretudo se usarem fato, gravata e colarinho. Perguntam a idade do Michael, quanto é que o Pai recebe da Bolsa de Emprego, quando foi a última vez que conseguiu trabalho e que sotaque é aquele que ele tem.

O Pai diz-lhes que a retrete é uma fonte de doenças, que a cozinha fica inundada no Inverno e temos de nos mudar lá para cima, porque está seco. Diz que o rio Shanoon é o responsável por tanta humidade, que nos há-de matar a todos.

O Malachy diz-lhes que moramos em Itália, e eles sorriem.

A Mãe pergunta-lhes se por acaso poderiam arranjar umas botas

para mim e para o Malachy, e eles dizem-lhe que vai ter de ir pedi-las a Ozanam House. A Mãe diz que não tem andado bem desde que o bebé nasceu, mas eles dizem que têm de tratar toda a gente da mesma maneira, até uma mulher da Irishtown que teve três gémeos, e depois agradecem e dizem que vão fazer o relatório para a Sociedade.

Quando estão para sair, o Malachy quer mostrar-lhes o sítio onde o anjo deixou o Michael no sétimo degrau, mas o Pai diz-lhe, Agora não. O Malachy chora e um dos homens tira um caramelo do bolso e dá-lho. Só queria alguma coisa que me fizesse chorar para também me darem um a mim.

Tenho de ir outra vez lá abaixo, mostrar-lhes onde é que hão-de pôr os pés para não se molharem. Eles não param de abanar a cabeça e dizer, Deus Todo-Poderoso e Santa Mãe de Deus, que miséria. Não é na Itália que eles vivem, é em Calcutá.

Lá em cima na Itália o Pai está a dizer à Mãe que ela nunca devia pedir daquela maneira.

Pedir, como?

Não tens nem um bocadinho de orgulho, para estares a pedir uma botas daquela maneira?

O que é que Sua Excelência quer fazer? Deixá-los andar descalços?

Não, arranjar os sapatos deles.

Os sapatos deles estão a cair aos bocados.

Eu arranjo-os, diz ele.

Tu não arranjas nada. És um inútil.

No dia seguinte ele chega a casa com um pneu velho de bicicleta.

Manda-me ir pedir ao nosso vizinho do lado, o Sr. Hannon, um martelo e uma forma de metal. Com a faca da cozinha da Mãe, corta o pneu até ter bocados do tamanho das solas e dos saltos dos nossos sapatos. A Mãe diz-lhe que ele vai dar cabo dos sapatos, mas ele continua a martelar os pregos que vão prender os bocados de borracha aos sapatos. A Mãe diz, Valha-me Deus, se deixasses os sapatos em paz, duravam até à Páscoa e talvez a Sociedade de São Vicente de Paulo nos desse umas botas. Mas ele não pára de martelar até as solas e os saltos estarem cobertos de quadrados de borracha, que transbordam pelos lados, pela biqueira e pelo calcanhar dos sapatos. Obriga-nos a calçá-los e diz-nos que vamos ficar com os pés quentes e secos, mas nós não queremos calçá-los porque os bocados de pneu são tão rugosos que nós passamos a vida a tropeçar, quando estamos a andar pela Itália. O Pai manda-me ir entregar a forma e o martelo ao Sr.

Hannon e a Sra. Hanoon diz, Valha-me Deus, o que é que aconteceu aos teus sapatos? Dá uma gargalhada, o Sr. Hannon abana a cabeça e eu fico cheio de vergonha. No dia seguinte não quero ir para a escola e finjo que estou doente, mas o Pai levanta-se, dá-nos pão frito e chá e diz-nos que devíamos dar-nos por satisfeitos por termos sapatos, porque há rapazes na Escola de Leamy que até nos dias mais frios vão para a escola descalços. No caminho para a escola, os rapazes fazem troça de nós porque os bocados de pneu são tão grossos que nós ficamos com mais uns centímetros de altura e os rapazes perguntam, Como é que está o tempo aí em cima? Na nossa classe há cinco ou seis miúdos descalços e esses não dizem nada e eu pergunto a mim próprio se não será melhor andar descalço do que com sapatos com solas de pneu de borracha que nos fazem tropeçar. Se não tivermos sapatos, temos os miúdos descalços do nosso lado. Se tivermos sapatos com pneus de borracha estamos sozinhos com os nossos irmãos e temos de aguentar sozinhos as nossas batalhas. Sento-me num banco no telheiro do pátio da escola e tiro os sapatos e as meias, mas quando entro para a sala de aula o professor pergunta-me onde é que estão os meus sapatos. Sabe que não sou um dos descalços e obriga-me a ir ao pátio buscar os sapatos e calçá-los. Depois diz para a classe toda, Anda por aqui zombaria. Há aqui gente a fazer pouco da miséria alheia. Há alguém nesta classe que ache que é perfeito? Quem achar que sim, levante o braço.

Ninguém levanta o braço.

Há aqui rapazes que têm de consertar os sapatos com o que puderem arranjar. Há aqui rapazes que nem sapatos têm. Não têm culpa disso, nem é nenhuma vergonha para eles. Nosso Senhor não tinha sapatos. Morreu descalço. Algum de vocês O viu pendurado na cruz com uns belos sapatos? Alguém?

Não, senhor professor.

O que é vocês não viram Nosso Senhor fazer?

Estar pendurado na cruz com uns belos sapatos, senhor professor.

Ora bem, se eu ouvir alguém fazer troça ou insultar o McCourt ou o irmão por causa dos sapatos, o ponteiro entra em acção. O que é que entra em acção?

O ponteiro, senhor professor.

O ponteiro vai entrar em acção. A vergasta vai assobiar pelo ar e parar em cima das costas de quem estiver a zombar ou a rir-se. Onde é que a vergasta vai parar?

Nas costas de quem estiver a zombar, senhor professor.

E mais?

Nas costas de quem estiver a rir-se, senhor professor.

Os rapazes nunca mais nos disseram nada e nós continuámos a usar os sapatos com as solas de pneu durante as semanas que faltavam até à Páscoa, quando a Sociedade de São Vicente de Paulo nos deu umas botas.

Quando tenho de me levantar de noite para ir fazer chichi ao balde, vou ao cimo das escadas e olho para baixo para ver se o anjo está no sétimo degrau. Às vezes tenho a certeza de está lá uma luz e, se estiver toda a gente a dormir, sento-me no degrau, não vá o anjo trazer outro bebé ou vir só visitar-nos. Pergunto à Mãe se o anjo só traz os bebés e depois nunca mais quer saber deles. A Mãe diz, Claro que não. O anjo está sempre a olhar pelos bebés e volta de vez em quando para ver se o bebé é feliz.

Há tantas perguntas que eu podia fazer ao anjo e tenho a certeza de que ele ia responder, a menos que fosse uma anja. Mas de certeza que se fosse uma anja também responderia.

Fico muito tempo sentado no sétimo degrau e tenho a certeza de que o anjo está lá. Digo-lhe todas as coisas que não se podem dizer à Mãe nem ao Pai, porque senão podem bater-nos ou mandar-nos ir brincar lá para fora. Falo-lhe da escola, digo-lhe que tenho medo do professor e do ponteiro, quando ele ralha connosco em irlandês e não percebo o que ele está a dizer porque vim da América e os outros miúdos já andavam a aprender irlandês um ano antes de mim.

Fico no sétimo degrau até já não conseguir aguentar o frio ou até o Pai se levantar e me mandar para a cama. Foi ele que me disse que o anjo vinha ao sétimo degrau e, por isso, era de esperar que ele soubesse por que é que estou ali sentado. Uma noite disse-lhe que estava à espera do anjo e ele disse, Oh!, Francis, és um sonhador.

Torno a ir para a cama, mas ouço-o a sussurrar para a minha mãe, O pobrezinho estava sentado nas escadas a falar com um anjo.

Ri-se e a minha mãe também se ri e eu fico a pensar como é estranho os grandes rirem-se de um anjo que lhes trouxe mais um filho.

Antes da Páscoa mudamo-nos para o andar de baixo, para a Irlanda. A Páscoa é melhor do que o Natal, porque não está tanto frio, as paredes não estão a escorrer de humidade e a cozinha já não está alagada e, se nos levantarmos cedo, talvez apanhemos uma nesga de sol a entrar por um instante pela janela

da cozinha.

Quando o tempo está bom os homens sentam-se na rua a fumar, quando têm cigarros, a olharem para as coisas e a verem-nos brincar. As mulheres ficam de pé, de braços cruzados, a conversarem umas com as outras. Não se sentam porque o trabalho delas é só estarem em casa, a tratarem dos filhos, a limparem a casa e a cozinharem. Os homens precisam de se sentar porque estão cansados de irem todas as manhãs à Bolsa de Emprego fazerem o registo, discutirem os problemas do mundo e descobrirem o que hão-de fazer do resto do dia. Alguns param na casa das apostas para verem como as coisas estão e apostarem um ou dois xelins numa coisa que seja certa. Outros passam horas a fio na Biblioteca de Carnegie a lerem jornais ingleses e irlandeses. Um homem que está no desemprego tem de se manter a par das coisas, porque todos os outros homens que estão no desemprego sabem tudo o que vai pelo mundo. Tem de estar preparado para o caso de algum dos outros trazer à baila o Hitler, o Mussolini ou a vida miserável de milhões de chineses. Um homem que está no desemprego chega a casa depois de passar o dia na casa de apostas ou a ler jornais e a mulher não tem nada que refilar com ele por ele querer fumar um cigarro em paz e descanso, a beber chá e a pensar no mundo.

A Páscoa é melhor do que o Natal porque o Pai nos leva à igreja redentorista, onde todos os padres estão vestidos de branco e a cantar. Estão felizes porque Nosso Senhor está no céu. Pergunto ao Pai se o bebé que estava nas palhinhas morreu e ele diz, Não, tinha trinta e três anos quando morreu. Está ali na cruz. Não percebo como é que Ele cresceu tão depressa que já está ali pendurado com um chapéu feito de espinhos e com sangue a escorrer-lhe da cabeça, das Mãos, dos Pés e de um buraco muito grande ao pé da barriga.

O Pai diz que eu vou perceber, quando crescer. Agora passa a vida a dizer-me isso e eu fico cheio de vontade de ser grande como ele para conseguir perceber tudo. Deve ser formidável acordar de manhã e perceber tudo. Quem me dera ser como todas aquelas pessoas crescidas que estão na igreja, de pé, de joelhos, a rezar e que percebem tudo.

Durante a Missa as pessoas vão até ao altar e o padre põe-lhes uma coisa qualquer na boca. Voltam para os seus lugares de cabeça baixa, a mexerem a boca. O Malachy diz que está com fome e também quer comer. O Pai diz, Chiu, aquilo é a Sagrada Comunhão, o corpo e sangue de Nosso Senhor.

Mas, Pai.

Chiu, é um mistério.

Não vale a pena perguntar mais nada. Faz-se uma pergunta e eles dizem, é um mistério, vais perceber quando fores grande, porta-te bem, pergunta à tua mãe, pergunta ao teu pai, deixa-me em paz por amor de Deus, vai lá para fora brincar.

O Pai arranja o primeiro emprego em Limerick, na fábrica de cimento, e a Mãe fica feliz. Não vai ter de ir para a bicha da Sociedade de São Vicente de Paulo, para pedir roupa e botas para mim e para o Malachy. Diz que não é pedir, é caridade, mas o Pai diz que é pedir e que é uma vergonha. A Mãe diz que agora já pode pagar umas libras que deve na loja da Kathleen O'Connell e o que deve à mãe dela. Detesta dever obrigações seja a quem for, principalmente à mãe dela.

A fábrica de cimento fica alguns quilómetros afastada de Limerick, o que obriga o Pai a sair de casa às seis da manhã. Não se importa porque está habituado a andar muito. À noite a Mãe arranja-lhe uma garrafa com chá, uma sanduíche e um ovo cozido para o dia seguinte. Tem pena dele por ter de andar cinco quilómetros para lá e cinco quilómetros para cá. Uma bicicleta é que dava jeito, mas ao preço a que estão era um ano inteiro de trabalho.

À sexta-feira é dia de pagamento. A Mãe levanta-se cedo e limpa a casa, a cantar,

**Todos sabem porque quis o teu beijo*

*Tinha de ser, eu sou assim...**

A casa não tem muito que limpar. Varre o chão da cozinha e o chão da Itália. Lava os quatro frascos de compota que usamos como canecas. Diz que, se o trabalho do Pai continuar, vamos arranjar chávenas como deve ser e talvez pires também e um dia, com a ajuda de Deus e da Sua Santa Mãe, vamos ter lençóis para a cama e, se pouparmos durante bastante tempo, um cobertor ou dois, em vez daqueles casacos velhos que deviam ser de pessoas que fugiram durante a Grande Fome. Aquece água e lava os trapos que o Michael usa para não fazer coco no carrinho nem pela casa toda. Oh!, diz ela, quando o Paizinho chegar a casa com o dinheiro logo à noite vamos fazer um chá delicioso.

Paizinho. Está bem-disposta.

Ouvem-se sirenes e apitos por toda a cidade, quando os homens saem do trabalho às cinco e meia. Eu e o Malachy estamos todos excitados, porque sabemos que, quando os pais trabalham e trazem o dinheiro para casa, se recebe o Tostão-das-Sextas-Feiras. Foram os outros rapazes, cujos pais trabalham, que nos

contaram, e também sabemos que depois do chá podemos ir à loja da Kathleen O'Connell comprar rebuçados. Se as mães estiverem bem-dispostas até pode ser que nos dêem dois **pence** para irmos ao Cinema Lyric no dia seguinte, ver um filme com o James Cagney.

Os homens que trabalham nas fábricas e nas lojas da cidade vêm a caminho de casa para jantarem, lavarem-se e irem ao **pub**. As mulheres vão ver filmes no Coliseu ou no Cinema Lyric. Compram rebuçados e cigarros Wild Woodbine e, se os maridos estiverem a fazer horas extraordinárias, compram caixas de chocolate Black Magic. Adoram os filmes com histórias de amor e divertem-se a chorar que nem umas perdidas quando têm um fim feliz ou quando o galã deslumbrante parte para ser morto pelos hindus ou outra gente não católica.

Nós temos de esperar muito tempo porque o Pai tem de andar aqueles quilómetros todos desde a fábrica de cimento. Não podemos beber o chá enquanto ele não chegar a casa e custa esperar porque se sente o cheiro da comida das outras casas lá da rua. A Mãe diz que felizmente o dia de pagamento é à sexta-feira e não se pode comer carne, porque o cheiro das salsichas ou do presunto nas outras casas ia dar com ela em doida. Podemos comer pão e queijo e beber um frasco de compota cheio de chá com um cheirinho de leite e açúcar, e o que é que queremos mais?

As mulheres foram ao cinema, os homens estão nos **pubs** e o Pai ainda não chegou a casa. A Mãe diz que ele anda depressa mas a fábrica de cimento fica muito longe. Diz isto, mas tem lágrimas nos olhos e já não está a cantar. Está sentada ao pé do lume a fumar um Wild Woodbine que a Kathleen O'Connor lhe vendeu fiado. O cigarro é o único luxo que ela tem e nunca na vida se há-de esquecer da bondade da Kathleen. Não sabe quanto tempo é que a água se vai aguentar quente dentro da chaleira. Não vale a pena fazer o chá enquanto o Pai não chegar, porque vai acabar por ficar forte de mais, frio e sem graça nenhuma. O Malachy diz que tem fome e ela dá-lhe um bocado de pão e queijo para o ir entretendo. Diz, Este emprego podia ser a nossa salvação. É tão difícil ele arranjar trabalho com aquele sotaque do Norte. Se fica sem este trabalho, não sei o que vai ser de nós.

A rua já está escura e temos de acender uma vela. A Mãe tem de nos dar o chá e o pão com queijo porque estamos a morrer de fome e não aguentamos esperar mais. Senta-se à mesa, come um bocado de pão com queijo e fuma o Wild Woodbine. Vai à porta

ver se o Pai já vem a subir a rua e fala dos dias de pagamento em que tínhamos de andar pela rua à procura dele em Brooklyn. Diz, Qualquer dia havemos de voltar todos para a América e arranjar um sítio decente e aconchegado para morarmos com uma casa de banho ao fundo do corredor como a que tínhamos em Classon Avenue e não como aquele nojo que temos à nossa porta.

As mulheres já estão a voltar do cinema, a rirem-se, e os homens já estão a voltar dos **pubs**, a cantarem. A Mãe diz que não vale a pena esperar mais. Se o Pai estiver nos **pubs** até fecharem, não vai trazer dinheiro nenhum, por isso não vale a pena estarmos a pé. Deita-se com o Michael envolto nos seus braços. A rua está em silêncio e eu ouço-a a chorar, apesar de ela ter puxado um casaco velho para cima da cara, e ouço ao longe o meu pai.

Sei que é o meu pai porque é o único em Limerick que canta aquela canção do Norte, o Roddy McCorley vai morrer hoje na ponte de Toome. Contorna a esquina ao cimo da rua e começa a cantar o Kevin Barry. As pessoas assomam às janelas e às portas e dizem-lhe, Cale essa boca, por amor de Deus. Há quem tenha de se levantar cedo para ir trabalhar. Cante a merda dessas canções patriótica lá em sua casa.

Está parado no meio da rua a gritar a toda a gente que venha para a rua, que está pronto a morrer pela Irlanda, que é coisa que ele nunca ouviu da boca dos homens de Limerick, que não há ninguém no mundo que não saiba que estão feitos com os malandros dos Saxões.

Empurra a porta da nossa casa a cantar,
**E se enquanto estamos alerta,
O Oeste continuar a dormir.
Bem pode a Irlanda chorar,
Que Connacht dorme um sono profundo,
Mas uma voz ecoa como um trovão
« O Oeste está a acordar!» E canta,
Hurra! Trema a Inglaterra,
Estamos prontos para morrer Irlanda*!*

Grita do fundo das escadas, Angela, Angela, há uma pinga de chá nesta casa?

A Mãe não lhe responde e ele grita outra vez, Francis, Malachy, venham cá, rapazes. Tenho aqui o Tostão-das-Sextas-Feiras para vocês.

Tenho vontade de ir lá abaixo buscar o Tostão, mas a Mãe está a soluçar com o casaco a tapar a boca e o Malachy diz, Não

quero a porcaria do Tostão. Ele que fique com ele.

O Pai sobe a escada aos tropeções, a dizer, como se estivesse a discursar, que temos de morrer todos pela Irlanda. Acende um fósforo e chega-o à vela que está ao pé da cama da Mãe. Segura a vela por cima da cabeça e anda pelo quarto a cantar,

**Vede quem aparece por detrás da urze em flor,
Com as bandeiras verdes a beijarem o ar puro da montanha,
Cabeças erguidas, a olhar em frente, marchando orgulhosos do
seu país,*

A liberdade assentou arraiais no trono destes espíritos.*

O Michael acorda e dá um grito, os Hannons estão a bater na parede, a Mãe está a dizer ao Pai que ele é um miserável e por que é que não desaparece de uma vez para sempre.

Ele está de pé no meio do quarto com a vela por cima da cabeça. Tira uma moeda do bolso e acena com ela a mim e ao Malachy e diz, Está aqui o vosso Tostão-das-Sextas-Feiras, rapazes. Saíam da cama e ponham-se em sentido aqui como dois soldados e prometam que morrerão pela Irlanda, se querem que eu vos dê o Tostão-das-Sextas-Feiras.

O Malachy senta-se na cama e diz, Não o quero para nada.

E eu digo que também não.

O Pai fica de pé, a balançar, e torna a pôr a moeda no bolso. Volta-se para a Mãe e ela diz-lhe, Nesta cama é que tu não dormes esta noite. Ele desce a escada com a vela, dorme sentado numa cadeira, falta ao trabalho na manhã seguinte, fica sem o emprego na fábrica de cimento, e passamos a viver outra vez do subsídio de desemprego.

IV

O professor diz que está na altura de nos prepararmos para a Primeira Confissão e a Primeira Comunhão, de aprendermos e sabermos todas as perguntas e respostas do catecismo, de nos tornarmos bons católicos, de sabermos distinguir o que está certo do que está errado e de morrermos pela Fé se formos chamados a isso.

O professor diz que é uma honra morrer pela Fé e o Pai diz que é uma honra morrer pela Irlanda e eu pergunto a mim próprio se haverá alguém no mundo que nos queira vivos. Os meus irmãos morreram, a minha irmã morreu, e eu não sei se foi pela Irlanda ou pela Fé. O Pai diz que eles eram pequeninos de mais para morrerem fosse pelo que fosse. A Mãe diz que morreram por estarem doentes e terem fome, por ele nunca arranjar trabalho. O Pai diz, Oh!, Angela, põe o boné e vai dar um longo passeio.

O professor diz que temos de levar três *pence* cada um para o catecismo da capa verde para a Primeira Comunhão. O catecismo tem todas as perguntas e respostas que temos de saber de cor antes de recebermos a Primeira Comunhão. Os rapazes mais velhos, da quinta classe, têm um catecismo grosso, o da Confirmação, que tem uma capa vermelha e custa seis *pence*. Gostava de ser grande e importante e exibir o catecismo vermelho da Confirmação, mas acho que não vou viver até lá, se vou ser obrigado a morrer por uma coisa ou outra. Tenho vontade de perguntar porque é que há tanta gente crescida que não morreu pela Irlanda nem pela Fé, mas sei que se perguntar isso dão-me uma palmada e mandam-me ir brincar.

Dá muito jeito que o Mikey Molloy more à esquina da minha rua. Tem onze anos, tem ataques e, pelas costas, chamamos-lhe o Molloy dos Ataques. As pessoas da rua dizem que os ataques são um tormento, e agora já sei o que é que tormento quer dizer. O Mikey sabe tudo porque tem visões durante os ataques e porque lê livros. É o perito da rua em Corpos de Raparigas e Porcarias

em Geral e promete, Conto-te tudo, Frankie, quando tiveres onze anos como eu e já não fores tão estúpido e tão ignorante.

É bom ele dizer Frankie para eu saber que está a falar comigo, porque ele tem os olhos tortos e nunca se sabe para quem é que ele está a olhar. Se estiver a falar com o Malachy e eu pensar que ele está a falar comigo, pode enervar-se e ter um ataque que o leve. Ele diz que é um dom ter os olhos tortos, porque é como se fosse um deus a olhar para dois lados ao mesmo tempo e que, na Antiga Roma, quem tinha os olhos tortos não tinha a mínima dificuldade em arranjar emprego. Se virmos os retratos dos imperadores romanos, havemos de ver que têm sempre uma grande tendência para terem os olhos tortos. Quando não está a ter um ataque, senta-se no chão ao cimo da rua a ler os livros que o pai lhe traz da Biblioteca de Carnegie. A mãe dele diz, Livros, livros, livros, está a dar cabo dos olhos com tanta leitura, precisa de ser operado para os endireitar, mas quem é que tem dinheiro para iso). Diz-lhe que se ele continuar a esforçar a vista, os olhos vão-se juntar num só no meio da cabeça. Desde aí o pai dele começou a chamar-lhe Ciclope, que aparece numa história grega.

A Nora Molloy conhece a minha mãe das bichas na Sociedade de São Vicente de Paulo. Diz à Mãe que o Mikey tem mais juízo do que doze homens juntos a beberem cerveja num **pub**. Sabe os nomes dos Papas todos desde São Pedro até Pio XI. Só tem onze anos mas é um homem, lá isso é que é, um homem. Há muitas semanas em que é ele que salva a família de morrer à fome. Pede um carrinho de mão ao Aidan Farrell e anda a bater às portas de uma ponta à outra de Limerick para ver se alguém quer que ele lhe leve carvão ou turfa, volta à Dock Road e carrega sacos com mais de cinquenta quilos. Faz recados às pessoas idosas que já não podem andar e, se não tiverem dinheiro para lhes dar, diz que uma oração também serve.

Por muito pouco que receba, entrega o dinheiro à mãe que adora o seu Mikey. É tudo no mundo para ela, o seu sangue, o seu coração, e se alguma vez lhe acontecesse alguma coisa, podiam fechá-la no manicómio e deitar a chave fora.

O pai do Mikey, o Peter, é um grande campeão. Ganha apostas nos **pubs** a beber mais cerveja do que qualquer outro homem. A única coisa que ele tem de fazer é ir à casa de banho, enfiar um dedo pela goela abaixo e deitar tudo fora, para poder enfiar outra rodada. É um campeão tão grande que consegue estar de pé na casa de banho e vomitar sem precisar de meter o dedo na boca. É um campeão tão grande que lhe podiam cortar os dedos e

ele continuava à mesma. Ganha aquele dinheiro todo, mas nunca leva nenhum para casa. Às vezes é como o meu pai e gasta o dinheiro do subsídio na bebida e é por isso que de vez em quando levam a Nora Molloy para o manicómio, louca com a preocupação de ver a família cheia de fome. Ela sabe que, enquanto está no manicómio, está a salvo do mundo e dos seus tormentos, não pode fazer nada, está protegida e não vale a pena preocupar-se. Toda a gente sabe que os malucos têm de ser levados à força para o manicómio, mas ela tem de ser tirada de lá à força, para voltar para os seus cinco filhos e o campeão das cervejas.

Sabemos que a Nora Molloy está pronta para ir para o manicómio, quando vemos os filhos dela pela rua cobertos de farinha da cabeça aos pés. Isso acontece quando o Peter gasta o dinheiro do subsídio na bebida ela fica desesperada e com a certeza de que os homens vêm buscá-la. Sabemos que está dentro de casa a fazer pão sem parar. Quer ter a certeza de que os filhos não vão morrer de fome enquanto ela estiver fora de casa e corre toda a cidade de Limerick a pedir farinha. Pede aos padres, às freiras, aos Protestantes e aos Quakers. Vai à Fábrica de Farinha de Rank e pede que lhe dêem a farinha que varrem do chão. Faz pão dia e noite. O Peter pede-lhe que pare e ela grita, É nisto que dá gastares o dinheiro na bebida. Ele diz-lhe que o pão vai ficar duro, mas não vale a pena falar com ela. Faz pão, pão, pão. Se tivesse dinheiro para isso, fazia pão com toda a farinha de Limerick e arredores. Se os homens do manicómio não fossem buscá-la, ficava a fazer pão até cair para o chão.

Os filhos empanzinam-se de pão de tal maneira que as outras pessoas lá da rua dizem que eles ficam transformados em papo-secos. Mas o pão endurece e o Mikey fica tão preocupado com esse desperdício que vai falar com uma mulher rica que tem um livro de cozinha e ela diz-lhe que faça pudim de pão. Então, ele coze o pão duro em água com leite azedo e uma chávena de açúcar e o irmão adora aquela comida, apesar de ser o que eles comem durante as duas semanas que a mãe deles passa no manicómio.

O meu pai pergunta, Levam-na para o manicómio porque ela endoidece a fazer pão ou ela endoidece a fazer pão porque vão levá-la para o manicómio?

A Nora volta para casa tão calma como se tivesse estado à beira-mar. Diz sempre, Onde é que está o Mikey? Está vivo? Preocupa-se com o Mikey porque ele não é um verdadeiro

católico, e, se tivesse um ataque e morresse sabe-se lá onde é que iria parar na outra vida. Não é um verdadeiro católico porque não conseguiu receber a Primeira Comunhão com medo de pôr na língua alguma coisa que o fizesse ter um ataque e morrer sufocado. O professor tentou dias a fio, com bocadinhos do **Limerick Leader**, mas o Mikey cuspiam-os sempre até que o professor perdeu a cabeça e o mandou para o padre, que escreveu ao bispo, que disse, Não me incomodeis, resolvi vós isso. O professor mandou um recado para casa a dizer para o Mikey treinar a comungar com o pai ou com a mãe, mas nem eles conseguiram fazê-lo engolir um bocadinho do **Limerick Leader** em forma de hóstia. Até tentaram com um bocadinho de pão do feitio de uma hóstia e barrado com compota, mas não serviu de nada. O professor disse à Sra. Molloy que não se preocupasse. Deus escolhe caminhos misteriosos para revelar os Seus milagres e de certeza que tem um fim em vista para o Mikey, mesmo com ataques e tudo. Ela pergunta, Não é estranho ele conseguir engolir toda a espécie de doces e bolos, mas se tiver de engolir o corpo de Cristo ter um ataque? Não é estranho? Tem medo que o Mikey tenha um ataque e morra e vá para o inferno se tiver algum pecado na alma, embora toda a gente saiba que ele é um anjo que desceu do céu. O Mikey diz-lhe que Deus não vai dar a uma pessoa o tormento dos ataques e, ainda por cima, espetar com ela no inferno. Que espécie de Deus é que iria fazer uma coisa dessas?

Tens a certeza, Mikey?

Tenho. Li num livro.

Senta-se por baixo do candeeiro ao cimo da rua e ri-se do dia da sua Primeira Comunhão, que foi uma vigarice pegada. Não conseguiu engolir a hóstia, mas isso impediu que a mãe o andasse a exhibir pelas ruas de Limerick com o fato preto para o Peditório? Disse ao Mikey, Não ando a mentir, pois não? Só digo aos vizinhos. Está aqui o Mikey com o fato da primeira Comunhão. Só digo isso, repara bem. Este aqui é o Mikey. Se eles pensam que engoliste a Primeira Comunhão, quem sou eu para os contradizer e desapontar? O pai do Mikey disse, Não te preocupes, Ciclope. Tens muito tempo. Jesus só se tornou um verdadeiro católico quando tomou o pão e comeu na última Ceia e já tinha trinta e três anos. A Nora Molloy disse, És capaz de parar de lhe chamar Ciclope? Ele tem dois olhos e não é grego. Mas o pai do Mikey, o campeão das cervejas, é como o meu tio Pa Keating, está-se marimbando para o que as outras pessoas dizem e é assim que eu gostava de ser.

O Mikey conta-me que o melhor de tudo na Primeira Comunhão é o Peditório. A tua mãe tem de te arranjar um fato novo, para te poder mostrar aos vizinhos e parentes, e eles dão-te doces e dinheiro e podes ir ao Cinema Lyric ver o Charlie Chaplin.

Então, e o James Cagney?

Deixa lá o James Cagney. É um parlapatão. O Charlie Chaplin é que é. Mas tens de andar com a tua mãe no Peditório. As pessoas crescidas de Limerick não vão dar dinheiro a qualquer trinca-espinhas com um fato da Primeira Comunhão, se não andar com a mãe.

O Mikey arranjou mais de cinco xelins no dia da primeira Comunhão e comeu tantos bolos e rebuçados que vomitou no Cinema Lyric e o Frank Goggin, o homem dos bilhetes, pô-lo na rua. Mas ele diz que não se importou nada porque ainda tinha dinheiro e nesse mesmo dia foi ao Cinema Savoy ver um filme de piratas e comeu cholocates Cadbury e bebeu limonada até ficar com uma pança que se via à distância. Está desejoso que chegue o dia da Confirmação porque já se é mais velho e há outro peditório onde se arranja mais dinheiro do que na Primeira Comunhão. Há-de passar o resto da vida no cinema, sentado ao lado das raparigas e a fazer porcarias como um perito na matéria. Adora a mãe, mas nunca se vai casar porque tem medo de arranjar uma mulher que passe a vida dentro e fora do manicómio.

Para que é que uma pessoa se há-de casar, se podemos ir fazer porcarias no cinema com as raparigas daqui da rua, que não se importam porque já as fizeram em casa com os irmãos? Se não nos casarmos, não temos filhos em casa a pedirem pão e chá, a terem ataques e a olharem para as coisas com um olho para cada lado. Quando for mais velho, há-de ir ao **pub** como o pai, beber litros de cerveja, enfiar o dedo pela goela abaixo para vomitar, beber mais cervejas, ganhar as apostas e levar o dinheiro à mãe para ela não enlouquecer. Diz que não é um verdadeiro católico, e isso significa que está condenado e por isso pode fazer tudo o que lhe apetecer.

Diz, Quando cresceres, digo-te mais coisas, Frankie. Agora ainda és muito novo e não sabes distinguir o cu das calças.

O professor, o Sr. Benson, já é muito velho. Passa o dia inteiro a ralhar e a deitar perdigotos para cima de nós. Os rapazes da primeira fila esperam que ele não tenha nenhuma doença porque é o cuspo que transmite as doenças todas e ele podia andar a espalhar a tuberculose a torto e a direito. Diz-nos que temos de saber o catecismo de trás para a frente, da frente para trás, de cima para baixo e de baixo para cima.

Temos de saber os Dez Mandamentos, as Sete Virtudes, Divinas e Morais, os Sete Sacramentos e os Sete Pecados Mortais. Temos de saber de cor todas as orações, a Ave-Maria, o Pai Nosso, a Confissão, o Credo dos Apóstolos, o Acto de Contrição e a Litania da Sagrada Virgem Maria. Temos de as saber em irlandês e inglês e se, nos esquecermos de uma palavra em irlandês e dissermos a palavra inglesa, ele fica raivoso e dá-nos com o ponteiro. Se fosse como ele quer, aprendíamos a nossa religião em latim, que é a língua dos santos, que viviam em comunhão com Deus e a Sua Santa Mãe, a língua dos primeiros Cristãos, que viviam amontoados nas catacumbas e morriam a serem torturados, trespassados por espadas ou nas mandíbulas espumantes de leões raivosos. O irlandês está bem para os patriotas, o inglês para os traidores e informadores, mas é com o Latim que ganhamos a porta do céu. Era em latim que os mártires rezavam, quando os bárbaros lhes arrancavam as unhas ou lhes cortavam a pele, bocadinho a bocadinho. Diz-nos que somos a vergonha da Irlanda da sua longa e triste história e que estávamos melhor na América a rezar a um arbusto ou a uma árvore. Diz-nos que somos uns inúteis, a pior classe que ele alguma vez teve a fazer a Primeira Comunhão, mas que é tão certo Deus ter criado as maçãs como ele fazer de nós católicos, há-de arrancar-nos a preguiça e ensinar-nos a Santíssima Graça.

O Brendan Quigley levanta o braço. Chamamos-lhe o Quigley das Perguntas, porque está sempre a perguntar coisas. Não consegue evitar. Senhor Professor, diz ele, o que é a Santíssima Graça?

O professor levanta os olhos para o céu. Vai matar o Quigley. Mas, em vez disso, diz-lhe a berrar, Deixa lá a Santíssima Graça, Quigley. Isso não é da tua conta. Estás aqui para aprender o catecismo e fazeres o que te mandam. Não estás aqui para fazer perguntas. Anda gente de mais pelo mundo a fazer perguntas e é por isso que o mundo está como está, e se eu apanhar algum de vocês a fazer perguntas, não respondo por mim. Ouviste bem, Quigley?

Ouvi.

Ouvi o quê?

Ouvi, senhor professor.

Continua com o discurso. Há rapazes nesta classe que nunca vão conhecer a Santíssima Graça. E porquê? Por causa da cobiça. Já os ouvi no pátio da escola a falarem da Primeira Comunhão, o dia mais feliz da vossa vida. E será que falam de irem receber o corpo e o sangue de Nosso Senhor? Não. Aqueles trapaceiros insaciáveis falam é do dinheiro que vão receber no peditório.

Vão andar de casa em casa de fatinho como se fossem uns pedintes. E será que vão pegar numa parte desse dinheiro e mandá-lo para os pretinhos de África? Será que vão pensar naqueles pequeninos pagãos condenados para todo o sempre por não serem baptizados nem conhecerem a Verdadeira Fé? Pretinhos a quem é negado o conhecimento do Corpo Místico de Cristo? O limbo está cheio de pretinhos a voarem de um lado para o outro e a chorarem pelas mães, porque nunca serão admitidos à presença inefável de Nossa Senhora e à companhia gloriosa dos santos, dos mártires e das virgens. Não! É para os cinemas que os nossos alunos da Primeira Comunhão vão a correr para chafurdarem na porcaria que os capatazes do diabo de Hollywood espalham pelo mundo. Não é assim, McCourt?

É, sim, senhor professor.

O Quigley das Perguntas torna a levantar o braço. Olhamos uns para os outros a pensar se ele estará a querer suicidar-se.

O que é capataz, senhor professor?

A cara do professor fica branca e, depois, vermelha. Cerra os lábios depois abre-os, e deita perdigotos em todas as direcções. Dirige-se ao Perguntas e puxa-o do assento. Bufa e gagueja e espalha perdigotos pela sala toda. Bate ao Quigley nos ombros, no rabo, nas pernas. Agarra-o pelo colarinho e leva-o para a frente da sala.

Olhem para este exemplar, diz ele a berrar.

O Perguntas está a tremer e a chorar. Desculpe, senhor professor.

O professor imita-o. Desculpe, senhor professor. Estás a pedir desculpa de quê?

Estou a pedir desculpa por ter feito uma pergunta. Nunca mais pergunto nada, senhor professor.

O dia em que tornares a fazer uma pergunta, Quigley, será o dia em que vais desejar que Deus te leve para o Seu seio. O que é que vais desejar, Quigley? Que Deus me leve para o Seu seio, senhor professor.

Volta para o teu lugar, minha besta, meu estúpido, meu dejecto do canto mais escuro da retrete.

Senta-se com o ponteiro à frente dele, em cima da secretária. Diz ao Quigley para acabar com a choraminguice e ser um homem. Se tornar a ouvir alguém daquela classe a fazer perguntas tolas ou a falar do Peditório, há-de açoitar esse aluno até ficar a deitar sangue.

O que é que eu faço, meninos?

Açoita esse aluno, senhor professor.

Até?

Até ficar a deitar sangue, senhor professor.

Agora, Clohessy, qual é o Sexto Mandamento?

Não cometerás adultério.

Não cometerás adultério, o quê?

Não cometerás adultério, senhor professor.

E o que é adultério, Clohessy?

São pensamentos impuros, palavras impuras ou actos impuros, senhor professor.

Muito bem, Clohessy. És bom rapaz. Podes ser um bocado lento e esquecido quanto ao «senhor professor» e podes não ter sapatos, mas és bom no Sexto Mandamento e isso há-de ajudar-te a seres puro.

O Paddy Clohessy não tem sapatos, a mãe rapa-lhe o cabelo para ele não ter piolhos, tem os olhos sempre vermelhos e o nariz sempre ranhoso. Anda sempre com feridas nos joelhos, que nunca se curam, porque ele arranca as crostas e mete-as na boca. Anda vestido com farrapos que tem de partilhar com seis irmãos e uma irmã, e quando aparece na escola a deitar sangue do nariz ou com um olho negro já sabemos que andou à pancada de manhã por causa da roupa. Odeia a escola. Tem quase oito anos, é o maior e o mais velho da nossa aula, e está ansioso por crescer e chegar aos 14 anos, para poder fugir, fazer-se passar por 17 anos, alistar-se no exército inglês e ir para a Índia, onde o tempo é quente e onde ele irá viver numa tenda com uma rapariga de pele escura com uma marca vermelha na testa, onde há-de comer figos deitado, é isso que comem na Índia, figos, e ela há-de cozinhar caril dia e noite e tocar ukelele e, quando ele tiver dinheiro suficiente, mandará ir a família toda para lá, e vão viver todos na mesma tenda, principalmente o pai dele, que está em casa a deitar grandes golfada de sangue quando tosse por causa da tuberculose. Quando a minha mãe vê o Paddy na rua, diz, Vejam-me só aquela criança. É um autêntico esqueleto coberto de farrapos. Se alguma vez fizessem um filme sobre a fome, de certeza que ele entrava.

Acho que o Paddy gosta de mim por causa da passa, e eu sinto-me um bocado culpado porque não fui assim tão generoso como isso. O Sr. Benson, o professor, disse que o governo ia começar a dar-nos o almoço grátis, para não termos de ir a casa com o tempo gelado como estava. Levou-nos para uma sala fria nas catacumbas da Escola de Leamy onde a mulher a dias, a Nellie Ahearn, nos dava metade de meio litro de leite e um pão de passas. O leite estava gelado nas garrafas e tínhamos de as pôr

no meio das pernas a descongelar. Os rapazes gozavam a dizer que íamos ficar com as partes geladas e o professor berrava, Se ouço mais alguém dizer esses disparates, aqueço as garrafas na vossa cabeça. Todos nós nos pusemos a procurar as passas nos nossos pães, mas a Nellie disse que deviam ter-se esquecido de as porem lá dentro e que havia de perguntar ao homem que tinha levado o pão. Continuámos a procurar todos os dias até que eu acabei por encontrar uma passa no meu pão e pula no ar. Os rapazes começaram a refilar, a dizer que também queriam uma passa, e a Nellie disse que a culpa não era dela. Ia perguntar outra vez ao homem. Os rapazes começaram a pedir-me a passa e a oferecerem-me tudo e mais alguma coisa em troca, um gole do leite deles, um lápis, um livro aos quadradinhos. O Tobby Mackey disse que me dava a irmã e o Sr. Benson ouviu-o dizer isso, levou-o para o corredor e bateu-lhe até ele gritar. Eu queria a passa para mim, mas vi o Paddy Clohessy num canto daquela sala gelada, sem sapatos, a tremer como um cão que tivesse levado um pontapé, e eu sempre tive pena dos cães que levavam pontapés, e por isso foi ter com o Paddy e dei-lhe a passa, porque não sabia o que é que havia de fazer, e os rapazes começaram todos a gritar que eu era doido e parvo, que havia de me arrepender, e depois de ter dado a passa ao Paddy, fiquei com vontade de a comer, mas já era tarde de mais, porque ele a meteu logo na boca, engoliu-a, olhou para mim sem dizer nada, e eu disse para os meus botões, És mesmo um parvalhão, a dares a tua passa.

O Sr. Benson olhou para mim, mas não disse nada e a Nellie Ahearn disse, És um bom Yankee, Frankie.

Falta pouco para o padre nos vir fazer o exame do catecismo e do resto. O professor tem de nos ensinar como é que se recebe a Sagrada Comunhão. Manda-nos juntar à volta dele. Enche o chapéu de bocadinhos do **Limerick Leader**. Entrega o chapéu ao Paddy Clohessy, ajoelha-se, diz ao Paddy para tirar um bocadinho de papel e lho pôr na língua. Mostra como se deve fazer: pôr a língua de fora, receber o bocadinho de papel, esperar um momento, meter a língua para dentro, pôr as mãos, levantar os olhos para o céu, fechar os olhos em adoração, esperar que o papel se derreta dentro da boca, engoli-lo e agradecer a Deus aquela dádiva de receber a paz da Graça Santíssima e o cheiro da santidade. No momento em que ele põe a língua de fora, temos de fazer força para não nos rirmos, porque nunca nenhum de nós viu uma língua tão grande e tão vermelha. Abre muito os olhos

para ver quem é que está na risota, mas não pode dizer nada porque ainda tem Deus na língua e é um momento sagrado. Levanta-se e manda-nos ajoelhar à volta da sala para treinarmos a Sagrada Comunhão. Dá a volta à sala, a pôr-nos bocadinhos de papel na língua e a dizer umas coisas em Latim. Alguns dos rapazes riem-se e ele grita-lhes que, se não pararem com a risota, não é a Sagrada Comunhão que vão receber mas os últimos Sacramentos. Como é que se chama esse sacramento, McCourt?

Extrema-Unção, senhor professor.

Muito bem, McCourt. Nada mau para o Yankee vindo das costas pecaminosas da América.

Diz-nos para termos em atenção que devemos deitar a língua bastante de fora para que a sagrada hóstia não caia ao chão. Diz que é a pior coisa que pode acontecer a um padre. Se a hóstia escorregar da vossa boca, o pobre do padre tem de se ajoelhar, apanhá-la com a língua dele e lambe-la o chão em volta não vá ela ter deslizado de um lado para outro. O padre pode espetar qualquer coisa na língua e ela começar a inchar até ficar do tamanho de um nabo, sufocá-lo e levá-lo à morte.

Diz-nos que a sagrada hóstia é a coisa mais sagrada que há a seguir a uma relíquia da Cruz de Cristo, e que a Primeira Comunhão é o momento mais sagrado das nossas vidas. O professor fica sempre muito excitado quando fala da Primeira Comunhão. Anda de um lado para outro, agita o ponteiro no ar, diz-nos que nunca podemos esquecer que no momento em que a Sagrada Comunhão é depositada sobre as nossas línguas nos tornamos membros da mais gloriosa das congregações, a Santa Igreja, Una, Católica, Apostólica e Romana, que ao longo de dois mil anos muitos homens, mulheres e crianças morreram pela Fé, e que os Irlandeses não têm razões para terem vergonha nesse capítulo. Não é verdade que tivemos muitos mártires? Não é verdade que expusemos o nosso pescoço ao machado protestante? Não é verdade que subimos para o cadafalso, a cantar, como se fôssemos para um piquenique? Não é verdade, rapazes?

É, senhor professor.

O que é que nós fizemos?

Expusemos o nosso pescoço ao machado protestante, senhor professor.

E mais?

Subimos para o cadafalso, a cantar, senhor professor.

Como se?

Como se fôssemos para um piquenique, senhor professor.

Diz que talvez entre nós exista um futuro padre ou um futuro

mártir da Fé, mas que duvida muito, porque nós somos o bando mais preguiçoso de ignorantes que ele alguma vez teve a desdita de ensinar.

Mas há gente capaz de tudo, diz ele, e de certeza que Deus tinha alguma intenção quando mandou gente como vós infestar a terra. De certeza que Deus tinha uma intenção quando mandou para o nosso seio o Clohessy sem sapatos, o Quigley com as suas malditas perguntas e o McCourt carregado com os pecados da América. E, lembrai-vos bem disto, rapazes, Deus não mandou o Seu único Filho para ser pendurado na cruz para vós andardes pela cidade de patas estendidas para o Peditório no dia da vossa Primeira Comunhão. Nosso Senhor morreu para vos salvar. Basta receber a dádiva da Fé. Estais a ouvir o que eu estou a dizer? Estamos, senhor professor.

E basta o quê?

A dádiva da Fé, senhor professor.

Muito bem. Ide para casa.

À noite estamos os três sentados a ler à luz baixa do candeeiro ao cimo da rua, eu, o Malachy e o Mikey. Os Molloy são como nós: o pai deles gasta na bebida o dinheiro do subsídio ou que recebe quando trabalha e eles não podem comprar velas nem óleo de parafina para o candeeiro. O Mikey lê livros a sério e nós lemos livros aos quadradinhos. O pai dele, o Peter, traz livros da Biblioteca de Carnegie para ter qualquer coisa para fazer quando não está a beber cerveja ou quando está a tomar conta dos filhos, nas alturas em que a Sra. Molloy vai para o manicómio. Deixa o Mikey ler todos os livros que quiser, e agora o Mikey está a ler um livro sobre o Cuchulain e a falar como se soubesse tudo sobre ele. Tenho vontade de lhe dizer que aos três anos já sabia tudo sobre o Cuchulain, que vi o Cuchulain em Dublin, que o Cuchulain não se importa de aparecer nos meus sonhos. Tenho vontade de lhe dizer para parar de falar do Cuchulain, porque ele é meu, já era meu há muitos anos, quando eu ainda era pequeno, mas não posso dizer nada disto ao Mikey, porque ele está a ler-nos uma história que eu nunca tinha ouvido, uma história feia sobre o Cuchulain, uma história que eu nunca vou poder contar ao meu pai nem à minha mãe e que é a história de como Cuchulain se casou com Emer.

Cuchulain tinha vinte e um anos e estava a ficar velho. Sentia-se só e queria casar-se, e foi isso que o tornou mais fraco e acabou por levá-lo à morte, diz o Mikey. Todas as mulheres da Irlanda estavam doidas por ele e queriam casar com o Cuchulain. Ele achava isso fantástico e dizia que não se

importava de casar com todas as mulheres da Irlanda. Se conseguia combater contra todos os homens da Irlanda, por que não conseguiria ele casar com todas as mulheres? Mas o Rei, Conor MacNessa, disse, Seria muito bom para ti, Cu, mas os homens da Irlanda não querem estar sozinhos durante a noite.

O Rei decidiu que ia fazer um concurso para ver qual é que iria casar com o Cuchulain, e a prova seria mijar. Todas as mulheres da Irlanda se juntaram na planície de Muirthemne para ver qual delas aguentava mais tempo a mijar e foi Emer que ganhou. Foi a campeã do mijo na Irlanda e casou com Cuchulain e foi por isso que passou a ser conhecida por Emer da Grande Bexiga.

O Mikey e o Malachy riem-se da história, mas eu acho que o Malachy não a entendeu. Ainda é pequeno e falta-lhe muito tempo para fazer a Primeira Comunhão e só se está a rir por causa da palavra mijo. Então, o Mikey diz-me que eu cometi um pecado por estar a ouvir uma história com essa palavra e que, quando fizer a Primeira Confissão, tenho de contar ao padre. O Malachy diz, Pois é. Mijo é uma palavra feia e vais ter de dizer ao padre porque é uma palavra de pecado.

Fico sem saber o que hei-de fazer. Como é que eu posso dizer uma coisa destas ao padre na minha Primeira Confissão? Todos os rapazes sabem já quais são os pecados que vão dizer para poderem receber a Primeira Comunhão e fazer o Peditório e ir ao Cinema Lyric ver o James Cagney e comer rebuçados e bolos. O professor ensinou-nos a dizer quais eram os nossos pecados, e toda a gente tem os mesmo. Bati no meu irmão. Disse uma mentira. Roubei um *penny* do porta-moedas da minha mãe. Desobedeci aos meus pais. Comi uma salsicha numa Sexta-feira.

Mas agora eu tenho um pecado que mais ninguém tem e o padre vai ficar chocado, expulsar-me do confessionário e levar-me pela igreja abaixo para a rua e toda a gente vai ficar a saber que eu ouvi a história de como a mulher do Cuchulain se tornou na campeã do mijo de toda a Irlanda. Nunca vou poder fazer a Primeira Comunhão e as mães vão pegar nos filhos ao colo e apontar para mim a dizer, Olha bem para ele. É como o Mikey Molloy, nunca fez a Primeira Comunhão, vive em pecado, nunca fez o Peditório, nunca viu o James Cagney.

Estou arrependido de alguma vez na vida ter ouvido falar da Primeira Comunhão e do Peditório. Estou mal-disposto e não quero beber chá nem comer pão nem nada. A Mãe diz ao Pai que é estranho uma criança não querer chá e pão e o Pai diz, Oh!, deixa lá. Está nervoso por causa da Primeira Comunhão. Tenho

vontade de me sentar ao colo dele e lhe contar o que o Mikey Molloy me fez, mas já sou grande de mais para me sentar ao colo de seja quem for e, se me sentasse, o Malachy ia logo para a rua apregoar aos sete ventos que eu era um bebé. Gostava de desabafar com o Anjo do Sétimo Degrau, mas ele anda muito ocupado a levar bebés às mães todas do mundo. Mas, pelo sim pelo não, pergunto ao Pai, Pai, o Anjo do Sétimo Degrau tem mais algum trabalho sem ser andar a entregar bebés?

Tem.

O Anjo do Sétimo Degrau seria capaz de dizer a uma pessoa o que havia de fazer se essa pessoa não soubesse?

Oh!, claro que sim, filho. É essa a missão dos anjos, até mesmo do sétimo degrau.

O Pai vai dar um grande passeio, a Mãe pega no Michael e vai a casa da Avó, o Malachy está a brincar na rua e eu estou sozinho em casa e posso sentar-me no sétimo degrau e falar com o anjo. Sei que ele está lá, porque o sétimo degrau está mais quente do que os outros e porque tenho uma luz dentro da cabeça. Conto-lhe o meu problema e ouço uma voz a dizer, Nada receies.

Não percebo o que ele diz e tenho de lhe dizer isso.

Nada receies, diz a voz. Confessa o teu pecado ao padre e serás perdoado.

Na manhã seguinte, acordo cedo e, enquanto estou a beber chá com o Pai, conto-lhe que estive a falar com o Anjo do Sétimo Degrau. O Pai põe a mão na minha testa para ver se eu não estou doente e pergunta-me se tenho a certeza de que tinha uma luz dentro da cabeça e ouvi uma voz, e o que disse a voz?

Conto-lhe que a voz me disse, Nada receies, e que isso quer dizer, Não receies nada.

O Pai diz-me que o anjo tem razão, que não preciso de ter medo e eu conto-lhe o que o Mike Molloy me fez. Falo-lhe da Emer da Bexiga Grande e até digo a palavra mijar por causa do anjo ter dito Nada receies. O Pai pousa o frasco de compota, faz-me uma festinha nas costas da mão e só diz, Oh, oh, oh, e eu fico a pensar se ele terá endoidecido como a Sra. Molloy, que está sempre a ir e vir do manicómio. Depois o Pai pergunta-me, Era com isso que estavas preocupado ontem à noite?

Digo-lhe que sim, e ele diz que aquilo não é um pecado e não tenho de dizer ao padre.

Mas o Anjo do Sétimo Degrau mandou-me dizer.

Então, está bem. Se quiseres, conta ao padre, mas o Anjo do Sétimo Degrau só disse isso por não me teres contado primeiro a

mim. Não é melhor desabafar com o pai do que com um anjo que é uma luz e uma voz dentro da tua cabeça?

É, Pai.

No dia antes da Primeira Comunhão, o professor leva-nos à Igreja de São José para fazermos a Primeira Confissão. Vamos a dois e dois, e se nos atrevermos nem que seja a mexer os lábios ele mata-nos logo e manda-nos para o inferno com os nossos pecados todos. Mas isso não nos impede de nos vangloriarmos dos nossos grandes pecados. O Willie Harold vai a contar baixinho o grande pecado dele, que foi ter visto a irmã nua. O Paddy Hartigan diz que roubou dez xelins do porta-moedas da tia e se empanzinou de gelados e batatas fritas até ficar mal-disposto. O Quigley das Perguntas diz que fugiu de casa e passou metade da noite numa vala com quatro cabras. Quando vou para lhes contar do Cuchulain e da Emer, o professor apanha-me a falar e dá-me uma tapa na cabeça.

Ajoelhamo-nos nos bancos ao pé do confessionário e eu pergunto a mim próprio se o meu pecado da Emer será tão mau como ver a irmã nua, porque agora já sei que há coisas no mundo que são piores do que outras. É por isso que há pecados diferentes, o sacrilégio, o pecado mortal, o pecado venial. Mas os professores e as pessoas crescidas em geral quando falam dos pecados sem perdão, dizem que é um grande mistério. Ninguém sabe o que é e não percebo como é que podemos saber se cometemos algum desses pecados se não sabemos o que é. Se eu contar ao padre a história da Emer da Bexiga Grande e do concurso de mijo, ele pode dizer que é um pecado sem perdão e correr comigo do confessionário e vou cair em desgraça por toda a cidade de Limerick e ficar condenado ao inferno, atormentado para sempre pelos demónios que não têm mais nada que fazer senão picar-me com, forquilhas em brasa até eu cair para o lado.

Tento ouvir a confissão do Willie, quando chega a vez dele, mas só consigo ouvir o padre a sussurrar e, quando o Willie sai do confessionário, vem a chorar.

É a minha vez. O confessionário está escuro e por cima da minha cabeça está pendurado um crucifixo. Ouço um rapaz a dizer baixinho a confissão dele do outro lado. Pergunto a mim próprio se valerá a pena falar com o Anjo do Sétimo Degrau. Sei que não é costume ele andar pelos confessionários, mas estou a ver a luz dentro da minha cabeça e a ouvir a voz a dizer-me, Nada receies.

O padre levanta a portinhola do meu lado e diz, Sim, meu

filho?

Abençoa-me, Padre, porque pequei. É a minha Primeira Confissão.

Sim, meu filho, e que pecados cometeste tu?

Disse uma mentira. Bati no meu irmão, Tirei um *penny* do porta-moedas da minha mãe. Praguejei.

Sim, meu filho. Mais alguma coisa?

Eu, eu ouvi uma história sobre o Cuchulain e a Emer.

Isso não é pecado, meu filho. Sabemos, felizmente, por certos escritores, que Cuchulain se converteu ao Catolicismo nos últimos momentos da sua vida e também o seu rei, Conor MacNessa.

Era sobre Emer, Padre, e como é que ela se casou com ele.

Como é que foi, meu filho?

Ganhou um concurso de mijo.

Sinto uma respiração pesada do outro lado. O padre tem a mão à frente da boca e está a fazer uns sons que parece que está engasgado e a dizer, Santa Mãe de Deus.

Quem, quem é que te contou essa história, meu filho?

Foi o Mikey Molloy, Padre.

E onde é que ele a ouviu?

Leu num livro, Padre.

Ah!, num livro. Os livros podem ser perigosos para as crianças, meu filho. Desvia a tua mente dessas histórias tolas e pensa nas vidas dos santos. Pensa em São José, na Pequena Flor, no gentil e bondoso São Francisco de Assis, que tanto amava os passarinhos que andavam no ar e os animais que andavam pelos campos. Vais fazer isso, meu filho?

Vou, sim, Padre.

Tens mais algum pecado, meu filho?

Não. Padre.

Para tua penitência vais rezar três Ave-Marias, três Pai-Nossos e rezar uma oração especial por mim.

Está bem. Padre, qual é que foi o pior pecado?

O que queres dizer com isso?

Sou o pior de todos, Padre?

Não, meu filho, nem de longe. Vá, agora reza o Acto de Contrição e lembra-te que Nosso Senhor está sempre a ver-te. Deus te abençoe, meu filho.

~~

O dia da Primeira Comunhão é o mais feliz da nossa vida, por causa do Peditório, do James Cagney e do Cinema Lyric. Na noite anterior estava tão excitado que só consegui adormecer já de

manhã. Só acordei porque a minha avó bateu à porta com toda a força.

Levantem-se! Levantem-se! Tirem-me essa criança da cama. O dia mais feliz da vida dele, e ele na cama a rressonar.

Fui a correr para a cozinha. Tire essa camisa, disse ela. Tirei camisa e ela enfiou-me num alguidar de água gelada. A minha mãe esfregou-me, a minha avó esfregou-me, até eu ficar vermelho, quase em carne viva.

Depois enxugaram-me. Vestiram-me o fato de veludo preto Primeira Comunhão com a camisa branca de folhos, umas cuecas, umas peúgas brancas e uns sapatos pretos de verniz. Puseram-me um laço de cetim branco à volta do braço e prenderam-me na lapela o Sagrado Coração de Jesus, um retrato do Sagrado Coração de Jesus, com o sangue a pingar, chamas em toda a volta e por cima uma coroa de espinhos horrorosa.

Anda cá para eu te pentear, disse a Avó. Olha-me para esta guedelha, não vai para baixo. Não é ao meu lado que saís com esse cabelo. É lá ao norte da Irlanda, ao lado do teu pai. É cabelo de presbiteriano. Se a tua mãe tivesse casado com um homem como deve ser de Limerick, não tinhas este cabelo em pé, de presbiteriano, do Norte da Irlanda.

Cuspiu duas vezes para o meu cabelo.

Pare de me cuspir para a cabeça, Avó.

Se não tens mais nada para dizer, está calado. Não é um bocado de cuspo que te vai matar. Vamos embora, senão chegamos atrasados à Missa.

Fomos a correr para a igreja. A minha mãe foi atrás de nós, a arquejar, com o Michael ao colo. Chegámos à igreja mesmo a tempo de vermos o último rapaz a sair do altar e o padre de pé, com o cálice e a hóstia na mão, de olhos arregalados para mim. Pôs-me a hóstia na língua, o corpo e o sangue de Cristo. Até que enfim, até que enfim.

Está em cima da língua. Meto a língua para dentro.

Fica presa.

Fiquei com Deus colado ao céu-da-boca. Era como se estivesse a ouvir a voz do professor, Não deixem a hóstia tocar nos vossos dentes, porque se a trincarem irão apodrecer no inferno para toda a eternidade.

Tentei tirar Deus dali com a língua, mas o padre disse-me, entre dentes, Pára de dar voltas à língua e volta para o teu lugar.

Deus foi bom. Derreteu-se e eu engoli-o e agora, finalmente, já era um membro da Verdadeira Igreja, um pecador oficial.

Quando a Missa acabou, a minha mãe, com o Michael ao colo, e a minha avó estavam todos à porta da igreja. Abraçaram-me, uma e outra, de encontro ao peito. Disseram-me, uma e outra, que aquele era o dia mais feliz da minha vida. Choraram, uma e outra, por cima da minha cabeça e, depois da ajuda que a minha avó tinha dado naquela manhã, a minha cabeça parecia um pântano.

Mãe, agora posso ir fazer o Peditório?

Depois de comeres qualquer coisa, disse ela.

Não, disse a Avó. Só vais fazer o Peditório depois de ires a minha casa tomar um pequeno-almoço digno de uma Primeira Comunhão. Vamos.

Fomos atrás dela. Fez uma chinfrineira com as panelas, com a frigideira, queixou-se de que toda a gente achava que ela devia estar sempre às ordens. Comi o ovo, a salsicha, e quando estiquei o braço para pôr mais açúcar no chá, ela deu-me uma palmada na mão.

Mais devagar com o açúcar. Julgas que sou rica? Ou que sou americana? Julgas que ando coberta de jóias a brilhar? Embrulhada em peles?

A comida deu-me uma volta no estômago. Engasguei-me. Fui a correr para o pátio das traseiras e vomitei tudo. Ela veio atrás de mim.

Vejam bem o que ele fez. Vomitou o pequeno-almoço da Primeira Comunhão. Vomitou o corpo e sangue de Jesus. Agora tenho Deus no pátio das traseiras. O que é que eu hei-de fazer? Vou levá-lo aos Jesuítas porque eles até os pecados do Papa sabem.

Arrasta-me pelas ruas de Limerick. Conta aos vizinhos e a toda a gente que passa que eu vomitei Deus para o pátio das traseiras da casa dela. Atira comigo para o confessionário.

Em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo. Abençoa-me, Padre, porque pequei. A última vez que me confessei foi ontem.

Ontem? E que pecados é que fizeste num único dia, meu filho?

Adormeci. Por pouco não faltava à Primeira Comunhão. A minha avó diz que eu tenho o cabelo em pé como as pessoas do Norte da Irlanda e os Presbiterianos. Vomitei o pequeno-almoço da Primeira Comunhão. A avó diz que agora tem Deus no pátio das traseiras da casa dela e que não sabe o que há-de fazer.

Este padre é como o da Primeira Confissão. Ouço do outro lado a sua respiração pesada e parece que está engasgado.

Ah.... ah... diz à tua avó que lave o chão onde Deus está com água e, em penitência, reza uma Ave-Maria e um Pai-Nosso. Reza uma oração por mim e que Deus te abençoe, meu filho.

A Avó e a Mãe estavam à minha espera ao pé do confessional. A Avó perguntou-me, Estiveste a contar anedotas ao padre no confessional? Se eu alguma vez descubro que estiveste a contar anedotas aos Jesuítas, arranco-te os fígados. O que é que ele disse de eu ter Deus no pátio das traseiras?

Disse para lavar o chão com água, Avó.

Com água benta ou água normal?

Não disse, Avó.

Então, vai-lhe perguntar.

Mas, Avó...

E empurrou-me outra vez para o confessional.

Abençoa-me, Padre, porque pequei. A última vez que me confessei foi há um minuto.

Há um minuto! Foste tu que saíste daqui mesmo agora?

Fui, sim, Padre.

Então, e o que queres agora?

A minha avó pergunta se é com água benta ou água normal.

Com água normal e diz à tua avó que não me incomode mais.

Eu disse-lhe, Com água normal, Avó, e ele diz para não o incomodar mais.

Para não o incomodar mais? Olha-me para aquele charlatão ignorante.

Perguntei à Mãe, Posso ir agora fazer o Peditório? Quero ver o James Cagney.

A Avó disse, Podes tirar daí a ideia. Nem Peditório nem James Cagney, porque não és um católico como deve ser pela maneira como atiraste Deus para o chão. Vai-te embora para casa.

A Mãe disse, Mais devagar. Ele é meu filho. É meu filho e é o dia da Primeira Comunhão dele e vai ver o James Cagney.

Isso é que não vai.

Isso é que vai.

A Avó disse, Leva-o a ver o James Cagney e vê lá se isso é que lhe vai salvar a alma de Presbiteriano da Irlanda do Norte e de Americano. Vai.

Pôs o xaile por cima da cabeça e foi-se embora.

A Mãe disse, Ai, já está a fazer-se tarde para o Peditório e não vais chegar a tempo de ver o James Cagney. Vamos ao Cinema Lyric ver se te deixam entrar com o fato da Primeira Comunhão.

Encontrámos o Mike Molloy na Barrington Street. Perguntou se eu ia ao Lyric e eu disse que ia tentar. Tentar? perguntou ele. Não tens dinheiro?

Tive vergonha de dizer que não, mas teve de ser. Eu meto-te lá dentro, disse ele. Arranjo um stratagema.

O que é um estratagema?

Tenho dinheiro para ir e, depois de entrar, vou fingir que tenho um ataque e o homem dos bilhetes vai ficar desorientado e tu entras quando me ouvires gritar. Eu fico a ver a porta e, quando entrares, fico bom como que por milagre. Um estratagema é isto. É assim que meto os meus irmãos lá dentro.

A Mãe disse, Não percebo nada disso, Mikey. Isso não será pecado? Não vais querer que o Frank cometa um pecado logo no dia da Primeira Comunhão.

O Mikey disse que, se fosse pecado, era ele a fazê-lo e que como ele não era um verdadeiro católico, não tinha importância. Gritou, eu entrei e sentei-me ao lado do Quigley das Perguntas e o homem dos bilhetes, o Frank Goggin, ficou tão desorientado por causa do Mikey que não deu por nada. O filme era emocionante, mas o fim foi triste porque o James Cagney era um inimigo público e, quando o mataram, embrulharam-no em ligaduras e atiraram-no para a porta da casa dele, e foi um grande choque para a pobre da mãe dele, que era uma velhinha irlandesa. E foi assim que acabou o dia da minha Primeira Comunhão.

V

A Avó não fala com a Mãe por causa do que eu fiz a Deus no pátio das traseiras da casa dela. A Mãe não fala com a irmã dela, a Tia Aggie, nem com o irmão, o Tio Tom. O Pai não fala com ninguém da família da Mãe e eles não falam com ele por ser do Norte e ter aquela maneira estranha de ser. Ninguém fala com a mulher do Tio Tom, a Jane, por ser de Galway e parecer uma espanhola. Toda a gente fala com o irmão da Mãe, o Tio Pat, porque o deixaram cair de cabeça no chão, é um pobre de espírito e vende jornais. Toda a gente lhe chama Abade ou Ab Sheehan, mas ninguém sabe porquê. Toda a gente fala com o Tio Pa Keating porque foi gaseado em França e se casou com a Tia Aggie e porque se ninguém falasse com ele, ele estaria a bufar-se para isso, e é por isso que os homens do *pub* South lhe chamam o homem do gás.

Era assim que eu gostava de ser, um homem do gás, estar-me a bufar para os outros, e é isso que eu digo ao Anjo do Sétimo Degrau, mas de repente lembro-me que não se pode dizer bufa à frente de um anjo.

O Tio Tom e a Jane de Galway têm filhos, mas nós não podemos falar com eles, porque os nossos pais também não falam uns com os outros. Têm um filho e uma filha, o Gerry e a Peggy, e a Mãe grita connosco se nos vê a falar com eles, mas nós não sabemos como é que é possível não se falar com os primos.

As pessoas que moram nas ruas de Limerick e que são da mesma família têm a sua maneira própria de não falarem umas com as outras, mas para isso é preciso treinar muitos anos. Há pessoas que não falam umas com as outras porque os pais deles eram de facções opostas na Guerra Civil de 1922. Se algum homem se vai embora para se alistar no exército inglês, o melhor que a família dele tem a fazer é mudar-se para outra zona de Limerick onde haja famílias com homens no exército inglês. Se alguém da

nossa família tiver tido o menor gesto de simpatia para com os Ingleses nos últimos oitocentos anos, isso há-de acabar por vir ao de cima e ser-nos atirado à cara e podemos mudar-nos para Dublin, que ninguém quer saber disso para nada. Há famílias que têm vergonha de si próprias porque os seus antepassados abandonaram a religião deles em troca de um prato de sopa dos Protestantes durante a Fome e essas famílias ficaram para sempre conhecidas por «sopas». É terrível ser-se um sopas porque se fica condenado para todo o sempre ao canto dos sopas no inferno. Ainda é pior do que ser informador. O professor disse na escola que sempre que os Irlandeses estiveram à beira de dar cabo dos Ingleses numa batalha limpa, houve sempre um miserável informador que os traísse. Quando se descobre que um homem é informador, merece ser enforcado ou, ainda pior, que ninguém fale com ele, porque se ninguém fala connosco, mais vale morrer enforcado.

Em todas as ruas há alguém que não fala com alguém ou alguém com quem ninguém fala ou alguém que não fala com ninguém. Sabe-se sempre quem são as pessoas que não se falam pela maneira como passam umas pelas outras. As mulheres levantam o nariz, cerram os lábios e desviam a cara. Se uma delas leva xaile, pega numa ponta e atira-a para cima do ombro como que a dizer, Se te atreveres a dirigir-me a palavra ou a olhar para mim, minha cabra, desfaço-te a cara.

É mau a Avó não falar connosco porque assim não podemos pedir-lhe que nos dispense açúcar, chá ou leite, quando não temos. Não vale a pena ir pedir à Tia Aggie. Fica capaz de nos matar. Desaparece daqui, diz ela, e vai dizer ao teu pai que levante aquele cu lá do Norte e vá trabalhar como fazem os homens decentes de Limerick.

Dizem que está sempre zangada por ter o cabelo ruivo ou que tem o cabelo ruivo por estar sempre zangada.

A Mãe é amiga da Bridey Hannon, que mora ao nosso lado com a mãe e o pai. A Mãe e a Bridey passam o tempo a conversar. Quando o meu pai vai dar um daqueles grandes passeios, a Bridey vem para nossa casa e fica sentada a conversar com a Mãe ao pé do lume, a beber chá e a fumar. Quando a Mãe não tem nada em casa, a Bridey traz chá, açúcar e leite. Às vezes usam as mesmas folhas de chá vezes sem conta e a Mãe diz que o chá fica desenhado e sem graça.

Sentam-se tão perto do lume que ficam com as canelas

vermelhas, roxas e negras. Ficam horas a fio a conversar, e sussurram e riem-se de coisas secretas. Como não podemos ouvir coisas secretas, mandam-nos ir brincar lá para fora. Muitas vezes fico sentado no sétimo degrau a ouvir, e elas nem imaginam que eu estou ali. Pode estar a chover a potes, mas a Mãe diz, Com chuva ou sem chuva, ponham-se lá fora e se virem o vosso pai, corram a avisar-me. A Mãe pergunta à Bridey, Alguma vez ouviste aquele poema que alguém deve ter feito a pensar em mim e nele?

Que poema, Angela? :, Chama-se «O Homem do Norte». Foi a Minnie MacAdorey que mo ensinou na América. Nunca ouvi tal poema. Di-lo para eu ouvir.

A Mãe diz o poema, mas ri-se do princípio ao fim e eu não sei porquê.

**Veio do Norte e por isso pouco falava
Mas a sua voz era gentil e o seu coração verdadeiro
E eu vi nos seus olhos que não me enganava
E por isso casei com o homem do Norte.
Oh, o Garryowen pode ser mais alegre
Do que este homem calado que veio do lago Neagh
Eu sei que o sol se põe lentamente
Sobre o rio que banha a minha terra natal.
Mas não há - digo-o com alegria e orgulho
Um homem melhor em todo o Munster
E em Limerick não há cantinho mais feliz
Do que aquele onde vivo com o meu homem do Norte.
Só queria que se soubesse em Limerick
Como são gentis os meus vizinhos.
Nunca uma palavra de ódio ou de troça se ouviu
Sobre o Sul e o Norte do País*.*

Repete sempre o terceiro verso e ri-se tanto que chega a chorar, mas eu não sei porquê. Fica histérica quando diz,

**E em Limerick não há cantinho mais feliz
Do que aquele onde vivo com o meu homem do Norte*.*

Se o Pai chega cedo e vê a Bridey na cozinha, o homem do Norte diz, Bisbilhotices, é só bisbilhotices, e fica de pé com o boné na cabeça até ela se ir embora.

A mãe da Bridey e outras pessoas da nossa rua e até de outras

costumam vir a nossa casa pedir ao Pai para lhes escrever uma carta para o governo ou para um parente que mora longe. Ele senta-se à mesa com a caneta e o tinteiro e quando as pessoas lhe dizem o que ele há-de escrever, ele diz, Oh!, não, não é isso que você quer dizer e, escreve o que entende que há-de escrever. As pessoas dizem-lhe que era mesmo aquilo que queriam dizer, que ele tem muito jeito para língua inglesa e uma letra muito bonita. Dão-lhe seis *pence* pela maçada, mas ele devolve-lhes o dinheiro e, então, dão-no à Mãe, porque ele é demasiado importante para aceitar seis *pence*. Depois de as pessoas se irem embora, ele agarra nos seis *pence* e manda-me à loja da Kathleen O'Connell comprar cigarros.

A Avó dorme numa cama grande lá em cima com um retrato do Sagrado Coração de Jesus por cima da cabeceira e uma imagem do Sagrado Coração em cima da pedra da chaminé. Quer substituir o gás por electricidade lá em casa para poder ter sempre uma luzinha vermelha ao pé da estátua. Toda a gente da nossa rua e das outras sabe a devoção que ela tem pelo Sagrado Coração.

O Tio Pat dorme numa cama pequena no canto do mesmo quarto onde a Avó dorme, para ela ter a certeza de que ele chega a casa a horas decentes e se ajoelha ao pé da cama a rezar as suas orações. Pode ter caído de cabeça no chão, pode não saber ler nem escrever, pode beber de vez em quando uma cerveja a mais, mas não há desculpa para não dizer as suas orações antes de se deitar.

O Tio Pat diz à Avó que conheceu um homem que anda à procura de um sítio onde ficar, onde o deixem lavar-se de manhã e à noite e onde lhe dêem duas refeições por dia, almoço e chá. Chama-se Bill Galvin e tem um bom emprego no forno de cal. Está sempre coberto de pó branco da cal, mas sempre é melhor isso do que pó de carvão.

A Avó vai ter de deixar a cama dela e mudar-se para o quarto pequeno. Vai levar o retrato do Sagrado Coração, mas deixar a imagem para olhar pelos dois homens. Além disso, não tem sítio para a imagem no quarto pequeno.

Depois de sair do trabalho o Bill Gavin ver o quarto.

É baixo, está todo branco e funga como os cães. Pergunta à Avó se não se importa de tirar dali a imagem porque é protestante e não ia conseguir dormir. A Avó começa a ralar com o Tio Pat por não lhe ter dito que ia meter um protestante lá em casa. Meu Jesus, diz ela, vai haver falatório nesta rua e

nas outras.

O Tio Pat diz que não sabia que o Bill Galvin era protestante. Quem olhasse para ele nunca iria adivinhar tal coisa, ainda por cima andando ele sempre coberto de pó de cal. Tem ar de católico e quem é que iria imaginar um protestante a trabalhar no forno de cal?

O Bill Galvin diz que a mulher dele morreu há pouco tempo e era católica e que tinha as paredes cobertas de imagens do Sagrado Coração e da Virgem Maria a mostrarem os corações. Ele não tem nada contra o Sagrado Coração, mas ver a imagem vai lembrar-lhe a defunta e dar-lhe cabo do coração.

A Avó diz, Valha-me Deus, homem, por que é que não disse isso logo? É claro que eu posso pôr a imagem no parapeito da minha janela e assim você já não sofre por estar a vê-la.

Todas as manhãs a Avó faz o almoço do Bill e leva-lho ao forno de cal. A Mãe pergunta por que é que ele não pode levá-lo de manhã e a Avó diz, Estás à espera que me levante de madrugada para cozer couves com chispe para Sua Excelência levar a marmita?

A Mãe diz-lhe, A escola vai acabar daqui a uma semana e, se der seis *pence* por semana ao Frank, ele de certeza que não se impota de levar o almoço ao Bill Galvin.

Não quero ir todos os dias a casa da Avó. Não quero levar o almoço ao Bill Galvin e ter de andar a Dock Road toda, mas a Mãe diz que os seis *pence* nos davam jeito e que, se não fizer esse recado, não saio de casa.

Ficas em casa, diz ela. Não vais brincar com os teus amigos.

A Avó recomenda-me que não me atrase pelo caminho, que não me ponha a vaguear, nem a olhar para isto e para aquilo, nem a dar pontapés nas latas e a estragar as biqueiras dos sapatos. A comida está quente e é assim que o Bill Galvin quer que ela lá chegue.

Da marmita sai um cheiro delicioso. É toucinho cozido com couves e duas batatas lindas, brancas, grandes e farinhentas. De certeza que ele não vai dar por falta de meia batata. Não vai fazer queixa a Avó porque quase nunca fala, só funga.

É melhor eu comer a outra metade, para ele não perguntar porque é que só lá está metade. Também podia provar o toucinho e as couves e, se comer a outra batata, ele vai pensar que ela não lhe mandou batatas.

A segunda batata até se derrete na minha boca e tenho de

provar mais um bocadinho de couve e um bocadinho de toucinho. Já não há muito na marmita e ele vai ficar muito desconfiado, por isso é melhor acabar o resto.

O que é que eu vou fazer agora? A Avó vai-me matar, a Mãe vai pôr-me de castigo durante um ano. O Bill Galvin vai-me enterrar no meio da cal. Vou dizer-lhe que fui atacado por um cão na Dock Road e que o cão comeu tudo e eu tive muita sorte em ter escapado sem se comido também.

Ah!, foi? diz o Bill Galvin. E o que é esse bocado de couve aí pendurado no teu casaco? Foi o cão que te lambeu com a língua suja de couve? Vai para casa e diz à tua avó que me comeste o almoço e que eu estou aqui morto de fome a trabalhar.

Ela vai-me matar.

Diz-lhe que antes de te matar me mande um almoço como deve ser e se não fores imediatamente lá a casa sou eu que te mato e te atiro para a cal e não vai sobrar muito para a tua mãe chorar.

A Avó diz, O que é estás aqui a fazer com a marmita? Ele podia trazê-la logo.

Quer mais comida.

Mais comida como? Valha-me Deus, o homem deve ter algum buraco nas pernas.

Está a trabalhar morto de fome.

Estás a fazer troça de mim?

Diz para lhe mandar um almoço como deve ser.

Não mando nada. Já lhe mandei o almoço.

Mas o almoço não chegou lá.

Não? Porquê?

Porque eu o comi.

O quê?

Estava com fome, provei e não consegui parar.

Jesus, Maria e São José me valham.

Dá-me tamanho murro na cabeça que as lágrimas me vêm aos olhos. Grita comigo como uma **banshee** e anda às voltas pela cozinha a ameaçar que me vai levar ao padre, ao bispo, até ao Papa se morasse ali perto. Começa a cortar pão e acena-me com a faca e faz sanduíches de cabeça de porco e batatas frias.

Leva estas sanduíches ao Bill Galvin e se eu souber que olhaste para elas nem que seja de esguelha esfolo-te vivo.

Claro que foi logo a correr contar à Mãe e combinaram que a única maneira de eu pagar por aquele pecado terrível é levar o

almoço ao Bill Galvin durante duas semanas sem receber dinheiro. E também tenho de levar a marmita para casa, o que quer dizer que tenho de ficar sentado a vê-lo enfiar a comida pela boca abaixo e ele não é pessoa para perguntar ao menos se eu tenho boca.

Sempre que chego a casa da Avó com a marmita, ela obriga-me a ajoelhar-me ao pé da imagem do Sagrado Coração e a dizer-lhe que estou arrependido, e tudo isto por causa do Bill Galvin que, ainda por cima, é protestante.

A Mãe diz, Perco-me por cigarros e o teu pai também.

Pode não haver chá ou pão lá em casa, mas a Mãe e o Pai arranjam sempre maneira de ter cigarros. Têm de fumar os Woodbines de manhã e sempre que bebem chá. Todos os dias nos dizem que nunca devemos fumar, que faz mal aos pulmões, que faz mal ao peito, que atrasa o crescimento, mas sentam-se à chaminé a fumar. A Mãe diz, Se alguma vez te vir com o cigarro na boca, dou-te cabo dessa cara. Dizem-nos que os cigarros fazem os dentes apodrecer e nós bem vemos que é verdade. Os dentes deles estão a ficar castanhos e pretos na raiz e a cair um por um. O Pai diz que tem buracos tão grandes nos dentes que davam para uma andorinha fazer lá o ninho e criar lá os filhos. Ainda tem alguns dentes, mas vai à clínica tirá-los e inscrever-se na lista de espera para uma dentadura postiça. Quando chega a casa com os dentes novos mostra-nos o seu novo e grande sorriso branco que o faz parecer um americano e agora, sempre que nos conta uma história de fantasmas junto à chaminé, empurra os dentes de baixo para cima do lábio até ao pé do nariz e nós ficamos cheios de medo. Os dentes da Mãe estão tão podres que ela tem de ir ao Hospital Barrington tirá-los todos de uma só vez e, quando chega a casa, traz um trapo cheio de sangue à frente da boca. Tem de ficar a noite toda sentada ao pé da chaminé, porque ninguém se pode deitar quando tem tanto sangue a sair das gengivas, sob pena de poder morrer sufocado, enquanto está a dormir. Diz que, quando o sangue parar, vai deixar de fumar de uma vez por todas, mas que naquele momento precisa de um cigarro que a reconforte. Diz ao Malachy para ir à loja da Kathleen O'Connell pedir-lhe se lhe vende cinco Woodbines fiados até o Pai receber o subsídio na quinta-feira. Se há alguém que consiga arrancar cigarros à Kathleen, é o Malachy. A Mãe diz que ele tem um encanto especial para isso e que não vale a pena mandar-me lá a mim com a minha cara parva e

aquela maneira de ser estranha que eu herdei do meu pai.

Quando o sangue pára e as gengivas da Mãe ficam curadas, ela vai à clínica pedir a dentadura postiça. Diz que vai deixar de fumar quando tiver os dentes novos, mas não deixa. Os dentes novos ferem-lhe as gengivas, que ficam inchadas e doridas, e o fumo dos Woodbines ajuda a fazer passar a dor. A Mãe e o Pai sentam-se ao pé do lume, quando está aceso, a fumarem e, quando falam, ouvimos os dentes deles a baterem. Mexem os maxilares para a frente e para trás, para ver se o barulho acaba, mas ainda fica pior e eles maldizem os dentistas e as pessoas lá de cima de Dublin que fizeram os dentes, e enquanto estão a maldizê-los todos, continuam a fazer barulho com os dentes.

O Pai diz que aquelas dentaduras postiças foram feitas para os ricos de Dublin e como não lhes ficavam bem, mandaram-nas para os pobres de Limerick, que não se importam porque quem é pobre não tem muito para mastigar e já se dá por feliz por ter dentes. Quando falam durante muito tempo, ficam com as gengivas a doer e têm de tirar os dentes e, nessas alturas, sentam-se ao pé do lume cabisbaixos. Todas as noites deixam os dentes na cozinha dentro de frascos de compota cheios de água. O Malachy quer saber porquê e o Pai diz-lhe que é para ficarem limpos. A Mãe diz, Não se pode dormir com os dentes, porque senão podem sair do sítio e fazer-nos morrer sufocados.

Foi por causa dos dentes que o Malachy teve de ir ao Hospital Barrington e que eu fui operado. A meio da noite, o Malachy diz-me baixinho, Queres ir lá abaixo ver se conseguimos pôr os dentes?

Os dentes são tão grandes que nos custa muito metê-los dentro da boca, mas o Malachy não desiste. Enfia os dentes de cima do Pai à força e depois não consegue tirá-los. Tem os lábios repuxados para trás, como se estivesse a fazer um grande sorriso. Parece um monstro de um filme e dá-me vontade de rir, mas ele geme, Aq, aq e as lágrimas começam a correr-lhe pela cara abaixo. Quanto mais ele diz aq, aq, mais eu me rio até que o Pai diz de lá de cima, O que é que estão a fazer? O Malachy corre pela escada acima e eu ouço o Pai e a Mãe a rirem à gargalhada, até que se lembram que ele pode morrer sufocado com os dentes. Enfiam os dedos dentro da boca do Malachy para ver se lhe conseguem tirar os dentes, mas ele fica assustado e os seus aq, aq tornam-se desesperados. A Mãe diz, Vamos ter de ir com ele ao hospital, e o Pai diz que vai ele. Obrigá-me a ir

também, para o caso de o médico querer perguntar alguma coisa, porque sou mais velho do que o Malachy e, por isso, devo ter sido eu o culpado. O Pai vai a nove pelas ruas de Limerick com o Malachy ao colo e eu a tentar acompanhá-lo. Tenho pena do Malachy encostado ao ombro do Pai, a olhar para mim, com as lágrimas a caírem e os dentes enormes do Pai dentro da boca dele. O médico que está no Hospital Barrington diz que não tem importância. Deita um óleo para dentro da boca do Malachy e tira-lhe os dentes num instante. Depois olha para mim e pergunta ao Pai, Por que é que essa criança está assim com a boca aberta?

O Pai responde, É um hábito que ele tem de estar sempre assim com a boca escancarada.

O médico diz, Anda cá. Espreita-me para dentro do nariz, dos ouvidos, da garganta e apalpa-me o pescoço.

São as amígdalas, diz ele. Os adenóides. Temos de lhos tirar. Quanto mais cedo melhor, porque senão, quando crescer, vai parecer um idiota com a boca do tamanho de uma bota.

No dia seguinte o Malachy ganha um bocado de caramelo em recompensa de ter posto os dentes e eu vou para o hospital para fazer uma operação para ficar com a boca fechada.

~~

Num sábado de manhã, depois de acabar de beber o chá a Mãe diz-me, Vais dançar.

Dançar? Porquê?

Tens sete anos, já fizeste a Primeira Comunhão, está na altura de aprenderes a dançar. Vou levar-te à Catherine Street, às aulas de dança irlandesa da Sra. O'Connor. Vais lá todos os sábados de manhã, que é uma boa maneira de não andares pelas ruas. É a maneira de deixares de andar por Limerick metido com os rufiões.

Manda-me lavar a cara, sem me esquecer dos ouvidos e do pescoço, pentear-me, assoar-me, tirar aquela cara, que cara? não interessa, tira-a, calçar as meias e os sapatos da Primeira Comunhão que, diz ela, estão destruídos porque eu não posso ver uma lata nem urna pedra sem lhes dar um pontapé. Está farta de estar na bicha na Sociedade de São Vicente de Paulo a pedir botas para mim e para o Malachy, para nós lhes podermos estragar as biqueiras com os pontapés nas pedras. O teu pai diz que nunca é cedo de mais para se aprender as canções e as

danças dos nossos antepassados.

O que são antepassados?

Não interessa. Vais dançar e pronto.

Pergunto a mim próprio como é que posso morrer pela Irlanda se também tenho de cantar e dançar pela Irlanda. Gostava de saber por que é que nunca dizem, Podes comer rebuçados e faltar à escola e ir nadar pela Irlanda.

A Mãe diz, Não te armes em esperto, se não queres que te aqueça as orelhas.

O Cyril Benson dança. Traz medalhas penduradas desde os ombros até aos joelhos. Ganha concursos em toda a Irlanda e fica lindo com aquele **kilt** cor de açafrão. É uma alegria para a mãe, e o nome dele está sempre a aparecer no jornal e podes ter a certeza de que há-de trazer bom dinheiro para casa. Não o vês andar pelas ruas aos pontapés a tudo o que vê até ter os dedos de fora, isso é que não, é um bom menino, que dança para bem da sua pobre mãe.

A Mãe molha uma toalha velha e esfrega-me a cara até ficar a arder, enrola a toalha à volta de um dedo e enfia-mo nos ouvidos e diz que têm cera que chegue para semear batatas, molha-me o cabelo para o assentar, manda-me calar e acabar com a choraminguice porque as lições de dança vão-lhe custar seis **pence** por cada sábado, que eu podia ganhar a levar o almoço ao Bill Galvin e Deus sabe como esse dinheiro lhe faz falta. Tento dizer-lhe, Oh!, Mãe, não tem de me pôr a aprender a dançar quando podia, em vez disso, fumar um belo Woodbine e beber uma chávena de chá, mas ela diz, És muito esperto. Vais dançar, nem que para isso eu tenha de deixar de fumar.

Se os meus amigos virem a minha mãe a levar-me a uma aula de dança irlandesa, vou ficar desgraçado para o resto da vida. Dizem que não faz mal dançar e fazer de conta que se é o Fred Astaire, porque se pode saltar de um lado para o outro do ecrã com a Ginger Rogers. Na dança irlandesa não há nenhuma Ginger Rogers e não se pode saltar de um lado para o outro. Temos de estar direitos, com os braços ao lado do corpo, levantar as pernas e andar com elas à volta e nunca podemos sorrir. O meu tio Pa Keating diz que parece que os dançarinos irlandeses têm uma cana de aço enfiada pelo cu acima, mas eu não posso dizer isso à Mãe porque senão ela matava-me.

Em casa da Sra. O'Counor há um gramofone a tocar um **jig** ou um **reel** e os rapazes e as raparigas estão a dançar, com os

braços ao lado do corpo e a atirar as pernas para cima. A Sra. O'Connor é grande e gorda e, quando pára o disco para mostrar como são os passos, toda a gordura que ela tem desde o queixo aos tornozelos chocalha e eu pergunto a mim próprio como é que ela pode ensinar dança. Vem ter com a minha mãe e diz-lhe, Então, este é que é o Frankie? Parece-me que tem pinta de dançarino. Digam lá, meninos e meninas, ele tem ou não tem pinta de dançarino? Tem, sim, Sra. O'Connor.

A Mãe diz, Estão aqui os seis *pence*, Sra. O'Connor.

Ah!, está bem, Sra. McCourt, espere um instante.

A andar como um pato, vai buscar a uma mesa uma cabeça de preto, com cabelo em carapinha, uns grandes olhos, uns lábios vermelhos enormes e a boca aberta. Manda-me pôr os seis *pence* dentro da boca dele e tirar a mão antes que ele a feche. Os rapazes e as raparigas estão todos a olhar e a esboçar um sorriso. Meto a moeda lá dentro e tiro a mão antes de a boca se fechar. Riem-se todos muito, mas eu sei que eles queriam ver a minha mão a ser apanhada. A Sra. O'Connor também está a rir e a arfar e diz à minha mãe, É mesmo um encanto, não é? A Mãe diz que sim. Manda-me portar bem e voltar para casa a dançar.

Não quero ficar neste sítio, onde a Sra. O'Connor não pega na moeda de seis *pence* em vez de deixar que a boca do preto quase me arranque uma mão. Não quero ficar neste sítio onde tenho de me alinhar com os outros rapazes e raparigas, endireitar as costas, pôr as mãos ao lado do corpo, olha em frente, não olhar para baixo, mexer os pés, mexer os pés, olhar para o Cyril, olhar para o Cyril, e lá está o Cyril, todo aperaltado com o *kilt* cor de açafrão e as medalhas a tilintarem, medalhas por isto, medalhas por aquilo, e todas as raparigas adoram o Cyril e a Sra. O'Connor adora o Cyril, que lhe trouxe tanta fama, e foi ela que lhe ensinou todos os passos que sabe, foi pois, dança, Cyril, dança, oh!, meu Deus, como ele voa pela sala, parece um anjo vindo do céu, pára de franzir essa testa, Frankie McCourt, senão a tua cara vai parecer um molho de tripas, dança, Frankie, dança, levanta os pés, por amor de Deus, umdoistrêsquatrocincoseisete, umdoistrê, umdoistrê e umdoistrê, Maura, ajuda o Frankie McCourt antes que ele embrulhe os pés à volta da cabeça, ajuda-o, Maura.

A Maura é uma rapariga já crescida, com uns dez anos. Vem ter comigo a dançar, a mostrar uns dentes muito brancos e com um

vestido com todas as figuras douradas, amarelas e verdes que devem ter existido noutros tempos, e diz, Dá cá a mão, miado, e põe-me a dar voltas pela sala até eu ficar tonto e a fazer figura de idiota e muito corado com um ar ridículo quase a chorar, mas sou salvo pelo disco que pára, deixando o gramofone a fazer hush, hush.

A Sra. O'Connor diz, Obrigada, Maura, e para a semana, Cyril podes mostrar ao Frankie alguns dos passos que te fizeram famoso. Até para a semana, meninos e meninas, e não se esqueçam dos seis **pence** para o pretinho.

Os rapazes e as raparigas saem juntos. Desço as escadas e saio sozinho, na esperança de que os meus amigos não me vejam como rapazes que usam **kilts** e raparigas com dentes brancos e vestidos com desenhos de outros tempos.

A Mãe está a beber chá com a amiga que mora na casa ao lado, a Bridey Hannon. Pergunta-me, O que é que aprendeste? e obriga-me a dançar na cozinha umdoistrêsquatrocincoseisete umdoistrês e umdoistrês. Ela e a Bridey riem-se a perder. Não é mau para a primeira aula. Daqui a um mês vais ser como o Cyril Benson.

Não quero ser como o Cyril Benson. Quero ser como o Fred Astaire.

Ficam histéricas, a riem às gargalhadas e a cuspirem o chá. Deus o abençoe, diz a Bridey. Tem-se em grande conta. Com que então, o Fred Astaire.

A Mãe diz que o Fred Astaire ia à lição todos os sábados e não andava pelas ruas aos pontapés às coisas até ficar com os dedos à mostra e que se eu quiser ser como ele tenho de ir todas as semanas à lição da Sra. O'Connor.

Na manhã do quarto sábado, o Billy Campbell bate à nossa porta. Sra. McCourt, o Frankie pode vir brincar para a rua? Não, Billy diz a minha mãe. O Frankie tem de ir à lição de dança.

O Billy fica à minha espera ao fundo da Barrack Hill. Quer saber por que é que ando na dança. Toda a gente sabe que a dança é para os mariquinhas e eu ainda hei-de acabar como o Cyril Benson, com um **kilt** e medalhas e a dançar por toda a parte com raparigas. Diz que qualquer dia há-de ver-me sentado na cozinha a coser meias, que a dança há-de dar cabo de mim e eu não hei-de poder jogar nenhuma espécie de futebol, nem inglês, nem gaélico, nem rãguebi, porque na dança aprendemos a correr como os mariquinhas e toda a gente se vai rir de mim.

Digo-lhe que nunca mais vou à dança, que tenho seis pence no bolso para meter na boca do preto em casa da Sra. O'Connor, mas que em vez disso, vou mas é ao Cinema Lyric. Seis *pence* no bolso dá para entrarmos os dois e ainda sobram dois *pence* para dois quadrados de caramelo Cleeves, e divertimo-nos à grande a ver *O Salto Decisivo*.

O Pai está sentado ao pé do lume com a Mãe e pergunta-me quais foram os passos que aprendi na aula de hoje e como é que se chamam. Já aprendi *The Siege of Ennis* e *The Walls of Limerick*, que eram danças a sério. Mas hoje vou ter de inventar as danças e os nomes. A Mãe diz que nunca ouviu falar de nenhuma dança chamada *The Siege of Dingle*, mas, se foi isso que aprendi, que dance, e eu danço à volta da cozinha, com os braços esticados ao lado do corpo, a cantar uma música inventada por mim, didli ai di ai di ai didli ai dô ai dô ai, enquanto o Pai e a Mãe batem palmas ao compasso dos meus pés. O Pai diz, É uma bonita dança. Vais ser um rande dançarino e uma honra para os homens que morreram por este país. A Mãe diz. Por seis *pence* não foi grande coisa.

Na semana seguinte, é um filme do George Raft e na outra um filme de cowboys com o George O'Brien. A seguir é um com o James Cagney, e eu não posso levar o Billy porque quero comprar uma tablete de chocolate para comer com o caramelo Cleeves e divirto-me à grande até que sinto uma dor horrível no maxilar, e sai-me um dente agarrado ao caramelo. Tenho dores de morrer, mas não posso desperdiçar o caramelo e, então, tiro de lá o dente e ponho-o no bolso e como o caramelo com o outro lado da boca, à mistura com o sangue e tudo. Agora tenho dores de um dos lados e um caramelo delicioso do outro e lembro-me do que o meu tio Pa Keating diria, Há alturas em que um tipo não sabe se é melhor cagar ou cegar.

Tenho de ir para casa, mas estou preocupado porque não se pode andar pela rua e chegar a casa com menos um dente sem a mãe saber. As mães sabem tudo e estão sempre a espreitar para dentro da nossa boca para ver se temos alguma doença. A Mãe e o Pai estão sentados ao pé do lume e perguntam-me o mesmo de sempre. Eu digo-lhes que aprendi uma dança chamada *The Walls of Cork* e rodopio à volta da cozinha a tentar trautear uma canção inventada por mim, mas a morrer de dores por causa do dente. A Mãe diz, *Walls O'Cork* uma porra, não há dança nenhuma com esse nome, e o Pai diz, Anda cá. Põe-te aqui ao pé de mim. Diz a

verdade, Foste à aula de dança?

Não consigo mentir porque estou cheio de dores e sangue na boca. Além disso, tenho a certeza de que já sabem a verdade e é isso mesmo que eles me dizem. Um traidor qualquer da aula de dança viu-me a entrar para o Cinema Lyric e foi dizer à Sra. O'Connor, que mandou um recado a minha casa a dizer que já não me via há muito tempo e a perguntar se eu estava bem de saúde porque eu tinha muito jeito e podia seguir as pisadas do grande Cyril Benson.

O Pai nem quer saber do meu dente. Diz que vou ter de me ir confessar e leva-me à Igreja Redentorista porque é sábado e há confissões durante todo o dia. Diz que foi mau, que tem vergonha de mim por ter ido ao cinema em vez de aprender as danças nacionais Irlanda, o *jig*, o *reel*, as danças por que tantos homens e mulheres lutaram e morreram durante tantos séculos. Diz que há muitos jovens que morreram na força e estão agora transformados em bustos de gesso, que dariam tudo para estarem vivos e dançarem as danças irlandesas.

O padre é velho e tenho de lhe dizer os pecados a gritar. Diz que fui um malandro por ter ido ao cinema em vez de ter ido às lições de dança, apesar de ele achar que a dança é uma coisa perigosa e quase tão má como os filmes, porque nos faz ter maus pensamentos, mas mesmo sendo a dança uma coisa abominável, eu pequei porque foram seis *pence* que eu roubei à minha mãe e porque menti e há um canto abrasador no inferno para miúdos como eu. Reza uma dezena do terço e pede a Deus que te perdoe, porque é como se estivesse a dançar às portas do inferno, meu filho.

~~

Tenho sete anos, oito, nove, quase dez e o Pai continua sem trabalho. Bebe chá de manhã, vai fazer o registo na Bolsa de Emprego, lê o jornal na Biblioteca de Carnegie e dá grandes passeios pelo campo. Quando arranja trabalho na Fábrica de Cimento de Limerick ou na Fábrica de Farinha Rank, perde-o na terceira semana. Na terceira sexta-feira vai sempre para os *pubs*, gasta o dinheiro que recebe na bebida e falta ao trabalho no sábado de manhã.

A Mãe diz, Por que é que ele não há-de ser como os outros homens de Limerick? Chegam a casa antes de dar as Ave-Marias às seis horas, entregam o dinheiro às mulheres, mudam de camisa,

bebem o chá, pedem uns xelins às mulheres e vão beber uma ou duas cervejas ao **pub**.

A Mãe diz à Bridey Hannon que o Pai não pode continuar assim e não vai continuar assim. Diz que ele é completamente doido porque vai para os **pubs** e põe-se a pagar cervejas aos outros homens todos, enquanto os filhos estão em casa com a barriga encostada às costas sem jantar. Apregoa aos quatro ventos que deu o seu contributo pela Irlanda, quando isso não era popular nem dava nada a ganhar, e que não se importa de morrer pela Irlanda quando chegar a hora, que tem pena de só ter uma vida para dar pelo seu pobre país e que, se alguém discordar do que ele está a dizer, que o diga logo para resolverem o assunto de uma vez por todas lá fora.

Não, diz a Mãe, nunca discordam, nunca dizem nada, são um bando de boémios, esses que andam pelos **pubs**. Dizem-lhe que é um grande homem, apesar de ser do Norte, e que seria uma honra aceitar uma cerveja de um patriota como ele.

A Mãe diz à Bridey, Juro por Deus que não sei o que hei-de fazer. O subsídio de desemprego são dezanove xelins e seis **pence** por semana, a renda são seis xelins e seis **pence**, sobram treze xelins para alimentar e vestir cinco pessoas e para nos aquecermos no Inverno.

A Bridey puxa uma fumaça do Woodbine, bebe um gole de chá e diz que Deus é grande. A Mãe diz, Não duvido que seja grande para algumas pessoas, mas há muito tempo que não aparece por estes lados de Limerick.

A Bridey dá uma gargalhada. Podes ir para o inferno por falar assim, Angela, e a Mãe diz-lhe, No inferno já eu estou, não achas, Bridey?

E riem-se e bebem chá e fumam os Woodbines e dizem uma à outra que o tabaco é a única consolação que têm na vida.

E é.

O Quigley das Perguntas avisa-me de que na sexta-feira tenho de ir à Igreja Redentorista para me inscrever na divisão masculina da Arquiconfraria. Tens de te inscrever. Não podes dizer que não.

Todos os rapazes destas ruas e das ruas aqui em volta que têm pais no desemprego ou a trabalharem como operários têm de se inscrever.

O Perguntas diz, O teu pai é de fora, é lá do Norte, e não quer saber disso, mas tens de te inscrever.

Toda a gente sabe que Limerick é a cidade mais sagrada da Irlanda porque tem a Arquiconfraria da Sagrada Família, a maior congregação do mundo. Qualquer cidade pode ter uma Confraria, mas só Limerick é que tem a Arquiconfraria.

A nossa Confraria enche a igreja redentorista cinco noites por semana, três para os homens, uma para as mulheres e uma para os rapazes. Há a Bênção e cantam-se hinos em inglês, irlandês e latim e o melhor de tudo são os grandes sermões dos padres redentoristas, que tanta fama têm. É o sermão que salva milhões de chineses e outros ateus de se irem juntar aos protestantes no inferno.

O Perguntas diz que temos de nos inscrever na Confraria para a nossa mãe poder dizer isso na Sociedade de São Vicente de Paulo e eles ficarem a saber que somos bons católicos. Diz que o pai dele também é membro da Confraria e foi assim que ele arranjou um bom emprego com direito a reforma a lavar as retretes na estação do caminho-de-ferro e que ele, quando crescer, também vai arranjar um bom emprego, a menos que fuja para se alistar na Polícia Montada do Canadá para poder cantar, «I'll Be Calling You Ooo Ooo Ooo», como o Nelson Eddy canta à Jeanette MacDonald, estendida no sofá a morrer de tuberculose. Se ele me levar para a Confraria, o homem do escritório vai escrever o nome dele num livro muito grande e qualquer dia talvez seja promovido a prefeito de uma secção, que é a coisa que ele mais deseja na vida a seguir a usar a farda da Polícia Montada.

O prefeito é o chefe de uma secção que é um conjunto de trinta rapazes das mesmas ruas. Todas as secções têm um nome de um santo, cuja imagem é pintada num escudo e espetado num pau que está ao lado do lugar do prefeito. O prefeito e o ajudante fazem o registo das presenças e ficam de olho em nós para poderem dar-nos um murro na cabeça se nos apanharem a rir durante a Bênção ou a cometer outros sacrilégios. Se faltarmos uma noite, o homem do escritório quer saber porquê, quer saber se estamos a afastar-nos da Confraria ou pode dizer ao outro homem do escritório, Parece-me que este nosso amigo anda a comer da sopa. É a pior coisa que se pode dizer a um católico em Limerick ou até em toda a Irlanda, por causa do que aconteceu durante a Grande Fome. Se faltarmos duas noites, o homem do escritório manda-nos uma convocatória amarela, para lá irmos justificar-nos. Se faltarmos três vezes, manda o

Destacamento, que são cinco ou seis dos mais crescidos da nossa secção que nos procuram pelas ruas para terem a certeza de que não andamos a divertir-nos quando devíamos estar na Confraria, a rezar de joelhos pelos Chineses e por outras almas condenadas. O Destacamento vai à nossa casa e diz à nossa mãe que a imortalidade da nossa alma está em perigo. Algumas mães ficam preocupadas, mas outras dizem, Saíam-me da porta se não querem que vá aí espetar-vos um pontapé no cu. Estas não são boas mães da Confraria e o director diz que devemos rezar por elas para que elas vejam os caminhos pecaminosos por onde andam.

A pior coisa que pode acontecer é uma visita do próprio director da Confraria, o Padre Gorey. Fica parado ao cimo da rua e grita com aquela voz que converteu milhões de chineses, Onde é que mora o Frank McCourt?, apesar de ter um papel no bolso com a morada e saber muito bem onde é que moramos. Grita assim porque quer que toda a gente saiba que estamos a afastar-nos da Confraria e a pôr a imortalidade da nossa alma em perigo. As mães ficam aterrorizadas e os pais dizem baixinho, Eu não estou cá, eu não estou cá, e a partir daí nunca mais nos deixam faltar à Confraria para não ficarem envergonhados perante os vizinhos e a ouvi-los bichanar por detrás das costas.

O Perguntas leva-me à secção de São Finbar, e o prefeito diz-me, Senta-te ali e está calado. Chama-se Declan Collopy, tem catorze anos e tem umas borbulhas na cabeça que parecem cornos. Tem umas sobrancelhas grossas e ruivas, unidas ao meio e penduradas para cima dos olhos e uns braços que lhe chegam quase aos joelhos. Diz-me que está a fazer daquela secção a melhor da Confraria e que se eu alguma vez faltar me desfaz e me manda em bocadinhos à minha mãe. Não há desculpa nenhuma para faltar, porque havia um rapaz noutra secção que estava a morrer e, mesmo assim, levaram-no numa maca. Por isso, se alguma vez faltares, é melhor que seja por morte, diz ele, não é uma morte na família, é a tua própria morte. Ouviste bem?

Ouvi, Declan.

Os rapazes da minha secção dizem-me que os prefeitos recebem recompensas se nunca faltar ninguém. O Declan quer sair da escola o mais depressa possível e ir trabalhar para aquela loja grande do Cannock em Patrick Street a vender linóleo. O tio dele, o Foncey, trabalhou lá muitos anos a vender linóleo e

arranjou dinheiro para abrir uma loja dele em Dublin, onde tem os três filhos a vender linóleo. É fácil para o Padre Gorey, o director, dar ao Declan a recompensa de lhe arranjar um emprego na loja do Canooch, se for um bom prefeito e nunca faltarmos, e é por isso que o Declan diz que nos mata se faltarmos. Costuma dizer, Que ninguém se achesse entre mim e o linóleo.

O Declan gosta do Quigley das Perguntas e deixa-o faltar de vez em quando porque o Perguntas lhe disse que quando crescer e se casar vai cobrir a casa toda de linóleo e vai comprá-lo a ele.

Alguns outros rapazes da secção tentam utilizar este truque com o Declan, mas ele diz, Desaparece, podes dar-te por muito feliz se tiveres um penico para mijar quanto mais linóleo.

O Pai diz que tinha a minha idade e já ajudava à missa em Toome há que séculos e que está na altura de eu fazer o mesmo. A Mãe diz, Para quê? A criança nem tem roupa decente para ir à escola quanto mais para ajudar à missa. O Pai diz que os fatos dos meninos do coro tapam a roupa e ela diz que não temos dinheiro para esses fatos nem para os lavarmos todas as semanas como eles precisam.

O Pai diz que Deus há-de ajudar-nos e manda-me ajoelhar no chão da cozinha. Faz de padre porque sabe a missa toda de cor e eu tenho de saber as respostas. Diz, **Introibo ad altare Dei**, e eu tenho de dizer, **Ad Deum qui laetificat juventutem meam**.

Todas as noites depois do chá tenho de me ajoelhar para dizer o latim, e ele não me deixa levantar enquanto eu não disser tudo na perfeição. A Mãe diz que ele podia, ao menos, deixar-me estar sentado, mas ele diz que o latim é sagrado e que tem de ser aprendido e recitado de joelhos. Não vês o Papa sentado a beber chá enquanto está a falar em latim.

O latim é difícil, e tenho os joelhos doridos e esfolados e gostava de estar lá fora a brincar, mas também gostava de ser menino do coro, a ajudar o padre a vestir-se na sacristia e de estar lá em cima no altar todo aperaltado com o meu vestido vermelho e branco como o meu amigo Jimmy Clark, a responder ao padre em latim, a levar o livro de um lado para o outro do tabernáculo, a deitar água e vinho no cálice, a deitar água em cima das mãos do padre, a tocar a campainha na altura da Consagração, a ajoelhar-me, a curvar a cabeça, a balançar o turíbulo na altura da Bênção, a sentar-me num dos lados com as palmas das mãos pousadas nos joelhos, muito sério, enquanto o

padre faz a homília, com toda a gente na Igreja de São José a olhar para mim e a admirar as minhas maneiras.

Ao fim de quinze dias já sei a missa toda de cor e está na altura de ir à Igreja de São José falar com o sacristão, o Stephen Carey, que é o responsável pelos meninos do coro. O Pai engraxa-me as botas. A Mãe cose-me as meias e põe um bocado de carvão a mais no lume para aquecer o ferro para me passar a camisa. Aquece água e esfrega-me a cabeça, o pescoço, as mãos, os joelhos e qualquer bocadinho de pele que esteja à mostra. Esfrega até eu ficar com a pele a arder e diz ao Pai que não quer que ninguém diga que o filho foi para o altar sujo. Quem lhe dera que eu não tivesse os joelhos todos esfolados por andar aos pontapés às latas e a atirar-me para o chão a toda a hora a fingir que sou o maior futebolista do mundo. Quem lhe dera que houvesse lá em casa um bocadinho de brilhantina, mas que com água e cuspo o meu cabelo há-de deixar de estar espetado como palha preta num colchão. Diz-me para falar alto quando for à Igreja de São José e não me pôr a bichanar em inglês ou latim. Diz, É uma pena o teu fato da Primeira Comunhão já não te servir, mas não tens nada que te envergonhe, vens de famílias de bom sangue, os McCourts e os Sheehans e até da família da minha mãe, os Guilfoyles que tinham muitos hectares de terra em Limerick antes de os Ingleses lhos tirarem para os darem aos salteadores de Londres.

O Pai dá-me a mão e lá vamos nós pela rua, com as pessoas todas a olharem para nós por causa de irmos a falar em latim. Bate à porta da sacristia e diz ao Stephen Carey, Este aqui é o meu filho Frank, que sabe latim e está preparado para ajudar à missa.

O Stephen Carey olha para ele e depois para mim, e diz, Não há vaga para ele e fecha a porta.

O Pai continua de mão dada comigo e aperta-me tanto a mão que me faz doer e eu fico com vontade de chorar. Não diz nada durante o caminho para casa. Tira o boné, senta-se ao pé do lume e acende um Woodbine. A Mãe também está a fumar. Então, pergunta ela, ele vai ser menino do coro?

Não há vaga para ele.

Oh, diz ela e puxa uma fumaça do Woodbine. Sabes o que é? É a fazerem distinção entre as classes. Não querem rapazes destas ruas no altar. Não querem rapazes com joelhos esfolados e cabelo em pé. Não, querem os meninos bonitos com brilhantina e

sapatos novos, que têm pais que usam fato e gravata e têm emprego certo. É isso mesmo e é difícil uma pessoa manter a Fé com a vaidade toda que por lá anda.

Oh!, pois é.

Oh!, pois é, uma fava. Só sabes dizer isso. Podias ir dizer ao padre que o teu filho tem a cabeça cheia de latim e perguntar-lhe por que é que ele não pode ser menino do coro e o que é que ele vai fazer com aquele latim todo?

Pode ser padre quando for grande.

Pergunto-lhe se posso ir para a rua brincar. Podes, diz ele, vai brincar.

A Mãe diz, Podes. Tanto faz.

VI

O Sr. O'Neill é o professor da quarta classe. Chamamos-lhe Pontinhos porque é tão pequenino que parece um ponto. Na sala dele há um estrado para ele poder ficar acima de nós e ameaçar-nos com a vergasta e descascar a maçã à nossa frente. No primeiro dia de escola em Setembro, escreve três palavras no quadro, que vão lá ficar para o ano todo: Euclides, geometria, idiota. Diz que se apanhar algum de nós a tocar naquelas palavras, esse aluno pode preparar-se para ficar só com uma mão para o resto da vida. Diz que quem não sabe os teoremas de Euclides é idiota. Claro que todos sabemos o que é um idiota porque é o que os professores estão sempre a dizer que nós somos.

O Brendan Quigley levanta o braço. Senhor professor, o que é um teorema e o que é um Euclides?

Ficamos à espera que o Pontinhos dê com a vergasta no Brendan, como fazem todos os professores quando lhes perguntamos seja o que for, mas o Pontinhos olha para o Brendan com um sorriso. Ora bem, aqui temos um rapaz não com uma mas com duas dúvidas. Como é que te chamas?

Brendan Quigley, senhor professor.

Este rapaz há-de ir longe. Onde é que este rapaz há-de ir?

Longe, senhor professor.

Há-de ir, sim. Um rapaz que quer saber mais sobre a graciosidade, a elegância e a beleza de Euclides só pode avançar numa direcção: para mais longe. Qual é a única direcção em que este rapaz pode avançar?

Para mais longe, senhor professor.

Sem Euclides, meus meninos, a Matemática seria uma coisa frouxa. Sem Euclides não poderíamos ir daqui para aí. Sem Euclides a bicicleta não teria rodas. Sem Euclides São José não teria podido ser carpinteiro, porque a carpintaria é geometria

e a geometria é carpintaria. Sem Euclides esta escola nunca teria sido construída.

O Paddy Clohessy sussurra por detrás de mim, Raios partam o Euclides.

O Pontinhos dá-lhe um grito. Tu aí, rapaz, como é que te chamas?

Clohessy, senhor professor.

Ah!, o rapaz voa só com uma asa. Qual é o teu nome próprio?

Paddy.

Paddy quê?

Paddy, senhor professor E o que é que estavas a dizer ao McCourt, Paddy?

Disse que devíamos agradecer a Deus de joelhos por termos Euclides.

Claro que foi isso que disseste, Clohessy. Estou a ver uma mentira a apodrecer-te nos dentes. O que é que eu estou a ver?

Uma mentira, senhor professor.

E o que é que a mentira está a fazer?

A apodrecer, senhor professor.

Onde, meninos, onde?

Nos dentes dele, senhor professor.

Euclides, meus meninos, era grego.

O que é um grego, Clohessy?

Um estrangeiro qualquer, senhor professor.

És um bocado parvo, Clohessy. Brendan, tenho a certeza de que sabes o que é um grego.

Sei, sim, senhor professor. Euclides era grego.

O Pontinhos dirige-lhe aquele sorrisinho dele. Diz ao Clohessy que devia seguir o exemplo do Quigley, que sabe o que é um grego. Desenha duas linhas uma ao lado da outra e diz-nos que são linhas paralelas e o que elas têm de mágico e misterioso é que nunca se encontram, nem sequer se forem prolongadas até ao infinito, nem sequer se forem prolongadas até aos ombros de Deus e isso, meus meninos, é muito longe, embora haja um judeu alemão que está a virar o mundo de pernas para o ar com as suas ideias sobre linhas paralelas.

Estamos a ouvir o Pontinhos e a pensar o que terá aquilo a ver com o estado do mundo, e com os Alemães a invadirem tudo e a bombardearem tudo o que está em pé. Não podemos perguntar, mas podemos dizer ao Brendan Quigley que pergunte. Toda a gente já percebeu que o Brendan é o menino querido do professor e

isso significa que pode fazer as perguntas todas que quiser. No fim da escola, dizemos ao Brendan que no dia seguinte tem de perguntar para que serve o Euclides e aquelas linhas que nunca se tocam quando os Alemães estão a bombardear tudo. O Brendan diz que não quer ser o menino querido do professor, que não fez nada para que isso acontecesse e que não vai perguntar nada daquilo. Tem medo que, se fizer essa pergunta, o Pontinhos lhe bata. Nós dizemos-lhe que, se não fizer a pergunta, somos nós que lhe batemos. No dia seguinte, o Brendan levanta o braço. O Pontinhos dirige-lhe o sorrisinho do costume. Senhor Professor, Para que serve o Euclides e as linhas se os Alemães estão a bombardear tudo o que está em pé?

O sorrisinho desaparece. Ah!, Brendan. Ah!, Quigley. Ai, rapazes, rapazes.

Pousa o ponteiro na secretária e fica em cima do estrado de olhos fechados. De que serve Euclides? diz ele. De que serve? Sem Euclides, o Messerschmitt nunca teria chegado ao céu. Sem Euclides, o Spitfire não podia ir como uma seta de nuvem para nuvem. Euclides traz consigo a graciosidade, a beleza e a elegância. O que é que Euclides traz consigo?

A graciosidade, senhor professor.

E?

A beleza, senhor professor.

E?

A elegância, senhor professor.

Euclides é completo em si mesmo e divino, quando aplicado. Estão a perceber, meninos?

Estamos, sim, senhor professor.

Duvido, meninos, duvido. Amar Euclides é estar sozinho no mundo.

Abre os olhos e suspira, e vemos que tem os olhos rasos de água.

Nesse dia, quando o Paddy Clohessy vai a sair da escola, o Sr. O'Dea, o professor da quinta classe, manda-o parar e pergunta-lhe, Como é que te chamas?

Clohessy, senhor professor.

Em que classe é que andas?

Na quarta, senhor professor.

Diz-me lá uma coisa, Clohessy, o vosso professor anda a falar-vos de Euclides?

Anda, sim, senhor professor.

E o que é que ele tem dito?

Diz que ele é grego.

Claro que é grego, meu parvalhão. E o que é ele diz mais?

Diz que sem o Euclides não haveria escola.

Ah! E tem desenhado alguma coisa no quadro?

Desenha duas linhas uma ao lado da outra que nunca se encontram, nem sequer se fossem prolongadas até aos ombros de Deus.

Mãe de Deus!

Não, senhor professor. Os ombros de Deus.

Eu sei, idiota. Vai para casa.

No dia seguinte, ouvimos uma grande barulheira à porta da sala e o Sr. O'Dea a gritar, Anda cá fora, O'Neill, meu abusador, meu covarde. Consegue ouvir-se tu do o que ele está a dizer por causa do vidro partido por cima da porta.

O director novo da escola, o Sr. O'Halloran, está a dizer-lhe, Então, então, Sr. O'Dea. Controle-se. Não quero discussões dos alunos.

Então, Sr. O'Halloran, diga-lhe que pare de ensinar Geometria. A Geometria é na quinta classe e não na quarta. A Geometria é minha. Diga-lhe para ensinar a divisão por quatro algarismos e deixar Euclides para mim. A divisão vai ser boa para lhes alargar o intelecto, valha-nos Deus. Não quero as mentes destes rapazes destruídas por aquele impostor que está ali em cima do estrado, sempre a dar cascas de maçã e a causar diarreias a torto e a direito. Diga-lhe que Euclides é meu, Sr. O'Halloran, ou então sou eu que lhe corto as pernas.

O Sr. O'Halloran diz ao Sr. O'Dea que volte para a sala dele e pede ao Sr. O'Neill que vá ao corredor e diz-lhe, Então, Sr. O'Neill, eu já lhe tinha pedido para não tocar em Euclides.

Pois pediu, Sr. O'Halloran, mas isso era o mesmo que pedir-me para deixar de comer a minha maçã.

Tenho de insistir, Sr. O'Neill. Nada de Euclides.

O Sr. O'Neill volta para a sala, e tem outra vez lágrimas nos olhos. Diz que não mudou nada desde o tempo dos Gregos, porque os bárbaros estão portas adentro e os nomes deles é que contam. O que é que mudou desde o tempo dos Gregos, meninos?

É uma tortura ver o Sr. O'Neill a descascar a maçã todos os dias, ver o tamanho da casca, vermelha ou verde, e os que estão na primeira fila até sentem a frescura do seu cheiro. O bom menino do dia, o que tiver respondido às perguntas todas, ganha

a casca e pode comê-la logo ali na carteira, para poder comer em paz sem ter os outros todos à perna, como aconteceria se a comesse no pátio. Começavam todos a pedir, Dá-me um bocadinho, dá-me um bocadinho e, com sorte, talvez se conseguisse ficar com uma tirinha.

Há dias em que as perguntas são muito difíceis, e ele, para nos fazer sofrer, deita a casca para o caixote do lixo. Depois pede a um rapaz de outra aula para levar o cesto para a fornalha para queimar os papéis e a casca, ou então dá-o à mulher a dias, a Nellie Ahearn, para despejar tudo no grande saco de lona com que ela anda. Podíamos pedir à Nellie que apanhasse a casca para nos dar antes de os ratos a comerem, mas ela está cansada de limpar a escola toda sozinha e grita-nos, Tenho mais que fazer do que aturar um bando de tnhosos atrás de uma casca de maçã. Desapareçam.

Ele descasca a maçã muito devagar. Olha em volta da sala com aquele sorrisinho dele. Para nos arreliar, pergunta, Aham que devia pôr isto no parapeito da janela para os pombos? E nós dizemos, Não, senhor professor, os pombos não comem maçãs. O Paddy Clohessy diz muito alto, Ficavam com diarreia, senhor professor, e as nossas cabeças é que iam pagar lá fora no pátio.

Clohossy, és um **omadhaun**. Sabes o que é um **omadbaun**?

Não, senhor professor.

É irlandês, Clohessy, a tua língua, Clohessy. Um **omadhaun** é um idiota, Clohessy. Tu és um **omadhaun**. O que é que ele é?

Um **omadhaun**, senhor professor.

O Clohessy diz, O Sr. O'Dea também me chamou isso, um **omadhaun**.

Pára de descascar a maçã para nos perguntar coisas sobre todo o mundo, e o que responder melhor é que ganha. Quem souber o nome do presidente dos Estados Unidos da América ponha o dedo do ar, diz ele.

Toda a gente põe a mão no ar, e ficamos tristes quando ele faz um pergunta a que qualquer **omadhaun** sabe responder. Dizemos em coro, Roosevelt.

Depois pergunta, Tu, Mulcahy, quem é que estava aos pés da cruz quando Nosso Senhor foi crucificado?

O Mulcahy é um bocado atrasado. Os Doze Apóstolos, senhor professor.

Mulcahy, como é que se diz idiota em irlandês?

Omadhaun, senhor professor.

E o que é tu és, Mulcahy?

Um *omadhaun*, senhor professor.

O Fintan Slattery levanta o braço. Eu sei quem é que estava aos pés da cruz, senhor professor.

Claro que o Fintan sabe quem é que estava aos pés da cruz. Porque é que não havia de saber? Passa a vida a caminho da missa com a mãe, que é conhecida pela sua religiosidade. É tão religiosa que o marido foi cortar árvores para o Canadá, feliz da vida, e nunca mais se ouviu falar dele. Ela e o Fintan rezam o terço todas as noites, de joelhos na cozinha, e lêem todas as revistas religiosas possíveis e imaginárias: **O Pequeno Mensageiro do Sagrado Coração, A Lanterna, O Extremo Oriente**, e todos os livrinhos publicados pela Sociedade da Verdade Católica. Vão à missa e comungam quer chova ou faça sol e todos os sábados se vão confessar aos Jesuítas, que são famosos por quererem saber pecados inteligentes não apenas os pecados do costume das pessoas das vielas, que se embebedam, dizem blasfêmias e comem carne às sextas-feiras para não se estragar e, ainda por cima, praguejam. O Fintan vive com a mãe na Catherine Street e as vizinhas chamam à mãe dele a Sra. Ofereço-a-Deus, porque aconteça o que acontecer, seja por partir uma perna, por entornar uma chávena de chá, ou pelo marido lhe desaparecer, diz sempre, Bem, ofereço isso a Deus e assim ganho a minha entrada no céu. O Fintan é igualzinho. Se o empurrarmos no pátio da escola ou chamamos nomes, ele sorri e diz que vai rezar por nós e que oferece aquele castigo pela nossa alma e por nós. Os rapazes da Escola de Leamy não querem que o Fintan reze por eles e ameaçam que lhe dão um valente pontapé no cu se o apanharem a rezar por eles. Ele diz que, quando crescer, quer ser santo, o que é uma parvoíce, porque só se pode ser santo depois de morrer. Diz que os nossos netos hão-de rezar à imagem dele. Um dos grandes diz, Os meus netos hão-de mijar em cima da tua imagem, e o Fintan limita-se a sorrir. A irmã dele fugiu para a Inglaterra aos dezassete anos e toda a gente sabe que ele anda por casa com a blusa dela e que enrola o cabelo com um ferro quente todos os sábados à noite para estar lindo de morrer, quando for à missa no domingo. Se nos encontra a caminho da missa pergunta, O meu cabelo não está lindo de morrer, Frankie? Adora dizer lindo de morrer, e, por isso, mais nenhum de nós o diz.

Claro que ele sabe quem é que estava aos pés da cruz. Se calhar, sabe como é que estavam vestidos e o que é que comeram ao pequeno-almoço. Diz ao Pontinhos O'Neill que eram as Três Marias.

O Pontinhos diz, Vem cá, Fintan. Toma a tua recompensa.

Ele demora o seu tempo a chegar ao estrado e nós nem queremos acreditar quando o vemos tirar um canivete do bolso para cortar a casca da maçã aos bocadinhos para os comer um por um em vez de enfiar tudo na boca de uma vez como nós fazemos. Levanta o braço e diz, Senhor Professor, gostava de repartir a minha maçã.

Maçã, Fintan? Não. Não ganhaste a maçã, Fintan. Ganhaste a casca, só a casca. Nunca tiveste nem nunca terás mérito suficiente para te empanturrares com a maçã. Com a minha maçã, nunca, Fintan. Mas será que ouvi bem? Queres repartir a tua recompensa?

Quero, sim, senhor professor. Gostava de dar um bocadinho ao Quigley, outro ao Clohessy e outro ao McCourt.

Porquê, Fintan?

Porque são meus amigos, senhor professor.

Por toda a sala os rapazes estão a fazer um sorriso de troça e a darem cotoveladas uns aos outros. Eu estou a morrer de vergonha porque eles vão dizer que eu também enrolo o cabelo e vão dar cabo de mim no pátio. Por que raio há-de ele pensar que eu sou amigo dele? Se disserem que ando com a blusa da minha irmã, não vale a pena dizer-lhes que não tenho nenhuma irmã porque eles dizem, Mas se tivesses, usavas. Não vale a pena dizer nada no pátio da escola porque há sempre algum com uma resposta na ponta da língua e a única coisa que se pode fazer é dar-lhe um murro no nariz. Mas se déssemos um murro no nariz a todos os que têm uma resposta na ponta da língua, passávamos dia e noite aos muros.

O Quigley aceita o bocadinho de casca que o Fintan lhe dá. Obrigado, Fintan.

Toda a gente está de olhos postos no Clohessy, porque ele é o maior e o mais valente de todos e, se ele disser obrigado, eu também digo. Ele diz, Obrigado, Fintan, e fica corado, e eu digo, Obrigado, Fintan, e tento não ficar corado, mas fico, e os outros estão todos troçar e só me apetecia esmurrá-los.

No fim da escola, os rapazes gritam ao Fintan, Ei, Fintan, vais para casa enrolar esse teu cabelo lindo de morrer? O

Fintan sorri e sobe os degraus do pátio da escola. Um dos grandes, da sétima classe, diz ao Paddy Clohessy, Se calhar, também enrolavas o cabelo, se não fosses um careca de cabeça rapada.

O Paddy diz, Cala-te, e o outro diz, Quem é que me vai obrigar? O Paddy tenta dar-lhe um murro, mas o grande acerta-lhe no nariz e deita-o ao chão, e o Paddy fica a deitar sangue. Tento bater no grande, mas ele agarra-me pelo pescoço e começa a dar-me com a cabeça na parede, até eu ficar a ver luzes e pontinhos pretos. O Paddy afasta-se, com a mão no nariz e a chorar, e o matulão empurra-me a mim a seguir. O Fintan está na rua e diz, Oh!, Francis, Francis, oh Patrick, Patrick, o que foi? Por que é que estás a chorar, Patrick? e o Paddy diz, Tenho fome. Não posso lutar com ninguém porque estou a morrer de fome e a cair para o lado e tenho vergonha de mim mesmo.

O Fintan diz, Vem comigo, Patrick. A minha mãe dá-nos qualquer coisa de comer, e o Paddy diz, Não. Estou a deitar sangue do nariz.

Não faz mal. Ela põe-te qualquer coisa no nariz ou comprime-te a parte de trás do pescoço. Francis, tens de vir também. Estás sempre com cara de fome.

Não, Fintan.

Vem, Francis.

Está bem, Fintan.

A casa do Fintan parece uma capela. Tem duas imagens, o Sagrado Coração de Jesus e o Imaculado Coração de Maria. Jesus está a segurar o coração com a coroa de espinhos, o fogo e o sangue. Tem a cabeça inclinada para a esquerda para mostrar como o Seu sofrimento é grande. A Virgem Maria também está a mostrar o coração, que até podia ser um coração bonito, se não tivesse aquela coroa de espinhos. Tem a cabeça inclinada para a direita para mostrar como o seu sofrimento é grande, porque sabe que o Seu filho vai ter um triste fim.

Noutra parede está o retrato de um homem com um vestido castanho e passarinhos sentados à volta dele. Sabes quem é, Francis? Não? É o teu patrono, São Francisco de Assis, e sabes que dia é hoje?

Quatro de Outubro.

Isso mesmo. É o dia dele e é um dia especial para ti porque podes pedir a São Francisco o que quiseres e ele de certeza que satisfaz o teu pedido. Foi por isso que quis que viesses cá

hoje. Senta-te, Patrick. Senta-te, Francis.

A Sra. Slattery aparece, com um terço na mão. Está muito contente por conhecer os amigos novos do Fintan e pergunta se queremos uma sanduíche de queijo. Coitadinho do Patrick, como tu tens esse nariz. Encosta-lhe a cruz do terço ao nariz e reza uma pequena oração. Diz-nos que aquele terço foi benzido pelo Papa e seria capaz de parar a corrente de um rio, quanto mais curar o nariz do Patrick.

O Fintan diz que não quer nenhuma sanduíche porque está a fazer jejum e a rezar pelo rapaz que bateu a mim e ao Paddy. A Sra. Slattery dá-lhe um beijinho na cabeça, diz-lhe que é um santo caído do céu e pergunta se queremos mostarda nas sanduíches. Eu digo-lhe que não sabia que se punha mostarda em cima de queijo e que gostava de experimentar. O Paddy diz, Não sei. Nunca comi uma sanduige na vida. Rimo-nos todos e eu pergunto a mim próprio como é que é possível ter vivido já dez anos como o Paddy sem nunca ter comido uma sanduíche. O Paddy também se ri e mostra os dentes, que são brancos, pretos e verdes.

Comemos o sanduíche e bebemos chá, e o Paddy pergunta onde é a casa de banho. O Fintan leva-o ao pátio das traseiras e, quando voltam para o quarto, o Paddy diz, Tenho de me ir embora. A minha mãe vai dar cabo de mim. Espero por ti lá fora, Frankie.

Agora sou eu que preciso de ir à casa de banho, e o Fintan leva-me ao pátio das traseiras e diz, Também tenho de ir, e eu desaperto a braguilha mas não consigo fazer chichi, porque ele está a olhar para mim e diz, Estavas a brincar. Não tens vontade nenhuma. Gosto de olhar para ti, Francis. É só isso. Longe de mim cometer qualquer pecado, com a Confirmação já para o ano.

Eu e o Paddy vamo-nos embora juntos. Estou a rebentar e tenho de ir fazer chichi atrás de uma garagem. O Paddy está à minha espera e, enquanto vamos na Hartstonge Street, ele diz-me, A santes era uma maravilha, e a mãe e o irmão dele são muito santos, mas eu nunca mais quero ir a casa do Fintan porque ele é muito esquisito, não achas, Frankie?

Acho, Paddy.

A maneira como ele fica a olhar quando tiramos aquilo para fora é esquisito, não achas, Frankie?

Acho, Paddy.

Uns dias depois, o Paddy diz-me baixinho, O Fintan Slattery disse que podíamos ir a casa dele à hora de almoço. A mãe dele não está lá, mas deixa-lhe o almoço pronto. Talvez nos dê de comer também, e o leite deles é tão bom. Vamos?

O Fintan está sentado duas filas à frente da nossa. Sabe o que o Paddy está a dizer-me e mexe as sobrancelhas para cima e para baixo, como que a dizer-me, Vens? Eu digo ao Paddy que vou e ele acena com a cabeça ao Fintan, e o professor ralha connosco para pararmos de mexer as sobrancelhas e a boca ou então a vergasta vai cantar nas nossas costas.

Os rapazes que estão no pátio vêem-nos sair os três juntos e começam com ditos. Oh!, meu Deus, vejam só o Fintan e os marmanjos dele. O Paddy diz, Fintan, o que é um marmanjo? e o Fintan diz-lhe que é um rapaz de outros tempos que ficava sempre sentado a um canto, só isso. Diz para nos sentarmos à mesa da cozinha e que se quisermos podemos ler livros aos quadradinhos como o **Film Fun**, o **Beano**, o **Dandy**, ou as revistas religiosas ou as fotonovelas da mãe dele, o **Miracle** e o **Oracle**, que têm histórias de raparigas que trabalham em fábricas, que são pobres mas estão apaixonadas por filhos de condes, e vice-versa, e a rapariga da fábrica, desesperada, atira-se sempre ao Tamisa e é salva por um carpinteiro que vai a passar e que é pobre mas honrado e que se apaixona pela rapariga, mesmo sendo ela humilde como é, mas que se descobre mais tarde ser afinal filho de um duque, que é muito mais importante do que conde, e a rapariga da fábrica no fim torna-se duquesa e olha de cima para baixo para o conde que correu com ela, porque está muito feliz a cuidar das rosas na sua propriedade com doze mil acres em Shropshire e a ser muito boazinha para a sua pobre mãe, que se recusa a sair da sua pequena e humilde cabana, nem que fosse por todo o dinheiro do mundo.

O Paddy diz, Não quero ler nada, essas histórias são todas uma vigarice.

O Fintan tira o guardanapo que está a tapar a sanduíche e o copo de leite. O leite é espesso e fresco, e tem um aspecto delicioso e o pão da sanduíche é quase tão branco como o leite. O Paddy pergunta, É uma sanduiche de presunto? e o Fintan diz, É. O Paddy diz, Essa sanduiche deve ser uma maravilha. Tem mostarda? O Fintan diz que sim com a cabeça e parte a sanduíche ao meio. A mostarda escorre para fora. Ele lambe os dedos e

bebe um grande golo de leite. Corta a sanduíche em quatro partes, depois oito, depois dezasseis, tira o Pequeno Mensageiro do Sagrado Coração de uma pilha de revistas e põe-se a ler enquanto come os bocadinhos da sanduíche e bebe o leite. Eu e o Paddy ficamos a olhar para ele, e eu sei que o Paddy está a pensar o que estamos nós ali a fazer, porque é o mesmo que eu estou a pensar, na esperança de que o Fintan nos passe o prato, mas ele nunca o passa. Acaba de beber o leite, deixa uns bocadinhos de pão no prato, tapa-o com o guardanapo e limpa a boca, com aqueles seus trejeitos elegantes, curva a cabeça, benze-se, agradece a Deus a refeição, diz, Oh!, meu Deus, vamos chegar atrasados à escola e, quando já vamos a sair, torna a benzer-se com água benta que está numa pia de porcelana pendurada ao lado da porta, com uma pequena imagem da Virgem Maria com o coração e a apontar para ele com dois dedos, como se nós não percebêssemos o que é.

Já é tarde de mais para eu e o Paddy irmos pedir pão e leite à Neelie Ahearn, e eu não sei como é que me vou aguentar sem comer até chegar a casa depois da escola. O Paddy pára junto ao portão da escola e diz, Não posso ir para a escola, com a fome com que estou. Ia adormecer e o Pontinhos matava-me.

O Fintan está ansioso. Vá, despachem-se, se não chegamos atrasados. Despacha-te, Francis.

Não vou à escola, Fintan. Tu almoçaste, mas nós não comemos nada.

O Paddy explode. És um vigarista nojento, Fintan. E és um sovina nojento, com aquela sanduige nojenta e aquele nojento Sagrado Coração de Jesus pendurado na parede e aquela água benta nojento. Podes lambe-me o cu, Fintan.

Oh!, Patrick.

Oh!, Patrick, o diabo que te carregue, Fintan. Anda, Frankie.

O Fintan corre para a escola, e eu e o Paddy vamos a um pomar em Ballinacurra. Trepamos o muro e damos com um cão, que parece capaz de nos comer, até que o Paddy começa a falar para ele, a dizer-lhe que é um cão bonzinho e que nós estamos cheios de fome e que vá para ao pé da mãe dele. O cão lambe a cara do Paddy e vai-se embora a abanar a cauda, e o Paddy fica todo inchado. Enchemos as camisas com tantas maçãs que só a muito custo conseguimos trepar outra vez o muro, e vamos a correr para um campo muito grande, onde nos sentamos por baixo de um arbusto a comer maçãs até estarmos quase a rebentar, e depois

molhamos a cara num regato de água deliciosamente fresca. Depois vamos a correr para dois lados opostos de uma valeta para fazermos coco e limpamos o rabo com a erva e com folhas grossas. O Paddy está maravilhado e diz, Não há nada no mundo como uma boa barrigada de maçãs, um bocado de água e uma boa cagadela, é melhor do que qualquer sanduíge de queijo com mostarda e o Pontinhos O'Neill pode enfiar a maçã dele pelo cu acima.

Passamos por um campo e vemos as cabeças de três vacas por cima de um muro de pedra a dizerem-nos muuu. O Paddy diz, Graças a Deus! Está na hora de serem mungidas, e salta por cima do muro e deita-se por baixo da vaca com o seu grande úbere pendurado por cima da cara dele. Puxa uma teta e espreme o leite para dentro da boca. Pára de espremer e diz, Anda, Frankie. É leite fresco. É uma maravilha.

Mete-te debaixo daquela vaca, estão todas na hora de serem mungidas.

Meto-me por baixo da vaca e puxo uma teta, mas ela dá um coice e mexe-se. Tenho a certeza de que me vai matar. O Paddy vem ter comigo e ensina-me como se faz, Puxas com força e a direito, e começa a sair um esguicho de leite. Estamos os dois deitados debaixo da mesma vaca, a divertir-nos à grande e a enchermos a pança de leite, quando ouvimos um barulho e vemos um homem a atravessar o campo a correr, com um pau na mão. Trepamos o muro em menos de um minuto, e ele não consegue ir atrás de nós por causa de ter umas botas de borracha. Fica ao pé do muro, a acenar com o pau e a gritar que se tornar a apanhar-nos nos enfia o pau pelo cu acima e nós rimos à gargalhada porque já estamos fora de perigo e eu fico a pensar por que é que há-de haver pessoas com fome num mundo onde há tanto leite e tantas maçãs.

O Paddy não tem problemas em dizer que o Pontinhos pode enfiar a maçã no cu, mas eu não quero passar a vida a roubar fruta e a mugir vacas, e hei-de continuar a tentar ganhar a casca da maçã do Pontinhos para poder ir para casa contar ao Pai que respondi às perguntas difíceis.

Estamos a voltar para casa por Ballinacurra. Está a chover e a trovejar, e nós temos de ir a correr, mas custa-me muito por causa da sola do meu sapato sempre a bater e a poder fazer-me tropeçar. O Paddy pode correr à vontade porque está descalço, e ouço o barulho dos pés dele no chão. Os meus sapatos e as

minhas meias estão encharcados e fazem um barulho diferente, chlap, chlap, squich, squich, chlap, squich, squich chlap. Rimo-nos tanto com os barulhos que estamos a fazer, que temos de nos segurar um ao outro. Cada vez chove mais, e nós sabemos que não podemos pôr-nos debaixo de uma árvore, porque senão ficamos congelados, e então abrigamo-nos numa porta que se abre logo e aparece uma criada grande e gorda com um chapelinho branco, um vestido preto e um aventalzinho branco que diz, Saiam já daqui, seus desgraçados. Vamos embora a correr, e o Paddy volta-se para trás e grita-lhe, Vaca gorda, até nos calcanhares tens carne, e risse tanto que fica sem ar e tem de se encostar a uma parede para recuperar as forças. Não vale a pena tentarmos abrigar-nos da chuva, porque estamos encharcados até aos ossos, e por isso, descemos calmamente a O'Connell Avenue. O Paddy diz que quem lhe ensinou a dizer Vaca gorda foi o tio Peter, o que esteve na Índia no exército inglês e que está numa fotografia que têm lá em casa, ao pé de outros soldados, todos de pé, com elmos, espingardas e bandoleiras a tiracolo, e também ao pé de uns pretos fardados que são indianos leais ao Rei. O tio Peter divertiu-se à grande num sítio chamado Caxemira, que é mais bonita do que Killarney, de que todas as canções falam. O Paddy começa, então, a falar outra vez de fugir e ir para a Índia viver na tenda de seda com a rapariga da bolinha vermelha, e do caril e dos figos e está a fazer-me fome, apesar de eu me ter empanturrado de maçãs e leite.

A chuva está a passar e vemos pássaros a voar por cima da nossa cabeça. O Paddy diz que são patos ou gansos que vão a caminho de África, onde está sol e calor. Os pássaros são mais espertos do que os Irlandeses. Vêm passar as férias ao Shanoon e depois voltam para os sítios quentes, até talvez para a Índia. Diz que quando lá estiver vai escrever-me uma carta para eu ir também para a Índia e arranjar uma rapariga com uma bolinha vermelha.

Para que é a bolinha, Paddy?

É para mostrar que são de uma classe alta, que têm qualidade. Mas achas que as pessoas importantes da Índia iam falar contigo se soubessem que eras de uma viela de Limerick e que andavas descalço?

Claro que sim, mas as pessoas importantes da Inglaterra não.

Os ingleses importantes nem do vapor do mijo deles se acham dignos.

O vapor do mijó deles? Meu Deus, Paddy, foste tu que inventaste isso?

Não, é o que ouço o meu pai dizer na cama, lá do fundo, quando está a tossir e a culpar os Ingleses de tudo.

E eu penso, Vapor do mijó deles. Vou fixar isto e correr Limerick de um lado ao outro a dizer, O vapor do mijó deles, o vapor do mijó deles, e quando for para a América, vou ser só eu a saber dizer isto.

O Quigley das Perguntas vem ao nosso encontro, aos esses e esses, numa grande bicicleta de senhora e diz-me, Ei, Frankie, vão-te matar. O Pontinhos O'Neill mandou um recado para tua casa a dizer que não tinhas aparecido na escola no fim de almoço e que foste para a galderice com o Paddy Clohessy. A tua mãe vai-te matar. O teu pai anda à tua procura e também diz que te vai matar.

Oh! meu Deus, sinto tanto frio e um vazio tão grande, e só queria estar na Índia onde há sol e calor e não há escola e onde o meu pai nunca iria encontrar-me para me matar. O Paddy diz ao Perguntas, Nem ele foi para a galderice, nem eu. O Fitan Slattery ia-nos matando à fome e já era tarde de mais para irmos buscar o pão e o leite. Depois, volta-se para mim e diz-me, Não lhes lighes, Frankie, são todos uns vigaristas. Estão sempre a mandar recados para minha casa e nós aproveitamo-los para limparmos o cu.

A minha mãe e o meu pai nunca limpariam o rabo a um recado do professor, e eu estou cheio de medo de ir para casa. O Perguntas vai-se embora a rir à gargalhada, mas eu não sei porquê, porque ele uma vez fugiu de casa e dormiu numa vala com quatro cabras e isso é pior do que faltar uma tarde à escola.

Podia vir na Barrack Road e ir para casa e pedir desculpa aos meus pais por ter faltado à escola e explicar que fiz isso por estar com fome, mas o Paddy diz, Anda, vamos para a Dock Road atirar pedras ao Shannon.

Atiramos pedras ao rio e andamos de baloiço nas correntes ao longo da margem. Está a ficar de noite e eu não sei onde é que vou dormir. Posso ter de ficar ali ao pé do Shannon ou abrigar-me numa porta, ou posso voltar para o campo e ir dormir numa vala com quatro cabras como o Brendan Quigley. O Paddy diz que posso ir para casa dele, que durmo no chão e a minha roupa enxuga.

O Paddy mora numa daquelas casas altas que há no Arthur's

Quay viradas para o rio. Toda a gente de Limerick sabe que aquelas casas são velhas e podem cair de um momento para outro. A Mãe costuma dizer, Não vos quero no Arthur's Quay. Se alguma vez vos apanhar lá, desfaço-vos. Só lá moram selvagens, que podem roubar-vos ou matar-vos.

Está outra vez a chover e há miúdos ainda pequenos a brincar no corredor e pela escada acima. O Paddy diz, Tem cuidado porque faltam alguns degraus e nos outros há caca. Diz que é por causa de só haver uma retrete, que fica nas traseiras, e os miúdos pequenos não conseguem descer a escada a tempo de sentar os rabinhos na pia.

No quarto andar está uma mulher sentada a fumar, embrulhada num xaile, que diz, És tu, Paddy?

Sou, Mãe. .

Estou morta, Paddy. Estes degraus dão conta de mim. Já bebeste o teu chá?

Não.

Não sei se ainda há pão. Vai lá ver.

A família do Paddy vive só num quarto, que é grande, tem um tecto alto, uma chaminé pequena e duas janelas altas donde se vê o Shannon. O pai dele está a um canto, na cama, a gemer e a cuspir para um balde. Os irmãos e as irmãs do Paddy estão deitados pelo chão em colchões, uns a dormir, outros a falar, outros a olhar para o tecto. Há um bebé nu, que vai a gatinhar para ao pé do balde do pai do Paddy, mas o Paddy puxa-o para trás. A mãe entra, a arfar por ter subido as escadas. Meu Deus, estou morta, diz ela.

Descobre um bocado de pão e faz chá para o Paddy e para mim. Não sei o que hei-de fazer. Eles não dizem nada. Nem dizem o que é que estás aqui a fazer, nem vai para casa, nem nada. Mas, a certa altura, o Sr. Clohessy diz, Quem é esse? e o Paddy responde, É o Frankie McCourt. O Sr. Clohessy diz, McCourt? Que raio de nome é esse?

O meu pai é do Norte, Sr. Clohessy.

E como é que se chama a tua mãe?

Angela, Sr. Clohessy.

Valha-me Deus, não me digas que é a Angela Sheehan.

É, sim, Sr. Clohessy.

Valha-me Deus, diz ele, e tem um ataque de tosse que faz sair tudo e mais alguma coisa de dentro dele e que o obriga a ficar debruçado por cima do balde. Quando a tosse passa, cai para

cima da almofada. Oh!, Frankie, conheci tão bem a tua mãe. Dancei com ela valha-me Nossa Senhora, estou a desfazer-me cá por dentro, dancei, com ela no Wembley Hall, e ela era cá uma dançarina...

Torna a debruçar-se sobre o balde. Tem falta de ar e abre os braços para ver se consegue respirar. Está aflito, mas não pára de falar.

Era uma campeã a dançar, Frankie. Não era magra, mas parecia uma pena nos meus braços, e deixou muitos homens com saudades dela em Limerick. Sabes dançar, Frankie?

Não, Sr. Clohessy.

O Paddy diz, Sabe, Pai. Andou nas lições da Sra. O'Connor com o Cyril Benson.

Então, dança lá, Frankie. Dança pela casa toda, mas tem cuidado com o armário, Frankie. Levanta-me esses pés, rapaz.

Não tenho jeito para dançar, Sr. Clohessy.

Não tens jeito? O filho da Angela Sheehan? Dança lá, Frankie, se não saio daqui para te fazer dançar pela casa toda.

O meu sapato está estragado, Sr. Clohessy.

Frankie, Frankie, estás a fazer-me tossir. Por amor de Deus, dança, para eu me lembrar de quando ainda era novo e dançava com a tua mãe no Wembley Hall. Tira esse maldito sapato e dança, Frankie.

Tenho de inventar danças e músicas, como fazia quando ainda era pequeno. Tento inventar letras para as canções. As paredes de Limerick estão a cair, a cair, a cair. As paredes de Limerick estão a cair e o rio Shannon está a matar-nos.

O Sr. Clohessy continua na cama, mas está a rir-se. Oh!, meu Jesus, nunca ouvi tal coisa nem em terra nem no mar. Tens muito jeito para lançar, Frankie. Oh!, meu Jesus. Tosse e cospe um nunca acabar de coisas verdes e amarelas. Fico maldispuesto por estar a ver, e pergunto a mim próprio se não seria melhor ir para casa, fugir daquela doença e aquele balde e deixar os meus pais matarem-me, se ainda quiserem.

O Paddy está deitado num colchão ao pé da janela e eu estou ao lado dele. Todos se deitaram vestidos e eu também, e até me esqueci e tirar o outro sapato, que está encharcado e a cheirar muito mal. Paddy adormece imediatamente, e eu olho para a mãe dele, que está entada ao pé do pouco lume que ainda há, a fumar outro cigarro. O pai o Paddy geme, tosse, cospe para o balde e diz, Maldito sangue. A mãe diz, Vais ter de ir para o

sanatório, mais cedo ou mais tarde. Não vou. Entrar para lá é a nossa morte.

Podes pegar a tuberculose aos miúdos. Posso chamar os guardas ara te levarem à força, porque és um grande perigo para as crianças.

Se eles tivessem que a apanhar, já tinham apanhado.

O lume apaga-se e a Sra. Clohessy passa por cima dele, para se deitar do outro lado da cama. Passado um minuto já está a ressonar, apesar de ele continuar a tossir e a rir-se do tempo em que era novo e dançava no Wembley Hall com a Angela Sheehan, que era leve como uma pena.

O quarto está frio e eu estou a tremer, ainda com a roupa molhada. O Paddy também está a tremer, mas está a dormir e, por isso, não sabe que está frio. Não sei se hei-de ficar aqui ou levantar-m ee ir para casa, mas quem é que quer andar pela rua a uma hora destas sujeito a que um guarda nos pergunte o que andamos a fazer. É a primeira vez que passo a noite longe da minha família e sei que antes queria estar em casa, mesmo com a retrete malcheirosa e o estábulo ao pé da porta. É mau quando a nossa cozinha fica alagada e temos de ir lá para cima, para a Itália, mas ainda é pior ali em casa do Clohessy ter de descer quatro andares para ir à casa de banho, sempre a pisar caca. Mais me valia estar a dormir com quatro cabras numa vala.

Estou sempre a adormecer e a acordar, mas sou obrigado a acordar de uma vez por todas, quando a Sra. Clohessy começa a fazer toda a gente levantar-se. Deitaram-se todos vestidos, por isso não vai haver brigas por causa da roupa. Resmungam e saem de casa para irem à casa de banho no pátio das traseiras Eu também tenho de ir e corro escada abaixo com o Paddy, mas, quando lá chegamos, a irmã do Paddy, a Peggy, está sentada na pia, e nós os dois temos de mijar de encontro a uma parede. Vou dizer à Mãe o que vocês fizeram, diz ela, e o Paddy diz-lhe, Cala-te, se não queres que eu te empurre pela pia abaixo. Ela salta da sanita, puxa as cuecas e desata a correr pela escada acima a gritar, Vou dizer, vou dizer, e quando voltamos para o quarto a Sra. Clohessy dá uma palmada na cabeça ao Paddy pelo que ele fez à irmã. O Paddy não diz nada, porque a Sra. Clohessy está a pôr colheradas de papa de aveia em canecas, frascos de compota e numa tigela e a dizer-nos para comermos e irmos para a escola. Senta-se à mesa, também a comer papa de aveia. O cabelo dela está a ficar grisalho e está sujo. Entra-

lhe uma mexa de cabelo para dentro da tijela, prendem-se-lhe bocados de farinha e fica a pingar leite. Os miúdos sorvem a farinha e queixam-se de que ainda ficaram cheios de fome. Estão ranhosos, têm os olhos inchados e os joelhos esfolados. O Sr. Clohessy tosse, dobra-se na cama e começa a deitar aquelas grandes golfadas de sangue e eu saio do quarto a correr e vomito nas escadas, num sítio onde falta um degrau, e a aveia e os bocados de maçã desabam sobre as pessoas que estão a ir ou a vir da casa de banho no andar de baixo. O Paddy vem ter comigo e diz, Não faz mal. Toda a gente vomita e caga nas escadas, mas tanto faz porque esta merda está quase a vir abaixo.

Não sei o que hei-de fazer a seguir. Se for para a escola, matam-me e para que hei-de eu ir para a escola ou para casa para me matarem, se posso andar por aí e passar o resto da vida a comer maçãs e a beber leite, até ir para a América. O Paddy diz, Anda daí. A escola é uma vigarice e os professores são uma cambada de doidos.

Ouve-se bater à porta dos Clohessy. É a minha mãe com o meu irmão Michael e o Guarda Dennehy, que toma conta da escola. A Mãe vê-me e pergunta, Que estás a fazer com um sapato calçado? e o Guarda Dennehy diz, Oh!, minha senhora, acho que mais valia perguntar-lhe, O que é que estás a fazer sem um sapato, ah, ah.

O Michael corre para mim. A Mãe estava a chorar. A Mãe estava a chorar por ti, Frankie.

A minha mãe diz, Onde é que estiveste toda a noite?

Estive aqui.

Ias dando comigo em doida. O teu pai correu as ruas todas de Limerick à tua procura.

O Sr. Clohessy diz, Quem é que está à porta?

É a minha mãe, Sr. Clohessy.

Deus seja louvado! É a Angela?

É, sim, Sr. Clohessy.

Ele apoia-se a custo nos cotovelos e diz, Por amor de Deus, vem cá, Angela. Não estás a conhecer-me?

A Mãe está baralhada. O quarto está escuro e ela está a ver se descobre quem é que está deitado.

Sou eu, Angela, o Dennis Clohessy, diz ele.

Oh!, não.

Sou, Angela.

Oh!, não.

Eu sei, Angela. Estou muito diferente. A tosse está a matar-

me. Mas lembro-me das noites no Wembley Hall. Oh!, meu Deus, eras cá uma dançarina. As noites de Wembley Hall, Angela, e depois o peixe e as batatas fritas. Oh!, céus, oh!, céus, Angela.

A minha mãe tem as lágrimas a correr pela cara abaixo. Também dançavas muito bem, Dennis Clohessy, diz ela.

Podíamos ter ganho muitos concursos, Angela. O Fred e a Ginger haviam de olhar para nós pelo canto do olho, mas tiveste de fugir para a América. Ai, valha-me Deus.

Tem outro ataque de tosse, e nós ficamos ali a vê-lo dobrar-se para o balde e deitar as porcarias que saem de dentro dele. O Guarda Dennehy diz, Bem, minha senhora, encontramos o rapaz e eu vou andando. Vira-se para mim e diz, Se tornas a ir para a galderice, meto-te na prisão. Estás a ouvir, rapaz?

Estou, sim, Sr. Guarda.

Não rales a tua mãe. Se há coisa que os guardas não admitem é isso, ralar as mães.

Prometo que não, Sr. Guarda. Nunca mais ralo a minha mãe.

O guarda vai-se embora e a minha mãe vai ao pé da cama e pega na mão do Sr. Clohessy. A cara dele está toda encovada à volta dos olhos e o cabelo está a brilhar por causa do suor que lhe escorre da cabeça. Os filhos estão à roda da cama a olharem para ele e para a Mãe. A Sra. Clohessy está sentada ao pé do lume, a passar com a tenaz na grelha. Afasta o bebé do lume e diz, A culpa é dele que não quer ir para o hospital.

O Sr. Clohessy diz, Nada disto acontecia se eu morasse num sítio seco. Angela, a América não é húmida?

Não, Dennis.

O médico disse-me para ir para o Arizona. É um grande ponto aquele médico. Arizona. Não tenho dinheiro para ir aqui à esquina beber uma cerveja.

A Mãe diz, Vais-te pôr bom, Dennis. Vou oferecer uma vela por ti.

Poupa o teu dinheiro, Angela. Para mim a dança acabou.

Tenho de me ir embora, Dennis. O meu filho tem de ir para a escola.

Antes de te ires embora, fazes-me uma coisa, Angela?

Se puder, Dennis.

Cantas-me um bocado daquela canção que cantaste na noite antes de ires para a América?

É uma canção difícil, Dennis. Já não tenho fôlego para isso.

Vá lá, Angela. Nunca mais ouvi nenhuma canção. Nesta casa não se canta. Ali a minha mulher não tem uma única nota na cabeça nem um só passo no pé.

A Mãe diz, Está bem. Vou tentar.

**Oh, as noites de dança no Kerry com a melodia do seu gaitreiro.*

Noites de alegria que para sempre se foram com a nossa juventude tão cedo perdida.

Quando os rapazes se juntavam no vale nas noites quentes de Verão,

A melodia do gaitreiro de Kerry arrastava-nos num turbilhão.*

Pára e encosta a mão ao peito. Oh!, meu Deus, está-me a faltar ar. Ajuda-me, Frank, e eu acompanho-te.

**Oh, pensar e sonhar com isso, enche-me o coração de lágrimas.*

Nas noites de dança no Kerry com a melodia do seu gaitreiro.

Noites de alegria que para sempre se foram com a juventude tão cedo perdida.*

O Sr. Clohessy tenta cantar connosco, «a nossa juventude tão cedo acabada», mas começa a tossir. Abana a cabeça e diz a chorar, Nunca duvidaria de ti, Angela. Relembrei esses tempos. Deus te abençoe.

Deus te abençoe a ti também, Dennis, e obrigada, Sra. Clohessy, por ter recebido aqui o meu Frankie para ele não andar pela rua.

Não deu trabalho, Sra. McCourt. Ele é sossegadinho.

É sossegadinho, diz o Sr. Clohessy, mas não é o dançarino que a mãe foi.

A Mãe diz, É difícil dançar só com um sapato, Dennis.

Eu sei, Angela, mas não percebo porque é que ele não o tirou. Ele tem alguma falha?

Oh!, às vezes tem umas coisas estranhas como o pai.

Ah!, pois. O pai é do Norte, Angela, e isso explica tudo. Quem é que se ia importar lá no Norte de dançar só com um sapato?

Eu, a Mãe, o Michael e o Paddy Clohessy subimos a Patrick Street e a O'Connell Street. A Mãe vai todo o caminho a soluçar.

O Michael diz, Não chores, Mãezinha. O Frankie não torna a fugir.

Ela pega nele e abraça-o. Oh, não, Michael, não é por causa do Frankie que eu estou a chorar. É por causa do Dennis Clohessy e das noites em que dançávamos no Wembley Hall e comíamos peixe e batatas fritas.

Entra na escola connosco. O Sr. O'Neill está com cara de zangado. Manda-nos sentar e diz que já vem. Fica muito tempo ao pé da porta a falar com a minha mãe e, quando ela se vai embora, ele passa por entre as carteiras e faz uma festinha na cabeça do Paddy Clohessy.

Tenho muita pena dos Clohessy e dos tormentos que têm passado, mas acho que foram eles que me salvaram de um grande sarilho com a minha mãe.

VII

À quinta-feira o Pai vai buscar o dinheiro do subsídio à Bolsa de Emprego. Às vezes, aparece algum homem que lhe diz, Vamos beber uma cerveja, Malachy? e o Pai diz, Uma, só uma, e o homem diz, Oh!, homem de Deus, claro que é só uma, e até ao fim da noite o dinheiro desaparece todo e o Pai chega a casa a cantar e obriga-nos a sair da cama e a prometer que morreremos pela Irlanda, se formos chamados a isso. Até o Michael tem de se levantar, apesar de só ter três anos, mas já canta e promete morrer pela Irlanda na primeira oportunidade. É isso que o Pai diz, a primeira oportunidade. Eu tenho nove anos e o Malachy tem oito e sabemos todas as canções. Sabemos os versos todos do Kevin Barry e do Roddy McCorley, do West's Asleep, do O'Donnell Abu e do Boys of Wexford. Cantamos e prometemos morrer, porque nunca se sabe se o Pai não terá ainda um ou dois **pennies** que lhe sobraram da bebida e, se ele tiver, no dia seguinte podemos ir logo à loja da Kathleen O'Connor comprar caramelos. Há noites em que ele diz que o Michael é o que canta melhor de todos e dá-lhe um **penny** só a ele. Eu e o Malachy ficamos a pensar de que vale ter nove e oito anos e saber as músicas todas de cor, se afinal é o Michael que recebe a moeda para no dia seguinte ir à loja e se empanturrar de caramelos. Ninguém lhe pode pedir para morrer pela Irlanda aos três anos, nem sequer o Padraig Pearese, que foi morto pelos Ingleses em Dublin em 1916 e que esperava que toda a gente no mundo morresse com ele. Além disso, o pai do Mike Molloy disse que quem quer morrer pela Irlanda é uma besta quadrada. Anda gente a morrer pela Irlanda desde o princípio dos tempos e vejam o estado em que este país está.

Já era mau o Pai ficar sempre sem trabalho na terceira semana, mas agora também gasta o dinheiro todo do subsídio na bebida uma vez por mês. A Mãe fica desesperada, e de manhã está com cara de zangada e não fala com ele. Ele bebe o chá e sai cedo de casa para ir dar um longo passeio pelo campo. Quando

volta, à noite, ela continua sem falar com ele e não lhe arranja o chá. Se o lume está apagado por não termos carvão nem turfa e não se pode aquecer a água, ele diz, Oh!, está bem, e bebe água por um frasco de compota e lambe os lábios como se tivesse acabado de beber um copo de cerveja. Diz que um homem não precisa de nada a não ser de boa água e a Mãe faz um baralho que parece uma fungadela. Quando ela não fala com ele, a casa fica pesada e fria e nós sabemos que também não podemos falar com ele, porque senão ela olha para nós também com cara de zangada. Sabemos que o Pai fez uma maldade e sabemos que se pode fazer sofrer uma pessoa se não falarmos com ela. Até o Michael, ainda tão pequenino, já sabe que quando o Pai faz aquela maldade não se pode falar desde sexta-feira até segunda e que, se ele tentar pegar-nos ao colo, temos de afastar-nos e ir ter com a Mãe.

~~

Tenho nove anos e tenho um amigo, o Mikey Spellacy, que tem a família toda a morrer por causa da tuberculose. Eu tenho inveja do Mikey porque sempre que alguém da família morre, ele fica uma semana sem ir à escola, e a mãe dele cose-lhe um losango de tecido preto à manga para ele poder andar pelas vielas e pelas ruas e toda a gente saber que ele teve um desgosto, e então as pessoas fazem-lhe festas na cabeça e dão-lhe dinheiro e rebuçados.

Mas neste Verão o Mikey está triste. A irmã dele, a Brenda, está a morrer de tuberculose e ainda é só Agosto, e se ela morrer antes de Setembro, ele não vai faltar uma semana à escola, porque ainda não há aulas. Vem ter comigo e com o Billy Campbell e pede-nos para irmos à Igreja de São José que é já ali à esquina, rezar para a irmã dele se aguentar até Setembro.

E o que é que nos dás se formos rezar, Billy?

Bem, se a Brenda se aguentar e eu faltar à escola, podem ir ao velório e comer presunto, queijo, bolo e beber xerez e limonada e tudo o que quiserem, e podem passar a noite toda a ouvir histórias e canções.

Quem é que se podia negar a tal coisa? Não há nada como um velório para nos divertimos um bocado. Vamos à igreja, onde há imagens de São José, e também do Sagrado Coração de Jesus, da Virgem Maria e de Santa Teresa de Lisieux, a Pequena Flor. Eu rezo à pequena Flor, porque ela também morreu de tuberculose e

de certeza que vai perceber.

Uma das nossas orações deve ter sido muito poderosa, porque a Brenda aguentou-se até ao segundo dia de escola. Dizemos Os nossos sentimentos ao Mickey, mas ele está feliz da vida por ir faltar uma semana à escola e por causa do losango de tecido preto, à custa do qual recebe dinheiro e rebuçados.

Eu já tenho água na boca só de pensar na festa do velório Brenda. O Billy bate à porta e aparece a tia do Mickey. O que é?

Vínhamos rezar uma oração pela Brenda e o Mickey disse que podíamos vir ao velório.

Ela grita, Mickey!

O que é?

Anda cá. Disseste a estes maltrapilhos que podiam vir ao velório da tua irmã.

Não.

Mas, Mickey, tu prometeste...

Ela fecha-nos a porta na cara. Ficamos sem saber o que fazer, até que o Billy Campbell diz, Vamos outra vez à Igreja de São José rezar para que daqui para a frente toda a gente da família do Mikey morra durante o Verão para ele nunca mais poder faltar à escola durante o resto da vida.

Uma das nossas orações deve ter sido muito poderosa, porque no Verão seguinte é o Mickey que morre com a tuberculose e não pode faltar à escola e de certeza que isso lhe vai servir de lição.

**Proddy Woddy toca a campanha,
Não do céu mas do inferno*.*

Nas manhãs de domingo vejo os Protestantes de Limerick irem à missa e tenho pena deles, principalmente das raparigas, que têm uns dentes brancos tão lindos. Tenho pena das raparigas protestantes, tão bonitas e condenadas. É o que os padres nos dizem. Fora da Igreja Católica não há salvação. Fora da Igreja Católica não há nada a não ser a condenação das almas. E eu quero salvá-las. Menina protestante, vem comigo à Verdadeira Igreja. Serás salva e não estarás condenada. No domingo depois da missa, vou com o meu amigo Billy vê-las jogar croquete no relvado maravilhoso que há ao lado da igreja delas na Barrington Street. O croquete é um jogo protestante. Batem na

bola com um maço, poc, poc outra vez, e riem-se à gargalhada. Pergunto a mim próprio como é que podem estar a rir-se. Se calhar ainda não sabem quê estão condenadas. Tenho pena delas e digo, Billy, de que serve jogar croquete, se se está condenado?

E ele pergunta, Frankie, de que serve não jogar croquete, se se está condenado?

A Avó diz à Mãe, O teu irmão Pat, mesmo com aquele defeito nas pernas, aos oito anos já andava a vender jornais por toda a cidade de Limerick e o teu Frankie já é suficientemente grande e feio para começar a trabalhar.

Mas ele ainda só tem nove anos e, além disso, anda na escola.

Na escola! O que anda ele a fazer na escola, com aquela cara de parvo e aquela maneira estranha de ser que ele herdou do pai? Podia ir ajudar o pobre do Pat às sextas-feiras à noite. O **Limerick Leader** pesa quase uma tonelada. Podia atravessar aqueles grandes jardins dos ricos e poupar as pernas do pobre do Pat, e ainda ganhava uns **pennies** no negócio.

Ele tem de ir à Confraria às sextas-feiras à noite.

Deixa lá a Confraria. No catecismo não fala de confrarias nenhuma.

Encontro-me com o Tio Pat à porta do **Limerick Leader** na sexta-feira às cinco horas. O homem que está a entregar os jornais diz que os meus braços são tão magrinhos que, com sorte, aguentavam com dois selos, mas o Tio Pat enfia-me oito jornais debaixo de cada braço e diz-me, Se os deixares cair, desfaço-te. Está a chover a cântaros. Mandame ir encostado às paredes na O'Connell Street para os jornais não se molharem. Nos sítios onde há entregas, tenho de correr, subir os degraus da rua, entrar no prédio, subir a escada, gritar Jornal, receber o dinheiro que lhe devem da semana, descer a escada, dar-lhe o dinheiro e avançar até à próxima paragem. Os clientes dão-lhe gorjetas pelo trabalho dele e ele guarda-as para ele.

Subimos a O'Connell Avenue, saímos por Ballinacurra, voltamos pela Circular do Sul, descemos a Heory Street e vamos ao escritório buscar mais jornais. O Tio Pat anda com um boné e com uma coisa que parece um poncho de cowboys para não molhar os jornais, mas queixa-se das dores nos pés e paramos num **pub** para ele beber uma cerveja para aliviar a dor nos pés. O Tio Pa Keating está nesse mesmo **pub**, todo mascarrado, a beber uma cerveja e diz ao Tio Pat, Ab, vais deixar ali o rapaz a olhar para a rua, tanto é o desejo que tem de uma limonada? O Tio Pat diz, O quê? e o Tio Pa Keating começa a ficar impaciente. Santo Deus, o miúdo anda a carregar a merda dos jornais pela cidade

toda e tu não podes ao menos... oh!, esquece.

Timmy, dá uma limonada à criança. Frankie, não tens nenhuma capa para a chuva?

Não, Tio Pa.

Não devias andar na rua com este tempo. Estás encharcado. Quem é que te mandou andares a fazer isto?

Foi a Avó que disse que eu tinha de ajudar o Tio Pat por causa da perna dele.

Tinha de ser ela, aquela cabra velha, mas não lhe digas que eu lhe chamei isto.

O Tio Pat está a levantar-se e a agarrar nos jornais. Anda, está a ficar escuro.

Vai coxeando pela rua, a gritar Doces são as mentiras da Anna, que não é nada parecido com **Limerick Leader**, mas não faz mal porque toda a gente sabe que o Ab Sheehan caiu no chão de cabeça para baixo. Ab, dá cá o **Leader**, como é que vai a perna? O troco é para comprares um cigarro porque está uma noite terrível para andar pela rua a vender a porcaria dos jornais.

Obrigado, diz Ab, o meu tio.

Obrigado, obrigado, obrigado, e é difícil andar ao passo dele pelas ruas, mesmo com aquele defeito na perna. Pergunta-me, Quantos jornais é que ainda tens?

Um, Tio Pat.

Leva esse **Leader** ao Sr. Timoney. Já me deve duas semanas. Recebe o dinheiro. Há-de vir qualquer coisa a mais porque ele dá sempre uma boa gorjeta. Agora, não a enfies no bolso como o teu primo Gerry. Aquele vigarista abotoou-se com a gorjeta.

Eu bato à porta com o batente e ouço um cão tão grande a ladrar com tanta força que a porta até estremece. Uma voz de homem diz, Macushla, pára com esse barulho se não queres levar um valente pontapé no cu. O barulho pára, abre-se a porta e vejo um homem de cabelo branco, com uns óculos grossos, uma camisola branca e uma bengala na mão. Pergunta, Quem é?

É o jornal, sr. Timoney.

Não és o Ab Sheehan, pois não?

Sou sobrinho dele, meu senhor.

És o Gerry Sheehan?

Não, meu senhor. Sou o Frank McCourt.

Outro sobrinho? Tem alguma fábrica de sobrinhos nas traseiras da casa dele ou quê? Está aqui o dinheiro de duas semanas. Dá-me o jornal ou então fica com ele. Tanto faz. Já não consigo ler e a Sra. Minihan, que havia de mo ler, não apareceu. Está

sem força nas pernas por causa do xerez, isso é que é. Como é que te chamas?

Frank, meu senhor.

Sabes ler?

Sei, sim, meu senhor.

Queres ganhar seis *pence*?

Quero, sim, meu senhor.

Então, volta cá amanhã. Chamas-te Francis, não é?

Frank, meu senhor.

Não, chamas-te Francis. Nunca houve nenhum São Frank. Isso é nome de gangsters e políticos. Vem cá amanhã às onze horas para me leres o jornal.

Virei, sim, meu senhor.

Tens a certeza de que sabes ler?

Tenho, sim, meu senhor.

Podes tratar-me por Sr. Timoney.

Assim farei, Sr. Timoney.

O Tio Pat está ao portão, a refilar e a esfregar a perna. Onde é que está o meu dinheiro? Não tens nada que ficar na conversa com os clientes e eu aqui aflito da perna por causa da chuva. Tem de parar no *pub* em Punch's Cross para beber uma cerveja por causa da perna. No fim da cerveja, diz que já não consegue andar mais e apanhamos o autocarro. O condutor diz, Os bilhetes, os bilhetes, mas o Tio Pat, Oh! homem, desaparece. Não vês o estado em que tenho a perna?

Está bem, Ab, está bem.

O autocarro pára ao pé da estátua do O'Connell e o Tio Pat vai ao café que fica ao pé do monumento, onde há um cheirinho que até faz o meu estômago dar saltos. Compra um xelim de peixe e batatas fritas e eu sinto água na boca, mas quando chegamos à porta de casa da Avó ele dá-me uma moeda de três pennies, diz-me para ir ter outra vez com ele na próxima sexta-feira e manda-me para casa para ao pé da minha mãe.

~~

A Macushla está deitada à porta da casa do Sr. Timoney e, quando eu abro o pequeno portão ela corre para mim e atira-me para o passeio. Era capaz de me ter comido a cara se o Sr. Timoney não tivesse vindo cá fora e a tivesse ameaçado com a bengala, a gritar, estupor. Minha besta assassina de homens. Não comeste já o pequeno-almoço? Estás bem, Francis? Entra. Esta cadela é uma autêntica hindu, é mesmo. Foi onde encontrei

a mãe dela a vaguear, em Bangalore. Se alguma vez tiveres um cão, Francis, certifica-te de que é budista. São bons cães, os budistas. Nunca, nunca queiras um maometano .É capaz de te comer enquanto estiveres a dormir. Nunca um cão católico. Esse seria capaz de te comer todos os dias, até à sexta-feira. Senta-te e lê para mim.

O **Limerick Leader**, Sr. Timoney?

Que ideia! Esse maldito **Limerick Leader**!

Nem sequer o rabo limpava ao **Limerick Leader**. Está ali um livro em cima da mesa, **As Viagens de Gulliver**. Mas não é isso que quero que leias. Vê atrás. Há lá outra coisa. **Uma Proposta Modesta**. Lê-me isso. Começa assim: É um objecto melancólico para aqueles que caminham... Já descobriste? Tenho essa porcaria toda enfiada na cabeça, mas, mesmo assim, quero que leias para mim.

Interrompe-me ao fim de duas ou três páginas. Lês bem. O que é que pensas disso, Francis, que uma criancinha saudável, bem tratada seja ao fim de um ano de idade um alimento delicioso, forte, quer seja estufada, assada ou cozida? A Macushla devia adorar ter para o jantar um lindo menino irlandês muito rechonchudo, não era, minha cadela velha?

Dá-me seis **pence** e manda-me voltar no sábado seguinte.

A Mãe fica encantada por eu ter ganho seis **pence** a ler para o Sr Timoney e pergunta-me o que é que ele quis que eu lesse? Foi o **Limerick Leader**? Digo-lhe que tive de ler **Uma Proposta Modesta** das **Viagens de Gulliver** e ela diz, Isso está bem. É um livro para crianças. Não me admirava que ele te mandasse ler qualquer coisa de estranho porque ele não regula muito bem da cabeça por causa de ter apanhado tanto sol na Índia, no exército inglês. Dizem que se casou com uma daquelas mulheres indianas e que ela foi morta por um disparo accidental de um soldado inglês durante uns confrontos quaisquer. É uma coisa que pode realmente levar uma pessoa a dedicar-se aos livros para crianças. A Mãe conhece a Sra. Minihan que mora ao lado do Sr. Timoney e costumava limpar-lhe a casa, mas já não aguentava mais a maneira como ele se ria da Igreja Católica e ouvi-lo dizer que um pecado de um homem é uma alegria para outro homem. A Sra. Minihan não tinha nada contra aquela gotinha de xerez que ele lhe dava aos sábados de manhã, mas depois ele quis que ela se convertesse ao Budismo, que dizia ser a religião dele, e dizia também que os Irlandeses estariam muito melhor na vida se se sentassem debaixo de uma árvore a ver os Dez Mandamentos e

os Sete Pecados Mortais a afundarem-se no Shannon e a perderem-se no alto mar.

Na sexta-feira seguinte o Declan Collopy da Confraria vê-me na rua a entregar jornais com o meu tio Pat Sheehan. Ei, Frankie McCourt, o que é que andas a fazer com o Ab Sheehan?

É meu tio.

Devias estar na Confraria.

Estou a trabalhar, Declan.

Não devias andar a trabalhar. Ainda nem sequer tens dez anos e estás a manchar a assiduidade da nossa secção. Se não fores lá na próxima sexta-feira, dou-te um murro nas ventas, estás a ouvir?

O Tio Pat diz, Desaparece, desaparece, senão vou eu aí.

Cale-se, Sr. Estúpido, que bateu com a cabeça no chão. Empurra o Tio Pat pelo ombro e começa a bater-lhe de encontro a uma parede. Eu atiro os jornais para o chão e avanço para ele, mas ele afasta-se e dá-me um murro por detrás do pescoço e eu bato com a testa na parede e fico tão raivoso que até deixo de o ver. Desato a bater nele, aos murros e aos pontapés e era capaz de lhe arrancar um bocado da cara com os dentes, mas os braços dele são muito compridos e consegue manter-me afastado dele e impedir-me de lhe tocar. Diz, És um doido, um parvo, um nojento e eu vou dar cabo de ti na Confraria, e vai-se embora a correr.

O Tio Pat diz, Não devias andar assim à pancada e ainda por cima deitaste os jornais para o chão e agora alguns estão molhados e sempre gostava de saber como é que vou vender jornais molhados. A minha vontade era bater-lhe a ele também por estar a falar nos jornais depois de eu ter feito frente ao Declan Collopy.

Ao fim da noite, dá-me três batatas fritas do pacote dele e seis **pence** em vez de três. Queixa-se de que é dinheiro a mais e diz que a culpa é da minha mãe por ter ido dizer à Avó que eu te pagava pouco.

A Mãe está encantada por eu receber seis **pence** à sexta-feira do Tio Pat e seis **pence** ao sábado do Sr. Timoney. Um xelim por semana faz uma grande diferença, e ela dá-me dois *pence* para eu ir ao Lyric ver os **Dead End Kids**, depois de acabar a sessão de leitura.

Na manhã seguinte, o Sr. Timoney diz-me, Espera até chegarmos ao **Gulliver**, Francis. Vais ver quer o Jonathan Swift é o maior escritor irlandês de todos os tempos, não, o melhor que alguma vez pousou a caneta no papiro. Um verdadeiro gigante,

Francis. Ri-se durante todo o tempo em que lhe leio **Uma Proposta Modesta** e eu pergunto de que está ele a rir, se a história só fala de cozinhar bebês irlandeses. Quando cresceres, também te vais rir, Francis, diz ele.

Não se deve falar com os adultos, mas o Sr. Timoney é diferente e não se importa nada quando digo, Sr. Timoney, as pessoas crescidas estão sempre a dizer-nos, Quando cresceres vais achar graça. Quando cresceres, vais perceber. Quando crescemos, acontece tudo.

Ele ri-se com gargalhadas tão grandes que eu fico com medo que lhe dê alguma coisa. Oh!, Santa Mãe de Deus, Francis. És um tesouro. O que é que tens? Tens alguma abelha no cu? Diz-me o que é que tens.

Nada, Sr. Timoney.

Acho que estás de monco caído, Francis. Quem me dera poder vê-lo. Vai àquele espelho que está na parede, Branca de Neve, e diz-me se estás ou não de monco caído. Deixa lá. Diz-me mas é o que é que tens.

Ontem à noite o Declan Collopy meteu-se comigo e andámos à briga.

Convince-me a contar-lhe tudo sobre a Confraria, o Declan e o meu Tio Pat Sheehan, que deixaram cair de cabeça para baixo, e ele diz-me que conhece o meu tio Pa Keating, que foi gaseado na guerra e que trabalha na fábrica do gás. O Pa Keating é uma jóia de homem, diz ele. E vou-te dizer o que é que vou fazer, Francis. Vou falar com o Pa Keating e vamos dar cabo da Confraria. Sou budista e sou contra as lutas, mas ainda estou aqui para as curvas. Não admito que eles se metam com o meu pequeno leitor, isso é que não.

O Sr. Timoney já é velho, mas fala como um amigo e eu posso dizer-lhe o que sinto. O Pai nunca falaria comigo como o Sr. Timoney. Dizia-me logo, Oh!, está bem, e ia dar um daqueles longos passeios.

O Tio Pat Sheehan diz à Avó que já não quer que eu o ajude mais a entregar os jornais, porque consegue arranjar outro miúdo por muito menos dinheiro, e até acha que eu lhe devia dar uma parte dos seis **pence** que ganho aos sábados de manhã, porque se não fosse ele, nunca teria arranjado aquele trabalho.

Uma mulher que mora ao lado do Sr. Timoney diz-me que estou a perder o meu tempo a bater à porta, porque a Macushla mordeu no carteiro, no leiteiro e numa freira que ia a passar, e o Sr. Timoney não conseguia parar de rir, apesar de ter chorado quando levaram a cadela para a abater. Pode admitir-se que um

cão morda no carteiro e no leiteiro, mas o caso da freira que ia a passar foi levado ao bispo e ele tomou medidas especiais porque, como é sabido, o dono da cadela é budista e um perigo para os bons católicos que moram à volta dele. O Sr. Timoney soube disto e chorou e riu-se tanto que veio cá o médico e disse que ele era um caso perdido e levaram-no para o City Home, que é para onde levam os velhos abandonados ou doidos.

Assim se acabam os meus seis pence ao sábado, mas, com ou sem dinheiro, não hei-de deixar de ler para o Sr. Timoney. Fico ao fundo da rua à espera que a vizinha do lado torne a entrar em casa, trepo pela janela da casa do Sr. Timoney, vou buscar as **Viagens de Gulliver** e ando quilómetros até ao City Home, para ele não sentir a falta da sessão de leitura. O homem que está ao portão diz, O quê? Queres entrar para ires ler para um velho? Estás a gozar comigo ou quê? Desaparece daqui antes que eu chame os guardas.

Posso deixar o livro para alguém ler para o Sr. Timoney?

Deixa-o. Deixa-o por amor de Deus e não me aborreças. Eu digo para lho entregarem. E dá uma gargalhada.

A Mãe diz, O que é que tens? Por que é que estás com essa cara? Digo-lhe que o Tio Pat já não quer que o ajude mais e que levaram o Sr. Timoney para o City Home só por se rir por a Macushla ter mordido ao carteiro, ao leiteiro e a uma freira que ia a passar. Ela também se ri e diz que está tudo doido. Depois diz, é uma pena teres perdido dois trabalhos. Já agora podias começar a ir outra vez à Confraria para o Destacamento não vir cá nem o director, o Padre Gorey, que isso ainda era pior.

O Declan manda-me sempre à frente de outro miúdo e diz-me que, se me apanhar a falar, me parte o pescoço porque enquanto for prefeito nunca mais vai deixar de estar de olho em mim e que não vai ser um merdas como eu que o vai impedir de ganhar a vida com o linóleo.

A Mãe diz que lhe custa a subir as escadas e que vai mudar a cama para a cozinha. Mudo-me outra vez para Sorrento, quando as paredes estiverem húmidas e a chuva começar outra vez a entrar por debaixo da porta, diz ela a rir. A escola já acabou e ela pode ficar na cama até à hora que quiser porque não tem de se levantar para tratar de nós. O Pai acende o lume, faz o chá, corta o pão, obriga-nos a lavar a cara e manda-nos ir para a rua brincar. Deixa-nos ficar na cama se quisermos, mas quem é que quer ficar na cama quando não há escola? Mal acordamos, estamos prontos para ir para a rua brincar.

Mas um dia, em Julho, diz-nos que não podemos ir lá para baixo. Temos de ficar cá em cima a brincar.

Porquê, Pai?

Por nada. Fica aqui a brincar com o Malachy e com o Michael, que quando poderem descer eu digo.

Fica à porta, para o caso de nos passar pela cabeça a ideia de descermos a escada. Levantamos o cobertor com os pés a fingir que estamos numa tenda e que somos o Robin dos Bosques e os homens dele. Apanhamos pulgas e esborrachamo-las com as unhas do polegar.

Mas depois ouvimos um bebé a chorar e o Malachy pergunta, Pai, a Mãe tem outro bebé?

Oh!, tem sim, filho.

Eu sou mais velho e, por isso, digo ao Malachy que a cama está na cozinha para o anjo poder descer a voar e deixar o bebé no sétimo degrau, mas o Malachy não percebe, porque ainda só tem oito anos e eu já vou fazer dez no mês que vem.

A Mãe está na cama com o bebé novo. Tem uma cara grande e gorducha e está todo encarnado. Está uma mulher vestida de enfermeira na cozinha e nós sabemos que ela está ali porque lava bebés novos, que chegam todos sujos da grande viagem que fazem com o anjo. Queremos fazer uma festinha ao bebé mas ela diz, Não, não podem vê-lo mas não podem tocar-lhe nem com um dedo.

Não podem tocar-lhe nem com um dedo. É assim que as enfermeiras falam.

Sentamo-nos à mesa com o chá e o pão à frente e olhamos para o nosso novo irmão, mas ele nem sequer abre os olhos para nos ver e, por isso, vamos para a rua brincar.

Passado poucos dias, a Mãe sai da cama e senta-se ao pé da chaminé com o bebé ao colo. Tem os olhos abertos e, quando lhe fazemos cócegas, ele faz uns sons, a barriga dele treme e nós rimo-nos. O Pai faz-lhe cócegas e canta-lhe uma canção escocesa,

**Oh, oh, pára com as cócegas, Jock,*

Pára com as cócegas, Jock.

Pára com as cócegas,

Có, có, cócegas

Pára com as cócegas, Jock.*

O Pai tem trabalho e, por isso, a Bridey Hannon pode vir visitar a Mãe e o bebé sempre que quer, e desta vez a Mãe não nos manda ir brincar para a rua para elas poderem falar de

coisas secretas. Sentam-se ao pé da chaminé a fumar e a falar de nomes. A Mãe diz que gosta de Kevin e Sean, mas a Bridey diz, Ah!, não, já os há aos montes em Limerick. Meu Deus, Angela, se pusesse a cabeça fora da porta e dissesse, Kevin ou Sean venham beber o chá, iam ter meia Limerick a correr para a tua porta. A Bridey diz que se tivesse um filho, que um dia com a graça de Deus há-de ter, punha-lhe o nome de Ronald porque é doida pelo Ronald Colman, que aparece nos filmes do Cinema Coliseu. Ou Errol, que é outro nome lindo, Errol Flynn.

A Mãe diz, Deixa-te dessas ideias, Bridey. Nunca iria ter coragem para chegar à porta e dizer, Errol, Errol, anda beber o chá. Toda a gente ia fazer pouco da pobre criança.

Ronald, diz a Bridey, Ronald. É lindo.

Não, diz a Mãe, tem de ser um nome irlandês. Não foi por isso que lutámos todos estes anos? De que serve andar séculos a combater os Ingleses, para depois chamarmos Ronald a um filho?

Valha-me Deus, Angela, estás a começar a falar como ele, os Irlandeses isto, os Ingleses aquilo.

Apesar de tudo, ele tem razão, Bridey.

De repente, a Bridey começa a arfar, Meu Deus, Angela, o bebé tem qualquer coisa.

A Mãe levanta-se da cadeira agarrada ao bebé, a gemer. Oh! Deus me acuda, Bridey, ele está a ficar sufocado.

A Bridey diz, Vou chamar a minha mãe, e aparece logo de seguida com a Sra. Hannon. Óleo de castor, diz a Sra. Hannon. Tens cá? Qualquer óleo. Óleo de fígado de bacalhau? Isso serve?.

Deita o óleo para dentro da boca do bebé, volta-o ao contrário, carrega-lhe nas costas, torna a voltá-lo, enfia-lhe uma colher pela garganta abaixo e tira de lá uma bola branca. É isto, diz ela. O leite. Começa a juntar-se e a endurecer naquelas gargantas pequeninas. Tem de se amolecer com um óleo qualquer.

A Mãe está a chorar. Meu Deus, ia ficando sem ele. Se ele morresse, eu também morria.

Está agarrada ao bebé a chorar e ao mesmo tempo a tentar agradecer à Sra. Hannon.

Não é para agradecer, minha senhora. Pegue nessa criança e deitem-se os dois, porque apanharam um grande susto.

Enquanto a Bridey e a Sra. Hannon estão a ajudar a Mãe a deitar-se, eu vejo manchas de sangue na cadeira onde ela estava. Será que a minha mãe vai morrer esvaída em sangue? Será que posso dizer, Olhem, há sangue na cadeira da Mãe? Não, não

se pode dizer nada, porque elas estão sempre com segredos. Sei que, quando dizemos alguma coisa, as pessoas crescidas nos dizem sempre, Deixa lá, estás sempre com coisas, não é da tua conta, vai brincar para a rua.

Tenho de guardar aquilo para mim ou dizer ao anjo. A Sra. Hannon e a Bridey vão-se embora e eu sento-me no sétimo degrau. Tento dizer ao anjo que a Mãe está a morrer, esvaída em sangue. Quero que ele me diga, Nada receies, mas o degrau está frio e não há nenhuma luz nem nenhuma voz. Tenho a certeza de que ele se foi embora para sempre e pergunto a mim próprio se isso acontecerá quando se tem nove anos e se vai fazer dez.

A Mãe não morre. No dia seguinte sai da cama, arranja o bebé para ir ser baptizado, diz à Bridey que nunca iria perdoar a si própria se o bebé morresse e fosse para o limbo, que é o sítio para onde vão os bebés não baptizados. Podia estar lá muito bem e muito quentinho mas ia estar eternamente às escuras e sem esperanças de poder fugir de lá, nem mesmo no Dia do Juízo Final.

A Avó veio ajudar e diz, É verdade. Um bebé que não seja baptizado nunca poderá ter esperança de ir para o céu.

A Bridey diz que é preciso Deus ter um coração muito duro para fazer uma coisa dessas.

Tem de ter o coração duro, diz a Avó, porque senão teria todos bebés a pedirem para ir para o céu, os protestantes e tudo, e por que é que eles haviam de ir para o céu depois de tudo o que nos fizeram durante oito séculos?

Não foram os bebés que fizeram nada, diz a Bridey. São pequeninos de mais.

Mas fariam, se pudessem, diz a Avó. São ensinados a ser assim.

Vestem ao bebé o vestido de renda de Limerick que todos usámos no baptizado. A Mãe diz que podemos ir todos à Igreja de São José e nós ficamos todos contentes porque a seguir vai haver limonada e pãezinhos.

O Malachy pergunta, Mãe, como é que se chama o bebé?

Alphonsus Joseph.

E sai-me isto pela boca fora: Que nome tão estúpido. Nem sequer é irlandês.

A Avó olha para mim, com aqueles olhos vermelhos muito abertos, e diz, Aquele menino precisa de uma chapada nas ventas. A Mãe dá-me uma estalada tão grande que eu só paro no outro lado da cozinha. O meu coração está a bater muito e tenho vontade de chorar, mas não posso, porque o meu pai não está cá

e por isso sou eu o homem da casa. A Mãe diz, Já lá para cima e não saias de lá.

Paro no sétimo degrau, mas continua frio, sem luz e sem voz.

Vão todos para a igreja e a casa fica em silêncio. Fico lá em cima, sentado à espera, a caçar pulgas dos braços e das pernas, cheio de vontade de que o Pai cá estivesse, a pensar no meu irmãozinho e no nome estrangeiro dele, Alphonsus, um nome que é um tormento.

Passado pouco tempo ouço vozes lá em baixo. Ouço falar de chá, xerez, limonada, pãezinhos, ouço dizer que lindo menino, é a criança mais linda do mundo, Alphie, meu pequenino, tem um nome estranho, mas é tão sossegadinho, nunca se ouve, é mesmo bonzinho Deus o abençoe, há-de viver muito tempo, doce como é, é tal e qual a mãe, o pai, a avó, os irmãos que já morreram.

A Mãe grita do fundo das escadas, Frank, vem comer um pãozinho e beber uma limonada.

Não quero. Pode ficar com isso tudo.

Já disse para vires imediatamente porque se eu for aí acima vais levar tantas que hás-de amargar este dia.

Amargar? O que é amargar?

Deixa ia isso. Vem cá abaixo imediatamente.

O tom da voz dela é áspero e amargar deve ser perigoso. Vou lá abaixo.

Chego à cozinha e a Avó diz, Olhem-me para aquele monco caído. Havia de estar feliz por ter outro irmãozinho, mas já se sabe que nesta idade dos nove para os dez anos os miúdos são uma desgraça. E eu que o diga que tive dois.

A limonada e os pãezinhos são uma delícia e o bebé novo, o Alphie, está a palrar, feliz com o dia do baptizado dele, porque ainda é demasiado inocente para saber que o nome dele é um tormento.

O Avô lá do Norte manda um vale de cinco libras para o Alphie. A Mãe quer ir levantá-lo, mas não pode sair de perto da cama. O Pai diz que vai levantá-lo aos Correios. Ela manda-nos ir com ele, a mim e ao Malachy. O Pai levanta o vale e depois diz, Pronto, agora vão para casa e digam, à vossa mãe que eu não me demoro nada.

O Malachy diz, Pai, não pode ir ao **pub**. A Mãe disse para levar o dinheiro para casa. Não pode ir beber cerveja.

Ora, ora, filho. Vai para casa.

Pai, dê-nos o dinheiro. O dinheiro é para o bebé.

Ele sai de ao pé de nós e vai enfiar-se no **pub** South.

A Mãe está sentada ao pé do lume com o Alphie ao colo. Abana

a cabeça.

Foi para o **pub**, não foi?

Foi.

Quero que voltem a esse **pub** e que o tirem de lá. Quero que se ponham no meio do **pub** e que digam a todos os homens que o vosso pai está a gastar na bebida o dinheiro que era para o bebé. Quero que digam a toda a gente que não há uma migalha nesta casa, não há um bocadinho de carvão para acender o lume, não há uma gota de leite no biberão do bebé.

Enquanto andamos pelas ruas, o Malachi vai treinando o discurso, o mais alto que pode, Pai, Pai, essas cinco libras são para o bebé novo. Não são para a bebida. O bebé está na cama a chorar pelo leitinho dele e o Pai está a beber cervejas.

O Pai já não está no **pub** South. O Malachy quer à mesma ficar lá e fazer o discurso, mas eu digo-lhe que temos de ir num instante aos outros **pubs** antes que o Pai gaste o dinheiro todo. Mas também não conseguimos encontrá-lo nos outros **pubs**. Sabia que a Mãe iria à procura dele ou nos mandaria a nós e há tantos **pubs** nesta ponta de Limerick e noutros sítios que podíamos andar um mês à procura dele. Temos de dizer à Mãe que não há sinais dele, e ela diz-nos que somos uns inúteis. Oh!, meu Jesus, quem me dera ter forças que havia de o procurar em todos os **pubs** de Limerick. Havia de lhe arrancar a boca da cara, isso é que arrancava. Vão, vão procurar nos **pubs** à volta da estação e na tasca de peixe e batatas fritas do Naughton.

Tenho de ir sozinho porque o Malachy está com diarreia e tem de estar sempre a ir ao balde. Procuro nos **pubs** da Parnell Street e nas ruas em volta. Procuro nas tabernas onde as mulheres bebem e em todas as retretes de homens. Estou cheio de fome, mas com medo de ir para casa sem encontrar o meu pai. Não está na tasca do Naughton, mas está lá um homem bêbedo a dormir numa mesa a um canto, com o peixe e as batatas fritas no chão, ainda embrulhadas no **Limerik Leader** e, se eu não as apanhar, come-as o gato, por isso enfio-as debaixo do casaco e desato a correr rua acima até que me sento nos degraus da estação a comer o peixe e as batatas fritas e a ver passar os soldados bêbedos com raparigas às risadinhas e a agradecer mentalmente ao bêbedo por ter encharcado o peixe e as batatas de vinagre e sal, mas de repente lembro-me que, se morrer naquela noite, morro em pecado por ter roubado e posso ir direitinho para o inferno com a pança cheia de peixe e batatas fritas, mas é sábado e se os padres ainda estiverem nos confessionários,

posso ir purificar a minha alma depois de comer.

A Igreja Dominicana fica logo ali ao cimo da Glentworth Street.

Abençoa-me, Padre, porque pequei, já não me confesso há quinze dias. Digo-lhe os pecados do costume e depois que roubei peixe e batatas fritas a um bêbedo.

Porquê, meu filho?

Estava com fome, Padre.

E por que é que estavas com fome?

Porque a minha barriga estava vazia, Padre.

O padre não diz nada, mas, apesar de estar escuro, eu sei que ele está a abanar a cabeça. Meu querido filho, porque não vais para casa e pedes à tua mãe que te dê de comer?

Porque ela me mandou ir à procura do meu pai nos **pubs**, Padre, e eu não consegui encontrá-lo e ela não tem nem uma migalhinha em casa porque ele anda a gastar na bebida as cinco libras que o Avô mandou lá do Norte para o bebé novo e ela está sentada à chaminé, pior do que uma barata, porque eu não consigo encontrar o meu pai.

Fico a pensar que, se calhar, o padre está a dormir, porque está muito calado. Mas, por fim, diz, Meu filho, estou aqui sentado. Ouço os pecados dos pobres. Destino a penitência. Dou a absolvição. Devia estar de joelhos a lavar-lhes os pés. Estás a compreender-me, filho?

Digo-lhe que estou mas não estou.

Vai para casa, filho.

Reza por mim.

Não tenho penitência, Padre?

Não, meu filho.

Roubei o peixe e as batatas fritas. Estou condenado.

Estás perdoado. Vai. Reza por mim.

Abençoa-me em latim, fala sozinho em inglês e eu pergunto a mim próprio o que será que eu lhe fiz.

Quem me dera conseguir encontrar o meu pai para poder dizer à Mãe, Aqui está ele e ainda tem três libras no bolso. Já não tenho fome, por isso posso subir por um dos lados da O'Connell Street e descer pelo outro e procurar nos **pubs** nas transversais, e encontro-o no Gleeson, como é que eu podia não dar com ele, se está a cantar,

**Só a mim diria respeito se a maior das surpresas
Brilhasse para mim nos olhos de alguém.*

Só da minha conta seria o que eu sentiria

Se os Verdes Vales de Antrim me viessem acolher.*

Tenho o coração a bater muito e não sei o que hei-de fazer, porque sinto que estou cheio de raiva como a minha mãe estava, sentada à chaminé, e a única ideia que me passa pela cabeça é entrar a correr e dar-lhe um pontapé nas pernas e tornar a sair a correr, mas não faço isso porque temos as manhãs ao pé do lume, quando ele me fala do Cuchulain, do De Valera e do Roosevelt, e se ele estiver lá dentro bêbedo e a oferecer cervejas a todos com o dinheiro do bebé, eu sei que os olhos dele estão iguais aos olhos do Eugene quando se punha à procura do Oliver. Posso ir para casa e mentir à minha mãe, dizendo-lhe que não o vi nem consegui encontrá-lo.

A Mãe está na cama com o bebé. O Malachy e o Michael estão a dormir lá em cima na Itália. Sei que não é preciso dizer nada à Mãe porque daqui a pouco, quando os **pubs** fecharem, ele há-de vir para casa a cantar e a prometer-nos um **penny** se morrermos pela Irlanda, mas desta vez vai ser diferente, porque é mau gastar o dinheiro do subsídio ou do trabalho na bebida, mas um homem que gasta o dinheiro que era para um filho ultrapassa todos os limites, como diria a minha mãe.

VIII

Tenho dez anos e está na altura de fazer a Confirmação na Igreja de São José. O professor, o Sr. O'Dea, anda a preparar-nos na escola. Temos de saber tudo sobre a Santíssima Graça, uma pérola de grande valor que Jesus nos deu com a Sua morte. O Sr. O'Dea revira os olhos quando nos diz que com a Confirmação passaremos a pertencer à Divindade. Teremos os Dons do Espírito Santo: Sapiência, Entendimento, Conselho, Fortaleza, Ciência, Piedade, Temor de Deus. Tanto os padres como os professores nos dizem que a Confirmação significa que a partir daí somos verdadeiros soldados da Igreja e já temos direito a morrer e a tornarmo-nos mártires, se formos invadidos pelos Protestantes ou pelos Maometanos ou por outros ateus quaisquer. Morrer outra vez. Apetece-me dizer-lhes que não posso morrer pela Fé, porque já me comprometi a morrer pela Irlanda.

O Mikey Molloy diz, Estás a gozar, não estás? Isso de morrer pela Fé é tudo uma vigarice. É uma coisa que eles inventam para nos meterem medo. A Irlanda também. Já ninguém morre por nada. Já morreram todos os que tinham que morrer. Eu cá nunca morreria nem pela Irlanda nem pela Fé. Podia morrer pela minha mãe, mas só por ela.

O Mikey sabe tudo. Está quase a fazer catorze anos. Tem ataques. Tem visões.

As pessoas crescidas dizem-nos que é maravilhoso morrer pela Fé, mas ainda não estamos preparados para isso porque o dia da Confirmação é como o dia da Primeira Comunhão, anda-se pelas ruas e vielas e dão-nos bolos, rebuçados e dinheiro. É o Peditório.

É aqui que entra o Peter Dooley. Chamamos-lhe Quasimodo, porque tem um alto nas costas como o corcunda de Notre Dame, cujo nome verdadeiro já sabemos que é Charles Laughton.

O Quasimodo tem nove irmãs e dizem que a mãe dele não o

queria, mas foi aquilo que o anjo lhe levou e é pecado pôr em dúvida o que nos é enviado. O Quasimodo já é crescido, tem quinze anos. O cabelo dele é ruivo e espeta por todos os lados. Tem os olhos verdes e um deles revira-se tanto para dentro da cabeça que ele está sempre a bater na fronte para o empurrar para o sítio onde lhe compete estar. Tem a perna direita mais curta e torcida e quando anda dá uma espécie de volta que nós estamos sempre à espera que ele caia. É precisamente nessas alturas que uma pessoa é apanhada de surpresa. Ele amaldiçoa a perna, amaldiçoa o mundo, mas fá-lo com um sotaque inglês lindo que aprendeu na rádio, na BBC. Antes de sair de casa, põe sempre a cabeça de fora da porta e diz para a rua toda ouvir, Aqui vai a minha cabeça; o cu já vai. Aos doze anos o Quasimodo decidiu que, pelo aspecto dele e pela maneira como as pessoas olhavam para ele, o melhor seria preparar-se para um trabalho onde pudesse ser ouvido mas não visto. Haveria alguma coisa melhor do que estar na BBC de Londres a ler as notícias com um microfone à frente?

Mas não se pode ir para Londres sem dinheiro e é por isso que na sexta-feira antes da Confirmação ele vem ter connosco a coxear. Tem uma ideia para o Billy e para mim. Sabe que no dia seguinte vamos receber o dinheiro da Confirmação e, se prometermos pagar-lhe um xelim cada um, ele deixa-nos trepar ao algeroz por detrás da casa dele naquela noite para espreitarmos pela janela e vermos as irmãs dele nuas, porque é à sexta-feira que tomam o banho da semana. Eu aceito logo. O Billy diz, Tenho a minha irmã. Para que hei-de pagar para ver as tuas irmãs nuas?

O Quasimodo diz que ver uma irmã nua é o pior pecado que há e não tem a certeza se haverá algum padre no mundo que possa perdoar isso, pode ser preciso ir ao bispo, que toda a gente sabe que é um terror.

O Billy aceita.

Na sexta-feira à noite trepamos o muro das traseiras da casa do Quasimodo. Está uma noite linda, com a lua de Junho a pairar lá muito em cima sobre Limerick e sente-se uma brisa quente a vir do rio Shannon. O Quasimodo está quase a deixar o Billy trepar pelo algeroz e quem é que aparece a saltar o muro? O Mike Molloy dos Ataques em pessoa, que segreda ao Quasimodo, Está aqui um xelim, Quasimodo. Deixa-me trepar pelo algeroz. O Mikey já tem catorze anos, é maior do que qualquer um de nós e

é forte por causa de andar a carregar carvão. Está todo preto como o Tio Pa Keating e só se vêem os globos brancos dos olhos e a saliva branca no lábio inferior, o que significa que pode ter um ataque a qualquer momento.

O Quasimodo diz, Espera, Mikey. Eles estão primeiro. Espera, o tanas, diz o Mikey e já vai a trepar pelo algeroz. O Billy refila, mas o Quasimodo abana a cabeça e diz, Não posso fazer nada. Todas as sextas-feiras me dá um xelim. Tenho de o deixar subir, senão ele bate-me e vai fazer queixa à minha mãe, e ela fecha-me o dia todo no buraco do carvão ao pé dos ratos. O Ataques está a segurar-se ao algeroz com uma mão. Tem a outra no bolso, a mexer-se, a mexer-se, e quando o algeroz começa a ceder e a ranger, o Quasimodo sussurra, Molloy, nada de punhetas no algeroz. Começa a coxear de um lado para o outro do pátio, sem parar de falar. O sotaque da BBC desapareceu e está a falar à maneira de Limerick. Por amor de Deus, Molloy, sai daí senão digo à minha mãe. A mão do Mikey cada vez se mexe mais depressa dentro do bolso, tão depressa que o algeroz cai. O Mikey está no chão a contorcer-se e a gritar, Estou feito. Estou morto. Oh!, meu Deus. Vemos a espuma nos lábios dele e o sangue que está a sair-lhe da boca por ter mordido a língua.

A mãe do Quasimodo sai de dentro de casa aos gritos, Valha-me Deus! O que é isto? e o pátio fica inundado pela luz da cozinha. As irmãs estão aos guinchos na janela lá de cima. O Billy tenta fugir, mas ela agarra-o quando ele vai a trepar o muro. Manda-o ir a correr a casa do farmacêutico, o O'Connor, que é já ali à esquina, pedir para ele arranjar uma ambulância, ou um médico ou uma coisa qualquer para o Mikey. Grita connosco para irmos para a cozinha. Leva o Quasimodo pelo corredor fora aos pontapés. Ele põe-se de gatas e ela enfia-o no buraco do carvão por baixo das escadas e fecha-o à chave. Ficas aí até ganhares juízo.

Ele está a chorar e a chamá-la com o mais puro sotaque de Limerick. Mãe, Mãe, tire-me daqui. Isto está cheio de ratos. Só quero ir para a BBC, Mãe. Ai, Jesus, Mãe, Jesus. Nunca mais deixo ninguém trepar ao algeroz. Mando-lhe dinheiro de Londres, Mãe. Mãe!

O Mikey continua caído de costas no pátio, a tremer e a contorcer-se. A ambulância leva-o para o hospital com uma omoplata partida e a língua em tiras.

As nossas mães aparecem num instante. A Sra. Dooley diz, Sou

uma infeliz, isso é que sou, uma infeliz. As minhas filhas não se podem lavar à sexta-feira à noite sem ter meio mundo a olhar pela janela, e com os rapazes todos a pecarem. Deviam era ser obrigados a ir ao padre confessar-se antes de fazerem a Confirmação.

Mas a Mãe diz, Não quero saber dos outros, mas eu cá não passei um ano inteiro a poupar dinheiro para o fato da Confirmação do Frank, para agora ir dizer ao padre que o meu filho não pode fazer a Confirmação e ter de esperar mais um ano e o fato deixar de lhe servir, e tudo por ele ter trepado a um algeroz para uma espiadela inocente ao cu achatado da Mona Dooley.

Leva-me para casa por uma orelha e obriga-me a pôr-me de joelhos em frente do Papa.

Jura, diz ela, jura ao Papa que não viste a Mona Dooley nua.

Juro.

Se estiveres a mentir, amanhã não estás em estado de graça para fazer a Confirmação e isso é o pior sacrilégio que pode haver.

Juro.

Só o bispo é que pode perdoar um sacrilégio desses.

Juro.

Está bem. Vai para a cama e de hoje em diante não quero verte ao pé daquele infeliz do Quasimodo Dooley.

No dia seguinte fazemos todos a Confirmação. O bispo faz-me uma pergunta do catecismo, Qual é o Quarto Mandamento? e eu digo, Honrar pai e mãe. Faz-me uma festinha na cara e, assim, passo a ser um soldado da Verdadeira Igreja. Ajoelho-me no banco e penso no Quasimodo fechado no buraco da lenha por baixo das escadas e penso que se calhar era melhor dar-lhe na mesma o xelim para o ajudar a ir para a BBC.

Mas esqueço-me do Quasimodo porque começo a deitar sangue do nariz e a ficar tonto. Os rapazes e as raparigas da Confirmação estão todos lá fora com os pais, toda a gente a dar beijos e abraços sob aquele sol lindo, mas eu não quero saber disso. O meu pai está a trabalhar e eu não quero saber disso. A minha mãe dá-me um beijo, mas eu não quero saber disso. Os rapazes estão a falar do Peditório, mas eu não quero saber disso. O meu nariz não pára de deitar sangue e a Mãe está preocupada porque eu posso sujar o fato. Vai a correr à igreja ver se o Stephen Carey, o sacristão, lhe arranja um trapo e ele dá-lhe uma

espécie de tela que me faz doer o nariz. A minha mãe pergunta-me se quero ir fazer o Peditório e eu digo que não quero saber disso. O Malachy diz, Vai, vai, Frankie, e fica triste porque eu lhe prometi que o levava ao Lyric e que íamos empanturrar-nos os dois de rebuçados. Apetece-me deitar. Podia deitar-me já aqui nos degraus da igreja e ficar a dormir para sempre. A Mãe diz, A Avó fez um pequeno-almoço formidável, mas eu fico tão maldisposto de ouvir falar em comida que vou a correr até à beira do passeio e vomito e está toda a gente a olhar para mim, mas eu não quero saber disso. A Mãe diz que é melhor levar-me para casa e meter-me na cama e os meus amigos ficam todos sem perceber como é que uma pessoa pode ir para a cama quando tem um peditório para fazer.

A Mãe ajuda-me a despir o fato da Confirmação e a deitar-me. Molha um trapo e põe-mo por debaixo do pescoço e, passado um bocado, o nariz pára de sangrar. Traz-me chá, mas fico maldisposto só de o ver e tenho de vomitar para o balde. A Sra. Hannon vai lá a casa e ouço-a dizer aquele menino está muito doente e era melhor ser visto por um médico. A Mãe diz, É sábado, o Dispensário está fechado, onde é que eu vou arranjar um médico?

O Pai chega a casa, depois de sair do trabalho na Fábrica de Farinha Rank, e diz à Mãe que é a mudança de idade. A Avó vai lá a casa e diz o mesmo. Diz que quando os rapazes passam dos anos só com um número para os anos com dois números mudam e ficam com tendência para deitar sangue do nariz. Diz que eu devo ter bastante sangue dentro de mim e uma boa limpeza não faz mal nenhum.

O dia chega ao fim e eu passo-o a dormir e a acordar. À noite o Malachy e o Michael vêm para a cama e eu ouço o Malachy dizer, O Frankie está muito quente. O Michael diz, Está a deitar sangue para cima da minha perna. A Mãe põe-me o trapo molhado no nariz e no pescoço, mas o sangue não pára. No domingo de manhã, tenho sangue no peito e à minha volta está tudo cheio de sangue. A Mãe diz ao Pai que eu estou a deitar sangue pelo rabo e ele diz que devo estar com diarreia, que é normal quando se tem as dores do crescimento.

O Dr. Troy é o nosso médico mas está de férias e o homem que vem ver-me na segunda-feira cheira a uísque. Observa-me e diz à minha mãe que estou muito constipado e que é melhor continuar na cama. Os dias vão passando e eu vou dormindo e sangrando. A

Mãe faz-me chá e caldo de carne, mas eu não quero nada. Até me traz um gelado e só de olhar para ele fico com vontade de vomitar. A Sra. Hannon torna a ir lá a casa e diz que o médico não sabe o que anda a fazer e que é melhor ver se o Dr. Troy já voltou.

A Mãe traz o Dr. Troy. Ele apalpa-me a testa, levanta-me as sobancelhas, volta-me para me ver as costas, agarra em mim e leva-me a correr para o carro dele. A Mãe vem a correr atrás dele e ele diz-lhe que tenho febre tifóide. A Mãe chora e grita, Oh!, meu Deus, oh!, meu Deus, será que tenho de perder a família toda? Será que isto alguma vez vai ter fim? Entra no carro, leva-me ao colo e vai a gemer durante todo o caminho até ao Hospital da Febre no City Home.

A cama tem lençóis brancos fresquinhos. As enfermeiras têm fardas brancas e a freira, a Irmã Rita, está toda, vestida de branco.

O Dr. Humphrey e o Dr. Campbell têm batas brancas e umas coisas penduradas ao pescoço que me encostam ao peito e a toda a parte. Eu durmo e torno a dormir, mas acordo quando eles trazem um frasco com uma coisa vermelha e os penduram nuns paus por cima da minha cama e enfiam uns tubos nos meus tornozelos e nas costas da minha mão direita. A Irmã Rita diz, Estás a levar sangue, Frankie. Sangue de soldados do Quartel de Sarsfield.

A Mãe está sentada ao pé da cama e a enfermeira está a dizer, Sabe, minha senhora, isto não é costume. Ninguém pode entrar no Hospital da Febre porque pode apanhar alguma coisa, mas fizeram uma excepção para a senhora por causa desta crise que ele teve. Se escapar desta, de certeza que vai ficar bom. Adormeço. Quando acordo a Mãe já não está cá, mas sinto movimentos no quarto. É o Padre Gorey da Confraria que está a dizer missa numa mesa a um canto. Torno a adormecer e agora estão a acordar-me e a puxar a roupa da cama para baixo. O Padre Gorey está a tocar-me com um óleo nos dedos e a rezar em latim. Sei que é a Extrema-Unção e que isso quer dizer que vou morrer, mas não quero saber disso. Tornam a acordar-me para receber a comunhão. Não quero, tenho medo de vomitar. Fico com a hóstia na língua e torno a adormecer e, quando acordo, já desapareceu.

~~

Está escuro e o Dr. Campbell está sentado ao pé da minha cama. Está a segurar-me no pulso e a olhar para o relógio. Tem

cabelo ruivo e óculos e sorri sempre que fala comigo. Agora está sentado, a cantarolar e a olhar pela janela. Fecha os olhos e ressona um bocado. Inclina-se na cadeira, dá um peido e sorri de si para si, e assim eu fico a saber que vou melhorar porque um médico nunca daria um peido em frente de uma criança às portas da morte.

O hábito branco da Irmã Rita brilha com o sol que entra pela janela. Está a segurar-me no pulso, a olhar para o relógio e a sorrir. Oh!, diz ela, estamos acordados, não estamos? Bem, Francis, o pior já passou. As nossas preces foram atendidas e também as preces de centenas de meninos da Confraria. Consegues imaginar? Centenas de rapazes a rezarem o terço por ti e a oferecerem a comunhão por ti? Tenho os tornozelos e as costas da mão a latejar por causa dos tubos que estão a trazer sangue para dentro de mim e não quero saber dos rapazes que andam a rezar por mim. Ouço o roçar do hábito e o tilintar das contas do terço da Irmã Rita, quando sai do quarto. Adormeço e quando acordo está escuro e o Pai está sentado ao pé da cama, com a mão dele pousada em cima da minha.

Estás acordado, filho?

Tento falar, mas tenho a boca seca, não sai nada e aponto para a boca. Ele chega-me um copo de água à boca e eu sinto-a doce e fresca. Agarra-me na mão e diz que sou um grande soldado e porque não havia de ser? Não é verdade que tenho o sangue dos soldados dentro de mim?

A Irmã Rita chega e diz ao Pai que tem de se ir embora. Não quero que ele vá, porque está com um ar triste. Parece o Paddy Clohessy no dia em que lhe dei a passa. A pior coisa que há no mundo é ele estar com aquela cara triste e começo a chorar. Então, o que vem a ser isto? diz a Irmã Rita. A chorar com tanto sangue de soldado dentro de ti? Amanhã vais ter uma grande surpresa, Francis. Não vais adivinhar. Está combinado? E o teu pai vai tornar a vir cá daqui a um ou dois dias, não é verdade, Sr. McCourt?

O Pai diz que sim com a cabeça e torna a pôr a mão em cima da minha. Olha para mim, afasta-se, pára, volta atrás, dá-me um beijo na testa pela primeira vez na vida, e eu fico tão feliz que parece que estou a pairar por cima da cama. As outras duas camas que estão no meu quarto estão vazias. A enfermeira diz que sou o único doente com febre tifóide e que é um milagre eu ter escapado.

No quarto ao lado do meu também não está ninguém até que um dia, de manhã, ouço uma voz de rapariga a dizer, Uu, uu, quem é que está aí? Não sei se está a falar comigo ou com alguém de outro quarto. Uu, rapaz do tifo, estás acordado?

Estou.

Estás melhor?

Estou.

Então, por que é que cá estás?

Não sei. Ainda estou de cama. Espetam-me agulhas e dão-me remédios.

Como é que tu és?

Fico a pensar, Que raio de pergunta! Não sei o que hei-de responder.

Uu, estás aí, rapaz do tifo?

Estou.

Como é que te chamas?

Frank.

É um nome bonito. Eu chamo-me Patricia Madigan. Quantos anos tens?

Dez.

Oh. Parece-me desapontada.

Mas faço onze no mês que vem, em Agosto.

Bem, já é melhor do que dez. Eu faço catorze em Setembro. Queres saber por que é que estou no Hospital da Febre?

Quero.

Tenho difteria e outra coisa qualquer.

Outra coisa qualquer, o quê?

Não sabem. Açam que é um doença vinda do estrangeiro, porque o meu pai ia muitas vezes a Àfrica. Estive quase a morrer. Vais dizer-me como és ou não?

Tenho cabelo preto.

Tu e mais milhões de pessoas.

Tenho olhos castanhos com umas pintinhas verdes, cor de avelã.

Tu e mais milhões de pessoas.

Tenho agulhas nas costas da mão direita e nos dois pés, e foi por aí que meteram sangue de soldado dentro de mim.

Oh!, meu Deus, a sério?

A sério.

Não vais conseguir parar de marchar e fazer continência.

Ouço o roçar do hábito, o tilintar das contas e, a seguir,

a voz da Irmã Rita. Então, então, o que vem a ser isto? Não quero conversas de quarto para quarto, principalmente tratando-se de um rapaz e uma rapariga. Estás a ouvir, Patricia?

Estou, Irmã.

Estás a ouvir, Francis?

Estou, Irmã.

Deviam estar a dar graças a Deus pela extraordinária recuperação que tiveram os dois. Deviam estar a rezar o terço. Deviam estar a ler **O Pequeno Mensageiro do Sagrado Coração**, que têm ao pé das vossas camas. Que eu não torne a apanhar-vos a conversar.

Vem ao meu quarto e, a apontar-me um dedo ameaçador, diz-me, Principalmente tu, Francis, com centenas de rapazes a rezarem por ti na Confraria. Dá graças, Francis, dá graças.

Vai-se embora e durante algum tempo reina o silêncio até que a Patricia sussurra, Dá graças, Francis, dá graças, e reza o terço, Francis, e eu começo a rir tão alto que aparece uma enfermeira para ver se estou bem. É uma enfermeira muito seca do Condado de Kerry. Mete-me medo. O que vem a ser isto, Francis? Estás a rir? Onde é que está a graça? Estavam na conversa, tu e aquela menina? Vou fazer queixa de ti à Irmã Rita. Nada de risotas, Francis. Podes estar a fazer muito mal ao teu aparelho interno.

Vira costas, e a Patricia torna a segredar, com um forte sotaque de Kerry, Nada de risotas, Francis. Podes estar a fazer muito mal ao teu aparelho interno.

A Mãe vem visitar-me às quintas-feiras. Gostava de ver também o meu pai, mas estou fora de perigo, o pior já passou e, por isso, só tenho direito a uma visita. Além disso, segundo ela diz, ele está outra vez a trabalhar na Fábrica de Farinha Rank e com a ajuda de Deus este trabalho há-de ser por muito tempo, por causa da guerra e de os Ingleses estarem desesperados por farinha. Traz-me uma tablete de chocolate e isso prova que o Pai está mesmo a trabalhar. Nunca poderia dar-se a tal luxo com o dinheiro do subsídio. O Pai manda-me recados a dizer que os meus irmãos rezam todos por mim, para me portar bem, obedecer aos médicos, às freiras, às enfermeiras e para não me esquecer das minhas orações. Tem a certeza de que foi São Judas que me ajudou a ultrapassar a crise, porque é o padroeiro dos casos desesperados e o meu caso era desesperado.

A Patricia diz que tem dois livros à cabeceira da cama. Um é

um livro de poesia e é desse que ela gosta. O outro é uma pequena história de Inglaterra. Pergunta-me se o quero. Dá-o ao Seumas, o homem que todos os dias lava o chão, e ele traz-mo, mas a reclamar. Não posso levar nada de um quarto onde há difteria para um quarto onde há febre tifóide, com tantos germes que andam pelo ar e que podem esconder-se no meio das folhas, e se apanhas difteria por cima do tifo, eles vão descobrir e despedir-me e lá vou eu andar outra vez pela rua a cantar canções patrióticas com uma lata na mão, o que para mim até nem é difícil, porque não há canção alguma que fale do sofrimento da Irlanda que eu não saiba e também sei algumas sobre as alegrias do uísque.

Oh!, e também sabe as do Roddy McCorley. Vai cantá-las para mim, mas aparece a enfermeira de Kerry, toda apressada. O que vem a ser isto, Seumas? A cantar? Tu mais do que ninguém neste hospital devias saber as regras sobre cantorias. Vou fazer queixa de ti à Irmã Rita.

Por amor de Deus, não faça isso, senhora enfermeira.

Está bem, Seumas. Desta vez desculpo-te. Sabes que cantar pode causar uma recaída nestes doentes?

Depois de ela sair, ele promete-me em segredo que vai ensinar-me algumas canções porque é bom para passar o tempo quando se está sozinho na enfermaria da tifóide. Diz que a Patricia é uma menina encantadora porque está sempre a dar-lhe reбуçados dos que a mãe lhe manda de quinze em quinze dias. Pára de limpar o chão e grita para a Patricia, que está no quarto ao lado, Estava a dizer aqui ao Frank que és uma menina encantadora, e a Patricia diz, E tu és um homem encantador, Seumas Ele sorri porque já é velho, já tem quarenta anos, e nunca teve filhos. As únicas crianças com quem fala são as que estão aqui no Hospital da Febre. Aqui está o livro, Frankie, diz ele. Não é uma pena teres de estar a ler isso tudo sobre a Inglaterra depois do que eles nos fizeram? Devia haver uma história da Irlanda cá no hospital.

O livro fala do Rei Alfredo, de Guilherme, **o Conquistador**, e de todos os reis e rainhas até ao Rei Eduardo, que teve de esperar uma eternidade até a mãe, a Rainha Vitória, morrer para poder ser rei. O livro tem uns versos de Shakespeare, que estou a ler pela primeira vez na vida.

**Creio, persuadido por evidências inquestionáveis*

Que sois meu inimigo.*

O homem que escreveu a história diz que isto foi o que Catarina, mulher de Henrique disse ao Cardeal Wolsey, que queria cortar-lhe a cabeça. Não sei o que quer dizer, nem me interessa, porque foi escrito por Shakespeare e, quando digo estas palavras, é como se tivesse jóias dentro da boca. Se tivesse um livro inteiro de Shakespeare, não me importava que me obrigassem a ficar um ano no hospital.

A Patricia diz que não sabe o que quer dizer persuadido nem evidências inquestionáveis e que não se interessa de Shakespeare para nada porque tem o livro de poesia dela e lê-me do outro lado da parede um poema sobre um mocho e um gato que foram para o mar num barco verde e levaram mel e dinheiro, que eu acho que não faz sentido nenhum. Quando digo isso à Patricia, ela fica toda ofendida e diz que é o último poema que me vai ler. Diz que estou sempre a recitar os dois versos de Shakespeare, que também não fazem sentido nenhum para ela. O Seumas pára outra vez de limpar o chão e diz-nos que não devíamos estar a discutir por causa da poesia porque, quando crescermos e nos casarmos, vamos ter muito que discutir. A Patricia pede desculpa, eu também peço desculpa, e então ela lê-me um bocado de outro poema que eu tenho de fixar para lho poder dizer de manhãzinha ou muito à noite, quando não andam por aqui freiras nem enfermeiras.

**O vento em torrente na escuridão corria pelas árvores desabridas,*

A lua era um galeão fantasmagórico batido por mares nebulosos,

*A estrada era um arco-íris de luar por sobre o paul purpúreo,
E o salteador aproximava-se a cavalgar,*

A cavalgar, a cavalgar

O salteador veio a cavalgar até chegar à porta da velha estalagem.

Tinha um chapéu francês puxado para a testa, um ramo de rendas junto à face,

Um casaco de velado cor de sangue, uns calções de pele de gamo,

As botas, até às coxas, não tinham uma só ruga.

Ao cavalgar, cintilava como uma jóia,

*A coroa das suas pistolas reluzentes,
O copo da sua espada cintilava, sob um céu de jóias*.*

Passo os dias ansioso por que os médicos e as enfermeiras me deixem sozinho para poder aprender mais um verso da Patricia e descobrir o que é que vai acontecer ao salteador e à filha de lábios vermelhos do dono da estalagem. Adoro o poema porque é excitante e quase tão bonito como os meus dois versos de Shakespeare. Os casacas-vermelhas vêm atrás do salteador porque sabem que ele disse à filha do estalajadeiro, Virei ver-te ao luar, apesar de o inferno me barrar a passagem.

Gostava de poder fazer o mesmo, ir ter com a Patricia ao luar no quarto ao lado, sem me importar nem um pouco que o inferno me barrasse a passagem. Está quase a chegar aos últimos versos quando aparece a enfermeira de Kerry a gritar com ela e comigo, Eu disse-vos que não queria conversas de um quarto para o outro. Os da difteria não podem falar com os da tifoide e vice-versa. Eu avisei-vos. Depois grita, Seumas, leva este. Leva o rapaz. A Irmã Rita disse que à próxima palavra que ele dissesse ia recambiado para o andar de cima. Avisámo-vos que parassem com a tagarelice, mas vocês não quiseram saber. Leva o rapaz, Seumas, leva-o.

Ora, senhora enfermeira, não faz mal. Era só um bocadinho de poesia.

Leva o rapaz, Seumas, leva-o imediatamente.

O Seumas inclina-se para mim e segreda-me, Meu Deus, tenho muita pena, Frankie. Toma o teu livro da história de Inglaterra. Mete-me o livro debaixo da camisa e levanta-me da cama. Diz baixinho que pareço uma pena. Tento ver a Patricia quando passamos pelo quarto dela, mas só consigo distinguir um emaranhado de cabelo preto sobre a almofada.

A Irmã Rita faz-nos parar no corredor e diz-me que a desapontei muito, que esperava que eu fosse um bom menino depois do que Deus tinha feito por mim, depois de tantas orações de centenas de rapazes da Confraria, depois de tantos cuidados que as freiras e as enfermeiras do Hospital da Febre tinham tido comigo, depois de elas terem deixado a minha mãe e o meu pai irem visitar-me, uma coisa que raramente era permitida, e era aquela a paga que eu dava, estar na cama a recitar poemas tolos de um lado para o outro, para mais sabendo a Patricia Madigan que eram proibidas conversas entre os do

tifo e os da difteria. Diz-me que vou ter muito tempo para pensar nos meus pecados na enfermaria grande do andar de cima e que devia pedir perdão a Deus pela minha desobediência e por estar a recitar um poema pagão inglês sobre um ladrão a cavalo e uma donzela de lábios vermelhos que comete um pecado terrível em vez de estar a rezar ou a ler a vida de um santo. Ela encarregou-se de ler o poema, isso é que leu, e o conselho que me dava era confessar aquele pecado ao padre. A enfermeira de Kerry sobe a escada atrás de nós, ofegante e a segurar-se ao corrimão. Diz-me que é melhor ir-me habituando à ideia de que ela não vai subir a correr aquelas escadas para o fim do mundo sempre que eu tiver uma dorzinha.

Há vinte camas na enfermaria, todas brancas e todas vazias. A enfermeira manda o Seumas pôr-me na última cama ao pé da parede, para terem a certeza de que eu não falo com as pessoas que passarem pela porta, o que é pouco provável porque não há mais ninguém em todo o andar. Diz ao Seumas que há muitos anos aquela tinha sido a enfermaria da febre no tempo da Grande Fome e só Deus sabe quantas pessoas morreram ali por terem sido levadas demasiado tarde, sem que houvesse tempo para mais nada a não ser para serem lavados antes de serem enterrados e há quem diga que, noite dentro, se ouvem ali gritos e gemidos. Diz que só de pensar no que os Ingleses nos fizeram se lhe parte o coração, se não foram eles que puseram a praga nas batatas também pouco fizeram para a tirar de lá. Sem piedade. Insensíveis a tanta gente que morreu naquela mesma enfermaria, crianças a sofrerem e a morrerem enquanto os Ingleses se empanzinavam de carne assada e se atestavam com os melhores vinhos nas suas grandes casas, enquanto as criancinhas andavam de boca verde por tentarem comer as ervas dos campos, Deus nos abençoe, nos guarde e nos proteja de mais fomes.

O Seumas diz que foi mesmo uma desgraça e que não queria ter de andar a limpar aqueles corredores de noite, com aquelas boquinhas verdes abertas para ela. A enfermeira vê-me a febre. Está um bocadinho alta, dorme bem aqui sozinho agora que se acabaram as tagarelíes com a Patricia Madigan, que não vai chegar a ter cabelos brancos.

Abana a cabeça para o Seumas e ele abana também a cabeça para ela, com um ar triste.

As enfermeiras e as freiras acham sempre que não sabemos do que elas estão a falar. Julgam que quando temos dez anos, quase

onze, somos tão patetas como o meu tio Pat Sheehan que caiu de cabeça para baixo. Não podemos fazer perguntas. Não podemos dar a entender que percebemos o que a enfermeira disse a respeito da Patricia Madigan, que vai morrer, nem podemos dar a entender que temos vontade de chorar por aquela menina que nos ensinou um poema lindo que a freira diz que é mau.

A enfermeira diz ao Seumas que tem de se ir embora e manda-o varrer o cotão por baixo da minha cama e dar uma limpeza à enfermaria. O Seumas diz-me que ela é mesmo uma cabra velha por ter ido a correr dizer à Irmã Rita que andávamos a dizer o poema de um quarto para o outro, que não se apanha doença nenhuma com um poema, a menos que seja um poema de amor, ah, ah, e isso não é nada provável quando se tem quantos? dez anos quase onze? Nunca ouviu tal coisa, uma criança ser levada para o andar de cima por dizer um poema, e era bem capaz de ir ao **Limerick Leader** para eles porem a história toda no jornal, se não fosse saber que ia perder o emprego se a Irmã Rita descobrisse. Seja como for, Frankie, daqui a uns dias vais-te embora e já vais poder ler a poesia toda que quiseses, mas a Patricia não sei, a Patricia não sei, valha-nos Deus.

Dois dias depois sabe. A Patricia levantou-se para ir à casa de banho, em vez de utilizar a arrastadeira, desmaiou e morreu. O Seumas está a limpar o chão, com as lágrimas a caírem-lhe pela cara abaixo, e a dizer, É uma desgraça uma pessoa tão linda morrer numa casa de banho. Disse-me que estava muito arrependida de te ter dito para recitares o poema e, por causa disso, teres sido transferido, Frankie. Disse que tinha sido ela a culpada.

Não foi, Seumas.

Eu sei, mas não lhe disse isso.

A Patricia morreu e eu vou ficar sem saber o que aconteceu ao salteador e à Bess, a filha do estalajadeiro. Pergunto ao Seumas, mas ele não sabe nada de poesia, principalmente de poesia inglesa. Uma vez soube um poema irlandês, mas falava de fadas e não tinha nada a ver com salteadores. Mas há-de perguntar aos homens que costumam estar no **pub** onde ele vai, e onde há sempre alguém a recitar qualquer coisa, e depois diz-me. Entretanto, posso entreter-me a ler a minha história de Inglaterra e a descobrir toda a perfídia deles. É essa a palavra que o Seumas diz, perfídia, e eu não sei o que quer

dizer, mas se é uma coisa que os Ingleses costumam fazer, deve ser horrível.

O Seumas vem limpar o chão três vezes por semana e a enfermeira vem todas as manhãs medir-me a temperatura e o pulso. O médico ouve os barulhos do meu peito com aquela coisa que tem pendurada ao pescoço. Dizem todos a mesma coisa, Como é que está o nosso soldadinho hoje? Uma rapariga com um vestido azul traz-me comida três vezes por dia, mas nunca fala comigo. O Seumas diz que não é boa da cabeça e é melhor eu não falar com ela.

Em Julho os dias são muito compridos e eu tenho medo do escuro. Só há duas lâmpadas no tecto da enfermaria e apagam-nas quando levam o tabuleiro do chá e a enfermeira me dá os comprimidos. A enfermeira diz, Agora dorme, mas eu não consigo porque vejo pessoas nas outras dezanove camas da enfermaria a morrerem, com a boca verde por tentarem comer erva e a gemerem que querem sopa dos Protestantes, sopa, uma sopa qualquer, e eu tapo a cabeça com a almofada na esperança de que não venham pôr-se à volta da minha cama, a atirarem-se a mim e a gritarem por um bocadinho da tablete de chocolate que a minha mãe me trouxe na semana passada.

Não, não foi ela que trouxe. Teve de pedir que ma dessem, porque já não tenho visitas. A Irmã Rita diz que ter visitas no Hospital da Febre é um privilégio e que depois da maneira como eu me portei com a Patricia Madigan e com o poema já não posso ter esse privilégio. Diz que dentro de poucas semanas irei para casa e o que tenho de fazer é concentrar-me em melhorar e aprender outra vez a andar depois de estar seis semanas de cama e que amanhã depois do pequeno-almoço posso levantar-me. Não sei por que é que ela diz que tenho de aprender outra vez a andar se eu já ando desde bebé, mas, quando a enfermeira me põe de pé ao pé da cama, caio para o chão e a enfermeira dá uma gargalhada e diz, Vês, és outra vez um bebé.

Treino a andar de uma cama para outra, para a frente e para trás, para a frente e para trás. Não quero ser bebé. Não quero estar nesta enfermaria vazia, sem a Patricia, sem o salteador, sem a filha de lábios vermelhos do estalajadeiro. Não quero os fantasmas das crianças de boca verde, a apontarem para mim com uns dedos esqueléticos e a pedirem-me bocadinhos do meu chocolate.

O Seumas diz que um homem lá do *pub* sabia todos os versos

do poema do salteador, e que o fim é muito triste. Pergunta-me se quero que mo diga porque nunca aprendeu a ler e teve de levar o poema na cabeça. Está no meio da enfermaria, apoiado ao cabo da esfregona, e recita,

**Tlot-tlot, no silêncio gelado!*

Tlot-tlot na noite que ecoa!

Aproximou-se mais e mais!

O rosto dela era uma luz!

Os seus olhos abriram-se por um momento e respirou fundo mais uma vez,

Depois estendeu um dedo para o luar,

E o seu arcabuz estilhaçou luar,

E estilhaçou o peito dela ao luar.*

Ele ouve o tiro e foge mas, quando o dia desponta e sabe como a Bess morreu, fica perdido de raiva e volta para se vingar, mas é morto pelos casacas-vermelhas.

**Vermelhas de sangue eram as suas esporas sobre o sol do meio-dia;*

vermelho de vinho era o seu casaco de veludo,

Quando o mataram como um pobre cão,

E sobre o seu sangue ali jaz na estrada, com um ramo de rendas junto à face.*

O Seumas limpa a cara com a manga e funga. Não havia necessidade de te terem mudado aqui para cima e te terem separado da Patricia sem saberes o que aconteceu ao salteador e à Bess. É uma história muito triste e, quando a contei à minha mulher, ela chorou a noite toda até irmos para a cama. Disse que não havia necessidade de os casacas-vermelhas terem morto o salteador e que eles eram responsáveis por metade do mal que anda pelo mundo e que também nunca tiveram a mínima piedade pelos Ingleses. Bem, Frankie, se quiseses saber mais poemas, diz-me, que eu arranjo-os no **pub** e trago-os na cabeça. A rapariga do vestido azul que não é boa da cabeça pergunta-me um dia, sem mais nem menos, Gostavas de ter um livro para leres? e traz-me o **The Amazing Quest of Mr. Ernest Bliss** de E. Phillips Oppenheim, que é a história de um inglês que está farto de tudo e nunca sabe o que há-de fazer, embora seja tão rico que nem consegue contar o dinheiro que tem. O criado dele

leva-lhe todas as manhãs o jornal, o chá, um ovo, uma torrada e compota e ele diz, Leva isso tudo, a vida é um vazio. Não consegue ler o jornal, não consegue comer o ovo e vai definhando. O médico diz-lhe para ir viver para o East End de Londres, para junto dos pobres, que assim há-de aprender a amar a vida, e ele faz isso e apaixona-se por uma rapariga que é pobre mas honesta e muito inteligente e casam-se e vão viver para a casa dele no West End, que é a zona rica, porque é mais fácil ajudar os pobres e não estar farto de tudo quando se vive num sítio bonito e confortável.

O Seumas gosta que eu lhe diga o que ando a ler. Diz que a história do Sr. Ernest Bliss é inventada, porque ninguém que estivesse em seu perfeito juízo teria de ir ao médico por ter dinheiro a mais e nunca comer o ovo, mas nunca se sabe. Se calhar, em Inglaterra era assim. Mas na Irlanda nunca aconteceria uma coisa dessas. Se o homem não comesse o ovo seria imediatamente levado para o manicómio ou então fariam queixa dele ao bispo.

Estou desejoso de ir para casa e contar ao Malachy a história deste homem que não queria comer o ovo. O Malachy vai atirar-se para o chão a rir, porque é impossível uma coisa dessas acontecer. Vai dizer que sou eu que estou a inventar, mas quando lhe disser que é a história de um inglês, vai perceber.

Não posso dizer à rapariga do vestido azul que a história é uma patetice, porque ela podia ter um ataque. Diz-me que, se já tiver acabado de ler aquele, pode trazer-me outro, porque há uma caixa cheia de livros deixados pelos doentes de outros tempos. Traz-me um livro chamado **Tom Brown's School-Days**, que é difícil de ler, e um nunca acabar de livros de P. G. Wodehouse, que me faz rir com Ukridge e Bertie Wooster e Jeeves e todos os Mulliners. O Bertie Wooster é rico mas come o ovo todas as manhãs com medo do que o Jeeves diga. Gostava de falar dos livros com a rapariga do vestido azul ou qualquer outra pessoa, mas tenho medo que a enfermeira de Kerry ou a Irmã Rita descubram e me mudem lá para cima para uma enfermaria ainda maior com cinquenta camas vazias e muitos fantasmas da Grande Fome com bocas verdes e dedos esqueléticos a apontarem. À noite fico deitado a pensar no Tom Brown e nas suas aventuras na Rugby School e em todos os personagens de P. G. Wodehouse. Posso sonhar com a filha do estalajadeiro e os seus lábios vermelhos e nem as enfermeiras nem as freiras me podem impedir.

É uma maravilha saber que o mundo não pode interferir com o interior da nossa cabeça.

É Agosto e vou fazer onze anos. Estou no hospital há dois meses e pergunto se me deixarão sair no Natal. A enfermeira de Kerry diz que eu devia ajoelhar-me e agradecer a Deus por estar vivo em vez de estar a queixar-me.

Não estou a queixar-me, enfermeira, só estou a perguntar se no Natal já estarei em casa.

No dia dos meus anos a Mãe vem ao hospital e manda-me um pacote com duas tabletes de chocolate e um papel com nomes de pessoas lá da rua a dizerem-me põe-te bom, vem para casa e és um grande soldado, Frankie. A enfermeira deixa-me falar com ela pela janela, mas é difícil porque as janelas são altas e tenho de me empoleirar nos ombros do Seumas. Digo à Mãe que quero ir para casa, mas ela diz que ainda estou um bocadinho fraco e que de certeza que falta pouco para me deixarem sair.

O Seumas diz, É formidável fazer onze anos porque qualquer dia já és um homem com barba e tudo, a teres de ir para o trabalho e, depois, a ires beber uma cerveja como qual quer homem de bem.

Ao fim de catorze semanas a Irmã Rita diz-me que posso ir para casa e que sou um rapaz cheio de sorte porque é dia de São Francisco de Assis. Diz-me que fui um doente muito bom, tirando aquele pequeno problema com o poema e com a Patricia Madigan, Deus tenha a sua alma em descanso, e convida-me para ir almoçar ao hospital no dia de Natal. A Mãe vem buscar-me e as minhas pernas estão tão fracas que demoramos muito tempo a chegar à paragem de autocarro em Union Cross. Demora o tempo que for preciso. Ao fim de três meses e meio podemos perder uma hora, diz ela.

~~

Na Barrack Road e na Roden Lane há pessoas à porta a dizerem-me que é uma alegria verem-me ali, que sou um grande soldado, um orgulho para o meu pai e a minha mãe. O Malachy e o Michael sobem a rua a correr para virem ter comigo e dizem, Meu Deus, vens a andar tão devagarinho. Já não consegues correr?

Está um dia lindo e sinto-me feliz até que vejo o Pai sentado na cozinha com o Alphie ao colo e sinto um vazio no coração, porque sei que está outra vez sem trabalhar. Durante todo aquele tempo tive a certeza de que ele andava a trabalhar, era

o que a Mãe me dizia, e eu pensava que não ia haver falta de comida nem de sapatos. Ele sorri para mim e diz ao Alphie, Oh!, olha o teu irmão mais velho que saiu do hospital.

A Mãe diz-lhe o que o médico recomendou, que tenho de me alimentar muito bem e descansar. O médico disse que o melhor para eu me recompor seria bife. O Pai diz que sim com a cabeça. A Mãe faz caldo de carne com um cubo e o Malachy e o Michael vêm-me bebê-lo. Dizem que também querem, mas a Mãe diz-lhes, Desapareçam, vocês não tiveram febre tifóide. Diz que o médico quer que eu vá para a cama cedo. Tentou acabar com as pulgas, mas estão piores do que nunca por causa do calor que tem feito. Além disso, não têm muito que tirar de ti da maneira que estás, só pele e osso. Estou deitado na cama e penso no hospital onde os lençóis brancos eram mudados todos os dias e não havia sinais de pulgas. Havia uma sanita onde podíamos ficar sentados a ler até que alguém fosse perguntar se ainda estávamos vivos. Havia uma banheira onde podíamos ficar sentados em água quente o tempo que quiséssemos a dizer,

**Creio, persuadido por evidências inquestionáveis
Que sois meu inimigo*.*

E dizer isto ajuda-me a adormecer.

De manhã, o Malachy e o Michael levantam-se para irem para a escola, e a Mãe diz que eu posso ficar na cama. O Malachy está na quinta classe com o Sr. O'Dea e gosta de dizer a toda a gente que anda a aprender o catecismo grande de capa vermelha para fazer a Confirmação e que o Sr. O'Dea anda a falar-lhes do estado de graça, de Euclides e de como os Ingleses fizeram sofrer os Irlandeses durante oito séculos. Mas eu não quero continuar na cama. Os dias de Outubro são lindos e prefiro sentar-me lá fora a olhar para o cimo da rua a ver o movimento descendente do sol na parede em frente da nossa casa. O Mikey Moloney traz-me livros de P. G. Wodehouse que o pai dele levanta da biblioteca e passo dias formidáveis na companhia de Utridge, Bertie Wooster e todos os Mulliners. O Pai deixa-me ler o livro de que mais gosta, **Diário da Prisão** de John Mitchel, que é a história de um grande rebelde irlandês que os Ingleses condenaram ao exílio na terra de Van Diemen na Austrália. Os Ingleses dizem ao John Mitchel que pode andar por onde quiser na terra de Van Diemen desde que dê a sua palavra de honra de que não vai tentar fugir. Ele dá a palavra de honra

até que chega um barco para o ajudar a fugir e ele vai ao escritório do magistrado inglês e diz-lhe, Vou fugir, e salta para cima do seu cavalo e acaba em Nova Iorque. O Pai diz que não se importa que eu leia livros tolos de P. G. Wodehouse desde que não me esqueça dos homens que deram o seu contributo e as suas vidas pela Irlanda.

Não posso ficar em casa para sempre e a Mãe leva-me outra vez para a Escola de Leamy em Novembro. O novo director, o Sr. O'Halloran, diz que lamenta muito, mas que perdi mais de dois meses de escola e, por isso, tenho de voltar para a quinta classe. A Mãe diz que de certeza que eu estou preparado para ir para a sexta classe. Afinal de contas, só perdeu algumas semanas de escola, diz ela. O Sr. O'Halloran diz, Lamento muito. Leve-o ao Sr. O'Dea, na porta a seguir.

Atravessamos o corredor, e digo à Mãe que não quero ficar na quinta classe. É onde está o Malachy e eu não quero andar na mesma classe do meu irmão, que é um ano mais novo do que eu. Já fiz a minha Confirmação no ano passado. Ele não. Sou mais velho. Já não sou maior do que ele porque tive a febre tifóide, mas sou mais velho.

A Mãe diz, Não é por isso que vais morrer.

Ela não se importa e vou para a sala onde está o Malachy e sei que todos os amigos dele estão a fazer troça de mim, por ter andado para trás. O Sr. O'Dea manda-me sentar na primeira fila e diz-me para não estar de monco caído se não quero levar com a vergasta.

Mas depois há um milagre e é tudo por causa de São Francisco de Assis, o meu santo favorito, e de Nosso Senhor. Nesse primeiro dia, quando venho da escola para casa, encontro um **penny** e quero ir a correr à loja da Kathleen O'Connell comprar uma placa de caramelos Cleeves das grandes, mas não consigo correr porque ainda tenho as pernas fracas por causa do tifo e às vezes tenho de me segurar às paredes. Estou desesperado por um caramelo Cleeves, mas também estou desesperado por sair da quinta classe.

Sei que tenho de ir à igreja onde está a imagem de São Francisco de Assis. É o único que me vai escutar, mas está na outra ponta de Limerick, e levo uma hora a chegar lá, porque de vez em quando tenho de me sentar nas escadas e amparar-me às paredes. Pôr uma vela custa um **penny** e eu fico a pensar se não poderia acender a vela e guardar o dinheiro. Não, São

Francisco ia saber. Ele adora os passarinhos que andam no ar e os peixes que andam nos rios, mas não é parvo nenhum. Acendo a vela, ajoelho-me ao pé da imagem e peço-lhe que me tire da quinta classe onde ando com o meu irmão que provavelmente àquela hora anda pela rua a gabar-se de que o irmão mais velho ficou para trás. São Francisco não diz nada, mas eu sei que ele está a ouvir e que vai tirar-me daquela classe. É o mínimo que pode fazer depois do que me custa vir até aqui ao pé da imagem dele, e ter que me sentar nas escadas e amparar-me às paredes, quando podia ter ido à Igreja de São José e pôr uma vela à Pequena Flor ou até mesmo ao Sagrado Coração de Jesus. De que vale terem-me posto o nome dele, se ele me abandonar num momento de necessidade?

Tenho de estar ali sentado na aula do Sr. O'Dea a ouvir o catecismo e todas as outras coisas que ele ensinou no ano passado. Gostava de pôr o braço no ar e dizer as respostas todas, mas ele diz, Cala-te, deixa o teu irmão responder. Dá-lhes provas de aritmética e manda-me corrigi-las. Faz-lhes ditados em irlandês e manda-me corrigir os erros. Depois começa a mandar-me fazer redacções e lê-las para a aula toda, para mostrar tudo o que aprendi com ele no ano anterior. Diz para os outros todos, O Frank McCourt vai mostrar-vos como aprendeu a escrever tão bem no ano passado. Vai fazer uma redacção sobre Nosso Senhor, não vais, McCourt? Vai dizer-nos como seria se Nosso Senhor tivesse crescido em Limerick, que tem a Arquiconfraria da Sagrada Família e é a cidade mais sagrada da Irlanda. Sabemos que se Nosso Senhor tivesse crescido em Limerick nunca teria crucificado, porque os habitantes de Limerick sempre foram bons católicos e nada dados a crucificações. Por isso, McCourt, vais para casa, fazes a redacção e entregas-ma amanhã.

O Pai diz que o Sr. O'Dea tem muita imaginação, mas que Nosso Senhor já sofreu de mais na cruz, quanto mais ele agora ir metê-lo em Limerick com aquela humidade que vem do rio Shannon. Põe o boné e vai dar um daqueles grandes passeios e eu tenho de pensar em Nosso Senhor sozinho e descobrir o que hei-de escrever na redacção.

No dia seguinte o Sr. O'Dea diz, Muito bem, McCourt, lê lá a tua redacção para a aula toda.

O nome da minha redacção é...

O título, McCourt, o título.

O título da minha redacção é «Jesus e o Tempo».

O quê?

«Jesus e o Tempo».

Está bem, lê.

A minha redacção é assim. Acho que Jesus, Que é Nosso Senhor não ia gostar do tempo de Limerick porque está sempre a chover e o Shannon enche a cidade toda de humidade. O meu pai diz que o Shannon é um rio assassino porque matou os meus dois irmãos. Quando olhamos para os retratos de Jesus Ele anda sempre a passear por Israel embrulhado num lençol. Lá nunca chove nem nunca se ouviu dizer que as pessoas tenham tosse ou tuberculose nem nada disso e lá ninguém trabalha porque a única coisa que fazem é andarem por ali, comerem maná, agitarem os punhos e irem a crucificações. Sempre que Jesus tinha fome, a única coisa que tinha de fazer era ir estrada acima até descobrir uma figueira ou uma laranjeira e encher a barriga. Se quisesse uma cerveja só tinha de passar a mão por cima de um copo grande e lá estava a cerveja. Ou então podia visitar a Maria Madalena ou a irmã dela, a Marta, que elas davam-Lhe de comer sem mais perguntas e ainda Lhe lavavam os pés e a Maria Madalena secava-Lhos com o cabelo, enquanto a Marta lavava a loiça, o que eu não acho nada justo. Por que é que ela tinha de lavar a loiça enquanto a irmã se sentava na rua a conversar com Nosso Senhor? Foi bom Jesus ter decidido nascer judeu naquela terra quente porque se tivesse nascido em Limerick tinha apanhado a tuberculose e não havia Igreja Católica e também não havia Comunhão nem Confirmação e nós não teríamos de aprender o catecismo nem fazer redacções sobre Ele. Fim.

O Sr.O'Dea fica calado e olha para mim de uma maneira estranha. Fico preocupado porque quando ele fica assim calado é sinal de que alguém vai sofrer. Mas, depois, diz, McCourt, quem é que fez essa redacção?

Fui eu, senhor professor.

Foi o teu pai que fez essa redacção?

Não, senhor professor.

Vem cá, McCourt.

Saio atrás dele e vamos à sala do director, ao fundo do corredor. O Sr. O'Dea mostra-lhe a minha redacção e o Sr. O'Halloran também olha para mim de uma maneira estranha.

Foste tu que fizeste esta redacção?

Fui, sim, Sr. O'Halloran.

Tiram-me da quinta classe e põem-me na sexta classe com o Sr. O'Halloran, que é onde estão todos os rapazes que eu conheço, o Paddy Clohessy, o Fintan Slattery, o Quigley das Perguntas e, nesse dia, depois de sair da escola tenho de ir outra vez agradecer a São Francisco, apesar de as minhas pernas ainda estarem fracas por causa do tifo e de ter de me sentar nas escadas e amparar-me às paredes e fico sem saber se terá sido alguma coisa de bem que disse na redacção ou alguma coisa de mal.

O Sr. Thomas O'Halloran ensina três classes na mesma sala, a sexta, a sétima e a oitava. A cabeça dele é como a do Presidente Roosevelt e tem uns óculos dourados. Usa fatos azuis ou cinzentos e tem um relógio preso a uma corrente de ouro que vai de um bolso para outro do colete e fica pendurada por cima da barriga dele. Chamamos-lhe Saltitão porque tem uma perna mais curta do que a outra e anda aos saltinhos. Sabe que lhe chamamos isso e diz, Pois, sou o Saltitão e hei-de saltar para cima de vocês. Anda com um pau muito comprido, um ponteiro, e se não estivermos com atenção ou dermos respostas estúpidas, dá-nos três palmadas em cada mão e dá-nos com o ponteiro na parte de trás das pernas. Obriga-nos a aprender tudo de cor, tudo, e por causa disso é o pior professor da escola. Adora a América e obriga-nos a saber todos os estados americanos por ordem alfabética. Faz uns quadros em casa de gramática irlandesa, história da Irlanda e álgebra, pendura-os num cavalete e nós temos de dizer em cantilena os casos, as conjugações e as declinações do Irlandês, os nomes e as batalhas famosas, as proporções, as fracções e as equações. Temos de saber todas as datas importantes da história da Irlanda. Explica-nos o que é importante e porquê. Nunca nenhum professor nos tinha explicado os porquês. Se perguntássemos porquê, levávamos com o ponteiro na cabeça. O Saltitão não nos chama idiotas e não fica furioso se lhe fizermos perguntas. É o único professor que pára e diz, Estão a perceber o que eu estou a dizer? Têm alguma pergunta que queiram fazer?

Ficamos chocados quando o ouvimos dizer que a Batalha de Kinsale em 1609 foi o momento mais triste da história da Irlanda, uma batalha em que houve crueldade e atrocidades de ambos os lados. Crueldade de ambos os lados? Do lado irlandês? Como é que isso é possível? Todos os outros professores nos disseram que os Irlandeses sempre lutaram com nobreza, sempre

travaram combates justos. Recita uns versos e obriga-nos a aprendê-los de cor,

**Avançaram para combater, mas acabavam por cair
Tinham os olhos fixos nos escudos temerários.
Lutaram com nobreza e coragem, mas não lutaram bem,
Caíram feridos no coração por uma subtil maldição*.*

Se perderam foi por causa dos traidores e dos informadores. Mas eu quero saber quais foram essas atrocidades dos Irlandeses.

Senhor professor, os Irlandeses cometeram atrocidades na Batalha de Kinsale? Cometeram, sim. Segundo reza a história mataram alguns prisioneiros, mas não foram melhores nem piores do que os Ingleses.

O Sr. O'Halloran não pode estar a mentir. É o director da escola. Durante todos estes anos disseram-nos sempre que os Irlandeses eram nobres e faziam discursos corajosos antes de serem enforcados pelos Ingleses. Agora o Sr. O'Halloran está a dizer que os Irlandeses fizeram coisas más. Se calhar, a seguir vai dizer que os Ingleses fizeram coisas boas. Têm de estudar e aprender para serem vocês a tirarem as vossas conclusões sobre a História, mas não podem decidir nada, se tiverem a cabeça vazia. Apetrechem a vossa cabeça, apetrechem a vossa cabeça. É a vossa arca do tesouro e ninguém no mundo pode interferir com o que vai lá dentro. Se ganhassem a lotaria irlandesa e comprassem uma casa por mobilar, enchiam-na de lixo? A vossa mente é a vossa casa e, se a encherem com as porcarias que vêm no cinema, vai acabar por apodrecer. Podem ser pobres, podem ter os sapatos rotos, mas a vossa mente é um palácio.

Chama-nos um a um à frente da sala para ver os nossos sapatos. Quer saber por que é que estão rotos ou por que é que alguns não têm sapatos. Diz que é uma desgraça e que vai fazer uma sorteio para arranjar dinheiro para termos todos botas quentes e fortes no Inverno. Dá-nos livros de rifas e corremos Limerick de uma ponta à outra para o Fundo de Botas da Escola de Leamy, o primeiro prémio cinco libras e cinco prémios de uma libra. Onze rapazes que não tinham botas arranjam botas novas. Eu e o Malachy não arranjamos nenhuma porque temos uns sapatos, apesar de as solas estarem gastas e ficamos a pensar porque corremos nós a cidade toda a vender rifas para arranjar botas para outros. O Fintan Slattery diz que com obras de

caridade se conseguem indulgências plenas e o Paddy Clohessy diz-lhe, Fintan, E que tal se fosses à merda?

Sei quando é que o Pai faz aquela maldade. Sei quando é que ele gasta o dinheiro do subsídio na bebida e a Mãe fica desesperada e tem de ir à Sociedade de São Vicente de Paulo e pedir fiado na loja da Kathleen O'Connell, mas não quero pô-lo de lado e voltar-me só para a Mãe. Como é que eu posso fazer isso, se todas as manhãs me levanto cedo com ele, quando toda a gente ainda está a dormir? Acende o lume, faz o chá, canta para ele ou lê o jornal baixinho para mim, mas de maneira a não acordar ninguém. O Mikey Molloy roubou-me o Cuchulain, o Anjo do Sétimo Degrau foi-se embora para outro sítio qualquer, mas o meu pai, como ele é de manhã, continua a ser meu. Compra o **Irish Press** muito cedo e fala-me do mundo, de Hitler, Mussolini, Franco. Diz que não temos nada a ver com esta guerra, porque os Ingleses andam outra vez com as manhas deles. Fala-me do grande Roosevelt, de Washington, e do grande De Valera, de Dublin. De manhã temos o mundo só para nós os dois, e ele nunca me diz que devo morrer pela Irlanda. Fala-me da Irlanda de antigamente, de quando os Ingleses não deixavam os Católicos terem escolas, porque queriam manter o povo na ignorância, de como as crianças católicas se juntavam em escolas ao ar livre nos sítios mais recônditos para aprenderem inglês, irlandês, latim e grego. As pessoas adoravam aprender. Adoravam histórias e poesia, mesmo que isso não servisse de nada para arranjarem trabalho. Homens, mulheres e crianças juntavam-se em valados para ouvirem os grandes mestres desse tempo e todos perguntavam a si próprios como seria possível alguém ter tanta coisa dentro da cabeça. Esses mestres arriscavam a vida a andar de valado em valado, de sebe em sebe, porque se os Ingleses os apanhassem a ensinar podiam levá-los para sítios no estrangeiro ou ainda pior. Diz-me que agora a escola é fácil, porque não temos de estar sentados num muro a aprender contas de somar ou a gloriosa história da Irlanda. Devo portar-me bem na escola para um dia voltar para a América e arranjar um emprego onde possa estar sentado a uma secretária com duas canetas de tinta permanente no bolso, uma com tinta vermelha e outra com tinta azul, a tomar decisões. Não ando à chuva e vou ter um fato e sapatos e um sítio acolhedor para viver e que mais pode um homem desejar? Ele diz que na América se pode fazer seja o que for, é o país das oportunidades. Pode

ser-se pescador no Maine ou agricultor na Califórnia. A América não é como Limerick, uma terra cinzenta com um rio que mata. Quando temos o nosso pai só para nós de manhã ao pé do lume, não precisamos de Cuchulain, nem do Anjo do Sétimo Degrau nem de nada.

À noite, ajuda-nos a fazer os deveres. A Mãe diz que na América se chamam trabalhos de casa, mas aqui é deveres, contas de somar, Inglês, Irlandês, História. O Pai não consegue ajudar-nos no Irlandês porque é do Norte e não sabe a língua materna. O Malachy oferece-se para lhe ensinar todas as palavras irlandesas que sabe, mas o Pai diz que já é tarde de mais, que burro velho não aprende línguas. Antes de irmos para a cama sentamo-nos ao pé do lume e se dissermos, Pai, conte-nos uma história, ele inventa uma sobre uma pessoa qualquer lá da rua e a história leva-nos a todo o momento, lá acima aos céus, ao fundo do mar e outra vez lá para a rua. Todas as pessoas que entram na história são de cores diferentes e todas as coisas estão voltadas de pernas para o ar e andam da frente para trás. Os carros e os aviões andam por baixo de água e os submarinos voam pelos ares. Os tubarões sentam-se nas árvores, enquanto salmões gigantescos brincam na lua com cangurus. Ursos polares lutam com elefantes na Austrália e pinguins ensinam Zulus a tocar gaita-de-foles. No fim da história leva-nos lá para cima e ajoelha-se connosco para rezarmos as nossas orações. Rezamos o Pai-Nosso, três Ave-Marias, Deus abençoe o Papa, Deus abençoe a nossa Mãe, Deus abençoe a nossa irmã e os nossos irmãos que já morreram, Deus abençoe a Irlanda, Deus abençoe o De Valera e Deus abençoe quem der trabalho ao Pai. Depois diz, agora toca a dormir, meninos, porque Deus está a ver-vos e sabe sempre quando não se portam bem. Acho que o meu pai é como a Santíssima Trindade, com três pessoas dento dele, é uma pessoa de manhã com o jornal, outra à noite com as histórias e as orações e depois outra pessoa quando faz aquela maldade e vem para casa a cheirar a uísque e a querer que morramos pela Irlanda.

Fico triste quando ele faz a maldade, mas não posso virar-lhe as costas porque a pessoa que de manhã me lê o jornal é o meu verdadeiro pai e, se eu estivesse na América, podia dizer, **I love you Dad**, como dizem nos filmes, mas aqui em Limerick não se pode dizer isso, senão riam-se de nós. Pode dizer-se que se ama Deus, os bebés, os cavalos que ganham, mas, tirando isso, é

porque se é fraco da cabeça.

É um tormento dia e noite naquela cozinha, por causa das pessoas que vão despejar os baldes. A Mãe diz que não é o rio Shannon nos há-de matar, mas o cheiro da retrete que está à nossa porta. É mau quando há cheias no Inverno e a água entra por baixo da nossa porta, mas ainda é pior quando está calor e há moscas, varejeiras e ratazanas.

Ao lado da retrete há um estábulo, que é onde guardam o cavalo grande da carvoaria do Gabbett. Chama-se Finn e gostamos todos muito dele, porque o homem da carvoaria não cuida do estábulo como devia ser e o fedor que vem de lá enche-nos a casa toda. O mau cheiro da retrete e do estábulo chama as ratazanas e temos de as esmagar com pedras ou paus ou espetá-las com a forquilha que está no estábulo. Até o cavalo tem medo das ratazanas, e temos de ter cuidado quando ele se empina. Sabe que não somos ratazanas, porque lhe damos maçãs quando vamos roubar algum pomar no campo.

Às vezes as ratazanas conseguem fugir e entram para dentro da nossa casa ou para o buraco do carvão por baixo das escadas, que é escuro como breu e, por isso, não conseguimos vê-las. Mesmo se trouxermos uma vela não conseguimos vê-las, porque furam por toda a parte e não sabemos onde procurar. Se tivermos lume, podemos aquecer água e deitá-la devagarinho com o bico da cafeteira e, assim, elas saem dos buracos por entre as nossas pernas e fogem para a rua, a menos que o Lucky esteja à porta para as apanhar com os dentes e dar cabo delas. Pensávamos que ele comia as ratazanas, mas deixa-as na rua de tripas de fora e vai a correr para ao pé do meu pai para ele lhe dar um bocadinho de pão molhado em chá. As pessoas cá da rua dizem que é estranho um cão fazer isso, mas que outra coisa seria de esperar do cão dos McCourts.

Ao mais pequeno sinal de uma ratazana, até só de ouvir falar nisso, a Mãe sai de casa e corre pela rua acima. Preferia ter de caminhar toda a vida pelas ruas de Limerick do que ficar nem que fosse só um minuto numa casa onde há uma ratazana, e nunca pode estar descansada porque sabe que com o estábulo e com a retrete ali, há-de haver sempre por perto uma ratazana com a família à espera do jantar.

Lutamos contra as ratazanas e contra o fedor da retrete. Gostávamos de ter a porta aberta, mas não podemos com as pessoas a descerem constantemente a rua para virem despejar os

baldes cheios até à borda. Há famílias piores do que outras, mas o Pai odeia-as todas, apesar de a Mãe lhe dizer que não têm culpa de há cem anos os construtores terem feito aquelas casas sem retretes, a não ser aquela à nossa porta. O Pai diz que as pessoas deviam despejar os baldes à noite, quando estamos a dormir, para não sermos incomodados pelo cheiro.

As moscas são quase tão más como as ratazanas. Nos dias quentes, amontoam-se no estábulo e, quando alguém vai despejar um balde, invadem a retrete. Se a Mãe estiver a fazer comida, vêm para a cozinha e o Pai diz que é um nojo pensar que aquela mosca que está pousada no açucareiro ainda há um minuto estava pousada na pia ou no que resta dela. Se tivermos uma ferida, elas descobrem-na e é um tormento. De dia temos as moscas, à noite temos as pulgas. A Mãe diz que as pulgas têm uma coisa boa, são limpas, mas as moscas são uma porcaria, nunca se sabe donde vêm e transmitem muitas doenças.

Podemos caçar as ratazanas e matá-las. Podemos acertar nas moscas e nas pulgas e matá-las, mas não podemos fazer nada em relação aos vizinhos e aos baldes.

Se estivermos na rua a brincar e virmos alguém com um balde, gritamos lá para casa, Balde a caminho, fechem a porta, fechem a porta, e quem estiver dentro de casa corre para a porta. Durante o tempo quente, passamos o dia a fechar a porta, porque sabemos quais são as famílias que têm os baldes piores. Há famílias em que o pai trabalha e se se habitua a cozinhar com caril, os baldes delas têm um cheiro insuportável, que nos dá vontade de vomitar. Agora com a guerra e os homens a mandarem dinheiro de Inglaterra, há cada vez mais famílias a cozinhareм com caril e a nossa casa fica a tresandar dia e noite. Sabemos quais são as famílias que comem caril e as que comem couves. A Mãe está sempre maldispоста, o Pai dá passeios cada vez mais longos pelo campo e nós brincamos na rua e bem longe da retrete o máximo tempo possível. O Pai já deixou de se queixar do rio Shannon. Sabe que a retrete é pior e leva-me à Câmara Municipal para reclamarmos. O homem que lá está diz, A única coisa que posso dizer-lhe é que se mude. O Pai diz que não temos dinheiro para isso e o homem diz que não pode fazer nada. O Pai diz, Isto não é a Índia. Isto é um país cristão. Aquela rua precisa de mais retretes. O homem diz, Está à espera de que Limerick comece a fazer retretes em casas que estão a cair aos bocados e que vão abaixo depois da guerra? O Pai diz que podemos morrer

todos por causa daquela retrete. O homem diz que vivemos numa época cheia de perigos.

A Mãe diz que está a ser difícil ter lume para fazer o almoço de Natal mas que, se vou almoçar ao hospital, tenho de me lavar da cabeça aos pés. Não quer que a Irmã Rita diga que eu não estou bem tratado ou que estou pronto para apanhar outra doença. Logo de manhãzinha aquece uma panela de água e quase que me tira a pele. Limpa-me os ouvidos e esfrega-me a pele com tanta força que fica a arder. Pode dar-me dois *pence* para eu ir de autocarro para o hospital, mas vou ter de vir a pé para casa e até me vai fazer bem por vir com a barriga cheia de comida, mas agora ela tem de acender o lume para cozer a cabeça de porco, as couves e as batatas branquinhas e farinhentas que mais uma vez ela conseguiu arranjar graças à bondade da Sociedade de São Vicente de Paulo, mas jura que esta há-de ser a última vez que celebramos o nascimento de Nosso Senhor com cabeça de porco. Para o ano que vem havemos de ter um ganso ou um bom presunto, porque é que não havemos de ter, se Limerick é famosa no mundo inteiro pelo presunto?

A Irmã Rita diz, Olhem-me bem para isto, o nosso soldadinho com um ar tão saudável. Continua a ser só ossos, mas mesmo assim... Ora diz-me lá, foste à missa hoje de manhã?

Fui, Irmã.

E comungaste?

Comunguei, Irmã.

Leva-me para uma enfermaria vazia e diz-me, Senta-te naquela cadeira que o almoço não demora. Vai-se embora e eu fico a pensar se irei almoçar com as freiras e as enfermeiras ou numa enfermaria com outras crianças. Passado um bocado a rapariga do vestido azul que me dava livros traz-me o almoço. Pousa o tabuleiro ao lado de uma cama e eu puxo a cadeira para lá. Olha para mim de sobrolho franzido, contrai o rosto e diz, Toma, está aqui o teu almoço e não vou trazer-te livros nenhuns.

O almoço é uma delícia: peru, puré de batata, ervilhas, gelatina com leite creme e uma chávena de chá. A gelatina com leite creme tem um aspecto delicioso e não consigo resistir, por isso vou começar já por aí, se não estiver ninguém a ver, mas quando começo a comer entra a rapariga do vestido azul para me trazer o pão e diz , O que é que estás a fazer?

Nada.

Nada, não. Estás a comer o doce antes de almoçares, e sai a

correr e a gritar, Irmã Rita, Irmã Rita, venha cá depressa, e a freira aparece logo e pergunta, Estás bem, Francis?

Estou, Irmã.

Não está nada bem, Irmã. Está a comer a gelatina com leite creme antes do almoço. É pecado, Irmã.

Ora, querida, podes ir que eu falo com o Francis.

Fale, Irmã, fale com ele porque senão todas as crianças do hospital vão começar a comer o doce antes de almoço e depois onde é que vamos parar?

Tens razão, tens razão, onde é que vamos parar? Agora podes ir.

A rapariga vai-se embora e a Irmã Rita sorri para mim. Deus a abençoe, não lhe escapa nada, mesmo com a confusão que lhe vai na cabeça. Temos de ter paciência com ela, Francis, por causa da falha que ela tem.

Vai-se embora e aquela enfermaria vazia fica em silêncio. Quando acabo de comer, fico sem saber o que fazer, porque não devemos fazer nada sem nos dizerem. Nos hospitais e nas escolas dizem-nos sempre o que devemos fazer. Espero muito tempo até que aparece a rapariga do vestido azul para vir buscar o tabuleiro. Já acabaste? pergunta ela.

Já.

Pronto, já comeste. Agora podes ir para casa.

De certeza que as raparigas que têm uma falha na cabeça não nos podem dizer para irmos para casa e fico sem saber se devo ou não esperar pela Irmã Rita. Uma enfermeira que passa no corredor diz-me que a Irmã Rita está a almoçar e não pode ser incomodada.

É muito longe de Union Cross a Barrack Hill e, quando chego a casa, a minha família está lá em cima na Itália a comer a cabeça de porco, as couves e as batatas branquinhas e farinhentas. Conto-lhes como foi o meu almoço de Natal. A Mãe quer saber se comi com as enfermeiras e com as freiras e fica um bocado zangada quando lhe conto que comi sozinho numa enfermaria, não é maneira de tratar uma criança. Diz-me, Senta-te e come um bocado de cabeça de porco, e eu empurro a comida à força para a boca e fico tão cheio que tenho de me deitar na cama com uma pança que nunca mais acaba.

~~

É de manhã cedo e pára um carro à nossa porta, o primeiro que

alguma vez apareceu lá na rua. Saem de lá uns homens de fato e espreitam para dentro da porta do estábulo onde está o cavalo Finn. Deve estar a acontecer qualquer coisa de mal porque nesta rua nunca aparecem homens de fato.

É o cavalo Finn. Está deitado no chão do estábulo de olhos revirados para a rua e tem um líquido branco parecido com leite à volta da boca. O homem do estábulo que trata do Finn diz que o encontrou assim de manhã e que é estranho porque ele está sempre de pé e pronto a comer. Os homens abanam a cabeça. O meu irmão Michael diz a um dos homens, Senhor, o que é que o Finn tem?

O cavalo está doente, filho. Vai para casa.

O homem do estábulo que trata do Finn cheira a uísque. Diz ao Michael, O cavalo está pronto. Tem de levar um tiro. O Michael puxa-me pela mão, Frank, não os deixes matarem-no. Diz-lhes que não. Tu já és grande.

O homem do estábulo diz, Vai para casa, miúdo. Vai para casa.

O Michael atira-se a ele aos pontapés, arranha-lhe as mãos, e o homem dá um piparote ao Michael. Segura o teu irmão, diz ele para mim, segura-o.

Um dos outros homens tira uma coisa amarela e castanha de uma mala, chega-se ao Finn, encosta-lhe aquilo à cabeça e ouve-se um estalido agudo. O Finn estremece. O Michael grita com o homem e atira-se a ele, mas o homem diz, O cavalo estava doente, filho. É melhor assim.

Os homens de fato vão-se outra vez embora no carro e o homem do estábulo diz que tem de esperar pelo camião que vai levar o Finn, não pode deixá-lo ali sozinho, senão as ratazanas atiram-se a ele. Pergunta se ficamos de olho no cavalo com o nosso cão Lucky, enquanto ele vai ao *pub*, está doido por uma cerveja.

Nenhuma ratazana terá qualquer hipótese de se chegar ao cavalo Finn da maneira que o Michael está a tomar conta dele, com um pau. O homem volta a cheirar a cerveja e a seguir vem o camião para levar o cavalo, um camião muito grande com três homens e duas grandes tábuas que vão desde a parte de trás do camião até ao pé da cabeça do Finn. Os três homens que vieram no camião e o homem do estábulo atam uma corda à volta do Finn e puxam-no por cima das tábuas, e as pessoas lá da rua gritam com eles por causa dos pregos e das falhas que há nas tábuas, que arrancam a pele ao cavalo e tingem as tábuas de um vermelho claro que é sangue de cavalo.

Estão a dar cabo daquele cavalo.

Será que não podem ter respeito pelos mortos? Tenham cuidado com o pobre do cavalo.

O homem do estábulo diz, Por amor de Deus, por que é essa barulheira? É só um cavalo morto, e o Michael torna a correr para ele, de cabeça inclinada e a ameaçá-lo com os seus punhos pequeninos, até que o homem lhe dá um empurrão e ele cai de costas, e a Mãe avança para o homem do estábulo com tamanha fúria que ele desata a correr pelas tábuas e passa por cima do Finn para fugir. Volta à noite, perdido de bêbedo, para curar a bebedeira e depois de se ir embora começa a sair fumo do feno e o estábulo arde e o fogo afugenta as ratazanas que correm pela rua acima com todos os rapazes e todos os cães a correrem atrás delas, até que conseguem fugir para as ruas das pessoas respeitáveis.

IX

A Mãe diz, Com o Alphonse já chega. Estou esgotada. Acabou-se. Não há mais filhos.

O Pai diz, A boa mulher católica tem de cumprir os seus deveres de esposa e submeter-se ao marido se não quer sofrer a condenação eterna.

A Mãe diz, Desde que não tenha mais filhos, não tenho nada contra a condenação eterna.

O que é que o Pai há-de fazer? Há uma guerra. Os agentes ingleses andam a recrutar irlandeses para trabalharem nas fábricas de munições, pagam bem, não se arranja trabalho na Irlanda, e se a nossa mulher nos volta as costas, falta de mulheres é coisa que não há em Inglaterra, pois os homens válidos estão no estrangeiro a lutar contra o Hitler e o Mussolini e podemos fazer tudo o que quisermos, desde que nunca nos esqueçamos que somos irlandeses e de uma classe baixa e não tentemos mostrar mais do que aquilo que somos.

Por toda a rua há famílias a receberem vales de correio dos homens, que estão na Inglaterra. Vão a correr aos Correios levantar os vales para poderem ir às compras e mostrarem a toda a gente como a sua vida anda a correr bem ao sábado à noite e ao domingo de manhã. Os rapazes vão cortar o cabelo ao sábado, as mulheres enrolam o cabelo com tenazes de ferro que aquecem no lume. Agora são muito importantes, pagam seis *pence* ou até mesmo um xelim para irem para os lugares do Cinema Savoy onde se encontram pessoas de uma classe melhor do que as classes pobres que enchem os lugares de dois *pence* nas galerias do Lyric e estão sempre a gritar para o ecrã, aquele tipo de pessoas que são capazes de dar vivas aos Africanos quando atiram lanças ao Tarzan ou aos índios quando estão a tirar os escalpos à Cavalaria dos Estados Unidos. Aos domingos os novos-ricos vão para casa depois da missa todos emproados e enchem a

pança de carne, batatas, doces e bolos aos montes, e não se importam nada de beber chá por chávenas pequenas e muito finas, pousadas em cima de pires que servem para apanhar o chá que escorre, e quando levantam a chávena espetam o dedo mindinho para mostrarem como são refinadas. Algumas até deixam de ir aos cafés de peixe e batatas fritas porque não se vê lá outra coisa senão soldados bêbedos, mulheres da vida, homens que gastam o dinheiro do subsídio na bebida e as mulheres deles a gritarem-lhes para irem para casa. Esses valentes novos-ricos param agora pelo Restaurante Savoy ou pelo Stella para beberem chá, comerem bolinhos, limparem a boca dando pancadinhas com o guardanapo, todos não me toques, depois vêm para casa de autocarro a queixarem-se de que o serviço já não é o que era. Agora têm electricidade e vêem coisas que nunca tinham visto e quando a noite cai acendem a telefonia sem fios para saberem como vai a guerra. Agradecem a Deus que Hitler tenha aparecido, pois se ele não tivesse invadido a Europa toda, os homens da Irlanda continuavam a esfregar o rabo na bicha da Bolsa de Emprego.

Algumas famílias cantam,

**Yip aye aidy aye ay aye oh Yip aye aidy aye ay,
Não queremos saber da Inglaterra nem da França
Só queremos ver como a Alemanha avança**

Se o ar fica fresco, acendem o calorífero para ficarem mais confortáveis e sentam-se na cozinha a ouvir as notícias e a dizerem que têm pena das mulheres e das crianças inglesas que as bombas alemãs andam a matar mas que é preciso não esquecer o que a Inglaterra nos fez durante oitocentos anos.

As famílias cujos pais estão na Inglaterra deitam isso à cara das outras. À hora do almoço e do chá, as mães novas-ricas vêm à porta chamar os filhos, Mikey, Kathleen, Paddy, venham almoçar. Venham depressa. A perna de carneiro está uma delícia, as ervilhas são lindas, as batatas são branquinhas e farinhentas.

Sean, Josie, Peggy, venham tomar o chá, venham já comer o pão mole, com manteiga e um ovo de pata lindo, que mais ninguém cá da rua tem.

Brendan, Anoie, Patsy, venham comer o serrabulho frito, as salsichas loirinhas e os bolinhos embebidos no melhor xerez espanhol.

Nestas alturas a Mãe diz-nos para ficarmos em casa. A nossa comida é só pão e chá e ela não quer que aqueles vizinhos que tanto gostam de atormentar as outras pessoas nos vejam de língua de fora, a penar por causa dos cheirinhos deliciosos que inundam a rua. Diz que é fácil de ver que não estão habituados a ter nada pela maneira como se gabam do que têm. Só gente do mais baixo que há é que se põe à porta de casa a apregoar aos quatro ventos o que é que vai comer ao jantar. Diz que é para tirarem despique connosco por causa do Pai ser um estrangeiro lá do Norte e não ter nada a ver com eles. O Pai diz que toda aquela comida vem do dinheiro dos Ingleses e não há-de vir nada de bom para quem a comer, mas que outra coisa não seria de esperar de Limerick, com as pessoas a aproveitarem-se da guerra do Hitler, a trabalharem e a combaterem para os Ingleses. Diz que nunca há-de ir ajudar a Inglaterra a ganhar uma guerra. A Mãe diz, Pois não, vais ficar cá onde não há trabalho nem um bocado de carvão para aquecer a água para o chá. Ficas cá a gastar o dinheiro do subsídio na bebida, se te der para isso. Ficas cá a ver os teus filhos de sapatos rotos e sem cu nas calças. Todas as casas da rua têm electricidade e nós já temos muita sorte se tivermos uma vela. Deus bem sabe que se eu tivesse passagem, era eu que ia para a Inglaterra, porque de certeza precisam lá de mulheres para trabalharem nas fábricas.

O Pai diz que uma fábrica não é lugar para mulheres.

A mãe diz, E estar de cu sentado nessa cadeira ao pé do lume também não é lugar para um homem.

Eu pergunto-lhe, Porque é que o Pai não pode ir para a Inglaterra para nós termos electricidade e uma telefonia e a Mãe poder ir à porta dizer a toda a gente o que é que vai ser o nosso almoço?

Ele pergunta, Não queres ter o teu Pai ao pé de ti?

Quero, mas pode voltar quando a guerra acabar e depois já podemos ir todos para a América.

Ele diz, com um suspiro, Oh!, está bem, está bem. Vou para Inglaterra a seguir ao Natal, porque a América também já entrou na guerra e por isso deve ser por uma justa causa. Nunca iria para lá, se os Americanos não tivessem entrado na guerra. Diz-me que vou ter de ser eu o homem da casa e faz um contrato com um agente para ir trabalhar para uma fábrica em Coventry que toda a gente diz ser a cidade mais bombardeada da Inglaterra. O agente diz, Há lá muito trabalho para quem queira. Pode fazer

horas extraordinárias até cair para o lado e, se poupar, quando voltar da guerra, vai parecer o Rockefeller.

Levantamo-nos cedo para nos irmos despedir do Pai à estação do caminho-de-ferro. A Kathleen O'Connell da loja sabe que o Pai vai para Inglaterra e vai mandar de lá muito dinheiro e, por isso, não se importa de deixar a Mãe comprar fiado chá, leite, açúcar, pão, manteiga e um ovo.

Um ovo.

A Mãe diz, Este ovo é para o vosso pai. Precisa de se alimentar por causa da longa viagem que tem pela frente.

É um ovo cozido. O pai tira a casca, parte-o em cinco bocados e dá a cada um de nós um bocadinho para pormos no pão. A Mãe diz, Não sejas palerma, e o Pai diz, Para que quer um homem um ovo inteiro para ele? A Mãe tem lágrimas nos olhos. Puxa a cadeira para junto do lume. Comemos o pão e olhamos para ela, a vê-la chorar, até que diz, Para onde é que estão a olhar? e vira-se para ver as cinzas. O pão e o ovo dela estão em cima da mesa e eu pergunto a mim próprio quais serão os planos dela em relação a eles, porque têm um aspecto delicioso e eu ainda estou com fome. Mas o Pai levanta-se e leva-lhos. Ela diz que não com a cabeça, mas ele aproxima-os mais dela, até que acaba por comer o pão e beber o chá, sempre a fungar e a chorar. O Pai senta-se em frente dela, em silêncio, até que a certa altura olha para o relógio e diz, Está na hora. Põe o boné e agarra no saco. A Mãe embrulha o Alphie num cobertor velho e pomo-nos a caminho pelas ruas de Limerick.

Há mais famílias pelas ruas. Os pais que vão partir vão à frente, as mães levam bebés ao colo ou em carrinhos. As mães com carrinhos dizem às outras mães, Por amor de Deus, minha senhora, deve estar estafada de levar essa criança ao colo. Ponha-a aqui no carrinho e descanse os seus pobres braços.

Os carrinhos chegam a ter quatro e cinco bebés lá dentro, todos aos guinchos, porque os carrinhos são velhos, as rodas tortas e os bebés abanam tanto que ficam agoniados e vomitam a papa.

Os homens dizem uns para os outros, Belo dia, Mick. Está um dia lindo para viajar, Joe. Pois está, Mick. Podíamos beber uma cerveja antes de partirmos, Joe. Pois podíamos, Mick. Para irmos para onde vamos, não faz mal irmos bêbedos, Joe.

Riem-se e as mulheres que seguem atrás deles têm lágrimas nos olhos e o nariz encarnado.

Os **pubs** à volta da estação estão cheios de homens a gastarem na bebida o dinheiro que os agentes lhes deram para comprarem comida durante a viagem. Estão a beber a última cerveja, a última gota de uísque em solo irlandês, pois só Deus é que sabe se não serão os últimos que vamos beber, Mick, da maneira que os Alemães estão a correr com os Ingleses de Inglaterra à bomba, e já não era sem tempo depois do que eles nos fizeram, mas não é uma tragédia termos de ir para lá salvar o pêlo do nosso inimigo ancestral? As mulheres ficam à porta dos **pubs** a conversar. A Mãe diz à Sra. Meehan, O primeiro vale que receber vai ser para ir à loja comprar um grande pequeno-almoço para podermos comer um ovo cada um num domingo de manhã.

Olho para o meu irmão Malachy. Ouviste? Um ovo para cada um num domingo de manhã. Oh!, meu Deus, já estava a fazer planos para o meu ovo: dar-lhe uma pancadinha em cima, partir a casca com cuidado, levantá-la com uma colher, pôr um bocadinho de manteiga em cima da gema, sal, tudo com muita calma, meter a colher, tirar um bocado, mais sal, mais manteiga, para dentro da boca, oh!, Deus seja louvado, se o céu sabe a alguma coisa tem de ser a ovo com manteiga e sal, e a seguir ao ovo há alguma coisa que saiba melhor do que pão ainda quente e uma caneca de chá dourado e doce?

Alguns homens já estão tão bêbedos que não conseguem andar e os agentes ingleses pagam a homens sóbrios para os arrancarem dos **pubs** e os atirarem para cima de um palanque puxado por cavalos para serem içados para a estação e atirados para dentro do comboio. Os agentes tentam desesperadamente tirá-los todos dos **pubs**. Saíam daí, homens. Perder o comboio é perder um bom emprego. Saíam daí. Em Inglaterra também há Guinness. Também há Jameson. Vá lá, homens. Por favor. Estão a gastar o dinheiro da comida na bebida e não vão receber mais.

Os homens dizem aos agentes que deviam lambe-lhes o cu, a eles Irlandeses, que têm muita sorte em estarem vivos, muita sorte em não terem sido enforcados no candeeiro mais próximo depois de tudo o que fizeram à Irlanda. E cantam,

**Em Mountjoy numa manhã de segunda-feira,
Bem no alto da forca
Kevin Barry deu a sua vida, ainda jovem,
Pela causa da liberdade*.*

O comboio apita na estação e os agentes imploram às mulheres que vão buscar os maridos aos **pubs**, e os homens saem aos tropeções, a cantarem, a chorarem, a abraçarem as mulheres e os filhos e a prometerem que hão-de mandar tanto dinheiro que Limerick irá transformar-se noutra Nova Iorque. Sobem os degraus da carruagem e as mulheres e os filhos gritam-lhes, Kevin, meu amor, tem cuidado e não andes com a camisa molhada.

Seca as peúgas, Michael, senão as bolhas nos pés vão dar cabo de ti.

Paddy, cuidadinho com a bebida, estás a ouvir, Paddy?

Pai, Pai, não vá, Pai.

Tommy, não te esqueças de mandar dinheiro. Os miúdos estão pele e osso.

Peter, não te esqueças de tomar o remédio. Olha que o teu peito é fraco. Valha-nos Deus.

Larry, tem cuidado com as malvadas das bombas.

Christy, não fales com as inglesas. Estão cheias de doenças.

Jackie, não vás. Havemos de nos arranjar. Não vás, Jackiie, Jackiie, oh!, por amor de Deus, não vás.

O Pai faz-nos uma festinha na cabeça. Diz-nos para não nos esquecermos dos nossos deveres religiosos mas o mais importante é obedecermos à nossa mãe. Está parado à frente dela. A Mãe tem o Alphie ao colo. O Pai larga o saco e abraça-a. Ficam assim por um instante até que o bebé começa a chorar. O Pai diz que sim com a cabeça, pega no saco, entra para a carruagem, volta-se para dizer adeus e vai-se embora.

Quando chegamos a casa, a Mãe diz, Não me interessa. Sei que parece uma extravagância mas vou acender o lume e fazer mais chá, porque não é todos os dias que o vosso pai vai para a Inglaterra.

Sentamo-nos à volta do lume, bebemos o chá e choramos porque agora não temos pai, até que a Mãe diz, Não chorem, não chorem. Agora que o vosso pai foi para a Inglaterra, tenho a certeza de que os nossos problemas vão acabar.

A certeza.

A Mãe e a Bridey Hannon estão lá em cima na Itália sentadas ao pé do lume a fumarem Woodbines e a beberem chá, e eu estou sentado nas escadas a ouvi-las. O nosso pai está na Inglaterra para nós podermos ir à loja da Kathleen O'Connell buscar tudo o que queremos e só pagarmos quando ele começar a mandar dinheiro, daqui por quinze dias. A Mãe diz à Bridey que está

ansiosa por sair desta porcaria desta rua e ir para um sítio onde haja uma casa de banho decente que não sejamos obrigados a dividir com meio mundo. Vamos ter botas e casacos novos para não nos molharmos e não chegarmos a casa esfomeados. Ao domingo ao pequeno-almoço vamos comer ovos com toucinho e ao almoço presunto, couves e batatas. Vamos ter luz eléctrica, por que é que não havemos de ter? O Frank e o Malachy não nasceram na América onde toda a gente tem luz?

A única coisa que temos de fazer é esperar duas semanas até o rapaz dos telegramas nos bater à porta. O Pai vai ter de assentar no trabalho dele lá na Inglaterra, comprar roupa de trabalho e arranjar um sítio para ficar, por isso o primeiro vale não vai ser grande, três libras ou três libras e dez, mas dentro em breve iremos ser como as outras famílias cá da rua, cinco libras por semana, pagar as dívidas, comprar roupa nova, pôr qualquer coisa de lado para o dia em que agarrarmos na trouxa e abalarmos para a Inglaterra e aí poupar para ir para a América. Até a Mãe podia arranjar trabalho em Inglaterra numa fábrica de bombas ou outra coisa qualquer e Deus bem sabe que nós nem nos reconheceríamos se o dinheiro comesse a entrar a rodos. A Mãe não gostava que nós tivéssemos sotaque inglês quando formos maiores, mas mais vale ter sotaque inglês do que ter a barriga vazia.

A Bridey diz que não interessa qual o sotaque que os Irlandeses têm, porque jamais se esquecerão do que os Ingleses lhes fizeram durante oitocentos anos.

Sabemos como são os sábados na nossa rua. Sabemos que há algumas famílias como os Downes que moram do outro lado da rua que recebem o vale cedo porque o Sr. Downes é um homem com bons hábitos que bebe uma ou duas cervejas à sexta-feira e depois vai para a cama. Sabemos que os homens como ele vão a correr aos Correios mal recebem o salário, para que as suas famílias não tenham de esperar nem de se preocupar por um minuto que seja. Os homens como o Sr. Downes mandam aos filhos asas da RAF para pregarem aos casacos. Era o que nós também queríamos e pedimos ao Pai antes de ele se ir embora, Pai, não se esqueça dos distintivos da RAF, Pai.

Vemos os rapazes dos telegramas nas suas bicicletas a subir e a descer a rua às curvas. Andam felizes da vida, porque as gorjetas que recebem nas ruas como a nossa são maiores do que as que recebem nas ruas e avenidas dos ricos e que até o vapor

do miço deles dariam de má vontade.

As famílias que recebem os vales cedo ficam com um ar satisfeito. Vão ter o sábado todo para se gozarem do dinheiro. Vão fazer compras, vão comer, vão ter o dia todo para pensar o que irão fazer à noite e isso é quase tão bom como sair no sábado à noite porque quando se tem uns xelins no bolso, não há nenhuma noite tão deliciosa como a de sábado.

Há famílias que não recebem o vale todas as semanas, e sabemos quais são pelo seu ar ansioso. A Sra. Meagher passou os sábados à porta, à espera, durante dois meses. A minha mãe diz que morreria de vergonha de esperar assim à porta. Todas as crianças que andam a brincar na rua estão sempre de olho no rapaz dos telegramas. Ei, rapaz dos telegramas, tens alguma coisa para os Meagher? e, quando ele diz que não, perguntam, Tens a certeza? e ele responde, Claro que tenho a certeza. Sei bem o que trago dentro da merda da bolsa.

Toda a gente sabe que depois das Ave-Marias às seis da tarde o rapaz dos telegramas já não vem mais e a noite traz consigo o desespero para mulheres e crianças.

Rapaz dos telegramas, procura lá outra vez na bolsa. Por favor. Oh!, meu Deus.

Já procurei. Não tenho nada para vocês.

Oh!, meu Deus, procura lá. O nosso nome é Meagher. Procuras?

Sei muito bem que o vosso nome é Meagher e já procurei.

As crianças agarram-no na bicicleta e ele afasta-as aos pontapés: Larguem-me, por amor de Deus.

O dia acaba quando tocam as Ave-Marias às seis da tarde. Quem recebeu o vale está a jantar de luz eléctrica acesa para toda a gente ver e quem não recebeu o vale tem de acender uma vela e ir à loja, Kathleen O'Connell ver se ela lhes fia algum pão e chá até à semana que vem a esta mesma hora, quando com a ajuda de Deus e da Sua Santa Mãe o vale chegar.

O Sr. Meehan ao cimo da rua foi para Inglaterra com o Pai e, quando o rapaz dos telegramas pára à porta deles, sabemos que a seguir somos nós. A Mãe já tem o casaco ao pé de si para ir aos Correios, mas não sai da cadeira ao pé do lume lá em cima na Itália enquanto não tiver o telegrama na mão. O rapaz dos telegramas desce a rua e pára à porta dos Downes. Entrega-lhes o vale, guarda a gorjeta e vira a bicicleta para subir outra vez a rua. O Malachy grita-lhe, Rapaz dos telegramas, trazes alguma coisa para os McCourt? O nosso vale vem hoje. O rapaz

abana a cabeça e vai-se embora.

A Mãe está a fumar um Woodbine. Bem, temos o dia todo, mas eu gostava de ir às compras cedo antes de os melhores presuntos desaparecem do talho do Barry. A Mãe não pode sair de ao pé do lume e nós não podemos sair da rua com medo de que o rapaz dos telegramas venha e não encontre ninguém em casa. Se isso acontecesse, tínhamos de esperar até segunda-feira e íamos ficar com o fim-de-semana completamente estragado. Temos de ver os Meehan e todos os outros a pavonearem-se com os seus fatos novos, a acartarem para casa ovos, batatas e salsichas para comerem no domingo e a saírem para ir ao cinema no sábado à noite. Não, não podemos dar nem um passo enquanto o rapaz dos telegramas não chegar. A Mãe diz que entre o meio-dia e as duas não vale a pena preocuparmo-nos porque a essa hora os rapazes dos telegramas vão almoçar e de certeza que entre as duas e as Ave-Marias vai ser um rodopio. Não vale a pena preocuparmo-nos até às seis da tarde. Fazemos parar todos os rapazes dos telegramas. Dizemos-lhes que o nosso nome é McCourt, que é o primeiro vale que vamos receber, que deve ser três libras ou mais, que se calhar esqueceram-se de pôr o nosso nome ou a nossa morada no vale, perguntamos-lhe se tem a certeza, se tem mesmo a certeza. Um deles diz que vai perguntar nos Correios. Diz que sabe o que é estar à espera do rapaz dos telegramas porque o pai dele é um sacana de um bêbedo que anda lá pela Inglaterra e nunca mandou um tostão. A Mãe ouve lá dentro e diz-nos que nunca se deve falar assim de um pai. O mesmo rapaz torna a aparecer quase à hora das Ave-Marias e diz-nos que perguntou à Sra. O'Connell lá dos Correios se tinha recebido alguma coisa para os McCourt e ela disse que não. A Mãe volta-se para as cinzas apagadas do lume e chupa o último bocadinho da beata do Woodbine presa entre o polegar castanho e o dedo médio queimado. O Michael, que ainda só tem cinco anos e não vai perceber nada enquanto não tiver onze como eu, quer saber se vamos comer peixe com batatas fritas porque está com fome. A Mãe diz-lhe, Para a semana, querido, e ele torna a ir brincar para a rua.

Quando o primeiro vale não chega, fica-se sem saber o que fazer. Não se pode ir para a rua brincar com os nossos irmãos porque já não está ninguém na rua e seria uma vergonha ficar lá fora a sofrer com o cheiro das salsichas, do toucinho e do pão frito. Não se quer ver a luz eléctrica pelas janelas nem ouvir

as notícias da BBC ou da Rádio Irlanda nas telefonias das outras pessoas. A Sra. Meagher e os filhos foram para dentro de casa e só se vê a luz trémula de uma vela na cozinha da casa deles. Também estão com vergonha. Ficam em casa ao sábado à noite e nem sequer vão à missa ao domingo de manhã. A Bridey Hannon disse à Mãe que a Sra. Meagher tem uma vergonha enorme dos farrapos com que andam vestidos e está tão desesperada que foi ao Dispensário pedir ajuda à assistência social. A Mãe diz que isso é a pior coisa que pode acontecer a uma família. É pior do que viver do subsídio de desemprego, pior do que ir à Sociedade de São Vicente de Paulo, pior do que andar pelas ruas a pedir esmola com os boémios e vadios. É o último recurso que as pessoas têm antes de irem para o albergue dos pobres e meterem os filhos no orfanato.

Tenho uma ferida ao cimo do nariz, entre as sobrancelhas. É cinzenta, vermelha e dá-me comichão. A Avó diz, Não toques nisso e não lhe chegues água, senão alastra. Se fosse um braço partido, ela diria, Não lhe chegues água, senão alastra. Mas a ferida alastra para os olhos, que ficam vermelhos e deitam um líquido amarelo que os faz estarem colados de manhã. Ficam tão colados que tenho de os abrir à força com os dedos, e a Mãe tem de tirar aquela coisa amarela com um trapo molhado e pó bórico. Caem-me as pestanas e todos os bocadinhos de pó de Limerick me entram para os olhos nos dias de vento.

A Avó diz que tenho os olhos nus e que a culpa é minha por passar a vida sentado ao cimo da rua debaixo do candeeiro, faça o tempo que fizer, com o nariz enfiado nos livros, e que há-de acontecer o mesmo ao Malachy, se não parar com a leitura. Até o Michael, ainda tão pequenino, já está a ganhar esse mau hábito, com o nariz sempre metido nos livros em vez de andar a brincar ao ar livre, que é o que dá saúde às crianças. Livros, livros, livros, diz a Avó. Hão-de dar cabo dos olhos.

Está a beber chá com a Mãe e eu ouço-a segredar, O remédio é dar-lhe cuspo de Santo António.

O que é isso? pergunta a Mãe.

É o teu cuspo de manhã, quando ainda estás em jejum. Vai ao pé dele, antes de ele acordar, e cospe-lhe para os olhos, porque o cuspo de uma mãe em jejum tem grande poder de cura.

Mas eu acordo sempre antes da Mãe. Muito antes de ela se mexer na cama, já eu abri os meus olhos à força. Ouço os passos dela no chão e quando está ao pé de mim, preparada para cuspir,

abro os olhos e ela diz, Graças a Deus. Tens os olhos abertos.

Acho que estão a melhorar.

Ainda bem, e volta para a cama.

Os meus olhos nunca mais estão bons e ela leva-me ao Dispensário, que é onde os pobres vão ao médico e arranjam os remédios. É o lugar onde se recorre à assistência social, quando não se tem pai ou está em parte incerta e não se recebe subsídio de desemprego nem qualquer espécie de salário.

Há bancos ao longo das paredes junto aos gabinetes dos médicos. Os bancos estão sempre cheios de pessoas a falarem dos seus males. Os velhos ficam sentados a gemer e os bebés choram e as mães dizem, Pronto, querido, pronto. Há um estrado alto no meio do Dispensário com um balcão em toda a volta, à altura do peito. Quem quer alguma coisa tem de se pôr numa bicha ao pé do estrado, para falar com Sr. Coffey ou com o Sr. Kane. As mulheres que estão nesta bicha são iguais às que estão na bicha da Sociedade de São Vicente de Paulo. Usam xailes e tratam o Sr. Coffey e o Sr. Kane com muito respeito, porque, se não o fizerem, arriscam-se a ouvir dizer para se irem embora e voltarem na semana seguinte, apesar de ser naquele preciso momento que estão a necessitar da assistência social ou de uma senha para ir ao médico. São eles que decidem se o nosso desespero é suficiente para termos direito à assistência social ou se a nossa doença justifica que vamos ao médico. Temos de lhes dizer à frente de toda a gente o que é que temos e muitas vezes ainda por cima se riem a bom rir. Dizem, Mas afinal o que é que quer, Sra. O'Shea? Uma senha para o médico, é isso? Mas qual é o seu mal, Sra. O'Shea? Ah!, é uma dor. Se calhar, foi uma ponta de ar. Ou, se calhar, foi couve a mais. Isso passa com couves. Riem-se e a Sra. O'Shea também se ri e todas as mulheres se riem e dizem que o Sr. Coffey e o Sr. Kane são muito engraçados e que não ficam atrás de Laurel e Hardy.

O Sr. Coffee diz, Então, mulher, diz lá como é que te chamas. Angela McCourt, senhor.

E o que é que queres?

É o meu filho, senhor. Tem os olhos doentes.

Oh!, meu Deus, pois tem, mulher. Tem os olhos num estado desesperado. Parecem dois sóis a nascer. Os Japoneses podiam pô-los na bandeira deles, ah, ah, ah. Deitaste-lhe ácido na cara ou quê?

É uma infecção qualquer, senhor. Teve febre tifóide no ano

passado e agora apareceu-lhe isto.

Está bem, está bem, não é preciso contares a história da tua vida. Toma lá a senha para ires ao Dr. Troy.

Há dois bancos compridos cheios de doentes para o Dr. Troy. A Mãe senta-se ao lado de uma mulher que tem uma grande ferida no nariz, que não há meio de passar. Já tentei tudo, minha senhora, todas as mezinhas que existem nesta terra de Deus. Será muito querer ir ao encontro do Redentor com o nariz curado? E a senhora, o que é que tem?

É o meu filho. Os olhos.

Ah!, Nosso Senhor nos valha e nos abençoe, olhem-me para esses olhos. Nunca vi olhos tão doentes em toda a minha vida. Nunca tinha visto um vermelhão assim.

É uma infecção, minha senhora.

Mas há cura para isso. Precisa de coifa.

O que é isso?

É uma coisa que os bebés têm na cabeça quando nascem, uma espécie de cobertura, com poderes raros e mágicos. Arranje uma coifa e ponha-lha em cima da cabeça num dia que tenha um três, obrigue-o a ficar três minutos sem respirar, nem que tenha de lhe dar uma chapada, salpique-o três vezes com água benta da cabeça aos pés e de manhã os olhos dele vão estar como novos.

E onde é que eu arranjo uma coifa?

Todas as parteiras têm coifas, minha senhora. O que é uma parteira sem coifa? Servem de cura para todas as doenças e afastam outras que possam vir.

A Mãe diz que vai falar com a enfermeira O'Halloran para ver se ela lhe arranja uma coifa.

Mal vê os meus olhos o Dr. Troy diz, Já para o hospital com este rapaz. Leve-o à enfermaria dos olhos do City Home. Está aqui a senha para ele ficar lá.

O que é que ele tem, Doutor?

Tem a pior conjuntivite que eu alguma vez vi em toda a minha vida, e mais outra coisa qualquer que eu não sei o que é. Precisa de ir ao médico dos olhos.

Quando tempo é que vai ter de lá ficar, Senhor Doutor?

Só Deus sabe. Há semanas que esta criança devia ter sido vista por mim.

A enfermaria tem vinte camas, ocupadas por homens e miúdos com ligaduras à volta da cabeça, vendas pretas nos olhos e óculos com lentes muito grossas. Alguns andam pela enfermaria a

tactear as camas com uma bengala. Há um homem que está sempre a gritar que nunca mais vai voltar a ver, que ainda é muito novo, que os filhos ainda são de colo e nunca mais vai tornar a vê-los. Jesus Cristo, oh!, Jesus Cristo, e as enfermeiras andam muito chocadas por ele invocar o nome do Senhor em vão. Pare com isso, Maurice, pare com essas blasfêmias. Tem saúde. Está vivo. Cada um tem os seus problemas. Ofereça o seu sofrimento a Deus e lembre-se de como Ele sofreu na cruz, com a coroa de espinhos, com os pés e as mãos trespassados pelos cravos, com a ferida de lado. O Maurice diz, Oh!, Jesus Cristo, baixai os Vossos olhos e tende piedade de mim. A Irmã Bernardette avisa-o de que se não tiver tento na língua o põem sozinho numa enfermaria, e ele diz, Deus seja louvado, e como isso já não é tão mau como Jesus Cristo, ela dá-se por satisfeita.

De manhã tenho de ir lá abaixo pôr as gotas. A enfermeira diz, Senta-te naquela cadeira alta. Tens aqui um reбуçado. O médico tem um frasco com um líquido castanho. Manda-me inclinar a cabeça para trás, Isso mesmo, agora abre os olhos, abre bem, e deita o líquido para o meu olho direito e é como se uma chama me entrasse para dentro do crânio. A enfermeira limpa-me a cara e manda-me ir a correr para a cama, mas eu não consigo ver quase nada e a minha vontade era meter a cara dentro de um gelado. O médico diz, corre, porta-te como um homem, como um bom soldado.

Vou a subir a escada e vejo tudo castanho e enevoadado. Os outros doentes estão sentados na cama com os tabuleiros com o almoço e o meu também lá está, mas eu não quero comer com o calor que vai dentro da minha cabeça. Sento-me na cama e um rapaz que está do outro lado diz-me, Não queres o teu almoço? Fica para mim, e vem buscá-lo.

Tento deitar-me, mas a enfermeira diz, Então, então, nada de estar metido na cama em pleno dia. O teu caso não é assim tão grave.

Tenho de ficar sentado de olhos fechados e vejo tudo castanho e preto, preto e castanho e tenho a certeza de que devo estar a sonhar porque, Deus seja louvado, olha o menino da febre tifóide, o Frankie, meu pequenino, a lua era um galeão fantasmagórico batido por mares enevoados, não é que fui promovido e sai do Hospital da Febre, graças a Deus, onde há todas as doenças e nunca se sabe que germes é que estamos a levar para casa, para a nossa mulher, metidos na roupa, e então

o que é tu tens, Frankie? com esses olhos aí na cabeça todos castanhos ? Tenho uma infecção, Seumas.

Ora, isso passa-te antes de te casares, Frankie. Os olhos precisam de exercício. Faz muito bem piscar os olhos. Tinha um tio que sofria dos olhos e foi a piscar os olhos que se curou. Todos os dias se sentava durante uma hora a piscar os olhos e acabou por dar resultado. Ficou com uns olhos muito fortes, lá isso é que ficou.

Gostava de lhe perguntar mais coisas sobre isso de piscar os olhos, mas ele diz, Lembras-te do poema, Frankie, daquele lindo poema da Patricia?

Está na passagem entre as camas, com a esfregona e o balde e diz o poema do salteador. Todos os doentes param de gemer, as freiras e as enfermeiras param a ouvir, e Seumas continua até ao fim e, nesse momento, toda a gente desata a bater palmas e a dar-lhe vivas e ele diz que adora aquele poema e que há-de tê-lo para sempre na cabeça, vá para onde for, e que se não fosse o Frankie McCourt, que está ali, quando teve o tifo, e a pobre da Patricia Madigan, que tinha difteria e morreu, Deus tenha a sua alma em descanso, ele nunca o teria aprendido. E, assim, fiquei famoso na enfermaria dos olhos do City Home Hospital graças ao Seumas.

A Mãe não pode vir visitar-me todos os dias, é muito longe, nem sempre tem dinheiro para vir de autocarro e custa-lhe a andar por causa dos calos. Acha que os meus olhos estão melhores, mas é difícil ver por causa do líquido castanho, que parece e cheira a iodo, e se é alguma coisa parecida com iodo deve arder. Mas costuma dizer-se que o que arde cura. Dão-lhe autorização para me levar a passear pelo jardim, quando o tempo melhora, e tenho uma visão estranha, o Sr. Timoney de pé, encostado à parede onde costumam estar os velhos, com os olhos erguidos para o céu. Quero falar com ele, mas tenho de perguntar à Mãe porque nunca se sabe o que se pode e não pode fazer num hospital.

Sr. Timoney.

Quem é? Quem é que temos aqui?

O Frank McCourt, Sr. Timoney.

Francis, oh!, Francis.

A Mãe diz, Sou a mãe dele, Sr. Timoney.

Muito bem. Abençoados sejam. Não tenho amigos, nem parentes, nem a minha cadela Macushla. E tu, Francis, que estás aqui a

fazer?

Tenho uma infecção nos olhos.

Oh!, meu Jesus, Francis, nos olhos não, nos olhos não. Ainda és muito novo para isso.

Sr. Timoney, quer que leia para si?

Com os olhos assim, Francis? Não, filho. Poupa a vista. A leitura já ficou para trás. Tenho tudo o que preciso dentro da cabeça. Tive esperteza suficiente para pôr tudo dentro da cabeça quando era novo, e agora tenho uma biblioteca dentro dela. Os Ingleses mataram a minha mulher. Os Irlandeses mataram a minha pobre e inocente Macushla.

A Mãe diz, O mundo está terrível, mas Deus é grande.

Pois é, minha senhora, Deus fez o mundo, o mundo está terrível, mas Deus é grande. Adeus, Francis. Descansa os olhos e, quando ficarem bons, lê até eles te caírem da cabeça. Passámos uns bons bocados com o Jonathan Swift, não passamos, Francis?

Passámos, Sr. Timoney.

A Mãe leva-me outra vez para a enfermaria dos olhos e diz-me, Não estejas a chorar pelo Sr. Timoney. Ele nem sequer é teu pai. Além disso, vais dar cabo dos olhos.

~~

O Seumas vem três vezes por semana à enfermaria e traz sempre poemas novos na cabeça. Sabes, Frankie, fizeste a Patricia ficar triste por não teres gostado daquele do mocho e da gata, diz ele.

Tenho muito pena, Seumas.

Trago-o na cabeça, Frankie, e digo-to se prometeres que não dizes que é uma patetice.

Prometo, Seumas.

Diz o poema e toda a gente na enfermaria o adora. Querem aprendê-lo de cor, e o Seumas repete-o mais três vezes, até que já é a enfermaria em peso a dizer,

**O Mocho e a Gata foram para o mar*

Num lindo barco verde-ervilha.

Levaram com eles também algum dinheiro :,

Embrulhado numa folha de jornal.

O Mocho ergueu os olhos para as estrelas,

E cantou com uma pequena guitarra,

Oh, minha linda Gatinha,

Oh, Gatinha, meu amor,
Que linda Gatinha tu és,
Tu és,
Tu és.
Que linda Gatinha tu és*.

Acompanham o Seumas a dizer o poema e, no fim, dão vivas e batem palmas, e o Seumas ri-se, encantado consigo próprio. Vai-se embora com a esfregona e o balde, e na enfermaria há gente a todas as horas do dia ou da noite a dizer,

*Oh, minha linda Gatinha,
Oh, Gatinha, meu amor,
Que linda Gatinha tu és,
Tu és,
Tu és.
Que linda Gatinha tu és*.

Mas um dia o Seumas aparece sem a esfregona e o balde e eu fico com medo de ele ter sido despedido por causa da poesia, mas ele está a sorrir e diz-me que vai trabalhar para uma fábrica na Inglaterra e, para variar, ganhar um ordenado decente. Vai trabalhar dois meses e depois vai mandar ir a mulher e, se Deus quiser, há-de dar-lhes filhos, porque ele tem de fazer alguma coisa com todos aqueles poemas que tem na cabeça e não há melhor solução do que dizê-los às crianças pequeninas em memória da doce Patricia Madigan, que morreu com difteria.

Adeus, Francis. Se soubesse escrever, mandava-te uma carta, mas vou pedir à minha mulher que escreva, quando for para lá. Se calhar, até vou aprender a ler e a escrever, para a criança que nascer não ter um pai parvo de todo.

Tenho vontade de chorar, mas na enfermaria dos olhos não se pode chorar, ainda por cima com aquele líquido castanho nos olhos e as enfermeiras a dizerem, Que vem a ser isto, que vem a ser isto, porta-te como um homem, e as freiras a dizerem, Oferece o teu sofrimento a Deus e lembra-te de como Ele sofreu nas cruz, com a coroa de espinhos, trespassado pela lança, com os pés e as mãos dilacerados pelos cravos.

Depois de estar um mês no hospital, o médico diz que posso ir para casa, apesar de ainda ter um bocadinho de infecção mas, se lavar bem os olhos com sabão e toalhas limpas e restabelecer a

saúde, alimentando-me bem, com muita carne e ovos, vou ter dois olhos muito brilhantes, ah, ah.

O Sr. Downes, do outro lado da rua, vem da Inglaterra para o enterro da mãe. Fala do meu pai à Sra. Downes. Ela conta à Bridey Hannon, e a Bridey conta à minha mãe. O Sr. Downes diz que o Malachy McCourt endoideceu completamente com a bebida, esbanja todo o dinheiro que ganha pelos **pubs** de Coventry, canta canções dos rebeldes irlandeses, mas os Ingleses não se importam porque já estão habituados aos disparates dele sobre os séculos de sofrimento, só não admitem é que nenhum homem se ponha num **pub** a insultar o Rei e a Rainha de Inglaterra, as suas duas lindas filhas e a Rainha-Mãe. Insultar a Rainha-Mãe é que é mesmo passar dos limites. Coitada da velhinha, ela não fez mal a ninguém! O Malachy está sempre a gastar na bebida o dinheiro para pagar o aluguer e, quando os senhor os correm com ele, vai dormir para os parques. É uma desgraça, lá isso é que é. Para o Sr. Downes é um alívio o McCourt não ser de Limerick para não estar a envergonhar a sua cidade tão antiga. Os juizes de Coventry estão a perder a paciência e, se o Malachy McCourt não parar com aquelas loucuras, vai acabar por ser expulso do país.

A Mãe diz à Bridey que não sabe o que há-de fazer com aquelas histórias da Inglaterra, nunca esteve tão desesperada na vida. A Kathleen O'Connell não quer vender-lhe mais nada fiado, a mãe dela só falta bater-lhe se lhe pedir nem que seja um xelim e a Sociedade de São Vicente de Paulo quer saber quando é que ela pára de pedir, ainda por cima tendo o marido na Inglaterra. Tem vergonha do estado em que andamos, com camisas velhas e esfarrapadas, as camisolas rasgadas, os sapatos rotos, as meias esburacadas. Passa a noite acordada a pensar que o gesto mais misericordioso que podia ter era pôr os quatro miúdos no orfanato e ir ela para Inglaterra arranjar um trabalho qualquer e, passado um ano, levar-nos para lá para termos uma vida melhor. Pode haver lá bombas, mas ela preferia bombas àquela vergonha de andar constantemente a pedir a este e àquele.

Mas não, aconteça o que acontecer, ela não suporta a ideia de nos pôr no orfanato. Não fazia mal se fosse a Cidade dos Rapazes na América e se o padre fosse tão simpático como o Spencer Tracy, mas não se pode confiar nos Irmãos Cristãos de Glin, que se entretêm a bater nas crianças e a matá-las à fome.

A Mãe diz que só lhe resta o Dispensário e a assistência

social, mas tem uma vergonha de morte de lhes ir pedir ajuda. Isso significa que se chegou ao fundo e pouco falta para ser como os boémios, os vadios e todos os outros mendigos que andam pelas ruas. Significa que tem de se rastejar perante o Sr. Coffey e o Sr. Kane. Felizmente que o Dispensário fica na outra ponta de Limerick para ninguém cá na rua ficar a saber que andamos a viver da assistência social.

Algumas mulheres disseram-lhe que é bom ir lá cedo, logo de manhã, pois a essa hora talvez o Sr. Coffey e o Sr. Kane ainda estejam bem-dispostos. Se se vai tarde, podem já estar irritados por verem centenas de homens, mulheres e crianças doentes e a pedirem ajuda. Vai levar-nos para provar que tem quatro crianças para alimentar. Faz-nos levantar cedo e diz-nos, pela primeira vez na vida, para não lavarmos a cara, não nos penteamos e vestirmos uns farrapos velhos. Manda-me esfregar muito os olhos ainda inflamados para ficarem muito vermelhos, porque quanto pior for o nosso aspecto mais possibilidades há de nos concederem a assistência social. Queixa-se de que o Malachy, o Michael e o Alphie têm um ar saudável de mais e pergunta por que é que logo naquele dia não hão-de ter os joelhos esfolados, um golpe qualquer ou um olho negro. Se encontrarmos alguém nas ruas de Limerick, não podemos dizer onde é que vamos. Já se sente suficientemente envergonhada sem apregoar aos quatro ventos onde vai e nem quer imaginar quando a mãe dela souber.

Já há bicha à porta do Dispensário. Há mulheres como a Mãe com bebés ao colo, como o Alphie, e crianças a brincarem no passeio. As mulheres aconchegam os bebés por causa do frio e gritam aos que estão a brincar para não irem para a rua não vá um carro ou uma bicicleta apanhá-los. Há homens e mulheres já velhos encostados à parede a falarem sozinhos ou calados. A Mãe avisa-nos para não sairmos de ao pé dela e ficamos meia hora à espera que a porta grande seja aberta. Um homem manda-nos entrar ordenadamente e por-nos em bicha à frente do estrado, que o Sr. Coffey e o Sr. Kane não demoram nada, estão a acabar de tomar o chá noutra sala. Uma mulher queixa-se de que os seus filhos estão cheios de frio e pergunta se o Coffey e o Kane não podem despachar-se a tomar o chá. O homem diz que ela é uma desordeira, mas desta vez não vai assentar o nome dela por causa de estar uma manhã tão fria mas, se disser mais uma palavra, vai arrepende-se. Sr. Coffey e o Sr. Kane sobem para

o estrado e não ligam às pessoas. O Sr. Kane põe os óculos, tira-os, limpa-os, torna a pô-los, olha para o tecto. O Sr. Coffey lê papéis, escreve coisas, passa papéis ao Sr. Kane. Dizem segredinhos um ao outro. Demoram o tempo que querem. Não olham para nós.

Por fim o Sr. Kane chama o primeiro velhote. Como é que se chama?

Timothy Creagh, senhor.

Creagh? Um nome bem bonito e bem antigo de Limerick.

Pois é, senhor. Pois é.

O que é você quer, Creagh?

Ah!, ando outra vez com aquelas dores no estômago e gostava de ir ao Dr. Feeley. Ora bem, Creagh, tem a certeza de que não são as cervejas que andam a atacar-lhe o estômago?

Não, senhor, nem pensar. As dores são tantas que nem toco em cerveja. A minha mulher está em casa, de cama, e eu também tenho de tratar dela.

Há muita mandriice no mundo, Creagh. O Sr. Kane diz às pessoas que estão na bicha, Ouviram bem, minhas senhoras? Há muita mandriice, não há?

E as mulheres dizem, Há, sim, Sr. Kane, muita mandriice.

O Sr. Creagh lá recebe a senha para o médico, as pessoas avançam e chega a vez da Mãe. O Sr. Kane pergunta-lhe, É a assistência social que queres, mulher?

É, sim, Sr. Kane.

E onde é que está o teu marido?

Oh!, está em Inglaterra, mas...

Em Inglaterra? E onde é que está o dinheiro do vale, as cinco libras?

Há meses que lá está e nunca mandou um tostão, Sr. Kane.

A sério? Ora, e bem sabemos porquê, não sabemos? Sabemos o que os homens da Irlanda fazem em Inglaterra. Sabemos que há quem veja um ou outro homem de Limerick a pavonear-se com uma pega de Piccadilly, não sabemos?

Olha para as pessoas que estão na bicha, que sabem o que têm de dizer, Sabemos, Sr. Kane, e também sabem que têm de sorrir ou dar uma gargalhada porque senão as coisas azedam quando chegar a vez delas. Sabem que ele pode passá-las ao Sr. Coffey, que é conhecido por dizer não a tudo.

A Mãe diz ao Sr. Kane que o Pai está em Coventry e não ao pé de Piccadilly e o Sr. Kane tira os óculos e olha para ela. O

que vem a ser isto? Será que estamos a ter um pequeno desentendimento?

Oh!, não, Sr. Kane, por amor de Deus, nem pensar.

Fica sabendo, mulher, que a nossa política é não dar assistência às mulheres cujos maridos estão em Inglaterra. Quero que saibas que estás a tirar o pão da boca de pessoas que o merecem mais, porque ficaram neste país a dar o seu contributo por ele.

Muito bem, Sr. Kane.

E como é que te chamas?

McCourt, senhor.

Esse nome não é de Limerick. Onde é que foste buscar esse nome?

É o apelido do meu marido. Ele é do Norte.

É do Norte e deixa-te aqui para vires pedir assistência ao Estado Livre da Irlanda. Foi para isso que lutámos, foi?

Não sei, senhor.

Por que é que não vais a Belfast ver o que os Orangistas fazem por ti, hã?

Não sei, senhor.

Não sabes. Claro que não sabes. Há muita ignorância no mundo.

Olha para as pessoas e diz, Eu disse que há muita ignorância no mundo, e as pessoas acenam com a cabeça em sinal de que concordam que há muita ignorância no mundo.

Segreda qualquer coisa ao Sr. Coffey e olham para a Mãe e depois para nós. Por fim diz à Mãe que vai receber a assistência, mas que se receber um tostão que seja do marido, tem de retirar o pedido e devolver o dinheiro ao Dispensário. A Mãe promete que assim fará e vamos embora.

Seguimo-la até à loja da Kathleen O'Connell para irmos buscar chá, pão e uns bocados de turfa para o lume. Subimos as escadas para a Itália, acendemos o lume e bebemos o chá muito aconchegadinhos. Estamos todos muito calados, até o Alphie, que ainda é bebé, porque sabemos o que o Sr. Kane fez à nossa mãe.

X

Está frio e húmido lá em baixo na Irlanda, mas nós estamos cá em cima na Itália. A Mãe diz que devíamos levar o pobre do Papa lá para cima e pendurá-lo na parede em frente da janela. Afinal de contas, é amigo dos operários, é italiano e os Italianos são um povo habituado ao tempo quente. A Mãe senta-se ao pé do lume, a tremer, e nós sabemos que tem qualquer coisa porque não está a fumar. Diz que sente que está a ficar constipada e que lhe apetecia uma bebida ácida, uma limonada. Mas não temos um tostão em casa, nem sequer para o pão da manhã. A Mãe bebe chá e vai para a cama.

A cama range toda a noite com as voltas e reviravoltas dela, e não conseguimos dormir porque ela passa a noite a gemer e a pedir água. De manhã não se levanta, continua a tremer e nós continuamos muito calados. Se ela ficar a dormir por mais algum tempo, vai ser tarde de mais para eu e o Malachy irmos para a escola. As horas passam e ela continua sem se mexer. Depois de ver que já passa bastante da hora da escola, levanto-me e vou acender o lume para a chaleira. Ela mexe-se e pede limonada, mas eu dou-lhe um frasco de compota cheio de água. Pergunto-lhe se quer chá, mas ela reage como se estivesse surda. Está muito vermelha e é estranho nem sequer falar em cigarros.

Eu, o Malachy, o Michael e o Alphie sentamo-nos muito quietos ao pé do lume. Bebemos o chá, enquanto o Alphie mastiga o último bocado de pão que havia com açúcar. Faz-nos rir pela maneira como espalha o açúcar todo pela cara e se ri para nós com aquelas bochechas muito gorduchas e pegajosas. Mas não podemos rir-nos de mais, porque senão a Mãe pode saltar da cama e obrigar-me a mim e ao Malachy a irmos para a escola, e isso seria a nossa morte porque íamos chegar atrasados. Não nos rimos muito tempo, porque já não há mais pão e estamos os

quatro cheios de fome. Já não podemos comprar mais nada fiado na loja da O'Connell. Também não podemos ir pedir nada à Avó. Ela passa a vida a gritar-nos que o Pai é do Norte e que nunca manda dinheiro de Inglaterra onde está a trabalhar numa fábrica de munições. A Avó diz que até podíamos morrer de fome que ela não queria saber disso para nada. Havia de servir de lição à Mãe por ter casado com um homem do Norte, deslavado, com uma maneira de ser estranha e ar de presbiteriano.

Mas, mesmo assim, tenho de tentar mais uma vez a Kathleen O'Connell. Vou dizer-lhe que a minha mãe está doente, na cama, que os meus irmãos estão a morrer de fome e que daríamos a vida por um bocadinho de pão.

Calço os sapatos e atravesso as ruas de Limerick a correr para aquecer e suportar o frio de Fevereiro. Pelas janelas vejo como as pessoas estão aconchegadas nas suas cozinhas, com o lume a brilhar, as grelhas a esquentar e tudo a cintilar sob a luz eléctrica, as chávenas e os pires em cima das mesas com fatias de pão, manteiga, frascos de compota, o cheiro a ovos estrelados e toucinho frito a sair pelas janelas a fazer crescer água na boca, e as famílias sentadas à mesa, todos a sorrir e as mães enérgicas e asseadas, de avental, todos muito lavados e o Sagrado Coração de Jesus na parede, a olhar para eles, triste e a sofrer, mas apesar disso feliz por ver bons católicos a tomarem o pequeno-almoço, com tanta comida e tanta luz.

Tento procurar um pouco de música dentro da minha cabeça, mas a única coisa que lá tenho é a minha mãe a gemer, a pedir uma limonada.

Limonada. Está uma camioneta a afastar-se do *pub* South e a deixar lá à porta grades de cerveja e limonada e na rua não há vivalma. Num abrir e fechar de olhos meto duas garrafas de limonada debaixo da camisola e continuo a andar, a tentar fazer um ar inocente.

À porta da loja da Kathleen O'Connell está uma carrinha do pão. A porta de trás está aberta e vêem-se prateleiras com pão acabadinho de fazer ainda a fumegar. O motorista da carrinha está dentro da loja a tomar chá e bolos com a Kathleen e não me custa nada servir-me de um pão. Não está certo roubar a Kathleen que tem sido tão boa para nós, mas se eu for lá dentro pedir-lhe pão ela vai ficar aborrecida e vai dizer-me que lhe estou a estragar o chá da manhã, que, se não me importasse, ela

gostaria de tomar em paz e sossego. É mais fácil meter o pão debaixo da camisola com a limonada e prometer que hei-de contar na confissão.

Os meus irmãos estão outra vez na cama a brincarem debaixo dos cobertores, mas quando vêem o pão saltam logo da cama. Partimos o pão aos bocados porque estamos demasiado esfomeados para o partir em fatias e aproveitamos as folhas da manhã para fazermos chá. Quando a minha mãe se mexe, o Malachy chega-lhe a garrafa de limonada aos lábios e ela bebe-a até ao fim, ofegante. Se gosta assim tanto de limonada, vou ter de lhe arranjar mais.

Pomos o último bocado de carvão no lume e sentamo-nos em volta a contar histórias que inventamos, como o Pai costumava fazer. Conto aos meus irmãos as aventuras por que passei para arranjar a limonada e o pão e invento histórias de que foi perseguido por donos de **pubs** e de lojas e me escondi na Igreja de São José, onde é proibido perseguir criminosos, nem que tenham morto a própria mãe. O Malachy e o Michael fazem um ar muito chocado pela forma como arranjei o pão e a limonada, mas depois o Malachy diz que afinal foi o mesmo que o Robin dos Bosques teria feito, roubar aos ricos para dar aos pobres. O Michael diz que sou um bandido e que se for apanhado vou ser enforcado na árvore mais alta do Parque do Povo, como costuma acontecer aos bandidos nos filmes que passam no Cinema Lyric. O Malachy diz que era melhor eu pôr-me em estado de graça porque pode ser difícil arranjar um padre que queira ir ao meu enforcamento. Eu digo-lhe que o padre seria obrigado a ir. É para isso que os padres servem. O Roddy McCorley tinha um padre ao pé dele e o Kevin Barry também. O Malachy diz que não havia padres no enforcamento do Roddy McCorley nem do Kevin Barry, porque as canções não falam deles e começa a cantar as canções para provar o que está a dizer até que minha mãe geme na cama e o manda calar.

O Alphie adormeceu no chão ao pé do lume. Pomo-lo na cama ao pé da Mãe para ele ficar quentinho, mas não queremos que apanhe a doença dela e morra. Se ela acordar e o encontrar morto na cama ao pé dela, nunca mais vai acabar de se lamentar e ainda por cima há-de atirar as culpas para mim.

Deitamo-nos os três na nossa cama, aninhados debaixo dos cobertores e tentando não rebolar para a cova no colchão. Sabe bem estar ali, até que o Michael começa a ficar com medo que o

Alphie apanhe a doença da Mãe e que eu seja enforcado por ser um malfeitor. Diz que seria uma injustiça porque iria ficar só com um irmão e toda a gente tem imensos irmãos. Adormece com a preocupação e passado pouco tempo o Malachy também adormece, e eu fico acordado a pensar em compota. Não seria formidável arranjar outro pão e um frasco de compota de morango ou de outra coisa qualquer? Não me lembro de já ter visto uma carrinha a entregar frascos de compota, mas também não gostaria de ser como o Jesse James a entrar aos tiros numa loja e a exigir que me dessem compota. De certeza que isso seria motivo para ser enforcado.

Está um sol frio a entrar pela janela e eu tenho a certeza de que na rua está mais quente e ia ser uma grande surpresa para os meus irmãos acordarem e verem-me ali com mais pão e compota. Iam devorar tudo e depois continuar a falar dos meus pecados e do meu enforcamento.

A Mãe continua a dormir, mas tem a cara muito vermelha e faz um som estrangulado quando ressona.

Tenho de ir pela rua com cuidado porque é dia de escola e se o Guarda Dennehy me vir vai levar-me para a escola à força e o Sr. O'Dea vai andar a bater-me pela sala toda. O guarda é responsável pela nossa presença na escola e adora andar de bicicleta atrás de nós e levar-nos para a escola por uma orelha.

Está uma caixa à porta de uma das casas grandes de Barrington Street. Faço de conta que vou bater à porta para ver o que está dentro da caixa, e é uma garrafa de leite, um pão, queijo, tomates e, oh meu Deus, um frasco de compota de laranja. Não consigo esconder tudo debaixo da camisola. Oh!, meu Deus, será que devo levar a caixa com tudo? As pessoas que vão a passar não me prestam a mínima atenção. Posso levar a caixa. A minha mãe costuma dizer perdido por cem perdido por mil. Pego na caixa e tento fazer-me passar por moço de recados e ninguém me diz nada.

O Malachy e o Michael ficam fora de si quando vêem o que está dentro da caixa e começam logo a devorar grossas fatias de pão com montes de compota. O Alphie tem compota espalhada pela cara toda, pelo cabelo e um bocado nas pernas e na barriga. Empurramos a comida com chá frio porque não temos lume para o aquecer.

A Mãe torna a resmungar que quer limonada e eu dou-lhe metade

da segunda garrafa para a acalmar. Pede mais e eu misturo-a com água para durar mais porque não posso passar a vida a correr de um lado para outro a roubar limonada dos **pubs**. Divertimo-nos à grande até que a Mãe começa a delirar na cama a falar da sua linda filhinha que lhe levaram e dos gémeos mortos ainda nem três anos tinham e por que é que Deus não há-de, para variar, voltar-se para os ricos e há limonada cá em casa? O Michael pergunta se a Mãe vai morrer e o Malachy diz-lhe que só se pode morrer depois de o padre vir. Depois o Michael pergunta se mais alguma vez vamos ter lume e chá quente porque está gelado na cama, apesar de estar tapado com os sobretudos que ainda restam de outros tempos. O Malachy diz que devíamos ir de casa em casa pedir turfa, carvão e lenha e podíamos levar a carga no carrinho do Alphie. Era melhor levarmos o Alphie porque é pequenino e sorri, e as pessoas quando o virem vão ter pena de nós. Tentamos tirar-lhe toda a porcaria e restos de pano e compota que tem agarrados a ele, mas quando lhe tocamos com a água desata a gritar. O Michael diz que ele vai sujar-se outra vez no carrinho e por isso não vale a pena lavá-lo. O Michael é pequenino mas está sempre a dizer coisas fantásticas como esta.

Empurrámos o carrinho até às avenidas e calçadas onde moram os ricos, mas quando batemos à porta as criadas mandam-nos embora senão chamam as autoridades e dizem-nos que é uma vergonha andar a arrastar um bebé daquela maneira num carrinho a cair aos bocados e com um fedor de bradar aos céus, uma porcaria que não serve nem para levar um porco para o matadouro, e que vivemos num país católico onde os bebés devem ser acarinhados e viverem para transmitirem a fé de geração em geração. O Malachy diz a uma criada que vá lambar o cu e ela dá-lhe tamanha bofetada que as lágrimas lhe saltam dos olhos e ele diz que nunca mais na vida há-de pedir nada aos ricos. Diz que não vale a pena pedirmos mais, que o melhor é irmos pelas traseiras, saltarmos os muros e tirarmos o que quisermos. O Michael pode tocar às campainhas para entreter as criadas e eu e o Malachy podemos atirar carvão e turfa por cima dos muros e ir enchendo o carrinho à volta do Alphie.

Fazemos isso em três casas mas depois o Malachy atira um bocado de carvão por cima de um muro e acerta no Alphie, que começa a chorar, e temos de fugir e deixamos o Michael que continua a tocar às campainhas e a ouvir ofensas das criadas. O Malachy diz que era melhor irmos primeiro pôr o carrinho a casa

e depois irmos buscar o Michael. Agora é que não podemos mesmo parar com o Alphie a berrar e as pessoas a olharem para nós com cara de más e a dizerem que somos uma vergonha para a nossa mãe e para a Irlanda em geral.

Quando chegamos a casa ainda demoramos algum tempo a desenterrar o Alphie de baixo daquela carga de carvão e turfa, e ele só pára de berrar quando lhe damos pão e compota. Tenho medo que a Mãe saia da cama, mas ela só murmura umas coisas sobre o Pai, a bebida e bebés mortos.

O Malachy volta com o Michael, a contar as histórias das suas aventuras a tocar às campainhas. Uma mulher rica veio ela mesma à porta e convidou-o a entrar para a cozinha e deu-lhe bolo, leite, pão e compota. Perguntou-lhe tudo sobre a família dele, e ele disse-lhe que o pai tinha um grande emprego na Inglaterra mas a mãe estava de cama com uma doença muito má e a pedir limonada de dia e de noite. A mulher rica quis saber quem é que estava a tomar conta de nós e o Michael disse todo inchado que éramos nós que tomávamos conta de nós próprios e que não tínhamos falta de pão nem de compota. A mulher tomou nota do nome e da morada do Michael e disse-lhe para ser um bom menino e ir para casa para ao pé dos irmãos e da Mãe que está de cama.

O Malachy ralha com o Michael por ser parvo ao ponto de dizer a uma mulher rica o que quer que seja. Ela agora vai fazer queixa de nós e daí a nada vamos ter todos os padres do mundo a baterem-nos à porta e a apoquentarem-nos.

Ouve-se bater à porta. Mas não é um padre, é o Guarda Dennehy. Ó da casa, ó da casa, está alguém? grita ele. Está em casa, Sra. McCourt?

O Michael bate à janela e diz adeus ao guarda. Eu dou-lhe um pontapé, o Malachy dá-lhe um soco na cabeça e ele grita, Vou dizer ao guarda. Vou dizer ao guarda. Estão a matar-me, guarda. Estão a dar-me socos e pontapés.

Como ele não se cala, o Guarda Dennehy manda-nos abrir a porta. Eu vou à janela e digo-lhe que não posso abrir a porta porque a minha mãe está de cama com uma doença muito má.

Onde é que está o teu pai?

Está em Inglaterra.

Bem, vou entrar para falar com a tua mãe.

Não pode. Não pode. Ela está doente. Estamos todos doentes. Pode ser febre tifóide. Pode ser uma tuberculose galopante. Já estamos a ficar com manchas. O bebé tem um inchaço. Pode ser

uma coisa que mate.

Empurra a porta e sobe a escada para a Itália no preciso momento em que o Alphie sai de baixo da cama a gatinhar, coberto de compota e caca. O guarda olha para ele, para a minha mãe, para nós, tira o boné e coça a cabeça. Depois diz, Jesus, Maria e José, isto é um caso desesperado. Como é que a vossa mãe ficou assim doente?

Digo-lhe que é melhor não se chegar ao pé dela e, quando o Malachy diz que se calhar vamos ficar muito tempo sem poder ir à escola, o guarda diz que aconteça o que acontecer vamos à escola, que estamos no mundo para ir à escola da mesma maneira que ele está no mundo para nos obrigar a ir. Pergunta se temos alguns parentes e manda-me ir a casa da Avó e da Tia Aggie dizer-lhes para virem a nossa casa.

Elas gritam comigo e dizem que estou um nojo. Tento explicar-lhes que a Mãe está doente, que estou estafado de andar a tentar que tudo corra bem, arranjar maneira de acender o lume, arranjar limonada para a Mãe e pão para os meus irmãos. Não vale a pena falar-lhes da compota porque isso só ia fazê-las começar outra vez a gritar. Também não vale a pena falar-lhes da maldade dos ricos e das criadas deles.

Vêm todo o caminho a empurrar-me até chegarmos à minha rua, sempre a ralharem comigo e a envergonharem-me pelas ruas de Limerick. O Guarda Dennehy continua a coçar a cabeça e diz, Olhem para isto, é uma desgraça. Uma coisa destas nem em Bombaim nem no Bowery de Nova Iorque.

A Avó está a lamentar-se para a minha mãe, Valha-me Nossa Senhora, Angela, o que tens tu aí enfiada na cama? O que é que eles te fizeram?

A minha mãe passa a língua pelos lábios secos e pede mais limonada.

Ela quer limonada, diz o Michael, e nós arranjámos e também arranjámos pão e compota e agora somos todos malfeitores. O Frankie foi o primeiro a ser malfeitor mas depois fomos todos roubar carvão pela cidade toda.

O Guarda Dennehy mostra-se interessado e leva o Michael pela mão lá para baixo e, passado pouco tempo, ouvimos as gargalhadas dele. A Tia Aggie diz que é uma vergonha portarmos-nos assim com a minha mãe doente na cama. O guarda torna a aparecer e diz-lhe que vá chamar o médico. Continua a pôr o boné à frente da cara sempre que olha para mim ou para os meus

irmãos. Seus bandidos, diz ele, seus bandidos.

O médico chega no carro dele com a Tia Aggie e tem de levar a minha mãe num instante para o hospital por causa da pneumonia. Gostávamos de ir todos no carro do médico, mas a Tia Aggie diz, Não, vocês vêm todos para minha casa até a vossa mãe sair do hospital.

Eu digo-lhe que não se incomode. Já tenho onze anos e posso bem tomar conta dos meus irmãos. Não me importo de ficar em casa, tratar da comida deles e obrigá-los a lavarem-se. Mas a Avó grita, Nem pensar, e a Tia Aggie dá-me uma bofetada para eu aprender. O Guarda Dennehy diz que ainda sou muito novo para ser malfeitor e pai, mas que tenho um futuro promissor tanto numa coisa como na outra.

Vão buscar a vossa roupa, diz a Tia Aggie, vocês vêm comigo para minha casa até a vossa mãe sair do hospital. Jesus me valha, este bebé está uma desgraça.

Encontra um trapo e ata-o à volta do rabo do Alphie, com medo que ele faça cocó no carrinho. Depois olha para nós e quer saber por que é que estamos ali especados, se ela nos mandou ir buscar a roupa. Tenho medo que ela me bata ou grite comigo quando eu lhe disser que já está, que já temos a nossa roupa, é a roupa que temos vestida. Ela olha para mim e diz que não com a cabeça. Toma, diz ela, põe um bocado de açúcar e água no biberão do bebé. Diz-me que tenho de ser eu a levar o carrinho do Alphie pela rua, porque ela não se entende com o carrinho com aquela roda torta que o faz balançar para a frente e para trás e além disso é um objecto que mete nojo e onde ela teria vergonha de pôr até um cão tinoxoso. Tira os três casacos velhos da nossa cama e empilha-os no carrinho de tal maneira que quase nem se vê o Alphie.

A Avó vem connosco e vai a ralhar comigo desde Roden Lane até à casa da Tia Aggie em Windmill Street. Não consegues empurrar esse carrinho como deve ser? Valha-me Deus, vais matar essa criança. Pára de ir de um lado para outro, senão levas uma bofetada na cara. Ela não vai entrar em casa da Tia Aggie. Já não aguenta ver-nos nem mais um minuto. Está farta do clã dos McCourt desde o dia em que mandou seis bilhetes para virmos todos da América, fora o dinheiro que teve de arranjar para pagar os enterros das crianças que morreram, para nos dar de comer sempre que o nosso pai gastava na bebida o dinheiro do subsídio ou que ganhava a trabalhar e todas as ajudas que tem

de dar à Angela enquanto aquele bandido lá do Norte estoira o dinheiro todo que ganha na bebida lá em Inglaterra. Oh!, está farta, mais do que farta, e aí vai ela pela Henry Street com o xaile preto puxado por cima dos cabelos brancos, a mancar com as suas botas pretas altas de atacadores.

Quando se tem onze anos e se tem irmãos com dez, cinco e um ano, não se sabe o que se há-de fazer quando se vai para casa de outra pessoa, nem que seja a irmã da nossa mãe. Dizem-nos para deixarmos o carrinho na entrada e levarmos o bebé para a cozinha, mas se não é a nossa casa não sabemos o que havemos de fazer quando chegamos à cozinha, com medo que a nossa tia grite connosco ou nos dê um murro no toutiço. Ela tira o casaco e vai pô-lo no quarto e nós ficamos parados, com o bebé ao colo, à espera que ela nos diga o que quer que façamos. Se se der um passo em frente ou um passo para o lado, ela pode aparecer e perguntar onde é que íamos e não sabemos o que havemos de responder, porque nem nós próprios sabemos. Se se disser alguma coisa aos irmãos, ela pode dizer quem julgas tu que és para estares a falar na minha cozinha? Temos de ficar de pé e calados e isso é difícil quando se ouve um tilintar vindo do quarto e sabemos que é ela que está a fazer chichi no penico. Não quero olhar para o Malachy.

Se olhar, vou fazer um sorriso, ele vai fazer um sorriso, o Michael vai fazer um sorriso e há o perigo de desatarmos todos às gargalhadas e, se isso acontecer, não vamos conseguir parar de rir dias a fio só de pensarmos na figura da Tia Aggie, com aquele rabo branco e gordo assente num peniquinho às flores. Consigo controlar-me. Não me vou rir. O Malachy e o Michael também não, e dá para ver como estamos todos orgulhosos por não termos desatado às gargalhadas e arranjado grandes sarilhos com a Tia Aggie, até que de repente o Alphie sorri e faz gu-gu e aí não aguentamos mais. Desatamos os três a rir que nem uns perdidos e o Alphie sorri com aquela cara toda suja e torna a dizer gu-gu e nós não conseguimos parar, até que a Tia Aggie sai do quarto a berrar e a puxar o vestido para baixo e me dá um murro na cabeça que me atira contra a parede com o bebé ao colo e tudo. Bate também no Malachy e tenta bater no Michael, mas ele foge para o outro lado da mesa redonda e ela não consegue apanhá-lo. Anda cá, diz ela, que eu vou tirar-te a vontade de rir, mas o Michael continua a correr à volta da mesa mas ela é gorda de mais para o apanhar. Eu hei-de apanhar-te,

diz ela, hei-de dar-te cabo desse rabo, e tu aí, meu ranhoso, diz ela para mim, põe essa criança no chão ali ao pé do fogão. Põe os casacos velhos que trouxe no carrinho no chão e o Alphie fica ali deitado com o biberão com água e açúcar a dizer gu-gu e a sorrir. Ela manda-nos despir aqueles farrapos todos e ir para ao pé da torneira que está no pátio das traseiras e lavarmo-nos de alto a baixo. Não podemos entrar em casa enquanto não estivermos completamente desencardidos. Tenho vontade de lhe dizer que estamos em Fevereiro, que está lá fora um frio de rachar, que podemos morrer todos, mas sei que se abrir a boca posso morrer logo ali na cozinha.

Estamos lá fora no pátio, nus, a tomar banho com água gelada da torneira. Ela abre a janela da cozinha e atira-nos uma escova e um bocado de sabão castanho como o que usavam para lavar o cavalo Finn. Manda-nos esfregar as costas uns dos outros e só podemos parar quando ela disser. O Michael diz que tem as mãos e os pés tão gelados que parece que vão cair, mas ela não se importa. Continua a dizer que ainda estamos sujos e que se a obrigarmos a ir lá esfregar-nos, nem sabemos o que nos espera. Outra ameaça. Esfrego-me ainda com mais força. Esfregamo-nos até estarmos todos vermelhos e com os dentes a bater. Mas para ela ainda não chega. Aparece com um balde na mão e despeja a água gelada em cima de nós. Agora lá para dentro, diz ela, e enxuguem-se. Vamos para um pequeno telheiro ao pé da cozinha e secamo-nos com uma única toalha. Ficamos ali parados a tremer de frio e à espera, porque não podemos ir para a cozinha sem ela nos dizer. Ouvimo-la lá dentro acender o lume, a bater com a tenaz na grelha e depois grita, Vão ficar aí todo o dia? Venham cá para dentro e vistam-se.

Dá-nos canecas de chá e fatias de pão frito e nós comemos sentados à mesa muito calados, porque não podemos dizer uma única palavra, enquanto ela não mandar. O Michael pede outra fatia de pão e nós ficamos à espera que ela o atire da cadeira abaixo por causa do atrevimento dele, mas ela só resmunga, Não é com duas fatias de pão frito que vocês têm sido criados, e dá mais uma fatia a cada um. Tenta dar ao Alphie bocadinhos de pão molhado em chá, mas ele não quer, e então ela põe açúcar por cima do pão e, quando ele acaba de comer, sorri e faz chichi no colo dela, e nós ficamos todos deliciados. Ela corre para o telheiro para se ir limpar com uma toalha e nós rimo-nos uns para os outros e dizemos ao Alphie que ele é o campeão dos

bebés. O Tio Pa Keating entra em casa, todo preto por causa do trabalho na fábrica do gás.

Oh!, c'os diabos, diz ele, o que vem a ser isto?

O Michael diz, A minha mãe está no hospital, Tio Pa.

Está? O que é que tem?

Pneumonia, diz o Malachy.

Bem, sempre é melhor do que velhomonia(*).

Não sabemos do que é que ele se está a rir, e a Tia Aggie vem do telheiro e conta-lhe que a Mãe está no hospital e que nós temos de ficar com eles até ela sair. Ele diz, Óptimo, óptimo, e vai para o telheiro para se lavar, mas quando torna a aparecer é impossível saber se se lavou ou não porque está à mesma todo preto.

Senta-se à mesa e a Tia Aggie dá-lhe o jantar, que é pão frito com presunto e tomate às fatias. Manda-nos sair de ao pé da mesa e parar de olhar embasbacados para ele, e manda-o parar de nos dar bocadinhos de presunto e tomate. Ele diz, Ora, por amor de Deus, Aggie, os miúdos estão cheios de fome, e ela diz, Não tens nada a ver com isso. Não são nossos. Manda-nos ir para a rua brincar e estar em casa às oito e meia. Sabemos que está muito frio lá fora e gostávamos de ficar ao pé do quentinho do lume, mas é mais fácil estar na rua a brincar do que dentro de casa a ouvir os ralhetes da Tia Aggie.

Passado um bocado chama-me e manda-me ir à vizinha de cima buscar um resguardo que ela tinha de um filho que morreu. A mulher diz, Diz à tua tia que quero o resguardo para o próximo filho que tiver. A Tia Aggie diz, Há doze anos que aquela criança morreu e ela ainda tem isso guardado. Já tem quarenta e cinco anos, se tiver outro filho temos de ver se há alguma estrela no Oriente. O Malachy pergunta, O que é isso? e ela diz-lhe, Não tens nada a ver com isso, ainda és muito novo.

A Tia Aggie põe o resguardo na cama dela e deita o Alphie entre ela e o Tio Pa. Dorme do lado da parede e o Tio Pa do lado de fora porque tem de se levantar cedo de manhã para ir trabalhar. Nós vamos ter de dormir no chão encostados à parede em frente, com um casaco por baixo de nós e dois por cima. Ela diz que se ouvir uma só palavra que seja da nossa boca durante a noite, nos vai pôr o rabo a zunir e que vamos ter de nos levantar cedo porque é Quarta-Feira de Cinzas e não nos faz mal nenhum irmos à missa rezar pela nossa pobre mãe e pela pneumonia dela.

Acordamos sobressaltados por causa do despertador. A Tia Aggie diz lá da cama, Levantem-se e vão à missa. Estão a ouvir? Vá. Lavem a cara e vão aos Jesuítas.

O pátio das traseiras está cheio de geada e gelo e as nossas mãos até ardem com a água da torneira. Atiramos um bocadinho para a cara e secamo-nos com a toalha que ainda está encharcada do dia anterior. O Malachy diz em surdina que nos lavámos à gato, como a Mãe costuma dizer.

As ruas também estão cheias de geada e gelo, mas na igreja jesuíta está-se bem. Deve ser formidável ser-se jesuíta, dormir numa cama com lençóis, cobertores e almofadas e acordar numa casa acolhedora e ir para uma igreja também acolhedora sem ter nada que fazer a não ser dizer missa, ouvir as pessoas em confissão e ralhar-lhes por causa dos pecados, servirem-nos as refeições e ler o ofício em latim antes de dormir. Um dia gostava de ser jesuíta, mas quem mora numa viela não lhe vale a pena ter esperança. Os Jesuítas são muito esquisitos. Não gostam dos pobres. Gostam das pessoas que têm carro e espetam o dedo mindinho quando agarram na chávena de chá.

A igreja está cheia na missa das sete da manhã com pessoas que querem ir receber as cinzas na testa. O Malachy diz que o Michael não pode ir receber as cinzas porque só faz a Primeira Comunhão em Maio e seria pecado. O Michael começa a chorar, Quero as cinzas, quero as cinzas. Uma velhota que está atrás de nós pergunta, O que é que estão a fazer a esse menino tão lindo? O Malachy explica que o menino lindo ainda não fez a Primeira Comunhão e não está em estado de graça. O Malachy já vai fazer a Confirmação e anda sempre a mostrar que sabe muito bem Catecismo e a falar do estado de graça. Recusa-se a admitir que eu já sabia tudo sobre o estado de graça há um ano, ou seja, há tanto tempo que já estou a começar a esquecer-me. A velhota diz que não é preciso estar em estado de graça para se receber umas cinzas na testa e diz ao Malachy para parar de atormentar o seu irmãozinho. Faz uma festinha na cabeça do Michael e diz-lhe que é um lindo menino e que pode ir ao altar receber as cinzas. Ele corre para o altar e quando volta a senhora dá-lhe um **penny** para fazer companhia às cinzas.

A Tia Aggie ainda está na cama com o Alphie. Diz ao Malachy para encher o biberão do Alphie de leite e lho levar. Manda-me acender o fogão, há papel e lenha numa caixa e carvão num balde. Se não conseguires acender o lume, deita uma pinguinha

de óleo de parafina. O lume está fraco e a fazer muito fumo e quando eu deito o óleo de parafina faz um clarão e uush, quase que me tira as sobrancelhas. Está tudo cheio de fumo e a Tia Aggie aparece na cozinha. Afasta-me do lume com um encontrão. Valha-me Deus, não tens jeito para nada. Tem de se abrir a tampa da chaminé, meu parvalhão.

Eu não sei nada de tampas. Na nossa casa temos uma chaminé cá em baixo na Irlanda e outra lá em cima na Itália, mas nenhuma com uma tampa. Depois vamos para casa da nossa tia e temos de saber tudo sobre tampas. Não vale a pena dizer-lhe que é a primeira vez que estou a acender o lume num fogão. Isso só vai fazer com que ela me dê outro murro na cabeça que até levanto voo. É difícil perceber porque é que as pessoas crescidas se zangam tanto por coisas tão pequenas como tampas. Quando for grande, não vou andar a bater em crianças pequeninas por causa de tampas nem por causa de outras coisas. Mas ela já está a gritar comigo outra vez, Olha-me para aquele espantalho. Podias lembrar-te de abrir a janela para o fumo sair. Mas não. Tens uma tromba igual à do teu pai lá do Norte. Achas que já consegues aquecer a água para o chá sem deitares fogo à casa?

Corta três fatias de pão para nós, barra-as com margarina e torna a ir para a cama. Bebemos o chá, comemos o pão e estamos contentes por irmos para a escola, porque lá não há frio nem tias aos berros.

Depois da escola, ela manda-me sentar à mesa para escrever uma carta ao meu pai e contar que a Mãe está no hospital e que estamos em casa da Tia Aggie até ela vir para casa. Tenho de lhe dizer que estamos muito felizes e muito bem de saúde, que mande dinheiro porque a comida está muito cara e os rapazes comem muito quando estão a crescer, ah, ah, o Alphie precisa de roupa e de fraldas.

Não sei por que é que ela está sempre zangada. Tem uma casa onde não há frio nem humidade. Têm luz eléctrica e uma casa de banho só para eles nas traseiras. O Tio Pa Keating tem trabalho certo e traz o dinheiro para casa todas as sextas-feiras. Bebe umas cervejas no *pub* South, mas nunca vem para casa a cantar canções sobre a longa e triste história da Irlanda. Diz, As casas estão todas infestadas e diz que a coisa mais engraçada do mundo é que temos todos um cu que tem de ser limpo e a isso ninguém escapa. Mal ouve um político ou um Papa a dizer as suas parlapatices, o Tio Pa imagina-o logo a limpar o cu. O Hitler,

o Roosevelt, o Churchill, todos eles limpam o cu. O De Valera, também. Diz que a esse respeito as únicas pessoas dignas de confiança são os Maometanos porque comem com uma mão e limpam o cu com outra. A própria mão humana é um poço de impostura e nunca se sabe no que ela andou metida. Passamos bons momentos com o Tio Pa, quando a Tia Aggie vai ao Instituto dos Mecânicos jogar às cartas, ao quarenta e cinco. Ele diz, Os refilões que vão para o inferno. Vai buscar duas cervejas ao *pub* South, seis bolos e metade de meio quilo de presunto à loja da esquina. Faz chá e sentamo-nos ao pé do fogão a beber o chá, a comer as sanduíches de presunto e os bolos e a rirmo-nos do Tio Pa e da maneira como ele encara a vida. Costuma dizer, Engoli gás, bebo a minha cerveja e estou-me cagando para o mundo e arredores. Se o Alphie começa a ficar cansado e irritado e começa a chorar, o Tio Pa abre a camisa e diz-lhe, Toma, chupa aqui na maminha da mamã. Quando vê aquele peito liso e o mamilo, o Alphie apanha um susto e fica outra vez sossegado.

Antes de a Tia Aggie chegar, temos de lavar e limpar as canecas para ela não saber que estivemos a empanturrar-nos de bolos e sanduíches de presunto.

Ela ia passar um mês a atazanar a cabeça ao Tio Pa se descobrisse, e é isso que eu não percebo. Por que é que ele a deixa andar sempre a ralhar com ele? Combateu na Grande Guerra, foi gaseado, é grande, tem um emprego, diz coisas com graça. É um mistério. É o que os padres e os professores estão sempre a dizer, que é tudo um mistério, e temos de acreditar no que nos dizem.

Não me custava nada que o Tio Pa fosse meu pai. Íamos passar momentos muito bons sentados ao pé do fogão a beber chá e a rirmo-nos de ele se peidar e depois dizer, Vai buscar um fósforo. É um presente dos Alemães.

A Tia Aggie passa o tempo a embirrar comigo. Chama-me olhos sarnentos. Diz que sou a cara chapada do meu pai, que tenho uma maneira de ser estranha, que tenho um ar traiçoeiro de presbiteriano do Norte, se calhar quando crescer vou erguer um altar ao Oliver Cromwell, vou fugir para me casar com uma pega inglesa e forrar a minha casa com retratos da família real.

Quero fugir dela e acho que só há uma solução que é fingir que estou doente e ir para o hospital. Levanto-me a meio da noite e vou para o pátio das traseiras. Posso fingir que estou a ir à casa de banho. Fico lá fora a apanhar o frio da noite na

esperança de apanhar uma pneumonia ou uma tuberculose galopante para ir para o hospital onde há aqueles belos lençóis limpos e refeições na cama e livros trazidos pela rapariga do vestido azul. Talvez conheça outra Patricia Madigan e aprenda um longo poema. Fico imenso tempo no pátio só de camisa e descalço a olhar para a lua, que é um galeão fantasmagórico batido por mares enevoados, e volto para a cama a tremer mas confiante de que de manhã vou acordar com um tosse terrível e a cara toda vermelha. Mas não. Acordo fresco e cheio de energia, e estaria em grande forma se estivesse em casa com a minha mãe e os meus irmãos.

Há dias em que a Tia Aggie diz que já não pode ver-nos à frente dela nem mais um minuto, Desapareçam. Toma, olhos sarnentos, leva o Alphie no carrinho, leva os teus irmãos, vão para o parque e fiquem lá a brincar, façam o que quiserem e não me apareçam cá senão à hora do chá antes das Ave-Marias, e nem um minuto depois, estão a ouvir, nem um minuto depois. Está frio, mas nós não nos importamos. Empurramos o carrinho pela O'Connell Avenue e vamos para Ballinacurra ou para a estrada de Rosbrien. Deixamos o Alphie andar a gatinhar pelos campos para ver as vacas e as ovelhas e rimo-nos quando as vacas lhe dão com o focinho. Ponho-me por baixo das vacas e faço esguichar o leite para dentro da boca do Alphie até ele ficar tão cheio que vomita. As pessoas que andam a trabalhar pelos campos querem apanhar-nos, mas só até verem como o Michael e o Alphie são pequeninos. O Malachy ri-se na cara deles. Diz-lhes, Vá, batam-me agora que tenho o bebé ao colo. De repente, tem uma grande ideia, Por que é que não vamos para nossa casa e ficamos lá a brincar um bocado? Apanhamos ramos e bocadinhos de lenha pelos campos e vamos a correr para Roden Lane.

Há fósforos ao pé da chaminé lá em cima na Itália e num instante acendemos o lume. O Alphie adormece e passado um bocado já estamos todos a dormir, até que ouvimos bater as Ave-Marias na Igreja Redentorista e percebemos que vamos ter sarilhos com a Tia Aggie porque vamos chegar atrasados.

Não nos importamos. Pode gritar connosco tanto quanto quiser; divertimo-nos imenso nos campos com as vacas e as ovelhas e depois com aquele lume maravilhoso lá em cima na Itália.

De certeza que ela nunca se divertiu assim. Tem luz eléctrica e uma casa de banho mas não se diverte.

A Avó vem ter com ela às quintas-feiras e aos sábados e

apanham o autocarro para irem ver a Mãe ao hospital. Nós não podemos ir, porque não deixam lá entrar crianças, e se perguntarmos, Como é que está a Mãe? elas olham para nós de uma maneira estranha e dizem que está bem, que não vai morrer. Gostávamos de saber quando é que ela sai do hospital para podermos voltar para nossa casa, mas temos medo de abrir a boca.

Um dia o Malachy diz à Tia Aggie que está com fome e pergunta se pode comer um bocado de pão. Ela enrola o **Pequeno Mensageiro do Sagrado Coração** e dá-lhe com ele e o Malachy fica com as lágrimas a bailar-lhe nos olhos. No dia seguinte, depois de sair da escola, não volta para casa e continua sem aparecer à hora de ir para a cama. A Tia Aggie diz, Bem, deve ter fugido. Boa viagem. Se tiver fome, aparece. Pode ser que goste mais de estar numa vala.

No dia a seguir o Michael vem a correr da rua, a gritar, O Pai esta cá, o Pai está cá e torna a sair a correr e lá está o Pai sentado no chão da entrada a abraçar o Michael e a chorar, Coitada da tua mãe, coitada da tua mãe, e tem aquele cheiro da bebida. A Tia Aggie sorri e diz, Ah!, estás cá, e vai fazer chá, ovos e salsichas. Manda-me ir à rua comprar uma cerveja para o Pai e eu fico sem perceber por que é que de repente ela ficou tão simpática e generosa.

O Michael pergunta, Vamos para a nossa casa, Pai?

Vamos, filho.

Voltamos a pôr o Alphie no carrinho com os três casacos velhos e com uns bocados de carvão e lenha para o lume. A Tia Aggie vem à porta e diz-nos para nos portarmos bem e irmos lá tomar chá sempre que quisermos, e eu olho para ela e vem-me à cabeça um palavra feia, Cabra velha. Está dentro da minha cabeça e eu não consigo evitar e vou ter de ir confessar isso ao padre.

O Malachy não está numa vala, está em nossa casa a comer peixe e batatas fritas que um soldado bêbedo deixou cair ao pé do portão do Quartel de Sarsfield.

A Mãe vem para casa dois dias depois. Está fraca e pálida, e anda muito devagar. Diz, O Médico disse-me para não apanhar frio, descansar muito, alimentar-me bem, comer carne e ovos três vezes por semana. Valha-nos Deus, aqueles médicos não têm noção do que é não ter nada. O Pai faz chá e torra-lhe um bocado de pão no lume. Frita pão para nós e passamos uma noite

deliciosa lá em cima na Itália, muito quentinhos. Ele diz que não pode ficar cá para sempre, que tem de voltar para Coventry. A Mãe pergunta como é que ele vai para Coventry sem um tostão no bolso. Ele levanta-se cedo no Sábado e tomamos os dois o chá ao pé do lume. Frita quatro fatias de pão e embrulha-as no **Limerick Chronicle**, duas fatias em cada bolso do casaco. A Mãe ainda está na cama e ele grita-lhe do fundo da escada, Vou-me embora agora. Ela diz, Está bem. Quando chegares, escreve. O meu pai vai para Inglaterra e ela nem sequer se levanta da cama. Pergunto-lhe se posso ir com ele à estação. Não, não vai para a estação. Vai pela estrada de Dublin para ver se consegue arranjar boleia. Faz-me uma festinha na cabeça, diz-me para cuidar da minha mãe e dos meus irmãos e vai-se embora. Fico a vê-lo subir a rua até virar a esquina. Subo a rua a correr para o ver descer a Barrack Hille a St. Joseph Street. Desço também e sigo-o enquanto posso. Ele deve saber que vou atrás dele porque a certa altura volta-se para trás e diz, Vai para casa, Francis. Vai para ao pé da tua mãe.

Uma semana depois recebemos uma carta a dizer que chegou bem, para nos portarmos bem, cumprirmos os nossos deveres religiosos e sobretudo obedecermos à nossa mãe. Na semana seguinte recebemos o vale de três libras e é o paraíso. Vamos ser ricos, vamos comer peixe com batatas fritas, geleia e leite-creme, vamos todos os sábados ao cinema, ao Lyric, ao Coliseu, ao Carlton, ao Ateneu, ao Central e ao mais chique de todos, o Savoy. Quem sabe se não vamos até tomar chá e comer bolos no Savoy Café com a fina flor de Limerick. Temos de ter atenção para esticarmos o mindinho quando pegarmos na chávena.

No sábado seguinte não recebemos nenhum vale, nem no sábado a seguir, nem em mais nenhum sábado. A Mãe torna a ir pedir à Sociedade de São Vicente de Paulo, a ter de sorrir no Dispensário quando o Sr. Coffey e o Sr. Kane dizem aquela piada de o Pai andar com uma pega de Piccadilly. O Michael quer saber o que é uma pega e ela diz-lhe que é um pássaro. Passa a maior parte do dia sentada ao pé do lume com a Bridey Hannon, a fumar os seus Woodbines e a beber chá fraco. As migalhas que ficam em cima da mesa de manhã ainda estão lá sempre quando voltamos da escola. Nunca lava os frascos de compota nem as canecas e as moscas andam em volta do açúcar e de tudo o que for doce.

Diz que eu e o Malachy temos de nos revezar a tomar conta do Alphie e a levá-lo à rua no carrinho para apanhar ar. A criança

não pode ficar na Itália de Outubro a Abril. Se lhe dissermos que queremos brincar com os nossos amigos, arriscamo-nos a levar um murro na cabeça que até os ouvidos ficam a estalar.

Brincamos com o Alphie no carrinho. Eu fico ao cimo da Barrack Hill e o Malachy ao fundo. Empurro o carrinho pela rua abaixo e o Malachy tem de apanhá-lo, mas põe-se a olhar para um miúdo que está a andar de patins e o carrinho passa por ele, atravessa a rua e entra no *pub* Leniston, onde os homens estão calmamente a beber a sua cerveja, longe de esperarem que entre por ali dentro um carrinho com um bebé de cara suja a dizer gu-gu, gu-gu. O dono do bar começa a gritar que aquilo é uma pouca-vergonha, que devia haver leis para aquelas coisas, bebés a entrarem-lhe de rompante pela porta em carrinhos coxos, vai chamar a guarda, mas o Alphie diz-lhe adeus e sorri, e o homem diz, pronto, está bem, está aqui um rebuçado e uma limonada para o bebé, e os irmãos também podem beber uma limonada, aquele par de esfarrapados, e valha-me Deus, que mundo este, pensamos que está tudo muito bem e de repente entra-nos um carrinho de bebé pela porta dentro e cá estamos nós a dar rebuçados e limonadas, vocês os dois levem essa criança e vão para casa para ao pé da vossa mãe.

O Malachy tem outra ideia genial: podíamos andar por Limerick como se fôssemos vadios, e empurrar o carrinho do Alphie e a pedir rebuçados e limonadas pelos *pubs*, mas eu não quero que a Mãe descubra e me bata. O Malachy diz que eu sou um enjoado e vai-se embora. Levo o carrinho pela Henry Street acima e passo pela igreja, Redentorista. Está um dia cinzento, a igreja é cinzenta e o magote de pessoas que estão à porta da casa dos padres também é cinzento. Estão à espera das sobras do almoço dos padres.

Entre as pessoas, com aquele casaco cinzento sujo, está a minha mãe.

A minha própria mãe, a pedir. É pior do que o subsídio, do que a Sociedade de São Vicente de Paulo, do que o Dispensário. É a pior das vergonhas, é quase tão mau como andar a pedir pelas ruas como os mendigos que andam com crianças sarnentas ao colo a dizer, Dê-me um tostãozinho para esta pobre criança, meu senhor, está cheia de fome, minha senhora.

Agora a minha mãe é uma pedinte e se alguém da minha rua ou da minha escola a vir, vai ser uma vergonha para toda a nossa família. Os meus amigos vão inventar alcunhas novas para mim e

atormentar-me no pátio da escola e até já sei o que eles vão dizer,

**Frankie McCourt filho duma pedinte
japonês dançarino
olhos sarnentos
boca de xarroco**

A porta da casa dos padres abre-se e as pessoas avançam de mãos estendidas. Consigo ouvi-las onde estou, Irmão, irmão, aqui, irmão, oh!, por amor de Deus, irmão. Tenho cinco filhos em casa, irmão. Vejo a minha mãe a tentar avançar também. Vejo os lábios dela muito cerrados quando consegue agarrar um saco e se afasta da porta e empurro o carrinho pela rua acima antes que ela me veja.

Já não quero ir para casa. Desço a Dock Road em direcção a Corkanree, onde o lixo de Limerick é despejado e queimado. Fico ali um bocado a ver os rapazes caçarem ratos. Não sei porque hão-de fazer mal aos ratos que não estão em casa deles. Não me importava de continuar a andar pelos campos, se não estivesse com o Alphie, que está a chorar de fome, com aquelas pernas muito gorduchas no ar e a abanar o biberão vazio.

A Mãe tem o lume aceso e qualquer coisa a cozer numa panela. O Malachy sorri e diz que ela trouxe carne de conserva e batatas da loja da Kathleen O'Connell. Não estaria assim tão feliz se soubesse que é filho de uma pedinte. A Mãe pousa a panela na mesa, tira uma batata para cada um com uma colher e com um garfo tira a carne.

Não é carne enlatada. É um grande bocado de gordura cinzenta a tremelicar e o único vestígio de carne é um niquinho rosado no cimo.

É para ele que olhamos todos, a pensar para quem será. A Mãe diz, É para o Alphie. Ainda é bebé, está a crescer muito depressa e faz-lhe falta. Põe a carne num pires à frente dele. Ele afasta-o com um dedo, depois torna a puxá-lo. Leva a carne à boca, olha em volta, vê o Luckv, o nosso cão, e atira-lha.

Não vale a pena dizer nada. A carne foi-se. Comemos as batatas com muito sal e eu como a parte de gordura que me coube e faço de conta que é aquele niquinho de carne rosada.

Notas

(*)Trocadilho com o som á.nju(:).ú da primeira sílaba da palavra pneumonia que é também o som de new (novo) (N.T.) .

XI

A Mãe avisa-nos, Nada de porem as patas naquela mala, porque não há lá nada que vos interesse.

Na mala só há papéis, certidões de nascimento, cédulas de baptismo, o passaporte irlandês dela, o passaporte inglês do Pai, de Belfast, os nossos passaportes americanos e o vestido vermelho com lantejoulas e folhos que ela tinha quando era nova e que trouxe da América. Quer guardá-lo para toda a vida para se lembrar de quando era nova e dançava.

Não me interesso pelo que está na mala até ao dia em que faço uma equipa de futebol com o Billy Campbell e o Malachy. Não temos dinheiro para os fatos nem para as botas e o Billy diz, Como é que as pessoas vão saber quem nós somos? Nem sequer temos nome.

Lembro-me então do vestido vermelho e ocorre-me um nome, os Corações Vermelhos de Limerick. A Mãe nunca abre a mala, por isso não faz mal eu cortar um bocado do vestido para fazer sete corações vermelhos para prendermos ao peito. Olhos que não vêem, coração que não sente, é o que ela diz sempre para ela própria.

O vestido está enterrado por debaixo dos papéis. Vejo a fotografia que tinha no passaporte quando era pequenino e percebo porque me chamam japonês. Há um papel que diz Certidão de Casamento e onde está escrito que Malachy McCourt e Angela Sheehan se uniram pelo Sagrado Matrimónio aos vinte e oito de Março de 1930. Como é que pode ser? Eu nasci a dezanove de Agosto e o Billy Campbell disse-me que os pais e as mães têm de estar nove meses casados até poderem ter filhos. Ora eu vim ao mundo em metade do tempo. Quer dizer que eu devo ser um milagre e se calhar quando for grande vou ser santo e as pessoas vão celebrar o dia de São Francis de Limerick.

Tenho de perguntar ao Mikey Molloy, que continua a ser o perito em Corpos de Raparigas e Porcarias em Geral.

O Billy diz que se queremos ser grandes jogadores de futebol temos de treinar e combinamos encontrar-nos no parque. Os

rapazes refilam quando lhes dou os corações e eu digo-lhes que se não gostam vão a casa deles cortar os vestidos e as blusas das mães.

Não temos dinheiro para uma bola, mas um dos rapazes traz uma bexiga de ovelha cheia de trapos. Chutamos a bexiga para um lado e para o outro até que começa a ficar com buracos e os trapos começam a cair, e nós fartamo-nos de andar aos pontapés a uma bexiga que já não é nada. O Billy diz para nos encontrarmos no dia seguinte, que é sábado, logo de manhã para irmos para Ballinacurra e ver se conseguimos desafiar os rapazes ricos do Crescent College para um jogo como deve ser, com sete em cada equipa. Diz que temos de prender os corações vermelhos às camisas, mesmo que sejam uns trapos vermelhos.

O Malachy vai a casa beber o chá, mas eu não posso ir porque tenho de ir falar com o Mikey Molloy para ver se descubro por que é que nasci em metade do tempo. O Mikey vem a sair de casa com o pai, o Peter. Faz 16 anos e o pai vai levá-lo ao **pub** do Bowles para beber a primeira cerveja. A Nora Molloy está dentro de casa a gritar ao Peter que podem lá ficar para sempre, está morta de tanto fazer pão, nunca mais há-de ir para o manicómio, se ele trouxer a criança bêbeda para casa ela há-de ir é para a Escócia e desaparecer da face da Terra.

O Peter diz ao Mikey, Não lhe liguês, Ciclope. Todas as mães irlandesas são inimigas da primeira cerveja. A minha própria mãe tentou matar o meu pai com uma frigideira quando ele me levou a beber a primeira cerveja.

O Mikey pergunta ao Peter se eu posso ir com eles e beber uma limonada.

O Peter diz a toda a gente lá no **pub** que o Mikey está ali para beber a primeira cerveja, e começam todos a querer pagar-lhe uma cerveja, mas o Peter diz, Não, já viram a desgraça que seria se ele bebesse de mais e a enjoasse para o resto da vida?

As cervejas são castanhas. Sentamo-nos encostados à parede, os Molloy com as cervejas deles e eu com a minha limonada. Os homens desejam ao Mikey tudo de bom para o resto da vida e dizem que foi uma dádiva de Deus ele nunca mais ter tido nenhum ataque desde que caiu daquele algeroz e que foi uma pena aquele pobre diabo, o Quasimodo Dooley, ter morrido de tuberculose depois de ter passado tantos anos a ter aquela trabalhadeira de falar como se fosse inglês para poder ir para a BBC, que afinal de contas também não é sítio para um irlandês.

O Peter está a falar com os homens, e o Mikey, a beber a sua primeira cerveja aos golinhos, diz-me em surdina, Acho que não

gosto, mas não digas ao meu pai. A seguir conta-me que anda a treinar o sotaque inglês às escondidas para ser locutor na BBC, que era o sonho do Quasimodo. Diz-me que posso ficar outra vez com o Cuchulain, porque não serve de nada a quem lê notícias na BBC. Agora que já tem 16 anos quer ir para Inglaterra e se eu alguma vez tiver uma telefonia já sei que é ele na BBC Nacional.

Falo-lhe da certidão de nascimento, digo-lhe que o Billy Campbell disse que eram precisos nove meses para nascermos mas que eu nasci em metade do tempo e pergunto-lhe se sabe se eu serei milagre.

Não, diz ele, não. És bastardo. Estás condenado.

Não precisas de me ofender, Mikey.

Não estou. É o nome que se dá às pessoas que nascem antes dos nove meses de casamento, às pessoas concebidas fora dos cobertores.

O que é isso?

Isso o quê?

Concebidas.

É quando o esperma entra no ovo e começa a crescer e passado nove meses nasce-se.

Não sei do que é que estás a falar.

Ele diz baixinho, A coisa que tens no meio das pernas é a excitação. Não gosto dos outros nomes, pila, picha, tora. O teu pai mete a excitação dentro da tua mãe, há um esguicho e aqueles germes sobem dentro da tua mãe até ao sítio onde está um ovo, que se transforma em ti.

Não sou nenhum ovo.

És um ovo. Toda a gente começa por ser um ovo.

Porque é que eu estou condenado? Não tenho culpa de ser bastardo.

Todos os bastardos estão condenados. São como bebés que não foram baptizados. Ficam no limbo para toda a eternidade sem poderem sair de lá, e a culpa não é deles. Dá que pensar, Deus lá em cima no Seu trono sem pena nenhuma dos bebés não baptizados. É por isso que eu já nem me chego à capela. Seja como for, estás condenado. O teu pai e a tua mãe tiveram a excitação antes de serem casados e por isso tu não estás em estado de graça.

O que é que eu hei-de fazer?

Nada. Estás condenado.

Não posso pôr uma vela ou coisa do género?

Podias tentar a Virgem Maria. É ela que manda na condenação

das almas.

Mas não tenho dinheiro para a vela.

Pronto, toma lá um **penny**. Podes pagar-mo quando arranjares um emprego no dia de São Nunca. Está a sair-me muito caro ser o perito em Corpos de Raparigas e Porcarias em Geral.

O dono do bar está a fazer palavras cruzadas e pergunta ao Peter, Qual é o oposto de avanço?

Recuo, diz o Peter.

É isso mesmo, diz o homem. Tudo tem um oposto.

Valha-me Deus, diz o Peter.

O que é que foi, Peter? A cerveja não está boa?

A cerveja está ótima, Tommy, e eu sou o campeão das cervejas, não sou?

Lá isso és, Peter. Esse mérito ninguém te tira.

Isso quer dizer que também posso ser o campeão do contrário disso.

Não percebo o que estás a dizer, Peter.

Posso ser o campeão de não beber cerveja.

Ora, Peter, estás a ir longe de mais. A tua mulher está bem?

Tommy, tira-me esta cerveja da frente. Sou o campeão de não beber cerveja.

O Peter volta-se para o Mikey e tira-lhe o copo. Vamos para casa para ao pé da tua mãe, Mikey.

Não me chamou Ciclope, Pai.

Chamas-te Mikey. Chamas-te Michael. Vamos para Inglaterra. Acabaram-se as cervejas para mim e para ti, a tua mãe nunca mais vai fazer pão. Vamos.

Vamos a sair do **pub** e o dono, o Tommy, grita, Sabes o que é, Peter? São esses malditos livros que andas a ler. Deram-te cabo da cabeça.

O Peter e o Mikey vão para casa. Eu tenho de ir à Igreja de São José acender a vela que vai poupar a minha alma à condenação, mas olho para a montra da loja do Counihan e vejo um grande bocado de caramelo Cleeves e um letreiro a dizer: Dois por 1 **penny**. Estou condenado, mas sinto a água a correr dos dois lados da minha língua e no momento em que ponho o **penny** em cima do balcão da Menina Counihan prometo à Virgem Maria que o próximo que arranjar será para pôr uma vela e peço-Lhe que fale com o Filho e adie a minha condenação por mais algum tempo.

Um **penny** de caramelo Cleeves não dura para sempre e, depois de acabar, tenho de me preparar para ir para casa enfrentar uma mãe que deixou o meu pai meter a excitação dele dentro dela

para eu nascer em metade do tempo e ser um bastardo. Se alguma vez ela falar do vestido vermelho ou seja do que for, vou dizer-lhe que sei tudo sobre a excitação e deixá-la em estado de choque.

~~

No sábado de manhã encontro-me com os Corações Vermelhos de Limerick, e pomo-nos a caminho para o nosso desafio de futebol. Os rapazes continuam a reclamar que os bocados do vestido vermelho não parecem corações até que o Billy diz que se não querem jogar futebol podem ir para casa brincar com as bonecas das irmãs.

Num campo em Ballinacurra estão uns rapazes a jogar futebol e o Billy vai desafiá-los. São oito e nós somos só sete, mas não nos importamos porque um deles só vê de um olho e o Billy diz para ficarmos sempre de olho no cego. Além disso, diz ele, o Frankie McCourt é quase cego com aquela doença que tem nos dois olhos e isso ainda é pior. Os outros estão todos equipados com camisolas azuis e brancas, calções brancos e botas próprias para jogar futebol. Um deles diz que parece que saímos do caixote do lixo e temos de segurar o Malachy para não começar à lata com eles. Concordamos em jogar só meia hora porque os miados de Ballinacurra têm de ir almoçar. Se durante essa meia hora ninguém marcar, é um empate. Corremos para um lado e para outro, até que o Billy apanha a bola, começa a correr e a fazer fintas pela linha lateral tão depressa que ninguém consegue agarrá-lo e marca um golo. A meia hora está quase a acabar, mas os rapazes de Ballinacurra querem jogar mais meia hora e conseguem marcar um golo quase ao fim da segunda meia hora. Depois a bola sai e o lance é nosso. O Billy está na linha lateral com a bola levantada acima da cabeça. Finge que olha para o Malachy, mas atira a bola para mim. A bola dirige-se para mim como se fosse a única coisa que existisse no mundo. Vem direita ao meu pé e a única coisa que eu tenho de fazer é girar para a esquerda e atirar a bola para a baliza. Dentro da minha cabeça está tudo branco e sinto-me como se estivesse no céu. Estou a voar por cima do campo até que sinto os Corações Vermelhos de Limerick a darem-me palmadas nas costas e a dizerem-me, Grande golo, Frankie, e o teu também, Billy.

Vimos pela O'Connell Avenue e eu não consigo deixar de pensar em como a bola veio direita aos meus pés. De certeza que foi mandada por Deus ou pela Virgem Maria, que nunca daria tal bênção a alguém que estivesse condenado por ter nascido em

metade do tempo, e sei que enquanto viver nunca hei-de esquecer aquela bola a vir do Billy Campbell para mim, nem aquele golo.

~~

A Mãe encontra a Bridey Hannon e a Sra. Hannon a subirem a rua e elas falam-lhe do estado miserável em que o Sr. Hannon tem as pernas. Pobre John, é um suplício para ele ter de vir para casa todas as noites a pedalar depois de passar o dia a entregar carvão e turfa aos comerciantes de carvão da Dock Road. Pagam-lhe para trabalhar das oito da manhã às cinco e meia da tarde, apesar de ter de preparar o cavalo muito antes das oito e demorar até muito depois das cinco e meia a tratar dele. Passa o dia a subir e a descer da carroça a carregar os sacos de carvão e turfa, aflito para que as ligaduras não saiam do sítio para que a sujidade não passe para as feridas em carne viva que tem nas pernas. As ligaduras ficam todas pegajosas e têm de ser arrancadas e quando ele chega a casa ela tem de lhe lavar as feridas com água quente e sabão, pôr-lhes uma pomada e tapá-las com ligaduras limpas. Não têm dinheiro para estarem todos os dias a comprar ligaduras novas e, por isso, ela tem de lavar as velhas dia após dia até ficarem cinzentas.

A Mãe diz que o Sr. Hannon devia ir ao médico e a Sra. Hannon diz, Pois, já foi ao médico mais de uma dúzia de vezes e ele diz-lhe que não pode andar em cima das pernas. Só isso. Descansar as pernas. Mas como é que ele pode fazer isso? Tem de trabalhar. De que é que nós íamos viver se ele não trabalhasse?

A Mãe diz que talvez a Bridey pudesse arranjar trabalho e a Bridey fica toda ofendida. Não sabes que tenho o peito fraco, Angela? Não sabes que tive febre reumática e posso ficar-me de repente? Tenho de ter cuidado.

A Mãe fala muitas vezes da Bridey e da febre reumática e do peito fraco dela. Diz, Aquela fica aqui sentada horas a fio a queixar-se dos males dela mas os Woodbines é que ela não deixa.

A Mãe diz à Bridey que tem muita pena que ela tenha o peito assim fraco e que é terrível ver como o pai dela sofre. A Sra. Hannon diz à minha mãe que o John está pior de dia para dia, E o que é que acha, Sra. McCourt, será que o seu Frankie pode ir ajudá-lo a descarregar os sacos algumas horas por semana? Vai ser com grande custo para nós, mas podíamos dar ao Frankie um xelim ou dois e assim o John já podia descansar aquelas pobres pernas.

A Mãe diz, Não sei, ele ainda só tem onze anos e teve a febre tifóide e o pó do carvão não deve fazer-lhe nada bem aos olhos.

A Bridey diz, Mas vai andar ao ar livre e não há nada como o ar livre para quem sofre da vista ou para recuperar do tifo, não é, Frankie?

É, Bridey.

Estou a morrer de vontade de ir com o Sr. Hannon na carroça a trabalhar como um verdadeiro homem. Se tiver jeito, pode ser que me deixem ficar em casa e nunca mais ir à escola, mas a Mãe diz, Ele pode ir desde que isso não interfira com a escola. Pode começar no sábado de manhã.

~~

Agora já sou um homem, por isso no sábado de manhã levanto-me cedo, acendo o lume, faço chá e frito pão para mim. Fico à porta do lado à espera que o Sr. Hannon saia de casa com a bicicleta e sinto um cheiro delicioso a presunto frito e ovos. A Mãe diz que o Sr. Hannon só come do que é bom porque a Sra. Hannon é tão doida por ele como no dia em que se casaram. Parecem dois amantes tirados de um filme americano. Aí vem ele a empurrar a bicicleta e de cachimbo na boca. Manda-me subir para a barra da bicicleta e aí vou eu para o meu emprego de homem. A cabeça dele está por cima da minha e o cheiro do cachimbo é delicioso, mas da roupa dele sai um cheiro a carvão que me faz espirrar.

Há homens a irem a pé ou de bicicleta para os depósitos de carvão, a Fábrica de Farinha Rank e a Empresa de Navegação de Limerick na Dock Road. O Sr. Hannon tira o cachimbo da boca e diz-me que esta manhã é a melhor, a de sábado, porque é só meio dia. Começamos às oito e quando derem as Ave-Marias ao meio-dia já estamos despachados.

Primeiro preparamos o cavalo, escovamo-lo, enchemos o balde de madeira de aveia e o de metal com água. O Sr. Hannon ensina-me a pôr os arreios e deixa-me encaixar o cavalo nos varais da carroça. Bendito seja Deus, Frankie, tens jeito para isto, diz ele.

Fico tão feliz de ouvir aquilo que me apetece saltar para cima e para baixo e andar a guiar uma carroça para o resto da vida.

Estão dois homens a encher sacos de carvão e turfa e a pesá-los na grande balança de ferro, cinquenta quilos em cada saco. Também são eles que empilham os sacos na carroça enquanto o Sr. Hannon vai ao escritório buscar o registo das encomendas. São rápidos a fazer isso e num instante está tudo pronto para começarmos a nossa volta. O Sr. Hannon senta-se do lado

esquerdo da carroça e com o chicote aponta o sítio onde me devo sentar do lado direito. Custa subir para a carroça por ser tão alta e estar tão carregada com os sacos, e eu tento subir trepando pela roda. O Sr. Hannon diz para eu nunca mais fazer aquilo. Nunca ponhas uma perna nem uma mão ao pé da roda, quando o cavalo já está preso aos varais. Pode apetecer-lhe ir dar uma volta sozinho e aí ficas tu sem a perna ou o braço presos à roda e tu a veres sem poderes fazer nada. Diz ao cavalo, Vamos lá a isto, e o cavalo abana a cabeça e chocalha os arreios, e o Sr. Hannon dá uma gargalhada. Este estúpido deste cavalo é doido pelo trabalho, diz ele. Daqui a umas horas já não vai chocalhar os arreios.

Quando começa a chover tapamo-nos com sacas de carvão velhas, e o Sr. Hannon vira o cachimbo para baixo sem o tirar da boca, para o tabaco não se molhar. Diz que a chuva torna tudo mais pesado, mas não vale a pena queixarmo-nos. Também há quem se queixe do sol em África.

Atravessamos a Ponte de Sarsfield para irmos fazer as entregas na Ennis Road e na North Circular Road. São ricos, diz o Sr. Hannon, e muito lentos a porem a mão no bolso para tirarem de lá uma gorjeta.

Temos dezasseis sacos para entregar. O Sr. Hannon diz que hoje estamos com sorte porque há casas onde vamos deixar mais do que um e assim ele não tem de andar a subir e a descer da carroça e a dar cabo das pernas. Quando paramos, ele desce e eu puxo o saco para a beira e ponho-o às costas dele. Há casas que têm cá fora um sítio onde se abre uma porta de alçapão e se volta o saco ao contrário para o despejar, e assim é fácil. Há outras casas com grandes pátios nas traseiras e aí é que se vê como o Sr. Hannon está mal das pernas, quando tem de carregar os sacos da carroça para os telheiros ao pé das portas das traseiras. Ai, Jesus, Frankie, ai, Jesus, é a única queixa que se ouve da boca dele. Pede-me que lhe dê a mão para o ajudar a subir para a carroça. Diz que se tivesse um carrinho de mão era bom para levar os sacos da carroça para as casas, seria uma bênção, mas um carrinho de mão custa tanto como duas semanas de trabalho e quem é que tem dinheiro para isso?

Entregamos os sacos e o Sol volta a brilhar, a carroça está vazia, e o cavalo sabe que o seu dia de trabalho chegou ao fim. É bom estar sentado na carroça a ver o cavalo todo, desde a cauda à cabeça, naquele pequeno balanço que faz a andar ao longo da Ennis Road, passando por cima do Shannon, até à Dock Road. O Sr. Hannon diz que um homem que entregou oitocentos

quilos de carvão e turfa merece uma cerveja e que o rapaz que o ajudou merece uma limonada. Diz-me que devia andar na escola e não ser como ele, a trabalhar com as pernas a apodrecerem debaixo dele. Vai para a escola, Frankie, e vai-te embora de Limerick e da Irlanda. Um dia esta guerra há-de acabar e então poderás ir para a América ou para a Austrália ou para qualquer país grande, cujo fim não conseguirás ver. O mundo é enorme e poderás ter aventuras sensacionais. Se não tivesse as pernas neste estado, estaria em Inglaterra a fazer fortuna como todos os outros irlandeses, como o teu pai. Não, como o teu pai, não. Ouvi dizer que vos deixou na miséria, não foi? Não percebo como é que um homem em seu perfeito juízo pode ir-se embora e deixar a mulher e os filhos a morrerem à fome e ao frio com o Inverno de Limerick. A escola, Frankie, a escola. Livros, livros, livros. Vai-te embora de Limerick antes que as tuas pernas apodreçam e a tua cabeça se perca por completo.

O cavalo lá vai trotando e, quando chegamos ao depósito de carvão, damos-lhe comida e água e esfregamo-lo. O Sr. Hannon está sempre a falar com ele e chama-lhe Meu velho, e o cavalo põe-se resfolegar e a encostar o nariz ao peito do Sr. Hannon. Gostava de levar este cavalo para casa e pô-lo no andar de baixo quando nós estamos lá em cima na Itália, mas mesmo que eu conseguisse fazê-lo passar pela porta a minha mãe ia começar a gritar comigo que um cavalo era só o que estava a fazer falta lá em casa.

As ruas que partem da Dock Road são demasiado íngremes para Sr. Hannon ir de bicicleta e me levar, e por isso vamos a pé. As pernas dele estão muito inchadas por causa do trabalho daquele dia e, por isso, demoramos muito tempo a chegar a Heory Street. Ele apoia-se na bicicleta ou então senta-se nas escadas à porta das casas, a apertar o tabaco no cachimbo, que nunca tira da boca.

Gostava de saber quando será que vou receber o dinheiro do meu trabalho, porque talvez a Mãe me deixe ir ao Lyric se eu chegar a casa a tempo e com o meu xelim ou o que o Sr. Hannon me der. Estamos à porta do *pub* South e ele diz-me, Entra, não te prometi uma limonada?

O Tio Pa Keating está lá no *pub*. Está todo preto como de costume e está sentado ao lado do Bill Galvin, que está todo branco como de costume, a fungar e a beber com grandes golos uma cerveja preta. O Sr. Hannon pergunta, Estão bons? e senta-se do outro lado do Bill Galvin e toda a gente que está no *pub* começa a rir-se. Credo, diz o homem que está ao balcão,

olhem só para aquilo, dois bocados de carvão e uma bola de neve. Os homens que estavam noutros sítios do *pub* vêm ver os dois homens pretos do carvão e o homem branco da cal no meio deles e querem ir pedir ao *Limerick Leader* que mande lá um fotógrafo.

O Tio Pa diz, O que é que andas a fazer assim todo preto, Frankie? Caíste nalguma mina de carvão?

Andei na carroça a ajudar o Sr. Hannon.

Os teus olhos estão uma desgraça, Frankie. Parecem poças de mijo na neve.

É por causa do pó do carvão, Tio Pa.

Quando chegares a casa, lava-os.

Está bem, Tio Pa.

O Sr. Hannon paga-me uma limonada, dá-me um xelim pela minha manhã de trabalho e diz que agora já posso ir para casa, que sou um grande trabalhador e que quer que torne a ajudá-lo na semana seguinte depois de sair da escola.

No caminho para casa olho para uma montra e vejo-me todo preto do carvão e sinto-me como um homem, um homem com um xelim no bolso, um homem que bebeu uma limonada num *pub* com dois homens sujos de carvão e um homem sujo de cal. Já deixei de ser criança e posso sair de vez da Escola de Leamy. Podia trabalhar todos os dias com o Sr. Hannon e, quando ele piorasse das pernas, podia ficar com a carroça e continuar a entregar carvão aos ricos durante o resto da vida e assim a minha mãe já não tinha de ir pedir para a porta da casa dos padres da Igreja Redentorista.

As pessoas que se cruzam comigo na rua olham para mim de uma maneira estranha. Os rapazes e as raparigas riem-se e gritam, Olha o limpa-chaminés. Quanto é que levas por limpar a nossa chaminé? Caíste nalgum buraco de carvão? Ficaste chamuscado pela escuridão?

São uns ignorantes. Não sabem que passei o dia a entregar centenas de quilos de carvão e turfa. Não sabem que já sou um homem.

A Mãe está lá em cima na Itália a dormir com o Alphie e está um casaco a tapar a janela para o quarto estar às escuras. Digo-lhe que ganhei um xelim e ela diz que posso ir ao Lyric, que bem mereço. Leva dois *pence* e deixa o resto na pedra por cima da chaminé lá de baixo para eu poder mandar vir um pão para o chá. De repente o casaco cai da janela e o quarto fica cheio de luz. A Mãe olha para mim e diz, Valha-me Deus, o estado em que tens os olhos. Vai lá para baixo que eu vou já

ter contigo para tos lavar.

Aquece água na chaleira e passa-me com ácido bórico nos olhos e diz-me que não posso ir ao Cinema Lyric nem hoje nem enquanto os meus olhos não estiverem limpos e só Deus sabe quando é que será. Não podes andar a entregar carvão com os olhos assim, diz ela. Esse pó vai acabar com eles.

Quero trabalhar. Quero trazer um xelim para casa. Quero ser um homem.

Podes ser um homem sem trazeres um xelim para casa. Vai lá para cima e deita-te e descansa-me esses olhos, senão ainda ficas cego.

Quero aquele trabalho. Lavo os olhos três vezes por dia com ácido bórico. Lembro-me do que o Seumas me contou no hospital de o tio dele se ter curado a piscar os olhos e começo a ficar uma hora por dia sentado numa cadeira a fazer esse exercício. Não há nada para ter uns olhos bons como piscá-los, dizia ele. E então eu pisco e pisco, até que o Malachy vai dizer à minha mãe, que está na rua a conversar com a Sra. Hannon, Mãe, o Frankie não está bom. Está lá em cima e não pára de piscar os olhos.

A Mãe vem a correr ter comigo. O que é que tens?

Estou a fazer um exercício para ter os olhos bons.

Que exercício?

Piscar os olhos.

Piscar os olhos não é exercício nenhum.

O Seumas lá do hospital diz que não há nada como piscar os olhos para ter uma vista boa. Foi assim que o tio dele ficou com uns olhos extraordinários.

Ela diz que estou a ficar esquisito e torna a ir para a rua continuar a conversa com a Sra. Hannon e eu continuo a piscar os olhos e a lavá-los com ácido bórico e água morna. Ouço a Sra. Hannon pela janela a dizer, O seu Frankie foi uma bênção para o meu John, porque é a subir e a descer da carroça que ele dá cabo das pernas.

A Mãe não diz nada e isso significa que tem tanta pena do Sr. Hannon que me vai deixar continuar a ajudá-lo no pior dia das entregas, que é a quinta-feira. Lavo os olhos três vezes por dia e pisco os olhos até me ficarem a doer as sobancelhas. Pisco os olhos na escola, quando o professor não está a olhar para mim e os rapazes da minha aula começam a chamar-me Pisca-isca e juntam esse nome à lista de alcunha que eu já tinha.

*filho duma pedinte
japonês dançarino
olhos sarnentos
boca de xarroco**

Não me interessa o que eles me chamem desde que os meus olhos melhorem e eu continue com o meu trabalho a levantar sacos de cinquenta quilos de carvão da carroça. Gostava que eles me vissem na quinta-feira depois da escola, quando vou na carroça e o Sr. Hannon me entrega as rédeas para poder fumar o seu cachimbo em paz. Toma, Frankie, devagar e com jeitinho porque este cavalo é bom e não precisa de ser puxado.

Também me dá o chicote, mas com este cavalo não é preciso chicote. É só para os outros verem e eu agito-o no ar como o Sr. Hannon costuma fazer, ou sirvo-me dele para tirar uma ou outra mosca da grande garupa dourada do cavalo, a balançar por entre os varais.

De certeza que as pessoas estão a ver-me e a admirar a forma como eu vou guiando a carroça, o ar despreocupado com que manejo as rédeas e o chicote. Gostava de ter um cachimbo como o Sr. Hannon e um boné de xadrez. Gostava de ser um carvoeiro a sério, com a pele preta como o Sr. Hannon ou o Pa Keating para as pessoas dizerem, Lá vai o Frankie McCourt que anda a entregar carvão em Limerick e depois vai beber a sua cerveja ao *pub* South. Nunca havia de lavar a cara. Havia de estar preto todos os dias do ano até no Natal quando toda a gente se lava de alto a baixo para a vinda do Menino Jesus. Sei que Ele não se importaria porque vi os Três Reis Magos no presépio de Natal na igreja redentorista e um deles era mais preto do que o Tio Pa Keating, que é o homem mais preto de Limerick e se um Rei Mago é preto é porque em todos os lugares do mundo há sempre alguém a entregar carvão.

O cavalo levanta a cauda e saem-lhe do rabo grandes bocados de caca amarela a fumar. Puxo as rédeas para ele poder parar e fazer aquilo em paz, mas o Sr. Hannon diz, Não, Frankie, deixa-o continuar a trotar. Eles cagam sempre a andar. É uma das bênçãos dos cavalos, cagam enquanto trotam e não ficam sujos nem a cheirar mal como os humanos, nada disso, Frankie. A pior coisa que há no mundo é ir a uma retrete a seguir a um homem que comeu pezzinhos de porco e passou a noite a beber cervejas. É um cheirete capaz de rebentar com as ventas de um homem forte.

Os cavalos são diferentes. Só comem aveia e feno e o que deitam é limpo e natural.

Trabalho com o Sr. Hannon depois de sair da escola às terças e quintas e meio dia ao sábado de manhã, o que quer dizer que arranjo três xelins por semana para a minha mãe, mas ela preocupa-se muito por causa dos meus olhos. Assim que chego a casa lava-mos logo e obriga-me a ficar meia hora deitado.

O Sr. Hannon diz que vai passar a esperar por mim ao pé da escola de Leamy às quintas-feiras depois de fazer as entregas na Barrington Street. Assim os meus colegas vão ver-me. Vão ficar a saber que já trabalho e que sou mais do que um japonês dançarino de olhos sarnentos e boca de xarroco. O Sr. Hannon diz, Vá, upa, e eu subo para a carroça como qualquer trabalhador. Olho para os rapazes de boca aberta a admirarem-me. De boca aberta. Digo ao Sr. Hannon que se quiser fumar o cachimbo descansado eu tomo conta das rédeas e quando ele as passa para mim tenho a certeza de que ouço os meus colegas de respiração suspensa. Digo ao cavalo, Vamos lá a isto, como o Sr. Hannon diz. Afastamo-nos e nesse momento sei que há dezenas de rapazes da Escola de Leamy a cometer o pecado mortal da inveja. Torno a dizer ao cavalo, Vamos lá a isto, para ter a certeza de que todos ouvem, para ter a certeza de que sabem que sou eu que vou a guiar a carroça, eu e mais ninguém, para ter a certeza de que nunca mais hão-de esquecer-se de que foi a mim que viram na carroça, com as rédeas e o chicote na mão. É o melhor dia da minha vida, melhor do que o dia da Primeira Comunhão, que a Avó estragou, melhor do que o dia da Confirmação, em que fiquei com tifo.

Agora já não me chamam nomes. Já não se riem dos meus olhos sarnentos. Querem saber como é que arranjei um trabalho tão bom só com onze anos de idade e quanto é que ganho e se vou ficar com aquele trabalho para sempre. Querem saber se há mais trabalhos bons nos depósitos de carvão e se eu meto uma cunha para eles.

Há também os rapazes já crescidos com treze anos que espetam a cara deles na minha e me dizem que aquele trabalho devia ser deles porque são mais velhos e eu não passo de um anão descarnado e sem ombros. Podem dizer o que quiserem. O emprego é meu e o Sr. Hannon diz que eu sou formidável.

Há dias em que as pernas dele estão tão mal que quase não consegue andar, e a Sra. Hannon fica com um ar muito preocupado. Oferece-me uma chávena de chá e eu fico a vê-la levantar as pernas das calças do Sr. Hannon e tirar as

ligaduras sujas. As feridas são vermelhas e amarelas e estão cobertas de pó de carvão. Ela lava-as com água e sabão desfeito e esfrega-as com uma pomada amarela. Apoia-lhe as pernas em cima de uma cadeira e é aí que ele fica o resto da noite a ler o jornal ou um livro da prateleira que está por cima da cabeça dele.

As pernas estão a piorar tanto que de manhã ele tem de se levantar uma hora mais cedo para perder a rigidez e mudar as ligaduras. Numa manhã de sábado, ainda escuro, a Sra. Hannon bate à porta e pede-me para ir pedir um carrinho de mão emprestado a um vizinho para levar para a carroça porque o Sr. Hannon não vai conseguir levar os sacos e eu podia pô-los no carrinho para ele empurrar. Também não vai conseguir levar-me na bicicleta dele, por isso é melhor eu ir ter com ele ao depósito e levar o carrinho.

O vizinho diz, Se é para o Sr. Hannon, podes levar tudo. Deus o abençoe.

Espero ao portão do depósito de carvão e vejo o Sr. Hannon a dirigir-se para mim na bicicleta, mais devagar do que nunca. Tem tanta dificuldade em mexer-se que quase não consegue sair da bicicleta. És um grande homem, Frankie, diz ele. Deixa-me preparar o cavalo, apesar de eu ainda ter alguma dificuldade em pôr os arreios. Deixa-me tirar a carroça do depósito e guiá-la pelas ruas geladas. Quem me dera poder ficar assim a guiá-la para sempre e nunca mais voltar para casa. O Sr. Hannon mostra-me como se puxam os sacos para a beira da carroça para caírem para o chão para eu depois os puxar para o carrinho e levá-los para as casas. Mostra-me como devo levantar e empurrar os sacos para não me esforçar muito e ao meio-dia os dezasseis sacos estão entregues.

Quem me dera que os rapazes de Leamy me vissem agora, a guiar a carroça e a entregar os sacos, a fazer tudo enquanto o Sr. Hannon descansa as pernas. Quem me dera que eles me vissem a parar a carroça à porta do *pub* South para beber a minha limonada com o Sr. Hannon e o Tio Pa e eu todos pretos e o Bill Galvin todo branco. Gostava de mostrar a toda a gente as gorjetas com que o Sr. Hannon me deixa ficar, quatro xelins, mais o xelim que ele me paga pelo trabalho daquela manhã, cinco xelins ao todo.

A Mãe está sentada ao pé do lume e, quando lhe entrego o dinheiro, ela olha para mim, deixa-o cair no colo e começa a chorar. Fico desorientado porque pensava que o dinheiro fazia sempre as pessoas felizes. Vai ver os teus olhos, diz ela. Vai

ver os teus olhos naquele espelho.

A minha cara está preta e os meus olhos piores do que nunca. As córneas e as pálpebras estão vermelhas e dos cantos está a sair aquele líquido amarelo, que cobre também as pálpebras inferiores. Se o líquido seca, forma uma crosta e tem de ser arrancado ou lavado.

A Mãe diz, Acabou-se. Acabou-se o Sr. Hannon. Tento explicarlhe que o Sr. Hannon precisa de mim. Já quase não consegue andar. Hoje de manhã tive de fazer tudo, guiar a carroça, levar o carrinho com os sacos, sentar-me no **pub**, beber limonada, ouvir os homens a discutir quem é melhor, se o Rommel ou o Montgomery.

Ela diz que tem muita pena do Sr. Hannon, mas que nós também temos os nossos problemas e a última coisa que lhe está a fazer falta é um filho cego a tropeçar pelas ruas de Limerick. Já foi mau teres estado às portas da morte com o tifo, agora ainda queres ficar cego.

Não consigo parar de chorar porque esta era a única hipótese de me tornar homem e trazer para casa o dinheiro que o rapaz dos telegramas nunca trouxe do meu pai. Não consigo parar de chorar porque não sei o que o Sr. Hannon vai fazer na segunda-feira de manhã sem ninguém a ajudá-lo a puxar os sacos para a beira da carroça e a levar os sacos para as casas. Não consigo parar de chorar por causa da maneira como ele lida com aquele cavalo a que chama doçura, por ser uma pessoa tão meiga, e o que vai ser do cavalo se o Sr. Hannon não aparecer para o levar para a rua? Se calhar vai morrer de fome com falta de aveia, de feno e de uma maçã de vez em quando.

A Mãe diz que não devia estar a chorar porque me faz mal aos olhos. Depois se vê, diz ela. Agora não posso dizer-te mais nada. Depois se vê.

Lava-me os olhos e dá-me seis **pence** para ir com o Malachy ao Lyric ver o Boris Karloff em **O Homem que Venceu a Morte** e comprar dois bocados de caramelo Cleeves. É difícil ver o ecrã com o líquido amarelo sempre a sair-me dos olhos, e o Malachy tem de me ir contando o que está a acontecer. As pessoas que estão à nossa volta mandam-no calar, querem ouvir o que o Boris Karloff está a dizer, e quando ele lhes diz que só está a ajudar o irmão que é cego, chamam o empregado, o Frank Goggin, que diz que se ouvir mais uma palavra da boca do Malachy nos põe aos dois na rua.

Não me importo. Descubro uma maneira de espremer o líquido dum olho e limpá-lo para conseguir ver o ecrã, enquanto o outro

olho enche, e continuo assim, espremer, ver, espremer, ver, mas vejo tudo amarelo.

Na segunda feira de manhã a Sra. Hannon torna a bater à porta. Pergunta à Mãe se o Frank pode ir ao depósito de carvão avisar o homem do escritório que o Sr. Hannon não pode ir trabalhar, tem de ir ao médico das pernas, mas que amanhã irá de certeza e entregará amanhã o que não entregar hoje. Agora a Sra. Hannon chama-me sempre Frank. Uma pessoa que anda a entregar sacos de cinquenta quilos de carvão não se pode chamar Frankie.

O homem do escritório diz, Hum, acho que andamos a ser muito tolerantes com o Hannon. Como é que te chamas? McCourt, senhor. Diz ao Hannon que tem de trazer um papel do médico. Estás a perceber?

Estou, sim, senhor.

O médico diz ao Sr. Hannon que tem de ir para o hospital porque senão fica com gangrena e o médico não se responsabiliza. O Sr. Hannon vai numa ambulância e com ele vai-se o meu trabalho. Agora vou passar a ser branco como todos os alunos de Leamy, não vou ter carroça, nem cavalo, nem xelins para dar à minha mãe.

Passados alguns dias a Bridey Hannon aparece à nossa porta. Diz que a mãe dela quer que eu vá lá a casa tomar chá com ela. A Sra. Hannon está sentada ao pé do lume com a mão pousada no assento da cadeira do Sr. Hannon. Senta-te, Frank, diz ela, e quando vou sentar-me num banco da cozinha ela diz, Não, senta-te aqui. Senta-te aqui na cadeira dele. Sabes quantos anos é que ele tem, Frank?

Oh!, já deve ser muito velho, Sra. Hannon. Deve ter uns trinta e cinco anos.

Ela sorri. Tem uns dentes lindos. Tem quarenta e cinco, Frank, e um homem dessa idade não devia ter as pernas assim.

Pois não, Sra. Hannon.

Sabes que lhe deste uma grande alegria por andares com ele nas entregas?

Não, não sabia, Sra. Hannon.

Mas deste. Tivemos duas filhas, a Bridey, que tu conheces, e a Kathleen, que é enfermeira em Dublin. Mas não temos nenhum filho e ele dizia que tu eras como um filho.

Sinto os olhos a arder e não quero que ela me veja a chorar, principalmente por não saber porque estou a chorar. Ultimamente não faço outra coisa. Será por causa do trabalho? Por causa do Sr. Hannon? A minha mãe diz que tenho a bexiga ao pé dos olhos.

Acho que estou a chorar pela calma com que a Sra. Hannon está a falar e por estar a falar assim por causa do Sr. Hannon.

Como um filho, diz ela, e eu fico feliz por ele pensar assim. Já não pode trabalhar mais, sabias? Quando sair do hospital vai ter de ficar em casa. Pode haver cura e se houver talvez consiga arranjar um trabalho de vigilante onde não tenha de andar a levantar e a carregar pesos.

Agora já não tenho trabalho, Sra. Hannon.

Tens, sim, Frank. A escola. É esse o teu trabalho.

Isso não é um trabalho, Sra. Hannon.

Nunca na vida terás outro trabalho como esse, Frank. O Sr. Hannon nem quer imaginar-te a arrastar sacos de carvão de uma carroça e a tua mãe nem quer imaginar que vais dar cabo dos teus olhos. Deus bem sabe como estou arrependida de te ter metido nisto, porque deixei a tua mãe aflita entre os teus olhos e as pernas do Sr. Hannon.

Posso ir ver o Sr. Hannon ao hospital?

Se calhar não te deixam entrar, mas podes vir vê-lo cá a casa. Deus bem sabe que ele não há-de fazer muita coisa a não ser ler e espreitar pela janela.

Em casa a Mãe diz-me, Não devias chorar, mas como as lágrimas são salgadas sempre te lavam a porcaria dos olhos.

XII

Recebemos uma carta do Pai. Vai chegar dois dias antes do Natal. Diz que vai ser tudo diferente, é um homem novo, espera que continuemos a ser bons meninos, a obedecer à nossa mãe, a cumprir os nossos deveres religiosos e vai trazer prendas de Natal para todos.

A Mãe leva-me à estação dos caminhos-de-ferro para irmos esperá-lo. É um sítio sempre muito animado, com as chegadas e partidas, pessoas debruçadas nas carruagens, a chorarem, a sorrirem, a dizerem adeus, o comboio a apitar e a chamar, a começar a andar por ente nuvens de vapor, pessoas a fungarem no cais, os carris a reluzirem ao longe, a caminho de Dublin e do mundo para lá de Dublin.

Já é quase meia-noite e o cais está vazio e frio. Um homem com um boné dos caminhos-de-ferro pergunta-nos se queremos esperar num sítio mais quente. A Mãe diz, Muito obrigada, e dá uma gargalhada quando vê que ele está a levar-nos para o fim do cais onde vamos ter de subir um escadote para entrarmos para a torre de sinalização. Demora um bocado a subir porque está pesada e não pára de dizer, Oh!, meu Deus, oh!, meu Deus.

Estamos por cima do mundo. A torre de sinalização está às escuras, à excepção das luzes que piscam ora vermelho, ora verde, ora amarelo, quando o homem se debruça sobre o painel. Estou aqui a petiscar qualquer coisa. São servidos? diz ele.

A Mãe diz, Ah!, não, obrigada, não vamos agora comer a sua ceia.

Ele diz, A minha mulher manda-me sempre comida de mais. Nem que estivesse aqui uma semana conseguiria comer tudo. Não é um trabalho lá muito cansativo estar com atenção às luzes e puxar uma alavanca de vez em quando.

Destapa uma garrafa e deita cacau numa caneca. Toma, diz ele, voltando-se para mim, atira-te a esse cacau.

Dá meia sanduíche à minha mãe. Oh!, não, leve isso para casa e dê aos seus filhos.

Tenho dois filhos, minha senhora, mas andam por esse mundo a combater nos exércitos de Sua Majestade, o Rei de Inglaterra. Um esteve com o Montgomery em África e o outro está na Birmânia ou num raio de um sítio parecido, desculpe esta minha maneira de falar. Libertámo-nos da Inglaterra para agora andarmos a combater nas guerras deles. Por isso, minha senhora, aceite este bocado de pão.

As luzes começam a piscar no painel e o homem diz, O seu comboio está a chegar, minha senhora.

Muito obrigada e Feliz Natal.

Feliz Natal também para si, minha senhora, e Feliz Ano Novo também. Cuidado a descer o escadote, rapazinho. Ajuda a tua mãe.

Muito obrigado, senhor.

Ficamos outra vez à espera no cais até que o comboio ressoa na estação. Abrem-se as portas das carruagens e alguns homens descem para o cais, com malas na mão, e apressam-se em direcção aos portões. Ouve-se o tilintar das latas de leite a caírem para o chão. Um homem e dois rapazes estão a descarregar jornais e revistas.

Nem sinais do meu pai. A Mãe diz que se calhar ele adormeceu numa das carruagens, mas nós bem sabemos que ele quase nunca dorme, nem mesmo quando está deitado na cama. Ela diz que se calhar foi o barco de Holyhead que se atrasou e o fez perder o comboio. O mar da Irlanda é terrível nesta altura do ano.

Não vem, Mãe. Não quer saber de nós. Está lá bêbedo num sítio qualquer em Inglaterra.

Não fales assim do teu pai.

Não lhe digo mais nada. Não lhe digo que gostava que o meu pai fosse como o homem da torre, que nos deu sanduíches e cacau.

~~

No dia seguinte o Pai entra pela casa dentro. Não tem os dentes de cima e tem uma ferida por baixo do olho esquerdo. Diz que o mar da Irlanda estava muito agitado e, quando se debruçou no navio, os dentes caíram-lhe. A Mãe diz, Não foi por causa da bebida, pois não? Não andaste à pancada, pois não?

Oh!, não, Angela.

O Michael diz, O Pai disse que trazia uma prenda para nós.
E trouxe.

Tira uma caixa de chocolates da mala e dá-a à Mãe. Ela abre-a e mostra-nos o que está lá dentro: metade dos chocolates desapareceram.

Não podias tê-la guardado? pergunta ela.

Fecha a caixa e põe-na em cima da pedra da chaminé. Comemos os chocolates amanhã no fim do almoço de Natal.

A Mãe pergunta-lhe se trouxe dinheiro. Ele diz-lhe que a vida está difícil, há falta de trabalho, e ela diz, Estás a gozar comigo? Há uma guerra e o que há mais são empregos na Inglaterra. Gastaste tudo na bebida, não foi?

Gastou tudo na bebida, Pai.

Gastou tudo na bebida, Pai.

Gastou tudo na bebida, Pai.

Estamos a gritar tanto que o Alphie começa a chorar. O Pai diz. Então, meninos. Respeitem o vosso pai.

Põe o boné. Tem de ir falar com um homem. A Mãe diz, Vai lá ter com o teu homem mas não me apareças em casa bêbedo a cantar o Roddy McCorley ou outra coisa qualquer.

Ele chega a casa bêbedo, mas vem calado e adormece no chão ao lado da cama da Mãe. No dia seguinte temos um almoço de Natal graças à senha que a Mãe conseguiu na Sociedade de São Vicente de Paulo. O almoço é cabeça de ovelha, couves, batatas brancas farinhentas e uma garrafa de cidra por ser Natal. O Pai diz que não tem fome, só vai beber chá e pede um cigarro à Mãe. Ela diz-lhe, Come qualquer coisa. É Natal.

Ele torna a dizer que não tem fome, mas que se ninguém os quiser, come os olhos da ovelha. Diz que os olhos têm muito alimento e todos nós nos mostramos muito enojados. Empurra os olhos com o chá e fuma o resto do Woodbine. Põe o boné e vai lá acima buscar a mala.

A Mãe pergunta-lhe, Onde é que vais?

Para Londres.

No dia do Senhor? No dia de Natal?

É o melhor dia para viajar. As pessoas que vão de carro dão sempre boleia a um operário a caminho de Dublin. Lembram-se das dificuldades por que passou a Sagrada Família.

E como é que vais apanhar o barco para Holyhead sem um tostão no bolso?

Da mesma maneira como vim para cá. Há sempre uma altura em

que ninguém está a ver. Dá um beijo na testa a cada um de nós, diz-nos para nos portarmos bem, obedecermos à nossa Mãe, rezarmos as nossas orações. Diz à Mãe que depois escreve e ela diz, Ah!, sim, como escreveste das outras vezes. Está de pé, com a mala na mão, em frente da Mãe. Ela levanta-se, pega na caixa de chocolates e dá um a cada um. Põe um chocolate na boca, mas torna a tirá-lo porque é muito duro e ela não consegue mastigá-lo. O meu é mole e eu troco-o com o dela, que vai durar mais tempo. É cremoso e saboroso e tem uma noz no meio. O Malachy e o Michael reclamam porque os deles não têm noz e é sempre o Frankie que fica com a noz. A Mãe diz, Sempre como? É a primeira vez que temos uma caixa de chocolates.

O Malachy diz, Saiu-lhe a passa no bolo lá na escola e toda a gente diz que ele a deu ao Paddy Clohessy. Porque é que não pode dar-nos a noz?

A Mãe diz, Porque é Natal e ele está mal dos olhos e a noz faz bem aos olhos. O Michael pergunta, A noz vai fazê-lo ficar bom dos olhos?

Vai.

Melhor de um olho ou dos dois?

Dos dois, acho eu.

O Malachy diz, Se eu tivesse uma noz também lha dava.

A Mãe, Eu sei queavas.

O Pai fica durante algum tempo a ver-nos comer os chocolates. Depois levanta o ferrolho da porta, sai e torna a fechá-la.

A Mãe diz à Bridey Hannon, Os dias são maus mas as noites são piores. Será que esta chuva não tem fim? Para melhor suportar os dias maus, fica na cama e deixa-me acender o lume com o Malachy de manhã, enquanto fica sentada na cama a dar ao Alphie bocadinhos de pão e chá de uma caneca. Temos de ir lá abaixo à Irlanda lavar a cara na bacia que está por baixo da torneira e enxugá-la como podemos com uma camisa velha e húmida que está nas costas de uma cadeira. A Mãe obriga-nos a ir ao pé da cama para ver se não deixámos porcaria no pescoço, e se deixámos temos de voltar à torneira e à camisa húmida. Quando temos buracos nas calças, ela senta-se e remenda-os com um trapo qualquer que encontre. Andamos de calções até termos treze ou catorze anos e meias até ao joelho sempre com buracos que é preciso passajar. Quando não há lã para cozer os buracos e as meias são escuras, pintamos os tornozelos com graxa dos sapatos para andarmos mais respeitáveis. É uma vergonha andar por esse

mundo fora com a pele à mostra por entre os buracos das meias. Como as usamos semanas a fio, os buracos ficam tão grandes que temos de as puxar para a frente e dobrá-las para debaixo dos pés para que o buraco fique escondido dentro do sapato. Nos dias de chuva as meias ficam ensopadas e temos de as pendurar à noite ao pé do lume na esperança de que estejam secas de manhã. Ficam duras por causa da sujidade e até temos medo de as calçar não vão elas desfazer-se diante dos nossos olhos. Com sorte conseguimos calçar as meias, mas depois temos de tapar os buracos dos sapatos e eu e o Malachy andamos à lata por qualquer bocado de cartão ou papel que haja lá em casa. O Michael ainda só tem seis anos e por isso tem de esperar pelo que deixarmos para ele a menos que a Mãe nos ameace lá da cama que temos de ajudar o nosso irmão mais novo. Se não arranjam os sapatos do vosso irmão e me obrigarem a sair da cama, vai haver molho. Temos pena do Michael porque já é crescido de mais para brincar com o Alphie e pequeno de mais para brincar connosco, e também não pode lutar com ninguém pelas mesmas razões. Quanto ao resto da roupa, é fácil. A camisa com que durmo é a mesma que levo para a escola. Ando todos os dias com ela. É com ela que jogo futebol, que trepo muros, que roubo pomares, que vou à missa e à Confraria. As pessoas põem-se a cheirar e afastam-se de mim. Quando a Mãe arranja uma senha para uma camisa nova na Sociedade de São Vicente de Paulo, a velha é promovida a toalha e fica pendurada meses a fio nas costas da cadeira, sempre húmida, e também serve para a Mãe tirar de lá remendos para pôr noutras camisas. Pode também cortá-la e assim serve para o Alphie usar durante uns tempos, até acabar no chão a calafetar a porta para a chuva não entrar. Vamos para a escola pelas ruelas mais escondidas para não nos cruzarmos com os rapazes respeitáveis da Escola dos Irmãos Cristãos nem com os ricos que andam na escola dos Jesuítas, o Crescent College. Os rapazes dos Irmãos Cristãos andam com casacos de xadrez, camisolas quentes de lã, camisa, gravata e botas novas e engraxadas. Sabemos que são eles que vão arranjar emprego como funcionários públicos e ajudar as pessoas que mandam no mundo. Os rapazes do Crescent College andam de **blazer** e com cachecóis da escola ao pescoço e por cima dos ombros para mostrarem que são os maiores. Usam cabelo comprido, que lhes cai para cima da testa e até dos olhos, para poderem atirá-lo para trás como fazem os Ingleses. Sabemos que são eles

que irão para as universidades, gerir os negócios da família, entrar para o governo e mandar no mundo. Nós seremos paquetes e andaremos de bicicleta a entregar mercearias ou iremos para Inglaterra trabalhar nas obras. As nossas irmãs serão amas dos filhos deles e andarão a esfregar o chão que eles pisam, a menos que vão também para Inglaterra. Sabemos tudo isto. Temos vergonha do nosso aspecto e, quando os rapazes das escolas dos ricos nos dizem alguma coisa, andamos à pancada e acabamos sempre a deitar sangue do nariz ou com a roupa rasgada. Os nossos professores não têm paciência para nós nem para as nossas lutas porque os filhos deles andam nas escolas dos ricos e dizem-nos, Não têm o direito de levantar a mão para gente de uma classe melhor por isso não levantem.

Quando chegamos a casa, nunca sabemos quando vamos encontrar a Mãe sentada ao pé do lume a conversar com uma mulher e uma criança que não conhecemos de lado nenhum. São sempre mulheres com crianças. A Mãe encontra-as a vaguear pelas ruas e se lhe pedem, Pode dar-nos uma esmolinha, minha senhora? o coração dela não aguenta. Como nunca tem dinheiro, convida-as para irem lá a casa beber um chá e comer um bocado de pão frito e, se a noite está muito má, deixa-as dormir a um canto por cima de uma pilha de trapos. O pão que dá a essas pessoas significa sempre menos pão para nós, mas se nos queixarmos ela diz que há sempre pessoas que vivem pior do que nós e não nos custa nada dar-lhes um pouco do que temos.

O Michael é igualzinho. Traz para casa velhos e cães vadios. Nunca sabemos quando vamos encontrar um cão deitado na cama ao pé dele. Umas vezes são cães com feridas, outras cães sem orelhas ou sem cauda. Uma vez trouxe um galgo cego que encontrou num parque a ser maltratado por uns miúdos. O Michael andou à pancada com eles, pegou no cão, que era maior do que ele, e disse à Mãe que o jantar dele podia ser para o cão. A Mãe disse, Que jantar? Já é uma grande sorte haver um bocado de pão nesta casa. O Michael disse-lhe que o pão dele podia ser para o cão. A Mãe disse que no dia seguinte o cão tinha de se ir embora e o Michael passou a noite a chorar e ainda mais de manhã, quando dá com o cão morto na cama ao lado dele. Não quer ir para a escola porque tem de fazer uma cova no sítio onde era o estábulo e quer que nós o ajudemos e rezemos o terço com ele. O Malachy diz que não vale a pena rezar por um cão, como é que sabemos se ele era católico ou não? O Michael diz, Claro que

era católico. Eu sei bem, tive-o nos meus braços. Chora tanto pelo cão que a Mãe deixa-nos faltar à escola. Ficamos tão contentes que não nos importamos de ajudar o Michael a abrir a cova nem de rezar três Ave-Marias. Não vamos desperdiçar um dia de gazeta à escola a rezar o terço por um galgo morto. O Michael só tem seis anos mas quando traz velhos para casa consegue acender o lume e faz chá. A Mãe diz que vai dar em doida por ver aqueles velhos a beberem chá da caneca de que ela mais gosta, a falarem sozinhos e a esgravatarem no lume. Diz à Bridey Hannon que o Michael tem o hábito de levar lá para casa velhos que já não funcionam bem da cabeça e, quando não tem pão para lhes dar, vai bater à porta dos vizinhos, e não tem vergonha de lhes pedir pão. Acaba por dizer ao Michael, Acabaram-se os velhos. Um deles deixou piolhos cá em casa e agora estamos todos infestados.

Os piolhos são nojentos, piores do que os ratos. Passeiam pela nossa cabeça, pelas orelhas e metem-se nas concavidades das clavículas. Fixam-se à nossa pele. Metem-se nas costuras da roupa e espalham-se por toda a parte, até pelos casacos que usamos a fazer de cobertores. Temos de procurar pelo corpo todo do Alphie, porque ainda é bebé e precisa de ajuda.

Os piolhos são piores do que as pulgas. Ficam presos à nossa pele e chupam-nos o sangue, que depois vemos dentro deles. As pulgas saltam e mordem, mas são limpas e por isso preferimo-las. As coisas que saltam são mais limpas do que as que se prendem.

Concordamos todos que não vai haver mais mulheres, nem crianças, nem cães, nem velhos abandonados. Não queremos mais doenças nem mais infecções.

O Michael chora.

A vizinha do lado da Avó, a Sra. Purcell, é a única que tem telefonia lá na rua. Foi o governo que lha deu por ser velhinha e cega. Eu queria uma telefonia. A minha avó é velha mas não é cega. Para que serve uma avó que não fica cega para o governo lhe dar uma telefonia? Aos domingos à noite sento-me no passeio por baixo da janela da Sra. Purcell a ouvir as peças de teatro da BBC e da Radio Eireann, a estação irlandesa. Há peças de O'Casey, Shaw, Ibsen e até de Shakespeare, que são as melhores, mesmo sendo em inglês. O Shakespeare é como puré de batata, nunca farta. E há peças estranhas que falam de Gregos que arrancam os olhos porque por engano se casaram com as mães.

Uma noite estou eu sentado por baixo da janela da Sra. Purcell a ouvir o **Macbeth**. A filha dela, que se chama Kathleen, põe a cabeça de fora e diz-me, Entra, Frankie. A minha mãe diz que se ficas aí sentado com este tempo ainda apanhas tuberculose.

Oh!, não é preciso, Kathleen. Estou bem aqui. Não. Entra. Dão-me chá e uma grande fatia de pão barrado com compota de amoras silvestres. A Sra. Purcell diz, Gostas de Shakespeare, Frankie? Adoro, Sra. Purcell.

É uma maravilha, Frankie, e as histórias dele são as mais bonitas do mundo. Não sei o que seria de mim ao domingo à noite se não tivesse o Shakespeare.

Quando acaba o teatro, ela deixa-me mexer no botão da telefonia e eu procuro sons distantes na banda de onda curta, sussurros e assobios estranhos, o som arrastado do oceano a avançar e a recuar e o código Morse ti ti ti ti ti ti. Ouço bandolins, guitarras, gaitas-de-foles espanholas, tambores africanos, o lamento dos barqueiros do Nilo. Vejo marinheiros de vigia a beberem canecas de cacau quente. Vejo catedrais, arranha-céus, casas de campo. Vejo beduínos no deserto do Sara e a Legião Francesa, cowboys nas pradarias americanas. Vejo cabras a saltarem pela encostas pedregosas da Grécia onde os pastores são cegos porque por engano se casaram com as mães. Vejo pessoas a conversarem em cafés, a beberem café aos golinhos, a passearem por alamedas e avenidas. Vejo mulheres da noite sob as ombreiras das portas, monges a cantarem as vésperas e ouço o grande estampido do Big Ben. É a BBC Internacional e a seguir vem o noticiário.

A Sra. Purcell diz, Deixa ficar aí, Frankie, para sabermos como vai o mundo.

A seguir às notícias é a Rede das Forças Armadas Americanas e é uma maravilha ouvir as vozes americanas tão calmas e suaves e depois vem a música, ena, pá, a música do Duke Ellington a dizer-me para apanhar **A train** para o sítio onde a Billie Holiday canta só para mim,

**I can't give you anything but love, baby.*

That's the only thing I've plenty of, baby.*

Oh!, Billie, quero estar contigo e com toda essa música aí na América, onde ninguém tem dentes podres, onde as pessoas deixam comida no prato, onde cada família tem a sua casa de banho e

onde toda a gente vive feliz para sempre. E a Sra. Purcell diz, Sabes uma coisa, Frankie?

O quê, Sra. Purcell?

O Shakespeare é tão bom que devia ser irlandês.

O homem da renda está a perder a paciência. Diz à Mãe, A sua renda já está quatro semanas atrasada, minha senhora. É uma libra e dois xelins. Isto tem de acabar porque senão vou ter de ir ao escritório e fazer queixa a Sir Vincent Nash de que os McCourts estão com um mês de atraso. E depois o que é de mim, minha senhora? Levo um pontapé no rabo e fico sem emprego, com o encargo de uma mãe de noventa e dois anos que todos os dias comunga na Igreja Franciscana. O homem das rendas tem de as cobrar, minha senhora, porque senão perde o emprego. Volto cá para a semana e, se não tiver o dinheiro, uma libra, oito xelins e seis *pence* ao todo, vai tudo para a rua, com a chuva a cair em cima da mobília.

A Mãe torna a subir para a Itália e senta-se ao pé do lume a pensar onde irá arranjar dinheiro para a renda de uma semana, já para não falar do atrasado. Apetecia-lhe uma chávena de chá, mas não há maneira de aquecer a água, até que o Malachy puxa uma tábua solta da parede que divide os dois quartos lá de cima. A Mãe diz, Bem, já que caiu agora podemos cortá-la para o lume. Aquecemos a água e guardamos o resto da tábua para fazermos o chá de manhã, mas e logo à noite e amanhã de manhã e depois e depois? A Mãe diz, Tira-se mais uma tábua da parede, mas só mais uma. Continua a dizer isto durante duas semanas até que já não há nada na parede a não ser as vigas. Avisa-nos para não tocarmos nas vigas porque estão a segurar o tecto e até a casa toda.

Não, nós não tocamos nas vigas.

A Mãe vai a casa da Avó e está tanto frio que eu ataco uma das vigas com o machado. O Malachy dá vivas e o Michael bate as palmas todo contente. Puxo a viga, o tecto geme e cai uma chuva de gesso, ardósia e água para cima da cama da Mãe. O Malachy diz, Ai, meu Deus, vamos ser mortos, e o Michael põe-se a dançar e a cantar, O Frankie partiu a casa, o Frankie partiu a casa.

Está a chover mas nós vamos a correr contar à Mãe o que aconteceu. Ela fica sem perceber quando ouve o Michael a cantar, O Frankie partiu a casa, até que eu lhe explico que a casa tem um buraco e está a cair. Ela diz, Ai, Jesus, e desata

a correr pela rua, com a Avó atrás dela.

Vê a cama enterrada debaixo do gesso e das placas de ardósia e agarra a cabeça, O que é que nós vamos fazer, o quê? e grita comigo por ter tocado nas vigas. A Avó diz, Vou ao escritório do senhorio para eles virem arranjar isto antes que vocês morram aqui afogados.

Volta num instante com o homem da renda. Valha-me Deus, onde é que está o outro quarto?

A Avó diz, Que quarto?

Aluguei-vos dois quartos lá em cima e agora só lá está um. Onde é que está o outro quarto?

A Mãe diz, Que quarto?

Havia dois quartos lá em cima e agora só há um. O que é que aconteceu à parede? Havia uma parede. Agora não há parede nenhuma.

Lembro-me perfeitamente da parede porque me lembro perfeitamente do quarto. E onde é que está a parede? Onde é que está o quarto?

A Avó diz, Não me lembro de parede nenhuma e, se não me lembro da parede, como é que posso lembrar-me do quarto?

Não se lembra? Pois eu lembro-me. Há quarenta anos que sou agente do senhorio e nunca vi uma coisa destas. Valha-me Deus, é um desespero, mal voltamos as costas os inquilinos não só não pagam as rendas como ainda dão sumiço às paredes e aos quartos. Quero saber onde está a parede e o que é feito do quarto.

A Mãe volta-se para nós. Lembram-se de alguma parede?

O Michael puxa-lhe pela mão. É aquela parede que pusemos a arder no lume? O homem da renda diz, Oh! Deus lá nas alturas, isto é pior do que Banagher, isto é uma coisa nunca vista, passa dos limites. Sem renda, o que é que eu vou dizer a Sir Vincent lá no escritório? Rua, minha senhora, tudo para a rua. De hoje a uma semana venho bater a esta porta e não quero ver ninguém em casa, tudo para a rua. Ouviu bem, minha senhora?

A Mãe está com uma cara muito zangada. É uma pena não ser já nascido no tempo em que os Ingleses andaram a tirar-nos as casas e a pôr-nos ao relento.

Nada de atrevimentos, minha senhora, senão é despejada já amanhã.

Vai-se embora e deixa a porta aberta para mostrar o que pensa de nós. A Mãe diz, Valha-me Deus. Não sei o que hei-de fazer. A Avó diz, Bem, eu não tenho espaço para vocês mas o teu primo

Gerard Griffin mora na Rosbrien Road naquela casinha que era da mãe dele e de certeza que não se importa que vocês lá fiquem até as coisas melhorarem. Já são estas horas da noite mas ainda lá vou ver o que ele diz. O Frank pode vir comigo.

Manda-me vestir o casaco, mas eu não tenho nenhum e ela diz, Também não deve valer a pena perguntar se têm uma sombrinha. Anda.

Põe o xaile por cima da cabeça e eu saio com ela, rua acima debaixo de chuva até à Rosbrien Road, que fica a mais de três quilómetros de distância. Bate à porta de uma casa pequena que fica numa longa fiada de casas iguais.

Estás aí, Laman? Sei que estás em casa. Abre a porta.

Por que é que está a chamar-lhe Laman, Avó? O nome dele não é Gerard?

Sei lá! Eu também não sei por que é que toda a gente chama Ab ao teu tio Pat? Toda a gente chama a este homem Laman. Abre a porta. Vamos entrar. Se calhar, ficou a fazer horas extraordinárias.

Empurra a porta. A casa está às escuras e tem um cheiro doce a humidade. Estamos num sítio que parece a cozinha e ao lado há um quarto mais pequeno. Por cima do quarto há um sótão com uma clarabóia, onde a chuva está a bater. Há caixas por todo o lado, jornais, revistas, restos de comida, canecas, latas vazias. Todo o espaço do quarto é ocupado por duas camas, uma enorme e uma mais pequena ao pé da janela. A Avó espeta o dedo num alto que está na cama grande. És tu, Laman? Levanta-te, vá lá, levanta-te.

O que foi? O que foi? O que foi? O que foi?

Temos um problema. A Angela vai ser despejada com as crianças e o céu está a desabar com tanta chuva. Precisam de um sítio para se recolherem até arranjarem outro sítio e eu não tenho espaço para eles. Podias pô-los no sótão, se quisesse, mas isso não ia dar por causa dos pequeninos que não iam conseguir subir e até podiam cair e morrer, por isso vais tu lá para cima para eles virem para aqui.

Está bem, está bem, está bem, está bem.

Levanta-se da cama e sente-se bafo a uísque. Vai à cozinha e encosta a mesa à parede para subir para o sótão. A Avó diz, Pronto, assim está bem. Podem mudar-se para aqui hoje à noite e assim os homens do despejo não vos incomodam.

A Avó diz à Mãe que vai para casa. Está cansada e esgotada e

já não tem vinte e cinco anos. Diz que não vale a pena levar camas nem mobília nenhuma porque o Laman Griffm tem muita coisa lá em casa. Pomos o Alphie no carrinho e à volta dele pomos a panela, a frigideira, a cafeteira, os frascos de compota e as canecas, o Papa, duas almofadas e os casacos com que nos tapamos. Cobrimos a cabeça com os casacos e lá vamos pela rua a empurrar o carrinho. A Mãe diz para não fazermos barulho na rua para os vizinhos não saberem que fomos despejados, porque senão é uma vergonha. O carrinho tem uma roda torcida que o faz abanar e andar às curvas. Tentamos levá-lo a direito e estamos a divertir-nos imenso, porque já deve passar da meia-noite e de certeza que a Mãe não nos vai obrigar a ir à escola amanhã. Vamos para tão longe da Escola de Leamy que, se calhar, nunca mais vamos ter de ir à escola. Mal saímos da rua, o Alphie começa a bater com uma colher na panela e o Michael a cantar uma canção que ouviu num filme como Al Johnson,

**Swanee, how I love you, how I love you, my dear oh Swanee*.*

Dá-nos vontade de rir por estar a tentar cantar com uma voz grossa como o Al Johnson.

A Mãe diz, Ainda bem que é tarde e não há ninguém na rua para ver a vergonha por que estamos a passar.

Quando chegamos à casa, tiramos o Alphie e as coisas do carrinho para eu e o Malachy irmos a Roden Lane buscar a mala. A Mãe diz que morria se ficasse sem aquela mala e tudo o que está lá dentro.

Eu e o Malachy dormimos um para cada lado na cama pequena. A Mãe fica na cama grande com o Alphie ao lado dela e o Michael aos pés da cama. Está tudo húmido e a cheirar a bafio e ouvimos o Laman Griffin a ressonar lá em cima. Nesta casa não há escadas, o que significa que também não há o Anjo do Sétimo Degrau.

Mas eu tenho doze anos, quase treze, e se calhar já sou grande de mais para anjos.

Ainda é de noite quando o despertador toca. O Laman Griffin bufa, assoa-se e escarra para limpar o peito. O chão range sob os pés dele e quando fica horas a mijar para o penico nós temos de tapar a boca com os casacos para pararmos de rir e a Mãe diz-nos baixinho para estarmos calados. Ouvimo-lo a resmungar lá em cima antes de descer para ir buscar a bicicleta e sair, batendo com a porta. A Mãe sussurra, o caminho está livre,

durmam. Hoje podem ficar em casa.

Não conseguimos dormir. Estamos numa casa nova, temos vontade de fazer chichi e queremos explorar tudo. A casa de banho é lá fora, a uns dez passos da porta das traseiras, uma casa de banho só nossa, com uma porta que podemos fechar e um assento como deve ser onde podemos sentar-nos a ler quadradinhos do **Limerick Leader** que o Laman Griffin lá deixa para limpar o rabo. Há um pátio grande nas traseiras, um jardim com relva alta e ervas daninhas, uma bicicleta velha que deve ter sido de um gigante, latas vazias aos montes, revistas e papéis velhos a apodrecerem pelo chão, uma máquina de costura enferrujada, um gato morto com uma corda ao pescoço que alguém deve ter atirado por cima da vedação.

O Michael enfia na cabeça a ideia de que aquilo é África e passa a vida a perguntar, Onde é que está o Tarzan? Onde é que está o Tarzan? Corre de um lado para o outro do pátio sem calças e tentar imitar o Tarzan e a gritar de árvore para árvore. O Malachy espreita por cima da vedação para os outros pátios e diz, Têm jardins. Têm coisas semeadas. Podemos fazer uma horta. Podemos semear batatas e tudo.

A Mãe grita da porta das traseiras, Vejam se arranjam qualquer coisa para acendermos o lume.

Há um telheiro de madeira encostado à parede de trás da casa. Está a cair e não deve fazer mal tirarmos umas tábuas para o lume. A Mãe fica muito desgostosa quando vê a madeira que lhe levamos. Diz que está podre e cheia de bichos brancos, mas quem pede não escolhe. A madeira crepita por cima do papel que está a arder e vêem-se os bichos brancos a tentarem fugir. O Michael diz que tem pena dos bichos brancos mas nós já sabemos que ele tem pena de tudo o que há no mundo.

A Mãe conta-nos que dantes aquela casa era uma loja. A mãe do Laman Griffin vendia mercearias pela janela pequena e foi assim que ela conseguiu mandar o Laman para o Rockwell College para ele vir a ser oficial da Royal Navy. Até há uma fotografia dele com outros oficiais, todos a almoçarem com uma estrela de cinema americana muito famosa, a Jean Harlow. Nunca mais foi o mesmo desde que conheceu a Jean Harlow. Apaixonou-se loucamente por ela, mas para quê? Ela era a Jean Harlow e ele não passava de um oficial da Royal Navy. Entregou-se à bebida e acabou por ser expulso da Marinha. E olhem para ele agora, um operário como tantos outros da Companhia da Electricidade com uma casa

que está uma vergonha. Quem vir esta casa nem acredita que aqui mora um ser humano. Vê-se logo que o Laman nunca mais tocou em nada desde que a mãe morreu e agora nós vamos ter de limpar tudo para podermos cá morar.

Há caixas cheias de óleo púrpura para o cabelo. Enquanto a Mãe vai à casa de banho, nós abrimos um frasco e despejamo-lo nas nossas cabeças. O Malachy diz que o cheiro é formidável, mas quando a Mãe entra, pergunta, Que fedor é este? e quer saber por que é que de repente o nosso cabelo ficou todo oleoso. Obriga-nos a meter a cabeça debaixo da torneira e secamos com uma toalha velha que tirou debaixo de uma pilha de revistas chamadas **The Illustrated London News**, tão velhas que ainda têm retratos da Rainha Vitória e do Príncipe Eduardo a acenarem. Há barras de sabão Pear e um livro grosso chamado **Pear's Encyclopedia**, que eu leio dia e noite porque diz tudo sobre tudo e é exactamente isso que eu quero saber.

Há frascos de Linimento Sloan, que a Mãe diz que vêm mesmo a calhar para quando tivermos câibras ou dores por causa da humidade. Nos frascos está escrito, Aqui está a dor, Onde está o Sloan? Há caixas de alfinetes-de-ama e sacos cheios de chapéus de senhora que se desfazem mal lhes tocamos. Há sacos com espartilhos, ligas, sapatos altos abotoados de senhora e todo o tipo de laxativos a prometerem um rosto reluzente, olhos brilhantes, cabelo encaracolado. Há cartas do General Eoin O'Duffy para Gerard Griffin, Esq. a dizerem bem-vindo às fileiras da Frente Nacional, os Camisas Azuis Irlandeses, é um privilégio saber que um homem como Gerard Griffin se interessa pelo movimento, um homem com uma educação excelente, a formação na Royal Navy, a sua fama de grande jogador de rãguebi na equipa dos juvenis de Munster, que ganhou o campeonato nacional, a Taça Bateman. O General O'Duffy está a formar uma brigada irlandesa que vai partir dentro de pouco tempo para Espanha para combater ao lado do grande católico o Generalíssimo Franco, e o Sr. Griffin daria um grande contributo a essa brigada.

A Mãe conta-nos que a mãe do Laman não o deixou ir. Não viveu tantos anos como uma escrava naquela loja para poder pô-lo num colégio para ele poder ir a correr para Espanha atrás do Franco e, por isso, ele ficou em casa e arranjou aquele emprego a abrir buracos para os postes da Companhia da Electricidade pelas estradas do país, e a mãe ficou toda contente por o ter

em casa todas as noites menos à sexta-feira, quando ia beber a sua cerveja e chorar pela Jean Harlow.

A Mãe está encantada com as pilhas de papéis que temos para acender o lume apesar de a madeira que estamos a tirar do telheiro que está a cair deixar um cheiro enjoativo no ar e de ela ter medo que os bichos fujam e se multipliquem.

Passamos o dia a trabalhar, a levar caixas e sacos para o telheiro do pátio. A Mãe abre as janelas para o ar entrar e para sair o cheiro do óleo para o cabelo e dos anos todos em que a casa esteve fechada. Diz que é um alívio termos conseguido pôr o chão à mostra, que agora podemos sentar-nos e beber uma chávena de chá em paz e sossego, e que vai ser uma maravilha quando vier o tempo quente e talvez já tenhamos um jardim e possamos sentar-nos lá fora a tomar chá como fazem os Ingleses.

~~

O Laman Griffin chega todos os dias a casa às seis horas menos à sexta-feira, bebe o chá e vai para a cama até à manhã do dia seguinte. Aos sábados vai para a cama à uma da tarde e só sai de lá na segunda-feira de manhã. Puxa a mesa da cozinha para a parede por baixo da entrada do sótão, sobe para uma cadeira, puxa a cadeira para cima da mesa, torna a subir para a cadeira, agarra-se a uma perna da cama e iça o corpo. Se está bêbedo de mais à sexta-feira manda-me ir lá acima buscar a almofada e os cobertores e dorme no chão da cozinha ao pé do lume ou então atira-se para a cama onde eu e os meus irmãos dormimos e passa a noite a ressonar e a peidar-se.

Quando nos mudámos para cá, refilou por ter deixado o quarto dele cá em baixo e ter ido para sótão e por estar farto de subir e descer para ir à casa de banho no pátio das traseiras. Grita lá de cima, Tragam a mesa e a cadeira, vou descer, e nós temos de tirar tudo de cima da mesa e encostá-la à parede. Está farto, acabaram-se as subidas e as descidas, vai servir-se do lindo penico que era da mãe dele. Fica todo o dia na cama a ler livros da biblioteca, a fumar cigarros Gold Flake e a mandar alguns xelins à Mãe para um de nós ir à loja buscar uns bolos para ele acompanhar com o chá ou um bocado de presunto e tomate às fatias. Depois diz à Mãe, Angela, o penico está cheio, e ela tem de trepar à mesa e à cadeira para ir buscar o penico, despejá-lo na sanita, lavá-lo e tornar a ir pô-lo ao sótão.

Fica com uma cara muito sisuda e diz, Vossa Excelência deseja mais alguma coisa? e ele dá uma gargalhada e diz, É trabalho de mulher, Angela, trabalho de mulher e sem pagar renda.

O Laman atira o cartão da biblioteca lá do sótão e diz-me para lhe ir buscar dois livros, um sobre pesca e outro sobre jardinagem. Manda um recado à empregada da biblioteca a dizer que está muito mal das pernas por andar a abrir buracos para os postes da electricidade e que a partir de agora é o Frank McCourt que vai buscar os livros para ele. Sabe que o rapaz só tem treze anos e também sabe que as normas são rigorosas no que respeita à entrada de crianças na parte da biblioteca reservada aos adultos, mas o rapaz vai ter as mãos lavadas, portar-se bem e fazer o que lhe mandarem, e obrigado.

A bibliotecária lê o recado e diz que é uma pena o Sr. Griffin estar assim, que é um verdadeiro cavalheiro e um homem muito instruído, ninguém imagina a quantidade de livros que ele lê, às vezes quatro por semana, noutro dia levou um livro em francês, imagine-se, francês, sobre a história do leme, imagine-se, do leme, ela daria tudo para poder espreitar para dentro da cabeça dele pois deve estar atulhada de conhecimentos sobre tudo, imagine-se, atulhada.

Escolhe um livro maravilhoso com imagens a cores sobre os jardins ingleses. Quanto a pesca, sei do que ele gosta, diz ela e escolhe um livro chamado **Em Busca do Salmão Irlandês** do Brigadeiro General Hugh Colton. Oh!, diz a bibliotecária, ele lê centenas de livros de oficiais ingleses que pescam na Irlanda. Também já li alguns só por curiosidade, e dá para perceber por que é que esses oficiais gostam tanto de estar na Irlanda depois de tudo por quanto passaram na Índia, em África e noutros sítios assim miseráveis. Pelo menos aqui as pessoas são educadas. Somos famosos por isso mesmo, pela educação, por não andarmos a correr de um lado para outro a atirar lanças às pessoas.

O Laman fica na cama, lê os livros, fala lá de cima do dia em que ficar bom das pernas e for para o pátio das traseiras fazer um jardim que há-de ser famoso em toda a parte por ser tão colorido e tão lindo, e quando não estiver a jardinar há-de andar a cruzar os rios em toda a volta de Limerick e a trazer para casa salmões que nos hão-de deixar de água na boca. A mãe deixou-lhe uma receita de salmão que é um segredo de família e se tivesse tempo e não estivesse tão mal das pernas havia de a

desencantar nalgum sítio. Diz que agora que viu que eu sou de confiança posso ir buscar um livro para mim todas as semanas, mas para não trazer porcarias para casa. Quero saber o que são essas porcarias, mas ele não me diz, por isso vou ter de descobrir sozinho.

A Mãe diz que também quer inscrever-se na biblioteca mas que é muito longe da casa do Laman, mais de três quilómetros, e pergunta se não me importo de lhe trazer um livro por semana um romance da Charlotte M. Brame ou de qualquer outra escritora boa. Não quer livros sobre oficiais ingleses à procura de salmões nem livros sobre pessoas que andem a matar-se umas às outras. Já há problemas que cheguem no mundo sem se andar ainda por cima a ler livros sobre pessoas que andam a maltratar salmões ou as outras pessoas.

~~

A Avó apanhou um resfriado na noite em que tivemos aquele problema na casa de Roden Lane e o resfriado transformou-se em pneumonia. Levaram-na para o City Home e agora já morreu.

O filho mais velho dela, o meu tio Tom, resolveu ir trabalhar para Inglaterra como os outros homens das ruas pobres de Limerick, mas piorou da tuberculose e teve de voltar para Limerick e agora já morreu.

A mulher dele, a Galway Jane, morreu também, e quatro dos seis filhos deles tiveram de ir para orfanatos. O filho mais velho, o Gerry, fugiu, alistou-se no exército irlandês, desertou, e passou-se para o exército inglês. A filha mais velha, a Peggy, foi viver com a Tia Aggie e é muito infeliz.

O exército irlandês anda à procura de rapazes com jeito para a música e que queiram formar-se na Escola de Música do Exército. Aceitam o meu irmão Malachy, que vai para Dublin para ser soldado e tocar clarim.

Agora só tenho dois irmãos em casa e a Mãe diz que a família dela está a desaparecer a olhos vistos.

XIII

Os rapazes da minha classe da Escola de Leamy combinaram fazer uma viagem de bicicleta a Killaloe no fim-de-semana. Dizem-me para pedir uma bicicleta emprestada para ir também. Só preciso de um cobertor, algumas colheres de chá, açúcar e umas fatias de pão. Vou aprender a andar na bicicleta do Laman Griffin todas as noites depois de ele ir para a cama e de certeza que ma empresta para a viagem de dois dias a Killaloe.

A melhor altura para lhe pedir qualquer coisa é à sexta-feira à noite, porque está sempre bem-disposto depois de uma noite de cervejas e do jantar. Traz sempre o mesmo jantar nos bolsos do sobretudo, um grande bife a pingar sangue, quatro batatas, uma cebola e uma garrafa de cerveja. A Mãe coze as batatas e frita o bife com cebola às rodelas. Ele senta-se à mesa sem tirar o sobretudo e come o bife com as mãos. A gordura e o sangue escorrem-lhe do queixo para o sobretudo, que é onde limpa as mãos. Bebe a cerveja e ri-se ao dizer que não há nada como um belo bife em sangue numa sexta-feira à noite e se for esse o pior pecado dele, há-de ir direitinho para o céu, corpo e alma e tudo, ah, ah, ah.

Claro que te empresto a bicicleta, diz ele. Os rapazes devem passear e ver o campo. Claro. Mas tens de trabalhar para a ganhares. Não se pode ter uma coisa sem dar nada em troca, não é?

É.

E eu tenho um trabalho para ti. Não te importas de fazer um trabalhito, pois não?

Não.

E gostavas de ajudar a tua mãe?

Gostava. Bem, então, o penico está cheio desde manhã. Quero que vás lá acima buscá-lo, que o despejes na casa de banho, que o laves torneira lá de fora e que tornes a ir lá pôr.

Não quero despejar o penico mas sonho em percorrer quilómetros de bicicleta a caminho de Killaloe, ver campos e

céu longe desta casa, nadar no Shannon, dormir num celeiro. Encosto a mesa e a cadeira à parede. Subo para o sótão e lá está o penico branco debaixo da cama, sujo de castanho e amarelo, cheio de mijó e caca. Pouso-o com jeitinho à beira do sótão para não se entornar, desço para a cadeira, pego no penico, trago-o para baixo, viro a cara para o lado, seguro-o enquanto desço para a mesa, pouso-o na cadeira, desço para o chão, levo o penico para a casa de banho, despejo-o e vomito atrás da casa de banho até me habituar a este trabalho.

O Laman diz que sou bom rapaz e que a bicicleta é minha sempre que eu a queira, desde que o penico seja despejado e não me importe de ir à loja comprar-lhe cigarros, ir à biblioteca buscar livros e fazer o que ele me pedir. Tens muito jeito para o penico, diz ele. Dá uma gargalhada e a Mãe olha para as cinzas mortas na chaminé.

~~

Há um dia em que está a chover tanto que a bibliotecária, a Menina O'Riordan, diz, Não vás para a rua com essa chuva senão estragas os livros. Senta-te ali e porta-te bem. Enquanto estás à espera, podes aprender muito sobre os santos.

Há quatro livros grandes chamados **Butler's Lives of the Saints**. Não quero passar a vida a ler coisas sobre santos, mas depois de começar apetecia-me que a chuva nunca mais passasse. Quando se vêem figuras de santos, sejam homens ou mulheres, estão sempre a olhar para cima, para o céu, onde há nuvens cheias de anjos gordos com flores ou harpas a louvarem a Deus. O Tio Pa Keating diz que não há santo nenhum do céu com que ele gostasse de se sentar a tomar uma cerveja. Os santos destes livros são diferentes. São histórias de virgens, mártires, virgens mártires, piores do que qualquer filme de horror do Cinema Lyric.

Tenho de ir ao dicionário ver o que é uma virgem. Sei que a Mãe de Deus é a Virgem Maria e que lhe chamam isso por não ter tido um marido como deve ser, só o pobre do São José, já tão velhote. Nas **Vidas de Santos** as virgens estão sempre metidas em sarilhos e eu não percebo porquê. No dicionário diz, Virgem, mulher (geralmente jovem) que continua em estado de castidade inviolada.

Agora tenho de ir ver castidade e inviolado e só fico a saber que castidade quer dizer casto e inviolado quer dizer não violado e casto quer dizer limpo de relações sexuais ilícitas. Agora tenho de ir ver relações sexuais e daí passo para

penetração e daí para o órgão copulatório do animal masculino. Copulatório remete para copulação, a união dos sexos para a procriação e não sei o que isso significa mas já estou farto de ir de palavra para palavra neste dicionário pesado. Parece que ando à caça de patos-bravos nas palavras e tudo porque as pessoas que fizeram este dicionário não querem que miúdos como eu saibam nada.

Só queria saber donde é que vim, mas se perguntar a alguém mandam-me perguntar a outra pessoa ou então mandam-me saltar de palavra em palavra.

Os juízes romanos dizem a todas estas virgens mártires que têm de abandonar a sua fé e aceitar os deuses romanos mas elas dizem, Não, e os juízes mandam-nas torturar e matar. A minha preferida é a Santa Cristina Espantosa, que demora séculos a morrer. Os juiz diz, Cortem-lhe um seio, e quando o cortam ela atira-o ao juiz e ele fica cego, surdo e mudo. Trazem outro juiz, que diz, Cortem-lhe o outro seio, e acontece a mesma coisa. Tentam matá-la com setas, mas elas fazem ricochete e matam os soldados que as dispararam. Tentam metê-la em óleo a esquentar, mas ela fica a boiar na tina e até passa pelas brasas. Então, os juízes fartam-se e cortam-lhe a cabeça e resolvem o assunto de uma vez por todas. O dia de Santa Cristina Espantosa é a vinte e quatro de Julho. Acho que vou guardar esse dia para mim juntamente com o dia de São Francisco de Assis a quatro de Outubro.

A bibliotecária diz, Agora tens de ir para casa, já não está a chover, e quando vou a sair ela chama-me. Quer mandar um recado à minha mãe e não se importa nada que eu o leia.

O recado diz,

Cara Senhora McCourt,

*No momento em que nos convencemos de que a Irlanda está completamente perdida, depara-se-nos com um rapazinho sentado na biblioteca tão absorvido pela leitura das *Vidas de Santos* que nem repara que parou de chover e é preciso arrancá-lo à leitura. Estou convencida, Sra. McCourt, de que talvez tenha um futuro padre na sua frente e vou acender uma vela na esperança de que isso se torne realidade. Sem outro assunto,*

Atenciosamente,

Catherine O'Riordan,

Ajudante de Biblioteca

~~

Halloran Saltitão é o único professor da Escola Nacional de Leamy que se senta. Ou é por ser o director da escola ou por

ter de descansar por causa daquela volta que dá a andar por ter uma perna mais curta. Os outros professores andam de um lado para outro à nossa frente ou para cima e para baixo por entre as carteiras, e nunca se sabe quando é que levamos com o ponteiro ou com o cinto por darmos uma resposta errada ou por escrevemos alguma palermice. Quando o Saltitão quer castigar algum de nós chama-o à frente da sala e castiga-o à frente de todos os outros.

Há dias bons em que ele fica sentado a falar da América.

Diz, Meus meninos, desde a imensidão gelada do Dakota do Norte até aos laranjais perfumados da Florida, os Americanos desfrutam de todos os climas.

Fala da história da América. Se o agricultor americano, armado de mosquetes e espingardas, pode separar um continente da Inglaterra, de certeza que nós, guerreiros desde sempre, poderemos recuperar a nossa ilha.

Se não quisermos aturá-lo com a álgebra ou a Gramática irlandesa, a única coisa que temos de fazer é perguntar-lhe qualquer coisa sobre a América, porque ele fica tão entusiasmado que é capaz de ficar todo o dia a falar disso.

Fica sentado à secretária e desfia a lista de tribos e chefes de que gosta. Os Arapahos, os Cheyennes, os Chippewas, os Sioux, os Apaches, os Iroquois. Poesia, meus meninos, poesia. E ouçam o nome dos chefes, Kicking Bear, Rain-in-the-Face, Sitting Bull, Crazy Horse, e o maior de todos, Jerónimo.

Na sétima classe dá-nos um livro pequeno, um poema que ocupa páginas e mais páginas, **The Deserted Village**, de Oliver Goldsmith. Diz que aparentemente é um poema sobre a Inglaterra, mas na realidade é um lamento pela terra natal do poeta, a nossa própria terra natal, a Irlanda. Temos de aprender este poema de cor, vinte versos por noite que temos de recitar na manhã seguinte. São chamados seis alunos para irem para a frente da sala recitar e se nos esquecemos de um verso levamos duas palmadas em cada mão. Manda-nos pôr o livro debaixo da carteira e toda a aula tem de dizer em coro a passagem sobre o director da escola da aldeia.

**Para além daquela vedação irregular que orla o caminho,*

O tojo floresce resplandecente,
Ali, na sua mansão barulhenta, preparado para mandar
O mestre-escola da aldeia ensina o seu punhado de alunos.
Era um homem severo e de aparência austera,
Conhecia-o bem, eu e todos os gazeteiros.
Cedo aprenderam os medrosos a detectar
As desgraças do dia na cara que trazia de manhã.
Muito se riam com a falsa alegria
Das suas graças que muitas eram.
Eram hábeis, falando baixinho
Ao receber as tristes notícias quando ele franzia o
sobrolho*.

Fecha sempre os olhos e sorri quando chega aos últimos versos
da passagem,

*Contudo era meigo, e se de algum modo parecia severo,
A culpa era do amor que tinha por aprender.
Toda a aldeia dizia que ele sabia muito.
Sabia escrever e também fazer cálculos
Medir terras, pressagiar negócios e marés,
E até corria a história de que sabia
adivinhar de onde brotava a límpida água.
Também nas discussões o padre reconhecia
a sua habilidade,
Porque, mesmo que vencido argumentava
Com palavras extensas e tonitruantes
Espantando os campónios boquiabertos
que à sua volta se juntavam incrédulos,
Como uma cabeça tão pequena podia
abarcar tudo o que ele sabia*.

Sabemos que ele adora estes versos porque falam de um
professor, falam dele, e tem toda a razão porque nós não
percebemos como é que uma cabeça tão pequena pode ter tanta
coisa lá dentro e nunca mais nos esqueceremos destes versos.

Costuma dizer, Meninos, meninos, podem decidir pelas vossas
cabeças, mas primeiro apetrechem-nas. Estão a ouvir? Encham as
vossas cabeças e depois já podem correr o mundo a resplandecer.

Clarke, define resplandecer. Acho que é brilhar, senhor professor.

Conciso, Clarke, mas correcto.

McCourt, diz uma frase com conciso. O Clarke foi conciso mas correcto.

Muito bem, McCourt. Tens cabeça para padre, meu filho, ou para político. Vai pensando nisso.

Está bem, senhor professor.

Diz à tua mãe que venha falar comigo.

Está bem, senhor professor.

A Mãe diz, Nem pensar. Não posso aparecer à frente do, Sr. O'Halloran. Não tenho um vestido nem um casaco decente. O que é que ele quer?

Não sei. Então, pergunta-lhe.

Não posso. Era capaz de me matar. Se ele nos manda dizer à nossa mãe para lá ir, ela tem de lá ir, porque senão levamos com o ponteiro.

A Mãe vai falar com ele e ficam a conversar no corredor.

Diz-lhe que o filho, o Frankie, tem de continuar a estudar. Não pode cair na armadilha dos paquetes. Isso não leva a nada. Leve-o aos Irmãos Cristãos, diga-lhes que fui eu que vos mandei lá, que ele é inteligente e devia ir para a escola secundária e até mesmo para a universidade. Diz-lhe que não é director da Escola Nacional de Leamy para dirigir uma academia de paquetes. A Mãe diz, Obrigada, Sr. O'Halloran.

Quem me dera que o Sr. O'Halloran não se metesse onde não é chamado. Não quero ir para os Irmãos Cristãos. Quero deixar de andar na escola e arranjar trabalho, receber o meu salário à sexta-feira e ir ao cinema ao sábado à noite como as outras pessoas.

~~

Uns dias depois a Mãe manda-me lavar bem a cara e as mãos, para irmos aos Irmãos Cristãos. Digo-lhe que não quero ir, que quero trabalhar e ser um homem. Ela diz-me para parar com a refilice, porque vou para a escola secundária e havemos de nos arranjar de qualquer maneira. Vou continuar a estudar nem que ela tenha de andar a esfregar escadas, e nem se importa de

começar a treinar já na minha cara.

Bate à porta dos Irmãos Cristãos e diz que quer falar com superior, o Irmão Murray. Ele vem à porta, olha para a minha mãe e para mim e pergunta, O que é?

A Mãe diz, Este é o meu filho Frank. O Sr. O'Halloran da Escola de Leamy diz que ele é muito esperto e mandou-me perguntar se haverá possibilidade de ele vir para cá fazer a escola secundária?

Não temos vaga para ele, diz o Irmão Murray e fecha-nos a porta na cara. A Mãe dá meia volta e regressamos a casa no mais profundo silêncio. Tira o casaco, faz chá, senta-se ao pé do lume e diz-me, Ouve bem o que te vou dizer.

Estás a ouvir?

Estou.

É a segunda vez que a Igreja te fecha a porta na cara.

É? Não me lembro.

O Stephen Carey disse a ti e ao teu pai que não podias ser menino do coro e fechou-vos a porta na cara. Não te lembras?

Lembro.

E agora o Irmão Murray voltou a fechar-te a porta na cara.

Não me importo. Quero ir trabalhar.

O seu rosto fica com uma expressão carregada e zangada. Nunca mais deixas ninguém fechar-te a porta na cara. Estás a ouvir? Começa a chorar ao pé do lume. Oh!, meu Deus, não vos trouxe ao mundo para ter uma família de paquetes. Não sei o que hei-de fazer nem dizer.

Sinto-me tão aliviado por não ter de andar na escola mais cinco ou seis anos. Sou livre.

~~

Tenho treze anos, quase catorze, e estamos em Junho, o último mês de escola para toda a vida. A Mãe leva-me ao padre, o Dr. Cowpar, para ver se me arranja trabalho como paquete.

A chefe dos Correios, a Sra. O'Connell, diz, Sabes andar de bicicleta? e eu minto e digo que sim. Ela diz que só posso começar quando tiver catorze anos e para voltar lá em Agosto.

O Sr. O'Halloran diz na aula que é uma vergonha alunos como o McCourt, o Clarke, o Kennedy, terem de andar a cortar lenha e a

transportar água. É um desgosto para ele que a Irlanda livre e independente mantenha um sistema escolar que lhe foi impingido pelos Ingleses e que está a deitar crianças dotadas para o lixo. Têm de se ir embora deste país, rapazes. Vai para a América, McCourt.

Estás a ouvir o que te digo?

Estou, senhor professor.

~~

Vão padres lá à escola recrutar-nos para as missões no estrangeiro. São Redentoristas, Franciscanos, Irmãos do Espírito Santo, e andam todos a converter ateus em lugares longínquos. Não faço caso deles. Vou para a América, mas há um padre que me chama a atenção. Diz que é da ordem dos Irmãos Brancos, missionários junto das tribos de beduínos e capelães da Legião Francesa no estrangeiro.

Peço um papel para me inscrever.

É preciso uma carta do padre da minha paróquia e um atestado passado pelo médico de família. O padre da paróquia escreve logo a carta. Gostava que eu já tivesse ido no ano passado.

O médico pergunta, O que é isto É o impresso para me alistar na Ordem dos Irmãos Brancos, que são missionários das tribos nómadas do Sara e capelães da Legião Francesa no estrangeiro.

Ah, sim? A Legião Francesa no estrangeiro? Sabes qual é o meio de transporte mais usado no Deserto do Sara?

O comboio?

Não, o camelo.

Sabes o que é um camelo?

Tem uma bossa.

Tem mais do que uma bossa. É um animal sujo e mau, que tem os dentes verdes da gangrena e morde. Sabes onde é que morde?

No Sara?

Não, burro. Morde-te no ombro, arranca-o logo. Deixa-te assim de esquelha em pleno Sara. O que é que achas disso? Já imaginaste o espectáculo que seria tu a andares pelas ruas de Limerick, com um lado torto? Qual seria a rapariga que em seu perfeito juízo ia olhar para um ex-Irmão Branco com um ombro despedaçado? E já viste o estado em que tens os olhos? Já estão

mal aqui em Limerick. No Sara iam ficar cheios de úlceras, apodrecer, até te caírem da cabeça. Quantos anos tens?

Treze. Vai para casa para ao pé da tua mãe.

~~

Esta casa não é nossa e não nos sentimos aqui livres como éramos em Roden Lane, tanto lá em cima na Itália como em baixo na Irlanda. Quando o Laman chega a casa quer ler na cama ou dormir e nós não podemos fazer barulho. Ficamos na rua até ser de noite e quando vamos para casa não podemos fazer nada a não ser ir para a cama ler, se tivermos uma vela ou óleo de parafina para o candeeiro.

A Mãe manda-nos ir para a cama e diz que não demora nada, que só vai ao sótão levar uma caneca de chá ao Laman. Às vezes adormecemos antes de ela subir, mas há noites em que os ouvimos a conversar, a roncar, a gemer. Há noites em que nunca mais desce e o Michael e o Alphie ficam com a cama grande toda para eles. O Malachy diz que ela fica lá em cima porque lhe custa muito descer às escuras. O Malachy só tem doze anos e não percebe. Eu tenho treze e acho que eles estão lá em cima a ter a excitação.

Sei o que é a excitação e sei que é pecado, mas como é que pode ser um pecado se me acontece quando estou a sonhar com raparigas americanas em fato de banho no ecrã do Cinema Lyric e acordo agarrado à minha pila e a esguichar? É pecado se fizemos isso acordados como os rapazes estavam a dizer que faziam no pátio da Escola de Leamy depois de o Sr. O'Dea nos ter metido aos berros o Sexto Mandamento na cabeça, Não Cometerás Adultério, o que significa pensamentos impuros, palavras impuras, actos impuros e é isso o adultério, Porcarias em Geral.

Há um padre redentorista que está sempre a falar-nos do Sexto Mandamento. Diz que a impureza é um pecado tão grande que Virgem Maria até vira a cara de lado e chora. E por que é que Ela chora, meus meninos? Chora por causa de vocês e do que andam a fazer ao Seu Amado Filho. Chora quando olha para a triste imagem dos tempos passados e para o espectáculo

horroroso que são os rapazes de Limerick a profanarem-se, a poluírem-se, a cometerem actos obscenos sozinhos, a abusarem de si próprios, a sujarem os seus corpos ainda jovens, que são templos do Espírito Santo. Nossa Senhora chora por causa dessas aberrações, porque sabe que cada vez que tocarem nos vossos corpos estão a espetar mais um cravo na carne do Seu Amado Filho, a carregar com mais força na coroa de espinhos que Lhe dilacera a cabeça, a rasgar mais as feridas já abertas no Seu corpo. No meio da agonia da sede, ali está Ele pendurado na cruz e o que é que os pérfidos romanos Lhe oferecem? Uma esponja da pia molhada em vinagre e fel, que atiram para dentro da Sua pobre boca, uma boca que mal se move a não ser para rezar, para; rezar até por vocês, meninos, por vocês que O pregaram à cruz. Pensem no sofrimento de Nosso Senhor. Pensem na coroa de espinhos. Pensem que vos estão a enfiar um pequeno alfinete no vosso crânio, o sofrimento da perfuração. Agora pensem que estão a enfiar-vos vinte espinhos na cabeça. Reflictam, meditem nos cravos que Lhe dilaceram as mãos, os pés. Será que conseguiriam suportar uma pequena parte desse sofrimento? Pensem outra vez num alfinete, num simples alfinete. Forcem-no a penetrar no vosso corpo. Agora aumentem essa sensação cem vezes e estarão a sentir uma terrível lança a perfurar-vos. Rapazes, o diabo quer as vossas almas. Quer-vos no inferno ao pé dele e fiquem sabendo que cada vez que tocarem nos vossos corpos, cada vez que cederem ao pecado vil do abuso do vosso corpo, não só estarão a pregar Cristo à cruz como estarão a dar mais um passo em direcção ao inferno. Afastem-se do abismo, rapazes. Resistam ao diabo e deixem estar as mãos quietas.

Mas eu não consigo estar com as mãos quietas. Rezo à Virgem Maria e peço-Lhe desculpa por estar outra vez a pregar o Filho Dela à cruz e prometo que não tornarei a fazer isso, mas não consigo resistir e juro que vou confessar-me e depois disso, de certeza que depois disso nunca mais farei nada. Não quero ir para o inferno com os diabos a correrem atrás de mim para todo o sempre e a picarem-me com as suas forquilhas.

Os padres de Limerick não têm paciência para gente como eu. Vou confessar-me e eles dizem em surdina que não estou

devidamente arrependido, porque, se estivesse, deixaria de praticar esse pecado hediondo. Vou de igreja em igreja à procura de um padre condescendente, até que o Paddy Clohessy me diz que na Igreja Dominicana há um que já tem noventa anos e é surdo que nem uma pedra. Todas as semanas me confesso àquele padre velho, que no fim me diz sempre, a mastigar as palavras, para rezar por ele. Às vezes adormece e eu não tenho coragem para o acordar e no dia seguinte vou comungar sem penitência nem absolvição. Não tenho culpa de o padre adormecer e de certeza que fico em estado de graça só por me ir confessar. Mas um dia, o painel do confessional abre-se e não é o meu padre que lá está, é um padre novo com um ouvido do tamanho de uma concha. De certeza que este vai ouvir tudo.

Abençoei-me, Padre, porque pequei, confessei-me há quinze dias.

E quais foram os pecados que cometeste desde então, meu filho?

Bati ao meu irmão, quando saí da escola fui para a vadiagem, menti à minha mãe.

Sim, meu filho, e mais?

Fiz - fiz - fiz porcarias, padre.

Ah!, meu filho, e foi sozinho, com outras pessoas ou com algum animal?

Com algum animal. Nunca tinha ouvido tal pecado. Este padre deve ser da província e está a desvendar-me novos mundos.

~~

Na noite antes da viagem a Killaloe, o Laman Griffin chega a casa bêbedo e come um grande pacote de peixe e batatas fritas em cima da mesa. Diz à Mãe para lhe aquecer água para o chá e, quando ela lhe diz que não há carvão nem turfa, começa a gritar com ela e diz que ela é uma besta que está a viver à borla na casa dele com aquela ninhada de fedelhos. Atira-me umas moedas para eu ir à loja buscar uns bocados de turfa ou lenha para acendermos o lume. Não quero ir. Quero atirar-me a ele pela maneira como trata a minha mãe, mas se eu disser alguma coisa ele não me empresta a bicicleta amanhã, depois de eu ter esperado três semanas por este dia.

Depois de a Mãe acender o lume e aquecer a água, lembro-lhe a promessa que fez de me emprestar a bicicleta.

Despejaste o penico hoje?

Ai, esqueci-me.

Vou já despejá-lo.

Começa a gritar, Não despejaste a merda do penico. Prometo que te empresto a bicicleta. Dou-te dois *pence* por semana para me fazeres recados e despejares o penico e tu ficas aí com essa boca de xarroco aberta e tens a lata de dizer que não o despejaste.

Desculpe. Esqueci-me. Vou despejá-lo agora.

Vais? Tens a certeza? E como é que vais lá acima? Vais-me tirar a mesa com o peixe e as batatas?

A Mãe diz, Ora, ele esteve todo o dia na escola e depois teve de ir ao médico dos olhos.

Pois podes esquecer a bicicleta. Não cumpriste o nosso acordo.

Mas foi porque não pôde, diz a Mãe.

Ele diz para ela se calar e não se meter onde não é chamada e ela deixa-se ficar ao pé do lume, sem dizer nada.

Ele recomeça a comer o peixe e as batatas fritas, e eu torno a dizer-lhe, Mas você tinha-me prometido. Andei três semanas a despejar-lhe o penico e a fazer-lhe os recados.

Cala-te e vai para a cama.

Não tem nada que me mandar para a cama. Não é meu pai, e fez-me uma promessa.

Ficas avisado, é tão certo como Deus ter feito maçãs pequenas, se me levantar desta mesa, vais ter de gritar pelo teu santo patrono.

Mas você prometeu.

Ele afasta a cadeira da mesa. Avança para mim aos tropeções e espeta-me um dedo entre os olhos. Já te disse para calares essa boca, olhos sarnentos.

Não me calo. Você prometeu.

Começa a dar-me murros nos ombros e, como eu não me calo, passa para a cabeça.

A minha mãe atira-se a nós, aos gritos, e tenta afastá-lo de mim. Ele continua a dar-me murros e pontapés até me meter no

quarto, mas eu não paro de dizer, Você prometeu. Dá-me um soco e eu caio para cima da cama da minha mãe e continua a dar-me murros até que eu cubro a cara e a cabeça com os braços. Vou-te matar, meu monte de merda.

A Mãe está a gritar e a puxá-lo até que ele cai de costas na cozinha.

Vá lá, come lá o peixe e as batatas, diz ela. Não vês que ele ainda é uma criança. Aquilo passa-lhe. Ouço-o a sentar-se outra vez e puxar a cadeira para a mesa. Ouço-o a fungar e a sorver a comida e a bebida. Passa-me os fósforos, diz ele. Jesus me valha, estou mesmo a precisar de um cigarro depois disto.

Ouve-se o barulho dele a dar fumaças no cigarro e a minha mãe a chorar baixinho.

Depois diz, Vou para a cama, e como bebeu tanto, leva um bom bocado de tempo a pôr a cadeira em cima da mesa, a subir para a cadeira e depois para o sótão. Ouve-se a cama a ranger com o peso dele e ele a gemer enquanto tira as botas, e depois as botas a caírem no chão. Ouço a Mãe a chorar, no momento em que sopra para dentro do globo do candeeiro de parafina e em que tudo fica às escuras. Depois do que aconteceu, tenho a certeza de que ela não vai querer ir para a cama dela e preparo-me para mudar para a cama pequena encostada à parede. Mas enganei-me. Ouço o barulho dela a subir para a cadeira, depois para a mesa, para a cadeira, a chorar lá em cima no sótão e a dizer ao Laman Griffin, Ele ainda é uma criança e sofre tanto por causa dos olhos, e quando o Laman diz, É um monte de merda e quero-o fora desta casa, ouço-a chorar e implorar até começarem os sussurros, os roncos, os gemidos e depois nada.

Passado pouco tempo ouço-os a ressonarem no sótão. Os meus irmãos estão a dormir.

Não posso continuar nesta casa porque se o Laman Griffin torna a bater-me, espeto-lhe uma faca no pescoço. Não sei o que fazer nem para onde ir. Saio de casa e ando pelas ruas desde o Quartel de Sarsfield até ao Café Monument. Vou sonhando com a coça que hei-de dar ao Laman um dia mais tarde. Vou para a América e hei-de encontrar o Joe Louis. Vou contar-lhe as minhas desgraças e ele vai compreender-me, porque a família dele também era pobre. Ele vai ensinar-me o que hei-de fazer

para ficar com os músculos fortes, como hei-de pôr as mãos e mexer os pés. Vai ensinar-me a enterrar o queixo no ombro como ele faz e como espetar uma direita no Laman que o há-de fazer levantar voo. Hei-de levar o Laman ao cemitério de Mungret onde a família dele e a família da Mãe estão enterradas e cobri-lo de terra até ao pescoço de maneira que não consiga mexer-se e seja obrigado a implorar-me que o poupe. Nessa altura hei-de dizer, Acabou-se, Laman, vais ver o Criador, e ele a implorar, a implorar, e eu a atirar-lhe merda para a cara até ficar todo tapado, sem conseguir respirar e a pedir perdão a Deus por não me ter emprestado a bicicleta, por me ter espancado pela casa toda, por ter andado na excitação com a minha mãe e nessa altura eu hei-de rir a bom rir porque ele não está em estado de graça por causa da excitação e é tão certo ir para o inferno como Deus ter criado maçãs pequenas, que era o que ele costumava dizer.

As ruas estão escuras e eu tenho de ir de olho bem aberto para ver se tenho a mesma sorte que o Malachy teve há muito tempo de encontrar peixe e batatas fritas que algum soldado bêbedo tenha deixado cair. Não encontro nada no chão. Se encontrasse o meu tio, o Ab Sheehan, talvez ele me desse um bocado do peixe e das batatas fritas que come à sexta-feira à noite, mas no café dizem-me que já lá esteve e já se foi embora. Tenho treze anos e por isso já não lhe chamo Tio Pat. Trato-o por Ab ou Abade, como toda a gente. De certeza que se for a casa da Avó ele me dá nem que seja um bocado de pão e até talvez me deixe lá dormir. Posso dizer-lhe que daqui a poucas semanas vou começar a trabalhar a entregar telegramas e a receber grandes gorjetas nos Correios e vou poder sustentar-me.

Ele está sentado na cama a acabar de comer o peixe e as batatas fritas. Deita para o chão o **Limerick Leader** que vinha a embrulhá-los e limpa a boca e as mãos ao cobertor. Olha para mim e diz, Tens a cara toda inchada. Caíste por cima da cara? Digo-lhe que sim porque não vale a pena contar-lhe mais nada. Não ia perceber. Podes dormir na cama da minha mãe, diz ele. Não podes andar pela rua com a cara nesse estado e com esses olhos tão vermelhos.

Diz que não há comida em casa, nem um bocadinho de pão, e

depois de ele adormecer, eu apanho o jornal gorduroso do chão. Lambo a parte da frente que está cheia de anúncios de filmes e bailes pela cidade. Lambo os títulos. Lambo as grandes investidas de Patton e Montgomery em França e na Alemanha. Lambo a guerra no Pacífico. Lambo a necrologia e os tristes poemas fúnebres, a página do desporto, os preços dos ovos, da manteiga e do **bacon**. Chupo o papel até não haver nem uma gota de gordura.

Pergunto a mim próprio o que irei fazer amanhã.

XIV

De manhã o Abade dá-me dinheiro para ir à loja da Kathleen O'Connell buscar pão, margarina, chá e leite. Aquece água no bico de gás e diz que posso beber também uma caneca, mas para ter cuidado com o açúcar porque ele não é rico. Podes comer uma fatia de pão, mas não muito grossa.

Estamos em Julho e acabou-se a escola para sempre. Dentro de poucas semanas andarei a entregar telegramas, a trabalhar como um homem. Até lá posso fazer o que me apetecer, levantar-me de manhã ou ficar na cama, dar passeios pelo campo como o meu pai, andar por Limerick. Se tivesse dinheiro ia ao Cinema Lyric, comia rebuçados, via o Errol Flynn a conquistar as mulheres todas. Posso ler os jornais ingleses e irlandeses que o Abade traz para casa e posso ir à biblioteca com os cartões do Laman Griffin e da minha mãe enquanto não for descoberto.

A Mãe manda-me pelo Michael uma garrafa de leite com chá quente, algumas fatias de pão com gordura e um recado a dizer que o Laman Griffin já não está zangado e que posso voltar para casa. O Michael pergunta, Vens para casa, Frankie?

Não.

Vem, Frankie. Vá lá.

Agora moro aqui. Nunca mais volto para lá.

Mas o Malachy foi para a tropa e tu estás aqui e agora já não tenho nenhum irmão mais velho. Todos os rapazes têm irmãos mais velhos e eu só tenho o Alphie, que ainda nem sequer tem quatro anos nem sabe falar bem.

Não posso ir. Nunca mais volto para lá. Podes cá vir sempre que quiseres.

Tem os olhos a brilhar por causa das lágrimas e isso faz-me doer tanto o coração que fico com vontade de lhe dizer, Está bem. Vou contigo. Mas não digo. Sei que nunca mais vou poder encarar o Laman Griffin e não sei se vou conseguir olhar para a minha mãe.

Fico a ver o Michael subir a rua com a sola do sapato solta a matraquear no passeio. Quando começar a trabalhar nos correios vou comprar-lhe uns sapatos, isso é que vou. Vou dar-lhe um ovo e levá-lo ao Cinema Lyric para vermos o filme e comermos rebuçados e depois vamos comer peixe com batatas fritas ao Naughton até ficarmos com uma pança dos diabos. Um dia hei-de ter dinheiro para uma casa com luz eléctrica, uma casa de banho e camas com lençóis, cobertores e almofadas como as outras pessoas. Havemos de tomar o pequeno-almoço numa cozinha alegre com flores a dançarem num jardim lá ao longe, com chávenas de loiça fina, pires, tacinhas para os ovos, ovos com a gema mal cozida e ainda quente para derreter a bela manteiga, um bule com um abafador e torradas com muita manteiga e doce. Havemos de demorar o tempo que nos apetecer, a ouvir música da BBC ou da Rede das Forças Armadas Americanas. Hei-de comprar roupa como deve ser para a família toda, para não andarmos com as calças a dançar no rabo e não termos vergonha de nada. Quando penso em vergonha fico outra vez com uma dor no coração e começo a fungar.

O Abade pergunta, O que é que tens? Não comeste o teu pão? Não bebeste o teu chá? O que é que queres mais? Só falta pedires-me um ovo.

Não vale a pena falar com uma pessoa que caiu de cabeça no chão e que ganha a vida a vender jornais.

Queixa-se de que não pode ficar a alimentar-me para toda a vida e que vou ter de arranjar pão e chá para mim. Não quer chegar a casa e dar comigo na cozinha a ler com a lâmpada a gastar-se. Ele sabe muito bem os números e quando sai de casa para ir vender jornais vê o contador para ver a luz que eu gastei e se eu não parar de acender a luz, vai tirar o fusível e levá-lo no bolso e se eu puser outro fusível dá baixa da electricidade e volta ao gás, que sempre serviu muito bem para a sua pobre mãe que já morreu e também serve para ele, porque não precisa de luz para mais nada senão para se sentar na cama a comer o peixe com batatas fritas e a contar o dinheiro que tem antes de adormecer.

Levanto-me cedo como o Pai e dou grandes passeios pelo campo. Ando pelo cemitério da velha abadia de Mungret onde os parentes da minha mãe estão enterrados e subo pela vereda que vai dar ao castelo normando em Carrigogunnell onde o Pai me levou duas vezes. Subo ao alto do castelo e vejo a Irlanda espriar-se à minha frente, o Shannon a brilhar ao longo do seu curso até desaguar no Atlântico.

O Pai disse-me uma vez que este castelo foi construído há centenas de anos e se esperarmos que as cotovias parem de cantar ouvimos os Normandos a martelarem, a falarem e a prepararem-se para mais batalhas. Uma vez trouxe-me cá de noite para ouvirmos as vozes dos Normandos e dos Irlandeses ao longo dos séculos e eu ouvi-as mesmo.

Às vezes estou sozinho lá no alto de Carrigoguanell e oiço as vozes das raparigas normandas de outros tempos a rirem-se e a cantarem em francês, e ao ouvi-las sinto-me tentado e então subo para o ponto mais alto do castelo onde dantes estava uma torre e aí, perante toda a Irlanda satisfaço-me sozinho e ejaculo para cima de Carrigogunnell e dos campos que estão ainda mais ao longe.

É uma coisa que nunca vou poder dizer a nenhum padre. Tregar para sítios tão altos e satisfazer-me aos olhos de toda a Irlanda é de certeza absoluta pior do que fazer isso num sítio escondido sozinho ou com outra pessoa ou com um animal qualquer. Lá em baixo nos campos ou nas margens do Shannon podia estar algum rapaz ou alguma rapariga a ordenhar as vacas que tivesse olhado para cima e me visse a cometer o meu pecado, e se isso tiver acontecido estou condenado porque os padres estão sempre a dizer que quem expõe uma criança ao pecado é como se tivesse uma pedra atada ao pescoço e fosse atirado ao mar.

Mas, apesar disso, só de pensar que alguém podia estar a ver faz-me ficar excitado outra vez. Não queria que nenhum miúdo estivesse a ver-me. Não, não, isso seria a tal pedra ao pescoço, mas se fosse uma rapariga a ordenhar vacas que me visse de certeza que também ia ficar excitada e satisfazer-se sozinha, embora eu não saiba se as raparigas podem satisfazer-se sozinhas porque não têm nada a que se agarrar para se satisfazerem. Não têm equipamento, como o Mikey Molloy costumava dizer.

Quem me dera que aquele padre dominicano tornasse a aparecer para eu lhe contar os problemas que estou a ter com a excitação, mas já morreu, e vou ter de encarar um padre que vai repetir-me a história da pedra atada ao pescoço e da condenação. Condenação. É a palavra preferida dos padres de Limerick.

Volto para casa pela O'Connell Avenue e por Ballinacurra, onde os moços de recado vão entregar cedo o pão e o leite a casa das pessoas. Deixam-nos nas escadas e de certeza que não faz mal eu levar um pão ou uma garrafa desde que seja com a

intenção de os devolver quando tiver o meu emprego nos Correios. Não é um roubo, é um empréstimo, e isso não é pecado mortal. Além disso, hoje de manhã estive no cimo de um castelo e cometi um pecado muito pior do que roubar pão e leite e quem comete um pecado pode cometer mais porque recebe-se sempre a mesma sentença no inferno. Um pecado, para todo o sempre. Uma dúzia de pecados, para todo o sempre.

Perdido por cem, perdido por mil, como diria a minha mãe. Bebo uma garrafa de leite e deixo a garrafa no sítio para que o leiteiro não seja acusado de não ter feito a entrega. Gosto dos leiteiros porque houve um que me deu dois ovos partidos que eu comi crus, com bocados de casca e tudo. Disse que para ser forte quando crescesse não precisava de mais nada senão dois ovos e uma cerveja por dia. O ovo tem tudo aquilo de que precisamos e a cerveja tudo aquilo de que gostamos.

Há casas que têm pão melhor do que outras.

É mais caro e é esse que eu levo. Tenho pena dos ricos que se vão levantar de manhã e quando forem à porta não vão encontrar lá o pão, mas também não posso deixar-me morrer à fome. Se passar fome nunca vou arranjar forças para o meu trabalho de andar a entregar telegramas, o que significa que não vou ter dinheiro para repor o pão e o leite e muito menos para juntar para ir para a América e, se não puder ir para a América, mais vale atirar-me ao Shanon. Só faltam umas semanas até receber o meu primeiro ordenado dos Correios e de certeza que estes ricos não vão desmaiar de fome até lá. Podem sempre mandar a criada à rua comprar mais. É essa a diferença entre ricos e pobres. Os pobres não podem mandar comprar mais à rua porque não têm dinheiro para comprar mais e, mesmo que tivessem, não teriam criada para mandar à rua. É com as criadas que tenho de me preocupar. Tenho de ter cuidado quando levo o leite ou o pão emprestado, não vão elas estar na porta da frente a polir os puxadores, as aldrabas ou as caixas do correio. Se me virem, vão a correr dizer à patroa, Minha senhora, minha senhora, está além um maltrapilho a roubar o leite e o pão.

As criadas falam assim porque são todas da província, vacas de Mullingar, como diz o tio do Paddy Clohessy, carne para canhão, e nem sequer o vapor do mijo delas nos dão.

Levo o pão para casa, mas mesmo que o Abade fique admirado não me pergunta onde é que o arranjei, porque o deixaram cair de cabeça para baixo e as pessoas a quem isso acontece deixam de ser curiosas. Limita-se a olhar para mim com aqueles grandes olhos azuis no meio e amarelos à volta e sorve o chá da grande

caneca estalada que a mãe lhe deixou. Esta caneca é minha e não quero que te sirvas *deila*.

Deila. É assim o sotaque dos bairros pobres de Limerick com que o Pai tanto se preocupava.

Costumava dizer, Não quero que os meus filhos cresçam nas ruas de Limerick e se habituem a dizer, *Deila*. É vulgar e demonstra falta de classe. Digam dela como deve ser.

E a Mãe dizia, Espero que te façam o gosto de aprenderem a falar bem, mas tu não fazes grande coisa para nos tirar *deisto*.

~~

Para lá de Ballinacurra salto os muros dos pomares para apanhar maçãs. Se me aparece um cão vou-me embora porque não sei falar com eles como o Paddy Clohessy. Os donos das quintas vêm a correr atrás de mim mas correm sempre devagar por causa das botas de borracha e, mesmo que venham atrás de mim de bicicleta, salto por cima dos muros, onde a bicicleta não adianta nada.

O Abade sabe onde arranjei as maçãs. Quem cresce pelas ruas de Limerick acaba sempre por assaltar um pomar mais cedo ou mais tarde. Mesmo que detestemos maçãs, temos de assaltar os pomares porque senão os nossos amigos chamam-nos maricas.

Pergunto sempre ao Abade se quer uma maçã, mas ele nunca come nenhuma por causa da falta de dentes. Só lhe restam cinco dentes e não quer arriscar-se a deixá-los na maçã. Nem que eu a corte aos bocados ele a come, porque diz que isso não é maneira de comer uma maçã. E se eu lhe perguntar, Mas corta o pão antes de o comer, não corta? ele diz, Maçãs são maçãs e pão é pão.

É assim que falam as pessoas que caíram de cabeça no chão. O Michael torna a aparecer com chá quente numa garrafa de leite e duas fatias de pão frito. Digo-lhe que já não é preciso isso. Diz à Mãe que muito obrigado mas sei tratar de mim e não preciso do chá nem do pão frito dela. O Michael fica encantado quando lhe dou uma maçã e lhe digo que venha ter comigo dia sim dia não se quiser mais. Assim já não me pede mais para voltar para casa do Laman Griffin e fico contente porque também já não chora mais.

Há um mercado na Irishtown onde os lavradores vão todos os sábados vender legumes, galinhas, ovos, manteiga. Se chegar lá cedo e os ajudar a descarregarem as carroças ou os carros, dão-me alguns **pennies**. Ao fim do dia dão-me as hortaliças que não conseguem vender, tudo o que estiver pisado, amachucado ou com bocados podres. Há uma mulher de um lavrador que me dá sempre

ovos estalados e me diz, Frita-os amanhã quando vieres da missa em estado de graça porque se os comeres com um só pecado que seja na alma vão prender-se-te à goela, podes ter a certeza que vão. É assim que falam as mulheres dos lavradores.

Actualmente não passo de um pedinte. Ponho-me à porta dos cafés que vendem peixe e batatas fritas quando vão fechar, na esperança de que tenham batatas queimadas para deitar fora ou bocados de peixe a boiar na gordura. Se os donos dos cafés estiverem com pressa, dão-me as batatas fritas e um bocado de papel de jornal para as embrulhar.

O jornal de que mais gosto é o **News of the World**. É proibido na Irlanda mas as pessoas trazem-no às escondidas de Inglaterra por causa das fotografias escandalosas de raparigas com fatos de banho, que quase não se vêem. Também tem histórias de pessoas que cometem todos os tipos de pecados que ninguém comete em Limerick, divórcios, adultério e coisas assim.

Adultério. Ainda não descobri o que isso quer dizer. Tenho de procurar na biblioteca. Tenho a certeza de que é pior do que o que os professores nos disseram, pensamentos impuros, palavras impuras, actos impuros.

Vou para casa e meto-me na cama a comer as batatas fritas como o Abade. Quando bebe umas cervejas, senta-se na cama a comer as batatas fritas embrulhadas no **Limerick Leader** e a cantar «The Road to Rasheen». Como as minhas batatas fritas. Lambo o **Nems of the World**. Lambo as histórias das pessoas que fizeram coisas escandalosas. Lambo as raparigas de fato de banho e quando já não há nada para lambar fico a ver as raparigas até o Abade apagar a luz e depois cometo um pecado mortal por baixo do cobertor.

Posso ir à biblioteca quando quiser com o cartão da Mãe ou do Laman Griffin. Nunca vou ser apanhado porque o Laman é preguiçoso de mais para se levantar ao sábado e a Mãe nunca na vida irá à biblioteca por ter vergonha das roupas com que anda. A Menina O'Riordan sorri para mim. As **Vidas de Santos** estão ali à tua espera, Frank. Livros e mais livros. Butler, O'Hanlon, Baringte-Gould. Falei de ti à chefe da biblioteca e ela ficou tão encantada que te vai dar um cartão de adulto. Não é bom?

É, sim, Menina O'Riordan.

Estou a ler a história de Santa Brígida, virgem, 1 de Fevereiro. Era tão linda que por toda a Irlanda os homens ansiavam por casar com ela, mas o pai queria que ela casasse com alguém importante. Mas ela não queria casar com ninguém e

por isso pedia a Deus que a ajudasse e Ele fez com que um olho se lhe derretesse e escorresse pela cara abaixo, deixando uma marca tão funda que os homens da Irlanda perderam o interesse por ela.

Há também Santa Wilgefortis, virgem e mártir, 20 de Julho. A mãe dela teve nove filhos, todos de uma vez, quatro pares de gêmeos, e Wilgefortis, que nasceu sozinha. Foram todos mártires da fé. Wilgefortis era linda e o pai queria casá-la com o Rei da Sicília. Wilgefortis ficou desesperada e Deus ajudou-a, fazendo-lhe crescer na cara barba e bigode, o que fez o Rei da Sicília pensar duas vezes, mas enraiveceu tanto o pai dela que a mandou crucificar com barba e tudo.

É a Santa Wilgefortis que devem rezar as mulheres inglesas com maridos maus.

Os padres nunca nos falam das virgens mártires como Santa Agatha, 5 de Fevereiro. Fevereiro é um mês rico em virgens mártires. Os pagãos da Sicília ordenaram a Agatha que renunciasse à fé em Jesus e como todas as outras virgens mártires ela disse, Não. Eles torturaram-na, esticaram-na na roda, dilaceraram-lhe a carne com ganchos de ferro, queimaram-na com tochas a arder, e ela continuou a dizer, Não, não vou negar Nosso Senhor. Pisaram-lhe os seios e cortaram-lhos, mas quando a fizeram passar por carvões em brasa, ela não aguentou mais e morreu a louvar a Deus.

As virgens mártires morriam sempre a cantar hinos e a louvarem a Deus sem se importarem com nada, nem mesmo que leões lhes arrancassem grandes bocados de carne e os comessem logo ali.

Como é que será possível que os padres nunca nos tenham falado de Santa Úrsula e das suas mil e cem donzelas mártires, 21 de Outubro? O pai queria que ela se casasse com um rei pagão, mas ela disse, Vou-me embora por algum tempo, três anos, para pensar. E aí vai ela com as suas mil aias nobres e as dez mil companheiras destas. Navegaram durante algum tempo e percorreram vários países até que se detiveram em Colónia onde o chefe dos Hunos pediu Úrsula em casamento. Não, disse ela, e os Hunos mataram-na a ela e a todas as donzelas. Por que é que ela não disse que sim para salvar a vida das mil e cem virgens? Por que é que as virgens mártires tinham de ser tão teimosas?

Gosto de São Moling, um bispo irlandês. Não vivia num palácio como o bispo de Limerick. Vivia numa árvore e quando os outros santos iam jantar com ele sentavam-se nos ramos como pássaros a deliciarem-se com água e pão seco. Um dia ia a caminhar sozinho

e um leproso disse-lhe, Ei, São Moling, onde vais? Vou à missa, responde São Moling. Também gostava de ir à missa. Podias pôr-me às costas e levar-me? São Moling fez o que ele lhe pediu, mas mal pôs o leproso às costas, este começou a reclamar. A tua camisa faz-me doer as minhas feridas, tira-a. São Moling tirou a camisa e continuaram a andar. Depois o leproso disse, Preciso de me assoar. São Moling disse, Não tenho nenhum lenço, assoa-te com a mão. O leproso disse, Não consigo segurar-me e assoar-me ao mesmo tempo. Está bem, disse São Moling, podes assoar-te à minha mão. Não pode ser, disse o leproso. Quase já não tenho mãos por causa da lepra. Não consigo segurar-me e assoar-me à tua mão. Se fosses um santo com deve ser, punhas-te de maneira a conseguires chupar a porcaria de dentro da minha cabeça. São Moling não queria chupar o ranho do leproso mas fê-lo e ofereceu o sacrifício a Deus e deu-Lhe graças por aquele privilégio.

Consigo perceber que o meu pai tenha chupado a porcaria de dentro da cabeça do Michael quando era bebé, e estava aflito, mas não percebo porque é que Deus quis que São Moling andasse a chupar o ranho da cabeça dos leprosos. Às vezes não percebo Deus. Mesmo que fosse santo e que toda a gente me venerasse, nunca iria chupar o ranho de um leproso. Gostava de ser santo, mas se tem de se fazer coisas assim, prefiro continuar a ser como sou.

Não me importava de passar a vida nesta biblioteca a ler as histórias das virgens e das virgens mártires, mas um dia tenho um problema com a Menina O'Riordan por causa de um livro que alguém deixou em cima da mesa. O autor chama-se Lin Yütang. Vê-se logo que é um nome chinês e eu fico cheio de curiosidade em ver do que é que os Chineses falam. É um livro de ensaios sobre o amor e o corpo e vem lá uma palavra que tenho de ir ver ao dicionário. Túrgido. O livro diz, O órgão de copulação masculino fica túrgido e é inserido no orifício receptor feminino.

Túrgido. O dicionário diz inchado e é assim mesmo que eu estou, ali de pé a consultar o dicionário, porque agora já sei do que é que o Mikey Molloy estava a falar quando dizia que não éramos diferentes dos cães que se montavam uns nos outros pela rua, mas é chocante imaginar as nossas mães e os nossos pais a fazerem coisas daquelas.

O meu pai passou anos a mentir-me sobre o Anjo do Sétimo Degrau.

A Menina O'Riordan quer saber qual é a palavra que estou a

ver. Fica sempre preocupada quando me vê a mexer no dicionário, e por isso digo-lhe que estou a ver canonizar ou beatífico ou qualquer outra palavra religiosa.

E o que é isto? Isto não são as **Vidas de Santos**.

Pega no livro de Lin Yütang e começa a ler a página onde eu o deixei aberto virado para baixo em cima da mesa.

Santa Mãe de Deus. É isto que estavas a ler? Vi-te com isto na mão.

Bem, eu-eu-só queria ver se os Chineses, se os Chineses, hum, tinham santos.

Ah!, era isso. Vê-se logo. É uma vergonha. Um nojo. Não admira que os Chineses sejam como são. O que é que se podia esperar de gente amarela e com olhos em bico, mas tu, vendo bem, também tens os olhos um bocado em bico. Quero que saias imediatamente desta biblioteca.

Mas estou a ler as **Vidas de Santos**.

Rua, senão chamo a chefe da biblioteca e ela chama a guarda. Rua. Devias ir a correr confessar os teus pecados ao padre. Rua, mas antes de saíres dá-me os cartões da tua pobre mãe e do Sr. Griffin. Sou muito bem capaz de escrever à tua mãe. Se não o faço é para não dar cabo dela. Lin Yütang, francamente. Rua.

Não vale a pena falar com bibliotecárias quando estão assim. Podia ficar ali uma hora a dizer-lhe tudo o que tinha lido sobre a Brígida, a Wilgefortis, a Agatha, a Úrsula e as donzelas mártires, mas ela só ia pensar numa palavra de uma página do livro de Lin Yütang.

~~

O Parque do Povo fica por detrás da biblioteca. Está sol, a relva está seca e eu estou farto de andar a pedir batatas fritas e a aturar bibliotecárias que ficam furiosas por causa da palavra túrgido e ponho-me a olhar para as nuvens a serem arrastadas pelo vento por cima do monumento e deixo-me arrastar pelo sono, túrgido, e começo a sonhar com virgens mártires em fatos de banho no **News of the World** a atirarem bexigas de ovelha a escritores chineses e acordo num estado de excitação com uma coisa quente e pegajosa a sair de dentro de mim e, ai meu Deus, o meu órgão de copulação masculino está de um tamanho incrível e todo espetado e as pessoas que andam no parque deitam-me uns olhares estranhos e as mães dizem aos filhos, Anda cá amor, não vás para ao pé desse tipo. Deviam era chamar a guarda para vir prendê-lo.

Na véspera de fazer catorze anos, vejo-me ao espelho na cómoda da Avó. Como é que eu vou poder começar a trabalhar nos Correios com este aspecto que tenho? Está tudo rasgado, a camisa, as calças, as cuecas, as peúgas, e os sapatos estão quase a cair-me dos pés. Relíquias de tempos decentes, diria a minha mãe. Se a minha mãe está mal, eu ainda estou pior. Por mais que encharque a cabeça debaixo da torneira, o meu cabelo fica espetado para todos os lados. O melhor remédio para o cabelo espetado é o cuspo, só que é difícil cuspiamos na nossa própria cabeça. Temos de atirar uma boa cuspidela para o ar e abaixarmo-nos para a apanharmos com a cabeça. Tenho os olhos vermelhos e com pus amarelo, tenho borbulhas vermelhas e amarelas pela cara toda e os dentes da frente tão pretos e tão podres que nunca na vida vou poder sorrir.

Não tenho ombros e sei como toda a gente admira ombros. Quando morre algum homem em Limerick, as mulheres dizem sempre, Era um grande homem, tinha uns ombros enormes, tão grandes que tinha de entrar de lado na porta. Quando eu morrer vão dizer, Pobre diabo, morreu sem chegar a ter ombros, Quem me dera ter ao menos uns ombros que mal se vissem para as pessoas saberem que já tenho catorze anos. Todos os rapazes da Escola de Leamy tinham ombros menos o Fintan Slattery e eu não quero ser como ele, sem ombros e com os joelhos gastos de tanto rezar. Se tivesse dinheiro ia pôr uma vela a São Francisco e pedir-lhe que tentasse convencer Deus a fazer um milagre com os meus ombros. Ou então, se tivesse um selo, escrevia ao Joe Louis e dizia-lhe, Caro Joe, Haverá alguma hipótese de me dizer como é que conseguiu ter uns ombros tão grandes mesmo sendo pobre?

Tenho de me pôr apresentável para o meu trabalho. Dispo-me e fico nu no pátio das traseiras a lavar a minha roupa à torneira com uma barra de sabão carbólico. Penduro-a na corda da roupa da Avó, a camisa, as calças, as cuecas, as peúgas e rezo a Deus para não chover, rezo para que esteja tudo seco no dia seguinte, que vai ser o primeiro dia da minha vida.

Não posso ir para sítio nenhum assim nu e por isso fico todo o dia na cama a ler jornais velhos, a excitar-me com as raparigas do **News of the World** e a agradecer a Deus o sol que me vai secar a roupa. O Abade chega a casa às cinco, faz chá e, apesar de estar cheio de fome, sei que ele vai começar a resmungar se lhe pedir alguma coisa. Sabe que o único medo que eu tenho é que ele vá fazer queixa à Tia Aggie de que eu estou em casa da Avó e a dormir na cama dela, porque se a Tia Aggie

souber disso, vem cá e põe-me no olho da rua.

Quando acaba de comer o pão, esconde-o sempre e eu nunca consigo encontrá-lo. Mas uma pessoa que nunca caiu de cabeça no chão tem obrigação de encontrar o pão que uma pessoa que caiu de cabeça no chão escondeu. De repente percebo que, se o pão não está em casa, é porque ele o leva no bolso do sobretudo com que anda de Inverno e de Verão. Quando ouço os passos dele da cozinha para a casa de banho do pátio das traseiras, desço a escada, tiro o pão do bolso, corto uma fatia grossa, torno a metê-lo no bolso, subo a escada e meto-me na cama. Ele nunca vai poder dizer nada, nunca vai poder acusar-me. É preciso ser-se um ladrão da pior espécie para roubar uma fatia de pão e ninguém iria acreditar nele, nem a Tia Aggie. Além disso, ela ia começar a gritar com ele por andar com um pão no bolso. Isso não é lugar para trazer o pão.

Como o pão devagar. Uma dentada de quinze em quinze minutos. Assim vai durar muito tempo e se o empurrar com água vai inchar na barriga e fazer-me ficar com a sensação de que estou cheio.

Espreito pela janela das traseiras para ver se o sol da tarde está a secar a minha roupa. Nos outros pátios há cordas com roupa alegre e colorida a dançar ao vento. A minha está pendurada como se fossem cães mortos.

O sol está brilhante, mas a casa está fria e húmida. Apetecia-me ter qualquer coisa para vestir enquanto estou deitado. Não tenho mais roupa e se tocar nalguma coisa do Abade de certeza que ele vai fazer queixa à Tia Aggie. A única coisa que consigo encontrar no guarda-fatos é o vestido velho de lã preta da Avó. Os rapazes não devem vestir os vestidos das avós que já morreram, mas que mal tem isso se é para me aquecer e vou ficar tapado com os cobertores e ninguém vai saber. O vestido cheira a avó velha morta e eu fico com medo que ela se levante da cova e me amaldiçoe perante a família toda reunida. Rezo a São Francisco, peço-lhe que a mantenha na cova que é o lugar onde ela deve estar, prometo pôr-lhe uma vela quando começar a trabalhar, lembro-me de que o fato que ele usava não era muito diferente de um vestido e nunca ninguém se meteu com ele por causa disso e adormeço a sonhar com a imagem da cara dele.

A pior coisa que pode acontecer é estarmos a dormir na cama da nossa avó que já morreu com o vestido preto dela enfiado, e o Tio Abade a cair de cu à porta do *pub* South depois de passar a noite a beber cerveja e as pessoas que têm a mania de se meterem onde não são chamadas irem a correr dizer à Tia

Aggie para ela pedir ao Tio Pa Keating para a ajudar a levar o Abade para casa onde nós estamos a dormir e ela começar a gritar, O que é que estás a fazer nesta casa e nessa cama? Levanta-te e põe a cafeteira ao lume para fazer chá para o teu Tio Pat que caiu, e quando vê que nós não nos mexemos, tira-nos os cobertores e cai de costas como se tivesse visto um fantasma e põe-se a gritar, Valha-me Nossa Senhora, o que é que estás a fazer com o vestido da minha falecida mãe?

É a pior coisa que pode acontecer porque é difícil explicar que estamos a preparar as coisas para o grande emprego da nossa vida, que lavámos a nossa roupa, que está lá fora estendida na corda, e que estava tanto frio que tivemos de vestir a única coisa que conseguimos encontrar em casa, e ainda é mais difícil falar com a Tia Aggie quando o Abade está na cama a gemer, Os meus pés parece que estão a arder, ponham-me água nos pés, e o Tio Pa Keating está a tapar a boca com a mão e a ir de encontro à parede de tanto rir e a dizer-nos que estamos lindos, que o preto nos fica muito bem, e que temos é de endireitar a bainha. Ficamos sem saber o que fazer quando a Tia Aggie diz, Sai já da cama e vai lá abaixo pôr a cafeteira ao lume para o chá do teu pobre tio. Devemos tirar o vestido e embrulharmo-nos num cobertor ou ir tal como estamos? Tão depressa está a gritar, O que é que estás a fazer com o vestido da minha falecida mãe? como a gritar, Vai pôr o raio da cafeteira ao lume. Digo-lhe que lavei a minha roupa por causa do meu grande emprego.

Que emprego?

Nos Correios a entregar telegramas.

Ela diz que se nos Correios já aceitam pessoas como eu devem estar muito desesperados. Vai lá abaixo pôr a cafeteira ao lume.

A pior coisa que pode acontecer a seguir é estarmos a encher a cafeteira na torneira do pátio das traseiras ao luar, e a Kathleen Purcell da casa ao lado estar pendurada no muro à procura do gato.

Santo Deus, o que é que estás a fazer com o vestido da tua avó, Frankie McCourt?, e nós termos de ficar ali no meio do pátio, de cafeteira na mão, a explicar que lavámos a roupa que está ali pendurada na corda onde toda a gente pode ver e que estávamos na cama mas com tanto frio que tivemos de vestir o vestido da nossa avó e que o Tio Pat, o Abade, caiu e teve de ser a Tia Aggie e o marido dela, o Tio Pa Keating, a trazê-lo para casa, e que ela nos mandou ao pátio das traseiras encher a cafeteira e que assim que a nossa roupa secar tiramos logo o

vestido porque não temos vontade nenhuma de andar com o vestido da nossa avó.

A Kathleen Purcell dá um grito, cai do muro, esquece o gato e ouvimos o riso dela a contar à mãe, que é cega, mãezinha, mãezinha, nem queira saber o que eu vi, o Frankie McCourt no pátio das traseiras enfiado no vestido da avó dele que já morreu. Sabemos que quando a Kathleen Purcell apanha uma pontinha de um escândalo, antes de o Sol nascer já toda a gente na rua sabe da história, e é quase o mesmo que pormos a cabeça de fora da janela e dizer para toda a gente ouvir o que nos aconteceu com o problema do vestido.

Quando a cafeteira começa a ferver, o Abade já está a dormir por causa da bebida e a Tia Aggie diz que ela e o Tio Pa vão beber uma chávena de chá e que não se importa que eu beba também. O Tio Pa diz que pensando melhor o vestido preto podia ser a sotaina de um padre dominicano e põe-se de joelhos e diz, Abençoai-me, Padre, porque pequei. A Tia Aggie diz, Levanta-te, meu parvalhão, e pára de fazer pouco da religião. Depois pergunta-me, O que é que estás a fazer nesta casa?

Não posso contar-lhe da Mãe e do Laman Griffin e da excitação no sótão. Digo-lhe que tinha pensado ficar ali uns tempos por causa de ser tão longe da casa do Laman Griffin aos Correios e que assim que tiver dinheiro arranjo logo uma casa decente para morarmos todos, a minha mãe, os meus irmãos e eu.

Bem, diz ela, sempre fazes mais do que o teu pai faria.

XV

É difícil dormir sabendo que amanhã vou fazer catorze anos e começar a trabalhar como um homem. O Abade acorda de madrugada a gemer. Pede-me que lhe faça chá. Se fizer, posso comer uma fatia grossa de pão que ele tem guardado no bolso do casaco por causa dos ratos e no gramofone da Avó, no sítio onde ela costumava guardar os discos, está um frasco de compota.

Não sabe ler nem escrever, mas sabe esconder a compota.

Levo o chá e o pão ao Abade e arranjo um bocado para mim. Visto a roupa ainda húmida e meto-me na cama, na esperança de que assim ela seque com o calor do meu corpo até à hora de ir trabalhar. A Mãe diz sempre que é a roupa molhada que faz as pessoas apanharem tuberculose e morrerem cedo de mais. O Abade está sentado na cama a dizer que está com uma dor de cabeça terrível por causa de um sonho que teve em que eu andava com o vestido preto da sua pobre mãe e ela andava a voar pela casa a gritar, É pecado, pecado, é pecado, Bebe o chá, adormece e começa a rressonar. Eu fico à espera que o relógio dele dê as oito e meia, que é a hora a que tenho de me levantar para estar nos Correios às nove, ainda com a roupa húmida.

Quando vou a sair não consigo imaginar por que razão virá a Tia Aggie a descer a rua. Deve vir ver se o Abade está morto ou se é preciso chamar o médico. A que horas é que tens de estar no trabalho? pergunta ela.

Às nove.

Está bem.

Dá meia volta e vai comigo até ao posto dos Correios da Henry Street. Não diz uma única palavra durante o caminho e eu começo a pensar que, se calhar, vai aos Correios denunciar-me por ter dormido na cama da minha avó e com o vestido preto dela. Quando chegamos, diz-me, Vai lá acima e diz que a tua tia está cá em baixo à tua espera e que vais chegar uma hora atrasado.

Por que é que tenho de chegar uma hora atrasado?

Faz o que te estou a mandar.

Os rapazes dos telegramas estão sentados num banco encostado à parede. Sentadas a uma secretária estão duas mulheres, uma gorda e outra magra. A magra diz, Sim? Chamo-me Frank McCourt, minha senhora, e venho cá para começar a trabalhar.

A fazer o quê?

A entregar telegramas, minha senhora.

A magra dá uma risada e diz, Oh!, meu Deus, pensava que era para limpar as retretes.

Não, minha senhora. A minha mãe trouxe um recado do padre, o Dr. Cowpar, e disseram-lhe que me arranjavam trabalho.

Ah! sim? E sabes que dia é hoje?

Sei, sim, minha senhora. É o dia do meu aniversário. Faço catorze anos.

Que bom, diz a gorda.

Hoje é quinta-feira, diz a magra. Começas a trabalhar na segunda-feira. Vai-te embora, lava-te e volta nessa altura.

Os rapazes dos telegramas estão a rir. Não sei porquê, mas sinto que estou a ficar corado. Digo obrigado às mulheres e quando vou a sair ouço a magra dizer, Jesus me valha, Maureen, quem é que desencantou este exemplar? e riem-se as duas e com elas os rapazes dos telegramas.

A Tia Aggie diz, Então? e eu digo-lhe que só começo na segunda-feira. Ela diz que a minha roupa está uma vergonha e perguntei o que é que a lavei.

Com sabão carbólico.

Cheira a pombos mortos e estás a pôr toda a nossa família a ridículo.

Leva-me aos Armazéns Roche e compra-me nos saldos uma camisa, uma camisola, uns calções, dois pares de meias e um par de sapatos de Verão. Dá-me dois xelins para beber chá e comprar um pão com passas para os meus anos. Apanha o autocarro para subir a O'Connell Street, por ser demasiado gorda e preguiçosa para a subir a pé. Gorda e preguiçosa, sem filhos, mas mesmo assim ainda me compra a roupa para o meu trabalho novo.

Caminho na direcção de Arthur.s Quay com o embrulho da roupa nova debaixo do braço e tenho de me pôr à beira do rio Shannon para ninguém ver as lágrimas a caírem pela cara de um homem no dia em que faz catorze anos.

Na segunda-feira de manhã levanto-me cedo para lavar a cara e alisar o cabelo com água e cuspo. O Abade vê-me com a roupa nova e diz, Meu Deus, vais-te casar ou quê? e torna a

adormecer.

A Sra. O'Connell, a gorda, diz, Muito bem, muito bem, estamos no pino da moda, e a magra, a Menina Barry, diz, Assaltaste um banco no fim de semana? e os rapazes dos telegramas que estão sentados no banco encostado à parede dão uma grande gargalhada.

Mandam-me sentar à ponta do banco e esperar que chegue minha vez de ir entregar telegramas. Alguns dos rapazes têm farda e esses são os efectivos que fizeram o exame. Se quiserem, podem ficar nos Correios para sempre, fazer o exame seguinte para serem carteiros e depois o outro para serem empregados de balcão e ficarem na estação a vender selos e vales. Os efectivos têm direito a uma capa plástico para usarem quando o tempo está mau e têm duas semanas de férias por ano. Toda a gente diz que é um grande emprego, seguro, respeitável e com direito a reforma e que quem tem um emprego destes nunca mais precisa de se preocupar na vida, nunca mais.

Os rapazes dos telegramas que estão a prazo só podem ter aquele trabalho até aos dezasseis anos. Não têm farda, nem férias, ganham menos e se faltarem nem que seja um dia por estarem doentes arriscam-se a ser despedidos. Não há desculpas. Também não há capas para a chuva. Tragam as vossas gabardinas ou então desviem-se da chuva.

A Sra. O'Connell chama-me à secretária dela para me dar um cinto preto de cabedal com uma bolsa. Diz que há muita falta de bicicletas e, por isso, vou ter de ir entregar os primeiros telegramas a pé. Tenho de ir primeiro às moradas que ficam mais longe, e depois ir entregando os outros no caminho de volta, e nada de demorar o dia todo. Já trabalha nos Correios há tempo suficiente para saber quanto é que se demora a entregar seis telegramas, mesmo que seja a pé. Nada de parar nos **pubs** nem nas casas de apostas, nem sequer em casa para beber uma chávena de chá. Se o fizer posso ter a certeza de que ela vai descobrir. Nada de parar nas igrejas para rezar. Se quiser rezar, que o faça enquanto vou a andar a pé ou de bicicleta. Se chover, não ligue. Tenho de entregar os telegramas e deixar-me de mariquices.

Um dos telegramas vem dirigido à Sra. Clohessy de Arthur.s Quay e só pode ser a mãe do Paddy.

És tu, Frankie McCourt? diz ela. Meu Deus, se te visse nem te conhecia. Estás tão crescido. Entra.

Tem uma saia colorida, às flores, e uns sapatos novos e reluzentes. No chão estão duas crianças a brincar com um comboio. Em cima da mesa há um bule, chávenas com pires, uma

garrafa de leite, um pão, manteiga e compota. Ao pé da janela estão duas camas, onde antes não havia nenhuma. A cama grande no canto está vazia e ela deve ter percebido o que eu estou a pensar. Partiu, diz ela, mas não para debaixo da terra. Foi para Inglaterra com o Paddy. Bebe uma chávena e come um bocado de pão. Estás mesmo a precisar, valha-nos Deus. Parece que saíste agora da Grande Fome. Come esse pão com compota. Tens de ficar mais forte. O Paddy estava sempre a falar em ti e o Dennis, o meu pobre marido, nunca mais se esqueceu do dia em que a tua mãe cá veio e lhe cantou aquela canção da dança de Kerry. Agora está em Inglaterra a fazer sanduíches numa cantina e a mandar-me alguns xelins todas as semanas. Sempre gostava de saber qual é a ideia dos Ingleses ao porem um homem com tuberculose a fazer sanduíches. O Paddy tem um bom emprego num *pub* em Cricklewood, que é em Inglaterra. O Dennis ainda cá estaria se não fosse o Paddy ter trepado aquele muro para ir buscar a língua.

A língua?

O Dennis estava a morrer de desejo de uma cabeça de ovelha com couves e batatas e lá foi eu ao talho do Barry com os últimos xelins que tinha. Cozi a cabeça mas, doente como estava, o Dennis não conseguia esperar até estar pronta. Estava ali ao canto na cama a gritar que nem um diabo que queria a cabeça e, quando lha dei, ficou deliciado a chupar o tutano de todos os ossinhos que encontrava. Quando acaba de a comer, pergunta-me, Onde é que está a língua, Mary?

Que língua? digo eu.

A língua da ovelha. Todas as ovelhas têm língua, é com ela que fazem mé mé mé. Falta a língua nesta cabeça. Vai ao talho e exige ao Barry que ta dê.

Lá vou eu outra vez ao talho e o Barry diz, O diabo da ovelha chegou aqui a balir e a gritar tanto que lhe cortei a língua e a atirei ao cão, que desde que a comeu começou a fazer mé mé como se fosse uma ovelha, e se não parar com aquilo ainda lhe corto a língua a ele e atiro-o ao gato. Vou para casa, conto ao Dennis e ele fica como doido na cama. Quero a língua, diz ele. O alimento está todo na língua. E então sabes o que é que aconteceu? O meu Paddy, o teu amigo, vai ao talho do Barry depois de anoitecer, trepa pelo muro, corta a língua de uma cabeça de ovelha que está pendurada num gancho na parede e trá-la para casa para a dar ao seu pobre pai. Claro que tenho de cozer a língua com muito sal e o Dennis, Deus o abençoe, come-a, fica deitado um minuto, deita o cobertor para trás, levanta-

se e declara que, com tuberculose ou sem, tuberculose naquela cama é que ele não vai morrer. Se tiver de morrer, que seja debaixo de uma bomba alemã a ganhar algumas libras para a família em vez de ser a choramingar naquela cama.

Mostra-me uma carta do Paddy. Está a trabalhar no **pub** do seu tio Anthony doze horas por dia, ganha vinte e cinco xelins por semana e tem direito a uma sopa e uma sanduíche por dia. Adora os dias em que os Alemães vêm com as bombas porque pode ficar na cama enquanto o **pub** está fechado. Dorme no chão do corredor do andar de cima. Vai mandar à mãe duas libras por mês e está a juntar o resto para mandar ir a família toda para Inglaterra, onde viverão melhor só num quarto em Cricklewood do que em dez quartos no Arthur.s Quay. Ela não vai ter dificuldade nenhuma em arranjar trabalho. Seria preciso muito azar para não se arranjar trabalho num país que está em guerra, ainda por cima com os Yankees a chegarem aos magotes e a gastarem dinheiro a torto e direito. O Paddy está a contar arranjar trabalho mesmo no meio de Londres onde as gorjetas que os Yankees deixam chegam para alimentar uma família irlandesa de seis pessoas durante uma semana.

A Sra. Clohessy diz, Finalmente temos dinheiro para comida e sapatos, graças a Deus e à Sua Mãe Santíssima. Nem imaginas quem é que o Paddy encontrou em Inglaterra, com catorze anos e a trabalhar como um homem. O Brendan Kiely, aquele a quem vocês chamavam o Perguntas. Está a trabalhar e a juntar dinheiro para se alistar na Polícia Montada do Canadá e andar pelo país a cantar como o Nelson Eddy, **I'll be callin you ooh ooh ooh ooh ooh ooh**.

É terrível ter de dizer uma coisa destas, mas se não fosse o Hitler a esta hora já tínhamos morrido todos. E como é que está a tua pobre mãe, Frankie?

Está boa, Sra. Clohessy.

Não, não está. Vi-a no Dispensário e está com pior aspecto do que o meu Dennis quando estava de cama. Tens de cuidar da tua pobre mãe. Também não estás nada bem, Frankie, com esses olhos vermelhos a quererem saltar-te da cabeça. Toma uma gorjeta. Três **pence**. Compra um rebuçado, Está bem, Sra. Clohessy.

Faz isso.

No fim da semana a Sra. O'Connell dá-me o primeiro ordenado da minha vida, uma libra, a minha primeira libra. Corro escada abaixo e rua acima em direcção a O'Connell Street, que é a rua principal, onde os candeeiros estão acesos e que as pessoas atravessam no caminho do trabalho para casa, pessoas que como

eu têm o ordenado no bolso. Quero que saibam que sou como elas, que sou um homem, que tenho uma libra. Subo por um lado da O'Connell Street e desço pelo outro, na esperança de que reparem em mim. Mas não reparam. Apetece-me acenar com a minha nota de uma libra para as pessoas dizerem, Lá vai ele, o Frankie McCourt, o trabalhador, com uma libra no bolso.

~~

É sexta-feira à noite e posso fazer o que me apeteecer. Posso comer peixe com batatas fritas e ir ao Cinema Lyric. Não, acabou-se o Lyric. Já não preciso de me sentar no galinheiro com as pessoas à minha volta a incitarem os índios a matarem o General Custer e os Africanos a procurarem o Tarzan pela selva toda. Agora posso ir ao Cinema Savoy, pagar seis pence por um lugar lá na frente, que é onde ficam as pessoas das melhores classes, a comerem chocolates e a porem a mão à frente da boca quando se riem. Quando o filme acabar, posso beber chá e comer bolos de passas no restaurante do andar de cima.

O Michael está do outro lado da rua a chamar-me. Tem fome e quer saber se pode ir pedir um bocado de pão ao Abade e dormir lá em vez de ter de andar o caminho todo até à casa do Laman Griffin. Digo-lhe que não se preocupe com o pão. Vamos os dois ao Café Coliseu comer peixe com batatas fritas, tudo o que ele quiser, beber limonadas aos montes e depois vamos ver o **Coração Triunfal** com o James Cagney e comer duas grandes tabletes de chocolate. Depois do filme vamos beber chá e comer bolos, e depois vamos a cantar e a dançar como o James Cagney até à casa do Abade. O Michael diz que deve ser mesmo bom viver na América onde as pessoas não têm mais nada que fazer senão cantar e dançar. Já meio adormecido, diz que um dia há-de ir para lá cantar e dançar e pergunta-me se o ajudo. Depois de ele adormecer, começo a pensar na América e que vou ter de poupar dinheiro para o bilhete em vez de o estoirar em peixe, batatas fritas, chá e bolos. Tenho de poupar alguns xelins da minha libra porque se não fizer isso vou ter de ficar em Limerick para toda a vida. Tenho catorze anos e se guardar todas as semanas algum dinheiro de certeza que aos vinte anos vou poder ir para a América.

Há telegramas para entregar em escritórios, lojas e fábricas, onde não vale a pena ter esperança de receber uma gorjeta. Os empregados pegam nos telegramas sem sequer olharem para nós nem dizerem obrigado. Há telegramas para entregar às famílias respeitáveis que têm criadas e que vivem em Ennis Road ou na

North Circular Road, onde também não há esperanças de receber uma gorjeta. As criadas são como os empregados, não olham para nós nem agradecem. Há telegramas para entregar nas casas de padres ou freiras que também têm criadas apesar de dizerem que a pobreza é uma virtude. Se estivéssemos à espera das gorjetas dos padres ou das freiras, acabávamos por morrer nas escadas. Há telegramas para entregar a pessoas que moram a vários quilómetros da cidade, lavradores com quintais lamacentos e cães que se nos atiram às pernas. Há telegramas para entregar a pessoas ricas com casas enormes, com guaritas junto aos portões e propriedades enormes rodeados por muros. O porteiro faz-nos sinal para entrarmos e temos de percorrer quilómetros de bicicleta por longos caminhos ladeados por relvados, canteiros e fontes até chegarmos à casa grande. Se o tempo está bom, as pessoas estão a jogar croquete, o jogo dos Protestantes, ou a passearem, a conversarem e a rirem, com vestidos às flores e **blazers** com brasões bordados e botões dourados e ninguém diria que está a haver uma guerra. Há Bentleys e Rolls-Royces estacionados à porta da casa grande, onde uma criada nos pergunta se é preciso dizer-nos para irmos pela porta de serventia.

As pessoas das casas grandes falam com sotaque inglês e não dão gorjetas aos rapazes dos telegramas.

As melhores pessoas para darem gorjetas são as viúvas, as mulheres dos pastores protestantes e os pobres em geral. As viúvas sabem o dia em que chega o vale do Governo inglês e ficam à janela à espera. Temos de ter cuidado se nos convidarem para bebermos uma chávena de chá porque um dos que estão a prazo, o Scrawby Luby, diz que uma viúva velha, já com trinta e cinco anos, o mandou entrar para beber chá e depois quis tirá-lhe as calças e ele teve de fugir apesar de se sentir muito tentado e no sábado a seguir teve de ir confessar-se. Contou-nos que foi uma sensação muito estranha ter de saltar para a bicicleta com a coisa toda espetada, mas que se pedalarmos com muita força e pensarmos nos sofrimentos da Virgem Maria, fica-se mole num instante. As mulheres dos pastores protestantes nunca se comportam com a viúva velha do Scrawby Luby, a menos que sejam viúvas. O Christy Wallace, que é efectivo e não tarda vai passar a carteiro, diz que os Protestantes não se preocupam com o que fazem, nem mesmo as mulheres dos pastores. Seja como for, estão condenados, por isso que mal tem gozarem um bocado com um rapaz dos telegramas? Todos os rapazes dos telegramas gostam das mulheres dos pastores protestantes. Mesmo que tenham

criadas, são elas que vão à porta e dizem, Só um momento, e dão-nos seis *pence*.

Gostava de falar com elas e perguntar-lhes o que sentem por saberem que estão condenadas, mas podiam ofender-se e obrigar-me a devolver os seis *pence*.

Os irlandeses que estão a trabalhar em Inglaterra mandam os vales à sexta-feira à noite e ao sábado, durante todo o dia, e é nessa altura que recebemos as melhores gorjetas. Assim que entregamos um grupo de telegramas vamos logo buscar outro.

As piores ruas são as da Irishtown, para lá da High Street e da Mungret Street, são piores do que a Roden Lane, a O'Keeffe's Lane e qualquer uma das ruas onde já morei. Há ruas com autênticos canais a meio. As mães vêm à porta e gritam Aí vai pia, quando despejam os baldes com as águas da cozinha. As crianças fazem barcos de papel ou põem pequenas velas em caixas de fósforos e põem-nos a boiar na água gordurosa.

Quando entramos nas ruas mais pobres, as crianças começam logo a gritar, O rapaz dos telegramas, o rapaz dos telegramas. Vêm ter connosco a correr e as mulheres ficam à porta à espera. Se dermos a um miúdo o vale para a mãe, torna-se imediatamente o herói da família. As miúdas sabem que têm de dar a primazia aos miúdos, mas se não tiverem irmãos podem ser elas a receber o telegrama. As mulheres que estão à porta dizem-nos que agora não têm dinheiro mas para batermos à porta delas amanhã, se voltarmos a esta rua, para nos darem uma gorjeta, Deus te abençoe a ti e a todos os teus.

Todos os dias a Sra. O'Connell e a Menina Barry nos dizem lá nos Correios que a nossa missão é entregar telegramas e só isso. Não temos nada que fazer recados às pessoas como por exemplo ir à loja buscar mercearias. Não lhes interessa se as pessoas estiverem na cama a morrer. Não lhes interessa que as pessoas não tenham pernas, sejam doidas ou andem a rastejar pelo chão. Temos de entregar os telegramas e pronto. A Sra. O'Connell diz, Sei tudo o que fazem, tudo, porque as pessoas de Limerick andam de olho em vocês e tenho aqui muitas queixas guardadas nas minhas gavetas.

Um belo sítio para guardar queixas, diz o Toby Mackey entredentes.

Mas a Sra. O'Connell e a Menina Barry não sabem o que é andar pelas ruas pobres, bater a uma porta, dizerem-nos para entrarmos e vermos que não há luz e que numa cama a um canto está uma pilha de farrapos que pergunta quem é e nós dizemos telegrama e a pilha de farrapos pergunta-nos se não nos

importamos de ir à loja. Estou cheio de fome e era capaz de dar os meus olhos por uma chávena de chá. O que é que uma pessoa faz? Diz que não pode e vai-se embora e deixa ali a pilha de farrapos com um vale que não serve de nada porque a pilha de farrapos não pode levantar-se da cama e ir aos Correios levantar o maldito vale?

O que é que uma pessoa faz?

Dizem-nos que se formos aos Correios levantar o vale para uma dessas pessoas somos despedidos. Mas o que é que havemos de fazer se um velho, que combateu na Guerra dos Boers há que séculos e nos diz que ficou sem pernas e que ficaria eternamente grato se fôssemos ter com o Paddy Considine dos Correios e lhe explicássemos a situação, de certeza que o Paddy vai pagar o vale e podes ficar para ti com dois xelins, porque és um herói. O Paddy Considine diz, Não te preocupes, mas não digas nada a ninguém, senão vou para o olho da rua e tu também, meu filho. O velho da Guerra dos Boers diz que sabe que temos mais telegramas para entregar mas podíamos voltar lá logo à noite e até talvez ir à loja porque ele não tem nada em casa e ainda por cima está a morrer de frio. Está sentado num cadeirão a um canto, tapado com bocados de cobertores e com um balde por detrás da cadeira com um tal fedor que dá logo vontade de vomitar, e ao olhar para o velho naquele canto escuro temos vontade de ir buscar uma mangueira, despi-lo, lavá-lo, dar-lhe um bom prato de toucinho frito, ovos e puré de batata com montes de manteiga, sal e cebolas.

Quero tirar o homem da Guerra dos Boers e a pilha de farrapos da cama e levá-los para uma grande casa no campo, cheia de sol, com pássaros a chilrearem lá fora e um regato a cantar.

A Sra. Spillane da Pump Lane, por detrás da Carey.s Road, tem dois gémeos aleijados, com longos cabelos loiros, muito franzinos, e uns cotos suspensos da beira das cadeiras. Passam o dia inteiro a olhar para o lume e dizem, Onde é que está o Pai? Falam inglês como todas as outras pessoas mas falam um com o outro numa língua que eles inventaram, Quó qui xá xá. A Sra. Spillane diz que estão a perguntar a que horas é que lhes dou o chá. Diz que tem muita sorte se o marido lhe mandar quatro libras por mês e que já não aguenta mais as ofensas que lhe fazem no Dispensário por ter o marido em Inglaterra. As crianças ainda só têm quatro anos e são muito inteligentes apesar de não podem andar nem cuidar de si próprias. Se pudessem andar, se fossem normais, ela fazia a trouxa e ia para Inglaterra, saía deste país abandonado por Deus que lotou pela

sua liberdade durante tanto tempo e veja-se o estado em que está, o De Valera, esse sacana, lá na sua mansão em Dublin, e os outros políticos que podem ir todos para o diabo que os carregue, Deus me perdoe. Os padres que vão para o diabo também, e não peço perdão a Deus por dizer isto. Os padres e as freiras dizem-nos que Jesus era pobre, que não é vergonha ser pobre, e os camiões a descarregarem à porta deles caixas e barris de uísque e vinho, ovos aos montes, presuntos inteiros e eles a dizerem-nos as coisas com que devemos fazer sacrifícios na Quaresma. A Quaresma, uma porra. Fazer sacrifícios como, se para nós é Quaresma todo o ano?

~~

Quero levar a Sra. Spillane e os seus dois filhos louros e aleijados para aquela casa no campo juntamente com a pilha de farrapos e o homem da Guerra dos Boers, lavá-los a todos e deixá-los estar sentados ao sol com os pássaros a chilrear e o regato a cantar.

Não posso deixar a pilha de farrapos sozinha com um vale que não serve de nada porque a pilha de farrapos é uma mulher, a Sra. Gertrude Daly, contorcida com todas as doenças possíveis e imaginárias que se podem apanhar nas ruas pobres de Limerick, artrite, reumático, o cabelo a cair, uma narina meia destruída por ela passar a vida com o dedo lá metido, e faz pensar em que raio de mundo vivemos quando essa velha aparece debaixo dos farrapos, se senta e sorri para nós com uns dentes brancos a reluzirem no escuro, os seus dentes verdadeiros e perfeitos.

É isso mesmo, diz ela, ainda são os meus dentes, e quando apodrecer debaixo da terra hão-de encontrar os meus dentes daqui a cem anos ainda brancos e brilhantes e vão fazer de mim uma santa.

O vale, de três libras, é do filho dela. Traz uma mensagem, Parabéns, Querida Mãe, Do Seu Filho Teddy. Até me admira como poupou isto, diz ela, aquele monte de merda, a pavonear-se com todas as pegadas de Piccadilly. Pergunta-me se lhe faço o favor de levantar o vale e lhe ir comprar uma garrafa pequena de uísque Baby Powers ao *pub*, um pão, meio quilo de toucinho e sete batatas, uma para cada dia da semana. Será que me importo de lhe cozer uma batata, desfazê-la com um bocado de toucinho, dar-lhe um bocado de pão e chegar-lhe um copo de água para juntar ao uísque? Será que me importo de ir pedir ao O'Connor, o farmacêutico, a pomada para as dores, e já que vou à rua, será que posso trazer um bocado de sabão para ela dar uma boa

esfregadela ao corpo. Vai ficar eternamente grata e rezar uma oração por mim e toma lá dois xelins pelo incómodo que te estou a dar.

Oh!, não, obrigado, minha senhora.

Aceita o dinheiro. É uma gorjeta de nada. Fizeste-me muitos favores.

Vendo-a nesse estado não posso aceitar, minha senhora.

Aceita o dinheiro ou então vou aos Correios dizer que nunca mais quero que sejas tu a entregar-me o telegrama.

Então, está bem, minha senhora.

Obrigado.

Boa noite, filho. Sê bom para a tua mãe.

Boa noite, Sra. Daly.

A escola começa em Setembro e há dias em que o Michael passa por casa do Abade antes de ir para casa do Laman Griffin. Nos dias de chuva pergunta se pode lá ficar e ao fim de algum tempo já não quer voltar para casa do Laman Griffin. Está cansado e cheio de fome por ter de andar três quilómetros para cada lado.

Quando a Mãe vem à procura dele, não sei o que hei-de dizer-lhe. Não sei como hei-de olhar para ela e fico o tempo todo a olhar para o lado. Ela pergunta-me, Como é que vai o trabalho? como se não tivesse acontecido nada em casa do Laman Griffin, e eu digo, Vai bem, como se não tivesse acontecido nada em casa do Laman Griffin. Quando está a chover de mais para ela ir para casa, fica no quarto pequeno lá de cima com o Alphie. No dia seguinte volta para casa do Laman, mas o Michael fica, e aos poucos ela vai-se mudando até que deixa de ir para casa do Laman de uma vez por todas.

O Abade paga a renda todas as semanas. A Mãe recebe a assistência social e as senhas da comida até que alguém a denuncia e lhe cortam o subsídio do Dispensário. Dizem-lhe que se o filho ganha uma libra por semana, já é mais do que algumas famílias recebem de subsídio de desemprego e que devia dar graças a Deus por ele ter arranjado aquele trabalho. Agora tenho de dar à Mãe o dinheiro todo que ganho. A Mãe diz, Uma libra? É isto que te pagam por andares por seca e meca de bicicleta faça o tempo que fizer? Na América isto dá quatro dólares. Quatro dólares. E em Nova Iorque quatro dólares não chegam nem para alimentar um gato. Se andasses a entregar telegramas da Western Union em Nova Iorque ganhavas vinte e cinco dólares por semana e vivias à grande. Converte sempre o dinheiro irlandês em dinheiro americano para nunca se esquecer e tenta convencer toda a gente de que a vida lá era muito

melhor. Há semanas em que me deixa ficar com dois xelins, mas se for ao cinema ou se comprar um livro em segunda mão fico logo sem nada. Assim não vou poder juntar dinheiro para o bilhete e vou ficar aqui preso em Limerick até ser velho aos vinte e cinco anos.

O Malachy manda uma carta de Dublin a dizer que está farto e que não quer passar o resto da vida a tocar clarim na banda do Exército. Passada uma semana aparece em casa e reclama por ter de partilhar a cama grande comigo, com o Michael e com o Alphie. Em Dublin tinha uma cama de campanha só para ele, com lençóis, cobertores e uma almofada. Agora voltou aos casacos e a uma almofada da qual sai uma nuvem de penas sempre que lhe tocamos. A Mãe diz, O mal é teu. Tenho muita pena. O Abade tem a cama dele e a minha mãe dorme no quarto pequeno. Estamos outra vez todos juntos, sem o Laman a atormentar-nos. Fazemos chá e pão frito e sentamo-nos no chão da cozinha. O Abade diz que as pessoas não devem sentar-se no chão das cozinhas, para que servem as mesas e as cadeiras? Diz à Mãe que o Frankie não regula bem da cabeça e a Mãe diz que a humidade que vem do chão há-de ser a nossa morte. Sentamo-nos no chão e cantamos, e a Mãe e o Abade sentam-se em cadeiras.

O Abade canta «The Road to Rasheen» e continuamos sem saber do que fala aquela canção. Sentamo-nos no chão e contamos histórias de coisas que aconteceram, de coisas que nunca aconteceram e de coisas que vão acontecer quando formos todos para a América.

Há dias de pouco movimento nos Correios, em que ficamos sentados no banco a conversar. Podemos conversar mas não podemos rir. A Menina Barry diz que devíamos dar graças por nos pagarem para estarmos ali sentados, um bando de preguiçosos e de miúdos da rua é o que nós somos e que não quer risadas. Receber dinheiro para estar sentado a conversar não é coisa que dê vontade de rir e à primeira risadinha que um de nós der vai tudo para a rua e ficamos lá até nos passar a vontade de rir e se continuarmos com as risadinhas faz queixa de nós às autoridades.

Os rapazes falam dela entredentes. O Toby Mackey diz, Aquela cabra velha precisa de uma boa esfrega na rata. A mãe dela andava na vida e o pai fugiu do manicómio cheio de bolhas nos tomates e cravos na picha.

Ouvem-se risos no banco e a Menina Barry grita connosco. Avisei-vos que não queria risotas. Mackey, o que é que estás para aí a segredar?

Estava a dizer que era muito melhor se estivéssemos todos na rua a entregar telegramas com um dia tão lindo como está hoje, Menina Barry.

Vê-se mesmo que era isso, Mackey. Tens uma boca imunda. Ouviste? :, Ouvi, sim, Menina Barry.

Até na escada se ouviu o que disseste, Mackey.

Sim, Menina Barry.

Cala-te, Mackey.

Está bem, Menina Barry.

Nem mais uma palavra, Mackey.

Está bem, Menina Barry.

Já disse para estares calado, Mackey.

Está bem, Menina Barry.

Acabou-se, Mackey. Não me provoques.

Não, Menina Barry.

Nossa Senhora me dê paciência.

Sim, Menina Barry.

Engole o que disseste, Mackey. Engole, engole, engole.

Está bem, Menina Barry.

~~

O Toby Mackey está a prazo, tal como eu. Viu um filme chamado **A Primeira Página** e agora quer ir para a América um dia mais tarde para ser um repórter a sério de chapéu e cigarro. Anda sempre com um bloco no bolso porque um bom repórter tem de escrever o que acontece. Os factos. Tem de escrever os factos e não essa porcaria da poesia, que é a única coisa que se ouve em Limerick, com os homens nos *pubs* sempre a repetirem as cantilenas dos sofrimentos por que passamos sob o domínio dos Ingleses. Os factos, Frankie. Toma nota do número de telegramas que entrega e dos quilómetros que anda. Sentamo-nos no banco, concentrados em não nos rirmos, e ele diz-me que se entregarmos quarenta telegramas por dia, serão duzentos por semana, dez mil por ano e vinte mil durante os nossos dois anos naquele trabalho. Se fizermos 200 quilómetros por semana, serão 21 mil quilómetros ao fim de dois anos e isso equivale a metade do mundo, Frankie, por isso não admira que não tenhamos carne no rabo.

O Toby diz que não há ninguém que conheça Limerick tão bem como os rapazes dos telegramas. Conhecemos todas as avenidas, alamedas, ruas, ladeiras, becos, pátios e vielas. Jesus, não há porta em Limerick que não conheçamos. Batemos a todas as portas, sejam de ferro, carvalho ou contraplacado. Vinte mil

portas, Frankie. Batemos com a mão, com um pontapé ou abrimos-las com um empurrão. Tocamos a campainhas com todos os sons. Gritamos e assobiamos, É o rapaz dos telegramas, o rapaz dos telegramas. Metemos telegramas nas caixas do correio, por baixo das portas, pelas bandeiras das janelas. Entramos pela janela, quando as pessoas não podem sair da cama. Temos de correr com todos os cães que querem fazer de nós o jantar deles. Nunca se sabe o que vai acontecer quando entregamos os telegramas às pessoas. Riem, cantam, dançam, choram, gritam, caem para o chão sem forças e ficamos sem saber se irão acordar e dar-nos a gorjeta. Não tem nada a ver com entregar telegramas na América, como o Mickey Rooney num filme chamado **A Comédia Humana**, onde as pessoas são sempre simpáticas para ele, desfazem-se para lhe dar uma gorjeta, convidam-no a entrar e oferecem-lhe chá e bolos.

O Toby Mackey diz que já tem muitos factos no bloco dele e não quer saber de nada e era assim que eu gostava de ser.

A Sra. O'Connell sabe que eu gosto de ir entregar telegramas ao campo e, quando o tempo está bom, dá-me uns dez, que me ocupam durante toda a manhã, e só tenho de lá voltar depois da hora de almoço ao meio-dia. Há dias de Outono bonitos, em que o Shannon brilha e os campos estão verdes e reluzentes com o orvalho da manhã. O fumo ergue-se nos campos e sente-se o cheiro da turfa a arder. As vacas e as ovelhas andam a pastar pelos campos e pergunto a mim próprio se seria daqueles animais que o padre estava a falar. Não me admirava muito que fosse, porque é um nunca acabar de bois a cobrirem as vacas, de carneiros a cobrirem as ovelhas, de garanhões a cobrirem as éguas e têm todas umas coisas tão grandes que só de olhar para eles fico coberto de suores e cheio de pena das fêmeas todas que há no mundo que têm de sofrer daquela maneira, embora não me importasse de ser boi, porque podem fazer o que lhes apetece e nos animais nunca é pecado. Não me importava de me satisfazer aqui mas nunca se sabe quando é que vai aparecer um lavrador na estrada a levar vacas ou ovelhas para uma feira ou para outro prado e que nos diz, acenando com o cajado, Bom dia, jovem, linda manhã, graças a Deus e à Sua Santa Mãe. Um lavrador assim tão religioso podia ficar ofendido se me visse a desrespeitar o Sexto Mandamento ali em frente da propriedade dele. Os cavalos gostam de pôr a cabeça por cima das cercas e arbustos para ver quem é que vai a passar e eu paro e fico a ouvi-los, porque têm uns olhos grandes e um nariz comprido que mostram como são inteligentes. Às vezes vejo dois pássaros a cantarem um para o

outro e paro e fico a ouvi-los, e se ficar ali durante muito tempo, começam a chegar mais e mais pássaros até que todas as árvores e arbustos ficam cheios de vida com o canto dos pássaros. Se vejo um regato a gorjear por baixo de uma ponte na estrada, pássaros a cantarem, vacas a mugirem e ovelhas a balirem, é melhor do que qualquer orquestra que apareça num filme. Se sinto um cheiro a bacon e couves vindo de alguma casa fico tão fraco por causa da fome que salto para um campo qualquer e sou capaz de ficar meia hora a encher a barriga de amoras silvestres. Meto a cabeça no regato e bebo água gelada que é melhor do que qualquer limonada num café de peixe e batatas fritas.

Depois de acabar de entregar os telegramas ainda me sobra tempo para ir ao cemitério do velho mosteiro onde estão enterrados os parentes da minha mãe, os Guilfoyle e os Sheehan, e onde ela quer ser também enterrada. Vejo daqui as ruínas do castelo de Carrigogunnell e ainda tenho tempo para ir até lá acima de bicicleta, sentar-me no muro mais alto, ver o Shannon a correr para o Atlântico a caminho da América e sonho com o dia em que irei cruzar aquelas águas.

~~

Os rapazes dizem-me lá nos Correios que tenho sorte em ficar com o telegrama da família Carmody, a gorjeta é um xelim, umas das maiores de Limerick. Por que será que é para mim? Sou o mais novo. Bem, dizem eles, às vezes é a Theresa Carmody que vem à porta. Está tuberculosa e eles têm medo de ser contagiados. Tem dezassete anos, passa a vida dentro e fora do sanatório e não vai chegar aos dezoito anos. Os rapazes dizem que as pessoas doentes como a Theresa sabem que lhes resta pouco tempo de vida e, por causa disso, ficam loucas pelo amor, o romance e essas coisas. Essas coisas. É resultado da tuberculose, dizem os rapazes lá nos Correios.

Atravesso de bicicleta as ruas molhadas de Novembro a pensar no xelim da gorjeta e, quando dou a curva para entrar na rua dos Carmody, a bicicleta foge-me e eu escorrego para o chão, arranho a cara e faço um golpe nas costas da mão. A Theresa Carmody abre a porta. O cabelo dela é ruivo. Tem os olhos verdes da cor dos campos para lá de Limerick. Tem as faces rosadas e a pele muito branca.

Oh!, estás todo molhado e a sangrar, diz ela.

Escorreguei da bicicleta.

Entra que eu trato-te dos golpes.

Fico a pensar, Será que devo entrar? Posso apanhar tuberculose e estou feito. Quero chegar aos quinze anos e receber o xelim da gorjeta.

Entra. Ainda morres aí fora.

Põe a cafeteira ao lume para fazer chá. Põe tintura de iodo nas minhas feridas e eu tento portar-me como um homem e não gemer. És um grande homem, diz ela. Vai para a sala e seca-te ao pé do lume. Olha, por que é que não despes as calças e as pões a secar no corta-fogo?

Oh!, não.

Faz isso.

Está bem.

Dobro as calças por cima do corta-fogo. Sento-me a ver o vapor que sobe das calças e a minha coisa a subir e fico com medo que ela entre e me veja naquela excitação.

Ela entra com um prato com pão, presunto e duas chávenas de chá. Meu Deus, diz ela, podes ser magricela mas tens aí uma bela coisa.

Pousa o prato e as chávenas numa mesa ao pé do lume e aí ficam. Pega na ponta da minha excitação com o polegar e o indicador e leva-me para um sofá verde que está encostado à parede. A minha cabeça só pensa em pecado, tintura de iodo, medo de ficar tuberculoso, xelim da gorjeta e os olhos verdes dela e aí está ela no sofá não pares senão eu morro e chora e eu também choro porque não sei o que é que está a acontecer-me, se estou a matar-me com a tuberculose que ela me vai pegar com a boca, se estou a ir a caminho do céu ou a cair de um precipício e não me interessa nem um pouco se isto é pecado.

Descansamos um bocado no sofá, até que ela pergunta, Não tens mais telegramas para entregar? e quando nos sentamos ela dá um gritinho, Ai, estou a deitar sangue.

O que é que tens?

Acho que é por causa de ser a primeira vez.

Espera, digo-lhe eu. Vou buscar o frasco da tintura de iodo à cozinha e borrifo-lhe a ferida. Ela dá um salto do sofá e põe-se a dançar à volta da sala como doida e corre para a cozinha para se sentar na água. Depois de se secar diz-me, Meu Deus, és mesmo inocente. Não se pode pôr assim tintura de iodo nas raparigas.

Pensava que te tinhas cortado.

Continuo a levar lá telegramas durante semanas a fio. Às vezes temos a excitação no sofá mas há dias em que ela está com tosse e vê-se que está muito fraca. Nunca me diz que está fraca

nem que tem tuberculose. Os rapazes dos Correios dizem-me que devo estar a divertir-me à grande com os xelins da gorjeta e com a Theresa Carmody. Não lhes digo que deixei de receber a gorjeta. Não lhes conto nada do sofá verde nem da excitação. Nunca lhes falo da dor que sinto quando ela abre a porta e eu vejo como está fraca e nesses dias só me apetece fazer-lhe chá e sentar-me no sofá verde com os braços à volta dela.

Mas há um sábado em que me dizem para levar o telegrama ao trabalho da mãe da Theresa no Woolworth.s. Tento fazer um ar descomprometido. Sra. Carmody, costumo entregar o telegrama à Theresa, acho que é sua filha?

Está no hospital.

No sanatório?

Já disse que está no hospital.

É como todas as outras pessoas de Limerick, tem vergonha da tuberculose e não me dá um xelim nem gorjeta nenhuma. Vou ao sanatório para ver a Theresa. Dizem-me que só posso vê-la se for da família ou se for adulto. Digo que sou primo dela e que vou fazer quinze anos em Agosto. Mandam-me embora. Vou à Igreja Franciscana rezar pela Theresa. São Francisco, por favor fala com Deus. Diz-Lhe que a culpa não foi da Theresa. Eu podia ter-me recusado a levar o telegrama em todos aqueles sábados. Diz a Deus que a culpa da excitação no sofá não foi da Theresa, porque é a tuberculose que põe as pessoas assim. Também não faz mal, São Francisco, porque eu amo a Theresa. Amo-a tanto como tu amas os pássaros, os animais e os peixes e peço-Te que digas a Deus que lhe tire a tuberculose e eu prometo nunca mais me aproximar dela.

No sábado seguinte dão-me o telegrama para os Carmody. A meio da rua já vejo as portadas fechadas. Vejo a coroa de crepe preto por cima da porta. Vejo o cartão de pêsames branco debruado a roxo. Vejo através da porta e das paredes todos os sítios onde eu e a Theresa rebolámos nus e loucos, vejo o sofá verde, e sei que ela está no inferno e que a culpa é minha.

Meto o telegrama por debaixo da porta e torno a ir à Igreja Franciscana rezar pelo repouso da alma da Theresa. Rezo a todas as imagens, aos vitrais, às Estações da Via Sacra. Juro que passarei a viver na fé, na esperança, na caridade, na pobreza, na castidade e na obediência. No dia seguinte, domingo, vou a quatro missas. Faço a Via Sacra três vezes. Passo o dia a rezar terços. Não como nem bebo nada e sempre que descubro um sítio para estar sozinho começo a chorar e a pedir a Deus e à Virgem Maria que tenham piedade da alma da Theresa Carmody.

Na segunda-feira acompanho o funeral na minha bicicleta dos Correios. Fico longe da sepultura, atrás de uma árvore. A Sra. Carmody chora e lamenta-se. O Sr. Carmody funga e parece estar confuso. O padre reza orações em latim e asperge o caixão com água benta.

Quero ir ter com o padre, com o Sr. e com a Sra. Carmody. Quero dizer-lhes que fui eu que mandei a Theresa para o inferno. Podem fazer-me o que quiserem. Bater-me, descompor-me. Atirar terra da sepultura para cima de mim. Mas fico atrás da árvore até os acompanhantes se irem todos embora e os coveiros taparem a sepultura.

A geada já está a embranquecer a terra que acabou de ser posta na sepultura e penso na Theresa, gelada dentro do caixão, com os seus cabelos ruivos e os seus olhos verdes. Não consigo perceber o que estou a sentir, mas sei que com todas as pessoas da minha família que já morreram e todas as pessoas que vi morrer na minha rua e nas ruas em volta, nunca senti uma dor tão grande no meu coração como a que estou a sentir agora e espero nunca voltar a senti-la.

Está a ficar de noite. Saio do cemitério na minha bicicleta. Tenho telegramas para entregar.

XVI

A Sra. O'Connell dá-me telegramas para ir entregar ao Sr. Harrington, o inglês a quem morreu a mulher, nascida e criada em Limerick. Os rapazes dos Correios dizem que os telegramas de condolências são uma perda de tempo. As pessoas só choram e gemem por causa do desgosto e acham que não têm de dar gorjeta. Perguntam se queremos ir ver o defunto e rezar-lhe um Pai-Nosso. Não era mau de todo, desde que nos oferecessem um cálice de xerez e um sanduíche de presunto. Mas não, ficam satisfeitos por rezarmos mas como somos uns simples rapazes dos telegramas já é uma sorte se nos derem um biscoito. Os rapazes mais velhos dizem que é preciso jogar as cartas certas para conseguir a gorjeta. Se nos perguntarem se queremos rezar, temos de nos ajoelhar ao pé do defunto, dar um grande suspiro, benzermo-nos, afundar a testa na roupa da cama para não verem a nossa cara, chocalhar os ombros como se não aguentássemos o desgosto, agarrarmo-nos à cama com as duas mãos como se fosse preciso eles virem-nos arrancar dali para entregarmos o resto dos telegramas, certificarmo-nos de que temos a cara molhada das lágrimas ou do cuspo que lá pusemos e, se no fim de tanto esforço não nos derem uma gorjeta, o melhor que temos a fazer é meter todos os telegramas que lá formos entregar depois debaixo da porta ou atirá-los pela bandeira da janela e deixá-los lá com o desgosto deles.

Não é a primeira vez que vou entregar telegramas a casa dos Harrington. O Sr. Harrington nunca está em casa. Está sempre fora a tratar dos negócios da companhia de seguros, e a Sra. Harrington é sempre muito generosa nas gorjetas. Mas agora morreu e é o Sr. Harrington que vem à porta. Tem os olhos vermelhos e está a fungar. És irlandês? pergunta ele.

Irlandês? Que outra coisa poderia eu ser em Limerick espedado à porta dele com um maço de telegramas na mão? Sou, sim, meu, senhor. Entra e põe os telegramas na mesa da entrada, diz ele.

Atira com a porta, fecha-a à chave, põe a chave no bolso e eu fico a pensar, Os Ingleses são mesmo estranhos.

Tenho a certeza de que vais querer vê-la. Vais querer ver o que o teu povo lhe fez com a vossa maldita tuberculose. Raça de vampiros. Vem atrás de mim.

Primeiro leva-me à cozinha onde pega num prato com sanduíches de presunto e em duas garrafas, e depois para o andar de cima. A Sra. Harrington está linda na cama, loura, rosada e em paz.

É a minha mulher. Pode ser irlandesa, mas não parece, graças a Deus é como tu. Irlandês. De certeza que estás a precisar de um copo. Vocês andam sempre a beber. Ainda não estão desmamados e já andam a chorar pela garrafa de uísque e de cerveja. O que é que queres, uísque, xerez?

Gostava de uma limonada.

Estou a velar a minha mulher, não estou a fazer nenhuma festa em honra dos citrinos. Vais beber xerez. Uma zurrapa vinda da maldita Espanha católica e fascista. Bebo o xerez de um só gole. Torna a encher-me o meu copo de xerez e o dele de uísque. Raios. Acabou-se o uísque. Fica aí. Estás a ouvir? Vou ao *pub* buscar outra garrafa de uísque. Fica aí. Não saias de onde estás até eu chegar. Estou confuso e tonto por causa do xerez. Não sei o que se deve fazer com os ingleses que estão num velório. Sra. Harrington, está tão linda aí deitada. Mas é protestante, já está condenada ao inferno como a Theresa. O padre disse, Fora da Igreja Católica não há salvação. Espere, talvez possa salvar a sua alma. Vou fazer-lhe o baptismo católico. Vou compensar o que fiz à Theresa. Vou buscar água. Oh!, meu Deus, a porta está fechada. Porquê? Se calhar, não está morta. Olhe para mim. Está morta, Sra. Harrington? Não tenho medo. Tem a cara gelada. Ah!, está morta e bem morta. Vou baptizá-la com xerez da maldita Espanha católica e fascista. Baptizo-te em nome do Pai, do Filho, do...

Que diabo estás tu a fazer? Sai de ao pé da minha mulher, meu papista miserável. Que ritual primitivo de pacóvios é este? Tocaste nela? Tocaste? Vou apertar-te esse pescoço escanzelado.

Eu... eu...

Desembucha, meu miserável.

Eu só, um bocadinho de xerez para ela ir para o céu. Que céu? No céu vivemos nós, eu, a Ann e a nossa filha Emily. Nunca mais tornes nem sequer a olhar para ela com esses olhos vermelhos de porco.

Oh!, meu Deus, não aguento esta dor. Toma, mais xerez.

Não, obrigado.

Não, obrigado. Essa choraminguice miserável de celta. Vocês adoram álcool. Ajuda-vos a rastejar e a choramingar melhor. Claro que queres comer. Tens mesmo cara de pacóvio esfomeado. Toma. Presunto. Come.

Não, obrigado.

Não, obrigado. Tornas a dizer isso e enfio-te o presunto pelo cu acima.

Acena-me com uma sanduíche de presunto e enfia-ma dentro da boca com a mão.

Cai para cima de uma cadeira. Oh! meu Deus, o que é que eu hei-de fazer? Tenho de descansar um bocado.

O meu estômago dá um salto. Corro para a janela, ponho a cabeça de fora e vomito. Ele dá um salto da cadeira e avança para mim.

Tu, tu, Deus te meta no inferno vomitaste para cima das roseiras da minha mulher.

Tenta dar-me um murro, falha, cai ao chão. Eu salto pela janela, fico pendurado no peitoril. Ele vem à janela e agarra as minhas mãos. Desprendo-me e caio para cima das roseiras, da sanduíche de presunto e do xerez que acabei de vomitar. Fico todo picado nos espinhos das roseiras, cheio de dores, com um tornozelo torcido. Ele está na janela a berrar, Anda cá, meu irlandês de merda. Vai fazer queixa de mim nos correios. Acerta-me com a garrafa de uísque nas costas, implora, Será que não podes ficar ao menos uma hora comigo?

Atira-me com copos de xerez, copos de uísque, sanduíches de presunto, coisas que estavam em cima do toucador da mulher, pós, cremes, pincéis.

Subo para a bicicleta e vou aos esses pelas ruas de Limerick, tonto por causa do xerez e todo dorido. A Sra. O'Connell ataca assim que lá chego, Sete telegramas, todos para a mesma casa e desapareces durante o dia todo. Estive, estive Estiveste, estiveste.

Estás bêbedo.

É isso é que tu estás. A tresandar. Ah!, nós sabemos. O senhor, tão simpático, telefonou, o Sr. Harrington, um inglês tão gentil com uma voz igualzinha à do James Mason. Deixa-te entrar para rezares pela mulher dele e no minuto seguinte já estás fora da janela cheio de xerez e presunto. Coitada da tua mãe. O que ela trouxe ao mundo.

Foi ele que me obrigou a comer o presunto e a beber o xerez. :, Obrigou-te? Meu Deus, essa tem muita graça. Obrigou-te. O Sr. Harrington é um inglês educado e não há razão nenhuma para ele

mentir. Não queremos gente da tua laia nos Correios, gente que não consegue resistir a presunto nem a xerez. Por isso, devolve a bolsa e a bicicleta. Acabaram-se os Correios.

Mas eu preciso deste emprego. Tenho de juntar dinheiro para ir para a América.

A América. Triste será o dia em que a América te deixar lá entrar.

Vou a coxear pelas ruas de Limerick. Apetecia-me voltar a casa do Sr. Harrington e atirar-lhe um tijolo pela janela. Não. É preciso ter respeito pelos mortos. Vou passar a ponte de Sarsfield e vou para a beira do rio onde me posso deitar no meio dos arbustos. Não sei como hei-de ir para casa e dizer à minha mãe que fiquei sem trabalho. Tenho de ir para casa. Tenho de lhe dizer. Não posso passar a noite à beira-rio. Ela vai dar em doida.

A Mãe vai aos Correios pedir que me readmitam. Dizem que não. Nunca ouviram uma coisa assim. Um rapaz dos telegramas a profanar um defunto. Um rapaz dos telegramas a abandonar o local do crime agarrado ao presunto e ao xerez. Ele não torna a pôr os pés nos Correios. Não.

A Mãe pede ao padre da paróquia que escreva uma carta. Aceitem outra vez o rapaz, diz o padre. Está bem, Padre, está bem. Aceitam-me até fazer dezasseis anos. Nem mais um minuto. Além disso, diz a Sra. O'Connell, pensando bem no que os Ingleses nos fizeram durante oito séculos, aquele homem não tinha direito a reclamar por causa de um bocado de presunto e xerez. Se compararmos um bocado de presunto e de xerez à Grande Fome, onde é que vamos parar? Se o meu pobre marido fosse vivo e eu lhe contasse o que tu fizeste, ele diria que marcaste pontos, Frank McCourt, marcaste pontos.

Todos os sábados de manhã juro que vou confessar-me e contar ao padre os meus actos impuros em casa, nas veredas isoladas à volta de Limerick sob os olhares das vacas e das ovelhas, no alto de Carrigogunnell com todo o mundo a ver.

Vou contar-lhe da Theresa Carmody e de como a mandei para o inferno, e aí vai ser o meu fim, vou ser expulso da Igreja.

A Theresa é um tormento para mim. Sempre que vou entregar um telegrama à rua dela, sempre que passo à porta do cemitério, sinto o pecado a crescer em mim como se fosse um abcesso e, se não me for confessar depressa, não hei-de demorar muito tempo a transformar-me num abcesso montado numa bicicleta, com as pessoas a apontarem :, para mim e a dizerem umas às outras, Lá está ele, o Frankie McCourt, foi aquele porco que mandou a

Theresa Carmody para o inferno.

Vejo as pessoas que vão comungar ao domingo, todas em estado de graça, a voltarem aos seus lugares com Deus na boca, em paz, tranquilas, preparadas para morrerem a qualquer momento e irem direitinhas para o céu ou então para irem para casa comer toucinho e ovos sem nada no mundo que as preocupe.

Estou farto de ser o maior pecador de Limerick. Quero livrar-me deste pecado e comer toucinho e ovos e não me sentir culpado nem atormentado. Quero ser normal.

Os padres passam a vida a dizer-nos que a misericórdia de Deus é infinita mas como pode um padre absolver uma pessoa como eu que anda a entregar telegramas e acaba num estado de excitação num sofá verde com uma rapariga às portas da morte com uma tuberculose galopante?

Corro toda a cidade de Limerick de bicicleta a entregar telegramas e paro em todas as igrejas. Vou dos Redentoristas para os Jesuítas e daí para os Agostinianos e daí para os Dominicanos e daí para os Franciscanos. Ajoelho-me em frente da imagem de São Francisco de Assis e peço-lhe que me ajude, mas acho que ele está muito triste comigo. Ajoelho-me ao pé das outras pessoas que estão à espera no banco do confessional, mas quando chega a minha vez fico sem conseguir respirar, com o coração a bater, a testa fria e encharcada e fujo da igreja.

Juro que vou confessar-me no Natal. Não consigo. Na Páscoa. Não consigo. Passam-se semanas e meses e já vai fazer um ano que a Theresa morreu. Vou no dia do aniversário dela, mas não consigo. Já fiz quinze anos e agora passo pelas igrejas sem parar. Vou ter de esperar até ir para a América onde há padres como o Bing Crosby em **O Bom Pastor**, que não vão expulsar-me do confessional como os padres de Limerick.

Continuo com o pecado dentro de mim, o abcesso, e espero que não me mate antes de falar com o padre americano.

Há um telegrama para entregar a uma velhota, a Sra. Brigid Finucane. Pergunta-me, Quantos anos tens, miúdo?

Quinze anos e meio, Sra. Finucane.

Ainda tens idade para fazeres uma fraca figura e já tens idade para te corrigires.

És esperto, miúdo? Será que tens inteligência para alguma coisa? :, Sei ler e escrever, Sra. Finucane.

Ora, há pessoas no manicómio que sabem ler e escrever. Sabes escrever uma carta?

Sei.

Quer que eu escreva cartas aos clientes dela. Quem precisa de

um fato ou de um vestido para os filhos vai ter com ela. Ela dá-lhes uma senha para irem a uma loja buscar a roupa. A loja faz-lhe desconto e ela cobra o preço total e juro. Depois pagam-lhe em prestações semanais. Alguns dos clientes atrasam-se nos pagamentos e é preciso mandar-lhes cartas a ameaçá-los. Diz que me dá três *pence* por cada carta que escrever e mais três se pagarem. Se quiseses o emprego, vem cá às quintas e sextas à noite e traz papel e envelopes.

Estou ansioso por aquele trabalho. Quero ir para a América. Mas não tenho dinheiro para o papel nem para os envelopes. No dia seguinte vou entregar um telegrama ao Woolworth's e descubro a solução, uma secção inteira cheia de papel e envelopes. Não tenho dinheiro, por isso tenho de me servir. Mas como? Sou salvo por dois cães, dois cães que estão à porta do Woolworth's montados um no outro com a excitação. Estão a latir e a andar à volta. Os clientes e os empregados dão risadinhas a fingir que estão a olhar para outro lado, e enquanto estão entretidos a fingir, eu enfio o papel e os envelopes na camisola, saio porta fora, subo para a bicicleta e afasto-me dos cães enganchados.

A Sra. Finucane mostra-se desconfiada. Que belo papel, miúdo. É da tua mãe? Tens de devolvê-lo quando tiveres dinheiro, não é?

É, sim.

A partir de agora não posso entrar pela porta da frente. Há uma viela atrás da casa dela e tenho de passar a entrar pela porta das traseiras, para ninguém me ver.

Dá-me um livro de registo com os nomes e as moradas de seis clientes com pagamentos em atraso. Ameaça-os, miúdo, prega-lhes um susto de morte.

A minha primeira carta,

Cara Sra. O'Brien,

Atendendo a que parece não estar habilitada para me pagar o que me deve, sou forçada a recorrer a uma acção legal. Anda o seu filho Michael a pavonear-se com o fato novo pago por mim, enquanto eu nem uma migalhinha tenho para alimentar corpo e alma. Estou certa de que não quer apodrecer nas masmorras da prisão de Limerick longe dos amigos e da família.

Sem outro assunto de momento, subscrevo-me em litigiosa expectativa,

Sra. Brigid Finucane

Grande carta, diz ela, melhor do que tudo o que li até hoje no **Limerick Leader**. Essa palavra, atendendo, é um autêntico terror. O que é que quer dizer? Acho que quer dizer que é a última oportunidade que lhes dá.

Escrevo mais cinco cartas e ela dá-me o dinheiro para os selos. Quando vou a caminho dos Correios, começo a pensar, Para que hei-de gastar dinheiro nos selos se tenho duas pernas e posso ir entregar pessoalmente as cartas pela calada da noite? Para quem é pobre, uma carta ameaçadora é sempre uma carta ameaçadora, independentemente da maneira como lá chega. Corro as velas de Limerick a meter cartas por debaixo das portas, rezando para que ninguém me veja. Na semana seguinte, a Sra. Finucane até chia de alegria. Quatro já pagaram. Vá, senta-te e escreve mais, rapaz. Enche-os de medo.

De semana para semana as minhas cartas vão-se tornando cada vez mais ameaçadoras. Começo a utilizar palavras que eu próprio quase não percebo.

Cara Sra. O'Brien,

Atendendo a que não se rendeu à iminência do litígio sugerida pela nossa anterior epístola, venho por este meio avisá-la de que estamos em contacto com o nosso advogado em Dublin.

Na semana a seguir a Sra. O'Brien paga. Apareceu aqui com lágrimas nos olhos, rapaz, e prometeu-me que nunca mais falhava nenhuma prestação.

Às sextas-feiras à noite a Sra. Finucane manda-me ir ao **pub** buscar uma garrafa de xerez. Ainda és muito novo para beber xerez, rapaz. Podes fazer uma chávena de chá para ti, mas tens de utilizar as folhas de hoje de manhã. Não, não podes comer pão. Com o preço a que o pão está. Com que então, pão. Estás aqui estás a pedir-me um ovo.

Vai balouçando na cadeira junto ao lume, a beber o xerez aos golinhos, a contar o dinheiro que está na bolso que tem ao colo e a fazer o registo dos pagamentos no livro e, no fim, fecha tudo à chave na mala que tem debaixo da cama no andar de cima. Depois de beber alguns cálices de xerez, começa a dizer-me como é bom ter algum dinheiro para poder mandar rezar missas pela sua alma. Fica feliz de pensar nos padres a dizerem missas pela

alma dela muitos e muitos anos depois de já estar morta e enterrada.

Às vezes adormece e se a bolsa cai ao chão eu tiro de lá alguns xelins para me pagar das horas extraordinárias e das palavras novas que ando a empregar. Assim fica menos dinheiro para os padres e para as missas, mas de quantas missas precisa uma alma? Além disso, tenho direito a algumas libras depois da maneira como a Igreja me deu com a porta na cara. Não me deixaram ser menino do coro, nem aluno da escola secundária, nem missionário dos Irmãos Brancos. Não quero saber. Tenho uma conta-poupança nos Correios e se continuar a escrever cartas ameaçadoras eficazes, a tirar um ou outro xelim da bolsa dela e a guardar o dinheiro dos selos, vou conseguir o dinheiro para fugir para a América. Não tocava no dinheiro que tenho nos Correios nem que toda a minha família morresse de fome.

Às vezes tenho de escrever cartas ameaçadoras a vizinhos e amigos da minha mãe e fico com medo que me descubram. Queixam-se à Mãe, Aquela cabra velha, a Finucane, lá da Irishtown, mandou-me uma carta a ameaçar-me. Só um demónio vindo do inferno é que é capaz de ameaçar gente da classe dela com uma carta que não percebo onde é que começa e acaba, com palavras que nunca ouvi em terra nem no mar. A pessoa que escreveu aquela carta é pior do que Judas, pior do que um informador dos Ingleses.

A minha mãe diz que quem escreve uma carta daquelas merecia ser metido em azeite a ferver e que pusessem um cego a arrancar-lhe as unhas.

Tenho muita pena deles mas esta é a única maneira que tenho de juntar dinheiro para ir para a América. Sei que um dia hei-de ser um Yankee rico e hei-de mandar para casa centenas de dólares e a minha família nunca mais vai ter de se preocupar com cartas ameaçadoras.

Alguns dos rapazes dos telegramas que estão a prazo vão fazer o exame em Agosto para passarem a efectivos. A Sra. O'Connell diz, Devias fazer o exame, Frank McCourt. Tens algum miolo na cabeça e passavas sem dificuldade nenhuma. Daqui a pouco tempo serias carteiro e uma grande ajuda para a tua pobre mãe.

A Mãe também diz que devia fazer o exame, passar a carteiro, poupar dinheiro, ir para a América, trabalhar lá como carteiro e teria uma vida em grande.

Num sábado vou entregar um telegrama ao *pub* South e está lá o Tio Pa Keating, todo preto como de costume. Toma uma limonada, Frankie, diz ele, ou será que queres uma cerveja,

agora que já tens quase dezasseis anos?

Quero limonada, Tio Pa, obrigado.

Mas vais querer a tua primeira cerveja no dia em que fizeres dezasseis anos, não vais?

Vou, mas o meu pai não está cá para ma dar.

Não te preocupes com isso. Sei que não é a mesma coisa sem o teu pai, mas eu vou dar-te a tua primeira cerveja. Era o que eu faria se tivesse um filho. Vem cá ter na noite antes de fazeres dezasseis anos.

Está bem, Tio Pa.

Ouvi dizer que vais fazer o exame para os Correios.

Vou.

E o que é que te leva a fazer uma coisa dessas?

É um trabalho bom e daqui a pouco tempo passo a carteiro e tenho direito a reforma.

Reforma, uma porra. Tens dezasseis anos e já falas em reforma? Estás a gozar comigo ou quê? Ouviste o que eu disse, Frankie? Reforma, uma porra. Se passares no exame, ficas nos Correios muito tranquilo para o resto da vida. Casas com uma Brigid qualquer e tens cinco lindos filhos católicos e roseiras no jardim. A tua cabeça vai estar morta aos trinta anos e os teus tomates secos aos vinte e nove. Pensa com a tua cabeça e manda os acomodados e os invejosos para o diabo. Estás a ouvir, Frankie McCourt?

Estou, Tio Pa.

Era o que o Sr. O'Halloran dizia.

O que é que ele dizia?

Para pensarmos com a nossa cabeça.

E tinha muita razão o Sr. O'Halloran. A vida é tua, tu é que tens de decidir e manda os invejosos para o diabo, Frankie. Mas seja como for hás-de ir para a América, não é?

É, Tio Pa.

No dia do exame tenho dispensa do trabalho. Vejo um letreiro numa janela de um escritório na O'Connell Street,:

__precisa-se rapaz esperto, boa caligrafia, bom de contas, falar no local com gerente, sr. mc_caffrey, easons __ltd.

Fico parado à porta do sítio onde se faz o exame, a Associação de Jovens Protestantes de Limerick. Vejo rapazes de toda a cidade a subirem a escada para irem fazer o exame e à porta está um homem a entregar-lhes folhas de papel e lápis e a dizer-lhes, Despachem-se, despachem-se. Olho para o homem que

está à porta, penso no Tio Pa Keating e no que ele disse, lembro-me do letreiro no escritório da Easons, Precisa-se Rapaz Esperto. Não quero entrar naquela porta nem passar no exame porque se o fizer passarei a efectivo como rapaz dos telegramas, com direito a farda, depois a carteiro e depois a empregado de balcão e ficarei o resto da vida a vender selos. Ficarei para sempre em Limerick, terei um jardim com rosas, a cabeça vazia e os tomates secos.

O homem que está à porta diz, Entras ou vais ficar aí de boca aberta?

Apetece-me dizer ao mundo que vá levar no cu, mas ainda tenho algumas semanas de trabalho nos Correios e ele podia fazer queixa de mim. Digo que não com a cabeça e subo a rua até ao sítio onde estão a pedir um rapaz esperto.

O gerente, o Sr. Mc_Caffrey diz, Gostava de ver uma amostra da tua caligrafia, melhor dizendo, se sabes escrever. Senta-te àquela mesa. Escreve o teu nome e morada e um parágrafo a explicar porque queres candidatar-te ao lugar e como tencionas progredir no seio da Eason & Son, Ltd., com perseverança e assiduidade, pois há grandes oportunidades nesta empresa para um rapaz que mantenha os olhos postos nas metas que tem à sua frente e que proteja as ilhargas do chamamento do pecado.

Escrevo,

Frank McCourt,
4, Little Barrington Street,
Cidade de Limerick,
Condado de Limerick,
Irlanda

Estou a candidatar-me a este emprego para poder subir até aos níveis mais altos da Easons Ltd. com perseverança e assiduidade, consciente de que se mantiver os olhos em frente e proteger as ilhargas resistirei a todas as tentações e serei motivo de orgulho para a Easons e a Irlanda em geral.

O que vem a ser isto? pergunta o Sr. McCaffrey? Será que temos aqui uma deturpação da verdade?

Não sei, Sr. McCaffrey.

Little Barrington Street. Não é uma rua, é uma viela. Por que é que lhe chamas rua? Moras numa viela, não é numa rua.

Mas chamam-lhe rua, Sr. McCaffrey.

Não queiras ser mais do que és, rapaz.

Longe de mim fazer isso, Sr. McCaffrey.

Moras numa viela e isso significa que não podes senão subir na vida. Estás a perceber, McCourt?

Estou, Sr. McCaffrey.

Tens de sair dessa viela à custa do teu trabalho, McCourt.

Pois é, Sr. McCaffrey.

O teu aspecto não engana ninguém. Vê-se logo que és de uma viela. Desde a cabeça aos pés. Não tentes enganar o pessoal, McCourt. Ias ter de te levantar muito cedo para conseguires enganar alguém como eu.

Longe de mim fazer isso, Sr. McCaffrey.

E também há o problema dos olhos. Estão em muito mau estado. Vês?

Vejo, Sr. McCaffrey.

Sabes ler e escrever, mas também sabes somar e subtrair?

Sei, Sr. McCaffrey.

Bem, não sei qual é a política da empresa a respeito de olhos em mau estado. Vou ter de telefonar para Dublin e perguntar a opinião deles a esse respeito. Mas a tua letra é boa, McCourt.

Escreves bem.

Vamos admitir-te provisoriamente enquanto esperamos pela decisão sobre olhos em mau estado. Segunda-feira de manhã, às seis e meia na estação dos caminhos-de-ferro.

Às seis da manhã?

Da manhã. Não distribuímos os jornais da manhã à noite, pois não?

Não, Sr. McCaffrey.

Mais uma coisa. Distribuímos o **Irish Times**, um jornal protestante feito por mações livres de Dublin. Vamos buscá-los à estação, contamo-los, levamo-los aos agentes, mas não o lemos. Não quero ver-te a lê-lo. Podias perder a Fé e com o estado em que tens os olhos podias até perder a vista. Estás a ouvir, McCourt?

Estou, Sr. McCaffrey.

Nada de **Irish Times**, e quando começares a trabalhar para a semana volto a conversar contigo sobre toda a porcaria que vem de Inglaterra e que não quero que leias no escritório. Estás a ouvir, McCourt?

Estou, Sr. McCaffrey.

A Sra. O'Connell está de lábios cerrados e não olha para mim. Diz à Menina Barry, Ouvi dizer que um certo convencido das

vielas faltou ao exame dos Correios. Devia ser bom de mais para ele.

Tem toda a razão, diz a Menina Barry.

Deve ser bom de mais para nós.

Tem toda a razão.

Será que ele nos vai dizer por que é que não fez o exame?

Talvez, diz a Menina Barry, se lhe pedirmos as duas de joelhos.

Quero ir para a América, Sra. O'Connell, digo eu.

Ouviu, Menina Barry?

Ouvi, pois, Sra. O'Connell.

Ele falou.

Pois falou.

Vai deitar tudo a perder, Menina Barry.

Tudo, Sra. O'Connell.

A Sra. O'Connell ignora-me e fala com os outros rapazes que estão sentados no banco à espera dos telegramas. Este aqui é o Frankie McCourt que acha que é bom de mais para trabalhar nos Correios.

Não é nada disso, Sra. O'Connell.

E quem é que te mandou abrir a boca, Sr. Convencido? É bom de mais para nós, não acham, rapazes?

Achamos, Sra. O'Connell.

E depois de tudo o que fizemos por ele, demos-lhe os telegramas com as boas gorjetas, mandámo-lo para o campo nos dias bonitos, aceitámo-lo depois do comportamento vergonhoso que teve com o Sr. Harrington, o inglês, quando desrespeitou o corpo da Sra. Harrington, se empanturrou com sanduíches de presunto, se embebedou com xerez, saltou pela janela e destruiu as roseiras todas, apareceu aqui aos tombos, e sabe-se lá o que mais fez ele durante os dois anos em que andou a entregar telegramas, sabe-se lá, mas nós temos umas luzes, não temos, Menina Barry?

Temos, Sra. O'Connell, mas não é um assunto próprio para ser falado aqui.

Segreda qualquer coisa à Menina Barry e depois olham para mim e abanam a cabeça.

É uma vergonha para a Irlanda e para a sua pobre mãe. Espero que ela nunca descubra. Mas também o que é que se pode esperar de alguém que nasceu na América e cujo pai é do Norte? Aguentámos tudo e ainda o aceitámos.

Continua a ignorar-me e a falar com os rapazes que estão sentados no banco.

Vai trabalhar para a Easons, trabalhar para aquele bando de mações livres e de protestantes de Dublin. É bom de mais para os Correios, mas está disposto e até ansioso por andar a distribuir todo o género de revistas porcas inglesas pela cidade de Limerick.

Cada revista em que tocar vai ser um pecado mortal. Mas agora vai-se embora, pois vai, e vai ser um dia muito triste para a mãe dele que tanto rezou para que o seu filho tivesse uma reforma e pudesse cuidar dela nos seus últimos anos de vida. Toma, aqui tens o ordenado e desaparece-nos da vista.

A Menina Barry diz, É um rapaz mau, não é, rapazes?

É, sim, Menina Barry.

Não sei o que hei-de dizer. Não sei o que fiz de mal. Será que devo pedir desculpa? Dizer adeus?

Ponho o cinto e a bolsa em cima da secretária da Sra. O'Connell. Ela olha fixamente para mim e diz, Vai, vai lá para o teu emprego na Easons. Deixa-nos. O próximo que venha buscar os telegramas.

Regressam ao trabalho e eu desço a escada em direcção à próxima etapa da minha vida.

XVII

Não sei por que é que a Sra. O'Connell teve de me envergonhar na frente de toda a gente, e não acho que seja bom de mais para os Correios nem para nada deste mundo. Como é que podia ser com o cabelo todo espetado, a cara cheia de borbulhas, os olhos vermelhos e com pus amarelo, os dentes podres a caírem aos bocados, sem ombros, sem carne no rabo depois de ter percorrido vinte mil quilómetros de bicicleta e ter entregue vinte mil telegramas em todas as casas de Limerick e arredores?

Há muito tempo a Sra. O'Connell disse que sabia tudo sobre todos os rapazes dos telegramas. Deve saber das vezes que me satisfiz sozinho nos píncaros de Carrigogunnell, com as pastoras boquiabertas e os miúdos pequenos a olharem lá para cima.

Deve saber da Theresa Carmody e do sofá verde, como a conduzi ao pecado e a mandei para o inferno, o pior pecado de todos, mil vezes pior do que Carrigogunnell. Deve saber que nunca mais me confessei desde que a Theresa morreu e que também eu estou condenado.

Uma pessoa que comete um pecado assim nunca é boa de mais para os Correios nem para nada neste mundo.

O empregado do **pub** South lembra-me daquela vez em que lá estive com o Sr. Hannon, o Bill Galvin e o Tio Pa Keating, preto branco preto. Lembra-me do meu pai e como ele gastava o dinheiro do trabalho e do subsídio de desemprego na bebida, as canções patrióticas que cantava e os discursos que fazia na doca, como se fosse um rebelde condenado.

Então, o que é que desejas? pergunta ele.

Vim encontrar-me com o meu Tio Pa Keating para beber a minha primeira cerveja.

Não me digas! A sério? Ele deve estar a chegar, e não há razão nenhuma para eu não tirar a cerveja dele e até, quem sabe, a tua primeira cerveja, pois não?

Não.

O Tio Pa chega e manda-me sentar ao pé dele, junto à parede. O empregado traz as cervejas, o Tio Pa paga, levanta o copo, diz aos homens que estão no **pub**, Este é o meu sobrinho Frankie McCourt, filho da Angela Sheehan, irmã da minha mulher, que vai tomar hoje a sua primeira cerveja, aqui vai à tua saúde e que vivas muitos anos, Frankie, que vivas o suficiente para ires bebendo umas cervejas, mas não de mais.

Os homens levantam os copos, acenam com a cabeça, bebem e ficam com uma orla branca nos lábios e no bigode. Bebo um grande gole da minha cerveja e o Tio Pa diz, Mais devagar, por amor de Deus, não bebas tudo, há mais no sítio de onde essa veio desde que a família Guinness continue próspera e com saúde.

Digo-lhe que quero pagar-lhe uma cerveja com o último dinheiro que recebi dos Correios, mas ele diz, Não, leva esse dinheiro à tua mãe e pagas-me um cerveja quando vieres da América cheio de sucesso e de braço dado com uma louraça escaldante.

Os homens que estão no **pub** estão a conversar sobre o terrível estado em que o mundo se encontra e de como é que foi possível ao Hermann Goering escapar ao carrasco uma hora antes de ser enforcado. Os Yankees estão lá em Nuremberga a jurar a pés juntos que não sabem como é que o sacana daquele nazi conseguiu esconder a cápsula. Terá sido num ouvido? No nariz? No cu? De certeza que os Yankees revistaram todos os buracos e gretas de todos os nazis que capturaram e mesmo assim o Hermann conseguiu enganá-los. E aí têm. É a prova de que se pode atravessar o Atlântico, aterrar na Normandia, apagar a Alemanha da face da terra, mas depois de dizerem e fazerem tudo não conseguem encontrar uma cápsula minúscula enfiada nas profundezas do cu gordo do Goering.

O Tio Pa oferece-me outra cerveja. É difícil bebê-la porque me faz sentir cheio e me incha a barriga. Os homens estão a falar de campos de concentração e dos pobres dos Judeus que nunca fizeram mal a ninguém, homens, mulheres e crianças empilhados em fornos, imagine-se, crianças, que mal poderiam elas fazer, os seus sapatinhos espalhados por toda a parte, amontoados, e o **pub** começa a ficar enevoadado e as vozes a aumentarem e diminuírem de volume.

O Tio Pa pergunta, Sentes-te bem? Estás branco como uma folha de papel.

Leva-me à retrete e ficamos os dois a mijar uma data de tempo virados para a parede que avança e recua. Não posso voltar para

o **pub**, fumo de cigarro, Guinness morta, o cu gordo do Goering, os sapatinhos espalhados, não consigo entrar lá outra vez, boa noite, Tio Pa, obrigado, e ele diz-me que vá direitinho para casa, direitinho para casa, não sabe da excitação no sótão, nem da excitação no sofá verde, nem do estado de perdição em que eu estou, que se morresse agora ia mas era direitinho para o inferno. O Tio Pa torna a entrar no **pub**.

Estou na O'Connell Sreet e porque não hei-de eu ir aos Jesuítas, a poucos passos daqui, e confessar todos os meus pecados nesta última noite dos meus quinze anos? Toco à campainha da casa dos padres e aparece um homem corpulento à porta que pergunta o que quero.

Quero confessar-me, padre, respondo eu.

Ele diz, Não sou padre. Não me chames padre, chama-me irmão.

Está bem, irmão. Quero confessar-me antes de fazer dezasseis anos, que é já amanhã. Quero estar em estado de graça no dia do meu aniversário.

Ele diz, Vai-te embora. Estás bêbedo. Uma criança da tua idade perdida de bêbeda a pedir um padre a esta hora. Vai-te embora, senão chamo a guarda.

Não.

Não. Só quero confessar-me. Estou condenado.

Estás bêbedo e não estás devidamente arrependido. Fecha-me a porta na cara.

Mais uma porta que me é fechada na cara, mas amanhã faço dezasseis anos e torno a tocar.

O irmão abre a porta, dá-me meia volta e espeta-me um pontapé no rabo que me faz voar pelas escadas abaixo. Se tornas a tocar à campainha, parto-te a mão, diz ele.

Os Irmãos Jesuítas não deviam ser assim. Deviam ser como Nosso Senhor e não andar pelo mundo a ameaçarem partir as mãos das pessoas. Estou tonto. Vou para casa, para a cama. Agarro-me aos corrimãos das escadas aos longo da Barrington Street e desço a rua encostado às paredes.

A Mãe está sentada ao lume a fumar um Woodbine, os meus irmãos estão lá em cima a dormir. Ela diz, Vens para casa num lindo estado.

Custa-me falar, mas digo-lhe que foi beber a minha primeira cerveja com o Tio Pa. Não tenho um pai que me ofereça a primeira cerveja. O teu tio Pa devia ter mais juízo.

Tropeço numa cadeira e ela diz, Tal e qual o teu pai. Tento controlar o movimento da língua dentro da boca. Prefiro,

prefiro, prefiro ser como o meu pai a ser como o Laman Griffin. Ela desvia-se de mim e olha para as cinzas, mas eu não quero deixá-la em paz porque bebi a minha primeira cerveja, as duas primeiras, amanhã faço dezasseis anos e já sou um homem.

Está a ouvir? Prefiro ser como o meu pai a ser como o Laman Griffin.

Ela levanta-se, olha para mim e diz, Cuidadinho com a língua. Tenha você cuidadinho com essa língua porca.

Não fales assim comigo. Sou tua mãe.

Falo como quiser, porra.

Tens mesmo língua de moço de recados.

Tenho? Tenho? Antes ser moço de recados do que ser da laia do Laman Griffin, aquele velho bêbedo e ranhoso, naquele sótão e as pessoas a meterem-se lá com ele.

Ela afasta-se de mim e eu vou atrás dela escada acima até ao quarto pequeno.

Volta-se e diz, Deixa-me em paz, deixa-me em paz, mas eu continuo a gritar, Laman Griffin, Laman Griffin, até que ela me dá um empurrão e diz, Sai deste quarto, e eu dou-lhe uma bofetada na cara e as lágrimas saltam-lhe dos olhos e ouço-a dizer a chorar baixinho, Nunca mais vais fazer isso, e afasto-me dela porque acabei de juntar um pecado à longa lista dos meus pecados e estou com vergonha de mim próprio.

Caio para cima da cama, vestido e tudo, e acordo a meio da noite a vomitar para a minha almofada e com os meus irmãos a queixarem-se daquele fedor, a mandarem-me limpar e a dizerem-me que sou vergonhoso.

Ouço a minha mãe a chorar e queria pedir-lhe desculpa, mas por que é que o hei-de fazer depois do que ela fez com o Laman Griffin?

De manhã, os meus irmãos mais novos foram para a escola, o Malachy saiu à procura de trabalho e a Mãe está sentada ao pé do lume a beber chá. Pouso o dinheiro que recebi dos Correios em cima da mesa ao pé do cotovelo dela e dou meia volta para sair.

Ela pergunta, Não queres uma chávena de chá?

Não.

Mas hoje fazes anos.

Não me interessa.

Vai à porta e grita-me, Não devias sair sem nada no estômago, mas eu continuo de costas voltadas para ela e viro a esquina sem lhe responder. Continuo com vontade de lhe pedir desculpa, mas se fizer isso vou ter de lhe dizer que é ela a culpada de

tudo, que nunca devia ter ido para o sótão naquela noite, mas que não quero saber de nada, porque continuo a escrever cartas ameaçadoras para a Sra. Finucane e a juntar dinheiro para ir para a América.

Não tenho nada que fazer até à hora de ir a casa da Sra. Finucane escrever mais umas cartas e desço a Henry Street até que a chuva me leva a entrar na Igreja Franciscana, onde está São Francisco com os seus pássaros e cordeiros. Olho para ele e pergunto a mim próprio por que é que passei a vida a rezar-lhe. Não, eu nunca rezei. Sempre pedi. Pedi-lhe que intercedesse pela Theresa Carmody, mas ele nunca fez nada, deixou-se ficar ali no pedestal com aquele sorrizinho, os pássaros e os cordeiros e nunca quis saber da Theresa nem de mim para nada.

Não quero mais nada contigo, São Francisco. Vou partir para outra. Francisco. Não sei por que é que me puseram o teu nome. Teria tido muito mais sorte na vida se me tivessem posto o nome de Malachy, um foi rei e outro um grande santo. Por que é que não curaste a Theresa? Por que é que a deixaste ir para o inferno? Deixaste a minha mãe subir para o sótão. Deixaste-me cair neste estado de perdição. Sapatinhos de criança espalhados nos campos de concentração. Tenho outra vez este abcesso. Está dentro do meu peito e estou cheio de fome. São Francisco não serve para nada.

Não impede que as lágrimas me brotem dos olhos, não me impede de estar a fungar, a arfar e a dizer, meu Deus, meu Deus, meu Deus, até estar de joelhos com a cabeça nas costas do banco que está à minha frente e estou tão fraco por causa da fome e do choro que nem me importava de cair para o chão.

Ajudai-me, por favor, Deus ou São Francisco, porque faço dezasseis anos hoje e bati na minha mãe e mandei a Theresa para o inferno e andei a fazer punhetas por toda a cidade de Limerick e arredores e tenho muito medo da pedra atada ao meu pescoço. Sinto um braço nos meus ombros, vejo uma túnica castanha, ouço o tilintar das contas de um terço. É um padre franciscano.

Meu filho, meu filho, meu filho. Sou pequenino e encosto-me a ele, como o Frankie no colo do Pai, conta-me a história do Cuchulain, Pai, a minha história que não pode ser do Malachy nem do Freddie Leibowitz que está a andar de baloiço.

Senta-te aqui, meu filho, ao pé de mim. Diz-me o que é que tens. Mas só se quiseres. Sou o Padre Gregory.

Faço dezasseis anos hoje, Padre. Que bom, que bom, e por que é que isso te faz sofrer? Bebi a minha primeira cerveja ontem à

noite. E então? Bati na minha mãe.

Valha-nos Deus, meu filho. Mas Ele vai perdoar-te. E que mais?

Não posso dizer-lhe, Padre.

Queres confessar-te? :, Não posso, Padre. Fiz coisas terríveis.

Deus perdoa a todos os que se arrependem. Mandou o Seu Amado Filho para morrer por nós. Não posso, Padre. Não posso. Mas podias dizer a São Francisco, não podias?

Ele já não me ajuda.

Mas continuas a amá-lo, não é?

Continuo. Chamo-me Francis.

Então, conta-lhe a ele. Vamos ficar aqui os dois sentados e tu vais-lhe contar tudo o que anda a fazer-te sofrer. Eu fico aqui sentado a ouvir, mas é como se fosse os ouvidos de São Francisco e de Nosso Senhor. Não achas que isso te vai ajudar?

Começo a falar com São Francisco e conto-lhe da Margaret, do Oliver, do Eugene, do meu pai a cantar o Roddy McCorley e a vir para casa sem dinheiro, do meu pai em Inglaterra sem mandar um tostão para casa, da Theresa e do sofá verde, dos meus pecados terríveis em Carrigogunnell, porque é que não enforcaram o Hermann Goering pelo que ele fez às criancinhas, cujos sapatos ficaram espalhados pelos campos de concentração, falo-lhe do Irmão Cristão que me fechou a porta na cara, do meu irmão Michael ainda pequenino a subir a rua com a sola rota do sapato a chapinhar, dos meus olhos de que me envergonho tanto, do Irmão Jesuíta que me fechou a porta na cara, das lágrimas na cara da Mãe quando lhe dei a bofetada.

O Padre Gregory diz, Gostavas de ficar aqui sentado em silêncio, quem sabe até rezar, por uns instantes? Sinto o tecido áspero da túnica castanha a roçar na minha cara e um cheiro a sabão.

Olha para São Francisco, para o tabernáculo e acena com a cabeça. Deve estar a falar com Deus. Depois manda-me ajoelhar, dá-me a absolvição, manda-me rezar três Ave-Marias, três Pai-Nossos e três Salve-Rainhas. Diz-me que Deus me perdoou e que agora tenho de me perdoar eu a mim próprio, que Deus me ama e eu devo amá-Lo, pois só quando se ama o Deus que está em nós se pode amar todos os filhos de Deus.

Mas eu quero saber o que é que está a acontecer à Theresa Carmody no inferno, Padre.

Não, meu filho. De certeza que ela está no céu. Sofreu como os mártires de antigamente e para Deus isso é penitência

suficiente. Podes ter a certeza de que as irmãs não a deixaram morrer no hospital sem um padre.

Tem a certeza, padre? Tenho, meu filho.

Torna a dar-me a bênção, pede-me que reze por ele, e sinto-me feliz ao correr pelas ruas de Limerick porque sei que a Theresa está no céu e já não tem tosse.

~~

É segunda-feira de manhã e o dia está agora a despontar na estação dos caminhos-de-ferro. Há jornais e revistas atados em molhos ao longo da parede do cais. O Sr. McCaffrey está lá com outro rapaz, o Willie Harold, a cortar o fio que está a atar os molhos, a contar e a tomar nota da quantidade num livro de registos. Os jornais ingleses e o **Irish Times** têm de ser distribuídos cedo e as revistas também, mas mais tarde. Contamos os jornais e pomos-lhes etiquetas para os distribuirmos pelas lojas da cidade. O Sr. McCaffrey é que guia a carrinha e fica sentado ao volante enquanto eu e o Willie vamos a correr às lojas entregar os molhos de jornais e tomar conta do pedido para o dia seguinte, somar ou subtrair ao registo que está no livro.

Depois de distribuirmos os jornais, descarregamos as revistas no escritório e temos cinquenta minutos para ir a casa tomar o pequeno-almoço. Quando volto para o escritório, estão lá mais dois rapazes, o Eamon e o Peter, já a separarem as revistas, a contá-las e a metê-las nas divisórias dos diversos agentes ao longo da parede. As encomendas pequenas são entregues pelo Gerry Halvey de bicicleta, as encomendas grandes com a carrinha.

O sr. McCaffrey manda-me ficar no escritório para aprender a contar as revistas e a tomar nota no livro dos registos. Mal o Sr. McCaffrey sai porta fora, o Eamon e o Peter abrem uma gaveta onde têm beatas escondidas e acendem-nas. Nem querem acreditar que não fumo. Querem saber se tenho alguma doença, se é por causa dos olhos ou se estou tuberculoso. Como é que podes sair com uma rapariga se não fumas? O Peter diz, Já viste a figura de parvo que farias se fosses pela rua com uma rapariga e ela te pedisse um cigarro e tu lhe dissesse que não fumavas? Era mesmo figura de parvo. Como é que podes levá-la para um campo qualquer para gozarem um bocado? O Eamon diz, É o mesmo que o meu pai diz dos homens que não bebem, não são de confiança. O Peter diz que um homem que não bebe nem fuma é um homem que não se interessa por raparigas e ao pé de um homem

assim não se pode tirar o dedo de dentro do olho do cu, é isso que se tem de fazer. Riem-se e começam a tossir e quanto mais riem mais tosem, até que se agarram um ao outro a darem palmadas no meio das costas um do outro e a limparem as lágrimas que lhes escorrem pela cara abaixo.

Quando lhes passa o ataque de tosse, pegamos nas revistas inglesas e americanas e pomo-nos a ver os anúncios de roupa interior de mulher, soutiens e cuecas e meias de nylon. O Eamon está a ver uma revista americana chamada *See* que tem fotografias de raparigas japonesas que satisfazem os soldados que estão tão longe de casa, e diz que tem de ir à retrete.

O Peter pisca-me o olho, Sabes o que é que ele está a fazer, não sabes? Às vezes o Sr. McCaffrey fica furioso por os rapazes se demorarem na retrete, entretidos consigo próprios e a perderem o tempo precioso que a Easons lhes paga para estarem a trabalhar e ainda por cima a porem em perigo a imortalidade das suas almas.

O Sr. McCaffrey não vai lá dizer, Pára com as punhetas, porque não se pode acusar ninguém de estar a cometer um pecado mortal sem provas. Às vezes vai espreitar à casa de banho, depois de os rapazes saírem. Volta com um olhar ameaçador e diz, Não quero que vejam essas revistas porcas que vêm lá do estrangeiro. A única coisa que têm de fazer é contá-las e pô-las nas divisórias.

O Eamon sai da casa de banho e vai o Peter para lá com uma revista americana chamada *Collier's*, que tem fotografias de raparigas num concurso de beleza. O Eamon diz, Sabes o que é que ele está a fazer? A arranjar-se sozinho. Cinco vezes por dia, sempre que chega uma revista americana nova com roupa interior de senhora, vai lá para dentro. Eu cá nunca fiz aquilo, Ele leva revistas para casa sem o Sr. McCaffrey saber e só Deus sabe o que é que ele faz sozinho e com as revistas durante a noite toda.

Se morresse ali dentro, o inferno abriria uma boca enorme. Gostava de ir à retrete depois de o Peter sair, mas não quero que eles digam, Olha, lá vai ele, ainda hoje chegou e já naquilo. Não fuma mas faz punhetas como um bode velho. O Sr. McCaffrey volta da distribuição e quer saber por que é que as revistas ainda não estão contadas, separadas e prontas para a entrega.

O Peter diz-lhe, Tivemos de estar a ensinar o novo, o McCourt. Valha-nos Deus, era um bocado lento com aqueles olhos desgraçados, mas nós ajudámo-lo e agora já está a ser mais

rápido. O Gerry Halvey, o pacote, não vai cá estar durante uma semana porque tem direito a férias e quer passar esse tempo com a namorada dele, a Rosie, que chega de Inglaterra. Sou novato ali e por isso sou eu que vou substituí-lo durante as férias e vou andar por Limerick de bicicleta, com um grande cesto de metal à frente. Ele ensina-me a equilibrar os jornais e as revistas para a bicicleta não tombar comigo sentado no selim quando passe um camião e me atropele deixando-me no meio da rua como uma posta de salmão. Uma vez ele viu um soldado que tinha sido atropelado por um camião do exército e era isso que ele parecia, uma posta de salmão.

O Gerry vai fazer a última entrega ao Quiosque da Easons na estação dos caminhos-de-ferro no sábado ao meio-dia, o que vem mesmo a calhar porque posso ir lá ter com ele para ficar com a bicicleta e ele pode ir esperar a Rose que chega de comboio. Estamos no cais à espera e ele diz-me que há um ano que não vê a Rose. Está a trabalhar num *pub* em Bristol e ele não gosta nada disso porque os Ingleses nunca tiram as patas de cima das Irlandesas, a enfiarem-lhes as mãos pelas saias acima e ainda pior, e as Irlandesas sem dizerem nada com medo de perderem o emprego.

Toda a gente sabe que as raparigas irlandesas se mantêm puras, especialmente as de Limerick, que são conhecidas no mundo todo pela sua pureza, pois tem os seus homens à sua espera, como acontece com o Gerry Halvey. Só pela maneira de ela andar, ele vai perceber se ela o respeitou ou não. Se uma rapariga volta passado um ano a andar de uma maneira diferente daquela que andava quando se foi embora, já se sabe que não andou a fazer nada de bom com os Ingleses, que são uns sacanas, porcos e cornudos.

O comboio chega à estação e o Gerry acena e aponta para a Rose, que vem a caminhar na nossa direcção lá do fundo do comboio. A Rose a sorrir com uns dentes muito brancos e um lindo vestido verde.

O Gerry pára de acenar e diz entredentes, Olha como ela vem a andar, puta, cabra, vendida, porca, e sai a correr da estação. A Rose vem ter comigo e pergunta, Não era o Gerry Halvey que estava aqui ao pé de ti?

Era.

Onde é que ele está?

Foi-se embora.

Eu sei que se foi embora. Mas para onde?

Não sei. Não me disse. Saiu a correr.

E não disse nada?

Que eu ouvisse, não.

Trabalhas com ele?

Trabalho. Vim buscar a bicicleta.

Que bicicleta?

A bicicleta de pacote. Ele é pacote?

É.

Disse-me que trabalhava no escritório da Easons, mas lá dentro. Fico desesperado, Não quero fazer o Gerry Halvey passar por mentiroso, nem metê-lo em sarilhos com a sua linda Rose. Ah!, temos todos de fazer turnos como pacotes. Uma hora no escritório, uma hora de bicicleta. O gerente diz que nos faz bem apanhar ar. Bem, vou pôr a mala a casa e depois vou ter com ele. Estava a contar que ele me levasse a mala.

Tenho aqui a bicicleta. Podes pôr a mala no cesto e eu levo-te a casa. Vamos a pé até à casa dela em Carey.s Road e no caminho ela conta-me que está doida por ver o Gerry. Andou a poupar dinheiro em Inglaterra para agora ele poder ir com ela e casarem-se, mesmo tendo ele só dezanove anos e ela dezassete.

O que interessa é gostarmos um do outro. Fiz uma vida de freira em Inglaterra, não houve noite nenhuma em que não sonhasse com ele e muito obrigada por me teres trazido a mala.

Dou meia volta para saltar para a bicicleta e voltar para a Easons quando vejo o Gerry a avançar para mim. Tem a cara muito vermelha e está a bufar como um boi.

O que é que estavas a fazer com a minha namorada, meu merdas? Diz lá! O que era? Se eu descubro que tocaste na minha namorada, mato-te.

Não fiz nada. Só lhe trouxe a mala porque estava muito pesada.

Nunca mais te atrevas a olhar para ela, se não queres morrer. Não olho, Gerry. Não quero olhar para ela.

Não? Porquê?

É feia ou quê?

Não, não, Gerry, é tua e gosta muito de ti.

Como é que sabes?

Foi ela que me disse.

Disse?

Disse, pois. Juro por Deus.

Jesus. Desata a bater à porta dela, Rose, Rose, estás aí? e ela vem à porta, Claro que estou, e eu vou-me embora na bicicleta de pacote com a placa no cesto a dizer Easons, a imaginar que agora ele deve estar a beijá-la depois das coisas

terríveis que disse na estação e a pensar como é que o Peter teve coragem para dizer ao Sr. McCaffrey lá no escritório uma mentira tão descarada sobre mim e os meus olhos, quando a verdade é que ele e o Eamon passaram o tempo a ver raparigas em roupa interior e depois a satisfazerem-se na retrete. O Sr. McCaffrey está furioso lá no escritório.

Onde é que estiveste? Valha-me Deus que está no céu, será que é preciso o dia todo para vir da estação até aqui de bicicleta? Temos uma emergência. Até precisávamos cá do Halvey, mas ele foi-se embora para a merda das férias, Deus me perdoe esta linguagem. Tens de ir o mais depressa que poderes, graças a Deus que foste dos telegramas e conheces todos os recantos de Limerick, tens de ir a todas as lojas dos nossos clientes, entrar lá dentro, agarrar em todos os exemplares que vires da **John O'London's Weekly** e arrancar a página dezasseis e se alguém te disser alguma coisa dizes que são ordens do governo e que ninguém pode contrariar as ordens do governo e se alguém te tocar nem que seja com um dedo arrisca-se a ir preso e a ter de pagar uma grande indemnização, mas agora vai, por amor de Deus, e traz todas as páginas dezasseis que arrancares para podermos queimá-las no lume.

Vou a todas as lojas, Sr. McCaffrey?

Eu vou às grandes e tu vais às pequenas até Ballinacurra e ainda para lá da Ennis Road. Deus nos ajude. Vai, vai.

Vou eu a saltar para a bicicleta, quando aparece o Eamon a correr pelas escadas abaixo.

Ei, McCourt, ouve. Quando chegares, não lhe dês as páginas dezasseis todas. Porquê? Podemos vendê-las, eu e o Peter.

Porquê?

Fala da contracepção e isso é proibido na Irlanda.

O que é a contracepção?

Santo Deus, haverá alguma coisa que tu saibas?

São preservativos, sabes, borrachas, camisas, coisas dessas que impedem que as raparigas fiquem prenhas.

Prenhas? Grávidas.

Tens dezasseis anos e és completamente ignorante. Despacha-te e traz as páginas antes que comece toda a gente a ir comprar a **John O'London's Weekly**.

No momento em que vou meter-me a caminho, aparece o Sr. McCaffrey a descer a escada a correr. Espera, McCourt, vamos na carrinha. Eamon, tu vens connosco.

E o Peter?

Deixa lá o Peter. Vai acabar por ir para a retrete com uma

revista.

O Sr. McCaffrey vai a falar sozinho na carrinha.

Que porra esta telefonarem de Dublin num sábado tão lindo como este para me mandarem dar a volta a Limerick a rasgar páginas de uma revista inglesa quando podia estar em casa a beber o meu chá, a comer um bolo e a ler o **The Irish Press** com os pés em cima de uma caixa por baixo da imagem do Sagrado Coração. Isto é que é uma porra.

O Sr. McCaffrey entra em todas as lojas, e nós atrás dele. Agarra nas revistas, dá uma pilha a cada um e diz-nos para começarmos a rasgar.

Os donos das lojas põem-se a gritar com ele, O que é vocês estão a fazer?

Valha-me Jesus, Maria e José, endoideceram ou quê?

Ponham as revistas onde estavam, senão chamo a guarda.

O Sr. McCaffrey responde, Ordens do governo. Esta semana a **John O'London's** traz poucas vergonhas que não são próprias para serem vistas por olhos irlandeses. Estamos aqui a servir a Deus.

Que poucas vergonhas? Que poucas vergonhas? Mostre-me lá essas poucas vergonhas antes de me destruir as revistas. Não vou pagar estas revistas à Easons. Isso é que não.

A Easons não se importa com isso, minha senhora. Preferimos perder muito dinheiro a ver as pessoas de Limerick e da Irlanda a serem conspurcadas por estas poucas vergonhas.

Mas que poucas vergonhas?

Não posso dizer.

Vamos embora, rapazes. Atiramos as páginas para o chão da carrinha e enquanto o sr. McCaffrey fica numa loja a discutir, enfiamos algumas debaixo das nossas camisas. Há revistas velhas na carrinha e nós arrancamos-lhes as páginas e espalhamo-las na carrinha para o Sr. McCaffrey ficar a pensar que são todas páginas dezasseis da **John O'London's**.

O maior cliente desta revista, o Sr. Hutchinson, diz ao Sr. McCaffrey, Saia imediatamente da minha loja se não quer levar um murro, largue as revistas. O Sr. McCaffrey continua a rasgar as páginas e o Sr. Hutchinson empurra-o para a rua, mas o Sr. McCaffrey não pára de gritar que a Irlanda é um país católico e lá por ser protestante o Sr. Hutchinson não tem o direito de estar a vender poucas vergonhas na cidade mais santa da Irlanda.

O Sr. Hutchinson diz, Vai levar no cu, e o Sr. McCaffrey diz, Estão a ver, rapazes? Estão a ver o que acontece a quem

não é membro da Verdadeira Igreja? Nalgumas lojas dizem que já venderam todos os exemplares da **John O'London's**, e o Sr. McCaffrey diz, Valha-me Nossa Senhora, o que é que vai ser de todos nós? Quem é que as comprou? Exige os nomes e as moradas dos clientes que correm o perigo de perder a imortalidade das suas almas por lerem um artigo sobre a contracepção. Irá às casas deles arrancar aquela página porca, mas os donos das lojas dizem, É sábado, McCaffrey, e já é quase de noite, por que é que não te pões a andar?

Durante o caminho para o escritório, o Eamon diz-me baixinho, Tenho vinte e uma páginas. E tu, quantas é que tens? Digo-lhe que tenho catorze mas tenho mais de quarenta, mas não lhe vou dizer porque não é preciso dizer a verdade a uma pessoa que disse uma mentira sobre os meus olhos. O Sr. McCaffrey diz, Tragam as páginas da carrinha.

Apanhamos tudo o que está no chão, e ele está sentado secretária na outra ponta do escritório, com um ar muito feliz, a telefonar para Dublin a contar-lhes como invadiu as lojas como se fosse o vingador de Deus e poupou Limerick aos horrores da contracepção, enquanto vê o fogo a consumir páginas que não têm nada a ver com a **John O'London's Weekly**.

Na segunda-feira de manhã ando pelas ruas da cidade a entregar revistas e, quando as pessoas vêm a chapa da Easons na bicicleta, mandam-me parar para perguntarem se não haverá possibilidade de lhes arranjar um exemplar da **John O'London's Weekly**. São pessoas com ar de serem ricas, algumas têm carro, homens de chapéu, colarinho e gravata e com duas canetas de tinta permanente no bolso, senhoras de chapéu e bocadinhos de peles penduradas nos ombros, pessoas que tomam chá no Savoy ou no Stella e espetam o dedo mindinho para mostrarem como são educadas, e agora querem ler aquela página sobre a contracepção.

Logo de manhã o Eamon disse-me para não vender o raio da página por menos de cinco xelins. Perguntei-lhe se estava a brincar. Que não, não estava. Toda a gente de Limerick anda a falar da página e dará tudo para lhe deitar a mão. Cinco xelins. É pegar ou largar, Frankie.

Se forem ricos, pede mais, mas é isso que eu tenho andado a pedir, por isso não estragues o negócio vendendo-a por menos. Temos de dar algum dinheiro ao Peter, se não ele vai meter tudo no rabo do McCaffrey. Há pessoas que vão ao ponto de pagar sete xelins e seis **pence** e em dois dias fico rico com mais de dez

libras no bolso, menos uma para a víbora do Peter, que não se ensaiaria nada de nos denunciar ao McCaffrey.

Ponho oito libras na minha conta nos Correios para o bilhete para a América e nessa noite fazemos uma jantarada com presunto, tomate, pão, manteiga e compota.

A Mãe quer saber se me saiu a lotaria e eu digo-lhe que são as pessoas que me dão gorjetas. Ela não gosta que eu seja pacote porque isso é o mais baixo a que se pode chegar em Limerick, mas se até dá para comer presunto, devíamos era pôr uma vela em sinal de gratidão. Ela não sabe que o dinheiro para a minha passagem vai aumentando nos Correios e era capaz de morrer se soubesse que eu o tenho andado a ganhar a escrever cartas ameaçadoras.

O Malachy arranhou emprego no armazém de uma garagem a levar peças aos mecânicos e a Mãe toma conta de um velhote, o Sr. Sliney, na South Circular Road, todos os dias, enquanto as filhas dele estão no trabalho. Diz-me para passar por lá para beber uma chávena de chá e comer uma sanduíche, se tiver que ir entregar jornais para aqueles lados.

As filhas nunca vão saber e o velhote não se importa porque está semi-inconsciente durante a maior parte do tempo por causa dos anos que esteve na Índia no exército inglês. Está com um ar muito sereno na cozinha daquela casa, com um avental impecável, tudo muito limpo e brilhante à volta dela, flores a aparecerem num jardim lá ao longe, passarinhos a cantarem, a telefonia a dar música na Radio Eireann. Senta-se à mesa com um bule, chávenas e pires, muito pão, manteiga e carnes frias de todas as qualidades.

Posso comer sanduíches de tudo o que eu quiser, mas as únicas coisas que conheço são presunto e torresmos. Ela recusa-se a comer isso porque é o tipo de comida que as pessoas das vielas comem, mas não as pessoas que moram na South Circular Road. Diz que os ricos não comem torresmos porque são feitos com os restos que apanham no chão e nos balcões das fábricas de bacon e nunca se sabe o que é que estamos a comer. Os ricos são muito esquisitos com o que metem entre duas fatias de pão.

Na América chamam queijo de cabeça aos torresmos, mas ela não sabe porquê. Arranja-me uma sanduíche de presunto com umas saborosas rodela de tomate e dá-me chá numa caneca com anjinhos azuis a voarem e eu pergunto por que será que não fazem chávenas de chá e penicos com outros desenhos sem serem anjinhos ou donzelas a dançarem pelos vales.

A Mãe diz que os ricos são assim, adoram coisas decoradas e

se calhar nós também gostávamos, se tivéssemos dinheiro para isso. Seria capaz de dar os olhos para ter uma casa assim, com flores e pássaros no jardim e uma telefonia a tocar músicas tão lindas como o **Concerto de Varsóvia** e o **Sonho de Olwyn** e armários cheios de chávenas e pires com anjinhos a disparar setas.

Diz que tem de ir ver o Sr. Sliney porque está tão velho e tão fraco que se esquece de pedir o penico. O penico? A Mãe tem de despejar o penico dele? Claro que tenho. Ficamos os dois em silêncio porque, cá para mim, estamos os dois a lembrar-nos da origem de todos os nossos problemas, o penico do Laman Griffin.

Mas isso já foi há muito tempo e agora é o penico do Sr. Sliney, e não faz mal porque lhe pagam para fazer isso e porque ele não faz mal a ninguém. Quando torna a entrar na cozinha, a Mãe diz-me que o Sr. Sliney gostava de me ver e que é melhor eu ir lá enquanto ele está acordado. Está numa cama na sala da frente, com a janela tapada com um lençol preto, completamente às escuras. Levante-me um bocadinho, minha senhora, diz ele à minha mãe, e tire aquela porcaria da janela para eu ver o rapaz.

O cabelo dele é todo branco e muito comprido, até aos ombros. A Mãe diz-me baixinho que ele não deixa que ninguém lho corte.

Estes dentes ainda são meus, filho. Acreditas? diz ele.

Ainda tens os teus dentes, filho?

Tenho, Sr. Sliney.

Ah! Sabes, estive na Índia. Eu e o Timoney. Um punhado de homens de Limerick lá na Índia. Conheces o Timoney, filho?

Conheci, Sr. Sliney.

Já morreu, sabias? O pobre diabo ficou cego. Eu ainda vejo. Ainda tenho os meus dentes. Cuida dos teus dentes, filho.

Está bem, Sr. Sliney.

Estou a ficar cansado, filho, mas ainda quero dizer-te uma coisa. Estás a ouvir?

Estou, Sr. Sliney.

Ele está a ouvir-me, minha senhora?

Está, sim, Sr. Sliney.

Ótimo. Então, é isto que eu tenho para te dizer. Baixa-te para eu poder dizer-te ao ouvido. O que eu te quero dizer é isto, Nunca fumes no cachimbo de outro homem.

~~

O Halvey vai para Inglaterra com a Rose, e eu tenho de passar o Inverno todo na bicicleta de paquete. É um Inverno muito

rigoroso, com gelo por todo o lado, e nunca sei quando é que a bicicleta vai fugir debaixo de mim e espetar comigo na rua ou no passeio, com os jornais e as revistas todos espalhados. As lojas queixam-se ao Sr. McCaffrey que o **Irish Times** está a chegar decorado com bocados de gelo e caca de cão e ele diz-nos entredentes que é exactamente assim que aquele jornal deve ser entregue, porque não passa de um refugio de Protestantes.

Todos os dias levo o **Irish Times** para casa, depois da distribuição, para ver onde é que está o mal.

A Mãe diz, Ainda bem que o teu pai não está cá, porque senão havia de dizer, Foi para isto que os homens da Irlanda lutaram e morreram, para o meu próprio filho estar ali sentado à mesa da cozinha a ler um jornal de mações livres?

Há cartas ao editor de pessoas de toda a Irlanda a dizerem que ouviram o primeiro cuco do ano e, se lermos nas entrelinhas, percebemos que estão a chamar-se mentirosos uns aos outros. Há notícias de casamentos protestantes e fotografias, e as mulheres são sempre mais bonitas do que as que moram nas vielas.

Vê-se pelas fotografias que as mulheres protestantes têm uns dentes perfeitos, apesar de a Halvey Rose também ter uns dentes muito bonitos.

Continuo a ler o **Irish Times** e pergunto a mim próprio se será pecado, embora não me importe nada com isso. Já que a Theresa Carmody está no céu e já não tem tosse, não preciso de me confessar mais.

Leio o **Irish Times** e o **Times** de Londres porque assim fico a saber os planos do Rei todos os dias e o que a Elizabeth e a Margaret andam a fazer. Leio as revistas femininas inglesas por causa dos artigos sobre comida e das respostas às perguntas que as mulheres fazem.

O Peter e o Eamon sabem imitar o sotaque inglês e fingem que estão a ler revistas femininas inglesas.

O Peter diz,

Cara Sra. Hope,

Ando com um indivíduo irlandês chamado McCaffrey e ele está sempre a apalpar-me o corpo todo e a empurrar a coisa dele contra o meu umbigo e eu ando doida sem saber o que fazer. Espero ansiosamente a sua resposta,

Menina Lulu Smith, Yorkshire.

O Eamon diz,
Querida Lulu,

Se o Sr. McCaffrey é assim tão alto que anda a espetar a coisa dele no teu umbigo é melhor arranjares um homem mais baixo que a enfie no meio das tuas pernas. De certeza que hás-de encontrar um homem baixo mas correcto em Yorkshire.

Cara Sra. Hope,

Tenho treze anos e cabelo preto e está a acontecer-me uma coisa horrível, que não posso contar a ninguém, nem sequer à minha mãe. De umas tantas em tantas semanas começo a deitar sangue daquele sítio que a senhora sabe e tenho medo que alguém descubra.

Menina Agnes Tripple,

Little Biddle on-the-Twiddle, Devon.

Querida Agnes,

Estás de parabéns. Agora já és uma senhora e podes fazer uma permanente ao cabelo porque já tens as regras. Não tenhas medo das regras porque todas as mulheres inglesas as têm. São uma dádiva de Deus para purificar os nossos corpos, para podermos ter filhos saudáveis para dar ao Império, soldados que obriguem os Irlandeses a ficar lá no canto deles. Há sítios no mundo em que uma mulher com as regras é considerada impura, mas nós, na Grã-Bretanha, estimamos muito as mulheres que têm as regras. Muito, mesmo.

~~

Na Primavera é admitido um pacote novo e eu passo para o escritório. O Peter e o Eamon vão para Inglaterra. O Peter está farto de Limerick, sem raparigas nenhuma, um tipo a ter de se arranjar sozinho, é só punhetas e mais punhetas, é o que todos temos de fazer em Limerick. Entram rapazes novos.

Agora sou eu o mais velho e o trabalho é fácil porque sou rápido e, quando o Sr. McCaffrey sai com a carrinha, faço o meu trabalho num instante e depois leio as revistas e os jornais ingleses, irlandeses e americanos. Sonho dia e noite com a América. O Malachy vai para Inglaterra trabalhar num colégio interno para meninos ricos católicos e anda pela rua todo contente e a sorrir, como se fosse igual aos rapazes do colégio, mas toda a gente sabe que quem trabalha num colégio interno inglês tem de andar de cabeça baixa e arrastar os pés como qualquer criado irlandês que se preze.

Despedem-no pelos maus modos dele e o Malachy diz-lhes que podem lambe-lhe o seu real cu irlandês, e eles dizem que era

de esperar que ele tivesse uma má educação e uns modos assim. Arranja emprego na fábrica de gás de Coventry a atirar carvão para as fornalhas como o Tio Pa Keating, e enquanto atira carvão vai esperando pelo dia em que vai poder ir ter comigo à América.

XVIII

Tenho dezassete anos, dezoito, quase dezanove e continuo a trabalhar na Easons e a escrever cartas ameaçadoras à Sra. Finucane, que diz que já não vai andar cá por muito tempo e quanto mais missas forem ditas pela sua alma melhor ela se sentirá. Põe dinheiro em envelopes e manda-me ir a igrejas por toda a cidade bater à porta dos padres e entregar-lhes os envelopes com o pedido das missas.

Quer que todos os padres rezem por ela excepto os Jesuítas. Diz que são uns inúteis, só têm cabeça e sem coração. Era isso que deviam escrever em latim por cima das portas deles e não lhes dou nem um tostão porque todo o dinheiro dado aos Jesuítas é para livros ou garrafas de vinho.

Manda o dinheiro na esperança de que as missas sejam ditas, mas não tem a certeza e, se ela não tem a certeza, porque hei-de eu andar a dar aquele dinheiro aos padres se preciso tanto dele para ir para a América.

Se guardar algumas libras para mim e as puser na conta dos Correios, ninguém vai dar por nada e se eu rezar pela alma da Sra. Finucane e lhe puser umas velas quando morrer, de certeza que Deus me vai escutar apesar de ser um pecador e já não me confessar há muito tempo, Faço dezanove anos daqui a um mês.

Só me faltam umas libras para ter o dinheiro da passagem e mais algumas para quando chegar à América. Na véspera do dia dos meus anos, uma sexta-feira à noite, a Sra. Finucane manda-me ir buscar o xerez. Quando chego a casa, está morta na cadeira, com os olhos muito abertas e a bolsa caída no chão e aberta. Não consigo olhar para ela, mas tiro um maço de notas. Dezassete libras. Tiro-lhe a chave da mala lá de cima. Estão lá cem libras, eu tiro quarenta e o livro dos registos.

Juntando isto ao que tenho nos Correios, já tenho dinheiro que chegue para ir para a América. Quando vou a sair, pego na garrafa de xerez, porque é uma pena desperdiçar-se.

Sento-me à beira do Shannon perto da doca seca, a beber o

xerez da Sra. Finucane. O nome da Tia Aggie está no livro. Está a dever nove libras. Se calhar foi o dinheiro que gastou na minha roupa há já muito tempo, mas não vai ter de o pagar porque eu atirei o livro para o rio. Tenho pena de nunca poder dizer à Tia Aggie que lhe poupei nove libras.

Tenho pena de ter escrito cartas ameaçadoras para os pobres das vielas de Limerick, gente como eu, mas o livro desapareceu e agora mais ninguém vai ter de pagar nada. Quem me dera poder dizer-lhes, Sou o vosso Robin dos Bosques. Mais um gole de xerez. Vou pôr de parte uma ou duas libras para mandar dizer uma missa por alma da Sra. Finucane.

O livro já vai longe levado pelo Shannon a caminho do Atlântico, e sei que um dia destes farei eu aquela viagem. O homem da Agência de Viagens O'Riordan diz que não posso ir para a América de avião, a menos que fosse apanhá-lo a Londres, e isso custaria uma fortuna. Arranja-me passagem num navio chamado **Irish Oak**, que parte de Cork daí a algumas semanas. São nove dias no mar, diz ele, Setembro, Outubro, a melhor época do ano, com um camarote só para ti, trinta passageiros, comida da melhor, a bem dizer serão umas férias para ti, e só por cinquenta e cinco libras.

Tens dinheiro que chegue?

Tenho.

Digo à Mãe que me vou embora daqui a umas semanas e ela começa a chorar.

O Michael pergunta, Qualquer dia vamos todos?

Vamos.

O Alphie diz, Mandas-me um chapéu de **cowboy** e uma coisa que se atira e torna a vir parar às nossas mãos?

O Michael diz-lhe que isso se chama boomerangue e que seria preciso ir à Austrália para o comprar, porque na América não há.

O Alphie diz que também há na América, há, pois, e começam a discutir os dois sobre a América e a Austrália e os boomerangues até que a Mãe diz, Por amor de Deus, o vosso irmão vai-se embora e vocês põem-se a discutir por causa dos boomerangues? Parem com isso.

A Mãe diz que vamos fazer uma espécie de festa na véspera de eu me ir embora. Antigamente havia uma festa sempre que alguém ia para a América. Foi há tanto tempo que as pessoas chamam velórios americanos a essas festas porque os familiares achavam que nunca mais na vida iam tornar a ver a pessoa que ia partir.

Diz que é uma pena o Malachy não poder vir da Inglaterra mas

que com a ajuda de Deus e da Sua Santa Mãe um dia havemos de nos juntar todos na América.

Nos dias de folga do emprego, passeio por Limerick e vejo os sítios onde moramos, Windmill Street, Hartstonge Street, Roden Lane, Rosbrien Road, Little Barrington Street.

Fico a olhar para a casa da Theresa Carmody até que a mãe dela vem à porta e diz, O que é que queres? Sento-me junto às sepulturas do Oliver e do Eugene no velho cemitério de St. Patrick e atravesso a estrada para ir ao cemitério de St. Lawrence onde a Theresa está enterrada. Onde quer que vá ouço sempre as vozes das pessoas que já morreram e pergunto a mim próprio se será que podem seguir-me até ao outro lado do Atlântico.

Quero ficar com imagens de Limerick gravadas na memória para o caso de nunca mais voltar. Sento-me na Igreja de São José e na Igreja Redentorista e digo a mim próprio, Olha bem porque se calhar nunca mais vais ver isto.

Desço a Henry Street para me ir despedir de São Francisco, apesar de ter a certeza de que vou poder falar com ele na América. Agora há dias em que já não quero ir para a América.

Gostava de ir à Agência de Viagens O'Riordan e pedir que me devolvessem as minhas cinquenta e cinco libras. Podia esperar até ter vinte e um anos e assim o Malachy ia comigo, para eu ter ao menos uma pessoa conhecida em Nova Iorque. Tenho sensações estranhas e às vezes, quando estou sentado ao pé do lume com a minha mãe e os meus irmãos sinto as lágrimas a caírem-me pela cara abaixo e sinto vergonha de ser fraco.

Primeiro a Mãe diz-me, Tens a bexiga ao pé dos olhos, mas depois o Michael diz, Havemos de ir todos para a América, o Pai, o Malachy, e vamos estar todos juntos, e então ela começa a chorar também e ali ficamos os quatro, a chorar que nem uns parvos. A Mãe diz que é a primeira vez que vamos fazer uma festa e que é uma tristeza ver os filhos a partirem, um a um, o Malachy para a Inglaterra, o Frank para a América.

Guarda alguns xelins do dinheiro que recebe por tomar conta do Sr. Sliney e compra pão, presunto, torresmos, queijo, limonadas e algumas garrafas de cerveja. O Tio Pa Keating traz cerveja, uísque e uma garrafinha de xerez por causa do estômago sensível da Tia Aggie e ela traz um bolo com passas e corintos feito por ela.

O Abade traz seis garrafas de cerveja e diz, Está bem, Frankie, podes beber desde que deixes uma ou duas garrafas para mim, para me ajudarem a cantar a minha canção.

Canta «The Road to Rasheen». Levanta a garrafa da cerveja, fecha os olhos, e a canção sai-lhe como um longo e agudo lamento.

A letra continua a não fazer sentido e toda a gente se interroga sobre qual a razão por que as lágrimas estarão a cair-lhe dos olhos fechados.

O Alphie pergunta-me em surdina, Porque é que ele está a chorar por causa de uma canção que não faz sentido? Não sei.

O Abade acaba de cantar, abre os olhos, limpa as lágrimas e conta-nos que era uma canção muito triste sobre um rapaz irlandês que foi para a América e foi morto por um bando de **gangsters** antes que o padre conseguisse aproximar-se dele, e diz-me para não me deixar matar, se não estiver perto de um padre.

O Tio Pa diz que nunca ouviu nenhuma canção tão triste como aquela e se não haverá ninguém que cante uma coisa mais alegre. Olha para a Mãe e ela diz, Não, Pa, não tenho fôlego. Vá lá, Angela, vá lá. Só uma vez. Está bem. Vou tentar. Cantamos todos juntos o refrão da triste canção que ela está a cantar,

**O amor de Mãe é uma bênção*

Estejas onde estiveres

Estima-a enquanto a tiveres

*Sentirás a sua falta quando morrer**

O Tio Pa diz que cada canção é pior que a anterior e que esta noite mais parece um velório, se não haverá ninguém que cante uma coisa mais alegre, porque senão tanta tristeza vai obrigá-lo a beber. Oh!, meus Deus, esqueci-me. A esta hora está a haver um eclipse da lua. Vamos todos para a rua ver a lua desaparecer por detrás de um anel de sombra preto.

O Tio Pa diz, É bom sinal para a tua ida para a América, Frankie.

Não, diz a Tia Aggie, é mau presságio. Li num jornal que a lua já anda a treinar para o fim do mundo.

O fim do mundo uma porra, diz o Tio Pa. Para o Frankie McCourt é o princípio. Há-de voltar daqui a uns anos de fato novo, gordo como todos os Yankees, e de braço dado com uma linda rapariga loira de dentes brancos.

A Mãe diz, Ai, não, Pa, não, e levam-na para dentro e reconfortam-na com um cálice de xerez espanhol.

Já é tarde quando o **Irish Oak** parte de Cork, passa por Kinsale e Cape Clear e já é de noite quando se vêem aos longe as luzes de Mizen Head, o último sítio da Irlanda que vou ver

sabe-se lá por quantos anos. Tenho a certeza que devia ter lá ficado, feito o exame dos Correios, subido na vida. Podia ter ganho dinheiro suficiente para o Michael e o Alphie poderem ir para a escola com sapatos bons e de barriga cheia. Podíamos ter-nos mudado para uma rua melhor ou até para uma avenida, onde as casas têm jardins. Devia ter feito o exame e a Mãe não teria de despejar o penico do Sr. Sliney nem de ninguém.

Mas agora é tarde de mais.

Estou no navio e a Irlanda desaparece na noite e é uma loucura estar aqui no convés a olhar para trás, a pensar na minha família, em Limerick, no Malachy e no meu pai lá em Inglaterra, e ainda uma loucura maior só ter na cabeça canções como o Roddy McCorley que vai morrer e a Mãe a arfar enquanto canta «As noites de dança no Kerry» com o Sr. Clohessy a definhar na cama e agora quero outra vez estar na Irlanda, ao menos lá tinha a minha mãe, os meus irmãos, a Tia Aggie, mesmo má e tudo, e o Tio Pa a oferecer-me a minha primeira cerveja, tenho a bexiga ao pé dos olhos e está um padre ao pé de mim no convés e vê-se que está curioso.

É de Limerick mas tem um sotaque americano que lhe ficou do tempo em que esteve em Los Angeles. Sabe o que custa deixar a Irlanda, ele próprio passou por isso e nunca se habituou. Viveu em Los Angeles com sol e palmeiras todos os dias e a pedir a Deus que lhe mandasse um só dia de chuva miúda como a de Limerick. O padre senta-se ao meu lado na mesa do Primeiro Oficial, que nos avisa que houve uma alteração de ordens e que em vez de irmos para Nova Iorque vamos para Montreal. Passados três dias, novas ordens outra vez. Afinal, vamos para Nova Iorque.

Três passageiros americanos queixam-se, Diabo dos Irlandeses. Será que nunca conseguem fazer nada bem? Na véspera de chegarmos a Nova Iorque, há outras vez novas ordens. Vamos subir o Hudson até um sítio chamado Albany.

Os americanos dizem, Albany? Raios! Por que diabo havíamos nós de ter vindo num raio de um casco velho irlandês? Raios. O padre diz-me que não lhes ligue. Nem todos os americanos são assim. Estou no convés na madrugada do dia em que nos aproximamos de Nova Iorque. Tenho a certeza de que estou num filme, que vai acabar, e vão acender-se as luzes no Cinema Lyric.

O padre quer apontar-me as coisas, mas não é preciso. Consigo ver a Estátua da Liberdade, Ellis Island, o Empire State Building, o Chrysler Building e a Ponte de Brooklyn. Há milhares

de carros nas estradas e o sol dá a todas as coisas uma tonalidade de ouro. Americanos ricos de chapéu alto e casaca devem estar a esta hora a ir para casa com mulheres lindíssimas de dentes brancos.

Os outros estão a ir para o trabalho em escritórios confortáveis, e ninguém tem nenhuma preocupação. Os americanos estão a discutir com o comandante e com um homem de um rebocador, que subiu para bordo. Por que é que não podemos desembarcar aqui? Por que é que temos de aguentar o raio da viagem até ao raio de Albany? O homem diz, Porque são passageiros deste navio e porque o comandante é o comandante e não temos ordens para os levarmos para terra. Ah! sim? Só que a América é um país livre e nós somos cidadãos americanos. Ah! sim? Só que estão num navio irlandês, com um comandante irlandês e vão ter de fazer o que ele mandar ou então podem ir a nado.

Desce a escada, o rebocador afasta-se e subimos o Hudson, para lá de Manhattan, por baixo da Ponte George Washington, passamos por centenas de navios da Liberdade que andaram a dar o seu contributo na guerra, e que agora estão ancorados e a apodrecer. O comandante anuncia que a maré nos vai obrigar a passar a noite ancorados ao largo de uma terra chamada Poughkeepsie, segundo me soletra o padre. Diz que é um nome índio e que os americanos dizem Poughkeepsie de um raio.

Depois de anoitecer uma pequena embarcação aproxima-se do navio e uma voz irlandesa grita lá de baixo, Ei, vocês aí. Valha-me Deus, vi a bandeira irlandesa, vi, sim senhor. Nem queria acreditar nos meus olhos. Ei! Convida o Primeiro Oficial para ir a terra tomar um copo e levar um amigo e o senhor também, Padre. Traga um amigo. O padre convida-me e descemos a escada para a pequena embarcação com o Primeiro Oficial e o Oficial de Transmissões.

O homem que está no barco diz que se chama Tim Boyle e que é de Mayo, valha-nos Deus, chegámos ali mesmo na altura certa porque está a haver uma festa e estamos todos convidados. Leva-nos para uma casa que tem um relvado, uma fonte, e três pássaros cor-de-rosa apoiados só numa pata. Há uma sala onde estão cinco mulheres de cabelo armado e saias sem nódoas. Têm copos na mão, são simpáticas e, quando sorriem, mostram uns dentes perfeitos. Uma delas diz, Entrem, chegaram mesmo a tempo da **pawty** (*).

Pawty.

É assim que elas falam e é assim que eu hei-de falar daqui a

uns anos. O Tim Boyle diz que as raparigas foram até ali divertir-se um bocado porque os maridos delas vão passar a noite fora a caçar veados, e uma das mulheres diz, **Yeah**, são companheiros de guerra.

A guerra já acabou há quase cinco anos, mas eles não conseguem esquecer-se disso e então vão todos os fins-de-semana caçar veados e beber Rheingold até já não verem nada. Maldita guerra, desculpe a linguagem, **Fawder**. O padre diz-me baixinho, Estas mulheres não prestam. Não vamos ficar muito tempo. As mulheres que não prestam dizem, Queres beber alguma coisa? Há cá de tudo.

Como é que te chamas, querido?

Frank McCourt.

Bonito nome. Vais beber qualquer coisa.

Os Irlandeses bebem sempre qualquer coisa. Queres uma cerveja?

Sim, por favor.

Tão educadinho! Gosto dos Irlandeses. A minha mãe era meio irlandesa por isso eu sou meio? um quarto? Não sei. Chamo-me Frieda. Aqui tens a tua cerveja, querido.

O padre senta-se na ponta de um sofá e duas mulheres metem conversa com ele. A Betty pergunta ao Primeiro Oficial se quer ver a casa, e ele diz, Gostava muito, porque na Irlanda não há casas assim.

Uma outra mulher diz ao Oficial de Transmissões que ele havia de ver as coisas que têm no jardim, nem ia acreditar nas flores que lá há. A Frieda pergunta-me se estou bem e eu digo-lhe que sim mas se não se importava de me mostrar onde é a retrete.

A quê? A retrete.

Ah!, a casa de banho. É por aqui, querido, ao fundo do corredor.

Obrigado. Abre a porta, acende a luz, dá-me um beijo na cara e diz-me ao ouvido que, se precisar de alguma coisa, ela vai estar ali à porta.

Mijo para a sanita e pergunto a mim próprio do que é que eu posso precisar numa altura daquelas e se será costume na América as mulheres ficarem à espera dos homens enquanto eles mijam.

Quando acabo, puxo o autoclismo e saio. Ela pega-me na mão e leva-me para um quarto, pousa o copo, fecha a porta à chave,

empurra-me para cima da cama. Tenta abrir-me a braguilha. Malvados botões. Não há fechos na Irlanda? Tira a minha excitação para fora, põe-se em cima de mim e começa a subir e a descer, a subir e a descer, ai Jesus, estou no céu, e alguém bate à porta é o padre, Frank, estás aí, Padre não se importa de ir dar uma volta ao bilhar grande e ai Jesus oh Teresa estás a ver o que me está a acontecer não quero saber de nada nem que fosse o Papa a bater à porta ou o Colégio Cardinalício reunido à janela a olhar cá para dentro de boca aberta, ai Jesus tudo o que estava dentro de mim saiu para dentro dela e ela deixa-se cair em cima de mim e diz que eu fui uma maravilha e se não gostava de ficar em Poughkeepsie.

A Frieda diz ao padre que eu me senti tonto depois de ir à casa de banho, que é o que costuma acontecer quando se faz uma viagem e se bebe uma cerveja a que não se está habituado como a Rheingold, que ela acha que não há na Irlanda.

Estou mesmo a ver que o padre não está a acreditar nela, mas não consigo fazer nada para impedir aquele calor que tão depressa estou a sentir na cara como está a desaparecer. O padre já tomou nota do nome e da morada da minha mãe e agora estou com medo que ele lhe escreva a dizer, O seu querido filho passou a sua primeira noite na América num quarto em Poughkeepsie a gozar com uma mulher cujo marido estava ocupado a caçar veados para se acalmar um bocado depois de ter dado o seu contributo à América durante a guerra, que linda maneira de tratar os homens que lutaram pelo seu país.

O Primeiro Oficial e o Oficial de Transmissões regressam das suas incursões pela casa e pelo jardim e não olham para o padre.

As mulheres dizem-nos que devemos estar cheios de fome e vão para a cozinha. Nós sentamo-nos na sala sem dizermos nada uns aos outros, a ouvirmos as mulheres na cozinha aos segredinhos e às risadinhas.

O padre torna a dizer-me em surdina, Estas mulheres não prestam, estas mulheres não prestam, pode-se cair no pecado numa situação destas, e eu não sei o que hei-de dizer-lhe.

As mulheres que não prestam aparecem com sanduíches e mais cerveja e, quando acabamos de comer, põem discos do Frank

Sinatra e perguntam se alguém quer dançar. Nenhum de nós diz que sim porque nenhum de nós tem coragem para se levantar e dançar com uma mulher que não presta na presença de um padre, e por isso as mulheres dançam umas com as outras e riem-se muito, como se todas elas tivessem muitos segredos. O Tim Boyle bebe uísque e acaba por adormecer a um canto até que a Frieda o acorda e lhe diz que tem de nos levar para o navio.

Quando vamos a sair, a Frieda inclina-se para mim como se fosse para me dar um beijo na cara, mas o padre diz boa-noite com uma voz muito seca e ninguém aperta a mão a ninguém. Enquanto vamos a descer a rua em direcção ao barco ouvimos as mulheres às gargalhadas, que ecoam alegres e estridentes através do ar da noite. Subimos a escada e o Tim diz-nos lá de baixo do seu barco, Cuidado a subir a escada. Ena pá, ena pá, grande noite, não foi? Boa-noite, rapazes, boa-noite, Padre.

Ficamos a seguir o barco com os olhos até que desaparece no escuro nas margens de Poughkeepsie. O padre diz boa-noite e vai-se deitar e, a seguir a ele, vai o Primeiro Oficial.

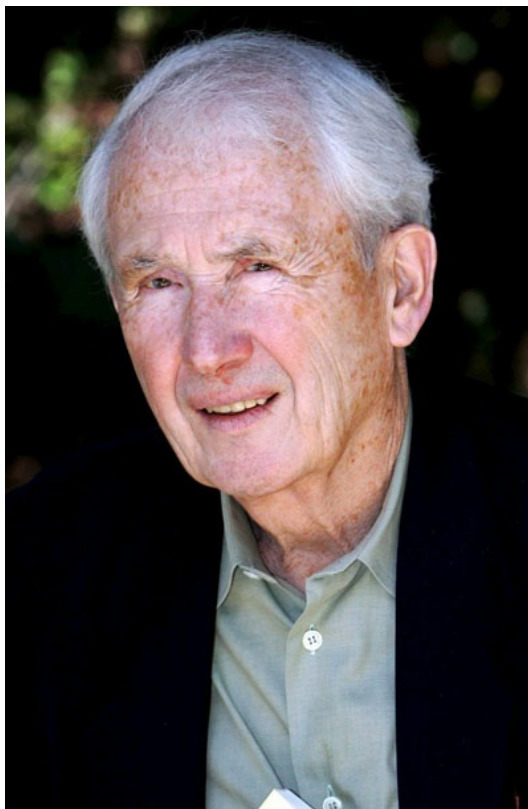
Fico no convés com o Oficial de Transmissões a ver as luzes da América a brilharem. Ele diz, Meu Deus, que noite maravilhosa, Frank. Isto é um grande país, não é?

Notas

(*) Pawty, Yeah e Fawder são a expressão jocosa do sotaque americano utilizado nas palavras *party* (festa), *yes* (sim) e *father* (padre) (N.T.).

XIX

Pois é.



Frank McCourt (19 de agosto de 1930 - 19 de julho de 2009) foi um escritor e professor estadunidense que em 1997 ganhou o prêmio Pulitzer com o livro "As Cinzas de Angela". Nasceu em Nova Iorque e cresceu na cidade de Limerick, na Irlanda. Depois de uma infância beirando a completa miséria, numa casa com um pai alcoólatra, em uma sociedade extremamente católica-conservadora, McCourt retornou aos Estados Unidos quando tinha 19 anos. Logo em seguida conseguiu uma vaga na Universidade de Nova York. Tornou-se professor de inglês na escola Stuyvesant em Nova Iorque.

Recebeu o Prêmio Pulitzer e o National Book Award pelo seu livro de memórias As Cinzas de Ângela (Angela's Ashes), que foi adaptado para o cinema. Também foi autor de 'Tis. Sua publicação mais recente é o livro Teacher Man.

Seu irmão, Malachy McCourt também é um escritor autobiográfico. Juntos, eles criaram a peça de teatro A Couple of Blaguards, onde dois personagens detalham suas experiências.

~~~~~

### *Bibliografia*

*As Cinzas de Angela (no original: Angela's Ashes) (1996)*

*Esta é a minha terra (no original 'Tis) (1999)*

*O professor (no original Teacher Man) (2005)*

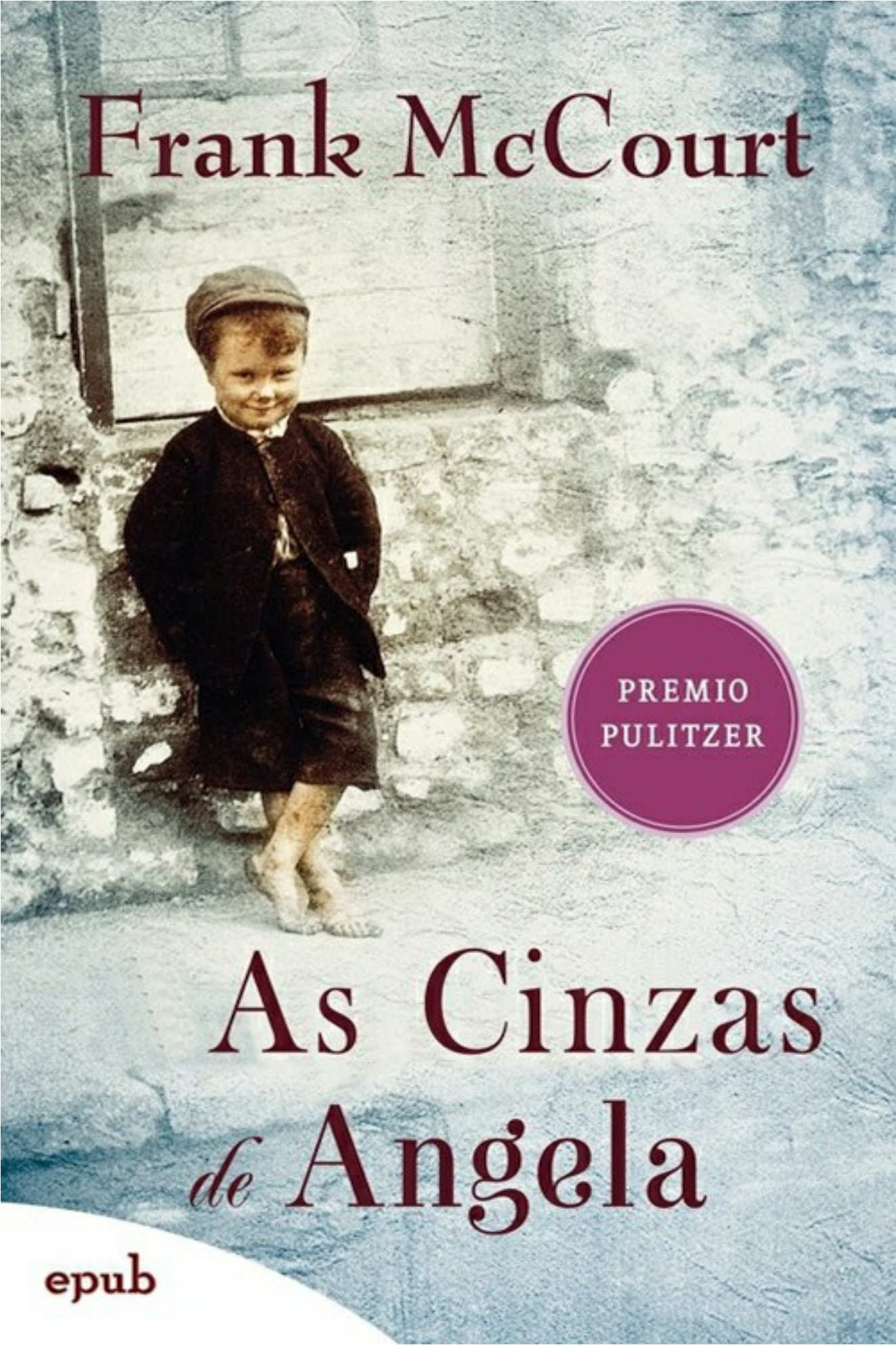
# **As Cinzas de Angela**

Uma Infância Irlandesa

Tradução de Maria do Carmo Figueira







Frank McCourt

PREMIO  
PULITZER

As Cinzas  
*de* Angela

epub